APONTAMENTOS PARA A HISTORIA
DA
REVOLUÇÃO DO MINHO EM 1846
OU DA
MARIA DA FONTE

ESCRIPTOS
PELO
PADRE CASIMIRO

FINDA A GUERRA, EM 1847



BRAGA
TYPOGRAPHIA LUSITANA
Rua Nova de Sousa n.º 4

1883.

ADVERTENCIA

Terminado o movimento popular de 1846, chamado a Maria da Fonte, *ou a* Revolução do Minho, *em que eu, obrigado pelas circumstancias, e sem o procurar, ou esperar, representei o papel principal; e terminado tambem o seguinte da* Restauração Legitimista, *em que fui do mesmo modo um dos chefes, terminou tambem com elles a minha esperança de continuar, como até'li a gosar a belleza do mundo, por saber com certeza, que a minha morte havia sido decretada nas lojas maçonicas:e por suppôr então que seria esperado ao desembarque no Brazil, para ser assassinado; como depois, passados annos, soube tambem com certeza, que com effeito lá fui esperado por muito tempo para esse fim (1): alem de saber igualmente do crime falso porque fora injustamente pronunciado na Povoa de Lanhoso.*

(1) Mui poucos se terão visto, como eu, em apertos e perigos de todas as qualidades, e de todos os tamanhos; mas de todos elles me tenho salvado sempre com dignidade, sem que os meus inimigos tenham podido até hoje ferir-me nem no corpo, nem na alma, e nem na honra, por mais que o tenham procurado. Em amiudadas occasiões tenho visto sobranceiras a mim grossas e escuras nuvens, carregadas de electricidade, que me tem parecido destinadas a terminar-me os dias da vida n'um momento; mas todas ellas se tem desfeito de prompto, como se foram bolhas da espuma de sabão.

É de certo porque tenho tido sempre a maior confiança no patrocinio da Mulher Forte, da que abaixo de Deus é tudo, e por Elle póde tudo; e nunca Ella até hoje me faltou uma unica vez, aliás já seria defuncto, sem que as forças da terra podessem valer-me.

E com effeito assim aconteceria, se não fôra o patrocinio de Nossa Senhora pela devoção diaria, que desde creança lhe consagrei, e a pedido seu a protecção poderosissima do seu Filho omnipotente (2); e se não fôra tambem por influencia sua a protecção decidida em meu favor do honradissimo Francisco Xavier Ferreira, general do Minho e Governador das Armas do Porto, pela amisade intima, que me dedicou sempre até á morte desde o acampamento popular das Sete Fontes, quando elle era ainda coronel do regimento 8, e quando o povo o appellidava=o Trinta Diabos.

Passei pois, finda a guerra, a viver vida completamente occulta seis annos até 1853, em que d'elle general recebi uma carta a mais honrosa, offerecendo-se-me para tudo o que eu quizesse, e elle podesse fazer per si, e pelos seus amigos, até para me ter e tractar em sua casa, como filho, ou mandar-me acompanhar, para onde eu quizesse.

D'ahi em diante passei mais um anno até 21 de Junho de 1854, meio occulto, e a respirar mais livre, desde que elle em outra carta, que então me escreveu, disse=que aquella carta fôra lida pelo Governador Civil, e que elle lhe affirmara, que tanto eu, como o portador da que eu lhe escrevera (que foi o snr. Antonio Joaquim de Barros Lima da casa de Samoça d'esta freguezia de Margaride e Villa de Felgueiras, onde então eu vivia por favor) podiamos vi-

---

Não posso porisso deixar de confessar aqui esta verdade, de que a experiencia me tem assegurado constantemente, porque uma fé viva n'aquella, por quem Deus reparte aos homens os seus beneficios infinitos, me tem acompanhado sempre, e me tem firmado cada vez mais na crença da Egreja Catholica, de que Ella é na verdade o auxilio dos christãos, a consoladora dos afflictos, e o refugio dos peccadores.

É pois a devoção diaria com a Rainha dos Anjos a ancora de salvação para o miseravel navegante n'este procelloso mar do mundo, e o escudo impenetravel, que defende sempre dos tiros de todos os inimigos da alma e do corpo.

Até 1850 rezei o rozario de Nossa Senhora de quinze mysterios, e depois, alem do officio ecclesiastico, o de Nossa Senhora pelas Horas Marianas de Roquette.

(2) Esperei sempre tambem com confiança ser defendido em todos os perigos pelo Filho da Virgem de Nazareth, que no Golgota ao comprar-nos o céo com o seu Sangue preciosissimo de infinito valor, fizera tremer a terra, e escu-

ver tranquillos, e andar por todas as terras do districto do Porto, sem o menor receio.

Assim mesmo continuei com resguardo mais tres annos até 1857, quando elle me conseguiu da Relação do Porto o meu livramento por um modo o mais honroso possivel, por ser o proprio Ministerio Publico, que advogou em meu favor (vide adiante n.os 29 e 30).

Foi tambem desde 1846, que só depois em 1855, passados nove annos eu comecei a exercer as Ordens, e a ganhar para viver, tendo até então soffrido continuamente privações de todas as especies.

Finda pois a gnerra a 10 de maio de 1847 comecei eu logo n'esse dia a vida completamente occulta na casa das Quintãs do meu particular amigo o snr. Adelino Vieira de Campos e Carvalho, bacharel em direito, da freguezia de S. João da Cova da Ribeira de Sôas do mesmo meu julgado de Vieira. Dormiu elle comigo então algumas noites ora ao sereno, ora em um seu moinho de moer milhão, por andarem já por aquelles sitios os sirzinos, e pediu-me n'essa occasião, para eu escrever os apontamentos dos acontecimentos e factos mais notaveis da guerra, para elle depois compor a historia da Revolução do Minho, *ou da* Maria da Fonte.

Satisfiz eu logo o seu pedido, escrevendo-os vae em trinta e dois annos, em 1847, quando ainda todos os acontecimentos me estavam frescos na memoria por causa da impressão vivissima, que todos me tinham feito na alma.

---

recer o sol, porque desde os primeiros dias, em que entrei na guerra, o trouxe constantemente representado em um lindo crucifixo pendente do peito, e porque estive sempre convencido de que a Mãe Virgem havia de interceder por mim, para que elle me inspirasse o modo infallivel de resolver todas as difficuldades, me valesse em todos os apertos, e me salvasse das bem urdidas ciladas dos meus incarniçados inimigos.

E não me enganei, porque em toda a parte senti constantemente a sua protecção omnipotente; e por isso sempre confiei e ainda hoje confio em que o Filho Santissimo. e a Mãe Immaculada, me hão de amparar até ao fim da minha peregrinação na terra, para que eu não deslise nunca da fé catholica, com que fui educado, e vá depois da morte louvar a ambos na mansão dos bemaventurados por toda a eternidade.

É este o termo unico a que aspirei sempre, e o unico galardão, que aprecio e com que conto, porque tudo o mais o reputo vaidade, que se desvanece como o fumo com que se assemelha.

Mas como elle depois se entregou todo á advocacia, e á direcção e administração dos negocios da casa, nunca mais me perguntou por elles, nem eu tambem lh'os lembrei.

Depois, porém, passados 32 annos, em 1879, instado pelo meu amigo o snr. padre Senna Freitas, um dos mestres do Collegio de Santa Quiteria, a pedido do snr. Camillo Castello Branco, passei a pol-os em limpo, e a copial-os abaixo com algumas notas feitas então, e agora a maior parte d'ellas, mas tudo sem as datas precisas, por não suppôr ao tempo dos acontecimentos, que sobreviria aos perigos da guerra, nem me lembrar, que alguem m'os viesse a pedir; e por me não lembrar por consequencia de os escrever, quando mais convinha; podendo todavia virem a descobrir-se agora pelos periodicos d'esse tempo.

Depois de postos em limpo os apontamentos, que se seguem, resolvi mandal-os imprimir em meu nome e por minha conta com outras cousas que tenho a acrescentar-lhes de materia diversa, para ver se com a sua publicação consigo dinheiro, para pagar parte das muitas dividas, que tenho feito com a minha casa e propriedade. Mas consinto que o snr. Camillo Castello Branco tire para a sua composição as noticias de que precise, com tanto que me não prejudique o apreço da obra que intento publicar.

Depois de tirar o que lhe fôr necessario na forma dita fará favor de o participar ao portador o = snr. Antonio José Pereira Campos, da freguezia de Santo André de Frades da Povoa de Lanhoso = para elle ir pôr este manuscripto e trazer-mo.

Não tenho podido conseguir a folha do «Periodico dos Pobres» de 1846, que publicou a carta, que no verão d'esse anno dirigi á Rainha, para a pôr no n.º 1.º no fim dos apontamentos, como muito desejo. Porisso se o snr. Camillo Castello Branco a tiver, faz-me um grande obsequio em m'a confiar, para eu a copiar.

Casa da Alegria em Felgueiras = 12 de novembro de 1879.

P.e Casimiro José Vieira.

Agradecimento do illustrado romancista portuguez o snr. Camillo Castello Branco ao receber estes apontamentos

Rvd.[mo] snr. — s. c. S. Miguel de Seide 16 de novembro do 1879.

Venho de novo agradecer-lhe (3) o emprestimo — *do seu interessante manuscripto,* — do qual extrahi algumas notas e datas. O meu trabalho projectado ácerca da Maria da Fonte é d'outra especie, mais romantica do que historica, e portanto o livro de V. não poderá ser, na parte noticiosa, prejudicado pelo meu.

Como V. não tem, e deseja possuir a sua carta á Rainha, remetto-lh'a da minha collecção, e escusa devolver-ma, porque tenho copia. Vai um pouco cerceada na margem; V. decerto supprirá as letras que faltem. Brevemente lhe chegará á mão por portador seguro o seu manuscripto.

Offereço a V. esta casa, e ponho á sua disposição a minha pouca valia como — De V. obrigado e servo — Camillo Castello Branco.



Remessa dos apontamentos e agradecimento do mesmo snr. passados 4 mezes em que os teve em seu poder

Ill.[mo] e Rvd.[mo] Snr. — Envio — *o seu precioso manuscripto.* — Não terei mais necessidade de lh'o pedir. O meu estado de saude é mau; mas nem o considero perigoso, nem o perigo me assusta, visto que a morte é a condição da vida. Deus lh'a accrescente, sem grandes dores phisicas nem moraes.

De V. — att.[o] v.[or] e cr.[o] ob.[mo] — Camillo Castello Branco. — S. c. 9 — 3 — 80

---

(3) Porque já tinha accusado a recepção em um escripto postal.

Passados tres annos escreveu-me o mesmo Snr. a seguinte

Illmo Snr. — Casa de S. Miguel de Seide — 17 de outubro de 1882.

Desde que veio a esta sua casa um enviado de V. encarregado de conduzir o manuscripto, que me confiara por intervenção do nosso amigo padre Senna Freitas, nunca mais tive directas, nem indirectas noticias de V. Esperei muito tempo o apparecimento da sua obra, por me parecer que era esse o intento de V., e sinto bem se a falta de saude, ou a indifferença que trazem os annos e os dissabores o demoveram d'esse proposito. Se esses são os motivos, permitta Deus que cessem, *e se não percam esses documentos de uma heroica manifestação popular em que V. tomou tão importante iniciativa.*

Eu desajaria que um de nós não sahisse d'este mundo sem nos encontrarmos. Se a minha saude m'o permittir ainda espero vel-o na sua Thebaida. Se esta carta lhe fôr á mão, peço-lhe me dê noticias suas, e me diga a que distancia está a sua casa de Felgueiras, ou se perto d'ella ha outra povoação onde possa chegar um trem.

Desejando-lhe socego de espirito e o bem estar corporal — supremos bens n'esta miseravel existencia — sou — De V. — affectivo e obrigadissimo creado — Camillo Castello Branco.

Resposta á carta supra

Illmo Snr. — Em resposta á estimadissima de V. S.ª de 17 do corrente, que recebi hontem á noite, tenho a dizer-lhe, que não desisti, nem desistirei de mandar imprimir os meus apontamentos sobre a Revolução do Minho, porque necessito, como já disse a V. S.ª, de, com elles, arranjar algum dinheiro, para pagar parte das minhas dividas.

Devo porém advertir a V. S.ª, que tenho uma vida muito occupada, porque, para ganhar o pão quotidiano, me é

necessario assistir ás funcções ecclesiasticas, para que me convidam, nas quaes emprego a maior parte do tempo, assim como administrar os sacramentos ao povo d'esta freguezia de Margaride, porque sou coadjutor, e, além d'isso, fazer a poda e a enxertia das vides, que não posso confiar d'outrem, por não fazerem este serviço á minha vontade.

Finalmente tenho mais uma obra já muito adiantada para publicar, intitulada—Novo systema theorico-pratico, ou methodo repentino, para aprender musica e canto-chão sem mestre e em pouco tempo, desenvolvido por uma maneira nova, muito clara e concisa, por meio de figuras e taboas synopticas, e experimentado no collegio de Santa Quiteria—a qual desejo que se imprima em seguida aos Apontamentos, e com pouca demora.

E' por tudo isto, que tenho demorado a publicação dos Apontamentos. Mas agora, como a outra obra está muito adiantada, por ter composto o mais necessario e mais difficil, em breve sahirão, se Deus me conservar a vida o tempo necessario.

Se V. S.ª deseja ver-me, muito mais desejo eu ver a V. S.ª, porque sempre sympathisei com os homens grandes, e sempre soube apreciar o merito; e a visita de V. S.ª seria para mim de maior honra, que a de nenhum outro.

Por isso, se eu não podér ir ahi, como desejo, espero que V. S.ª venha passar aqui alguns dias n'esta sua casa, onde o estimarei como o maior amigo; lembrando-lhe que, o que aqui escrevo, não é por cumprimentos á francesa, mas do coração; e para o provar declaro, que com mui poucas pessoas me correspondo, porque são rarissimas as sinceras e de sentimentos nobres, e por que desgraçadamente estamos na epocha do egoismo e da traição.

No caso de V. S.ª se dignar dar-me o gosto e honra de aqui o hospedar desejava muito saber o dia com antecipação, para o ir esperar á estação, que é aqui dentro da Villa de Felgueiras, da qual disto mui pouco, porque resido entre a Villa e o Sanctuario, junto á estrada, que a elle conduz; e muito desejava que viesse em tempo enxuto, para desfructar as vistas d'esta terra que, como aldéa, é a

mais linda e saudavel do Minho, e por consequencia de Portugal.

No caso de vir aqui póde fazel-o pelo carro da carreira, que leva o correio todos os dias a Guimarães, ou pelo caminho de ferro para Cahide, porque d'essa estação vem todos os dias um carro trazer aqui o correio duas vezes, d'onde só dista duas legoas, como dista Guimarães.

Acredite que sou do coração, e com a maior consideração—De V. S.ª—am.º sincero e o menor creado—P.º Casimiro José Vieira—s. c. d'Alegria 19 de outubro de 1882.

Depois em resposta a duas minhas o mesmo snr. Camillo Castello Branco alem de outras cousas diz:

Em uma do principio de Dezembro de 1882—E' hoje muito difficil escrever a historia dos ultimos cincoenta annos, porque os que fizeram parte dos factos estão mortos ou silenciosos—o que importa o mesmo.

Desejo a V. muitas venturas *e boa vontade de completar as suas memorias*—como amigo obr.mo ect. Camillo ect.

E n'outra de 17 do mesmo mez—Folgo com a agradavel noticia de que prosegue nas suas occupações litterarias. O trabalho é um excellente companheiro n'estes tristres dias de dezembro; mas o frio humido parece que estende a sua influencia até aos camarins das ideias...

Nã deixe, pois, V. de nos dar a historia authentica de uma insurreição cujos protogonistas estão quasi todos na sepultura.—De V. am.º e cr.º ob.mo—Camillo etc.

Vê-se pois que o snr. dr. Adelino Vieira de Campos e Carvalho foi a causa de eu escrever estes apontamentos em 1847, que os conservei em borrão 32 annos até 1879; que o snr. Camillo Castello Branco, por intermedio do snr. padre Senna Freitas, foi a causa de eu os pôr em limpo e confiar-lh'os n'esse mesmo anno por quatro mezes, e que finalmente o mesmo snr. passados tres annos em 1882 foi a causa de eu os publicar agora; aliaz a não serem os tres snrs., ou antes Deus por via d'elles, nem eu os teria es-

cripto em tempo competente, nem mesmo depois de passados a limpo os publicaria ainda agora; e provalmente só appareceriam por minha morte.

Por consequencia não são os desejos de me exaltar que me movem a publical-os, porque conheço que os factos tem em si mui pequena importancia, e, mesmo que a tivessem grande, não podia isso ter logar porque a minha edade avançada de 66 annos, já feitos, e as molestias incuraveis, que desde estudante padeço, me obrigam a lembrar-me mais da eternidade do que das grandezas da terra, e finalmente porque não attribuo a mim nem a iniciativa, nem o exito do movimento popular, mas a Deus, e só a Deus, que por sua omnipotencia e providencia infinita tudo dispõe e dirige.

Alem d'isto, o estar ainda vivo devo-o á protecção de Nossa Senhora, e porisso é a ella que, em reconhecimento, dedico este pequeno trabalho, e que o adorno com a sua estampa, para o acompanhar por toda a parte, e mover os leitores a consagrar-lhe os seus puros affectos, e a implorar o seu patrocinio, como nossa mãe que é.



CAPITULO I

Acontecimentos anteriores á minha ingerencia na revolução

§ 1.º — Desejando eu entregar-me á prédica, depois de ordenado de Presbytero, tratei para isso de requerer licença, juntando attestado de frequencia de Rhetorica do meu mestre Fr. Miguel Justino, e pedindo que ou m'o admittissem, e m'a concedessem, ou me nomeassem examinador, para conhecer da minha sufficiencia. Porem pessoa que tinha preponderancia no Paço, e me era adversa, fez com que o despacho me sahisse, mandando-me juntar certidão de mestre regio, para me estorvar a licença. Como eu a não tinha, e o mesmo Fr. Miguel começou d'ahi em diante a ser n'esse anno mestre no Seminario, e então já os seus attestados valiam para o Arcebispo como regios, passei a frequentar com elle segundo anno lectivo de Rhetorica desde o S. Miguel, e ao mesmo tempo Geographia nos Congregados com o Bacharel Faria.

§ 2.º — Estando no anno seguinte de 1846 proximas as ferias da Paschoa contou-me ainda em Braga o servo da capella da Senhora de Guadalupe, onde eu dizia sempre missa, que em Vieira tinha havido um levantamento do povo contra o Parocho, por elle não consentir, que se enterrasse um defunto na Egreja, em razão de a sua familia não poder pagar os direitos parochiaes, por ser falta de meios; e que até por causa d'isso já tinha marchado para lá uma força do Regimento 8.

A isto respondi eu, que era impossivel tal acontecimento, porque o Parocho da minha freguezia de S. João Baptista do Mosteiro de Vieira, que então era meu tio e padrinho, Padre Francisco Wenceslau Vieira, e que vivia com a minha familia na mesma casa, costumava cantar de graça e por caridade a missa aos pobres, que não tinham meios, para fazer o enterro, e que pór caridade costumava

2

tambem rogar os Padres da freguezia, e cantar-lhes de graça o officio funebre; e que, costumando elle fazer isto, não podia de modo algum, pedir o que não havia, nem tinha genio para fazer exigencias exhorbitantes, ou superiores ás posses dos doridos. (4).

§ 3.º—Passados depois dous, ou tres dias, foi ter commigo a Braga meu mano Antonio José Vieira com um pequeno escripto do então secretario da Administração, Manoel Joaquim Vieira Junior, em que nos mandava aboletados para casa 9 soldados com um official, e ordenava a meu pae Pedro Antonio Vieira para lhe apresentar em

(4) Informando-me ha pouco sobre os primeiros acontecimentos com pessoas de credito disseram-me, que na freguezia de Santo André de Frades, do concelho da Povoa de Lanhoso, fôra uma defunta conduzida para a Egreja, e lá enterrada por mulheres armadas de chuços e raçadouras, ou espêtos e fouces encabadas em paus da altura do homem, no dia 19 de março do mesmo anno de 1846, para a não deixar examinar pela Junta de Saude, que se achava nomeada para examinar os mortos antes de serem enterrados.

Que no dia 24 do mesmo mez fôra outra defunta da freguezia de Fonte Arcada do mesmo dito concelho conduzida, e enterrada por mulheres da mesma freguezia, e circumvisinhas, armadas, como as outras de Frades, levando uma d'ellas a cruz levantada, e obrigando todas ellas um minorista a ir de sobrepelix fazer as vezes do porocho, que se recusava a acompanhal-a no meio das mulheres em alvoroço, por mêdo ás authoridades, pondo ellas guardas ás portas da Egreja, para defender a entrada aos homens em quanto os padres cantavam a missa e officio, e se fez o enterramento, e que o exemplo d'estas freguezias fôra logo seguido por outras muitas, e pela minha do Mosteiro de Vieira.

Que o Administrador da Povoa mandara logo no dia 25 prender tres mulheres de Fonte Arcada, e uma da freguezia de Taide, sendo esta logo tirada no caminho aos cabos por mulheres armadas, e sendo as outras recolhidas na cadêa da Povoa, e que, indo a Justiça no dia 26, para fazer o auto do enterramento antecedente, fôra afugentada por mulheres armadas, e que a estorvaram de o fazer.

Que se seguira depois um levantamento geral de mulheres em todo o concelho da Povoa ao som dos sinos a rebate, e que fôram arrombar a cadêa, e soltar as presas, que n'ella se achavam, sendo algumas d'ellas depois processadas pela Justiça, e culpadas pelo arrombamento da cadêa.

Que a este tempo sahira de Braga uma força do Regimento 8, commandada por um capitão, a chamamento do Administrador da Povoa, para conter o alvoroço; mas que chegando ella ao Senhor do Horto, suburbios da Povoa, na occasião do arrombamento, o capitão mandara fazer ahi alto, e descançar em quanto durou o barulho, terminado o qual, e abandonada a villa pelo povo, entrara a tropa, e fôra prenoitar a Simães, logar de Fonte Arcada. Que d'ali marchara a força no dia seguinte para Vieira, por ordem que recebera de Braga a chamamento tambem do respectivo Administrador,

Brancêlhe (5) duas camas sob pena de morte, para por este modo se vingar de nós, por estar persuadido de que o tinhamos estorvado de entrar nos lucros da cobrança de uma herança de 200 contos de reis fórtes nas nossas possessões ultramarinas, em que eu e minhas manas estavamos interessados na oitava parte por escriptura de doação do herdeiro d'ella, que sem o convidarmos, se nos tinha mettido em casa, com mêdo que o obrigassem á força a fazer contracto lesivo para elle.

§ 4.º — Contou-me então meu mano, que o povo se tinha levantado em Vieira contra o Governo Cabralista por causa da Junta da Saude, e das bilhêtas (6). Disse-me que eram as mulheres, que iam acompanhar, conduzir, e enterrar os defuntos, armadas de chuços e roçadouras, sem auxilio dos homens, senão para as defender, andando para isso armados ao longe.

§ 5.º — Contou-me mais que por causa d'isto, já algumas mulheres tinham sido presas, e depois as outras se ajuntaram, e as foram soltar, arrombando a cadêa, e que até, quando as foram prender, algumas á hora do dia, e á vista da policia, se refugiaram na nossa casa, e que mandando o regedor os cabos, que fossem por ellas, elles lhe responderam, que fosse elle, e que ellas lá escapavam, porque, por respeito que o povo sempre teve á familia, ninguem fôra

---

para abafar igual alvoroço, por motivo de semelhantes enterramentos, prisões e arrombamentos de cadêa.

Que finalmente passados 8 ou 10 dias pouco mais ou menos houvera um levantamento geral na freguezia de Sande, proximidades das Caldas das Taipas, para queimarem as bilhêtas ou escriptos impressos, em que se assentavam os teres de cada proprietario, para depois por elles se lançarem as contribuições, alvoroçando-se tudo no mesmo dia, e correndo as visinhanças do rio Ave até Sobradêllo da Gama na extensão de tres legoas pouco mais ou menos.

Em todos os alvoroços das mulheres andavam sempre os homens da sua familia, e outros por curiosidade ao largo, para as defender, no caso de tentarem offendel-as.

(5) Era um logar da minha freguezia, onde estava a Administração, o Tribunal, cadêa etc., e onde se fazia a feira mensal de Vieira.

(6) Correu em Braga, antes de eu sahir para as ferias da Paschoa, que andando um regedor pelas portas a perguntar pelos teres de cada familia, para os escrever nas bilhetas, e que perguntando elle a uma pobre de edade madura, entre 50 e 60 annos, alta trigueira e forte, (que conhe-

por ellas. Disse-se então; que na occasião do arrombamento, uma fôra ferida n'um quarto por um tiro que os empregados deram de longe.

§ 6.º—Fui eu pois com o escripto queixar-me ao Marques Murta, que fazia então as vezes de Governador Civil, do despotismo do secretario da Administração, fazendo-lhe vêr, que estava elle a desfeitear uma familia, que sempre fòra respeitada n'aquella terra, e accrescentando—que offendiam sem causa uma familia, que era capáz de formar em Vieira uma revolução, que lhes havia de dar que fazer em todo o reino—e que porisso devia S. Ex.ª dar as necessarias providencias, para que se não repetissem taes excessos. A isto respondeu elle—que o peior era fazel-as o Secretario e pagal-as o Administrador, por ser o responsavel—e fazendo em seguida um officio a reprehender o Administrador m'o entregou, e eu me despedi.

§ 7.º—No dia seguinte marchei com meu mano para Vieira, e chegando a casa só encontrei lá tres soldados, por que o secretario já tinha tirado os outros; e como esta força foi logo mudada para Rossas, e de lá para Braga, não cheguei a entregar o officio do Governador Civil.

---

ei, e morava nos Chãos de Cima, perto da capella de S. Vicente, e que servia optimamente para uma Maria da Fonte), pelos teres que ella possuia, para os escrever, ella lhe dissera—espere que eu volto já—Que entrando em seguida dentro de casa, pegára em uma coberta, feita de farrapos velhos, cosidos uns nos outros, em um pequeno pucaro, e no fundo de uma panella velha quebrada, e, trazendo tudo para a rua, lhe dissera, apontando para estes moveis preciosos—isto é a manta com que me cubro na cama, ou antes ninho de palha em que durmo, isto é o pucaro em que faço o caldo, para entreter este corpo mais algum dia, e consolar-me com esta liberdade, que cá nos trouxeram, sem nós a pedirmos nem a querermos, e isto é o penico de que me sirvo de noite, para não sujar a casa, leve já tudo, para se poupar ao trabalho de tornar aqui mais vezes, e para me poupar a mim ao aborrecimento de o aturar mais, e para ficarmos d'aqui arrumados. Não era porém necessaria uma explicação tão clara, porque elle podia muito bem conhecer mesmo de longe a serventia pelo menos do caco pelo cheiro, que decerto não havia de ser muito agradavel. Tal era já então o bom conceito, que geralmente se fázia da santa gente, por quem temos tido a fortuna de ser governados. Eu passei n'essa occasião pelo sitio do acontecimento, e ainda vi a mulher e muita gente juncta.

CAPITULO II

Levantamento do povo em Vieira, para queimar as bilhetas

§ 8.º—Passados poucos dias fui a Brancêlhe visitar a familia de Lamas (7), como costumava a miudo, e proximo á noite indo a retirar-me para minha casa, pediram-me as senhoras, para lá ficar aquella noite, pelo receio que tinham, de que o povo alvoroçado as fôsse desfeitear, por ellas terem tambem relações com o secretario da Administração, a quem o povo odiava de morte, e por ellas lhe terem arrendado a casa para a secretaria no logar da feira um pouco distante das casas em que viviam. Fiquei, como me pediram, e disse-lhes, que dormissem socegadas, por que as defenderia de todos os insultos, por saber que todo o povo de Vieira respeitava muito tanto a meu tio padre Francisco, que era o conselheiro geral de todos nos casos difficeis de Moral, como a mim, que de todo elle era já bem conhecido.

§ 9.º—Erguendo-me de madrugada com desconfiança, mas sem nada saber do levantamento do povo, fui perguntar a um meu visinho, se tinha alguma noticia de que o povo se sublevasse de novo, e se tentaria fazer alguns estragos, ou insultos, e elle me informou, que era certo vir o povo á Administração queimar todos as bilhêtas das louvações das terras, e Junta de Saude, e queimar sete casas, a da Administração, que pertencia á familia de Lamas, a cadêa, que tinha sido feita de novo, a do Barriga e a do Machado, empregados da Administração, a de Domingos Manoel, que tinha sido e era ainda então o influente

(7) Da qual foi o penultimo capitão Mór de Vieira, que descendia dos Lemos do Porto, e cuja viuva era irmã da outra viuva do ultimo Capitão Mor.

maior da terra no partido liberal, a do Administrador, e a do secretario da Administração.

Disse-lhe eu então, que deviamos vêr se valiamos a tantos estragos, e elle respondeu, que me não mettesse em tal, que era morto, porque o povo vinha enfurecido, e desesperado contra os empregados, e que não só os matava a elles, se os encontrasse, mas tambem a todos os que accudissem por elles. Como eu vi, que elle não era capaz para ajudar á empresa, que na verdade eu já desde muitos annos antes sabia que era arriscadissima, disse-lhe, que tinha razão, e retirei-me.

§ 10.º—Marchei então a combinar com meu mano, que já era casado, e em seguida fui tambem entender-me com o Batóca, lavrador da mesma minha freguezia, desembaraçado, valente, e atrevido, que me disiam ser então o commandante do povo.

No caminho encontrei uma mulher, armada de roçadoura, da casa do Rebello, de um logar fronteiro ao meu chamado Gandra, e como eu já sabia, que eram as mulheres, que faziam os enterros, perguntei-lhe por graça, se ella vinha de algum. Respondeu-me, que não, mas que tinha deixado dias antes a roçadoura em certa parte, e que tinha ido então por ella. Perguntou-me ella para onde ia, e respondi-lhe, que ia para Taboadélla, (lugar da mesma freguezia), disse ella, que eu não ia bem para aquella parte, porque estavam os sinos a tocar a rebate ao longe, e o povo a ajuntar-se, e que não seria bom metter-me eu em tal barulho. Perguntei-lhe a que vinha o povo, e ella repetiu o mesmo, que eu já sabia respeito aos incendios. Disse-lhe eu que isso era bem feito, que era assim como o diabo costumava pagar, e accrescentei—está lembrada de quando depois de ter corrido todos os seus amigos d'esta terra, para soltar o creado, que estava preso para recruta, sem o conseguir, e no logar chamado o Portello da Missa perto do meio dia na occasião em que eu ia ao jantar, para marchar para a romaria da Senhora do Porto com outros amigos, com quem estava combinado, me pediu para eu lhe conseguir o ser solto, e que eu de lá voltei para traz, e que o creado foi solto n'essa tarde? Estou, respondeu ella. Pois quem me conseguiu soltal-o foi o An-

tonio Joaquim Ribeiro de Lamas, irmão da D. Margarida, viuva do Capitão Mór, a quem eu pedi isso, por andar então de mal com o secretario da Administração, e porisso é bem, que lhe pague d'esse modo. E que quer, que eu faça? perguntou ella. E eu respondi — que vá para o seu logar, que ajunte a maior força de povo, que possa, que vá com elle para Brancêlhe, e que lá diga sempre a tudo o que eu disser, que tenho razão, e me despedi.

§ 11.º—Cheguei depois a casa do Batóca, quando calçava os sapatos para sahir, e, feitos os cumprimentos disse-lhe = passei aqui com o compasso dia de Paschoa a dar as boas festas em logar de meu tio, e como vocemecê não estava em casa, para lhe offerecer duas arrobas de polvora da melhor qualidade que eu proprio fiz, ha muito, para a caça, venho agora de proposito offerecer-lh'as para a guerra, no caso de lhe serem precisas.

Agradeceu elle esta offerta, e eu lhe perguntei — para onde marcha? E elle respondeu estou á espera do povo da freguezia de Guilhofrei para irmos queimar as casas de foão, e foão etc. numero em que entrava a da Administração. Perguntei-lhe em seguida — está lembrado de que foi a familia de Lamas que quando vocemecê fez as Endoenças como juiz do Senhor, lhe deu 2$400 — quando os mais em geral só lhe deram de 40 até 240 reis? e elle respondeu, que sim. Perguntei-lhe mais — e sabe, que foi a familia de Lamas, a que só por uma vez deu em paramentos tecidos e bordados a ouro, para a nossa Egreja mais de quatro mil crusados, e que é na sua casa onde se aquartelam todos os generaes, desembargadores, e mais personagens, que vem a Viera, por ser a familia, que tem melhores e maiores commodos, e riqueza para isso? E elle respondeu que sim. Logo, disse eu é preciso valer-lhe, e para isso é preciso, que me acompanhe já. Respondeu elle que sim, mas que ficara de esperar pelo povo, e que não convinha enganal-o. Disse-lhe eu — deixe o filho em seu logar com recommendação de dizer ao povo, que marche todo para Brancêlhe, para lá se dar principio a tudo o que se vae fazer, e acompanhe-me, e com effeito elle, feita a recommendação, me acompanhou.

§ 12.º=Depois de comermos alguma cousa em minha

casa, deixei-o no meu logar com recommendação de não consentir, que o povo fôsse por casa do Domingos Manoel, para lhe valermos á casa, e eu marchei para Brancêlhe. Fui por Lamas, contei á familia o que ia acontecer, ou o que o povo projectava, mas animei-a, recommendando-lhe que estivessem sem susto, porque eu estorvaria todo o mal, que lhe quizessem fazer, e marchei logo para a casa da Administração.

Chegado perto da dita casa comecei a ouvir n'ella pontuadas de chuços nos forros, e pancadas de roçadoura, como quem diligenciava destruil-a. Tive então a fortuna de encontrar logo varios rapazes do Villar da Veiga, proximidades do Gerez, distantes d'ali uma grande legoa, mas com quem desde muito tempo tinha amisade por ter ido ao Gerez dez annos tomar as aguas, por causa de inflamação do figado. Depois dos cumprimentos perguntei-lhes para onde iam, e me responderam, que iam comprar polvora. Voltei para traz com elles, e comprada a polvora, e tomado o licôr, que lhes mandei dar, disse-lhes que fossemos ligeiros, porque queria vêr tudo desde o principio.

§ 13.º—Chegado com os rapazes á beira da casa da Administração parei, e, vendo atirar braçados de papeis pelas janellas fóra, affligi-me pela lembrança dos estragos, que as mulheres iam causar com a destruição de muitos titulos, que depois não poderiam ser reformados. Demorando um pouco vi descer pelo ar um papelito, que me pareceu impresso, e ser uma das chamadas bilhêtas, e chegando ao chão peguei d'elle, li-o, e vi, que com effeito era o que suppunha. Pedi um palito de fogo, que appareceu de prompto, e acceso disse alto, que eram aquelles os papeis da nossa desgraça, e cheguei-lhe fogo, e o mandei chegar tambem a todos os papeis, que estavam no chão, porque entendi que já se lhes não podia valer. Com isto ficou o povo mui contente, a olhar para mim com agrado, por vêr que eu estava do seu partido, por ser padre, e o unico d'essa classe, que ali apparecia, e por andar mais limpo que os que estavam presentes. Começou logo o povo a respeitar-me, e a sacudir-me da gola de veludo da capa as cinzas dos papeis, que vinham pelo ar, e n'ella me cahiam.

§ 14.º—Disse então aos rapazes do Villar—acompanhem-me até á porta da Administração (porque queria mostrar ás mulheres, que estavam de guarda á porta, e ás que estavam dentro, e que eram da mesma sua freguezia, que era amigo dos seus visinhos, e do mesmo seu partido). A isto responderam-me elles não caia em tal, que é morto, porque as mulheres não deixam lá entrar homem nenhum—e eu lhes repliquei—acompanhem-me, que não ha perigo.

Tracei então a capa debaixo do braço esquerdo, para ficar com o direito livre, e rompendo ás guardas das mulheres, que se achavam no cimo das escadas á porta da Administração, e batendo de rijo as palmas uma na outra disse com voz forte e semblante carregado, como quem governava ali, e abominava taes destemperos—alto!!! A esta voz as mulheres, observando o que eu pretendia d'aquelle logar, se refizeram pelas roçadouras descendo-as para traz das costas em ar de arremetter, e como preparando-se para atacar, mas paradas. Como ellas ficaram suspensas por um pouco, fui eu entrando, e disendo em voz alta, e como enfadado pelas torpezas dos empregados—havemos de acabar hoje com este covil de ladrões—A esta voz pararam todas as de dentro na posição, em que cada uma se achava, umas com os chuços espetados nos forros, outras com as roçadouras no ar a descarregar o golpe, e todas a olhar-me com espanto, mas sem decisão. Acabem com este aranzel (8), que foi mandado fazer pelo infame secretario, continuei eu. A esta voz descarregaram ellas logo valentes golpes de machado, roçadouras e chuços, sobre o testalho, ou repartimento de forro de pinho, e eu me retirei um pouco, para não apanhar com alguma racha. (9).

§ 15.º—Como eu vi continuarem a correr para as janellas braçados de papeis, e atiral-os á rua, para obstar a

(8) Era um tapamento de forro de pinho, que o Secretario mandara fazer, para repartir os empregados em duas ordens. Não era o termo proprio para exprimir a idêa que eu queria, mas foi o que me lembrou na occasião.

(9) Mandei alagar o tapamento, que pouco valia, para o povo saciar n'elle a colera, com que vinha, e eu poder valer à casa.

tamanho prejuizo, e para preservar a casa de mais estragos, bati de novo as palmas, e tudo parou. Disse então, levem isto para a rua, e escanhotem-no lá, para não fazer mal á casa, que não é do Secretario, mas de uma familia illustre, que nenhuma culpa tem nas maldades d'esse homem, e cheguem-lhe lá fogo, e todas obdeceram de prompto. Em seguida disse estes trastes pertencem á mesma familia, que nenhuma parte tem tido nas malfeitorias do secretario, e por isso é necessario, que se acautelem, para não terem perigo; e mandei arrumar todos os bancos, cadeiras, mezas, e mais moveis, que se encontraram na casa, sem eu todavia saber a quem pertenciam, se á familia de Lamas, se ao Secretario, ou á Administração, mas só com o fim de evitar estragos. Mandei depois porlhes guardas assim como a todas as vidraças de portas e janellas, para não quebrarem os vidros, mas tambem de mulheres, já se sabe, por não haver outra gente dentro de casa.

§ 16—Depois d'isto disse—estou persuadido de que nenhuma pessoa, das que aqui se acham, é inimiga de Deus, ou de Nossa Santa Religião, e que nenhuma quererá ficar excommungada, e porisso é necessario pôr em cautéla os livros, que aqui existem, porque pertencem a diversas irmandades, umas do Santissimo, outras de Nossa Senhora, outras de Santos, e outras das almas, e mandei passar para uma estante todos os papeis, que estavam cosidos, sem distincção, para os salvar todos, sem me emportar com o seu contheudo, e lhes mandei pôr guardas.

Como todo o povo vinha desesperado contra os empregados, e contra tudo o que lhes pertencesse, assim como contra as casas da justiça, lembraram-se algumas das 22 freguezias do Julgado, que chegaram ultimamente, saciar a sua colera na cadêa, que tinha sido feita de novo á custa do povo, incendiando-a. Entraram pois n'ella, fazendo destemperos, como as outras tinham querido fazer na casa da Administração. A este tempo já todo o povo estava convencido de que só eu era capaz de conter a multidão, e obstar aos estragos. Vieram então dar-me parte do que se estava praticando na cadêa, para eu lhe valer.

§ 17—Corri pois a toda a pressa á cadêa, bati as pal-

mas, para me attenderem, e disse — o nosso fim, reunindo-nos aqui, é sómente queimar as bilhêtas, para mostrarmos, que não supportamos contribuições tão pesadas, e essa ceremonia já está feita; é preciso mostrar, que não somos loucos furiosos, que viemos aqui só com o fim de destruir. Devem saber além d'isso, que, se destruirem a cadêa, tem de se fazer outra, e tem de se fazer á nossa custa, e que ella não fica barata. Continuei expondo os prejuisos, que nos resultavam de todos os estragos, que se fizessem; mas como as ultimas freguezias, que chegaram, não tinham assistido ao queimamento dos papeis, e do tapamento, ou testalho, e queriam mostrar o odio, que tinham aos empregados, e casas da Justiça, nem porisso attendiam ao que eu dizia. Porém uma das mulheres, que era mais cordata, e que se convenceu de que eu tinha razão, deu-me d'olho, e arremettendo-me com a roçadoura, disse — tudo lá fóra, tudo lá fóra — e sahindo eu de prompto, varreu ella para fóra todas as mulheres, que estavam dentro.

§ 18.º — Levantou-se n'este tempo uma voz fóra entre os do Villar da Veiga — vamos á Lama, vamos á Lama queimar o nosso Tombo (10), — e todo o povo da freguezia começou a marchar para Lamas. Puz-me eu logo na frente, e chegados, que fomos ao principio das veigas, d'onde se avistavam as casas, mandei parar tudo, e disse = para dar busca á casa basta ir o snr. regedor e dous cabos, e, se o Tombo lá estiver, ha de infallivelmente apparecer.

Ficou todo o povo postado defronte das casas, e marchei eu com os tres. Pelo caminho tivemos tempo de conversar, e fui-lhes disendo, que em Lamas não estava nada, que para lá levasse o secretario, que elle na vespera, segundo se disia, tinha sahido de Brancêlhe com um carro de livros, e que por consequencia não deixava o Tombo, e que, mesmo apparecendo elle, não se podia queimar, por ser um roubo feito ao senhorio direito, que obrigava a restituição. Não custou muito a convencel-os do que eu dizia, porque já desde annos antes eramos conhecidos e amigos.

§ 19 — Chegando a Lamas pedi eu á familia, que nos

---

(10) Era o livro, que continha as escripturas dos aforamentos, pelas quaes elles eram obrigados a pagar os foros.

trouxessem vinho e doce, e tractamos de comer e bebei, que bem preciso era, entretendo n'isto o tempo necessario, para mostrarmos, que se fez toda a deligencia para achar o Tombo. Em seguida pedi á familia, que me trouxessem a chave de uma capella, que tinham no logar da feira, proxima á Administração, para lá guardar os livros, que tinha salvado do incendio. Disse ao regedor, que se demorasse mais um pouco a fingir, que continuava com a busca, e marchei com a mão da chave levantada no ar, como dando a entender, que se tinha achado alguma cousa, para entreter o povo sem se mover do sitio.

Chegado ao povo disse=aqui vae a chave da capella para lá mettermos os livros das irmandades, e o snr. regedor vem logo, porque ficou a acabar a busca; mas provavelmente o Tombo não apparece, porque o secretario sahiu hontem com um carro de livros, e decerto o levou: e marchei a recolher os livros, chegando d'ahi a pouco o regedor sem nada encontrar, por nada procurar, e por nada lá existir.

§ 20.º—Acabado o referido levanta-se outra vóz, que dizia=vamos queimar as casas do Administrador=e ahi começa tudo a mover-se, e a marchar para lá, que distava uma legoa. Comecei eu então a expor ao povo, que era já muito tarde, e que só lá chegavamos de noite, que de lhe queimar as casas nenhum proveito nos resultava, e apresentei as mais razões que me lembraram, para os dissuadir d'este intento. Muitos achavam justo, o que eu dizia, e a mulher, com quem eu tinha combinado pela manhã, tambem dizia com outras visinhas, que eu tinha razão, mas ninguem se movia do sitio, para se retirar para casa. Virei-me eu então com ar de riso para a tal mulher, e dando-lhe um empurrão com direcção para a casa d'ella, disse-lhe—pois acha-me razão, e não marcha embora?!=Então ella marchou, e tudo começou a deixar o campo e terminou o alvoroço, anoitecendo d'ahi a pouco. (11)

(11) O padre José Maria, da casa de Balteiro, que era o maior influente em levar os de Vieira á urna, foi á noite a Lamas aonde costumava ir a miudo como eu, e disse á familia, que o que eu lhe fizera n'aquelle dia, ninguem era capaz de lh'o fazer pelo perigo de ser morto pelo povo

Como eu suspeitava, que algum povo se queria reunir ainda no dia seguinte, fui para Brancêlhe a esperal-o, e lá me demorei quasi todo o dia, mas ninguem appareceu.

Contaram-me então, que na vespera, isto é, no dia do levantamento em Vieira, houvera em Braga o primeiro fogo do povo, que estava do lado do Bom Jesus do Monte, contra o regimento 8; mas sem se dizer o rezultado. (12)

CAPITULO III

Prevenções e combinações para a guerra

§ 21.º=Como o Domingos Manoel desde 1834 era o influente maior de Vieira que, mandava tudo, por ter vindo de Ruivães para ali no tempo do terror, e como elle estava na associação dos cobradores da herança dos 200 contos do § 3.º em que eu tinha parte, e como eu tambem sabia que o estar eu dentro era contra a vontade d'elle, pelo receio de que lhe viesse a desmanchar os seus interesses. e como eu me tinha mettido no levantamento, ainda

(12) Contaram-me que, nos primeiros dias dos motins populares, 8 rapazes dos de Prado, entrando armados em Braga, foram direitos ao Populo, onde estava aquartelado o regimento 8, e começaram a bater fogo para as sentinellas ás portas e na frente dos quarteis, a peito descoberto e curta distancia, pondo em confusão o regimento inteiro por não estar n'aquella occasião munido de polvora, nem prezumirem um tal arrojo.

Estes por certo, que deram provas bem claras, de que eram descendentes dos antigos portuguezes, e se fossem commandados por um official, ou outro homem habil, intelligente e corajoso como elles, e o numero fosse em melhor proporção, podiam talvez surprehender, e desarmar o regimento.

Contaram-me mais, que passado pouco tempo viera o mesmo povo de Prado em multidão, e que rompendo pela Conega fóra receberam uma descarga da tropa, que estava embuscada, por saber antecipadamente da sua vinda, atirando-lhes com 14 homens a terra, e que o povo passando por cima dos mortos, como se os não vissem, continuara rompendo com a mesma coragem, com que vinha.

Contaram-me mais, que indo uma força de tropa pelas terras de Prado fóra até perto de Santa Cruz do Lima, fóra atacada pelo povo

que só para acudir a estragos, entrei a lembrar-me, que elle decerto me havia de culpar como cabeça de motim, como com effeito depois fez afinal, segundo me disseram, fazendo-me pronunciar por um crime falso. Comecei então a tomar interesse, em que o povo ficasse bem, porque aliás tambem eu me julgava perdido.

Cuidadoso portanto pelo resultado do fogo á tropa marchei no terceiro dia depois do levantamento de Vieira pela estrada de Braga para saber noticias, e como já quando eu ainda estava na cidade, se fallava muito, em que o alferes Cortinhas era o commandante do povo, fui por Cerdedêllo, para o sondar sobre o movimento popular.

Foi comigo um carpinteiro desembaraçado, corajoso, e de força, de edade entre 20 e trinta annos, chamado José Joaquim Pereira, que depois me serviu sempre de camarada, e me ia disendo pelo caminho = quem me dera ter o nome do Cortinhas!!

§ 22.º—Encontrando em casa o Cortinhas e perguntando-lhe, se andava envolvido no movimento popular, e o que sabia a tal respeito, contando-lhe o acontecido em Vieira na ante-vespera, respondeu-me elle que nem andava mettido em tal, nem d'elle queria saber, que tinha ido a Braga e mais partes, e não via mettida n'elle senão gente

---

d'aquellas montanhas com tal violencia, que os soldados afflictos começaram a pôr lenços brancos nas baionetas levantando-as ao ar em signal de paz, e de se quererem render; mas que o povo não percebendo a significação de tal signal, e persuadido de que era feito para escarnecer d'elle, redobrava de coragem, atacando com tal desespêro, que a tropa atirara com a maior parte da polvora ao rio, e que o official commandante, depois de salvo do perigo, dissera, que áquelles sitios não voltava mais, ainda que lhe imposessem a pena de morte

A maior parte dos de Prado, como eu mesmo vi, iam para o fogo descalços, sem chapeu, e em mangas de camisa. para romperem mais desembaraçados, e com o seio cheio de massos de polvora entre o couro e a camisa.

Contaram-me finalmente, que o povo de Suajo chegara logo no principio ao Alivio, proximidades de Prado, mui bem armado, e disendo, que se haviam confessado, e fizeram testamento antes de sahirem de suas casas, e que vinham decididos a vencer ou morrer, para ao menos deixarem ás mulheres e filhos um bocado de pão, para matar a fome, acabando com os ladrões do governo, que os esfollavam vivos, aliás, que dentro em pouco tinham todos de morrer definhados.

ordinaria, e que porisso lhe agourava mau resultado. Convidei-o para irmos fallar com o Machado do Novainho, que se disia ser um dos commandantes populares, e elle ficou de para lá sahir, e eu me despedi e marchei em direcção a Braga.

Chegado ao meio do logar do Pinheiro encontrei o tal Machado, que vinha para cima, acompanhado por um figurão bem montado em um lindo cavallo com um creado montado n'outro. Dando signal ao Machado apeamos, e retirados a um lado, e perguntando-lhe por novidades não m'as deu boas, e se mostrou mui frio.

Montamos, e voltando para traz com elle, mas eu para Vieira com estes consolos em occasião em que já estava entrando no Pinheiro povo armado, notei, que começou elle então a descórar, e um rapaz que estava perto disse-lhe — fuja a toda a pressa — e elle no mesmo instante metteu por uma quelha abaixo para o lado de Geraz.

§ 23.° — Fiquei desconfiado com esta passagem, e perguntando em seguida ao rapaz, porque o mandara fugir, respondeu — é porque o povo o quer matar, por elle lhe ser falso no ataque de ante-hontem. — Continuei de volta para Vieira acompanhado pelo tal figurão, e creado, que vinham com o Machado.

Não ia eu contente com taes companhias, porque me lembrava se haviam de tornar suspeitas ao povo, mas nada lhes disse por compaixão d'elles, porque previa, que elles provavelmente eram mortos, se eu lhes não valesse.

Chegados á primeira força, que entrava no Pinheiro, e perguntando-nos o que havia de novo, disse-lhes, que eu ia para Braga continuar com a frequencia das aulas, em que andava n'aquelle anno, mas que me disseram no caminho, que não fazia bem em para lá ir em occasião de barulhos, e que então resolvi voltar para casa. Receava eu que o povo desconfiasse tambem de mim, por na ante-vespera só ter acudido pelos empregados, e estorvado estragos, e era porisso, que não queria mostrar interesse em saber noticias, para que me não alcunhassem de espião, por ter estado com o Machado, a quem reputavam traidor.

Chegando depois ás chãs perto de S. Gens, encontramos ahi outra grande força de povo armado. Perguntando-

nos por novidades, disse-lhes o que me pareceu melhor para os animar, mostrando-me sempre interessado, como com effeito estava, em que o povo vencesse, para que não entrassem em desconfiança, por mé terem visto ir para baixo, e voltar logo para cima. Dei-lhes tambem os conselhos, que julguei mais acertados para o bom exito do ataque á tropa, e me despedi.

§ 24.º—Tendo nós andado pequena distancia, ahi vem todo o povo a correr sobre nós, dizendo com vozes de desconfiança=alto, alto, parem ahi!! Logo entendi, que estavamos com o apêrto, porque eu já esperava, mas mostrando, que a consciencia nada me remordia, como com effeito assim era, marchei tambem a galope para elles, e muito alegre no exterior mas muito triste no interior. Diziam elles=não é nada comsigo, é com esse, que ahi vae, façam alto, havemos de matal-o porque é espião cabralista, que hontem passou para baixo: retire ao lado para o matarmos (13).

A isto respondi eu sem saber ainda, quem elle era — antes de o matar ouçam-me. Estando o movimento popular circumscripto a 4 leguas somente, desde Braga até Vieira, estamos perdidos, porque a tropa, que é muita, nos abafa em pouco tempo, é preciso que a sublevação se estenda não só a todo o Minho, mas pelo menos tambem a Traz-os-Montes, e isto com a maior brevidade. Este homem vae fazer a revolução na provincia de Traz-os-Montes, e por consequencia é para nós um mui grande prejuiso o matarem-n'o.—Lidei quanto pude para o salvar, mas o povo ateimava sempre, que era falso, e que havia de ser morto.

Apeou elle, e atirando a capa para o lado, offereceu-se a ir na frente do povo para o fogo, armado ou desarmado, como quizessem; tão convencido estava, que era morto, que se obrigava a tódos os sacrificios. Então um d'elles que estava tambem para o matar, de arma aperrada e semblante carregado, mas que se convenceu de que eu tinha razão, disse-me baixo—fie o homem, senão é morto.

(13) Soube depois passado muito tempo, que era o morgado do Serrado de Monte-Alegre, e, se bem me lembro ia elle de bigode e pera, distinctivo, que n'esse tempo era o peor para a segurança pessoal.

—Disse eu então—pois bem eu fico por este homem—olhe lá no que se mette!! replicaram elles. Sei que é homem de bem, que me não ha de deixar ficar mal, e eu cá fico na terra para pagar por elle—accrescentei eu, e então o deixaram.

§ 25.°—Póde ser que tenhamos mais algum encontro—disse-lhes eu—e para que não haja perigo, quero que me deem dous guardas.—Logo se apromptaram dous rapazes desembaraçados, e mui contentes, para nos acompanhar, e marchamos. Chegados a S. Gens disseram elles—agora não ha perigo porque vem ahi os do Villar, e outros visinhos, todos conhecidos, e porisso não é necessario acompanhal-os mais. Pegou então o morgado em dous pintos e deu um a cada um d'elles, mas nenhum acceitou, e se despediram.

Declarou então o morgado, que trazia uma porção grande de polvora e chumbo para a caça em cima do cavallo em que montava o creado, e eu lhe disse que atirasse com ella fóra, porque se o povo descobria tal, ninguem lhe valia. Indo elle então para a atirar fóra, disse o Pereira, que me acompanhava, isso por modo nenhum, n'esse caso levo-a eu; eu não tenho medo.—Pegou pois d'ella, atirou-a acima da besta em que montava, e a levou para Vieira.

Por toda a estrada encontramos sempre diversas partidas de povo, uns mui contentes a cantar, outros deitandose e disendo, nada de ir para a guerra, que nos importa cá a nós a tropa, essa que se bata com outra, nós somos cá para os empregados da terra, esses havemos de dar cabo d'elles, custe o que custar, vamos mas é dar fogo á Justiça, que nos leva tudo.

§ 26.°—Chegados a Vieira foram muitos perguntar-me o que corria, e o que deviam fazer, e eu a todos respondia, que estava o povo de toda a parte a marchar para o Bom Jesus, para atacar a tropa, e que os de Vieira deviam fazer o mesmo.

Tractei de encartuchar e emmassar as duas arrobas de polvora, que na manhã do levantamento tinha offerecido ao Batóca para a guerra, e animei o Pereira a ir tambem.

No dia seguinte apromptei uma saccóla para o Pereira levar n'ella a polvora, e lh'a entreguei recommendando-

lhe, que a não repartisse senão a quem estivesse a bater fogo com elle, e só na occasião do fogo.

Pela tarde começaram muitos, dos que iam para o fogo, a pedir-me lhes vendesse ao menos um masso, e me chegaram a offerecer a 480 por cada um, e eu a todos respondia, que o não vendia por dinheiro nenhum, mas que os dava sem dinheiro a todos os que no fogo estivessem ao lado do Pereira, o qual já tinha essa recommendação.

§ 27.º—Além do interesse, que já tinha em que o povo vencesse, moveu-me a preparar a polvora, a animar o Pereira a acompanhar, e a aconselhar a todos que fôssem para o Bom Jesus, o não se embaraçar o povo com o Pereira, que me acompanhava na vespera pela estrada de Braga, embaraçando-se por toda a parte com os outros, e obrigando-os a acompanhal-os. Tal era o respeito que o povo já então me tinha. Disse pois que fôsse tudo para Brancêlhe, para de lá sahir junto para o Bom Jesus, e eu fui acompanhar o povo até ás chãs da Egreja Nova, distante de Vieira uma legoa.

Fiz ahi uma falla a todos, aconselhando o modo como deviam atacar, segundo eu entendia, e dizendo mais que era necessario, que d'entre elles elegessem um, que os commandasse, e a quem depois obedecessem, e que para isso julgava mais habilitado o Batóca, por me parecer animoso, e o mais desembaraçado e intelligente. Disse-lhes que fôssem com animo, porque eu ia para Vieira estabelecer um arsenal de polvora e bala, para os fornecer de munições, e me despedi. (14)

§ 28.º—Voltei para traz, e, entrando na estalagem do Cabaças da Egreja Nova, encontrei lá dois homens de Salamonde, de edade avançada, mas bem conservados, que pelo seu fallar mostravam ter sido militares, homens serios e de alguma intelligencia, e experiencia da guerra, que seguiam apoz o povo o mesmo caminho do Bom Jesus.

Diziam elles que havia mui grande falta de providen-

---

(14) Entreguei ao Batóca umas poucas de firmas minhas, e lhe disse, que as entregasse em diversos pontos da estrada com outras tantas d'elle, para serem reconhecidas, e não serem abertos os officios, que eu lhe mandasse a elle ou elle a mim.

cias, porque ficava a estrada sem as guardas precisas, para cortarem as communicações entre Chaves e Braga, e que até os de Chaves podiam sem custo surprehender o povo do Bom Jesus, atacando pela rectaguarda. Disse-lhes eu então que voltassem para Salamonde, para lá pôrem as guardas precisas, e darem as mais providencias, que julgassem necessarias, porque era povoação na mesma estrada, distante d'alli duas leguas, e muito a proposito para isso.

A isto responderam elles, que sem ordem tal não faziam, porque o povo o não consentia, e que só iriam passando-lhes eu ordem por escripta. Como entendi, que era uma necessidade, passei-lhes a ordem por escripta, como se fôsse commandante, e nomeei regedor um d'elles, chamado Lopes, e o outro appellidado Ilhéo, seu substituto.

Ambos elles tinham sido militares, e o Lopes mostrava ser homem mais serio e de mais tino.

§ 29.°—Deixei as ordens necessarias ao Cabaças, para me avisar de prompto, no caso de insurreição, ou irrupção inimiga, e me mandar os officios, que viessem do commandante do povo. que acabava de marchar para o Bom Jesus. Mas nenhuma tenção tinha ainda de me envolver na guerra, o que por modo nenhum queria, nem procurava.

Marchei então para Vieira já de noite, acompanhado pelos dous de Salamonde, passando ambos elles a noite em minha casa, e marchando para Salamonde na manhã seguinte.

§ 30.°—No dia seguinte tractei de procurar salitre e enxofre por todas as lojas, mas pouco appareceu. Tractei então de emmassar a restante polvora, que tinha da minha, da caça, e no dia seguinte mandei tudo pelos de Villar-Chão, que foram para o Bom Jesus.

No terceiro dia logo de manhã chegou a Vieira um meu visinho, e me informou da falta de ordem, que houvera no fogo da vespera á tropa, ficando o povo mal, e accrescentando, que attento o sitio, onde estava o Pereira no fogo decerto estava morto; com o que eu fiquei bem triste.

§ 31.°=Marchei logo para a Egreja Nova a esperar o povo, que voltava de Braga, animando a todos, para tornarem sem receio, quando fôsse preciso, e passado pouco

tempo appareceu o Pereira com o lado direito da cara todo queimado, e com uma grande crusta, por estar tostado pelo fogo do ouvido da arma, que era largo, e a verter lagrimas, por se julgar morto, e por consequencia sem esperança de nos tornarmos a vêr.

Contou-me então, que elle só com outro rapaz, á Senhora a Branca, e a peito descoberto tiveram mão em toda a tropa por muito tempo, sem a deixar romper. Todo o povo se mostrava animado, e prompto a voltar quando fôsse preciso, o que me deu alguma satisfação.

Voltei para Vieira com o Pereira por Brancêlhe, para fazer publica a bravura, com que, sem ser militar, se havia portado em Braga, e dizendo-lhe, que já não tinha motivo para invejar o nome do Cortinhas, por o ter ganhado com melhor titulo que elle, porque nada tinha feito.

§ 32.º—Como o negocio me ia dando cada vez mais cuidado, fomos, passados dois dias, procurar o Bento Gomes a sua casa em Espinho, proximo ao Bom Jesus do Monte, para combinar com elle, por se dizer, que elle era então o commandante popular. Como o não achamos em Espinho, fomos procural-o ás Taipas, onde se dizia que estava.

Fallei lá com o padre José das Taipas, que tinha por alli algum povo aboletado, e se empregava em fazer cartuchame a toda a pressa, e me disse que o Bento Gomes não tardava alli, mas que n'aquella occasião estava em Guimarães.

Marchei para Guimarães, e lá nos animamos mutuamente, mas com bem poucos e fracos motivos para isso. Adverti-lhe, que era realista, ou legitimista, que pugnava pela Religião Catholica, e que só buscava o bem do povo e da Religião e que não admittia trabalhos, nem ordens das lojas maçonicas, e queria empregados tanto os realistas, como os liberaes.

Finda a nossa conversa despedi-me, para marchar para Vieira, dizendo-lhe afinal em voz alta, que, quando fôsse necessario lhe mandaria de Vieira leões em vez de homens, e me ausentei deixando a todos muito animados.

§ 33.º—A este tempo ainda eu não queria envolver-me na guerra por ser padre, e por não ter inclinação para el-

la, (15) mas achando-me já muito compromettido, e lembrando-me da perseguição horrivel, que tinha a soffrer, se ella fôsse abafada, e não me agradando a direcção, que lhe davam, decidi-me a entrar devéras n'ella como chefe, porque já então, como tal era geralmente considerado.

Para isso fui á feira da Ribeira combinar com diversos sujeitos, e lá me contou um d'elles, que o padre João Lima de Lourêdo, da mesma Ribeira (16) lhe dissera, que eu estava perdido (17). Pois diga da minha parte ao snr. padre

(15) Parece, que Deus tinha determinado, que eu entrasse n'esta revolução, porque tendo ido tomar as aguas do Geréz mais de dez annos por causa de uma inflamação no figado, originada pela muita quina, e sulfato quinino, que tomei, para curar umas sezões, que me atormentaram um anno inteiro com pequenas interrupções, e costumando ir tomal-as uma vez cada anno, pelo S. João, no anno anterior de 1845 fui tomal-as duas vezes, uma no S. João, e outra no S. Miguel seguinte, e nunca depois lá pude tornar; do que parece poder concluir-se com alguma probabilidade, que Deus, sabendo o que havia de acontecer, me inspirou esta prevenção, para eu me preparar para os trabalhos, que depois se me seguiram. Fallo assim, porque sem Deus nada posso explicar.

(16) Era o padre geralmente reputado de mais viveza, e de maiores conhecimentos, que n'aquelle tempo havia desde Braga até Chaves, na direcção da estrada que lhe passava á beira, homem de probidade, e sem mancha na moral de toda a sua vida.

(17) Já eu suppunha, que estava sem a oitava parte da herança dos 200 contos, que até ao levantamento geral do povo de Vieira esperava receber (§ 3.º), porque bem sabia que os meus inimigos haviam de diligenciar por todos os modos, que o herdeiro reclamasse a escriptura de doação. E com effeito não me enganei, porque afinal, acabada a guerra, o induziram a destractal-a por falta de insinuação, que não pôde fazer-se em tempo competente, por se não saber então a quantia certa, que ella sommava, para o que pretextaram, e o convenceram de que eu estava perdido, e que a minha escriptura era a causa de elle não vir a receber nada, se a não destractasse. E quasi nada veio a receber depois, porque o compozeram com menos de um conto, segundo então correu. Mas esta lembrança não me fez desistir dos meus trabalhos, para antepôr os meus interesses aos interesses geraes.

Tambem desde o levantamento lembrava-me de continuo, que da empreza arriscadissima, em que estava empenhado, me havia provavelmente resultar revéz fatal, do qual se escapasse, tinha pelo menos de viver occulto muitos annos, ou talvez toda a vida. Mas tambem esta lembrança me não fez desistir, porque tambem me lembrava ao mesmo tempo, que trabalhando eu pelos interesses do povo, por elle havia de ser acolhido, e sustentado. E tambem me não enganei n'esta parte, porque nos muitos annos em que vivi occulto, e meio occulto, achei sempre

João Lima — repliquei eu — que póde ser, que eu esteja perdido, mas que tenha elle a certeza, de que o povo ha de vencer, que a revolução já não póde retrogradar, nem ser abafada. Que elle encara o movimento popular como um acontecimento natural, mas que eu o olho como um plano da Providencia, porque vejo marchar todo o povo unanime, e com o mesmo enthusiasmo, para um ponto, sem ser chamado por alguem (18), porque em parte nenhuma descubro chefe geral, que o mande, ou convide, sendo indubitavel, que isto não póde dar-se sem inspiração de Deus, para o grande fim, que elle tem em vista, e que só elle póde saber.

§ 34.º — Como eu não tinha auctorisação alguma para mandar como chefe, nem via de quem a recebesse, porque tambem não descobria outro algum, que a tivesse legal para si, e muito menos para a dar a outrem, tractei de remediar essa falta recebendo-a do mesmo povo, que era o unico auctorisado para isso, por ser o que tinha de obedecer.

Mandei-o portanto reunir em Brancêlhe, fiz-lhe vêr os perigos da empresa, em que nos achavamos empenhados, porque não era nada menos, que de vida ou de morte pa-

todas as portas abertas, para me receberem em casa com agrado, sustentando-me cada qual segundo as suas posses com carinho, e consideração, como pessoa de sua familia.

(18) E na verdade aconteceram constantemente cousas que se não pódem explicar por outro modo, e uma d'ellas foi o achar-me eu mettido na revolução sem o procurar, nem o querer, sem nada saber de guerra, e até sem nada saber de politica, nem d'ella me importar em tempo algum, por não poder esperar com bom fundamento a volta do meu partido, em quanto vigorásse a Quadrupla Alliança, que suppunha estorvar a restauração legitimista, assim como o escapar-me de todas as traições e perigos, sem me offenderem.

E' de advertir, que principiou no Minho a guerra ha 33 annos, e que depois passou á França, e de lá a todas as nações da Europa com pequenas interrupções de tempo e de logar, como um castigo visivel de Deus, e que em Portugal levou 3 meses a supplantar o governo Cabralista, e que na França só levou tres dias a supplantar o governo de Luiz Filippe, que era cem vezes mais fórte, com o que Deus quiz mostrar, que para elle não ha diversidade de tempos, nem de poderes, nem difficuldades. Por consequencia não se póde duvidar que o movimento popular do Minho, foi feito por plano de Deus, e que foi por Elle determinado, dirigido e protegido.

ra todos, que tinhamos a luctar com um governo fórte, que dominava o reino, e que para o vencer era necessario, que a força de todos os individuos se tornasse uma só pela união, e que isto só se conseguia pela obediencia a um unico chefe, e que eu, compromettido, como me achava, me offerecia para o commando geral, mas que a minha auctorisação só do povo me podia provir, para eu poder castigar com penas severas os delinquentes, e os desobedientes, por ser o unico meio de conseguir a disciplina necessaria para o bom exito, e que porisso exigia a acclamação de — Intendente Geral da Comarca da Povoa, para dirigir todos os negocios d'ella, tanto militares como administrativos (19) e como tal fui acclamado.

§ 35.° — Na mesma occasião fiz vêr ao povo, que para a guerra eram necessarias muitas munições, e que, não as tendo eu, nem meios para as conseguir, era preciso, que elles sahissem do mesmo povo por uma subscripção voluntaria; que eu faria um livro para cada regedor, rubricado por mim, onde se escrevessem os nomes, e donativos de cada individuo, que concorresse com os ditos meios, os quaes decidiriam do partido cabralista ou não cabralista, que cada um seguia, ou antes do que era do partido do povo, ou contra o povo. Disse mais que eu não podia providenciar a tudo, e que porisso era necessario eleger um delegado meu e do povo com um escrivão, e um depositario ou thezoureiro, para tractarem da arrecadação dos donativos, e do fornecimento de guerra, e se elegeram tres, como eu exigi. (20)

§ 36.° — Como, para a acclamação ser legal, se tornava necessario, que fôsse repetida na villa da Povoa, cabeça de concêlho, e da comarca, mandei ao Sampaio de Calvos os officios, assignados em branco, para elle os encher, e mandar aos competentes regedores, para elles reunirem o po-

(19) Foi uma auctoridade arbitraria, e imaginada só para a occasião, afim de produzir o effeito desejado.

(20) Dias antes já tinham apparecido pasquins com facas e pistólas pintadas, dizendo — com estas, e com estas te havemos de matar — mas nem os vi, nem nenhuma importancia lhes dei, porque depois de me envolver na revolução nunca mais contei com a vida, e porisso não podia desistir da empresa só por ameaças.

vo no sitio indicado e no dia proximo seguinte, que lhes marquei. No dia marcado appareci na Povoa com o Pereira, e não encontrei lá ninguem, por o Sampaio recear comprometter-se, e não os mandar; pelo que fiquei mui triste, por não saber a causa n'essa occasião.

Parti então da Povoa para o Pinheiro, mui cuidadoso, por não saber o motivo da falta de cumprimento ao que ordenara, e entrando na estalagem encontrei toda a familia da casa mui consternada e a chorar. Perguntando pelo motivo da sua afflicção, responderam — estamos perdidos, porque o Brejoeira, que commandava o povo acampado no Alivio, vendeu-se, (21) e desappareceu esta noite, sem se saber porque, e que fim levou tanto povo. Suppuz então, que foi esta noticia, ou outra semelhante, que influiu no Sampaio para não mandar os officios, e fiquei um pouco mais afflicto e pensativo, por me vêr tão compromettido, e só eu em campo, falho de todos os recursos, mas não desanimei, e disse — não importa, se o Brejoeira se vendeu, não me vendi eu ainda, nem venderei em tempo algum; vou formar uma guerrilha com a gente compromettida, vou estabelecer um arsenal na serra do Gerêz, e lá ninguem será capaz de me lançar fóra, nem os cabraes serão capazes de sustentar auctoridades suas na comarca da Povoa.

§ 37.º — Voltei para casa com o Pereira mui pensativo, e sem darmos palavra um ao outro por muito tempo. Passada uma legoa em cogitações tristes começamos a conversar, e a animarmo-nos mutuamente com bem fracos fundamentos para isso.

Começou a lembrar-me que d'ahi em diante, onde quer que apparecessemos, tinhamos de ouvir a irrisão dos nossos inimigos cabraes de menos juizo, e occorreu-me então, que o remedio melhor, e unico, para a evitar e aniquilar era andar constantemente armados de cacetes seguros de cerquinho ou lódo e proval-os a miudo nas costas d'elles

(21) Dizia-se então que era o Brejoeira o commandante, mas supponho ser pêta, como foi o ser o Cortinhas, e que os commandantes n'essa occasião eram os Mottas de Braga, porque depois o foram por algum tempo. A familia da estalagem estava mui afflicta, porque parte d'ella estava culpada no arrombamento da cadêa da Povoa.

sem promettimentos prévios. E com esta lembrança passamos o resto do caminho mui alegres e a rir; e, julgando-nos perdidos como suppunhamos, por certo que não tinhamos outro recurso. Constou logo tambem, que o Bento Gomes dissera ao povo das Taipas, que se recolhessem a suas casas, e que elle se ia esconder, por a revolução não poder ir ávante e elle se julgar perdido.

§ 38.º — Passados poucos dias fui rogado pelo Salgado de Pardêlhas, visinhanças de Guimarães, para ter com elle uma conferencia em Rossas, ao que eu annuí e para lá marchei logo. Disse-me elle, que com o seu primo, que estava presente, commandaram ás ordens do Visconde da Costa, o povo acampado na Senhora das Neves, ou Lagoa, mas que elle Visconde fugira, por o povo o ter querido matar, roubando-lhe a maior parte da polvora, escapando apenas uma pequena porção em uma capella, a qual me offerecia, no caso de me ser necessaria.

Estavam ambos elles bem afflictos, por verem que tinham desapparecido todas as pessoas de influencia, e eu não o estava menos, por me achar só em tamanha empresa, e sem recursos de qualidade alguma; mas assim mesmo os animei dizendo-lhes, que pela minha parte ainda não estava resolvido a ceder.

CAPITULO IV

Vinda a Vieira de parte do regimento 13 de Chaves para me prender

§ 39.º — Um ou dois dias antes de eu ir a Rôssas, tinha-me dito o Antonio Joaquim, de Lamas, que tinha recebido de Braga uma carta, em que se lhe dizia, que em Braga se fallava muito em mim, e que não tardava a marchar para Vieira uma força de tropa para me prender. No dia seguinte logo de manhã chegou o José Maria Cobêllo de Travassos a dar-me parte, que tinha chegado á Povoa uma

força de tropa, para me vir prender, e perguntando-me, o que eu queria se fizesse? Disse-lhe que ajuntasse a maior força de povo, que podesse, e que seguisse a tropa sem lhe fazer fogo, antes de ella passar a Egreja Nova para cima, para evitar que fôsse reforçada por outra vinda de Braga.

Partiu o Cobêllo, e eu tractei logo de fazer ordens para os regedores, mandando-as por uma rapariga a toda a pressa para a Ribeira de Sôas, mas infelizmente a rapariga encontrando a tropa, e assustando-se, metteu-as debaixo d'uma pedra, e fugiu. Aconteceu o mesmo com as outras, que mandei para outras partes, porque os portadores, vendo chegar a tropa, que eu logo avistei tambem da janella a descer de Brancêlhe para o meu logar do Mosteiro, esperavam para aboletar os soldados, que lhes tocassem, e não as levaram ao seu destino.

Tractei eu tambem de acautelar os papeis de importancia, os utensilios de fazer o cartuchame, e outros trastes, e me retirei para o alto das Pállas, monte distante um quarto de legoa, e ali me demorei todo o dia, recebendo a noticia de que nos mandaram aboletados para casa 15 soldados com 3 officiaes para comer, mas 70 ao todo para dormir, os quaes diziam continuamente, que estavam mortos por vêr os guerrilhas, e que o que queriam era ouvir um tiro (22), (o que eu traduzi por um grande mêdo que tinham).

§ 40.° — Dormi essa noite em casa de um meu visinho na distancia de um tiro de chumbo de caça. Pondo-me a pé ao tocar a cornêta á alvorada, fui tractar com alguns rapazes, para lhe darmos fogo na retirada; porque tinha vergonha de elles me virem procurar a casa, e eu não dar signal de mim.

Apenas porém arranjei seis, mas ao meio dia recebi participação do povo da Ribeira de Sôas, em que me diziam achar-se no alto da serra de Cantelães á vista de Vieira, e

(22) Estive eu resolvido a dar-lhes aos ouvidos alguns contos ou milhares, porque descendo á noite do monte, puz-me em cima de um muro pegado ás escadas, por onde os soldados subiam para um alpendre, e desciam para a eira, e podia divertil-os sem custo, mas não o fiz com receio de que nos queimassem as casas.

me perguntavam para onde eu queria que marchassem. Como se dizia, que a tropa ia para Chaves, mas sem eu ter a certeza d'isso, respondi, que se demorassem onde estavam, para sahirem de flanco ou de frente á tropa, no caso de ella ir para Chaves, como se dizia, e que, quando não fôsse para lá, acudissem ao sitio, onde ouvissem fogo.

A essa mesma hora sahiu a tropa com direcção a Guimarães, e ao despedir-se o commandante, chamou elle á parte a meu pae, e meu tio padre, e lhes pediu, que fizessem com que eu desistisse de fazer opposição ao Governo, porque então ainda tinha remedio, mas que, se continuasse ficava perdido. Elles responderam, que fariam toda a diligencia, para me convencer, mas que receavam muito nada conseguir.

§ 41.º—Sahiu pois a tropa sem dar signal de cornêta; mas eu, que estava no alto do lado opposto, vendo-a sahir, marchei em seu seguimento pela outra encosta ao lado d'ella com os seis rapazes, que me acompanhavam. Tendo andado alguma distancia, e já mais perto da tropa, vi no alto opposto chamado o Crasto de Azevedo, superior á encosta por onde ia a tropa, algum povo junto, que suppuz ser o do Cobêllo, e pegando do gabão do Alemtejo, ou capa, que levava coberta, acenei com ella, para o tal povo descer, e lhe disse com voz fórte—abaixo á estrada. A este som parou a tropa por um pouco a observar-me, e eu com receio de que ella voltasse para traz, a esperar algum reforço, que tivessem mandado vir de Braga, assentei-me com os rapazes no maior silencio.

Como a tropa só nos via a nós, que eramos mui poucos, e assentados, marchou, mandando batedores á direita e esquerda da estrada, e a cavallaria a observar os altos. Como a força constava de 170 praças de infanteria com 20 de cavallaria, não podia recear muito de nós vendo tão pequeno numero, e socegados.

§ 42.º—Continuamos nós então tambem á marcha descendo sempre até proximo a Taboadélla, onde já só medeava entre nós e ella apenas um pequeno ribeiro vadeavel. Começamos ahi o fogo, que durou pouco tempo, por que entraram logo no logar e nos desappareceram da vista.

A' entrada do logar esbarrou o Pereira com a tropa de

cara, sem a esperar, quando sahia do mesmo com outro rapaz, que foi convidar, e ali trocaram alguns tiros á pressa, e á queima-roupa, retirando-se logo com velocidade para a nossa parte, depois de vadear o tal ribeiro, mettendo as clavinas na agua para esfrear os canos, que já queimavam, por causa do fogo (23).

Desconfiando eu, que ficasse parte da força no logar para depois nos surprehender atacando pela rectaguarda, vadeei com os rapazes o ribeiro, e fui saber dentro se ella marchára toda; e ali soubemos, que os soldados iam desesperados, e espancaram alguns homens do logar, fazendo o mesmo no seguinte logar de Riolongo, por onde passaram levando alguns presos com elles.

Chegada a tropa a Riolongo, trocaram alguns tiros com a pequena força popular do Cobello, que ali chegou n'essa occasião, e marchou para Guilhofrei, e de lá para Rossas pelo lado do sul de outro ribeiro, que descia de Rossas, e nós pelo lado do norte, com a força do Cobêllo, avistando-nos sempre de perto de lado a lado.

§ 43.º—Chegando nós a umas chãs perto de Celeirô de Rossas conheci que a tropa para lá se encaminhava. Como eu sabia desde muito tempo antes, que havia ali uma

---

(23) Talvez alguns reparem na repetição, que faço n'esta obra de fogo a tiro de pistola, e á queima-roupa, parecendo-lhes exageração minha, mas para eu dizer a verdade, não posso fallar de outro modo, porque os ataques, em que entrei, foram quasi todos de mui pequena duração, e sempre a esta curta distancia, o que póde verificar-se com milhares de testimunhas, que ainda vivem, e a elles assistiram

Nem isso deve causar admiração a quem tenha a intelligencia precisa para conhecer, que taes ataques não foram batalhas planisadas com anticipação entre generaes de exercitos regulares, e com a escolha dos terrenos apropriados, mas ataques, que se deram quasi sempre sem premeditação, e segundo as circumstancias, que occorriam porque eram ataques quasi sempre sem ser esperados.

Nem se pense, que eu, n'esta narração dos acontecimentos passados, procuro engrandecer-me, porque eu mesmo confesso que embora os ataques produzissem o effeito desejado foram quasi insignificantes. E accrescento mais, que me não consta ter morrido ninguem nos ataques commandados só por mim, provavelmente por Deus querer mostrar com a maior clareza, que é elle e só elle, que dá ou tira a coragem, como lhe apraz, e que é elle, e sò elle que dá a victoria a quem quer, e como quer, sem se importar com os conhecimentos da arte de guerra, ou com os pretrechos bellicos, que lhe são sempre indifferentes, porque com elles, e sem elles póde sempre tudo.

quélha funda, por onde a tropa tinha a passar, e como vi ao longe no fim da chã e da quélha bastante povo, marchei de carreira, para o postar na estrada, e atacar a tropa pela frente, e nós os que a acompanhavamos pela rectaguarda; mas chegado perto disseram-me que era povo sem armas, que vinha da feira de Rossas, que se fez n'esse dia.

Voltei então de carreira para os meus, mas quando cheguei a elles, já se batia um fogo activo á queima-roupa dentro da mesma chã, porque um dos cavallarias, que tinha passado tempo antes na mesma quélha, advertiu o commandante do perigo que corriam, como o mesmo cavallaria me contou depois passado tempo, quando se me apresentou, e mandou então elle commandante parte da força em batedores para cobrir a passagem na tal quélha.

Terminado o fogo, que durou pouco tempo, marchou a tropa a pernoitar no logar de Celeirô, porque anoiteceu logo, e nós marchamos a pernoitar no Pombal, logar fronteiro, mettendo-se de premeio apenas o ribeiro vadeavel. (24)

§ 44.º — Chegou á noite o povo da Ribeira, que tinha ficado atraz na serra de Cantelães á hora do meio dia, e que distava d'ali legoa e meia grande; e chegou tambem á noite a polvora, que o Salgado me tinha offerecido dias antes, porque n'aquelle dia lh'a mandei pedir.

Passamos ali a noite a bater os dentes com frio, por dormirmos vestidos e em cima de palha, sem cobertura, por me não querer aproveitar d'uma cama que me offereceram, para que ninguem se queixasse da má passagem, vendo-me ficar entre os mais, chegou-me tambem a polvora que tinha deixado em Vieira, e porisso empregaram-se muitos toda a noite a emmassar polvora, para servir no dia seguinte.

Como nós estavamos com tenção de dar fogo á tropa de noite, e se soube isto em Celeirô, veio ter commigo o negociante Manoel de Traz-leira a pedir, para não fazermos tal pelo perigo que corria de a tropa com desespero incendiar o logar, onde estava aquartelada, e nos deu mui-

(24) Disseram-me depois, que foram mortos na tal chã seis soldados, e que foram enterrados de noite ali perto, mas não cheguei a saber isso com certeza, e supponho ser pêta.

tos massos de polvora, para nos compôr, pelo que nos contivemos. Mandou a tropa pedir ao logar, onde estavamos, rações e 50 homens, para a acompanhar, mas nada receberam porque eu o prohibi.

§ 45.º — Ao amanhecer mandei procurar businas grandes, para se tocarem pelas montanhas acima, e appareceram tres businões, como eu nunca tinha visto, nem tornei a vêr. Sahiu a tropa ao romper do dia e eu mandei tocar os sinos a rebate, e marchei com o povo pelas escarpadas montanhas da esquerda a cortar-lhe a passagem no caso de ella se dirigir para Chaves.

Fiz tocar por todas as montanhas acima em diversas distancias e mui retirados uns dos outros, os tres businões, atroando aquellas escarpadas serras ao longe e ao perto com som horrivel mui parecido com o do trovão, que fazia arripiar os cabellos aos mais corajosos! N'aquella occasião era já muito o povo, e como todos corriam com vontade, e cada qual segundo as suas forças e agilidade, formavam uma columna mui extensa, de vista imponente e em conformidade com a musica sonora dos businões ou cornetas bellicas. Assim fomos a qual mais correria por Haboim até á Lagoa, onde se comeu alguma cousa muito á pressa até chegar o povo, que pelo cançaço vinha mais atrazado.

§ 46.º — Junto o povo na Lagoa depois de andada uma grande legoa por aquellas ingremes paragens, marchamos a Moreira de Rei com a mesma melodiosa musica dos businões. Como eu, porém, corria mais que os outros, por estar persuadido, que ia apanhar os soldados á unha, e por me lembrar que, ficando com as armas d'elles, me podia depois bater com toda a tropa de Portugal, ia sempre na frente só e a grande distancia do povo.

Antes de mim e sem eu o sentir tinham marchado dois rapazes corajosos e desembaraçados, e proximo a Moreira, que distava da Lagoa outra grande legoa, fizeram-me signal ainda de longe que já avistavam a tropa. Hesitei um instante, por não distinguir se pertenciam á tropa ou ao povo, mas lembrando-me que nem a cavallaria seria capaz de me apanhar, correndo eu em caso de perigo por alguma ladeira abaixo, marchei a elles e me mostraram a tropa

parte já assentada e parte a assentar-se, para descançar no fundo da encosta a distancia de tiro de caça.

Disse-lhes então em voz alta — rapazes aqui está o padre Casimiro, commandante do povo de Vieira, a quem procurastes para prender; ou vos rendeis ou nenhum de vós fica hoje vivo — Logo se poseram todos a pé, mas como não deram signal de se render, disparei para elles a pistola de cavallaria que levava, e cada um dos dois rapazes que estavam ao meu lado disparou igualmente a sua clavina, e a tropa nos respondeu com uma descarga. Carregamos de novo e repetimos outra descarga, a que a tropa respondeu do mesmo modo (25).

§ 47.º — A este tempo chegou o povo, que ficára todo na Lagoa, e começaram então as grandes descargas de lado a lado, e comecei eu em seguida com voz mui forte, e sonora a gritar ao povo das freguezias visinhas — toquem os sinos a rebate, acudam, acudam á estrada, que lá vae

(25) Acompanhou-me desde Mereira de Rei para baixo até Guimarães n'este ataque, e depois em todos os mais até ao fim da guerra um rapaz, proprietario da freguezia de Santo André de Frades, distante da minha quasi legoa e meia, do concelho da Povoa de Lanhoso, chamado Antonio José Pereira Campos. Serviu-me elle d'ahi em diante, quasi sempre de meu fiel principal em todos os negocios de maior importancia, e de meu segundo camarada, tanto no tempo da guerra em ambos os movimentos populares da Maria da Fonte e da legitimidade, como em tudo o mais nos annos, em que vivi occulto, por ser homem da maior probidade, sã e escrupulosa consciencia, ligitimista puro e sem mancha, e do maior segredo.

Mostrou-me sempre este homem honradissimo o mesmo agrado, e o maior desinteresse, fazendo-me todos os serviços de amigo sincero gratuitamente, e até todas as jornadas precisas á sua custa, por eu não ter nunca com que lhe pagar. Foi-me este homem sempre fiel, e prompto a toda a hora do dia, e da noite, e sempre o mesmo, tanto quando tinhamos a esperança viva da restauração da legitimidade, como depois de totalmente perdida, sem nunca exigir nem esperar a menor recompensa, nem de mim, nem do partido. Tal era o seu desinteresse e affecto, tanto a mim, como á causa da legitimidade!!!

Conheci-o sempre corajoso, e firme no seu posto, como se estivesse sujeito á disciplina militar, assistindo ao meu lado a todos os ataques, e sujeito sempre aos mesmos perigos, que eu, sem nunca o ver mudar de côr, ainda nos maiores apêrtos, e mais criticas circumstancias, de certo porque a consciencia lhe não remordia.

Entendi pois, que com nenhum outro, como com elle podia verificar a exactidão de todos os acontecimentos, assim como a d'estes apontamentos, e porisso com elle os verifiquei, achando-os elle todos e em tudo, mui conformes e verdadeiros.

uma grande malta de ladrões, cerquem, cerquem, acudam á estrada, toquem os sinos a rebate. Ahi começaram logo os sinos a rebate em todas as freguezias, e o povo a correr á estrada com as armas que cada um tinha mais á mão, e eu marchei pela direita da estrada pelas mattas abaixo a correr quanto podia, para lhes tomar a frente, animando todo o povo, que ia sahindo.

Marchou-se d'ahi em diante em descargas cerradas, a legoa desde Moreira até Fafe, avançando o povo quanto podia, e fugindo a tropa com igual velocidade em continuas descargas, de sorte que só á entrada da grande planicie da Comieira, suburbios de Fafe pude pôr-me ao lado da tropa, marchando eu pela planicie, e a tropa pela estrada da esquerda a distancia de tiro de pistola, porque entre mim e ella mettia-se apenas um rego ou pequeno ribeiro.

Appareceu-me no principio da Comieira um rapaz da Villa acompanhado por um pequenito, o qual eu mandei, que fosse de carreira á torre de Fafe tocar os sinos a rebate, e não tardou a ouvirem-se.

Passei a longa planicie de toda a Comieira, proximo sempre á tropa, dizendo-lhe de continuo em voz alta quem era, e em toda ella, indo a descoberto, não me deram nem uma unica descarga.

§ 48.º — Ao subir a tropa da Ranha para cima á entrada de Fafe, sahi eu de frente a toda ella n'uma leira sobranceira á quélha, por onde ella subia, e lhe repeti a falla que havia feito do alto de Moreira, acompanhado ali somente pelo tal rapaz de Fafe, por o povo vir atraz da tropa.

Como me não responderam, parando apenas todos os soldados, e officiaes a ouvir-me attentamente o que lhes dizia, disparei-lhes de novo a pistola, e nem então me deram uma descarga, retirando-me em seguida para perto da estrada á entrada de Fafe, e assentando-me a vel-os passar perto de mim. O rapaz de Fafe vinha saber o motivo d'aquelle alvoroço, porque em cada logar ouviam-se descargas ao longe, e quasi no mesmo instante ouviam-se já perto, tal era a velocidade, com que corria tanto o povo como a tropa.

Parou então o fogo por um pouco, emquanto a tropa comeu alguma cousa em Fafe, e nós tambem nos arredores.

Como tudo nos corria bem, e iamos victoriosos, e como a maior parte do povo e a mais corajosa era de Vieira, e como eu de lá era tambem, quiz dar nome á terra, porque o merecia, e comecei porisso a dar «vivas» a Vieira, sendo repetidos pelos mesmos de Fafe, e por todos os outros, porque todos em geral estavam persuadidos de que quasi todo o povo com effeito de lá era, e assim continuamos depois até Guimarães (26).

§ 49.º — Sahiu pois a tropa de Fafe, e como os soldados iam desesperados, atiravam a todos os que encontravam, mesmo que estivessem sem armas, e porisso já em Rossas na vespera haviam mettido uma bala n'um quarto a um pobre de pedir, e á sahida de Fafe mataram um lavrador e carpinteiro que vinha de sachóla dos campos (27), por cima do qual, que estava atravessado no caminho, passamos todos, e na Portella d'Arões metteram uma bala na palma da mão a um, que estava d'um alto a observar o fogo, mas a nenhum dos que lhes davam fogo mataram nem feriram, que eu saiba, por não poderem, e por Deus os defender.

Continuou de novo o fogo desde Fafe até Guimarães, mais duas legoas sem interrupção, e com o mesmo ardor, de sorte que, querendo a tropa fazer-se forte á Ponte de Bouças, perto d'Arões, e fazer resistencia mais tenaz, esteve a ser toda apanhada, se se descuida um instante, porque o povo vadeou o rio ou ribeiro em todos os pontos, e esteve quasi a cortar-lhe a frente.

Esteve ahi o Pereira meu camarada a ser morto, por-

---

(26) Correu o som terrivel d'este trovão medonho com a velocidade do relampago até ao Porto, de sorte que logo lá começaram todos a dizer muito animados = ahi vem o povo de Vieira, ahi vem o povo das montanhas = e foi este ataque o que desamorteceu a revolução. Fez elle, segundo me disseram, com que, vindo o irmão do Cabral ao Porto para compôr o povo com promessa segundo o costume, de ir pedir a D. Maria da Gloria, (que deveria dizer antes a si proprio; e ao irmão) para modificar as contribuições, que só do irmão e d'elle dependiam, ao retirar ouviu tiros pelas costas, e «morras.»

(27) Contaram-me, depois, que este homem na invasão dos francezes matára um soldado em outro igual dia e hora, é que = vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra = a voz do sangue do seu irmão clamava a Deus por vingança (gen. c. 4. v. 10,) e começou então o castigo pelo grande peccado, que havia commettido em tirar a vida a um seu irmão, e até sem o ter offendido!!!

que tendo um official cahido ferido, ou morto, antes de chegar a Fafe, e pegando elle na sua barretina, a poz na cabeça, e levou até Guimarães, e depois para Vieira, mas adiantando-se dos mais á Ponte de Bouças, começou o povo a atirar-lhe, persuadido de que era da tropa. Valeu-lhe então, para escapar, atirar-se a uma poça, para ficar a coberto das pontarias do povo.

§ 50.° — Chegada a tropa a Guimarães sahiu a que lá estava em descanço a bater o povo. Como tinhamos andado mais de cinco grandes legoas por muito maus caminhos, e estavamos faltos de munições por se gastarem no continuo fogo desde Moreira até Guimarães, batemos em retirada, durando o fogo assim mesmo ainda uma grande parte da tarde pelos montes dos arredores, e retirando uns por Fafe, e outros por S. Torquato para Vieira, onde chegamos no dia seguinte.

Por causa do muito correr pelas montanhas, por caminhos asperos, e repetidos saltos de barranco em barranco tanto na vespera como n'aquelle dia, cheguei a Fafe sem meias e sem solas nem palmilhas nos sapatos, sendo-me preciso acceitar lá meias e uns sóccos, que me deram, para marchar para Vieira.

Depois de descançar ali um pouco marchei a cavallo em besta emprestada até Moreira. Chegado lá como ia esfalfado pela longa jornada de dous dias, e sem quasi comer nada, deitei-me á beira da estrada a tomar a fresca junto á estalagem, adormecendo no mesmo instante.

Passado tempo levantei-me ainda a dormir e comecei por sonho a passear na estrada persuadido que estava em Pepim distante de Vieira uma legoa, por ver ali uma capella parecida com a do dito logar. Depois e já tarde, de noite, veio o Salgado de Pardêlhas, que me tinha acompanhado desde Guimarães, accordar-me do passeio em que andava dormindo, para eu ir cear e deitar-me, mas nada comi, por não podêr, e lá fiquei aquella noite, marchando no dia seguinte a pé pela Lagôa, e Rossas, para Vieira com grande custo, por ir muito moido da jornada e mui debilitado.

§ 51.° — Por toda a parte por onde passamos apoz a tropa infundi em todo o povo tal animo, que as mesmas

mulheres atiravam á pedra aos soldados de cima dos muros ou socalcos sem receio ás balas (28) que elles lhes atiravam. Tambem me contaram que na occasião do fogo um rapaz das visinhanças de Fafe, armado de forcado arrostára com um soldado, e que batendo-lhe elle primeira e segunda vez a arma sem lhe pegar fogo, o rapaz se lhe agarrára a ella, tirando-lh'a, e fazendo-lhe em seguida fogo com ella.

Na sahida da tropa de Guimarães distinguiu-se de novo o meu camarada, fazendo fogo contra a infanteria e cavallaria, e estorvando-a de acossar o povo, que retirava sem munições, e cobrindo a todos a retirada, para não haver perigo, como com effeito não houve (29).

§ 52.º—Como no ataque dos dois dias eu e o meu camarada suamos muito, e arrefecemos por vezes, chegamos a casa roucos, e mui constipados. Porisso passados poucos dias tractamos eu e elle de tomarmos um caldo de galinha

(28) Foi provavelmente porque Nossa Senhora procurava tirar ainda maior desforra do attentado, que os libertinos do Porto contra ella tinham commettido pouco antes, por occasião de se erigir lá na egreja dos Congregados pela primeira vez a irmandade do Sagrado Coração de Maria, afugentando da casa de Deus, armados de punhal, os devotos directores d'aquella funcção sagrada, e o mais povo, ao som horrivel das vozes desesperadas, vozes do inferno, =fóra jesuitas, fóra fanaticos, fóra miguelistas=e carregando de novo no dia seguinte sobre elles com as mesmas vozes desentoadas, chegando a sua maldade a ponto de lançar no pavimento do templo a fedorenta ássafétida, e nojentos piolhos, apanhados nas prisões. E de certo foi porisso que pouco antes o mesmo sexo delicado e timido, para desaffrontar a Rainha dos anjos de tal insulto, logo no principio dos motins populares, arrancou em Guimarães á luz do dia, e á vista de todo o mundo, as espadas das mãos aos officiaes da tropa, e as armas e corrêas. aos soldados d'aquelle partido amaldiçoado Mas que deshonra para um militar ser desarmado por mulheres inermes!!! E que tremendo castigo não principiaram a ter já cá na terra aquelles doudos furiosos, aquelles monstros desenfreados, morrendo todos os doze principaes influentes d'aquelle motim infernal dentro de um anno, parte rebentados, parte seccos pela tysica, e parte com sangue pela bocca, como me contou annos depois lá mesmo no Porto Alexandre Garret, homem da maior probidade, illustração, e firmes crenças nos dogmas catholicos, e um dos principaes promotores e directores d'aquella festa solemnissima. E que pulos não tem dado desde então até hoje esses malvados nas lábarêdas do inferno?!!

(29) Os mesmos soldados do 13 concorreram muito para dar nome a Vieira, para animar o povo, e para fazer vingar a revolução, que se julgava extincta; porque, depois d'este ataque, para mostrarem que não era possivel a resistencia, augmentaram muito a quantidade e bravura do povo.

mui quente, e de suarmos de noite na cama em uma casa de amisade, onde ficamos á cautella, para não sermos surprehendidos a descançar.

Tendo suado a maior parte da noite e estando ainda humidos do suor, foi meu pae ter commigo á cama de madrugada a dizer-me, que já estava outra vez a tropa em Rossas com direcção para Vieira.

Levantei-me no mesmo instante, e á pressa, banhado ainda em suor, n'uma manhã de vento fórte e frigidissimo, mandando tocar os sinos a rebate, e marchei logo com algum povo para Rossas, ficando o restante a reunir-se para marchar tambem em nosso seguimento.

Não a encontramos lá, mas disseram-nos, que ella estava em Moreira de Rei. Para lá marchamos, chegando ao escurecer sem tambem nada encontrarmos, dizendo-nos que ella estava em Fafe, e alli pernoitamos passando toda a noite a fazer balas e cartuchos.

Marchamos no dia seguinte para Fafe, onde nos receberam com repiques de sinos, e «vìvas» enthusiasticos. Depois de comer marchamos para a Portella d'Arões, por se dizer, já á sahida de Moreira, que era lá onde estava a tropa, indo já a esse tempo uma grande divisão de povo, que se tinha reunido em Moreira, e lá ficamos aquella noite, sem nada ainda lá se encontrar, (30) continuando-se a fazer balas, e emmassar polvora como em Moreira.

§ 53.° — Resolvemos alli ir atacar a tropa a Guimarães no dia seguinte. Como na vespera do ataque os de Fafe se apresentaram na Portella formados em ordem militar, e eu suppuz que era tropa firme, e uns grandes guerréiros, por terem sido voluntarios, julgo que dos do *pataco* no tempo das linhas ou cêrco do Porto, reparti-lhes pela manhã a porção de polvora, que tinha recebido como presente de sujeitos da mesma villa de Fafe, e, depois de ouvirmos missa por ser dia santificado, marchamos pelas 11 horas para Guimarães,

(30) Foi esta uma noticia sem fundamento e bem celebre, sem se poder dar d'ella explicação rasoavel, a não ser a de que Deus quizesse, que fôssemos, como fômos, a Guimarães dar o ataque, para o mesmo fim que elle tinha determinado, sem nós o podermos descobrir.

Determinei eu, que os de Fafe descessem pelo convento da Costa, e atacassem primeiro, principiando a bater fogo pelo sul, os de S. Torquato, que estavam postados na Madre de Deus em seguida pelo norte, os das Taipas que vinham por St.ª Luzia, pelo poente, e eu marchei pelo centro, do lado do nascente, direito ao Cano. (31)

Os guerreiros de Fafe metteram-se dentro do convento da Costa, a longa distancia do castello, e de lá começaram a fazer fogo pelas janellas, contra as ordens que eu havia dado, e por mais que lhes fiz signal para descerem a Guimarães não fui capaz de os desentocar d'alli, ainda mesmo depois de lhes mandar dois proprios um atraz do outro; tal era a coragem d'estes valentes!! e o mesmo aconteceu com os de S. Torquato.

Vi-me pois obrigado a principiar eu o fogo para o castello pelo sul da Arsella, a distancia d'elle um tiro de caça ou pouco mais. Como a posição em que me postei era elevada e a descoberto, começaram a cruzar alli as balas sobre nós, tanto as da tropa do castello de poente para nascente, como as dos de Fafe de sul para norte, e as do de S. Torquato de norte para sul, e nós a servirmos d'alvo a todos, de sorte que nem podemos descer abaixo, nem sustentarnos n'este ponto arriscadissimo, cobertos de balas como estavamos, porque de todos os tres lados nos faziam fogo directo.

§ 54.º — Passei então á direita ou ao norte pelos quintaes para a rua da Arsella com direcção ao Cano por onde tinha mandado parte da minha divisão, mas como levavamos pouca polvora em breve se acabou, e abrandou o fogo do nosso lado. Perguntei em seguida aos rapazes quantos cartuchos tinha cada um, e respondendo-me uns que

---

(31) Ao chegarmos a Guimarães appareceu-me na Arsella um rapaz das montanhas, que vinha de dentro armado de clavina, e me disse — snr. padre pode romper sem receio até ao castello, porque está lá toda a tropa, e não apparece pelas ruas um unico soldado. — Tinha elle ido fazer esta descoberta, sem ser mandado, e só por sua curiosidade; tal era a coragem d'este rapaz, que não temeu o perigo, a que se expoz em correr armado, e só, as ruas até ao castello!! Eu não me fiei n'elle porque sempre receei as traições, e me prevenia contra ellas, mas depois conheci, que me fallou verdade, e que era mais corajoso que os batalhadores de Fafe.

tinham a tres e outros a dois, fiz parar o fogo; e receando que a cavallaria avançasse a cutilar o povo na retirada das ruas e dos quintaes por falta de munições, passei-me com elles para um alto no fim da rua, e me postei alli á espera para o cobrir na sahida.

D'ahi por um pouco sahiu com effeito uma força de cavallaria pela rua fóra, e deixando-a approximar a pequena distancia por estarmos embuscados na pequena escava de uma pedreira, mandei dar-lhe uma descarga, que a fez fugir logo a galope, deixando a rua perfeitamente livre, e começou depois a sahir todo o povo sem perigo.

Terminado o fogo retiramos por S. Torquato, onde pernoitamos, sem nada lá comer por não haver cousa alguma, e no dia seguinte marchamos para Vieira sem tambem nada até lá comermos por o não encontrarmos pelo caminho, que nos pareceu bem mais extenso por causa do jejum forçado de dois dias. (32)

§ 55.° — Passados dois ou tres dias depois de chegarmos a Vieira, correu de novo a noticia, que tinha chegado tropa ás Lourosas com direcção a Vieira, distando apenas uma legoa. Mandei logo tocar os sinos a rebate, e marchei para as Lourosas, demorando-me com alguns rapazes no alto de S. Roque, logar distante da minha casa um quarto de legoa, a esperar o restante povo, que se ficava a juntar.

Mandei entretanto saber ás Lourosas, se era verdade o estar lá a tropa, e recebi a noticia de que era pêta. Foi, que o coronel do 8 de Braga, a quem o povo appellidava então o Trinta Diabos, marchou pela Povoa de Lanhoso com

---

(32) No mesmo ataque appareceu outro rapaz a dar fogo para a tropa no meio da rua a peito descoberto sem se intrincheirar, nem mesmo nos umbraes, ou tranqueiros das portas. Ao dar um tiro, veio uma bala ao correr da arma, que depois de o ferir nos dedos, lhe entrou em um lado da cara, arrancando-lhe um dente, e atravessando-lhe ao lado opposto, até lhe ficar entre a carne e a pelle de fóra ao pescoço sem a romper por falta de força, e sem elle a poder tirar senão por incisão na mesma, que depois fez em casa. Sem mudar de sitio pediu a outro, que estava a seu lado, para lhe carregar a clavina, por elle não poder, e ainda depois deu, assim ferido, mais dous tiros, mostrando-me no fim do fogo a bala ainda dentro. Passados dias foi visitar-me a Vieira, depois de tirar a bala, e mostrando-m'a com a marca do dente disse—com esta ainda hei de matar um cabralista. —Tal era a vontade e a coragem d'este rapaz.

uma força do regimento a Guimarães, pela tropa, que tinhamos ido atacar, para a conduzir para Braga com o dinheiro dos cofres, e com os presos, dirigindo-se por alli, para evitar choque com o povo das Taipas, que estava outra vez em armas. (33)

§ 56.º—Vendo eu que era da maior necessidade formar ao menos um batalhão, para o serviço necessario, e firmesa no fogo, mandei junctar o povo em Brancêlhe, e lhe expuz o perigo em que estavamos, e a necessidade, que tinhamos de nos pormos em ordem militar, para podermos debellar o governo, por ser a unica força, em que nos podiamos firmar, e que para isso se tornava necessario formar batalhões de todos os que podessem pegar em armas, para a segurança da terra, e para atacar a tropa, quando fôsse preciso. Todo o povo se convenceu d'esta necessidade e começaram logo a alistar-se para esse fim.

CAPITULO V

Acampamento do Bom Jesus, e traição em Braga

§ 57.º—No dia seguinte, tendo ouvido, que o Bento Gomes, de Espinho estava outra vez no Bom Jesus com povo, marchei lá fallar com elle, e o encontrei com poucos homens, que provavelmente não excediam a 12. Tractei com elle de lá apparecer com o povo de Vieira no dia seguinte, e marchei logo para a terra a reunil-o.

Chegado a Vieira passei as ordens competentes, para o povo se ajuntar, e no dia seguinte de manhã, depois de mandar tocar os sinos a rebate, marchei com um tambor

(33) Parecendo sem fim, e sem importancia, o ataque ao castello, produziu o resultado, que se não esperava, de se retirar a tropa logo para Braga, e deixar Guimarães completamente livre.

na frente, e cousa de meia duzia de rapazes pela estrada de Braga até ao Carvalho d'E'ste, distante de Vieira tres legoas e do Bom Jesus uma. Esperei alli algum tempo, que chegasse o povo, e depois de ter já uma columna grande, que a dous de fundo se tornava de respeito, marchei para o Bom Jesus.

§ 58.º—Proximos ao sanctuario veio esperar-nos tudo o que lá estava, que já era muito maior porção do que na vespera, com uma musica na frente, dando todos «vivas» a mim, a Vieira, á Rainha e á carta constitucional.

Não fiquei satisfeito com taes vivas, e chegados ao adro do Bom Jesus, formei o povo, que o encheu todo, e disse em voz alta—que á Rainha embora dessem «vivas», por não poder ser por outro modo, mas nunca á carta constitucional, que de cartas e escriptos estavamos nós já bem cheios, que era essa peste, que tinha produzido a nossa desgraça, e que por causa d'isso andàvamos nós por alli em desasocêgo, e em tantos trabalhos.

Com esta falla ficaram desesperados o Bento Gomes, e mais liberaes, que lá estavam, não podendo d'ahi em diante olhar-me mais com bons olhos. Mas eu que já isso suppunha, tractei de me prevenir contra todos, e a precatar-me de todas as ciladas. Entrou n'esse dia outra columna de povo de Vieira do mesmo tamanho, e no dia seguinte, mais quatro iguaes, fóra porções diversas de 50 ou 60 homens etc., que entravam constantemente, já se sabe, tudo povo meu, a ponto de encherem todo o espaço do Bom Jesus, formando uma mui grande brigada.

§ 59.º—Alli nos demoramos alguns dias, e n'este tempo appareceu lá um sujeito do Porto appellidado Basto, que se dizia ser mandado por uma commissão setembrista, para fornecer o acampamento de munições de guerra, bacalhau e arroz, e até de algum dinheiro, aos commandantes, menos a mim por não ser do mesmo partido.

Tambem no fim appareceu um official a quem appellidavam o Veiga, e todos elles iam, segundo se dizia, todas as noites a Braga combinar com as auctoridades de então cousas que só elles sabiam, sem nada me contarem; mas por isso ninguem n'elles tambem se fiava. Todo o povo desconfiava d'elles, e elles bem o conheciam, e porisso,

quando queriam pôr em prática qualquer medida, em que fôsse preciso o povo, pédiam-me para eu o mandar.

Para isto logo que eu montasse a cavallo, e mandasse dar signal de cornêta, appareciam de prompto em ordem, formando cada freguezia com o seu respectivo regedor á frente. (34)

§ 60.º — No dia 17 de maio, sem me terem dias antes prevenido, nem me terem contado cousa alguma, me disseram proxímo á noite, que estava a paz feita, e que só restava irmos a Braga dar os «vivas», sem me dizerem com que bases fôra feita. Accrescentou o Bento Gomes, que podiamos ir já n'aquella noite a Braga dormir a casa do Lopes Leiria, da Regoa, por saber, que eu tinha amisade com elle e com a familia, a vêr se eu cahiria no laço. Respondi-lhe que sim, mas que havia de ir acompanhado por 20 rapazes escolhidos entre os meus, mas sem ter tal resolução, porque os conhecia; ao que elle replicou, que não era preciso isso, que bastava irmos nós ambos. Isto me pôz mais em desconfiança, de que elles andavam com más tenções contra mim.

Como começou a constar, que estava feita a paz entre o povo e a tropa, veio ao acampamento um rapaz de Braga, que dizia ter um cunhado official no 8, e me perguntou, se no dia seguinte tencionavamos ir a Braga, como constava, e eu, sem ter tal sentido, respondi-lhe que sim, para vêr o que elle me dizia a tal respeito. — Pois vão, mas bem carregados de pólvora e bala, porque tudo lhes ha de ser bem preciso — disse elle, porque pela irmã sabia da traição, que estava projectada, e nos quiz advertir d'ella com tempo.

§ 61.º — Como todos estavamos desconfiados de que tinhamos traição, e que tractavam de dar cabo de mim, mandamos no dia seguinte 18, de manhã, a Braga um rapaz da cidade appellidado o Marques em observação, julgo que

(34) E' na verdade cousa bem notavel, e que tambem se não póde explicar, como é que apparecia cada freguezia formada de prompto com o seu regedor á frente, e umas vezes n'um sitio, e outras n'outro, sahindo cada individuo do meio d'aquella multidão immensa de povo, e indo topar com elle, sem previamente saberem ou terem justo, onde a sua freguezia formaria, nem terem os individuos, nem o regedor numero ou outro signal, por onde podessem descobrir os seus visinhos, ou o ponto de reunião.

com um officio assignado por mim, pelo Monte Alverne, pelo Bento Gomes, e por outros, dirigido, julgo que ao Governador Civil, notado pelo Monte Alverne com o fim de melhor nos enganar, e por vêr que nós não accreditavamos em tal paz, fingindo elle estar com a mesma desconfiança do povo. Chegou o rapaz, e disse que fora lá maltractado, e que estava persuadido de que tinhamos fogo.

Muito mais desconfiado fiquei eu então, e vendo isto o Monte Alverne, entrou a dizer, que já tinha por via das prostitutas mettido a intriga entre os soldados do regimento 13, que estava aquartelado no Sardoal, proximo á Senhora de Guadalupe, e os do 8, que estavam no Populo, e que tinha arranjado com que elles se voltassem uns contra os outros, no caso de haver fogo, e a passarem-se os do 13 para o lado do povo, accrescentando outras pêtas, tudo com o fim de me enganar. Ateimava elle, para que eu fôsse á falla com as auctoridades, que me esperavam á Senhora a Branca, mas eu de cada vez me mostrava mais desconfiado, e renitente em não querer saber de tal paz.

§ 62.º — A este tempo começaram os que me cercavam a diligenciar por me convencer a que fôsse á falla, por supporem que seria verdade o que o Monte Alverne dizia.

Como entre estes estavam alguns realistas meus amigos, entrei a lembrar-me, que da conferencia resultaria alguma utilidade, e para que depois me não arguissem de ser eu a causa de algum desmancho prejudicial, disse que iria com a condição de se repartir primeiro a polvora pelo povo, e de o postar em attitude de fogo em volta da cidade, tomando-se todas as posições necessarias ao norte e sul com o que descia do Bom Jesus, indo eu pelo nascente, ou pelo centro com 150 rapazes escolhidos, e tomando as posições do poente os de Prado pela Conega, os de Macada pela rua Nova, e todos os mais pelo lado em que se achavam. A isto replicou o Monte Alverne, que não convinha que levasse mais de 20 rapazes para guarda, porque o contrario seria um desafio á tropa. Começaram então os que me cercavam e me eram fieis a dizer, que bastava levar só os 20, e que elles se offereciam a acompanhar-me e a morrer commigo.

Decidi-me então a ir só com os 20 com a condição de que o povo cercasse a cidade em attitude de fogo nas posições ditas, e marchamos para Braga pelo meio dia ou pouco antes. (35) Chegados aos Piões, principio da cidade, recomendei de novo ao Monte Alverne que postasse o povo em todas as posições designadas, e elle me respondeu, que já estava postado na maior parte, e que ia postar o restante nas que faltavam, mentindo em tudo, porque nada cumpriu, e eu marchei confiado em que era verdade o que elle me respondia.

§ 63 — Chegados á Senhora a Branca, disseram-me que as auctoridades estavam reunidas na casa da camara no Campo dos Touros, e que não tinhamos remedio senão ir lá, e que a minha guarda não convinha, que fôsse de mais de 10 homens. Cahi eu de innocente, e como por sonho, na loucura de marchar para diante, e no fim do caes do lado de baixo do campo de Sant'Anna perto da bocca da rua do Souto estivemos a soffrer uma descarga do primeiro piquete, distante de nós quando muito 20 passos, que já ia a bater as armas, se o official, que era então o capitão Lacoeva, não contivesse os soldados, dirigindo-se depois a nós, e dizendo, que se quizessemos podiamos entrar todos mas desarmados.

A isto responderam os da minha guarda, que não entrariam, mas que as armas as não largavam. Marchei eu para diante acompanhado só pelo Lopes Leiria Junior, da Regoa, pelo cirurgião Marques, pelo meu camarada, e não sei se por mais um ou dois, e o Lacoeva ficou a conversar com os da minha guarda na dita distancia do piquete.

Depois de conversarem um pouco, disse-lhes o Lacoeva que fôssem elles para o seu povo, e que elle ia para o seu piquete — não, replicaram os da minha guarda, agora tem de nos acompanhar até ao nosso povo, e de lá não sahe, sem que venha o nosso commandante, para ter lá a mesma

---

(35) Erá tal a divisão, que desceu do Bom Jesus, que occupava toda a larga estrada na extensão da grande meia legoa desde lá até á cidade, de sorte, que ainda estava povo no Bom Jesus, e já occupava o campo da Senhora a Branca, enchendo depois todo o grande campo de Sant'Anna, e tam apinhado que não podia cahir um mosquito no chão, calculando-se que excedia a trinta mil homens.

sorte, que elle tiver, e nem pio, aliaz é defunto — tudo isto dito em tom de conversa, mas mui serio, e elle os acompanhou sem resistencia, porque conheceu, que do contrario era morto, mesmo á vista do piquete, que lhe não podia valer.

§ 64.º — Seguimos pela rua do Souto, e ao chegar á quina da travessa pegada ao Paço e que termina no Campo dos Touros, estivemos a levar outra descarga do segundo piquete, se nos não retiravamos com rapidez para traz da quina. Comecei então a dar um grande cavaco contra as auctoridades, e officiaes militares, e a queixar-me de traição.

D'ahi por um instante, chegou o Murta, secretario do governador civil, julgo que chamado pelo Basto, do Porto, pedindo desculpa do acontecimento dos dois piquetes, attribuindo-o a descuido, e a falta de prevenção.

Começou a animar-me, mas sem o agrado, que se descobre nos amigos, e a dizer que me não assustasse. A isto respondi eu, que a morte me não assustava, porque desde muito antes a esperava a todos os instantes, mas que me custava receber uma tal desfeita de gente, que se devia suppor de alguma educação, sendo eu, como era, o commandante da immensa multidão de povo que circumdava a cidade. Que, se o general de Braga mandasse ao meu acampamento qualquer pessoa, a mais insignificante a tractar commigo de seu mando qualquer negocio de entidade, não soffreria do povo o menor insulto, porque para isso eu, sem ser militar, saberia dar a tempo as providencias necessarias, e que o povo, ainda que falto de toda a disciplina me obedeceria cegamente.

§ 65.º — Chegados á casa da camara, onde se achava o general, que supponho era o Valongo, um official de estado maior com outros, e com bastante povo da cidade, feitos os comprimentos, continuei a queixar-me amargamente de tão vil procedimento para commigo.

Então o official de estado maior, que não parecia mau homem, vendo-me descorado, e afflicto, persuadido de que aquelle meu fallar no sitio onde me achava seguro entre inimigos, a não proceder de loucura, era effeito de susto, pondo-me a mão sobre o hombro disse — não se assuste,

que aqui ninguem o mata. — Então virei-me para elle, admirado de que elle se persuadisse, que era susto o que me obrigava a fallar assim, e lhe disse — não é a lembrança da morte, que me assusta, porque desde que me decidi a vir aqui, nunca mais contei com a vida, e é para mim indifferente o morrer na cama de uma maligna, ou no campo de uma bala, ou em lugar occulto de um punhal traiçoeiro, porque defendo a causa de Deus, e tenho a firme esperança de que no mesmo instante em que seja morto por esta causa subirei á bemaventurança celeste a gosar a presença d'Aquelle que faz a felicidade eterna dos justos; mas saibam, que, se eu aqui fôr morto, n'esse mesmo instante começará Braga a arder em altas lavaredas por todos os lados até ser reduzida a um montão de ruinas, para ser vingada a minha morte.

As massas enormes de povo que se apinham em volta da cidade, e das quaes muitas já entupem as boccas das ruas, avançam com tal rancôr, e com tal desespero, contra todas as auctoridades, que se ellas bem o conhecessem, por certo não se julgariam seguras, nem mesmo nas mais profundas cavernas da terra. E talvez que, por causa d'esse pessimo procedimento de ha pouco, dos piquetes para commigo, já as grandes columnas de povo estejam rompendo pelas ruas de Braga dentro, e vendo-me n'este logar, talvez eu seja tambem victima do seu furor por se persuadirem, que eu me vendi e as atraiço-o. — Perguntei então se alli havia papel e tinta, para lhes sustar a marcha, (36) e tudo me apresentaram de prompto. Passando a toda a pressa as ordens necessarias a todas as forças, que já enchiam as ruas, e sendo-lhes entregues por postilhões de cavallaria com a velocidade electrica, parou tudo, nos sitios onde as receberam.

§ 66.° — Em todo este tempo os empregados que me ouviam se conservaram todos tristes como noites, e amarellos como defuntos, com os braços crusados, e o general de-

(36) Quiz-me inculcar commandante geral de todo o povo, que cercava Braga, para fazer accreditar melhor o que lhes dizia a fim de os aterrar; e fazer com que me não assassinassem, como eu suppunha e esperava, e pelos effeitos das ordens que passei, todos conheceram bem a preponderancia que eu tinha sobre todo elle, porque tudo parou á minha ordem.

sappareceu, dando todos mostras de que me accreditavam. (37) Disseram-me então o Murta, e o official de estado maior, depois de desapparecer o general, que seria bom irmos fallar com o coronel, e com effeito fomos, levando-me ambos elles pelo braço até aos Biscainhos, onde elle se achava aquartelado.

Feitos os comprimentos, e perguntando-me o coronel o que o povo queria, respondi, que elle queria o desarmamento da tropa, por estar mui escandalisado pelos destemperos que ella tinha feito em muitas partes, em seguida novas auctoridades, feitas á vontade d'elle, e por eleição sua, que se portassem melhor que as de então, e o alivio dos tributos pesadissimos, que os sobrecarregavam.

A isto replicou elle, que estava posto alli pela Rainha, e que só com ordem d'ella podia acceder a tal pretensão; mas que no dia seguinte se reuniria a commissão, e que apparecesse eu então de novo, para se dicidir do melhor modo. Tractou-me elle com toda a honra, e depois de eu tomar um gole de vinho e biscoutos, e de conversarmos o preciso, ausentei-me, mandando-me elle acompanhar por uma guarda de cavallaria.

§ 67.°—Montando eu a cavallo appareceu-me alli de novo o rapaz, que de vespera tinha ido ao Bom Jesus avisar-me, que levassemos polvora e bem polvora, (o cunhado do official do 8) porque toda nos havia de ser precisa, e me perguntou pelo resultado da conferencia. Contando-lh'o eu, que na verdade não era nenhum, e montados já os cavallarias, que me haviam de acompanhar, deitou-me elle a mão sobre um dos quartos, apertando-m'o, e disse afflicto

(37) Com effeito pelo menos o Murta devia accreditar-me, tendo-lhe eu dito um mez antes, quando me fui queixar do despotismo do secretario da administração de Vieira (§ 6.°); que estavam a desfeitear uma familia, que podia formar em Vieira uma revolução que lhes havia de dar que fazer em todo o reino, porque já via verificada esta especie de prophecia, achando-me eu á frente de mais de trinta mil homens. Esta ameaça, não sendo eu propheta. como não sou, não tem de certo explicação rasoavel, senão pela providencia de Deus, talvez para n'aquella hora terrivel concorrer para me não tirarem a vida, porque nada acontece ao acaso.

em voz baixa—desconfie d'esta gente, que é morto. (38)

Lembrou-me então, que os cavallarias no caminho me dariam uma descarga, e que depois, para se mostrar que foi só por maldade d'elles, os metteriam em conselho de guerra, para dar uma satisfação ao publico, aliviando-os afinal, e ficando eu defunto para sempre, como toda a sucia queria; e porisso metti a galope a toda a brida, sem olhar mais para traz, nem tornar a saber do destino dos cavallarias.

Chegado eu ao acampamento soltou o povo o official Lacoeva, que retinha em refens, e começaram todos a perguntar-me, o que se tinha passado, ao que eu encolhia os hombros sem lhes responder nada decidido, porque por uma parte desconfiava, que havia traição, e por outra não queria faltar ao que justara com o coronel.

A este tempo começou com todo o cuidado o Monte Alverne a metter o povo para diante contra a minha vontade, pelo receio que tinha do que pouco depois se realisou, mas não queria tambem desmanchar, para que depois se me não tornasse a culpa de se não fazer a composição, que elles diziam estar tractada, e marchei acompanhando o povo até ao fim do caes do campo de Sant'Anna, onde estiveramos pouco antes a soffrer a descarga do primeiro piquete.

§ 68.°—Chegados alli pegou-me o Monte Alverne pela redea da bêsta, como para me dizer um segredo, e a foi puxando para perto do dito primeiro piquete, mas então um dos meus guardas de aspecto carregado, e que mostrava dar sem prometter primeiro, virando-lhe a clavina ao peito disse—alto, nem mais um passo!!! se quer dizer alguma cousa ao nosso commandante diga-a aqui, que nós todos somos de segredo.

A esta voz largou elle de prompto a redea, e desappareceu, para não sentir o desgosto de vêr o ventre furado.

(38) Contaram-me depois que tres figurões, que eu conhecia bem, tinham decidido assassinar-me lá dentro, mas que sabendo-o o coronel Ferreira, por alcunha o Trinta Diabos, dissera = não, em quanto eu fôr coronel do 8 não ha de acontecer tal, não pesará sobre mim um attentado de tamanha deshonra. Desconfiava eu d'elle como de todos os mais, e com razão, e só 11 annos depois, me certifiquei da sua probidade, honra e consciencia.

Desconfiou o guarda, e com fundamento, que elle queria aproximar-me outra vez do piquete, para que outro, com quem estivesse combinado, me picasse de traz a bêsta para ella saltar para lá da tropa, e fazerem então de mim o que não tinham feito antes por falta de decisão, ou melhor por Deus e Nossa Senhora os estorvarem.

§ 69.º—N'este instante ouviram-se tiros, que pareceu sahirem dos telhados das casas do meio do campo de Sant'Anna, que se achava entulhado de povo desde o principio ao fim.

Como o povo não sabia a que eram os tiros, mas os suppunha principio da traição, que já se esperava, e o comêço da grande catastrophe, vendo-se entre casas tão altas, com as portas todas fechadas e sem ter senão tres ou quatro sahidas para fóra da cidade, para despejarem por ellas mais de trinta mil homens, appossou-se de terror, suppondo com razão, que era alli tudo morto, e sem poderem servir-se das armas senão para matarem os seus proprios companheiros, que se achavam a seu lado, por as não poderem manejar em um tal apêrto.

Tractou pois todo o povo de se pôr fóra d'aquelle sitio com a maior velocidade, e, como estava muito apinhado, embaraçavam-se uns nos outros, e tropeçando nos do lado, cahiam ao chão, e cahidos não podiam mais levantar-se, porque parte dos outros que fugiam cahiam sobre elles, tropeçando tambem, e parte trepavam por cima do montão dos que primeiro cahiram, e que só poderam levantar-se depois de todos os de traz despejarem.

Foi porisso que a principio se viram grandes montões de corpos que se supposeram mortos, sem todavia o estarem, porque nunca constou, que n'essa occasião morresse ninguem. (39)

(39) Depois alguns que lá não estavam, porque não eram capazes para isso, e nem para nada, mas que queriam inculcar-se como corajosos, escarneciam de uma fuga tão precipitada, sem se lembrarem que se dá o mesmo a cada passo com a tropa regular, como aconteceu aos liberaes na retirada para a Galiza, que estando a comer nas proximidades do Gerez, e lembrando-se os do Villar da Veiga de ir dar-lhes uma descarga de fogo, fugiu tudo precipitadamente, deixando quanto levavam em poder dos que acabavam de lhes fazer aquella festa; e como aconteceu, segundo se diz, aos guerreiros de certa terra do Minho quando an-

§ 70.—No mesmo tempo, apossando-me dos mesmos sentimentos, apeei rapido, por me lembrar, que sendo o unico, que alli estava montado, e que, tendo em volta de mim inimigos assassinos, era infallivelmente morto. Entrei logo pela porta dentro de uma taberna proxima na bocca da rua das Aguas, e de lá subi aos telhados das trazeiras do campo de Sant'Anna, correndo por elles um grande espaço em direcção aos Congregados.

Sahiu-me então de uma janella da sala de traz um estudante, que suppuz ser trasmontano, e depois passados annos me disseram fôra um Marques da Lixa, offerecendo-me a mão, para eu passar para onde elle estava. Eu porêm não acceitei a mão d'elle com receio de que não podesse segurar-me, porque o telhado onde eu estava distava da dita janella em toda a enorme altura do telhado ao chão pelo menos uma vara, e porisso preferi atirar-me á ventura. Tive a fortuna de acertar com a mão no peitoril, e suspender n'elle todo o corpo até atravessar para a sala, onde o estudante se achava. Tendo-me no meio do barulho cahido ao chão o meu chapéo, a pistóla de cavallaria, e a capa ou gabão do Alemtejo, emprestou-me elle um chapéo de castor.

§ 71.°—Olhando depois pela janella da frente para o campo de Sant'Anna, e vendo-o despejado, mas o Cornêta das Taipas, que era mui corajoso e experimentado, a dar

---

davam em batalhona que, ouvindo chincalhar em uma noite de escuro as peas de ferro de uma besta que andava travada, pensando serem espadões da cavallaria a bater pelas pedras, fugiram espavoridos uma legoa, sem se verem mais uns aos outros nem olharem para traz.

E' de crer que n'essa occasião terrivel estivessem no campo de Sant'Anna os rapazes mencionados nas notas (33, 53 e 54), o meu camarada, já bem experimentado no fogo, e outros muitos de igual bravura, e se lá estavam, de certo fugiram, como os demais, porque mui poucos ficaram a bater fogo, e nenhum dos mencionados lá encontrei; e poderão chamar-se cobardes, ou medrosos homens, que já por muitas vezes se tinham batido com denôdo e a peito descoberto?!!

Estou bem convencido de que, os que escarnecem da fuga precipitada do povo, não estavam lá, porque se estivessem, o susto os abafaria, e eu nenhum morto lá encontrei. Porisso, se escarnecem é para se inculcar como homens de coragem para quem os não conhece, sem todavia comprehenderem a significação d'esta palavra por nunca os dominar este sentimento, que é o que ennobrece mais o homem, e o distingue dos outros, tornando-o heroe entre os demais.

fogo de traz do chafariz, e fazendo de vez em quando os competentes toques de cornêta, assim como mais alguns poucos a bater tambem fogo para o cruzeiro das Sardinhas, e o Batóca com outros poucos a bater fogo para a bocca da rua do Souto, sahi outra vez ao campo, e fui animal-os, marchando para a bocca da rua do Souto.

Como a tropa ia rompendo por todos os lados, e já se avistava ao cruzeiro das Sardinhas batendo-nos fogo de flanco, e a cortar-nos a rectaguarda, mandei que retirassem pela rua das Aguas abaixo, pela qual toda tivemos de soffrer fogo pela rectaguarda até ao Rechicho, retirando todavia a passo ordinario.

D'alli marchei eu só pelas viellas da Palha, e outras, até ao campo da Senhora a Branca. Estando então no principio do campo a tomar sentido na demora entre cada descarga da tropa, que tinha avançado pelo campo de Sant'Anna, e já se achava alli perto, para observar se teria tempo de atravessar o campo para o lado da Senhora de Guadalupe, no intervallo das descargas, acenou-me um pequenito de edade de 13 ou 14 annos, que estava do lado opposto com uma clavina antiga, e pequenina como elle, das chamadas de pé de santo, ou lisas, a dar fogo para toda a tropa, que rompia para a Senhora a Branca, para eu ir para onde elle estava. Marchei eu de carreira a elle, por assim o ter já antes destinado, e lhe disse que me acompanhasse, porque nada aproveitava com o fogo, e passado um instante era morto sem poder retirar, porque não tinha para onde.

§ 72.º—Como d'alli não podiamos retirar para S. Victor, porque tinhamos de soffrer na longa distancia até lá pela rectaguarda grandes e amiudadas descargas da tropa, marchei a retirar por baixo dos muros do adro da capella da Senhora de Guadalupe, mas não podémos romper por alli, porque, sahindo-nos o 13 de cima dos muros, tinhamos a soffrer por muito tempo tambem contínuas e grandes descargas á curta distancia de tiro de pistóla, e não era possivel escaparmos vivos.

Procurei então as portas das casas do lado de cima do campo, que na maior parte estavam fechadas, até que encontrando uma aberta subimos á sala, e descemos d'ella

para os quintaes. Logo que o 13 nos viu nos quintaes a curta distancia d'elle, começou em amiudadas descargas sobre nós. Ouvida cada descarga deitavamo-nos no chão por de traz das pequenas paredes de divisão entre cada dois quintaes, de altura de 3 a 4 palmos, marchando ligeiros depois de passadas as balas, de quintal em quintal até outra descarga, e continuando n'este gosto e divertimento até S. Victor. (40)

Chegados ao fim dos quintaes achamos as portas fechadas, e sem poder retirar, nem ladear senão com o grande perigo de voltar proximo ao 13, ao redôr do grande e mui extenso muro, julgo que da Tamanca. Começamos então a bater a uma das portas, onde infelizmente morava uma velha mouca, que, só depois de muito martelar, nos abriu a porta.

Sahindo por ella para a rua, e entrando logo pelo quintal do Prior seguimos pelos campos a descoberto até aos Piões debaixo sempre de um diluvio de balas, com que o 13 nos mimoseou acompanhando-nos pela esquerda até lá mui de perto, onde me apartei do pequenito, que nunca mais vi, nem soube d'onde era, por não haver vagar de lh'o perguntar, e indo pelo Bom Jesus pernoitar a Sobreposta. (41)

---

(40) Quando entramos em Braga, por toda a parte nos cobriam de flores, e nos davam enthusiasticos «vivas», por se persuadirem que tinhamos supplantado o governo, indo pelo menos eu bem triste pelo presentimento do que nos esperava.

E quanto não consternava vêr depois, como eu vi, á nossa retirada as mulheres a varrer á porta da rua, e por entre as balas da tropa, as flores, que pouco antes haviam deitado tão alegres?!! Perto do fim dos quintaes sahiram-nos as filhas do Lopes Leiria a dizer-nos, que nos recolhessemos para casa d'ellas, ao que eu respondi = ahi não tardam elles a procurar-nos = por saberem que eu era amigo da familia.

(41) Sendo quasi todos os que no Bom Jesus se metteram a commandar o povo reputados geralmente como homens de seita, e egoistas, que só cuidavam em subir aos empregos, sem se importarem com o bem do povo, e querendo dar cabo de mim a todo o custo, por eu não concordar com os seus sentimentos despresiveis, não admira, que a nossa entrada em Braga tivesse o desfecho, que teve, e que acabo de contar. Foi mesmo para assim acontecer, que n'esse dia não repartiram polvora senão aos da sua confiança, que não tomaram nenhumas precauções, nem deram nenhuma das providencias, que eu havia ordenado, enganando-me sempre em tudo, e arrastando o povo quasi á força para o centro da cidade.

CAPITULO VI

A Maria da Fonte e o 2.º acampamento do Bom Jesus

§ 73.º — Marchei no dia seguinte para Vieira, e logo em seguida recebi um officio d'um rapaz da Povoa de Lanhozo, dando-me parte, de que estava auctorisado pelo general Almargem, para alli formar um batalhão, declarando que me dava esta parte para meu governo.

Como eu entendi que era formar força contra força, para me debilitarem a minha por plano maçonico, respondi-lhe, que, se lá formasse tal batalhão, na minha retirada do Bom Jesus, para onde estava a marchar breve, por lá voltaria a fazer-lhe fogo, para se exercitarem melhor, accrescentando, que quando elle se houvesse de formar, seria eu o que havia de nomear-lhe os officiaes; e porisso não se chegou a formar.

§ 74.º — Poucos dias depois da catastrophe de Braga appareceu-me em Vieira um sapateiro do logar de Simães, freguezia de Fonte Arcada, visinhanças da Povoa de Lanhoso, a dizer-me, que sabia quem tinha em Braga o meu chapéo, que me havia ficado no fogo do campo de Sant'Anna (42), e que dando-lhe eu uma carta a pedil-o, elle m'o traria. Fiz a carta e entreguei-lh'a, e elle mui triste disse-me, que tivesse muita cautella, porque muitos me queriam matar, que elle tambem tinha tido muito cuidado e traba-

(42) Poucos dias depois d'aquelle acontecimento tornou-me á mão tudo o que me ficou no barulho, porque a besta que era branca, foi ter a Guimarães, de lá a Fafe, e de Fafe, m'a mandaram para Vieira, o chapéo trouxe-m'o o sapateiro de Simães, a pistola de cavallaria, conhecendo-a uma prostituta, apanhou-a no meio das balas da tropa, occultando-a debaixo da saia e m'a foi levar ao Bom Jesus, logo que lá entrei a segunda vez, e tambem recebi o gabão ou garnacho do Alemtejo, mas não me lembra como.

lho com a irmã, vendo-se obrigado a tel-a occulta, para lh'a não matarem, ou prenderem, por lhe chamarem a *Maria da Fonte,* e se achar culpada na Povoa de Lanhoso.

Perguntei-lhe o que ella tinha feito para ganhar tal nome, e me respondeu, que nada fizera, que apenas acompanhára as outras mulheres, quando foram arrombar a cadêa da Povoa, para soltar as que lá estavam presas por causa dos enterramentos, que haviam feito desde o primeiro levantamento contra a Junta da saude. Perguntei-lhe qual fôra então o motivo de lhe darem tal nome, e me respondeu, que fôra por estar com vestido vermelho na occasião do arrombamento da cadêa, e que dando porisso mais nos olhos, um dos empregados perguntára a uma pessoa como se chamava aquella do vestido vermelho, e negando-se essa a dizer-lh'o, outra pessoa lh'o dissera, e elle a pozera na cabeceira do rol das culpadas no dito arrombamento.

Perguntei-lhe se ao pé da casa tinham alguma fonte, para ser motivo de lhe chamarem *Maria da Fonte,* e elle respondeu-me que não, que lhe davam esse nome por ella ser da freguezia de Fonte Arcada, e que para abreviar lhe cortaram a palavra Arcada, pronunciando só a palavra Fonte. Pelo modo triste e assustado, e como em segredo, com que elle me contou isto, e principalmente por m'o dizer em tempo, em que ainda se não sabia de certo, se a revolução vingaria, accreditei ser esta a verdade.

Como eu a esse tempo suppunha, que o governo cahia infallivelmente, por a revolução se achar já muito estendida, animei-o, dizendo-lhe, que devia ter muita honra em que ella tivesse conseguido um nome tão distincto, e prometti ir vel-a logo que podésse, e com effeito fui adiante passados mezes, por occasião da romaria da Senhora do Porto, a qual era trigueira, de estatura mediana, robusta, desembaraçada, e nova, entre 20 e 30 annos.

§ 75.º—Disseram-me passados annos, que depois de acabada a revolução, e vingada, começara uma das doceiras de Valbô ou Val-bom tambem proximidades da Povoa de Lanhoso a inculcar-se, e a mostrar-se pelas feiras, romarias, e mais ajuntamentos, como a *Maria da Fonte,* e que,pedindo-se depois informações ao Abbade de S. Gens de Calvos, Marcos Antonio de Faria Rebello, que era o Pa-

rocho e visinho d'ella, a respeito da *Maria da Fonte*, elle as dera n'este sentido, porque nenhuma outra se inculcava como tal.

E' de crer que esta fizesse ainda mais serviços, que a dita de Simães, porque affeita a tractar do seu negocio por feiras e romarias com todo o povo tinha mais rasão para ser mais desembaraçada que ella, mas no meu entender, ainda que o nome de *Maria da Fonte* conviesse de direito á mulher de mais e maiores serviços não lhe foi dado por esse motivo. E' certo que todos os nomes e appellidos tem sua origem, e por isso parece natural, que este nome se désse, ou á que tivesse alguma fonte ao pé da sua residencia, ou que pertencesse a casa ou logar, ou freguezia, que o tivesse, convindo porisso mais á de Simães de Fonte Arcada, que a outra qualquer.

Demais, talvêz as mulheres de Vieira mostrassem mais coragem, e fizessem maiores proêzas, mas a nenhuma me consta, que se desse tal appellido, e porisso segundo o meu pensar a nenhuma convem senão á de Simães. Além d'isso é certo que as que arrancaram em Guimarães as espadas das mãos aos officiaes, e as armas e corrêas aos soldados, se foi verdade como ouvi, tinham todo o direito a serem reputadas por heroinas, pelo perigo a que se exposeram de serem mortas, no caso de os officiaes e soldados preferirem matal-as, e serem tambem mortos depois pelos homens, que as vinham a guardar de longe, a serem por ellas desarmados. E nunca ouvi que alguma d'ellas fôsse appellidada *Maria da Fonte*, e porisso parece que a nenhuma outra convém senão á irma do sapateiro de Simães, que se chamava Maria Angelina (43), pela circumstancia do vestido vermelho que a tornou saliente, e porisso a primeira na cabeceira do rol para a pronuncia de crime pelo arrombamento da cadêa.

§ 76.º—Soube eu depois, que tornara a apparecer no Bom Jesus do Monte o Bento Gomes, e o Basto do Porto,

---

(43) Informando-me ha pouco a este respeito soube que a de Simães era geralmente tida como a Maria da Fonte, ainda mesmo pelas doceiras de Valbó, sobre o que por consequencia não resta duvida; e que ella morrera ha annos em Villa Nova de Famalicão, ou visinhanças.

mandados pela commissão do fornecimento, e, supposto eu quizesse mudar de acampamento, não o fiz por não ter munições, e só lá as haver, fornecidas pelo tal Basto. Marchei pois com o povo, passados dias, para o Bom Jesus, onde o Basto, além das munições de guerra, dava aos commandantes algum dinheiro, excepto a mim.

Como este procedimento se tornava reparado disse ao Basto o rapaz de Braga chamado Marques, que se tornava escandaloso dar elle dinheiro a quem poucos serviços fazia, e não me dar nada a mim, que para alli accarretava a maior parte do povo. Perguntou-me então o Basto, se eu carecia de dinheiro, e eu lhe respondi que nenhum tinha, mas que remediava sem elle. Pegou elle então em duas moedas, ou 9$600 e deu-m'as.

§ 77.º—D'alli a dias ouvi eu os musicos que lá estavam a queixar-se de que eram maltractados, e que porisso se iam embora, e eu lhes disse, que não fôssem embora, porque eu ia dar as providencias necessarias para que fôssem tractados melhor. Com effeito eu as dei, mas pela manhã não se encontraram, por terem desapparecido de noite.

Fiquei então muito sentido por os musicos desapparecerem sem me darem satisfação, e escolhendo 40 rapazes dos mais desembaraçados e corajosos os mandei, que fôssem pelos musicos, e m'os trouxessem presos, se elles se recusassem a acompanhal-os por vontade.

Chegaram os rapazes á Feira Nova, naturalidade d'elles, ou outro sitio perto, mas em occasião da feira d'aquella terra, e começou logo o povo a perguntar-lhes se iam pelas contribuições. Responderam os rapazes que não sabiam de contribuições nenhumas, que iam com ordem do seu commandante para levarem para o acampamento do Bom Jesus os musicos d'aquella terra, que de lá tinham fugido, sem darem satisfação alguma.

Souberam então os rapazes, que estava lá um sujeito com ordem do Bento Gomes a cobrar dinheiro do povo, por contribuição forçada, e que já elle tinha tirado um cavallo a um proprietario, e dinheiro a diversos sujeitos.

Tomaram então os rapazes o expediente de prender o tal sujeito das contribuições, para m'o apresentarem, e obrigaram o dono do cavallo a vir com elle ao acampamento,

para me contar o acontecido, fazendo entregar o dinheiro cobrado aos seus donos, e trazendo a resolução de matar o sujeito das contribuições, assim como o Bento Gomes, que o mandara roubar assim descaradamente segundo lá se dizia. (44)

Vinham os rapazes mui afflictos e com razão pelo perigo, em que se viram, de se tocarem os sinos a rebate n'aquella terra, e terem elles de se baterem com todo o povo d'alli, e de Prado, que se queixava alvoroçado das enormes contribuições dos Cabraes e de se verem já obrigados a pagar outras muito maiores aos commandantes do povo.

§ 78.º—Já desde dias antes andava eu com tenção de mudar de acampamento, para me não vêr na companhia de Bento Gomes, que nada me agradava, mas logo que soube de tal acontecimento decidi-me no mesmo instante a sahir immediatamente do Bom Jesus, para o que mandei aparelhar logo as cavalgaduras.

Sabido isto pelo restante povo do acampamento, mas por alto, e vendo-me com disposições de sahir d'alli, foram alguns procurar o Bento Gomes para o matar, e outros dispunham-se para matar o das contribuições. A maior parte porém, que não sabia a causa da desordem, começou a tomar posições em attitude de fogo, já de traz das carvalhas, já de traz das paredes, voltados cada uns com as armas aperradas para os que lhes ficavam de frente sem saberem quem era o inimigo.

N'esta confusão geral a mais terrivel e a mais perigosa de todas até então, lembrei-me que estavamos todos mortos sem remedio, porque ouvindo-se um unico tiro, começava o fogo geral de uns lados para os outros matando-se os companheiros de parte a parte como inimigos sem o serem. Comecei então a pedir a todos, que ninguem disparasse a arma até que eu sahisse do acampamento, para com a minha sahida abandonarem as posições tomadas, por ser

(44) Parece que este acontecimento dos musicos, e do mais que se seguiu, foi determinado por Deus, para se dar a tempo o remedio ao mal terrivel que o Bento Gomes e o tal homem estavam fazendo para nos desaccreditar, sem nós termos a menor culpa, nem até o sabermos, se os rapazes lá não iam.

este o unico meio de dar remedio á catastrophe medonha que se esperava por instantes, matando-se os amigos uns aos outros, como se fôssem inimigos (45). E que desgraça então não seria esta?!!

§ 79.º—Sahi pois para fóra do acampamento sem se dar tiro algum, e todo o povo me seguiu sem alli ficar uma unica pessoa, d'onde conheci, que todo o povo era meu, sem eu contar com tal. Marchei do Bom Jesus para o Carvalho d'Este, e lá pernoitei com todo o povo.

Em quanto durou o alvoroço no Bom Jesus, foi parte do povo procurar tudo o que alli estava posto pelo Basto á ordem da commissão do Porto, como bacalháu, arroz, fôrmas de fazer balas, munições etc., e tudo tiraram levando parte ás costas, e parte em bêstas, quebrando o que não poderam levar.

Entre tudo isto iam tambem umas vaccas mui grandes, mui lindas, e de alto preço, e todos mui contentes, por não deixarem nada para o Bento Gomes, e por levarem as vaccas, que n'esse tempo, em que o gado era ainda mui barato, foram avaloadas em mais de trinta moedas de 4$800 cada uma, e que diziam serem do Trinta Diabos, a quem tinham sido tiradas, sem saber ainda hoje o modo como.

§ 80.º—Marchei no dia seguinte do Carvalho para o Novaínho, para de lá ir acampar nas Sete Fontes. Soube eu que as vaccas eram propriedade particular do coronel, e pelo caminho resolvi mandar-lh'as, por considerar, que o ficar com ellas era um roubo, em que não podia consentir.

Chegados pois ao Novaínho, fiz um officio ao coronel do 8 a enviar-lh'as, e juntando o povo fiz-lhe uma falla a provar-lhe, que não podiamos ficar com ellas, por ser roubo a um particular, em que eu de modo nenhum podia consentir, e para o qual ninguem podia concorrer sem obrigação de restituir, e fazendo-lhes ver, que d'ellas pouco tocava a cada um, quer fôssem repartidas em carne, quer em

(45) N'este tempo valeu o meu camarada com grande custo ao Bento Gomes, e ao das contribuições, mettendo-os debaixo da pequena mesa, ou banca em que se escrevia, e que tinha os pés cercados com chita, disendo a todos, que elles fugiram para a torre, aliás ambos eram mortos infallivelmente.

dinheiro, e li-lhes alto o officio, que tinha resolvido mandar a acompanhal-as, para que ninguem podesse arguir-me de traidor, por tractar com o commandante da força inimiga, contra o que tive sempre o maior cuidado em me prevenir, por aborrecer tal nome, e por conhecer o perigo, em que estava sempre mettido, por andar entre povo alvoroçado, e em desordem.

No officio queixava-me do mau comportamento da tropa para com o povo no dia 18, e de que os soldados ficaram com muitas armas do povo, e pedia para que elle coronel m'as mandasse.

§ 81.º—Escolhi dois rapazes desembaraçados e com a approvação geral do povo a tudo o que eu resolvêra, mandei-os para Braga com as vaccas, e com o officio para o coronel (46).

Logo que as vaccas entraram em Braga, ficou tudo admirado d'esta minha acção extraordinaria, e perigosissima, tanto a tropa como o povo da cidade, e foram acompanhadas até ao quartel do coronel nos Biscainhos, tanto pelos soldados que iam continuamente repetindo—aqui vão as vac-

(46) Foi depois, passados 11 annos, que este homem honradissimo me conseguiu o meu livramento, e a minha liberdade (vid. n.os 29 e 30), e o que fez com que eu fôsse respeitado pelo partido liberal. E como se póde explicar esta minha resolução das vaccas, a não se dever attribuir a Deus ou Nossa Senhora, que m'a inspirou, para depois ser este homem agradecido o que me havia de valer?! Estou bem convencido, que Deus me inspirou esta resolução, por conhecer o coração bondoso d'este homem singular, para me valer, e premial-o depois por isso na eternidade. E era tão singular que, fazendo eu a outros acções honrosissimas, me foram depois adversos, dando-me a paga que costumam dar os liberaes.

Estando n'uma occasião em casa d'elle o Guarda-mór da Relação do Porto, Manoel Joaquim Luiz Vieira que fôra secretario da Administração de Vieira, e começando a dizer muito mal de mim, e que me havia de matar, se me encontrasse, sem ter para isso o menor motivo, disse-lhe o general = isso não é V.ª S.ª capaz de lhe fazer = Chegue eu a encontral-o e verá V.ª Exc.ª se lh'o faço ou não = disse o Guarda-mór. Então depois de altercar em mais um pouco disse-lhe o general, desapertando a farda no peito = pois então crave aqui o punhal = A V.ª Exc.ª não o fazia eu, mas a elle o fazia se o encontrasse = disse o Guarda-mór. Conhece a lettra d'elle? perguntou o general. Conheço perfeitamente = respondeu o Guar-mór. Apresentando-lhe então uma carta minha, perguntou = será esta? = E' sem duvida = respondeu o Guarda-mór. Em quantas horas quer, que elle aqui appareça, para ver se lhe faz isso que diz? continuou o general. Pois saiba accrescen-

cas do nosso coronel, aqui vão as vaccas do nosso coronel —como por numerosissimo povo de Braga.

Vendo elle tanta tropa e tanto povo a acompanhar as vaccas, mandadas pelo commandante da força contraria, ficou penhoradissimo por esta minha acção, com que não contava, nem podia esperar de modo algum, mormente não me tendo elle feito a menor exigencia, nem pedido algum a tal respeito; e soube dar o verdadeiro valor, tanto á acção em si, como ao perigo, a que por ella me sujeitei, que não era menos que levar uma descarga geral do povo como traidor, bem semelhante á de Agostinho Freire na Egreja Nova na occasião da irrupção franceza, com que lhe terminaram os dias da vida.

Para o mostrar respondeu-me em uma carta escripta em duas folhas de papel de marca grande, enchendo oito paginas a agradecer-me, e a offerecer-se para tudo que eu quisesse d'elle. Na carta dizia, que elle não mandara atacar o povo com o fim de matar alguem, e que para isso mandara fazer as pontarias altas, e que para se conhecer com evidencia esta verdade reparassem na torre dos Terceiros, onde ve-

---

tou o general, que quem o offender a elle, me offende a mim porque sou intimo amigo d'aquelle homem honradissimo, e estou decidido a defendel-o a todo custo e de todos os modos, em toda a parte, e a fazer-lhe por mim, e pelos meus amigos o que elle queira, porque nunca tem de me esquecer a acção extraordinaria e perigosissima, que elle me fez, e que outro não era capaz de fazer-me.

Em toda a vida cumpriu este homem excepcional o que disse, fazendo-me o que não faria a ninguem, como elle mesmo me dizia, e confiando de mim segredos, que não confiava d'outrem. Tal era o conceito em que elle me tinha, e a confiança que de mim fazia, porque me reputava de sentimentos iguaes aos seus.

Indo eu procural-o em uma occasião, em que elle estava muito mal, e em perigo de vida, cheguei á Casa Pia e perguntei á sentinella se S. Exc.ª estava alli, ou na Bandeira, e ella me respondeu, que elle estava alli, mas muito mal, e que não fallava a ninguem, entretanto, que vinha ahi o camarada, e lh'o perguntasse eu, para vêr o que elle dizia.

Chegado o camarada perguntei-lhe se S. Exc.ª poderia fallar-me, e elle antes de responder perguntou-me, se era cousa de serviço o que eu queria dizer-lhe? ao que eu respondi=que não=então, disse elle, não lhe falla, nem falla a ninguem, porque está muito mal;=e com effeito estava, porque no dia seguinte foi-lhe o Santissimo

Fiquei então pensativo por um pouco, e bem triste a considerar no muito que me tinha custado ir a pé ao Porto, andar tantas legoas com bem pou-

riam, que todas as balas tinham dado do meio d'ella para cima, o que não poderia acontecer sem que elle desse tal ordem.

Dizia mais na carta que em seu poder não se achava senão um bacamarte, o qual me mandaria, se eu quizesse, e quanto ás outras armas o mesmo povo, segundo lhe disseram, as tinham atirado aos poços, e que de lá tinham sido roubadas pela gente da cidade.

Pegou depois em quatro pintos ou 1920 e deu dois a cada um dos rapazes, e lhes disse, entregando-lhes a carta, para me darem—vão para as Sete Fontes, porque o seu commandante já lá está (47), e os mandou acompanhar até Infias por um capitão (48). Este ao despedir-se dos rapazes deu a cada um d'elles mais 240 rs. e um abraço, com recommendação de m'o darem de mando d'elle (49), vindo a trazer cada um 1$200 reis.

---

cos meios, e voltar depois de tanto trabalho sem lhe fallar, e disse-lhe=pois assim mesmo quando lá fôr acima fará favor de dizer-lhe que está aqui o padre Casimiro, e deseja fallar-lhe ou ámanhã, ou depois ou quando elle possa. Ao ouvir isto o camarada riu-se e disse=a V. sei, que lhe falla, porque ainda esta noite esteve elle com a senhora a conversar a seu respeito. Entreteve-se algum tempo a conversar commigo com grande satisfação, e depois desapparaceu.

D'ahi por um instante vi descer pelas escadas abaixo uns poucos de officiaes militares, e em seguida veio tambem o camarada e disse-me, póde subir. Subi eu, e ao entrar ao quarto sahia de dentro a senhora, que comprimentando-me com muito agrado, desappareceu, e entrei eu.

Logo que elle general me avistou, e ainda antes de eu lhe dizer cousa alguma, disse elle, deitado na cama de costas=olhe que isto não se faz a ninguem =e expondo-lhe eu o muito que sentia o seu soffrimento, repetiu elle=olhe que isto não se faz a ninguem; para lhe fallar, foi-me preciso fazer sahir a secretaria inteira, que estava em serviço.

E qual outro seria capaz de tal gratidão para uma acção na apparencia tão insignificante, que nunca mais d'ella se esquecesse?!! E' porque tinha alma candida creada por Deus já de proposito, para gosar a companhia dos justos na Santa Jerusalem; mas é por isso que nunca me esqueço de pedir a Deus todos os dias pela sua alma tão agradecida e tão bemfazeja

(47) Tal era a espionagem d'elle, que o informava de tudo com a maior rapidêz, pois já então sabia o que os rapazes ainda ignoravam.

(48) E' de notar, que em vêz de os mandar acompanhar por um soldado, ou quando muito por um cabo, o fêz por um capitão, o que só se póde entender por honra a mim.

(49) D'aqui se póde colligir o alto conceito, que todos ficaram fazendo de mim.

CAPITULO VII

Acampamento das Sete Fontes

§ 82.º—Constava no Bom Jesus antes de sahirmos de lá, que o Montariola tinha em casa tropa a guardar-lh'a, e porisso varios rapazes na ida para as Sete Fontes, sem nada me dizerem, formaram em batedores perto da casa, e foram accommettel-a com resolução de atacar a tropa, que lá estivesse, marchando a ella de armas aperradas. Como não encontraram resistencia, por ser falsa a noticia, romperam á casa, e lá comeram e beberam mui contentes. Estes de certo não podiam ser reputados covardes, nem faltos de coragem!!

Em seguida fomos observar as posições d'aquelles sitios, e logo tivemos fogo com a tropa, que rompendo a nós, fugiu logo precipitadamente, porque esteve a ser surprehendida. D'ahi por diante continuou o fogo todos os dias, mas entre pequenas forças e sem resultado de parte a parte.

Fui depois aquartelar-me em Adaufe junto á egreja na casa dos Goios, que ficava nas fraldas do monte das Sete Fontes, com João Baptista Rebello Pereira, hoje casado com uma das fidalgas Bourbons Peixotos da villa de Alemquer, o qual já me tinha ajudado, dirigindo parte do povo no ataque ao castello em Guimarães, e que depois veio encontrar-se commigo no Novainho. (50)

Ajudou-me elle depois em todo o tempo da guerra no primeiro movimento popular, e figurou ultimamente no segundo movimento da legitimidade, como um dos chefes, mostrando sempre a maior coragem. Tambem me ajudou mui-

---

(50) Era então conhecido pelo padre João do Cano, por viver na rua do Cano em Guimarães.

to nas Sete Fontes um sujeito de perto de Bouro, appellidado o Gaio, igualmente mui corajoso, desembaraçado e legitimista.

§ 83.º—Quando cheguei ao Novaínho, foi ter commigo o Sampaio de Calvos, acompanhado do Basto do Porto, pedindo-me ambos, para eu me tornar a harmonisar com o Bento Gomes, expondo-me, que a nossa desharmonia produzia um effeito terrivel para a causa. Porém a nenhuma razão cedi, porque não poderam desvanecer-me as suspeitas fundadas, que eu tinha das más tenções d'elle para commigo, nem desfazer a nodoa das contribuições, ou ladroeira, como na Feira Nova chamavam, de que elle já tractava, e por isso não poderam vèncer-me.

Como o Bento Gomes se via quasi só no Bom Jesus, e soube, que alli perto pernoitou um rapaz commandante popular, tractou de o seduzir, para ir com o povo para o Bom Jesus, dizendo-lhe, que eu não tinha, que dar ao povo, nem comida, nem munições, porque a commissão do Porto nada me mandava, e com effeito o enganou, arrependendo-se elle depois, sem todavia ir para as Sete Fontes, por vergonha de ter cahido no logro.

§ 84.º—Constando-me que haviam peças de artilheria na casa da guarda na freguezia do campo do Gerez, mandei conduzil-as para as Sete Fontes, incumbindo esta diligencia a um alferes de milicias proximo de Bouro, appellidado o Cabaduços, homem de edade, grande probidade, e legitimista puro, porque o suppuz, como o mais habil para aquella empresa.

Com effeito não me enganei no conceito que fazia d'este official, porque, sendo as peças apenas tres, mui velhas, ferrujentas, por serem de ferro, que para pouco mais podiam servir do que os morteiros, de que se usa para as festas de egreja, produziu a sua acquisição um optimo resultado pela feliz lembrança d'este official.

Chegado ao campo tractou o homem de montar cada peça em seu carro separado, assim como cada carreta em outro, e os mais petrechos, que lhes pertenciam em outros em porporção, de sorte que, podendo vir tudo em um só carro formou um comboio respeitavel, como se fôsse para uma grande brigada militar.

Alem d'isto, para fazer maior barulho, metteu o povo todo d'aquella terra a fazer uma estrada nova pela antiquissima estrada da Geira, que nem signaes tinha já de estrada, por não ter servido provavelmente desde o tempo dos Romanos, por uma serra asperrima, e intransitavel, concluindo-a n'uma noite. Tal foi o enthusiasmo, que aquelle habil official soube incutir em todo o povo d'aquellas montanhas.

Espalhando-se esta noticia com a velocidade electrica, correu o povo de longas distancias a vêr este comboio imponente, e a apromptar-se todo na circumferencia de mais de dez legoas, para ir para o acampamento das Sete Fontes.

§ 85 — Chegaram-me as peças pela tarde, e ao anoitecer fui avisado por diversas pessoas da cidade de que a tropa estava a apromptar-se para m'as ir tirar.

A todas respondi, que não receava tal porque as tinha juntas ao meu quartel, e que para a tropa lá entrar, tinha a passar por uma especie de rua cercada de casas, que deixava guarnecida pelos rapazes mais atrevidos, e que ficando eu ao pé d'ellas, tinha o regimento inteiro a ficar ali morto antes de as tomar, por ter de soffrer um fogo desesperado tanto dos de dentro, como dos de fóra, e do povo dos outros acampamentos, que esperava acudisse ali, e porque já antes de as mandar vir contava eu com essa festa.

A chegada das peças produziu um grande terror no povo da cidade, chegando alguns a sahir para fóra pela lembrança de que eu ia arrazar Braga com a artilheria. Produziu tambem grande terror na tropa de sorte que um soldado do 8, que se me foi apresentar ás Sete Fontes confessou, que estando n'uma noite de sentinella em Infias, e ouvindo apeguinhar um cão, e persuadindo-se que era paisano, que vinha descalço a atacal-o, forcejara quanto podera por metter a arma á cara para lhe atirar, e não podéra, por lhe pesar mais de dez arrobas. Foi o susto que lhe tornou o braço meio paralytico.

§ 86 — Estava eu senhor das peças, mas sem saber como carregal-as, porque não tinha polvora nem balas, nem até artilheiro, que soubesse servir-se d'ellas. Entretanto tu-

do se remediou em breve, porque logo appareceu um artilheiro, que as poz em limpeza, e lhes fez esporetas d'aço, para as encravar, quando de todo em todo se não podessem defender, e lhes fez os petrechos necessarios, que lhes faltavam.

Mandei tambem á Senhora do Porto e se compraram lá seis arrobas de polvora a um polvoreiro que supponho custaram trinta e tantos mil reis, e como por encanto se formou logo um grande monte de balas de ferro de todos os calibres, já se sabe, para as carregar, que diversas pessoas me trouxeram por curiosidade sua, e que tinham em sua casa.

Subiu pois o enthusiasmo geral em todo o Minho a ponto, que, segundo me contaram as mulheres da Ribeira de Sôas, distante de Vieira um legoa, reunindo-se elegeram d'entre si uma especie de auctoridades, destinadas sómente para obrigarem á força os homens timoratos a sahir para a guerra. Por consequencia nenhum homem podia socegar em casa, e, se n'esta occasião me apparecessem os recursos necessarios, podia eu formar um grande exercito, e apresentar ás portas de Lisboa mais de cem mil combatentes, accrescentando que ellas me mandaram dizer, que, se fosse necessario, me iriam ajudar á guerra.

§ 87—Começou então a constar, que estava formada em Guimarães uma junta popular, e fui convidado pelo visconde do Arco, ou Azenha, por carta, em que me pedia, para eu ir ter uma conferencia com o Almargem, que se dizia ser o general nomeado pela tal junta. Cedi ao empenho do Azenha, e marchei para Guimarães, indo pernoitar ás Taipas.

Pela manhã fui lá visitado pelo meu condiscipulo e amigo intimo Padre Joaquim da Costa, visinho das Taipas, o qual entre outras lembranças me disse, que devia eu tomar um titulo, com que me assignasse, como outros muitos tinham feito em outras guerras d'importancia. Achei-lhe rasão, e como o meu fim unico era defender a Religião Catholica, e os interesses do povo, entendi que não podia usar de titulo melhor, nem igual ao de «Defensor das Cinco Chagas» por serem o brasão principal dos portuguezes, dado por Nosso Senhor Jesus Christo no campo d'Ourique,

e como no acampamento das Sete Fontes tinha povo não só do Minho, mas tambem de terras de Traz-os-Montes, como de Cabril e outras, comecei a assignar-me d'ahi em diante «Defensor das Cinco Chagas» e commandante geral das forças populares do Minho e Traz-os-Montes.

§ 88 — Entrei pois em Guimarães, recebido com a maior honra, e com alegria de todos. Fui á falla com o Almargem, mas ficamos destemperados um com outro, por não combinarmos nos sentimentos, que eram diametralmente oppostos, por elle ser septembrista, ou republicano, e eu legitimista. Por isso protestei nunca lhe obedecer, nem á tal junta, que reputava illegal, por nem ser eleita pelo povo, nem até pelos commandantes populares, que eram os unicos, que o podiam representar de algum modo na falta de reunião geral, e n'esta desharmonia marchei para as Sete Fontes.

§ 89.° — Passados dias depois de estar n'aquelle acampamento veio ter commigo um Padre de Prado, appellidado o Gomes acompanhado de outro, e me disse, que o povo de Prado estava mui desejoso de se bater com a tropa, e me pediu para eu o ajudar pelo lado das Sete Fontes.

Fui ao acampamento, para combinar com outros, e decidi ajudar os de Prado. Porém o Padre José das Taipas e o Marques de Braga, que se achavam então ali presentes, opposeram-se dizendo que não convinha tal, porque se andava tratando de composição, e podia isso ser causa d'ella se desmanchar. Em resultado d'estes ditos estiveram ambos a ser mortos, porque o povo começou a desconfiar d'elles, e foi preciso ir eu acompanhal-os, para os salvar.

Como commigo ninguem tractava de composição, nem eu a julgava valida sem o meu assentimento, tractei com o Padre de ajudar os de Prado, e de dar no alto das Sete Fontes um tiro de peça, para principiar o ataque. Depois de assim justos foram os dois tractar com o Bento Gomes, ao Bom Jesus e com o Monte Alverne, a Macada, para cada um d'elles ajudar do seu lado.

§ 90.° — De noite recebi uma carta assignada pelo Bento Gomes, e pelo Padre José das Taipas, em que me diziam, que por modo nenhum devia haver fogo, porque pro-

duzia uma mui grande indisposição, e desmancho para a paz de que se tractava.

Como eu nada me importava com elles, nem com a tal composição, que suppunha ser farçada maçonica entre as seitas, respondi-lhes, que os de Prado davam fogo, e que dando-o elles, eu os ajudava, porque assim o tinha tractado, e que nada me importava com tal composição (51).

Seria meia noite recebi outra carta d'elles, em que me diziam, que não cahisse eu em dar fogo, porque elles decididamente o não davam. Repeti-lhes em resposta, que dando-o os de Prado, eu infallivelmente os ajudava, porque não queria de sorte alguma faltar á minha palavra, e que em tal caso elles deviam tambem ajudal-os, aliás que eu os declarava ao povo como falsos, e traidores, e que a sua morte seria certa.

Como viram que eu a nada cedia, tractaram de enganar os de Prado com proclamações, que espalharam de noite, em que diziam, que estava a causa vencida, e a paz feita, e que elles dando fogo tractavam de desmanchar o que tinha custado muito a contractar, e que depois se não poderia tornar mais a conseguir. Convenceram-se os de Prado d'esta mentira, como se fosse verdade, e abandonaram de noite mesmo o seu acampamento, sem eu o saber, deixando apenas uma guarda á ponte.

§ 91.º—No dia seguinte depois de ouvir missa com o povo, porque era dia santificado, e depois de comer alguma cousa, para satisfazer ao que justára, marchei para o alto das Sete Fontes, para principiar o ataque. Mas como nos tinhamos demorado n'aquelle acampamento já bastantes dias, e se não contava com ataque tão proximo, foram muitos a casa com licença, e tinha eu por isso pouco povo n'aquella occasião.

Receoso portanto de não poder defender as peças, mandei retirar duas á reta-guarda para lá da Ponte do Porto, e marchei para o alto com a mais fraca, para dar o signal promettido, e só com a polvora necessaria. O conductor e repartidor da polvora era então Antonio Manoel de Ran-

(51) Era com effeito a maçonaria a trabalhar e o diabo a empecer em todos os cantos.

dufinho, legitimista puro, e bastante habil, esperto e corajoso, o qual como viu, que o povo era pouco, e receou, que ficassemos mal, occultou a polvora, que pôde, para se não perder, e servir depois quando fosse necessaria.

Chegados ao alto das Sete Fontes appareceram ali alguns rapazes de Prado, e depois de saberem para o que nós iamos, disseram, que iamos enganados ,porque ninguem estava no acampamento de Prado, e nós contaram o acontecido de noite.

Mandei logo retirar a peça e o povo para não sermos apanhados. Porém um influente do povo queria a todo o custo, que a peça trabalhasse, e eu disse-lhe então ao ouvido «como quer que a peça trabalhe, se não ha polvora, para a carregar?» e então consentiu elle em que ella se retirasse.

Não pude todavia convencer o povo a que não désse fogo, e romperam a atacar a tropa, mas eu que suppunha mau resultado, disse, que não ficava responsavel por tal loucura de dar ataque sem a gente precisa, e por isso sem esperança nenhuma de bom resultado, e me retirei para o quartel.

§ 92.º — D'ahi por um pouco chegou um paizano com dois buracos de bala na barriga d'uma perna, dedindo soccorro, e dizendo que não tardava outro com um buraco em uma virilha. Mandei retirar um em uma das duas minhas cavalgaduras, e outro em outra.

Em seguida appareceu um malvado ás portas do quartel, provavelmente comprado pelos inimigos e ladrão, a pedir polvora em voz alta, e a dar-me a voz de falso, com muitos homens ao lado, todos com as armas aperradas, e semblante carregado.

Como eu desde muitos annos antes sabia o perigo, que corria o que andasse entre povo alvoroçado, vendo aquella gente em tal attitude, assentei que estavam todos revoltados contra mim, e então com a maior tranquillidade, porque me não remordia a consciencia, peguei na polvora, que tinha, e que n'aquella occasião pouca era por a ter mandado retirar e a atirei da sacada abaixo, e com ella marchou o tal amotinador.

Estava porém presente no meio dos demais o dito An-

tonio Manoel de Randufinho a observar e vigiar o tal ladrão, e logo a poucos passos apontando-lhe a arma ao peito lhe fez largar toda a polvora, porque conheceu que era ladrão, e estava com todos os outros de observação, e com as armas aperradas para o matarem se elle tentasse offender-me, mas sem eu saber de tal resolução, e até suppondo-os todos inimigos.

Suppunha eu que todo o povo estava convencido de que não concorri de modo algum, para se dar aquelle ataque asnatico, e sem esperanças fundadas do menor proveito, mas receando, que continuassem os feridos, ou mortos, ou que apparecesse outro a pedir polvora, retirei-me para um alto perto acima do quartel a observar o fogo, que durou até á noite.

§ 93.º — Puz eu no dia seguinte um ataque para d'ahi a oito dias, e passei ordens para muito longe para se reunir o povo para elle, o que se publicou logo. Sabido isto em Guimarães escreveu-me de novo o Azenha, elogiando-me muito, e dizendo, que eu tinha ganho uma corôa de louro, e que era considerado como o maior heroe de Portugal d'aquelle tempo, mas que estava a perder tudo o que tinha ganho, e a perder a causa com a minha teima, porque estava feita a composição, e eu a desmanchava, e que porísso me pedia que eu desistisse.

Marchei então para Guimarães com uma guarda de 20 rapazes, mas como em todos os pontos se iam reunindo outros de novo, e mettendo á forma, sem os convidar entrei lá com uma guarda forte, e me dirigi ao Arco para casa do Visconde. Logo que entrei em Guimarães começaram os repiques de sinos em todas as torres com «vivas» e fogo do ar, queimado por dois fogueteiros, em todo o transito até ao Arco.

Depois de tomar alguma cousa disse-me o Visconde, que era bom que fossemos ao Almargem, e para lá marchamos, mas eu sem a menor vontade, levando-me elle pelo braço debaixo de foguetes, «vivas» e flores.

Feitos os comprimentos fallamos sobre a composição, e disse eu, que não entendia como se podesse fazer tal composição, e como ella fosse valida, e segura, sem que para ella combinassem com os chefes populares, porque sendo

eu o principal, ninguem me tinha fallado em tal cousa, e que eu pela minha parte não dava por ella, sem que a tropa fosse desarmada, e feita outra com officiaes sahidos do povo, ou approvados por elle.

Com isto ficamos desmanchados, depois de puxarmos muito um pelo outro, a ponto de quererem muitos dos que me acompanharam, desfechar com o Almargem, quando elle se approximou a uma vidraça da sala.

§ 94.° — Marchamos a ficar ao Arco essa noite, e pela manhã apresentaram-me uma proclamação, que tinham feito, a ver se eu a achava conforme. Disse eu que a não achava nada conforme com o sentimento do povo, e que lhe descobria um defeito muito maior ainda que os outros, e era o de não darem «vivas» á Religião.

A isto retorquiram elles, que não era preciso porque isso se entendia. «Pois então, repliquei eu, tambem não é preciso dar «vivas» á Rainha, porque isso se entende, e risquem-nos.» Estava o Basto presente, e tractou logo de mandar imprimir outras, em que poseram os »vivas» á Religião, mas não emendaram o que era contrario aos sentimentos do povo, porque lhes não convinha.

Voltei pela manhã ao Almargem, ateimando sempre sobre o desarmamento da tropa, mudança do systema para o antigo, que tinha feito a felicidade da nação por tantos seculos, e mudança de officiaes e auctoridades, á vontade e escolha do povo. Mas elle que de modo nenhum queria tal, disse, que d'essa maneira trabalhavamos contra a Rainha, e que chamavamos sobre nós a França, e a Inglaterra, e que ficavamos perdidos.

A isto retorqui eu, que tanto trabalhavamos contra a Rainha desarmando a tropa, e mudando de auctoridades, e até de systema, como obrigando-a a mudar de ministerio, e a acceitar as auctoridades, que lhe queriam impôr, porque tudo isso era contra a vontade d'ella, e que as nações de fóra nada tinham com os nossos negocios internos, aliás, que seriam ellas, as que nos governavam, e não nós a nós proprios, deixando por isso de ser independentes, e que lhes não tivesse medo, como eu tambem lh'o não tinha.

Accrescentei então desesperado, por estar convencido de que o melhoramento consistia só em mudar d'uma seita

para outra «pois agora é que vae correr sangue, porque nem eu, nem o povo, queremos saber de tal composição, e ou havemos de morrer todos, ou dar cabo da tropa, e da chusma de ladrões que nos roubam; andam todos com panos quentes, mas é só para enganar o povo, e atraiçoar-nos,» e me ausentei.

§ 95.º—Encontrei no caminho o Visconde, e lhe disse: «Senhor, por causa e a chamamento de V. Exc.ª vim hontem a Guimarães, e porque V. Ex.ª me pediu fui ao Almargem, persuadido de que elle queria, como eu o bem da nação e a felicidade do povo, mas enganei-me, os portuguezes honrados são hoje rarissimos. Mas agora é que vae principiar a guerra, e mostrar-se ao mundo inteiro, que se ha portuguezes, que se venderam e renegaram a patria, tambem os ha fieis a ella, e que não vendem a honra pelo sordido interesse». Como o Visconde me viu tão encolorisado disse-me «vá para o Arco, que eu vou fallar com o Almargem» e com effeito foi, ou fingiu que foi, mas voltando disse que nada conseguira, e eu, montando a cavallo, marchei para as Sete Fontes.

Chegando á Falperra justei com o Padre José das Taipas, e com o Marques, que alli estavam com o povo, de nem elles sahirem da Falperra, nem eu sahir das Sete Fontes, e marchei para o meu acampamento.

N'essa tarde entrou o Almargem em Braga, e supponho que tomou logo o commando da tropa, mas todo o povo de Guimarães ficou a dizer muito mal d'elle, por não concordar commigo.

§ 96.º—Como eu tinha posto o dia do ataque, já o povo de mais de dez legoas de distancia se estava movendo, para marchar para as Sete Fontes, para chegar a tempo.

Logo que o Almargem entrou em Braga, todos os commandantes populares da volta de cidade deixaram os acampamentos, e entraram tambem, menos eu, que bem conhecia, que era uma farça, e combinação das seitas, para ficar tudo como até ali, com a mudança apenas de pessoas.

Dias antes tinha-me escripto o Francisco Lopes de Azevedo, que fôra então nomeado Governador Civil, assim como o coronel do 8, para eu desistir da teima, e igualmente o Basto ameaçando-me até com ataque pelas forças

populares, quando eu não cedesse; do que eu nenhum caso fiz.

Ultimamente mandou-me ás Sete Fontes o Francisco Lopes de Azevedo, por via do filho do Lopes Leiria da rua da Regua, de quem eu era amigo, offerecer-me tudo o que eu quizesse, que tudo me dariam, para que eu desistisse. Como porém o Lopes Leiria sabia o meu genio, incumbiu este offerecimento a outro meu visinho, que alli comia commigo, o qual á meza me expoz o que lhe pediram, para elle me dizer. Ouvi-o com attenção, e no fim disse-lhe «que sabia que elle era innocente, e de boa fé, mas que nunca mais me tornasse a fallar em tal.

§ 97.º—Demorei-me nas Sete Fontes mais alguns dias, mas, como tinha n'aquella occasião mui pouca gente, por estar quasi todo o povo de licença, e receando porisso ser surprehendido, escrevi uma carta ao povo de Prado, pedindo-lhe para que viesse algum para o meu acampamento, mas recommendando, que fôsse a carta entregue ao povo, e não ao commandante, porque desconfiava de todos. Infelizmente cahiu a carta nas mãos de um commandante alcunhado o *realista,* e elle me respondeu, o que eu já esperava, que, sem ordem do snr. Monte Alverne não dispunha de povo algum. Eis como estava já tudo minado pelas seitas malditas, para enganarem o povo, como com effeito enganaram.

Demorei-me assim mesmo depois mais um pouco n'este acampamento, mas entrando a pensar em que, tendo cedido todos os commandantes populares, e que tendo eu n'aquella occasião mui pouco povo, podia acontecer algum desastre, e que illudido o povo pela enorme chusma de traidores, m'o podia imputar, por eu não ter cedido como os outros, estando muitos convencidos, de que a paz estava realmente feita, resolvi então sahir das Sete Fontes, por estar muito perto da tropa.

§ 98.º Passei nas Sete Fontes dias amargurados, porque tendo-me visto sempre sem dinheiro, sem munições, sem uma unica pessoa de intelligencia, com quem resolvesse o necessario, e até sem um secretarío, que soubesse redigir em ordem um officio, e vendo-me incessantemente em continuos trabalhos sem poder descançar nem de dia nem de

noite, desde que me envolvi na guerra, estava já quasi defecado de forças. Cercado pois constantemente de tantos trabalhos, mortificações, difficuldades, privações e perigos, não podia continuar n'aquelle logar, porque era remar contra a maré, e sem esperança de resultado feliz.

Em todo o tempo, que estive nas Sete Fontes, correspondi-me sempre com o coronel do 8, e pouco antes de sahir de lá recebi a ultima carta d'elle, em que me dizia «que me acautelasse, porque entre os meus havia gente comprada para me matar, que elle estava prompto para me fazer o que eu quizesse, e que quando me não julgasse seguro em outra parte, tinha a sua casa á minha disposição, onde seria tractado, como pessoa de familia.» Para me não tornar suspeito de traição tive sempre o cuidado de lêr ao povo tanto as cartas que mandava como as que recebia.

Porém, como desconfiava de todos, nunca lhe pedi nada, nem lhe tornei a escrever senão passados sete annos, em 1853, mas nem ainda então confiava n'elle, e só onze annos depois da guerra, em 1857, é que eu conheci a honra, gratidão, e sã consciencia d'aquelle homem extraordinario. Por não contar sobreviver á guerra, nem escrever o que então occorreu, não guardei a correspondencia das Sete Fontes entre mim e o coronel.

Como, desde que me achei envolvido na guerra, nunca mais tive socego, tambem nunca pude dar começo ao meu plano de arranjar dinheiro por via da subscripção voluntaria, a que tinha convencido o povo, nem á formação de batalhões, para o que tambem o tinha disposto (§ 34 e 35). Foi porisso, que me achei desprovido de tudo, e foi tambem esta uma das causas, que me moveu a sahir mais depressa das Sete Fontes.

CAPITULO VIII

Retirada das Sete Fontes e ataque ao 13, em Basto.

§ 99 — Marchei pois para Vieira, coberto em todo o transito de flores, e «vivas», musicas e foguetes, festejado com canticos populares, e acclamado como o Salvador de Portugal, á semelhança de David no meio das canções das moças d'Israel na volta de matar o gigante philisteu, o opprobio e terror do seu povo israelita. Mas com que tristeza não ouvia eu aquellas demonstrações enthusiasticas, lembrando-me da illusão em que o povo estava, a respeito do governo (52), que eu previa continuar como d'antes, senão peior, mudadas apenas as pessoas, conservando todavia os mesmos sentimentos, e as mesmas inclinações!!! E como poderia eu alegrar-me, se presentia para mui breve o futuro horrivel que me esperava, sem vêr meios de o desviar de mim?!! (53).

No caminho ao retirar-me das Sete Fontes ia diante de mim um velhinho de estatura ordinaria, de edade de oitenta annos ou mais, de vestido limpo e bengala na mão. Ao passarmos por elle começaram os rapazes, que o conhe-

(52) Apenas lucrou o povo evitar a perseguição terrivel, que tinham a soffrer dos Cabraes os declarados como cabeças de motim, e o demorarem-se por algum tempo as contribuições pesadissimas, que agora o sobrecarregam, e que já desde então tinha de supportar sem remedio algum.

(53) Era na verdade bem afflictiva a minha situação, porque, se concordava com os que subiam, ou com os que desciam, seguia-se-me a infamia, e crueis remorsos, que me atormentariam até á morte, e me abreviariam a vida, e se conservava a minha posição, como fiz, seguia-se-me infallivelmente, como se me seguiu, e eu já o previa, a perda da liberdade, e o tormento de privações sem conta. Mas felizmente ajudou-me Deus a soffrer tudo com paciencia e resignação, sem me sobrevir em tempo algum um unico instante de arrependimento do passado.

ciam, a dizer-me mui contentes em voz alta de modo que elle ouvisse, que aquelle era o senhor João Monteiro, da casa do Rego, freguezia de Geraz, concelho da Povoa de Lanhoso, que apparecia em todos os ataques na frente do povo a observar de luneta como o fogo corria etc.

E' de saber, que eu tractava a todos geralmente com bom modo, mas como pelas informações dos rapazes, e pelo seu semblante conheci, que elle era de sentimentos nobres, comprimentei-o com mais agrado, e depois de conversar com elle um pouco, continuei a jornada até ao Pinheiro, onde descansei na estalagem.

Passado pouco tempo appareceu-me alli o tal homem a offerecer-me a sua casa para lá ficar. Como o reputei como amigo, e dos mesmos meus sentimentos, acceitei o seu convite, e lá fui ficar até ao dia seguinte. N'este tempo pergun-tei-lhe porque razão ia elle assistir aos ataques, onde tanto arriscava a vida, e elle me respondeu «fui militar, e gosto de observar como estes negocios correm.» Era elle o proprietario de uma casa grande de Geraz, distante de Braga legoa e meia.

§ 100.°—Chegado a Vieira tractei de recuperar a saude perdida, mas com mui grande difficuldade, por causa do extraordinario fastio, que tinha á comida, que me durou mais d'um mez. Tractei tambem de me fornecer de munições, porque suppunha, que me haviam de vir a ser mui necessarias, como com effeito depois foram (54).

Passados dias recebi a noticia, de que se achavam em Monte Alegre 300 soldados de infanteria, e 40 de cavallaria, com direcção para Vieira. Mandei logo juntar o povo, e o reparti em quatro divisões, postando uma em Salamonde, outra no Penêdo, uma legoa á rectaguarda, para reforço no caso de desastre, outra na serra d'Anissó, uma legoa tambem distante, para accudir aonde se ouvisse fogo, por não saber se a tropa viria por Ruivães, se por Rossas, e marchei eu com a divisão do povo de Vieira direito a Ruivães, porque, depois de melhor informado, conclui, que a

---

(54) Duas das minhas manas foram as que me fizeram sempre a maior parte dos cartuchos, e dos massos; e até ficavam sempre com clavinas carregadas junto á cama para darem fogo, no caso de eu ser atacado.

tropa vinha a Ruivães, e então mandei avançar os d'Anissó, de reforço para a serra de Cantelães, á minha rectaguarda pouco distante de Ruivães, e de Salamonde. Tentava envolvel-a pela frente e flanco, mas ella não veio a Ruivães, e eu então retirei para Vieira.

§ 101.º—Recebi então um officio de Tras-os-Montes do padre Antonio das Quintas, em que se me dizia «aqui se fez hoje a acclamação do Senhor Dom Miguel 1.º com todo o socego. Houve *Te-Deum*, etc. Portanto se ahi ainda não estiver feita faça-a já.» Como eu receava metter-me em tal sem dinheiro e sem munições, e como via que isto era intempestivo, respondí, que por ora não podia fazer a acclamação, mas que se fôssem defendendo como podessem, e que eu estorvaria a tropa de marchar para cima, para os bater.

Como tinha vindo muito mal das Sete Fontes, e julguei, que me aproveitaria uma sangria, tractei de me sangrar. Poucos dias depois recebi de Braga uma carta, em que se me dizia, que o 13 sahira de Braga alta noite por Guimarães e Fafe com direcção a Chaves, e passados poucos momentos outra do padre José das Taipas, em que me dizia, que passava alli o 13, que lhe sahisse eu pela frente, e elle sahiria pela rectaguarda (55).

Já havia muito tempo, que o 13 queria marchar para Chaves, mas não o tinha feito com receio de se encontrar commigo, e depois o fez, por saber, que eu estava sangrado e de cama, e porisso inhabilitado para o perseguir. Sahiu elle tanto em segredo, que levando 20 cavallarias não foram sentidos nas ruas, que eram calçadas de pedra, provavelmente por atarem panos nas patas dos cavallos.

§ 102.º—Recebidas as partes ambas ao pôr do sol, mandei logo tocar os sinos a rebate, para se reunir o povo, segundo o costume, e com effeito se começou logo a reunir. Porém, tendo cahido todo o dia chuva miuda, começou perto da noite, quando estavamos para marchar, a cahir grossa, e em mui grande quantidade, pelo que dei ordem, que

(55) Depois não cumpriu o que prometteu, sem ninguem nada lhe pedir nem deu rumor de si.

se recolhessem a suas casas, e apparecessem de madrugada, e tudo se retirou.

Passado porém pouco tempo depois de anoitecer começou ella a diminuir, até que acabou de todo. Entrei então a lembrar-me, que, sahindo de manhã, não chegaria a tempo de lhe cortar a frente, e estorvar-lhe a marcha, e porisso sahi logo acompanhado apenas por 10 rapazes, deixando em casa o meu camarada a encaixotar uma carga de polvora, para me seguir com ella.

Marchei pois por um escuro fechado até Rossas, distante uma legoa, de lá até á Lagôa, distante outra, e de lá até Moreira de Rei, distante mais outra, aonde cheguei na madrugada. De lá mandei tres homens meus com tres de Moreira em descoberta até Fafe, distante mais outra legoa, com recommendação de entrar um d'elles em Fafe, e observar a direcção que o 13 tomava. D'ahi a pouco, receando que aquella força fôsse surprehendida, mandei outra igual com a mesma recommendação, e encostei-me vestido em cima de uma caixa a descançar um pouco.

Ao amanhecer voltaram ambas as forças, dizendo que o 13 já tinha sahido, e m'o mostraram na encosta fronteira, em distancia de meia legoa com direcção a Basto, e eu segui com ambas ellas pela esquerda com direcção a Barjacova, á Raposeira, Ponte de Pé e Ponte de Mondim, para lhe tomar a frente.

§ 103,°—Ao chegarmos a Barjacova, distante de Moreira julgo que uma legoa, chegou lá ao mesmo tempo o meu camarada com a carga da polvora, descendo a direito da Lagôa para alli, tendo sahido de Vieira poucas horas atraz de nós.

Depois de se comer alli alguma cousa, marchei eu na dita direcção, levando commigo 30 homens dos que trouxera de Vieira, e juntara em Moreira, e em Barjacova, e com esta pequena força atravessei a Raposeira, e Ponte de Pé, notando no povo de Basto uma grande frieza, e até pareceu que aborrecimento da minha entrada, tudo ás avessas das outras terras, onde era recebido sempre com enthusiasticos «vivas», mostrando todos os d'aquella terra uma tristeza sepulchral, e porisso que estavam mui contentes com a liberdade liberal ou despotismo feroz. Isto fez-me descon-

fiar, de que estava alli em muito má posição, e em risco de ser batido pela tropa, e pelo povo da terra, que dava mostras de ser todo maçonico.

Ao chegar á Raposeira apresentou-se-me um sujeito, dizendo, que era o commandante popular n'aquella terra, e porisso se me vinha offerecer para o que eu lhe ordenasse, e eu lhe mandei, que fôsse ás barcas de Mondim, e as passasse para lá do Tamega para a tropa não poder atravessar n'ellas o rio, e que juntasse o povo que podesse, e sahisse com elle para o ponto, que eu fôsse tomar; e elle marchou immediatamente.

§ 104.º—Ao passar na Raposeira observei logo signaes que julguei desfavoraveis, e me pozeram na maior desconfiança do povo d'alli, a ponto de que, suppondo algum desastre, resolvi não retirar pelo mesmo caminho para Vieira, por recear fogo d'aquella boa gente na retirada.

Passada a Raposeira soube com certeza que os liberaes d'alli ficaram dizendo—o padre está preso, o padre está morto, o padre não torna a Vieira. Que consoladoras noticias para quem conhecia a posição arriscadissima, em que se via!!! E com effeito assim o deviam suppor vendo-me no centro de Basto só com 30 homens e uma carga de polvora, e vendo no Arco a pequena distancia o 13 composto de 170 soldados de infanteria com 20 de cavallaria para me bater, fóra o povo da terra, que elles andavam angariando para me embaraçar a retirada.

Tudo isto eu conhecia bem, e porisso já tencionava ladear á esquerda pelas montanhas fóra a Tuninha, a Salto, a Ruivães, e de lá a Vieira, no caso de escapar d'aquelle apêrto.

Todavia fui marchando á ventura com tenção de não retirar sem ser atacado, e despejar a carga de polvora, por ter vergonha de o fazer, sabendo todos, que ia com tenção de bater a tropa, pois preferia ser lá morto a dar signaes de cobardia. Sahi pois da estrada e fui ter a Boadélla, povoação proxima á Ponte de Cavêz, e ao Arco onde estava o 13.

§ 105.º—Chegado alli apresentou-se-me logo um rapaz habil, e bem vestido, a perguntar-me de mando do administrador do concelho o que eu queria d'aquella terra? Respondi-lhe eu—quero as armas dos soldados, que estão no

Arco; com os officiaes não me embaraço, e até os mandarei acompanhar, sendo preciso, mas quanto ás armas hei de ficar com ellas (56). Marchou o rapaz com esta resposta, e, sabida ella pela tropa, apeou logo a cavallaria, que já estava montada em ordem de marcha, e se recolheu tudo de novo.

Convidou-me alli um morgado, para eu ir descançar e comer a casa d'elle, e eu me aproveitei do offerecimento, por não ter comido quasi nada havia mais de 24 horas, e ter andado a pé quasi toda a noite, e todo o dia até á tarde d'aquelle, supposto nenhuma appetencia tivesse á comida por fatigado que estava, e ainda mais pela posição critica, em que me considerava. E não era de admirar, estando de fastio, sangrado de pouco, e depois de palmilhadas tantas legoas a pé.

§ 106.°—Passado um instante chega o commandante que se me apresentára na raposeira, e perguntando-lhe se tinha passado as barcas para o lado de lá do rio, respondeu-me —não fui passal-as, nem mandei, estamos perdidos—Perdidos porque? repliquei eu—Não tardam os de Basto a darnos fogo—accrescentou elle; andam todos a avisar o povo contra nós, já foram dizer á tropa, que só passaram 30 homens, que estão bem contados e recontados pelo caminho, e por isso não tardam aqui (57).

Comecei então a desconfiar, que elle fosse espião, porque o via pela primeira vez, sem ter tido antes noticia d'elle, e por me persuadir, que elle exaggerava o perigo para me atterrar, e sondar-me, porisso perguntei-lhe «então o povo de Basto não quer o que eu quero?!» Quer, quer, respondeu elle, excepto os que eram empregados, e por ahi mais alguns fidalgotes, mas levantaram que V. vem dar «vivas» a D. Miguel, e perder a terra, e andam juntando po-

---

(56) Se dissesse o que sentia deveria responder, que queria retirar, mas que não sabia por onde em taes circumstancias. E o acaso, como se pintava, não era para menos, a não haver desmancho nas faculdades mentaes.

(57) Eram os mensageiros de Job a dar-lhe umas apoz outras as alegres noticias de que tinham rompido os Sabeos e levaram os bois e jumentas de seu filho, e passaram os creados á espada, e que os Caldeos lhe levaram os camêllos, e tambem passaram à espada os creados (c. 1. v. 14 a 19), e mais algumas no mesmo gosto, que o prostraram consternado.

vo para nos bater, e bem sabe, que a força do 13 anda por perto de 200 soldados. «A isto repliquei eu, sem lhe affirmar nem negar que ia dar «vivas» a D. Miguel» se os empregados, e esses fidalgotes de Basto, vislumbrassem sequer a catastrophe terrivel, que os espera, por certo que, nem sonhando, se lembrariam de tal. Tenho aqui, é verdade, só 30 homens, mas são 30 espeques, que ninguem será capaz de os arrancar, ou fazer mover, do posto, em que eu os colloque.

Tenho aqui uma carga de polvora, e nem a tropa, nem o povo de Basto, será capaz de nos fazer retirar sem primeiro a queimarmos toda. E' possivel, que eu seja morto n'esta terra, porque as balas não escolhem em quem se empreguem, mas saiba os povo de Bastos, que, se eu aqui for morto, não se saberá para o futuro onde existiram as casas d'esta gente, porque a minha morte será vingada pelo povo do Minho e Traz-os-Montes, e não ficará aqui pedra sobre pedra, porque virá todo furioso reduzil-as a um montão de ruinas. Isto porém é no caso de virem antes d'uma hora, porque, passada ella, fugirão legoas d'estes sitios. «Disse elle então» veja no que se finta!! E eu repliquei «espere um pouco».

§ 107.º—Estava a comida prompta; mas eu em afflicção, sem poder comer um bocado, por não ter esperança nenhuma de soccorro a tempo (58). Eis que chega no mesmo instante um rapaz a dar-me a noticia de que chegára alli n'aquelle momento o Batóca, meu visinho de Vieira com cento e tantos homens. Varreu-se-me então toda a afflicção, porque já me achava com força sufficiente, commandada por mim, para bater a tropa e todo o povo de Basto, e, voltando-me dara o tal commandante popular, disse-lhe «es-

(58) E como podia eu esperar soccorro a tempo, tendo andado de noite tres legoas com direcção a Fafe, marchando para o Sul, e mudando de dia de direcção para Barjacova e Rapozeira, marchando para o Nascente, e de lá mudando de direcção para a Ponte de Cavez, marchando para o Sul, e sempre ligeiro, estando a esse tempo distante de Vieira tantas legoas, sem o povo ter podido saber a estrada que eu seguira, nem o logar onde me achava n'aquella occasião?!! E como podia o povo chegar a tempo, ignorando tudo isto e sahindo de Vieira ao mesmo tempo, que eu de Moreira?!! Só Deus ou Nossa Senhora podiam valer-me em tal angustia : mas como contar com um tal milagre?!!

pere mais um pouco» e pondo-me á mesa comi com satisfação.

Depois de comer disse o tal commandante «será bom irmos para aquelle alto, para tomarmos a Ponte de Cavêz, e embaraçar a passagem ao 13» e eu, achando isso acertado, dispuz-me a marchar para lá.

N'este tempo chegou outro rapaz a dizer-me «está acolá n'aquella volta de caminho a passar povo junto ha muito tempo. Puz-me a observal-o, e logo me lembrei, que era povo meu, porque não conhecia nenhum outro em todo o reino, que em tão pouco tempo fosse capaz de juntar tanta gente.

Mandei reconhecel-o, e pouco depois chegou, e cobriu toda a montanha proxima á Ponte de Cavez, assim como proxima e fronteira ao Arco, onde se achava o 13.

§ 108.º — Dias antes tinha-se-me ido apresentar a Vieira em diversas partidas grande parte d'uma divisão hespanhola, que retirava da Galliza, por ter ficado mal n'uma revolta, que lá fizera, havia pouco, e se me veio offerecer ao meu serviço. Porem de toda ella não acceitei senão dois musicos dizendo aos mais, que os não acceitava com receio de que isso servisse de pretexto ao Governo hespanhol, a pedido do de cá, para fazer entrar em Portugal algum exercito contra nós; e de certo assim aconteceria, porque depois veio o Concha com elle por mais pequeno motivo.

Conservei então os dois hespanhoes, que me serviam de guarda, e nunca vi homens mais corajosos e atrevidos para o fogo, tanto por serem animosos, como por quererem fazer-me serviços, em signal de reconhecimento por os ter commigo, e os tractar, como pessoas de familia.

Acompanharam-me elles n'esta empreza de Basto; e por sua curiosidade foram com dois portuguezes tão corajosos como elles, observar a tropa ao Arco, e quando eu estava já no alto, proximo á Ponte de Cavez, vieram todos quatro informar-me do que descobriram, pedindo polvora para tornarem como fizeram todos quatro, depois de eu lh'a dar, marchando para as barcas de Mondim.

§ 109 — N'esta occasião avistei a montanha fronteira do lado de lá do Arco ao Poente a distancia de meia legoa ou tres quartos, toda coberta de povo; e conclui ser povo

meu: mas por cautela mandei reconhecel-o, ordenando-lhe, que descesse sobre o Arco, para atacar a tropa pelo lado do Poente, atacando nós pelo Nascente, estando ella estorvada, como estava, de retirar pelo Sul, por falta das barcas, em que atravessasse o rio (59).

Reparti então um cunhête de polvora aos que a não tinham, postei uma força no alto, para proteger a retirada no caso de revéz, e marchei com o resto do povo direito á Ponte do Arco, para principiar o fogo.

A este tempo ouvi uma descarga de 4 tiros para o lado das barcas, e em seguida um grande alarido de gritos de mulheres. Foi, que ao chegarem ás barcas os 4 rapazes hespanhoes e portuguezes, vendo toda a tropa formada do lado opposto do rio, a distancia só da largura d'elle, e a peito descoberto, bateram a descarga, tocando elles mesmos em seguida os dois cornetins a avançar, e a fogo.

Tendo a tropa, assim como as mulheres e amigas dos soldados, visto a porção enormissima de povo, que cobria as duas montanhas oppostas ao Nascente e ao Poente do Arco, e observando a coragem extraordinaria d'aquelles 4 rapazes, que pertenciam ao mesmo, e suppunham ser todos da mesma bravura, julgou-se tudo morto sem remedio.

Começaram pois as mulheres a gritar ás altas, que estavam desgraçadas, e que estavam todas mortas, e os soldados em confusão, e cheios de terror a dizer, amotinados contra os commandantes, que estavam mortos, que se me queriam ir entregar, e a quebrar as barretinas contra as pedras, custando muito aos officiaes a contel-os e socegal-os (60), e se retiraram para o Arco, trazendo nós com aquella

(59) E' bom para notar, que aquella divisão de povo, que vinha das terras do Poente, marchasse com direcção ao Arco, e não seguisse as minhas pizadas pelo lado do Norte, por onde eu tinha marchado. Quem lhes foi dizer, sem haver telegrapho nem outro conductor veloz de noticias, que deviam marchar a direito ao Arco para chegar a tempo de me valerem no aperto extremo, em que eu me achava?!! Pela minha parte, a não ser por inspiração de Deus, confesso que nunca pude explicar este acontecimento tão notavel de cada divisão de povo de terras distantes legoas dos logares das outras divisões marchar direita ao Arco, como centro do circulo com tamanha brevidade sem poderem saber de modo nenhum, que o 13 se achava alli, e não em outro ponto, e chegarem todas ao mesmo tempo.

(60) Diziam elles, segundo depois me contaram — Disseram-nos, que o

descarga 8 barretinas para Vieira, das que os soldados quebraram nos penedos (61).

§ 110.º—Em seguida anoiteceu, e não se pôde dar o ataque. Tractamos depois de comer, e de nos aquartelarmos pelos lavradores de fóra do Arco, para dormirmos. Passado pouco veio um rapaz limpo do Arco dizer-me, que a tropa tinha sahido n'aquelle instante, e que seguira pela Ponte de Mondim. Eu porém não me movi com receio de que o rapaz fosse inimigo, e me viesse dar aquella noticia para cahirmos em alguma embuscada; e porisso alli pernoitei. Depois de anoitecer chegou a força, que se tinha avistado na montanha opposta a Boadélla do lado do poente do Arco, e que eu tinha mandado reconhecer.

De manhã entrei no Arco, e me demorei só o tempo preciso, para comermos, e voltei para Vieira, por entender que de nada servia o seguir a tropa até Chaves, sem poder alcançal-a, e sem saber o partido do povo d'alem Tamega, e recear algum levantamento contra mim, sem eu me achar convenientemente provido de munições, para poder retirar sem perigo no caso de revéz.

A este tempo estava correndo ao longe o povo de todos os lados do Minho, e, se me demorrasse em Basto dois dias, cobrir-se-hia toda aquella terra, como quando se entrou em Braga no dia 18 de maio.

§ 111.º—Ao voltarmos para Vieira abriram-se voluntariamente todas as adegas, e davam os maiores proprietarios

---

diabo do padre estava de cama sangrado, sahimos de noite, andamos tão ligeiros, e o diabo já aqui a contas comnosco ! ! ! Tem elle sido sempre o nosso flagello em toda a parte, que só por milagre é que podemos estar vivos, e ainda agora nos vem aqui empecer tantas legoas distante de Vieira ! ! ! Só o demonio o pôde trazer a este sitio, que vae ser a nossa sepultura ! ! ! Hoje é de certo a nossa derradeira. Tal era a confusão e susto que se apoderou d'elles ? ! Foi para lhes pagar a gracinha do fogo que no dia 18 de maio me deram dos muros do adro da capella da Senhora de Guadalupe, quando eu retirava pelos quintaes, e depois em toda a extensão desde lá até aos Piões.

(61) As barretinas foram apanhadas pelos 4 rapazes que lhes deram a descarga, e que em seguida atravessando o rio nas barcas que tinham em seu poder, foram para ellas ao lado opposto.

Disseram-me depois, que com a descarga mataram um soldado, mas não cheguei a sabel-o com certeza.

de beber a todo povo quanto se quiz por cantaros em vez de copos ou infuzas..Admirado eu de tanta liberalidade em uma terra em que na vespera tão mal nos receberam perguntei porque assim nos tractavam, e me responderam—é o medo que os tornou francos, porque hontem andaram a avisar povo para nos dar fogo, e receiam por si, e pelas suas casas; e porisso agora tractam de nos compor a pão e vinho. Como estava um dia de grande calor receei que o povo se embebedasse, e tractei de sahir a toda a pressa.

Ao passarmos na Ponte de Pé não poderam os dois hespanhoes conter-se que não disparassem as clavinas para uma janella, onde avistaram um sujeito, que ao passarmos na vespera para Boadélla lhes tinha fallado mal; mas não o mataram por elle se deixar cahir rapidamente para traz.

Como todos sabiam que na vespera se tinha andado por alli a alliciar povo contra nós, e se ouviu aquella descarga, começou todo o povo a tomar em batedores pelos campos os lados da estrada e dar fogo sem saber a que. Vendo eu que se queimava polvora sem necessidade, e sem proveito, e que tão precisa vinha a ser, marchei por entre o povo a toda a pressa a tomar a frente para socegar aquelle barulho enorme, porque de outra sorte por mais que gritasse nada se ouvia, e não podia fazer-se terminar o fogo.

Só no largo do convento dos Refojos a muito custo e depois de muito andar pude alcançar a frente, e fazer entrar tudo em ordem e fazer cessar o fogo. Foi alli então, que mettido o povo em ordem, e cessado o fogo me acclamaram Brigadeiro, e foi d'ahi por diante, que eu comecei a assignar-me—Defensor das Cinco Chagas, e Brigadeiro, commandante das forças populares do Minho e Traz-os-Montes—e continuei em seguida para Vieira.

§ 112.°—Tinha o então governador civil de Braga officiado aos administradores, para que não deixassem sahir o povo contra a tropa, e lhe dessem os auxilios necessarios. Como o administrador de Fafe tinha andado a avisar povo para auxiliar a tropa, e ajudal-a se fôsse atacada, em satisfação da ordem do tal governador civil, e viu o que eu fiz depois em Basto, receoso de que eu lhe fôsse fazer alguma visita, escreveu-me uma carta mui attenciosa a desculpar-se.

Então as auctoridades de Braga começaram a ralhar muito por eu ir atacar a tropa a Basto, com o que eu nada me importei, porque as não reconhecia como legaes.

CAPITULO IX

Vinda do general Antas a Vieira, para me atacar, e a minha apresentação a elle, tanto em Vieira como depois em Braga

§ 113.º—Como o povo geralmente abominava, como eu, o systema liberal, e todos desejavamos, que voltasse o governo antigo, mas com bem poucas esperanças de que se tornasse a constituir o governo legitimo, por ser embaraçado pela Quadrupla Alliança, resolvi escrever uma carta á Senhora D. Maria da Gloria, pedindo para que ella fizesse acabar o systema constitucional, e tornar o antigo, que tinha feito a felicidade do povo portuguez por muitos seculos.

Mandei, pois, passados poucos dias, juntar o povo nas Chãs da Egreja Nova, distante de Vieira uma legoa, e lhe li a carta, que tencionava mandar, para saber, se o que n'ella dizia, era da vontade de todos. Todo o povo a approvou com o maior enthusiasmo, e dando-me acalorados «vivas» me acclamou general (62).

---

(62) Nas circumstancias em que se achava o reino parece que era esta acclamação a mais legal, e auctorizada, por ser feita por quem havia de obedecer; e porisso fui general de direito e de facto.

Depois, em 7 de abril de 1847, fui confirmado=commandante geral das forças populares ao norte do Minho com honras de brigadeiro=por diploma do rev.^mo^ snr. dr. Candido, quando era ministro, e logar tenente do Senhor Dom Miguel 1.º em Portugal (vide n.º 2 adiante). E ultimamente passados annos fui nomeado pelo mesmo=commendador da ordem de S. Miguel da Ala em 1850 (n.º 12).

§ 114.°—Escrevi então a carta (n.° 1 adiante), assignando-me n'ella—Defensor das Cinco Chagas, e general, commandante das forças populares do Minho e Traz-os-Montes—e a mandei por um proprio lançar em Lisboa na caixa do correio real, mandando pelo mesmo proprio entregar a copia d'ella ao «Periodico dos Pobres» no Porto, para a publicar. O periodico publicou-a logo, disendo apenas, que nunca vira general de tão extraordinarios titulos. Produziu ella uma impressão mui grande em todo o reino, sendo procurada em toda a parte com avidêz, a qual todo o povo lia com a maior attenção e enthusiasmo.

§ 115.°—Em seguida foi ter commigo um figuracho dos de Fafe a ver se me convencia a eu desistir da minha teima, expondo-me todas as razões, que para isso lhe lembravam. Depois de o ouvir por muito tempo perguntei-lhe eu—e o povo?!—E que nos importa cá a nós o povo!!—respondeu elle.

Não me agradou nada a resposta do tal ratão, e menos me agradou ainda a sua falta de piedade e temor de Deus, ou antes a sua impiedade na egreja, porque indo ambos nós em seguida á missa, teve elle a constancia ou antes a desfaçatez de entrar na egreja e sahir sem em todo o tempo, que lá esteve, se ajoelhar, nem fazer o signal da cruz, e nem até olhar para o padre ou fazer outro signal de christão. Como eu vi que elle tinha tanta religião como qualquer besta, fiquei a desconfiar, que elle o que queria era enganar-me e preparar-me alguma traição, e porisso nada decidimos a respeito da sua pretensão.

§ 116,°—Começou depois a correr-me para a porta outro pandilheiro tambem de Fafe, trazendo-me recommendações de um grande figurão do Porto, que se inculcava meu primo sem nós sermos nem sequer parentes, e dizendo-me—que o meu primo se me recommendava muito, e me desejava vêr, e se me offerecia para tudo o que eu quizesse e que até podia ir para casa d'elle, onde seria tractado com a maior amisade—Eu lhe respondi—que podia vêr-me, quando quizesse, porque eu andava bem á vista, mas que, quanto a ir para casa d'elle, não podia por então, e só o faria mais adiante (entendendo para mim, que seria só quando perdesse o juizo).

Como eu desconfiava d'elle tanto como do outro, senão mais ainda, porque o achava mais vivo do olho, fui-o entretendo com palavras como pude, mas sem nunca mostrar decisão em acceitar o beneficio que com tanta liberalidade me offerecia, sendo eu um aldeão, e sem merecimentos para tanta fortuna.

Pela mesma occasião escreveu-me directamente outro figurão do Porto inculcando-se meu amigo, sem até me conhecer, nem eu a elle, e offerecendo tambem a sua casa, onde me promettia o melhor tractamento, e todas as commodidades, e eu de cada vez mais admirado de me vêr tão procurado pela fortuna, mas era o mesmo que perolas deitadas a porcos, por eu não estar affeito senão ás grosserias do campo. Como eu desconfiava tambem de tão extremosa amisade fui respondendo sempre, como aos outros com evasivas.

§ 117.º—Passado bastante tempo n'este gosto, e vendo o tal pandilheiro de Fafe, que me não enganava, e que eu desconfiava de todos, disse-me um dia—homem o que lhe digo é que desconfie d'esta gente—n'essa estou eu—lhe repliquei então. Em seguida, fingindo por um pouco, que meditava sobre o que se devia fazer, disse-me — lembra-me agora uma ponta boa, tenho eu um irmão na Povoa, e em tal caso escreva V. uma carta ao seu primo, dizendo-lhe, que vai para lá viver, e que lá apparece tal dia, e d'este modo nós vemos o que elle faz sem haver o menor perigo —Como eu d'este modo nada me arriscava, porque o corpo sempre me ficava em Vieira, lembrando-me do preto que mettendo o chapéo no boeiro do meloal e levando n'elle uma pancada do que de dentro o guardava disse—ainda cá me fica o *scabeço*—cahi na frioleira de escrever a carta no sentido, que elle indicou.

§ 118.º—Passados dias apparece-me de novo o santo homem, fingindo-se mui triste, e afflicto, e dizendo—o seu primo estava de boa fé, lá appareceu com foão em casa do meu mano, a procural-o no dia designado na sua carta, para o visitar, e como o não encontrou ficou mui triste, e suppondo que foi engano, feito de proposito, ficou desesperado, tomou o caso a peito, e agora protesta vingar-se. Foi muito mau escrever semelhante carta, porque tomou esta

acção em caso d'honra, e agora ameaça com a vinda do Antas a Vieira—A culpa foi sua, e não minha; redargui eu, porque nem tal me lembrava; e quanto á vinda do Antas nada me assusta, tenho visto muitos militares e nunca me fizeram tremer, eu em Vieira sou melhor general, que elle, e, se elle cá vier, hei de sacar-lhe todas as medalhas do peito.

§ 119.°—Como eu na carta, que escrevi á D. Maria da Gloria, me assignava—Defensor das Cinco Chagas e general, começaram todos a dar porisso um cavacão, e o então governador civil de Braga, mandou-me intimar, para que eu me não assignasse mais com titulo algum, sob pena de ser considerado como revolucionario, e cabeça de motim, e como tal castigado, logo que fosse apanhado. Eu, porém, nenhum caso fiz de tal intimação, porque bem sabia, que mesmo não me assignando mais com titulo algum, sendo apanhado á unha por elles, me punham infallivelmente de escabeche.

§ 120.°—N'este tempo corriam de toda a parte proprios, uns por curiosidade sua, e outros mandados, a dar-me parte de tudo, o que acontecia, para eu me prevenir, e até muitos em Braga, e Guimarães, como por outras partes, e até nas estradas, velavam toda a noite, para observar os movimentos da tropa e auctoridades, para me avisarem de prompto, afim de me livrar de toda a surpreza, e tudo isto sem eu gastar com tal gente um unico real, porque tambem nada tinha, para lhes dar.

§ 121.°—Como as auctoridades, pelo menos desde Braga para cima, não estavam montadas, nem por consequencia podiam funccionar, vinham de toda a parte, os que temiam ser offendidos nos seus interesses, ou propriedades, a pedir-me, para eu os defender, aos quaes eu passava um escripto, assignado por mim, em que ordenava, que ninguem v. g. alagasse a parede da tapada de foão, antes de se montarem as auctoridades judiciaes, que depois decidissem do direito de cada individuo. O mesmo acontecia, quando qualquer, que tinha a fama de cabralista, e se via afflicto com o povo, que na passagem para os acampamentos, lhe entrava em casa, exigindo comida ou bebida de continuo, me pedia para o aliviar de tal pezo, o conse-

guia com um escripto meu, em que eu ordenava, que ninguem mais d'alli em diante tornasse a affligir a familia de tal, pedindo de comer, ou beber, ou fazendo outra qualquer exigencia, o que tudo se cumpria, cessando desde logo todas as exigencias, como aconteceu com a casa do Montariola, proxima ao meu acampamento das Sete Fontes, com a do morgado das Agras da Povoa de Lanhoso, com a do Batóca da minha freguezia, depois de se declarar meu inimigo, e com uma infinidade de outros inimigos que a pediram, aos quaes todos indistinctamente passava a resalva, e nunca mais foram importunados (63); não me vingando nunca de nenhum, por lhes não dar importancia, e por entender, que a vingança é só propria d'almas pequenas, despresiveis, e de má condição, servindo porisso sempre a todos nas suas afflicções e necessidades. Nunca me arrependi d'este proceder, ainda que quasi todos me pagaram bem mal, por lhes faltarem os sentimentos das pessoas de bem, e os da gratidão.

§ 122.º — Havia em Vieira um liberal ruivo e calvo, de estatura, que regularia pela da marca de Judas, de quem já antes de 1834 não cantavam bem as pêgas, e que depois d'esta epocha nefanda passava e foi accusado em juizo por ter sido um dos valentões, que roubaram aos frades de Bouro os 40 mil cruzados, com que elles se retiravam do seu convento expulsos n'essa epocha terrivel pela praga, que abordou a Portugal (64). Era este homem tosco para tudo ex-

(63) E' na verdade bem para admirar, que homens distantes de mim ás vezes muitas legoas, e sem trazerem em si signal algum, que os distinguisse, como nos soldados o numero na barretina ou bonet, e o fardamento, ou outro qualquer, me respeitassem a ponto, de que nunca mais d'ahi em diante, vendo a minha lettra, que todos conheciam, ainda os que não sabiam ler, por causa de certo signal na assignatura, fizessem a menor exigencia, levando quasi todos a maior parte das vezes bem grande necessidade de comer ou beber, para poderem continuar a jornada.

(64) Este homem, que pelo nome não perca, mostrava pelas suas acções pessimas, e sentimentos reles, ser descendente da raça judaica, ou do macaco, reputada hoje pelos liberaes como a de maior nobreza, e da qual elles se ufanam descender como origem d'heroes.

Foi este perverso o unico, que passados dez annos depois da guerra, em novembro de 1856, estando na Povoa em logar, onde se podia julgar bem seguro, se atreveu a insultar-me diante de dois bachareis em direito, um liberal meu amigo, e condiscipulo, e outro legitimista, substituto então do Juiz de

cepto para a intriga, na qual foi sempre o mais insigne, que tenho conhecido, por ter sahido já da canastra com esta habilidade diabolica.

Como elle desconfiava, que eu viesse a trabalhar pela causa da legitimidade e receava, se ella vingasse, perder a grande posta que conseguira pelas suas gentilezas liberaes, com que enchia o bandulho, unico deus, que adorava, tomou o cuidado de espreitar todos os meus passos, e trabalhos, para os participar ás auctoridades de Braga, e aos periodicos, dizendo o que lhe acudia á cabeça esquentada, quer fosse verdade, quer mentira, inventada por elle.

Pelo que começaram os periodicos liberaes a fazer grande bulha por causa dos dois hespanhoes, que me serviam de guarda, e até a implicar com as grandes barbas que eu tinha deixado crescer, por no principio da guerra, e ainda mezes depois de retirar das Sete Fontes, não ter tempo para as fazer, e por ellas me não pesarem, nem darem despeza, por que tudo isto, já se sabe, assustava, e com rasão aquella pobre gente, que fóra das cafurnas maçonicas, onde appareciam os barbalhões posticos e de encommenda,

---

Direito, tambem meu amigo, assim como diante de mais outro liberal, tambem meu amigo, berrando como um bezerro, e possesso do demonio, e chamando-me «malvado».

Não poderam estes homens de bem conter-se, que o não reprehendessem e lhe exprobrassem este acto vergonhoso, e tão despresivel de ter rompido em um excesso, a que nenhum outro, nem antes nem depois se atreveu. e nem elle mesmo se atreveria em outro logar, onde podesse perigar a sua vida ignobil, e tão infame.

Este maldito, a não ser filho do diabo, era provavelmente descendente da raça infernal de «Semei» o insultador de David na fugida de Jerusalem, chamando-lhe o hemems anguinario, o homem de Belial (Reis l. 2. c. 16. v. 7.), chamando o homem sanguinario, o homem de Belial, ao homem a quem Deus chamava o seu servo David!!! (Reis l. 3. c. 14. v. 8). Foi até onde póde subir a maldade d'aquelle perverso (§ 205).

Depois de se dar este caso horrendo, e em occasião em que eu estava a despedir-me d'um meu cunhado, para elle ir para Vieira, e eu para casa do meu amigo, hoje fallecido, Abbade de S. Gens de Calvos, chega-se a mim um homem desconhecido, e diz-me «retire-se d'aqui a toda a pressa, que é morto». Nada lhe respondi, empregando-me todavia a medil-o com a vista de cima a baixo e de baixo a cima. Como eu nada lhe disse, repetiu elle «retire-se d'aqui a toda a pressa, que é morto». Como ainda então nada lhe disse, e viu que nem eu, nem meu cunhado, mudamos de côr, ausentou-se.

Accreditei que tinhamos festa e grande porque tinha visto de longe na feira,

poucas encontravam assim imponentes, por serem de portuguez legitimo.

Por isso, receiando eu, que, a pedido dos meus inimigos, servisse isso de pretexto ao governo hespanhol, para alguma exigencia, impuz com grande sentimento meu, os taes hespanhoes. E este meu receio não era infundado, porque depois com outro pretexto bem frivolo entrou cá o Concha com um grande exercito.

Além d'isso como os milhos pelos campos já estavam bastante altos mas por espigar, e não me fazia conta haver então fogo em Vieira, porque com elle uma grande parte tinha de cahir a terra, e vinha depois a haver lá grande fome, e receiando, que o povo a viesse a attribuir á minha teima de não ceder, como os outros commandantes populares haviam feito, decidi-me tambem a cortar as barbas, e a mostrar-me socegado, para ver se evitava o fallatorio, e a catastrophe, que podia seguir-se, sendo eu atacado em Vieira n'aquelle tempo.

§ 123.º—Por esta occasião foram ter commigo os de Cabril, proximidades de Ruivães, a pedir-me, para eu os

---

que era n'esse dia «o Gaio de Bouro, que estivera sempre commigo no acampamento das Sete Fontes, acompanhado alli por uma grande sucia d'homens, e convencendo-me, que tendo-se passado para o partido liberal, era d'elle, que eu tinha a esperar o ataque, por o' terem angariado para isso, e então disse ao meu cunhado «agora não podemos ir embora, sem vermos o que isto quer dizer».

Começamos pois a passeiar pela feira e pela villa, de cá para lá e de lá para cá, sempre com o olho sobre o hombro a observar d'onde me vinha o mal e nos demoramos n'este gosto até ao anoitecer. Vendo então, que nada apparecia, despedimo-nos um do outro, e cada qual marchou ao seu destino.

No dia seguinte de madrugada appareci outra vez, por me ser preciso, na Povoa á porta do meu amigo e condiscipulo bacharel Lisboa, e na mesma occasião e á mesma porta appareceu o Gaio. Comprimentamo-nos como amigos, e fallando um com o outro, soube eu, que elle se conservava legitimista, como d'antes, e que andava a tractar dos papeis, para impor um rapaz para o Brazil, contando-lhe eu tambem o negocio, que me obrigou a ir alli.

Passado tempo soube, como eu já suppunha, que o desengano do tal homem desconhecido foi encommenda do tal meu bom amigo ruivo e calvo, e que elle não poz em pratica o que desejava, por saber, que nem eu nem meu cunhado mudamos de côr, nem fizemos caso de tal aviso, por contarmos, segundo elle suppunha, que o Gaio, estando alli, como estava, nos defenderia, assim como nós pelo contrario estavamos persuadidos, que era com o Gaio que elle contava para dar solução á empreza que projectava.

ajudar a expulsar uma porção de tropa de infanteria, e cavallaria, que se achava na Villa, e que elles não queriam alli. Bem queria eu ajudal-os, por elles terem sido sempre promptos a acompanhar-me para toda a parte, mas recusei-me, expondo-lhes o motivo acima dito accrescentando todavia que, para os expulsar não necessitavam elles, que eu lá fosse; que espalhassem por Ruivães, que eu já descia para lá pelo Confurco (65), e que logo fugiria a tropa a toda a pressa; o que com effeito elles fizeram, e a tropa se escapou mesmo de noite, como eu lhes prognosticára.

§ 124.º Começou depois a correr com insistencia, que o Antas vinha a Vieira, e eu a receber continuamente noticias de todas as partes, que me asseveravam o mesmo, pedindo-me tambem diversos realistas, que lhe não fizesse fogo, por não convir, como eu tambem entendia, que não convinha.

Com effeito, passados poucos dias, entrou uma força de manhã pelo sul, que supponho ter vindo por Fafe, e perto do meio dia entrou outra pelo Poente, que supponho ter vindo por Braga, compondo ambas, segundo me disseram uma brigada de 1600 praças (66). Ficaram, segundo se disse, os telegraphos d'então a trabalhar, e os vapores promptos, para conduzir ao Porto toda a tropa disponivel de Lisboa, para marchar toda com a do Porto para Vieira, no caso de eu lhe fazer fogo (67).

Ambas as forças entraram com todas as precauções militares, e em attitude de fogo, observando com o maior cuidado os altos, e espreitando todas as carvalhas em batedores, assim como deixando reservas em distancia de legoa etc. Era tal o susto com que entraram em Vieira, que em vez de olhar para o caminho, que trilhavam, olhavam só para os altos, parecendo-lhes que todos os penedos eram

(65) Era uma montanha fronteira e proxima a Ruivães.

(66) Ao passar a primeira força pela minha casa diziam os soldados, aqui está a casa do tal ratão, mas os officiaes os reprehendiam, e estorvavam de continuar a fallar em mim.

(67) Foi o Antas o que de todo o reino me honrou mais; indo visitar-me a Vieira com tamanha força, e tomando todas as precauções militares, como se tivesse a bater-se com um grande exercito, no tempo, em que eu passeiava em Vieira, acompanhado apenas por dois ou tres rapazes.

bandos de guerrilhas. O mesmo faziam depois os soldados quando iam para os aboletamentos, perguntando com o maior interesse por toda a parte, se eu era alto ou baixo, gordo ou magro, velho ou novo etc., e se trazia commigo muitos ou poucos guerrilhas.

§ 125.º—Como porém, eu estava decidido a não dar fogo retirei-me para um alto do logar de Cortegaça, distante da minha casa um quarto de legoa, e alli me demorei todo o dia recebendo continuas noticias do que a tropa fazia e dizia, e de que ella sabia tambem onde eu parava. Todavia estava descançado, por não receiar surpreza, sem d'ella ter primeiro noticia, e por me lembrar, que, ainda mesmo sendo cercado, sahiria facilmente do cerco com os quatro rapazes, que me acompanhavam, porque para isso estavamos prevenidos. Porém á noite, para descançar á vontade, e sem receio de perigo, retirei-me para Villar-chão, uma legoa distante, e lá dormi socegado com os quatro rapazes.

Ao chegar a primeira força retirou-se tambem de casa toda a minha familia, mas o Antas, sabendo-o, mandou-lhe dizer, que se recolhessem, porque nenhum perigo tinham, por elle ter passado ordem, para não ir lá soldado nenhum desfeiteal-a, e recommendando-lhe, que, se contra a sua ordem, algum lá fosse, tomassem sentido n'elle, para o conhecer, e lh'o participar, para elle ser depois castigado asperamente.

§ 126.º — No dia seguinte logo de manhã foi meu mano ter commigo a Villar-hão, e dizer-me, que o Administrador do concelho e o governador civil de Braga, desejavam muito fallar commigo. O administrador de então foi sempre até alli reputado como legitimista, e como tal me enganou até então, e por isso disse eu a meu mano, que não duvidava fallar-lhes, que viessem elles ter á capella do Bom Jesus, do logar de Cortegáça, onde eu tinha passado o dia antecedente, e onde os esperava, e elle meu mano que os guiasse para lá. Passado pouco tempo para lá marchei com os quatro rapazes, tomando as necessarias providencias, para obstar a qualquer surpreza.

Chegado ao sitio designado foram dar-me parte, que abaixo vinham subindo a pé a grande ladeira o Administra-

dor, o Governador Civil, que supponho era o Silverio Lopes, meu tio Padre Francisco Wenceslau Vieira, meu mano, e um meu compadre, e amigo, casado com uma minha prima carnal. Disseram-me então, que seria melhor, que eu descesse mais abaixo para elles se não fatigarem tanto, por a ladeira ser muito ingreme e extensa, e elles irem a pé, e eu respondi, que já tinha andado uma legoa, e não estava resolvido a andar mais, que os não chamei alli, nem tinha o menor empenho, em que elles lá fossem, e que porisso me era indifferente o elles subirem ou descerem.

§ 127.º—Com effeito subiram, e feitos os comprimentos de parte a parte, começaram o administrador e o governador civil a fazer as maiores diligencias por todos os modos, para me convencerem a eu me apresentar ao Antas. Respondi-lhes que não cahia em tal, por mais que se consumissem, porque nem eu era militar da sua brigada, nem sujeito de modo algum á sua jurisdicção, nem tinha para que me apresentar. Continuaram elles a expor-me uma infinidade de rasões, e a offerecerem dar-me tudo o que pedisse, e a fazer-me tudo o que eu quizesse. Respondi-lhes, que não tinha trabalhado por interesse algum, nem o queria, e que porisso o que mais desejava, era que me deixassem viver socegado com a minha familia, e nada mais.

Continuaram elles instando, e dizendo, que o snr. Antas não sabia de Vieira, emquanto eu me não apresentasse; que o costume d'elle era o não ceder nunca, emquanto se não apresentassem os sujeitos, por causa de quem elle ia a a qualquer terra, e que eu bem podia conhecer, que era um enorme pezo para Vieira o conservar-se alli aquella brigada, e que o povo viria a rebellar-se contra mim, vendo-se opprimido e desgraçado por causa da minha teima em não querer apresentar-me.

Então encolorisado disse eu «O snr. Antas bem ha de saber a esta hora, que eu de ha muito me não tenho embaraçado com negocio algum, e me tenho conservado socegado, e por consequencia não tinha o snr. Antas a que vir a Vieira, nem motivo algum para castigar assim um povo innocente. Não supponho, que o snr. Antas seja despota nem traga ordem despotica, para fazer destemperos,

e, como general, que é, supponho-o com tino sufficiente, para se não baixar a ouvir, ou dar attenção a intrigas; que portanto não quererá por causa d'ellas deshonrar-se, castigando este povo sem o menor motivo; mas se por desgraça tal acontecer, experimentará o snr. Antas em Vieira, o que até aqui não experimentou em parte alguma, e se arrependerá bem por dar um passo tão indiscreto. Terá então o dissabor de ver rebellado contra si não só o povo de Vieira, mas tambem o de todo o Minho e Traz-os-Montes, e apoz elle o de todo o reino para se defender da oppressão horrivel de despotas tão ferozes, e não poderei em tal caso decidir, que contas dará elle então á Snr.ª D. Maria da Gloria da tropa, que aqui apresentou, ou por ventura haja de apresentar!!! Eu não receio, que o povo se rebelle contra mim, porque em toda a parte se sabe com clareza o meu desinteresse, e as minhas intenções; e a minha consciencia nunca me arguirá de ter concorrido de modo algum para a sua desgraça, que toda ficará a cargo do snr. Antas, nem o povo de tal se lembrará, porque todos conhecem perfeitamente, onde existe o veneno.

§ 128.º—Então começou o governador civil a verter lagrimas, como condoido da desgraça do povo, e minha, mas que eu suppuz serem parecidas com as do crocodilo, e filhas por certo da desesperação, por me não poder enganar, e apartando-se foi ter com o meu camarada. Lidou com elle por muito tempo, sem nada conseguir, mas a final, depois de muito ateimar com elle, chorar e pedir, para que me convencesse, conseguiu o elle ceder..

Veio elle então ter commigo, junto com o meu tio, meu mano, o meu compadre e mais amigos, que alli se achavam, e começaram todos a lembrar-me o mal que se me vinha a seguir, a desgraça, que era para a terra, e a instar commigo, para que eu obstasse a tantos prejuizos, apresentando-me mais uma infinidade de rasões, todas na apparencia attendiveis.

Fiquei então perplexo, e pensativo por muito tempo, e a meditar em caso tão melindroso, e que eu suppunha sempre de funestas consequencias, qualquer que fosse a solução, que lhe désse. Por uma parte lembrava-me, que, mettendo-me entre tal gente era em breve, e infallivelmente

assassinado, e nunca esta lembrança afflictiva me sahia da memoria, e era a que mais me atormentava. Por outra parte sabia, que a Quadrupla Alliança estava em pé, e que com certeza havia de estorvar a volta do Senhor Dom Miguel a Portugal, e nem eu presentia, que se trabalhasse para a sua vinda. Via mais, que de todo o reino era eu o unico commandante, que não tinha cedido, e que por toda a parte de Braga para baixo todo o povo ou com vontade ou sem ella estava socegado, e as auctoridades montadas, e funccionando, e que só de Braga para cima não funccionavam.

Estava tambem convencido de que o Antas não tirava a tropa de Vieira, e que pouco ou nada lhe importaria, como ao de Fafe (§ 114), a desgraça da terra, e a miseria d'esta gente, e que isto havia de produzir afflicção no povo, e que, para a fazer sahir tinha eu de me bater com o exercito regular de todo o reino, e isto sem possuir munições, nem dinheiro algum para as comprar, quando a tropa tinha tudo em abundancia.

A final, vendo que a resistencia era sem esperança nenhuma de bom exito, e que me não era facil sahir do reino sem ser apanhado, e por consequencia assasinado, e que todos em geral estavam convencidos, de que eu devia apresentar-me, e que n'isso estava a minha felicidade, decidi entregar-me á ventura, mas bem triste, e convencido, de que pouco tinha a viver, porque o menos que me esperava era uma dose de veneno, e acompanhei então para baixo a tal sucia, que tanto se empenhava na minha felicidade!!!

Chegados nós perto da minha casa, disseram-me o Administrador e o Governador civil—Será bom ir a casa vestir-se, para apparecer ao snr. Antas (68). A isto respondi eu,—que apenas tinha um casaco muito ordinario, porque

(68) Ia eu vestido á caçadora, como andava na serra, de roupa curta, bonet mui lindo de pelles de toupeira, que eu mesmo tinha feito, com um botão amarello no meio tambem de toupeira d'essa cor, que por acaso e como raridade tinha caçado, no tempo de estudante, armado com uma boa clavina de cavallaria das compridas, que a sessenta passos mettia uma bala em uma moeda de dez reis, e que dava bem á caça a longa distancia, de canana à cinta, cheia de cartuchos e um correão ao tiracollo com chumbo e polvora de caça.

a restante roupa, que pouca mais era, a tinha deixado em Braga, quando vim a ferias, sem tenção de me demorar; mas que ainda tendo-a, a não iria vestir, por querer mostrar aos meus inimigos que não ia preso, mas por vontade minha, e por querer mostrar á tropa, que ainda tinha com que me divertir com ella um pouco, e marchei armado como andava até alli (69).

§ 129.º—Chegados a Lamas, onde estava o Antas aquartelado com todo o quartel general, veio elle esperar-me ás escadas, e ao comprimentarmo-nos nos abraçamos, como amigos intimos desde longa data, e eu com a maior alegria, fingida se entende. Disse-lhe então, largadas as clavinas á porta—Julgo que V. Ex.ª já está mui bem informado do meu proceder até aqui, porque cada soldado, e cada official, tem perguntado a todos os habitantes d'esta terra por mim, e pelo meu comportamento até hoje. Devem portanto saber bem a esta hora, que eu, em todo o tempo desde o levantamento popular, tenho empregado sempre todo o cuidado, e diligencia em accudir pelos liberaes, mesmo pelos meus maiores inimigos, ainda por aquelles, que agora mais me tem intrigado (voltando-me para o tal ruivo e calvo, que eu suppunha e com effeito era o meu maior inimigo e se achava alli presente (§ 120), a maior parte dos quaes teria sido morta, e o seu exemplo seguido talvez em todo o reino, se eu não contivesse o povo.

O meu crime pois, e o maior, é ter sido a causa de V. Ex.ª occupar hoje o lugar que occupa, e o ter eu infelizmente n'esta terra alguns inimigos, de sentimentos despresiveis, que tem procurado sempre a minha ruina pelas ar-

---

(69) Ao espalhar-se a noticia, de que eu ia fallar ao Antas, correram de todos os lados os soldados e officiaes, a Brancêlhe, para me verem e admirados diziam mui alegres=elle é como nós!!!

Tinha eu então 29 annos de edade, era magro, e de estatura ordinaria, ou pouco mais alto. Perguntados os soldados como me suppunham, diziam=reputavamol-o corpulento e alto como um gigante, que não cabia pelas portas d'uma egreja dentro, robusto, e de edade de 50 annos para cima.

Fui acompanhado pelo meu camarada, armado tambem de uma boa clavina como eu, de correão para a caça, e canana, para dar fogo ao inimigo.

mas infernaes da intriga (70). A isto respondeu elle—de tudo isso estou bem inteirado, e de hoje em diante não poderão elles continuar a formar-lhe intriga alguma, e conhecerá que tem em mim um amigo para o despicar em tudo, póde ir para casa, ou para onde queira, e eu lhe dou uma guarda, para que nenhum soldado o insulte, e se algum lhe dirigir palavra offensiva, tome conta n'elle, para ser castigado.

Vou passar ordem a todas as companhias, para que os soldados sejam advertidos d'isto, e amanhã me vou embora, para que este povo não seja incommodado, o que não faço já hoje, por ser tarde. O snr. ha de apresentar-se em Braga ás auctoridades, para que conheçam que obedece á Rainha—.

Respondi eu—que sim, mas que queria ir depois de a tropa se ausentar, para que se não dissesse, que eu ia preso, não me tendo ninguem obrigado a ir alli.—Respondeu elle—que fôsse como quizesse, e quando quizesse—Pedi-lhe então, para ir armado ao sitio da feira do mesmo logar de Brancêlhe, como costumava até então ir quasi todos os dias, para que todos soubessem, que eu andava livre meu. Respondeu elle,—que fôsse eu para onde quizesse, e como quizesse—e me mandou acompanhar por um capitão não só ao dito sitio, mas tambem até minha casa, que distava um quarto de legoa, tudo depois de eu ir comprimentar dentro a familia de Lamas, aonde até alli ia tambem quasi todos os dias.

§ 130.º—Depois de ir comprimentar a familia de Lamas, estive algum tempo na extensa varanda da mesma casa conversando com o irmão do Antás, e com outros officiaes do

(70) Já o tal ruivo e calvo com outro da mesma laia, quando eu estava nas Sete Fontes, haviam tentado desaccreditar-me, e para isso lembraram-se de ir ambos dizer mal de mim por toda a parte. Principiaram pois na freguezia de Oliveira, á sahida do povo da missa, a dizer, que eu tinha batido no pae, e que tinha feito outras maldades, que lhes pareceram mais a proposito para o effeito, mas tiveram a desgraça de serem mal succedidos, porque ouvindo-os as mulheres, começaram logo a dizer=estes homens são falsos, vamo-nos a elles=e começando a apanhar pedras, para lhes endireitar os queixos, fugiram elles a unhas de cavallo, para não passárem pelo desgosto de verem o miolo das tripas, e irem dançar com o diabo ás escuras nas felugentas cavernas do inferno, antes de fazerem mais proesas das suas costumadas.

estado maior, e em todo o tempo, que lá me demorei, diligenciei quanto pude por os convencer, de que nunca fui turbulento, mas pacato, e que eu mesmo estava admirado, por me ter achado envolvido em semelhantes trabalhos, que eram totalmente contra o meu genio, e que porisso nem eu os tinha nunca desejado, nem procurado, e que a causa de tudo fôra o querer eu valer, como tinha valido á familia de Lamas, assim como aos muitos estragos e mortes, que teriam havido em Vieira, e outras muitas terras, se eu as não estorvasse, e que foi a vinda do 13 a Vieira para me prender, que me decidiu a pôr-me em campo, por me julgar perdido, o que tudo com effeito era verdade. Todo o meu fim porém n'esta conversa era fazel-os convencer, de que estava morto, porque terminassem os meus trabalhos, e que não queria metter-me mais em outros, para vêr se conseguia o não me propinarem elles o veneno, que eu presentia como certo.

§ 131.º—Ao retirar-me do logar da feira com o capitão, e o meu camarada, encontrei-me com o governador civil, ou antes elle se quiz encontrar commigo, para os fins que sabia, e eu suppunha, e perguntou-me—então já sabe, que está com gente de honra, ou não ? ! ! e eu lhe respondi—bem sabia eu isso, mas as intrigas eram muitas, e mui bem urdidas, e se v. ex.ª, e o snr. Antas não viessem pessoalmente a Vieira tirar uma devassa geral por via dos soldados, e officiaes, como tiraram, perguntando todos por toda a parte pelo meu comportamento, por certo que não me accreditariam, como agora se acham habilitados, para me accreditar, e isso era o que eu receava muito, muito—Pois hoje—replicou elle—principiou a sua felicidade, eu sirvo para muito, mas o snr. Antas...! ! ! e bem sabe que elle se offereceu para tudo ! ! !—Estou muito certo e convencido d'isso—continuei eu—e tenho firme esperança, de que nenhum me faltará, porque sei, que estou e tracto com pessoas de honra, e caracter serio—e me despedi d'elle.

§ 132.º—Quando iamos para casa, foi o capitão constantemente a prégar-me, que D. Miguel não podia voltar para Portugal, sem eu em tal lhe tocar, e que o povo já o não queria, porque ninguem queria mais pagar os dizimos, nem ser meliciano etc. E eu lhe dizia, que nunca me lem-

brei de que elle podesse voltar, porque tinha contra si a Quadrupla Alliança, e que porisso nem eu me lembrava de trabalhar em tal sentido, por conhecer que era tempo perdido, e com o maior risco; mas nunca o pude convencer do que lhe dizia; o que cada vez me causava maior tristeza pela lembrança do fim tragico, que me esperava.

Dizia-me elle tambem, que pedisse eu ao snr. Antas o que quizesse, e que pedisse cousa muito grande, aliás, que me não accreditavam, pois sabia, que tudo me faziam. A isto respondi eu,—que o que queria era estar socegado em casa, que bem cheio de trabalhos e afflicções estava eu (71). Quando eu dizia que nada queria, remexia elle no bigode com uma mão, e com a outra batia no bolso os pintos, que n'elle trazia, dizendo—homem é bom uma pessoa ter dinheiro para o necessario, e principalmente podendo adquiril-o sem grande trabalho.—Eu só queria, accrescentava elle, ter os seus serviços, e a sua reputação, porque então eu me saberia arranjar. Demais d'isso, não pedindo v. para ser empregado, e não acceitando algum emprego, faz desconfiar o snr. Antas, de que quer ainda algum dia pôr-se contra o partido actual, portanto deve empregar-se.

Chegados a casa pediu o capitão a meu tio padre, para me convencer a que eu acceitasse algum emprego, e com effeito elle parecia sincero e bom homem. Ao despedir-se

(71) Quando me fallavam em que eu pedisse ou acceitasse alguma cousa, occorria-me logo a lembrança, de que acceitando-a perdia no mesmo instante a alegria para sempre, e porisso nunca podia acceder aos desejos d'elle, e esta minha renitencia em nada pedir, nem acceitar, punha-os em desconfiança sobre as intenções, que eu apparentava, de não querer trabalhar a favor da legitimidade, mas felizmente até hoje não me arrependi nunca, preferindo ganhar a comida com o suor do rosto, a mostrar-me condescendente com a revolução, ou preferindo viver pobre mas alegre, a viver rico mas triste.

Se Nossa Senhora me não inspirasse sempre esta lembrança poderia eu cahir na desgraça, em que cahiu ha poucos annos o Pontes e Athaide, brigadeiro legitimista, que vivendo contentissimo com os escassos meios, que conseguia pelo seu trabalho, divertia-se a escrever de quando em quando artigos mui engraçados contra os liberaes; mas acceitando o emprego de 600$000 reis de rendimento, que o Fontes lhe offereceu para o fazer calar, procurou em seguida a sociedade dos liberaes, que o repelliram por o conhecer, depois outra vez a dos legitimistas, que tambem o repelliram, como desertor, e não podendo coser em si esta paixão por causa da avançada edade, morreu dentro de poucos meses.

disse-lhe eu, que ia passar a noite a Lamas, porque me lembrou, que algum meu inimigo podia de noite para me comprometter com o Antas, disparar alguns tiros e tornarem-me a culpa.

§ 133.º—Demorei-me em casa até á noite, e n'este tempo vieram alguns soldados vêr-me, e passados dias contaram-me, que viera um entre elles, que sahira vertendo lagrimas, e dissera consternado—antes eu te não vira—provavelmente porque sabia, ou suppunha a sorte, que me esperava, isto é que estava decidida a minha morte, e nem era de esperar outra cousa de tal gente.

Ao escurecer marchei para Lamas, onde cheguei já de noite, e lá o Antas, e o governador civil me chamaram á parte a um quarto, e me disse o Antas—espero me não falte, e tem em mim um amigo, que o ha de fazer feliz—e eu lhe repliquei—isso espero de v. exc.ª, e estou intimamente convencido, de que tracto com homens, que hão de cumprir escrupulosamente o que me promettem com tanto agrado, e porisso domingo appareço em Braga sem falta—assim o esperamos—disseram elles, e se apartaram. Logo que de madrugada tocaram as cornêtas levantei-me, e me fui despedir do Antas, e elle apertando-me a mão me disse—até domingo, padre Casimiro, leve tambem comsigo o seu camarada—e marchou.

§ 134.º—Fiquei eu mui triste, e pensativo sobre o meu futuro, que se me antolhava horrivel, e de mui curta duração, e porisso estava mais inclinado a occultar-me, do que a apparecer em Braga, como havia promettido, porque se me não varria a lembrança da minha morte mui proxima.

Porisso para saber o juizo, que em Braga se fazia da minha apresentação ao Antas, e da minha ida para lá, escrevi ao Lopes Leiria Junior, da Regoa a dizer-lhe, que domingo lá ia fazer-lhe uma visita, e elle me respondeu seccamente—que não sabia o que eu tractara com o Antas, e que porisso nada podia dizer a tal respeito, que me mandava apromptar o quarto, e la me esperava á noite.

Nada d'elle pude colligir e porisso mais triste fiquei. Demais, recebendo até então constantemente noticias de toda a parte, nenhuma mais recebi nos dias seguintes, apenas um ou outro amigo mais particular me vinha pessoalmente di-

zer, que não fôsse a Braga, por desconfiar o mesmo, que eu desconfiava. Entre estes veio um proprietario das Lourosas appellidado o Mattos, que nas vesperas da minha ida instou commigo um dia inteiro, para que eu não fôsse a Braga, vertendo constantemente lagrimas de saudade pela lembrança de que não tornava a vêr-me, e se me offereceu para vender todos os bens, que tinha, e acompanhar-me para o Brazil, o que na verdade me commoveu muito, e me teve quasi resolvido a occultar-me; mas não me decidi a isso por me lembrar, que era difficilimo, senão impossivel, sahir em segredo do reino, e que era mui provavel, senão certo, o ser morto ao embarque cá, ou ao desembarque no Brazil (72).

§ 135.º—Como eu andava pensativo, e me mostrava indeciso sobre a minha ida a Braga, veio ter commigo o Antonio Joaquim Ribeiro, de Lamas, e me disse—consta-me que já não quer ir a Braga, e porisso eu, como amigo sincero venho dizer-lhe, que deve ir, porque bem sabe, que, não indo, tem de andar occulto talvez toda a vida, e que onde quer que seja apanhado o matam, e indo está em occasião de conseguir o beneficio, que quizer, e em circum-

---

(72) Meses antes procurou-me um sujeito de Basto em casa, para me assassinar, se podesse. Apeado elle e batendo aos portaes, pediu para me fallar. Deram-me parte, e, olhando eu de dentro da vidraça para a rua, pareceu-me que elle tinha cara d'assassino, mas disse, que o mandassem entrar para o meu quarto.

Appareci-lhe armado de pistola de dois canos com baioneta n'ella e aperrada na mão direita, e faca de ponta na esquerda, e com ar carregado, e mostras de desconfiar d'elle, perguntei-lhe o que queria. Respondeu, que me vinha pedir uma carta de empenho para o Almargem, para elle lhe conseguir um emprego. A isto disse eu=com esse homem nem tenho relações, nem as quero ter=Replicou elle=que sabia, que se eu lhe pedisse, elle m'o fazia=e eu accrescentei=pois se sabe isso, saiba tambem, que eu lhe não quero pedir nada, e póde ir embora=porque desconfiei, que vinha mandado por elle mesmo. E não era infundada esta minha desconfiança, porque um liberal de Ruivães, que era da sua intimidade, e seu recoveiro particular, mas que tambem me era leal, me tinha dito em segredo meses antes, que me acautelasse, porque lhe tinham fallado, para me assassinar.

Gabou-se depois passados annos o tal maganão a um sujeito, tambem de Basto, que não suppunha ser meu amigo, nem ter commigo relações, que me procurara em minha casa, para me assassinar, mas que não pudera, por me achar prevenido, e que eu tinha sido esperado annos ao desembarque no Brazil para lá ser morto.

stancias de pôr o pé no pescoço aos seus inimigos, porque fica com outras relações, que elles nunca chegam a conseguir. Bem sabe que tracta com um conde, e que a palavra d'um conde não falta (73).

Accrescentou mais outras muitas reflexões, que eu na occasião achei rasoaveis, e então me decidi a ir (74).

§ 136.º—Marchei pois para Braga no domingo, que justára, acompanhado por meu mano, por meu compadre, pelo meu camarada, pelo administrador, pelo figuracho de Fafe, que tinha ido em tempo vêr se me enganava, e por um frade da Portella d'Arões, que eu nunca antes tinha visto (75), mas que queria pescar nas aguas turbas, e encher o bucho sem o ganhar,

Suppondo eu, que o tal figuracho tinha grandes relações com o Antas, e com os demais da tal sucia, entrei pela serra do Carvalho antes de chegarmos ao Bom Jesus do Monte a contar-lhe o modo como me envolvi na guerra sem tal querer, nem procurar, e a mostrar, que estava enfadado de trabalhos, e que não queria entrar em mais nenhuma revolução etc., para ver se evitava a sorte, que me esperava. Elle porém respondeu-me—que entrando um homem n'uma empresa estava habilitado para entrar em todas, logo que se lhe offerecesse occasião, á semelhança

(73) Pensava elle, que era conde dos antigos, que conseguiam os titulos só por serviços heroicos feitos á patria, e pelos sentimentos d'honra de que todos eram sempre dotados, e não como os d'hoje, que todos sabem com que heroicidades, e com que serviços os apanham, e os sentimentos d'honra que todos tem; e de certo tambem elle não sabia o que depois me contaram, que elle fizera convenção com o guerrilheiro Thomaz das Congostas, para elle deixar de trabalhar contra D. Maria da Gloria, nomeando-o para isso governador da praça de Monsão, e que depois mandara uma escolta, que a pretexto de aboletamento, o tirara da povoação, e lhe pregara no caminho uma descarga.

(74) Como começou a constar esta minha ultima resolução, foi tambem ter commigo o padre João do Cano, hoje João Baptista Rebello Pereira, e se me offereceu, para juntar alguns homens, e ir tirar-me ao caminho. Considerando eu porém, que com isto não enganava a tal sucia, porque elles bem entendiam, que se eu quizesse devéras sempre ia, e que por consequencia para escapar tinha em todo o caso de occultar-me, disse que não queria, porque com isso nada compunha.

(75) Como eu disse sempre, que nenhum emprego queria, pediu-me o pandilheiro de Fafe para eu ceder os meus serviços no tal fradalhão para elle receber em meu nome o que eu havia de receber, ao que eu respondi=que os cedia n'elle ou em outro que quizessem, porque eu para mim nada queria.

d'uma rapariga, que cahindo na primeira fragilidade, cahiria em todas as que se lhe offerecessem. Muito mais triste fiquei então com esta resposta, por me convencer de que, estando elles n'estas ideias, era eu infallivelmente assassinado, mas assim mesmo continuei a marcha como arrastado á força.

137.º—Entrados em Braga notei uma frieza geral em todo o povo, misturada com uma grande tristeza, e como que aborrecimento pela minha ida alli, o que mais me convenceu ainda de que era levado á força para o matadouro, sem poder descobrir o remedio a dar-lhe, mas continuamos para os Biscainhos, onde se achava o Antas aquartelado.

Apeados todos mettemos em uma estalagem proxima á egreja de S. Victor a minha cavalgadura e as de meu mano, compadre e camarada, e marchamos a pé para o Antas, dando depois a guardar na casa dos Biscainhos as capas e polainas, que levavamos para defender da chuva que á tarde passou.

Veio logo o Antas esperar-nos ás escadas, e feitos os comprimentos, convidou-nos a tomar alguma cousa da sobremesa, porque n'esse instante acabava de jantar. Comi apenas um bocado de arroz doce, e pedi um gole de vinho verde, porque levava mui grande sêde, proveniente de certo da minha grande afflicção, do que bem me arrependi depois, por elle levar muito tempo a vir, e ser só para mim, pondo-me porisso em grande susto pela lembrança de que traria veneno.

Em todo o tempo, que nos demoramos, mostrou o Antas sempre muita satisfação e grande amisade ao administrador, e quando se virava para mim, o que fazia sempre com repugnancia, queria tambem mostrar-me agrado, mas sem elle querer, escapava-lhe um ar de aborrecimento e despreso.

Eu pelo contrario, que o media constantemente de cima a baixo e de baixo a cima, e lia com clareza o que se passava no seu interior, mostrei-lhe sempre a maior amisade e uma alegria, propria do dia, em que principiava a minha maior felicidade. Dirigiu-se elle então para o administrador, e fez uma saude ao heroe do Minho (que era elle administrador, por me enganar e arrastar alli), o que

me acabou de desenganar da minha desgraçada sorte.

Terminado o beberête, e na despedida, disse o Antas virado para mim,—julgo que o governador civil já tem a cama prompta, e porisso de certo lá fica, mas no caso, que a não tenha prompta, ou queira cá ficar, torne a vir, porque eu lh'a mando apromptar, e amanhã conversaremos devagar, assim como depois sempre, que queira apparecer —Marchei em seguida para o governador civil, acompanhado por todos com quem tinha ido para Braga, e pelo irmão do Antas.

§ 138.º—Feitos os comprimentos ao governador civil, e elle a nós, perguntou-me elle—se eu ainda estava com receio,—ao que eu respondi,—que o tinha perdido, aliás que não appareceria alli, andando livre como andava.—Estava tambem presente o Manso, o qual virando-se para mim disse—eu estive para ir a Vieira desenganal-o, mas receei não o convencer, e porisso não fui—Podia ser que me convencesse, mas seria isso muito difficil, e duvidoso, por eu recear, que as auctoridades não chegariam a conhecer a minha innocencia sobre o que alguns inimigos me intrigavam, como depois conheceram, indo pessoalmente, como foram a Vieira, informar-se a meu respeito com todo o povo da terra por meio dos officiaes e soldados de uma brigada, que lá levaram, para tirar a devassa geral que tiraram— (76).

Em todo o tempo fingi sempre a maior alegria, e levantando-me em ar de querer despedir-me, disse o governador civil—já mandei apromptar a cama, e porisso fique cá —Assim quero estar em companhia de v. exc.ª, disse eu, mas esta noite, se me der licença, vou ficar ahi adiante a casa do Lopes Leiria, da rua da Regoa, com meu mano e mais familia, e amanhã aqui venho ter, para então ficar de vez.

Não gostou elle de me ouvir fallar d'esta sorte, mas consentiu, e disse—que apparecesse pela manhã com o snr.

---

(76) E como havia elle de convencer-me, se eu tinha ouvido, no tempo de estudante, que elle se gabava de ter morto só de uma vez sete soldados prisioneiros no tempo das linhas do Porto afóra outros muitos n'outras occasiões, chegando até a ser reprehendido por D. Pedro?

administrador—que estava presente. Eu então lhe disse—amanhã ás 9 horas aqui estou, porque então já tenho imposto a familia—e marchei para casa do Almargem, que era então o general de Braga, homem com quem embirrei sempre desde a primeira vez, que o vi em Guimarães; mas n'aquella occasião não tinha remedio senão correr todas as casas dos principes da Synagoga.

§ 139.º—Chegados a casa do Almargem comprimentamo-nos reciprocamente, como se tiveramos sido condiscipulos nas aulas, e amigos intimos, e o mesmo com os officiaes do estado maior, que com elle se achavam, com igual fingido affecto e liberdade, dando-nos uns aos outros os abraços d'amigos, como se o foramos desde o tempo da escola.

Depois de conversarmos todos largamente, voltei-me eu para o Almargem (doido da consciencia, já se sabe, por ter dito d'elle sempre muito mal) e disse-lhe—snr., sou novo, e, como rapaz, tenho commettido muitas faltas, mas outros da minha edade, e nas minhas circumstancias, por certo que teriam commetido mais, e porissó, no caso de ter offendido a v. exc.ª, peço desculpa, porque essas faltas não nasceram do coração, com o fim de offender a v. exc.ª —Responderam-me então os officiaes—S. exc.ª é benigno, e não repara em bagatellas—Elle tambem deu signal de que em nada se considerava offendido, mas custava-lhe a olhar para mim, e mostrava não lhe ser eu muito sympathico, no que elle, a fallar a verdade, nada me ficava a dever, porque não morria d'amores por elle. Em seguida despedi-me, e marchei para casa do Lopes Leiria a ficar lá aquella noite, que suppunha a ultima com vida (77).

---

(77) Em todo o transito na corrida das casas dos principes da Synagoga fui sempre acompanhado pelo povo da cidade, entre o qual divisava alguns, em cujo semblante se descobriam signaes bem caracteristicos da maldição de Deus, e do sêllo do demonio, e que davam mostras de procurar occasião opportuna para me assassinar. Mas o Anjo do Senhor me acompanhou sempre, inspirando-me por mandado de Deus e de Nossa Senhora, o que eu devia dizer, os affectos que apparentar, e passos que dar, para me escapar da morte proxima, que o poder do inferno havia decidido dar-me.

Depois no tempo da Junta do Porto, quando eu andava com povo a favor da legitimidade, disse-me o padre Manoel do Passadiço de Cobide, que me acautelasse, porque um personagem ás ordens da Junta lhe dissera que a

§ 140.°—Depois de entrar na casa do Lopes Leiria, e já de noite, fui procurado por muitos, que diziam quererem ver-me, mas a nenhum d'elles appareci com receio de algum tiro, ou punhalada.

Apresentou-me o Lopes Leiria doce e vinho antes da ceia, mas nada pude comer com afflicção pelo fim que presentia proximo, como se estivesse de oratorio, embora sem as formalidades costumadas em taes occasiões.

Perguntei então ao Lopes Leiria o que lhe parecia da minha ida a Braga, mas nem elle nem a familia, que estava toda consternada, como eu, porque todos tinham os mesmos sentimentos, poderam decidir sobre a resolução a tomar em tal aperto. A este tempo entrou o filho Lopes Junior, que vinha de fóra, e contou que na rua lhe sahira um official do estado maior, e disse ser o irmão do Antas, armado a reconhecel-o, o que nos pôz em maior desconfiança sobre o fim tragico, que eu tinha a esperar.

§ 141.°—Postos á mesa ceiamos todos na maior tristeza, e silencio sepulchral, como se estivesse morta pessoa da familia, indo em seguida deitar-se meu mano, e o meu camarada, e ficando eu ainda com a familia á mesa em profunda meditação.

A este tempo bate-se á porta, e traz a creada a noticia de que estava lá fóra um subjeito a procurar-me dizendo ser o Amorim, que me queria fallar, ao que respondeu o Lopes—não conheço Amorim nenhum e agora não se abre a porta a ninguem—Ao ouvir isto varreu-se-me toda a afflicção, porque me lembrei, que era anjo que Deus mandava, para me livrar do perigo em que me achava, e acudi logo=conheço-o eu, conheço-o eu, que venha para cima.

Já desde muito antes eramos amigos, e nos correspondiamos por cartas, e poucos mezes havia, que nos tinhamos encontrado, e conversado muito, por occasião da romaria de Nossa Senhora do Porto d'Ave, na casa de Santo Amaro da santa familia do snr. dr. de capêllo e escriptor pu-

---

minha morte estava decretada nas lojas maçonicas. Porisso os meus receios a respeito de toda a grande sucia não eram infundados.

blico, fr. Florentino de S. Thomaz Athalde e Brito (78), quando eu fui visitar a Maria da Fonte.

Ao entrar perguntou-me elle em sobresalto, e sem outros comprimentos=Como veio v. ter aqui?!!=Foram os meus peccados, que aqui me trouxeram=respondi eu—fuja que é morto=tornou elle—isso queria eu, mas não sei para onde—repliquei em seguida—acompanhe-me=continuou elle—eu volto já=terminei eu. Fui a toda a pressa a meu mano e ao meu camarada á cama, e disse-lhes—vou occultar-me—Isso não tem logar, que fica muito mal=disse o meu camarada—e eu lhe retorqui=quer fique bem, quer fique mal, quer tenha logar, quer não, eu cá vou, você se quizer póde ficar=E as capas, que deixamos na casa do Antas?!! tornou o camarada—A estas horas, retorqui eu, ninguem me presente sahir, e porisso vão cedo por ellas, e digam, que eu não tardo em apparecer, e retirei-me.

§ 142.°—Toda a familia approvou esta minha resolução, sem se importar com os incommodos futuros, que viesse a ter. Despedi-me e acompanhei o Amorim, e ao sahirmos a porta entregou-me elle a um sombreireiro, alcunhado o Motta, que depois, passados annos, ordenou padre um filho, e no mesmo instante elle Amorim se ausentou com o

---

(78) Esta casa foi sempre estalagem franca e gratuita para refeição e agasalho de todos os legitimistas, que passavam por aquelles sitios. O snr. dr. foi em tempo nomeado lente da universidade de Coimbra, mas nunca acceitou, como o grande dr. Gomes d'Abreu, por lhe repugnar a consciencia prestar juramento de fidelidade ao governo liberal, que elle reputou sempre inimigo da Religião Catholica.

Nas muitas e amiudadas vezes que, alta noite mesmo em occasiões tempestuosas, quando vivia occulto, bati de manso á janella do quarto d'este honradissimo portuguez d'antiga tempera, ouviu-me sempre de prompto, e me veio pessoalmente abrir a porta, apresentando-me em seguida alguma refeição.

Em uma noite, em que toda a familia já dormia em pesado somno, disse-me elle=se quer fiquemos ambos n'esta minha cama?! e n'ella nos deitamos, dormindo eu em toda a noite em somno profundo. Pela manhã disse-me elle =o seu corpo parecia fogo toda a noite=E como não havia de ser assim, tendo eu, como de costume, palmilhado um par de legoas a pé?!! sujeitar-se um homem adiantado em edade, doente, e da sua cathegoria, a um tal sacrificio, é só proprio d'almas mui grandes!!!

De todas as vezes que por lá appareci encontrei sempre o maior agrado em toda a familia, como se fôsse visita de parente proximo e o mais querido.

seu irmão tambem Amorim que ficara á espera á porta (79). Andamos um pouco em direcção aos Piões, e logo o Motta me entregou a um caseiro pobre, e mouco, que vivia com uma pequena de edade entre 18 e 20 annos, não sei se filha, e se ausentou no mesmo instante (80).

Recolheu-me o caseiro, que me pareceu bom homem, e me mandou deitar em um sobrado, onde recolhia a palha centeia ao lado e no cimo de umas escadas, por onde se subia para a cosinha, que ficava no mesmo nivel d'elle. Alli me deitei entre a palha, cobrindo os pés até quasi á cintura com ella, e o restante corpo com o casaco, que trazia vestido. Assim me conservei deitado o resto da noite até ao meio dia seguinte, com as pernas cobertas de palha, e sem bulir, para não ser presentido pela muita gente, que subia e descia pelas escadas a comprar vimes dos arcos de cuba ou pipa, que elle vendia, porque o tal sobrado ou coberto tinha portada mas sem porta, no espaço da qual ficavam as pernas, que descobertas podiam ver-se bem por o sobrado estar pegado ás escadas.

Perguntando-me elles pouco antes do meio dia o que eu queria comer, por não ter acceitado o offerecimento da sua comida, quando jantaram, disse-lhes, que fizessem favor de me comprar e cosinhar um frango, desejando-o afogado, mas sem me lembrar de o recommendar d'esse modo, e elles o coseram e m'o trouxeram depois. Como porém elle era só cosido, e por consequencia sem cheiro, que me despertasse o appetite, e como eu tinha mui grande fastio,

(79) No dia seguinte Antonio Augusto de Amorim que, como anjo, Deus mandara a salvar-me das garras infernaes dos que procuravam assassinar-me, apresentou-se a passear mui socegado entre a tropa, para d'este modo se tornar insuspeito, e mostrar que não influiu, na minha retirada inesperada, e sem me entender primeiro com os que tanto se empenhavam em me fazer feliz á força e contra a minha vontade.

Andava elle com um jogo de pistolas no bolso, e decidido a fugir com a maior velocidade, no caso de perceber desconfiança de si, e a desfechar com todo aquelle, que procurasse estorval-o no caminho; mas felizmente não foi isso preciso, porque ninguem deu rumor de si

(80) Se vamos mais adiante, era eu provavelmente preso, ou morto porque para isso, segundo depois me disseram, estavam tomados todos os finaes das ruas por guardas da tropa pelo menos nas proximidades da casa, onde entrei a pernoitar.

e mui grande afflicção, não pude comer nada, e assim fiquei até á noite com grande cuidado respeito á minha familia e á do Lopes, que suppunha estarem todos na cadea.

§ 143.º—Depois do meio dia arranjaram-me uma cama deitando palha centeia no chão com dois lençoes lavados em um quarto limpo, e para lá me mudei, onde estive todo o resto do dia. Pela tarde ouvi d'alli mulheres visinhas nos quintaes dizer em conversa á pequena da casa, que tinha fugido o padre Casimiro, entretendo-se algum tempo a fallar a tal respeito.

D'ahi a pouco entrou a pequena, e me disse—não sabe, fugiu o padre Casimiro?!!— e que homem era elle? —lhe perguntei eu—era um que andou por ahi com muito povo a dar fogo á tropa—respondeu ella—e eu repliquei —pois então deixal-o fugir; eu sou caixeiro, e tambem estou bem morto por me escapar, porque ando na cobrança, e receei, que me prendessem para soldado, e por causa d'esta demora o meu patrão ha de estar com grande cuidado a meu respeito—e nada mais dissemos, porque nada me appetecia fallar.

§ 144.º—Ao anoitecer vendo os dois da casa, que eu estava ainda em jejum, disseram-me—então não ha de comer nada?!—e eu lhes pedi, que me fôssem comprar um arratel de bolinhos de doce, e meia canada de vinho, o que trouxeram de prompto, mas eu nada pude ainda comer pela lembrança de que ambas as familias estavam presas, e eu bem arrependido de ter mandado pelas capas a casa do Antas.

Bate-se então á porta, e perguntando-se quem era, respondeu-se—é o Amorim. Entrado elle perguntei-lhe eu—e a minha familia, e a do Lopes?!—está tudo salvo—respondeu elle. Passou-me então toda a afflicção, e comemos os bolinhos, e bebemos o vinho mui contentes.

Contou então o Amorim, que á vinda da minha familia com as capas ouviram um zum-zum aqui, e acolá, pelo campo de Sant'Anna adiante, dizendo-se—fugiu o padre, fugiu o padre—A este som dobrou cada qual o passo sem olharem mais uns para os outros, chegaram á estalagem em S. Victor, montou cada um por sua vez o mais depressa que pôde, e largaram a galópe a toda a brida, com medo, de

que a cavallaria os seguisse, sem se tornarem mais a ver, senão, julgo que em Vieira, ou pelo menos mui distante de Braga.

E' de notar, que tendo eu justo com o governador civil de apparecer ás nove horas, já ás oito estava cercada por tropa a casa do Lopes, e toda a familia presa, para irem a perguntas, como depois foram, sem nada se descobrir (81). Tal era a sêde que me tinham e o cuidado que eu lhes dava, que de certo os não deixou dormir socegados, e na verdade foi pena ! ! !

§ 145.º—Marchamos depois proximos e ao longo do ribeiro ou rio d'Este, suburbios da cidade, para casa de José Custodio, official de cavallaria realista, na rua dos Pelames, onde estive occulto mais d'um mez, e onde fui muito bem tractado á sua custa, e julgo que com algum auxilio do legitimista Pipa, da rua do Souto.

No caminho começaram uns rapazes, que nos acompavam armados, a fallar na fugida do padre Casimiro, e eu lhes perguntei, se tinham andado com elle e o conheciam, ao que responderam=que sim. D'ahi a pouco disse eu ao Amorim—é necessario arranjar-me cavalgadura para estar em Ponte do Lima antes do meio dia para a cobrança, porque depois de amanhã tenho de apparecer no Porto, e entregar ao patrão todo o dinheiro, para elle fazer um pagamento no mesmo dia—ao que respondeu o Amorim—tudo se remedeia.

§ 146.º—Disse-me depois o Amojim, passados dias, que o Antas, logo que soube da minha fuga, arrancava as barbas de desesperado, porque tinha mandado dizer para

(81) Perguntada cada pessoa da familia do Lopes, e elle, á parte, responderam todos de modo, que nem nada as auctoridades descobriram, nem elles se tornaram suspeitos, sem para isso todavia se terem combinado, por não contarem com tal desfecho: é que Deus os inspirou.

Na mesma occasião em que a casa foi cercada appareceu o tal Fradalhão da Portella d'Arões no largo, mui triste, e pensativo, por perder a grande pechincha, com que contava sem trabalho. Que innocente!!! ainda era de bom tempo!!!

E' de notar mais, que entrando as cavalgaduras minhas e de minha familia na estalagem pela tarde da vespera, e sahindo n'aquella manhã dia alto, e a galope, não chegaram as auctoridades, nem a tropa a saber onde ellas ficáram, por grandes diligencias que fizeram, para o saber.

Lisboa, que estava o melro na rede, e via que se lhe escapou, sem elle poder dar uma desculpa airosa, nem poder tornar a por-lhe a vista por cima.

Começou elle a dizer, para me desaccreditar, que eu lhe offerecera toda a correspondencia, que tinha do partido realista, e que elle se recusára a acceital-a, reprehendendo-me, por ser uma traição feita aos meus correligionarios, sem nós em tal termos fallado, nem isso me vir nunca á lembrança por ser totalmente opposto aos meus sentimentos, e até sem eu nenhuma ter a tal respeito, porque até então nada n'isso se fallava. Mas sabendo-o eu publiquei uma carta nos periodicos a desmentil-o, e nunca mais elle fallou em tal.

Assim terminou o drama do primeiro movimento popular, chamado a Revolução do Minho, ou da Maria da Fonte.

É de notar que, segundo me contaram, desde o levantamento das mulheres para o enterramento, que ellas fizeram afim de estorvar o exame da junta de saude, nunca mais o sino da minha freguezia do mosteiro de Vieira tocou senão a rebate, para chamar o povo ás armas, atè o Antas ir a Vieira, porque nunca mais até então morreu ninguem em nenhum dos numerosos e grandes logares, que compõem a extensa freguezia. Parece na verdade, a ser isto assim, que Deus determinára este movimento popular, para os fins que elle quiz, e que permittiu, que não morresse ninguem, para que o toque a defunto se não confundisse com o de rebate.

CAPITULO X

Acclamação do Senhor D. Miguel I em Vieira pelo padre João do Cano e ataque aos Sirzinos em Braga pelo Garcia.

§ 147.º—Logo que eu me occultei, fez o padre João do Cano, hoje João Baptista Rebello Pereira, a acclamação do Senhor D. Miguel I em Vieira, mas intempestivamente, sem ordem de chefe algum, nem combinação com pessoa de influencia.

Como porém o povo me não via em campo, sabendo que eu era legitimista dos mais puros, e me tinha escapado das unhas do Antas, e o padre João nem apresentava ordem para fazer a acclamação, nem até então tinha commandado como chefe, nem se achava auctorisado para isso, nem apparecia em parte alguma mais outra força legitimista em armas, começou a desconfiar, e a mostrar-se frio em o acompanhar. Por isso elle, para ir tendo mão no povo, viu-se obrigado a ir-lhe dizendo sempre, que eu lhe mandava dizer, que se sustentasse, porque brevemente appareceria. Ajudou muito a compôr o povo o meu camarada, apresentando cartas com a minha firma (porque eu lhe escrevi alguma, mas sem nada lhe dizer a tal respeito), e dizendo elle de sua cabeça, que eu lhe recommendava, que continuassem até eu sahir a campo, o que não podia tardar muito.

Como porém eu me demorei mais de um mez, começou o povo a descoroçoar devéras, e a desconfiar que era pêta o que ambos diziam, e a querer revoltar-se contra elle. Concorreu muito para esta desconfiança o levantarem os inimigos, que elles andavam comprados pelos cabraes, para tirarem o povo aos setembristas e defecaremlhe as forças.

§ 148.º—Quasi no fim do tempo em que estive occulto,

appareceu em Braga o hespanhol chamado Santiago Garcia, inculcando-se como general, que vinha mandado, para dirigir a restauração da legitimidade em Portugal, sem eu todavia chegar em tempo algum a ver documento, que o auctorisasse como tal.

Disse elle que queria fallar comigo, e para isso nos juntamos de noite em casa de uma familia legitimista de confiança na mesma rua dos Pelames, onde eu estava occulto. Ao entrar na dita casa, depois de comprimentar a familia, comprimentei-o tambem a elle, na supposição de que era estudante pertencente á mesma, porque o via muito novo, e até sem signaes de barba.

Não pude lembrar-me de modo nenhum, que um negocio de tanta monta fosse confiado a um rapaz de tão pouca edade, e até imberbe, porque pouco mais podia ter que vinte annos. Fez-me elle algumas perguntas, mas com mostras de que realmente estava revestido de auctoridade, sem todavia eu ainda me lembrar, que fosse elle o general incumbido da restauração.

Foi a principal das perguntas = que porção de povo poderia eu juntar? = á qual respondi = que como povo juntava muito, mas que como militares não o podia saber, porque todos em geral tinham grande repugnancia em seguir a milicia; entretanto que não os convencendo eu a alistar-se, nenhum outro seria capaz de os convencer.

Disse-me elle então = que eu era o Cabréra de Portugal, que podia fazer o que quizesse, como nenhum outro, e que por isso podia prestar mui grandes serviços á causa da legitimidade =. D'isto conclui eu, que elle estava incumbido de algum negocio relativo á causa legitimista; e nos apartamos, voltando eu para a casa do José Custodio, onde estava occulto.

§ 149.° = Passados oito dias pouco mais ou menos, manda-me elle chamar de novo, e fallamos na rua Nova em casa do José Maria Dias da Costa; e ahi justamos de ir no dia seguinte para Vieira juntar o povo, para voltar a Braga bater os Sirzinos do Monte Alverne, que lá se achavam. Já então andava o Macdonel em campo, julgo que havia oito dias.

Sahimos pois na noite seguinte eu, elle, o José Custo-

dio capitão de cavallaria, o Amorim, o José Maria Dias da Costa, e outros montados e acompanhados por alguns rapazes armados de clavina, com direcção ao Pinheiro, onde só podémos chegar na madrugada, por irmos devagar por causa do grande escuro que fazia, e chuva que cahiu sempre.

Comemos alli alguma cousa sem nada dormirmos, e em seguida, por ser dia santificado, fomos á missa a Geraz, onde perguntamos pelo padre João, o qual nos disseram andava por Terras de Bouro, e se dirigia para S. Gens, porque de noite lhe tinham ido dar parte da nossa chegada, para marchar para esse ponto com o padre Manoel d'Agra, porque lá andava tambem.

§ 150.º—Marchamos então para S. Gens, e de lá para Frades. Ficou o povo contentissimo com a minha chegada, porque não contava tornar mais a ver-me. Pela tarde marchei para Vieira para juntar o povo; mas, chegando acima da Egreja Nova, disseram-me, que se aproximavam a Vieira n'aquella tarde os de Guimarães, Fafe, e Basto. Voltei então para a Egreja Nova, e passei as ordens para se juntar o povo, e irmos cortar-lhes a rectaguarda pelas Lourosas, e Rossas, e marchei para Frades, onde soube, que era falsa a noticia, e onde chegaram o padre João e o padre Manoel, cada um com a sua porção de povo.

Marchei então para Vieira com o Amorim, e o meu camarada. Ceamos e passei as ordens, para o povo se juntar no dia seguinte em Frades, e nos deitamos na madrugada a descançar um pouco. Acabado pela manhã o trabalho necessario para a reunião do povo, jantamos, e marchamos para S. Gens, para onde tinha tambem ido o Garcia. Achamos o povo já formado nas Chãs, e a musica a tocar. Estava o Garcia fardado de general com o José Custodio fardado de capitão de cavallaria, que lhe servia de ajudante d'ordens, e outros mais cavalleiros, o que tudo apresentava uma vista de respeito.

§ 151.º—Fez alli o Garcia uma falla ao povo á animal-o para romper com coragem, com a qual o enthusiasmou muito. Marchamos depois até ao Pinheiro onde nos anoiteceu, e onde se deu pão e vinho ao povo, marchando depois

em grande silencio até perto do Novainho, onde se descançou até á madrugada, mas sem dormir.

Na madrugada deu-se pão e aguardente ao povo, e o Garcia o dividiu em diversas porções, e mandou com cada uma o official que lhe pareceu mais habil.

Mandou primeiro muito cedo o padre João, e passado tempo o padre Manoel, para cada um atacar pelo seu lado.

Começou o padre João o fogo com os piquetes, que foram retirando até ao Popnlo, onde estavam os Sirzinos aquartelados, mas, vendo elles que a força era mui pequena, animaram-se, e carregaram com todo o pezo o padre João e o padre Manoel, custando muito a ambos a salvar-se.

Mandou-me ultimamente o Garcia a mim com uma força muito menor ainda, e que de certo não excedia a vinte homens, no que eu reparei e não achei muito acertado, por me fazer passar de Cabréra de Portugal, que, segundo elle mesmo, eu era até poucos dias antes, a cabo de esquadra, que elle acabava de me nomear em effectivo serviço; mas acceitei esta nova nomeação sem reflexionar, e marchei para a cidade em cumprimento das ordens do general creançola.

Quando sahi do Novainho, que dista de Braga uma grande meia legua, já lá se ouvia fogo, e, como o reforço levou muito tempo a chegar, viram-se o padre João e o padre Manoel em grande aperto, e no maior perigo de ser tudo prisioneiro e morto, o que não acreditou o improvisado general.

§ 152.º—Entrado na cidade, e chegado á ponte, que segue aos Peões, vi pelos campos da direita uma porção de Sirzinos em batedores a cortar-nos a rectaguarda, e então deixei uma porção de homens na rua, e retirei com o resto até á primeira viella, e os postei n'ella em ordem estendida á espera que elles se aproximassem, chegados os quaes mandei fazer-lhes fogo, fugindo todos precipitadamente á segunda descarga.

Marchei em seguida até ás Roqueiras ou Loureiras, onde principiou então o fogo mais forte, por carregarem alli os Sirzinos com maior pezo, e sahiu então de dentro da cidade o padre Manoel mui afflicto, e com os olhos rasos de

agua, contando o perigo em que se viu, sem esperança de escapar.

Estando eu alli com outro rapaz proximos a um pequeno socalco, que teria tres palmos de altura, a desmanchar um cunhete de polvora com as cabeças chegadas uma á outra, passou-nos por entre ellas uma bala despedida de uma janella da esquerda com tal certeza, que feita a pontaria ao meio de ambos, para segurar um de nós, seguiu ella a direcção dada, passando por entre ambos sem ferir a nenhum.

§ 153.º—Como a polvora começou a faltar ao povo passamos a retirar até á primeira subida, ou calçada da estrada do Bom Jesus adiante dos Peões, avançando sempre sobre nós os Sirzinos. Para que o povo não desanimasse parei no primeiro alto acima da calçada em sitio descoberto, onde passavam constantemente as balas atiradas pelos Sirzinos, que rompiam em batedores sobre nós pelas veigas dos Peões.

Como o povo via que eu me não movia, nem fazia caso das balas estava em volta de mim sem tambem fazer caso d'ellas, como eu. Estava no mesmo sito tambem o Garcia, o qual observando o perigo em que estavamos, e sem elle poder retirar, para se pôr em segurança, porque via que lhe ficava mal o fazel-o sem nós o fazermos, mandou o povo avançar, e como ninguem fez caso da sua commandancia virou-se elle para mim e disse = Padre Cássimiro, abago = dei então um salto ao ar e disse = rapazs,e a elles, e sem medo, que é Deus comnosco =, e marchei de carreira até aos Peões e todo o povo me acompanhou tambem de carreira (82).

Como os Sirzinos nos viram romper a elles de carreira sem saber o motivo, fugiram immediatamente tambem de carreira pelas ruas dentro até ás Loureiras, e ahi começou de novo o fogo vivissimo, que durou por um bom espaço, até que sendo morto um dos Sirzinos retiraram os outros

(82) Rompendo eu na frente, como rompia sempre, todo o povo me seguia com coragem, ainda que estivesse convencido de que se mettia no maior perigo, mas mandando-o avançar sem ir na frente ninguem se movia, por não estarem sujeitos á disciplina militar.

até S. Victor, avançando tambem até lá o povo em cima d'elles, seguindo-se então ahi o fogo muito mais activo.

Estavam ás Roqueirás o morgado d'*Areias* da freguezia de Cobéllas, proximidades do Carvalho d'Éste, e outro rapaz a bater fogo no meio da rua, e a peito descoberto, com todo o desembaraço, e sangue frio, como se o fizessem por divertimento, distinguindo-se mais que nenhuns outros pelo garbo com que se batiam.

§ 154.º — Durou então o fogo em S. Victor todo o dia, mas não se pôde romper á cidade, porque ficando o abbade de Priscos, segundo me disseram, de vir ajudar com o povo de Villa Verde e de Prado, para atacar pela Conega, não appareceu em todo o dia, provavelmente por falta da combinação precisa, ou por não poder juntar o povo a tempo.

Pela tarde começou de novo outra vez a faltar a polvora; cessou então o fogo, retirando nós para o Bom Jesus do Monte, e parte do povo para as povoações em volta, e todos sem comer em todo o dia.

Custou muito este ataque em vidas e polvora. Se eu o commandasse provavelmente não haveria tanto desperdicio, porque, por não saber a arte de guerra, seguiria a regra do aldeão que, batendo-se a cacete com um jogador de pau, e atirando-lh'as amiudadas e com pezo, dizia-lhe o jogador =, que fizesse jogo = ao que o aldeão respondia = o meu jogo é atiral-as amiudadas e carregadas, não sei outro = levando debaixo o jogador por não poder suster-lhe as páuladas.

Eu do mesmo modo repartiria o povo em tres, ou quatro divisões, para atacar por tres, ou quatro lados da cidade com direcção ao Populo logo de madrugada, deixando apenas alguma pequena reserva em logar mais perigoso, para cobrir a retirada, no caso de desastre. D'esta sorte iriamos apanhar os Sirzinos de surpreza, e talvez a dormir, porque, não havendo gente em armas senão distante leguas, não podiam elles lembrar-se, que podiam ser atacados com tál rapidez, e se encontrariam desprevenidos.

D'esta sorte é de crer, que fossem aprisionados com bem pouco perigo para o povo; e mesmo quando o não fossem ficaria o fogo circumscripto a um pequeno terreno,

e então nem morreria tanta gente, como morreu, nem se desperdiçariam tantas munições, como se desperdiçaram. Entendo, pois, que foi muito mal dirigido este ataque, por se dar sem se ter feito com o vagar preciso a combinação com o abbade de Priscos, e por se mandarem os commandantes principaes, os melhores, e de mais prestigio, na frente com uma insignificancia de povo, que só serviu para acordar os Sirzinos, e pol-os em precaução, com o perigo certo de ficarem todos os commandantes principaes mortos com o povo que os acompanhava, e sem o menor proveito para a causa.

§ 155.º — Chegados ao Bom Jesus com parte do povo, que para lá nos acompanhou, fez-lhe o Garcia uma falla, em que determinou que fossem aquartelar-se por onde podessem, e que na manhã seguinte se reunissem alli ao signal do sino da torre.

Dadas por elle as ordens, que julgou convenientes, e depois de sahir d'alli o povo, perguntei-lhe eu á parte — para que é isto? — É para aqui ficarmos esta noite, e juntarmos pela manhã o povo, para de terminarmos o que se tem a fazer — respondeu elle — que eu aqui fique, isso é que não — retorqui eu —. Porque? — perguntou elle —. Pois não lhe occorre, que está aqui tudo cheio de espiões a observar o que se passa, para pela manhã apparecermos cercados, e sermos todos mortos, sabendo o inimigo, que ficamos aqui só os commandantes principaes, e sem povo algum para nos defendermos?!! — retorqui de novo. — E que havemos então de fazer? — perguntou elle. — Eu o direi quando fôr tempo — respondi eu, e tratamos de descançar até á hora, que eu julguei opportuna, mas sem nada se comer, por não haver que.

§ 156.º — Perto da meia noite disse eu — vamos a sahir para dormirmos em Pedralva ou Sobreposta, e se avisou tudo o que alli estava, para nos acompanharem. Começou então a chover miudo, e se cerrou um escuro fechado a ponto, de que logo á sahida nos perdemos uns dos outros, sem o sentirmos, marchando parte para a direita, e parte para a esquerda, sem nos tornarmos a ver senão no dia seguinte.

Marchando diante de mim o dr. José Maria dos Athay-

des, da casa de Santo Amaro, da Senhora do Porto (§ 139.º), e indo a esbarrar-se em cima d'um penedo, era morto, se eu não presinto, e o não puxo a mim juntamente com o cavallo em que elle montava, para os suster; e então apeamos todos com receio de repetição de outro caso identico.

Como eu, para pôr os pés, procurava sempre os sitios mais claros, por me persuadir, que eram pedras, para me não enterrar em lameiros, passado pouco tempo tive a infelicidade de cahir a uma poça cheia d'agua, e tomar n'ella involuntariamente um banho geral a todo o corpo, remedio tonico e refrigerante, que podia curar de prompto qualquer irritação hemorrhoidal a mais assanhada, e renitente, por ser em uma noite frigidissima, como estava aquella, continuando depois a marcha com toda a roupa a escorrer.

Servia-nos de guia um pequenino, o qual depois de muito andar, e de nos metter em uma tapada de matto sem sahida disse: «agora não sei mais» porque se tinha perdido, e nós com elle. Depois de sahirmos d'ella, como podemos, valeu-nos o avistarmos ao longe uma luz, na direcção da qual marchamos; indo ter a Espinho, proximidades do Bom Jesus, por não podermos atinar para Pedralva ou Sobreposta, como queriamos, e que ficavam muito mais distantes.

§ 157.º — Entramos então na casa d'um caseiro pobre, que já se achava cheia de povo, divisando-se apenas no tecto da cosinha o clarão da fogueira do lar, que só podia aquecer alguns dos que estavam na frente. N'estas circumstancias tractamos de procurar na casa um palheiro, onde podessemos despir-nos, por irmos completamente molhados, e tivemos a fortuna de encontrar uma cama, onde descançava uma pequena da familia, que nos cedeu o logar com bem pouca vontade.

Ao deitar-nos, nus já se sabe eu e o dr. Athayde, abafamos debaixo d'uma manta negra os lençoes, ainda mais negros que ella, e nos mettemos entre ella e outra da mesma côr. Depois de deitados perguntei eu ao companheiro, que annos haveria, que elle não tinha dormido em cama igual, ao que elle respondeu «que nunca», e perguntando mais «a que lhe sabiam aquellas mantas asperas, e grossas», res-

pondeu «que a veludo», e alli passamos a dormir á regalada (83).

Pela manhã cedo correu voz de que os Sirzinos já estavam na serra, e que não tardavam alli, e ao mesmo tempo mandou-me dizer o Garcia, que por acaso tambem ficou no mesmo logar de Espinho, que sahissemos a toda a pressa, porque estavam os Sirzinos a chegar.

Vestimos pois a roupa molhada, como a tinhamos despido, e marchamos para Quintella, proximidades da Senhora do Porto, onde comemos e nos demoramos até á tarde. A' noite marchamos para Santo Amaro, a ficar em casa dos Athaydes, onde enxugamos a roupa, que ainda estava molhada da noite antecedente.

§ 158.º — Vieram com effeito os Sirzinos na madrugada, e cercaram o Bom Jesus, como eu tinha previsto na vespera, matando apenas um pobre de pedir, que sahia da egreja de rezar, e um ferido, que não podémos retirar, e isto por não encontrarem mais ninguem, porque eram parentes dos tigres.

Foi ao chegarem ao Bom Jesus, que correu a voz, de que já estavam os Sirzinos na serra, aliás eramos mortos mesmo em Espinho, se não tivessemos entrado alli alta noite, e não se soubesse por isso a nossa chegada. Soffreram os Sirzinos em castigo a perda d'um dos seus, segundo me disseram, porque chegando ao Bom Jesus um dos rapazes, e topando com elles, retirou sem perigo, batendo fogo, e matando um d'elles.

No dia seguinte marchei para Vieira, para tractar de formar um batalhão, e de fazer o mais que era necessario para a continuação da guerra; mas passados poucos dias recebi a noticia de que no dia immediato se ia entrar em Bra-

(83) Perderam-se n'essa noite pelos montes por causa do escuro muitos dos rapazes, que retiraram, chegando alguns, como o Campos, meu segundo camarada, a perder de todo o tino por causa do grande frio, valendo-lhe, para não morrer talvez, o cederem-lhe da cama quente uns casados, e fazendo-lhe uma agua, julgo que de gallinha, sem elle tornar a si senão depois de passado muito tempo. Appareceram além d'isso alguns outros pela manhã com as solas dos pés quasi comidas e em sangue, sem poderem dar um passo, por terem andado pelos montes em uma noite de tanto escuro de penhasco em penhasco sem poderem assentar os pés, aos quaes cedi as cavalgaduras, em que iamos eu e o meu camarada, obrigando-nos depois a marchar a pé.

ga, por os Sirzinos terem abandonado a cidade, e terem marchado para o Porto (84).

Sabido isto marchei logo para Braga andando toda a noite, e entrando lá de madrugada. Estava já o Garcia no Populo a principiar a organisação, e se passaram as ordens precisas para se juntar em Braga o Povo. Porém recebeu logo o Garcia ordem do Macdonel para não continuar a mandar como general, e elle deixou então de commandar.

CAPITULO XI

Entrada do Macdonel em Braga, e ataque do Casal

§ 159.º—Entrou logo o Macdonel em Braga e me reprehendeu por eu sahir a campo sem sua ordem, ao que eu respondi «que ninguem me tinha contado nada respeito á direcção dos negocios, e que por isso eu nem d'elle Macdonel tivera noticia senão na vespera, e que sahira com o Garcia, por se me ter dito, que era elle o general nomeado dara dirigir a restauração.

Com esta resposta ficou elle satisfeito, e a tractar-me com respeito e amisade, nomeando-me «commandante geral do batalhão ou batalhões, que se formassem com o titulo de batalhão ou batalhões de Vieira.

Quiz eu então fazer a organisação em Braga, porque se me foram offerecer os estudantes das aulas e os artistas da cidade com o maior enthusiasmo; mas o Macdonel não o consentiu, e logo por isso soffreu a causa um grande prejuiso, porque perdeu esta gente, e outra muita, que esta influia. Saindo eu pois desgostoso, e vendo que nem me dava dinheiro, nem munições, tractei de fazer apenas uma pequena guarda de sessenta rapazes dos mais decidi-

(84) A retirada de Braga dos Sirzinos foi o unico resultado e proveito, que se colheu do ataque, que tão caro custou.

dos, corajosos, e de melhor porte, e deixei de organisar, como podia, uma grande brigada, por não ver meios para a sustentar. Inutilisou-se por consequencia o grande prestigio que tinha, e que podia ser de grande proveito: mas Deus quiz que continuasse o castigo, e foi porisso que logo começou tudo a esfriar.

§ 160.º — Aproximou-se depois o Casal a Braga com uma brigada de perto de dois mil homens em occasião em que eu lá estava, e, sabendo-se isto pela tarde, fui logo dizer ao Quartel Mestre General, que era bom marchar eu immediatamente para Vieira juntar o povo, e voltar com elle para ajudar á defeza: mas elle respondeu, que fosse descançar, e depois me iria a ordem ao quartel.

Chegou-me com effeito a ordem da meia noite para a uma hora, e marchei immediatamente, mas só pude chegar a Vieira na madrugada, por distar de Braga quatro grandes leguas.

Juntei o povo e marchei para Braga com tenção de ladear pelo Bom Jesus e Falperra ao nascente e sul da cidade, e ir esperar o Casal a Macada, para o atacar pelo flanco ou pela rectaguarda. Como a estrada desde lá até Braga vae quasi sempre entre paredes, podia o povo quasi em todos os pontos dar fogo com pouco risco, e por consequencia destroçar a cavallaria por não poder manobrar, ou obrigal-a a sahir aos montes, por onde seria acossada pelo povo em todos os sitios por onde passasse, e provavelmente apanhada, no caso de se separar da infanteria e caçadores.

Mas infelizmente quando cheguei pela tarde a S. Gens com o povo depois de andar duas legoas, já lá encontrei o povo, que retirava de Braga, depois ter soffrido na manhã o ataque do Casal, no qual foram mortas mais de dusentas pessoas sendo parte das que bateram fogo na defeza da cidade, as quaes vendo-se cercadas e sem espererança de salvação, se renderam sendo em seguida espetadas nas ruas contra as paredes das casas pela tropa infernal, que conseguiu para o commandante o alcunho ou titulo despresivel de barão de Agrélla, pelas façanhas horriveis, que praticaram n'aquella desgraçada terra, que communicou o seu nome ao monstro horrendo. Parte das pessoas assassi-

nadas por aquellas hordas de demonios foram das que sahiram n'essa occasião de rezar nas egrejas.

§ 161.º—Soube alli, que o Macdonel se achava em Geraz, e o Candido, logar tenente do snr. D. Miguel, em Frades, freguezias contiguas a S. Gens, e porisso retirei eu tambem á noite com o povo de Vieira e uma carga de polvora, para a Egreja Nova, tambem freguezia contigua, onde me demorei dois dias, retirando depois para Salamonde na mesma estrada de Braga para Chaves, distante d'alli duas legoas.

Demorei-me depois n'este ponto até á sahida do Casal de Braga, por querer descançar á vontade, e não me convir por isso estar perto d'elle com gente indisciplinada, que não estava afeita a observar a vigilancia precisa nos piquetes, guardas, e sentinellas. O Macdonel retirou depois para a Senhora do Porto, e de lá para Guimarães.

§ 162.º—Logo que o Macdonel entrou em Braga começou a esfriar o enthusiasmo do povo, e a diminuir sempre, até se extinguir de todo, por causa da apathia em que elle se conservou em todo o tempo, que lá se demorou, sem mandar fabricar munições, nem dar providencias algumas, para se tomarem as precauções necessarias em negocio de tanta ponderação.

Todos o suppunham já inhabil para uma empreza de tanta monta, como a de que se tractava, e até muitos já desconfiavam da sua fidelidade. Esperando elle contra todas as regras militares dentro d'uma cidade aberta por todos os lados, e sem nenhuns intrincheiramentos, o ataque d'uma grande brigada, ou força regular, contra uma pequena força irregular, e em principio de organisação, desprovida totalmente de munições, dava mostras mui claras, ou d'uma mui pronunciada tontice, ou d'uma premeditada traição, a não ser absolutamente ignorante da arte da guerra, e d'uma cerrada estupidez.

Demais d'isso quando lhe fallavam em mandar fabricar munições respondia, «que não eram precisas porque tinha o Casal fechado na mão, o que não podia significar senão que entre elle e o Casal havia combinação para o Casal e o seu partido o não hostilisar, ou para elle Macdonel atraiçoar os realistas.

Accresce tambem, que sendo acossado de perto pela cavallaria do Casal, quando retirava pelo campo de Santa'Anna, deixou cahir no chão um papel, que levava atraz das costas, logo que se viu no maior perigo, retirando em seguida a cavallaria para a rectaguarda, e deixando-o escapar a salvo, o que dava claros indicios de que de parte a parte havia ajuste secreto, tornando-se por este facto mui suspeito de traição (85).

Accresce finanlmente o ir elle em pessoa fazer uma descoberta sem necessidade, quando foi morto pela tropa do Vinhaes, tendo dito antes ao fazel-a, que ia salvar a causa do rei, com que mostrou estar sem tino algum, ou estar em harmonia com a tropa inimiga e por consequencia ser traidor.

§ 163.º—Logo que começou a correr, que o Cazal estava proximo a sahir de Braga para Valença, marchei eu com os voluntarios a aproximar-me d'elle, indo pernoitar ao Pinheiro. No dia seguinte sahiu elle com effeito, e foi pernoitar a Villa Verde, e eu, juntando a mim os voluntarios do padre João do Cano, marchei com elles e com os meus, a pernoitar em Amares, a pequena distancia d'elle, deixando as ordens passadas para o povo me seguir, com tenção de lhe dar fogo no dia seguinte.

Esperava eu que o povo de Prado e das montanhas proximas se amotinaria e lhe faria fogo pelo flanco esquerdo, ou pelo poente; eu pela rectaguarda, ou pelo sul, o povo de Terras de Bouro e montanhas proximas pelo flanco direito ou pelo nascente, e o batalhão dos de Fafe, que se achava nos Arcos pela frente, ou pelo norte, intrincheirando-se na ponte.

Alem d'isto sabia, que elle levava muito pouca polvora e que por consequencia não podia chegar-lhe para toda a jornada de tantas legoas até Valença. Sabia tambem que levava a mulher e filhas, assim como muitas mulheres e

(85) Foi declarado ha pouco em um artigo na Nação que elle, quando sahiu da Inglaterra já vinha comprado pelas lojas maçonicas, para atraiçoar o partido legitimista, mas ainda que se não publicassem as provas, que apresentou o dito artigo na «Nação», bastava o facto do referido papel, ou qualquer outro dos enumerados acima, para ser reputado traidor, ou pelo menos como tonto pela decrepitude e vinhaça.

amigas ou concubinas da tropa, e muitos empregados, o que tudo lhe causava grande estorvo.

Sabia egualmente que a cavallaria não podia manobrar na maior parte da estrada, por ir quasi sempre entre paredes, sendo obrigada porisso a marchar a um de fundo, ou a sahir para os montes, e todo o povo podia fazer fogo quasi sempre com pouco perigo e de traz das paredes. Sabia finalmente, que se dizia ter havido em Villa Verde uma grande indisposição entre a cavallaria e caçadores, a ponto de quererem principiar a fogo uns contra os outros.

Por consequencia n'estas circumstancias marchavamos com a maior coragem, contando ficar com o armamento de toda aquella brigada, o que decerto aconteceria, se o povo de todas as terras referidas sahisse a dar fogo, como eu esperava, e como com effeito sahiria, se o Feio não fôsse adiante enganal-o, dizendo-lhe, que o Casal queimaria tudo, se lhe dessem fogo, o que se evitaria dando-lh'o; porque então não teria elle tempo para perpetrar tal monstruosidade, e se a perpetrasse punha-se em risco de o fazerem depois dançar no meio das labarêdas, porque o povo de Prado não é o d'Agrella.

§ 164.º—Transtornou-se porém tudo, porque logo de manhã começou a chover a cantaros, e assim continuou todo o dia, chegando todos nós á noite á Portella d'Abbade, onde pernoitamos, completamente molhados.

Soube tambem n'essa occasião, que os guerreiros de Fafe, logo que souberam da marcha do Casal, fugiram a toda a pressa, deixando-lhe a passagem livre, e dando «vivas» a mim, e ao Senhor D. Miguel, pelas terras, por onde passaram, para os não embaraçarem, não se julgando seguros senão nos seus proprios lares. Por consequencia transtornou-se todo o meu plano, porque Deus assim o quiz, para continuar sobre nós o castigo terrivel, que ainda estamos soffrendo.

§ 165.º—Retirei-me pois no dia seguinte, indo pernoitar em Prado, e no immediato em Braga, marchando em seguida para Vieira. Vendo porém que já tinha feito muita despeza n'aquella terra, fui a Guimarães pedir ao Candido fornecimento e munições, para os voluntarios. Deu-me elle então vinte moedas, as quaes empreguei em fardamento e

patronas, dando ao negociante parte da despeza, e ficando de lhe dar o resto em breve por o Candido me dizer, que estava a chegar muito dinheiro da Inglaterra, o que se não verificou.

Fardei então alguns voluntarios, mas passados poucos dias soube, que o brigadeiro Bernardino, que estava em Guimarães, fizera liga com a Junta do Porto, e que para lá marchara com a gente, que trazia, o que me affligiu em extremo, fazendo-me adoecer, por ver, que quasi todos os mais chefes tinham desapparecido, parte por o acompanharem, e parte por se occultarem, ficando quasi só eu em campo sem meios nenhuns, para continuar a guerra, e por me lembrar, que, abandonando eu tambem, acabava a causa de todo, e sem esperança de tornar a reviver.

Entrou então o brigadeiro Luiz Leite, que tambem se occultara, a mandar-me gente para Vieira, da que não quizera acompanhar o Bernardino, e a recommendar-me, que sustentasse a causa, porque o Senhor D. Miguel não tardava a vir, mas sem me mandar nem dinheiro nem munições. Muito mais me affligi eu por ver maior força de povo, e sem ter que lhe dar, e sem ver d'onde me viesse.

§ 166.º—Ouvi eu dizer por essa occasião, que em Barroso estava embargada para os Cabraes uma grande quantidade de pão. Mandei saber d'isso, e os portadores me disseram que era verdade o estarem embargadas duzentas medidas de trigo, assim como algumas vaccas e bois, e que havia tambem lá n'um deposito um conto de reis, e umas trinta e tantas moedas n'outra parte com mais alguns miudos.

Disseram-me mais, que o povo de lá lhes dissera, que fôsse eu, ou mandasse, e elle ajudava á empreza, e tanto que já n'esse mesmo dia tinha feito descarregar umas cargas, que iam marchando para Chaves, e os portadores disseram ao povo, que embaraçasse o transporte de tudo pelos tres, ou quatro dias seguintes, porque dentro d'esse tempo eu lá apparecia com a minha gente. Tractei eu então de me prevenir de munições, e do mais que era preciso, para fazer aquella sortida com a maior brevidade possivel (86).

---

(86) Já eu sabia desde muito antes, que o povo de Traz-os-Montes estava todo desejoso de me vêr, e que pedia fôsse eu para lá, porque tinha quanta

CAPITULO XII

Ida do caneta a Vieira e as duas sortidas a Guimarães

§ 167.º—N'esta occasião chegou a Vieira mui alegre o José Maria de Sousa, da rua Nova, de Braga, por appellido o Canêta, cunhado do José Maria Dias da Costa, da mesma rua, dizendo, que já havia muito dinheiro, e que d'alli em diante appareceria todo o fornecimento necessario.

Fiquei então mui contente, e já me não affligia por andar só eu em campo, porque povo tinha eu quanto quizesse, e podia formar um exercito do tamanho, que me parecesse. Logo mandou fazer rancho, comprar palha para se dormir, e fazer uma grande ceia para os officiaes e para elle, com o que ficamos todos muito animados.

Contei-lhe então que tencionava fazer a sortida a Barroso, e disse elle que não convinha, que trazia ordens superiores, para irmos primeiro a Guimarães dar outra vez os «vivas» ao Senhor D. Miguel, por ter sido lá que se entornara a causa, e mesmo porque era lá onde estavam os grandes recursos, e que os não podiam conseguir sem se tornar a entrar em Guimarães.

---

gente quizesse, sem ser preciso levar do Minho nenhuma commigo. Sabia tambem, que chegando eu uma vez a Ruivães, e correndo a noticia, que ia para cima, se cobriu a villa de Monte Alegre de povo, para me ver. Mas assim mesmo queria ir prevenido á cautella, como se fôsse para terra inimiga, para me não acontecer como ao padre Manoel d'Agra que, indo ter sem companhia a casa do padre Antonio das Quintas foi logo cercado e preso por uma escolta de Chaves, que lá o apanhou, e por consequencia para não ter de que me arrepender, se o negocio não corresse como eu queria.

Lidou pois commigo até me convencer a marcharmos para lá logo no dia seguinte, para se receber polvora, por a haver lá em abundancia, segundo elle dizia, e para marcharmos depois para Barroso.

Disse-lhe eu tambem que devia alguma cousa nas vendas, e que era bom se pagasse, para todos se convencerem que já havia dinheiro, e elle tudo pagou, o que andava por quarenta e tantos mil reis.

§ 168.º—Como nunca ninguem me disse segredo algum respeito á causa, e só o Canêta mostrava tanta franqueza, accreditei-o, e porisso marchamos no dia seguinte para a Senhora do Porto, para de lá irmos para Guimarães, levando comnosco dois cavallarias, que dias antes se me tinham ido apresentar. Mandou o Canêta diante comprar um touro, e fazer o rancho, para lá pernoitarmos.

Na tarde do dia seguinte deu elle um pinto ou 480 a cada voluntario, e repartiu polvora. A's dez horas da noite marchamos para Guimarães com tenção de atacar a força que lá estivesse na manhã seguinte, custando muito a jornada por fazer grande escuro, e chover alguma cousa. Perto de Guimarães deu aguardente aos voluntarios, para irmos principiar o fogo.

§ 169.º—Dividida a gente em tres porções, para se atacar por tres lados ao mesmo tempo, encontramos um lavrador a roçar no monte, que nos disse terem na vespera entrado em Guimarães 800 praças de infanteria, cavallaria e lanceiros, com duas musicas. Mandou-se saber dentro se era verdade, e nos responderam que sim, e que retirassemos a toda pressa, porque já lá havia movimento na tropa.

Retiramos então pela ponte de Sêlhe em vez da ponte de Donin, por onde tinhamos ido, com direcção a Sobreposta, onde chegamos pela tarde com sentido de lá ficarmos. Lembrando-me porém, que a tropa podia vir surprehender-nos, e que estando todos moidos pela jornada da noite e de todo o dia sem descançar, ninguem seria capaz de acordar, nem que lhe tocasse um sino aos ouvidos, atravessamos a serra do Carvalho já de noite, e fomos pernoitar a Geraz, onde descançamos com todo o socego, por termos a certeza de que ninguem podia saber onde foramos parar, andando de noite mais d'uma grande legoa.

§ 170.º—Demoramo-nos em Geraz essa noite e o dia seguinte, e no immediato marchamos para a Povoa de Lanhoso, onde nos demoramos julgo que dois dias, nos quaes preparamos algum cartuchame.

Não tinha eu vontade nenhuma de marchar n'essa occasião para Guimarães, por ser tempo de entrudo, em que tinham ido a casa muitos dos voluntarios, e haver por isso mui pouca gente, e mesmo por se me atrazar a sortida a Barroso. Teimou porém o Canêta em irmos outra vez a Guimarães, e para lá marchamos de noite, chegando na madrugada seguinte.

Perto de Guimarães veio ter comnosco o padre José das Taipas, que dizia o Canêta ter promettido vir ajudar-nos com o povo de lá, e trazer-nos polvora. Nem soube então, nem nunca cheguei a saber com certeza o que o Canêta justou, ou tinha justo com elle, porque nada costumava dizer-me, mettendo-se a commandar desde logo que chegou a Vieira sem me dar a tal respeito a menor satisfação, nem eu tambem lh'a exigir, nem o estorvar, por me persuadir que elle tinha para isso algum geito, que vinha com dinheiro, e com poderes extraordinarios, como se inculcava sempre, e por eu não ser nada cioso do commando, nem ter nunca paixão por figurar, consistindo o meu maior e unico empenho em se vencer a causa.

§ 171.º—Depois de nascer o sol, e de se mandar ao padre José, que se approximasse, postaram-se vedêtas nos altos em diversos pontos, e alguns piquetes, para não sermos cortados, e se formaram os voluntarios, que n'aquella occasião seriam ao todo oitenta.

Mandaram-se os dois cavallarias com o Capitão em descoberta, e trouxeram a noticia que vinham ao longe doze paizanos de Gonça, para ajudar os sirzinos de Guimarães, e que era bom irem-se desarmar.

Foi pois o Capitão com os cavallarias e doze voluntarios, para desarmar os de Gonça, e nós ficamos ainda á espera do padre José. Passado um instante ouviram-se tiros, que supposemos serem a desarmar os de Gonça, mas eu fiquei um pouco desconfiado, que fôsse já fogo dos de dentro.

Continuou o fogo mais um pouco, e n'isto ouviu-se—cerquem, cerquem, que nos cortam a rectaguarda—, e vi descer

uns poucos de sirzinos pelo monte abaixo a cortar-nos a rectaguarda. Mandou-se para lá um pelotão, e continuou-se a observar o que seria. Começou então um pequeno tiroteio com as vedetas, e viu-se outra porção de sirzinos a cortar-nos a rectaguarda pelo unico ponto, por onde podiamos retirar.

Mandou-se então outro pelotão para esse lado, e começou o fogo no centro. Como levavamos mui pouca polvora, e o padre José nem appareceu, nem a mandou, e estava a findar a que levavamos, tractamos de retirar a toda a pressa, mas no maior risco, e cobertos de um diluvio de balas despedidas a distancia de tiro de pistola, que não sei como podemos escapar-nos.

Acabado o fogo, que pouco mais de meia hora duraria, e retirados nós do logar do ataque em distancia de ametade de tiro de bala, queria por força o Canêta almoçar alli com o povo. Disse eu então, que não consentia tal, porque, mesmo marchando a toda a pressa nos havia de custar a livrar do perigo, cortando-nos os sirzinos n'um instante a frente, ou ultimo ponto, que tinhamos para retirar.

Marchamos então ligeiros, e assim mesmo nos custou muito a escapar, porque quando passamos no sitio por onde eu suppunha, que seriamos cortados, já os sirzinos iam a descer mui ligeiros, e já mui perto de nós, sendo cortados infallivelmente se nos demoramos mais quatro ou cinco minutos.

§ 172.°—Chegados á ponte de Sêlhe, que ficava logo abaixo, e mui perto, vimos no alto opposto adiante da ponte cabeças junto á capella. Desconfiando d'ellas, e avisados por gente, que alli se achava, retiramos atraz para seguir o lado opposto do rio.

Quiz alli tambem o Canêta por força mandar tocar a reunir, e parar sem haver polvora nenhuma, e nem sequer terem todas as armas bayonetas. Abandonei-o então por uma vez, por me convencer devéras, que a não ser traidor, que quizesse dar cabo de nós, como parecia, era pelo menos absolutamente estupido, que nada percebia das manhas da guerra.

Se chegamos a passar a ponte, não ficava um unico de nós com vida, porque as cabeças que avistamos alem d'ella

eram dos sirzinos do Monte Alverne, que alli chegaram vindos de Braga de proposito para ajudar os de Guimarães, e então tinhamos a soffrer na ponte fogo pela frente e rectaguarda sem nós termos polvora, nem instrumentos com que nos defendessemos a ferro frio, o que na verdade parecia traição, mas de certo era estupidez (87).

§ 173.º—Abandonei pois o Canêta, porque nos mettia em continuos perigos, e fui dormir ás Lourosas. No dia seguinte recebi d'elle uma carta datada de Sobradêllo da Gama, em que me dizia querer fallar commigo. Fui ter com elle, e lhe disse que sahisse d'aquella freguezia, porque era inimiga e podia combinar-se com as visinhas, que tambem o eram em grande parte, e fazer-lhealguma traição, matando-os a todos. Não quiz elle annuir ao que eu lhe aconselhava, e então marchei para Vieira, e de lá para Rossas, para não continuar a fazer peso á minha terra.

Tornei depois outra vez a Sobradêllo, para o fazer retirar d'aquelle sitio perigoso, mas não o pude resolver, e então sahindo já de noite, fui pernoitar a Lourêdo. Como elle era o que pagava e queria mandar, e como entendi que ficava mal descobrir a nossa desharmonia, não fiz caso do que elle dizia e deixei-o sem me mostrar sentido. Lembrando-me que a desharmonia era prejudicial ainda no seguinte dia voltei a Sobradêllo, e ao chegar lá soube, que elle an-

(87) A coincidencia de terem entrado em Guimarães 800 soldados, quando o Canêta nos levou lá a primeira vez, e a de estar o Monte Alverne com os sirzinos de Braga á ponte a esperar-nos logo no fim do fogo, quando elle nos levou lá a segunda vez, assim como a lembrança de querer por força almoçar com o povo e commigo, a distancia do inimigo apenas de um tiro de chumbo de caça, tendo-se acabado de todo a polvora, a de querer tocar a reunir e parar, estando nós ainda quasi no meio da força inimiga, bem fornecida, e muito superior em numero e armamento, e a de me obrigar a ir duas vezes a Guimarães, sem eu até hoje chegar a reconhecer a utilidade, que d'isso resultava, e finalmente a de me estorvar de fazer a sortida a Barroso, onde tinha o lucro certo, e outras muitas, que combinavam com estas, eram mais que sufficientes para eu o reputar como traidor, que queria a todo o custo dar cabo de mim.

Entretanto nunca desconfiei d'elle, porque nem tinha cara de traidor, nem eu soube até hoje, que elle fizesse cousa, que o tornasse suspeito, e mesmo porque elle andava sujeito ao mesmo perigo. Por consequencia entendo, que elle queria figurar como commandante sem ter propensão alguma para a guerra, nem a habilidade e esperteza, que para ella se requer.

dava dizendo, que quem governava e mandava era elle, porque era o agente d'El-Rei, e que eu nem governava nem podia mandar, que aquelles, que o quizessem seguir, tinham fardamento e dinheiro e os outros nada teriam.

174.º—Fiquei então mui sentido, por elle se portar d'aquelle modo tão ingrato, e resolvi separar-me d'elle por uma vez, porque mesmo sem elle querer podia fazer-me uma entrega e sermos todos mortos.

Antes porém de nos separarmos devéras disse-lhe, que eu tambem queria saber do que corria, e dos planos que se formavam, porque tinha a responder perante Deus pelos voluntarios e por mim, e por isso que não queria, que os inimigos dessem um dia sobre nós e nos esmagassem por uma vez. A isto replicou elle que as providencias estavam dadas, e bem dadas, e que elle não tinha a dar mais cavaco a ninguem, que quem pagava e mandava era elle.

Disse eu então, que, se havia dinheiro para elle, com muita mais razão o devia haver para mim, porque relativamente á guerra muito mais aproveitava o partido commigo do que com elle, que se elle era agente d'El-Rei não o era eu menos, porque por elle tinha eu muitas vezes exposto a vida em um anno inteiro, vendo a morte continuamente diante de mim em todos os sitios, que me não fazia conta andar mais com elle Canêta, e que por isso me separava d'esde já. Replicou elle mais, que sim, menos com os voluntarios, porque estavam todos sujeitos a elle (88). Disse eu então, que por isso estava eu morto desde muito antes, para me livrar de trabalhos e afflicções.

Desde que elle me viu resolvido a separar-me devéras, e percebeu, que os voluntarios estavam fóra desesperados,

---

(88) Este modo de fallar mostra ser mais effeito de levéza, do que de traição, e foi por estar convencido d'isso, que eu tanto lidei para o fazer retirar d'aquella terra.

Depois de escripto tudo o acima referido conversei sobre estes acontecimentos com o snr. dr. fr. Florentino, da Senhora do Porto (n.º 78) e com outras pessoas de probidade, e todas me asseveraram, que o Canêta era legitimista fidelissimo, e incapaz de traição, como eu tambem sempre o tinha considerado.

por elle me tractar d'aquelle modo tão grosseiro e desapropositado, metteu-se ás boas commigo, e retiramos para Brunhaes, perto da Povoa. Não gostei eu de ficar alli, porque qualquer manhã podiamos ser surprehendidos, mas como elle tinha promettido fazer pagamento, fiquei a esperar que o fizesse, para depois me separar. Como porém elle o não fez, ausentei-me para Vieira, dizendo primeiro ao Capitão que esperasse pelo pagamento, e que depois, quer o fizesse, quer não, fôsse para Vieira com os voluntarios, que o quizessem acompanhar.

CAPITULO XIII

Combinação com a Junta do Porto e ataque sustentado na ponte de Rio Caldo

§ 175.º—Passados dois dias foi o Capitão para Vieira com o meu batalhão, e ficou o Canêta com o do padre João. Quando se apartou o meu batalhão inteiro, cahiu elle d'umas escadas abaixo com desmaio, e ficou depois sempre muito mal, e nunca mais pôde acompanhar o batalhão. Demorei-me eu pouco em Vieira, e passei logo para Salamonde, depois para Cabril, e depois pela Ribeira de Souas abaixo, e ultimamente para o Villar da Veiga, onde me demorei mais.

Quando andava pela Ribeira foi o Amorim de mandado da Junta do Porto, e do Brigadeiro Bernardino, pedir-me para eu não continuar a dar «vivas» ao Senhor D. Miguel, por lhes fazer com isso muito mal, ao que eu respondi, que não continuaria com tanto que me dessem o fornecimento necessario, fardamento, armas, munições e dinheiro, e com a condição mais de que vindo o Senhor D. Miguel, ou alguem de mandado d'elle, estava o contracto desfeito.

Escrevi então uma carta ao Bernardino n'este sentido, entregando-a ao Amorim, para elle lh'a levar. Como n'essa occasião foi o meu camarada a casa, entreguei-lhe a copia d'esta carta para elle de meu mando a mostrar a meu tio padre Francisco.

§ 176.º—Passados julgo que tres dias no Villar, chegou-me logo de manhã um portador de carreira a dar-me parte, de que os liberaes de Viera se andavam preparando, para me irem atacar ao Villar, que tocavam os sinos a rebate e se estava juntando muito povo, e que vinha tambem tropa pelo lado da Povoa de Lanhoso com muito povo de lá, e de outras terras visinhas.

Veio logo em seguida o meu camarada a toda a pressa avisar-me do que ia acontecer, para eu me prevenir. Contou-me tambem, que no caminho encontrara o liberal ruivo e calvo, e elle lhe dissera—não tardavam a ir darme fogo, e que eu bem podia fugir para a Galliza, porque iam atraz de mim até lá, e que eu estava perdido.—Replicou-lhe o meu camarada—que não podia entender como acontecesse tal, andando-se, como se andava, a fazer composição com a Junta do Porto, e para melhor o convencer mostrou-lhe a copia da carta, que eu escrevera ao Bernardino. Leu-a elle, e em seguida pediu lhe confiasse aquella copia. Como o meu camarada não suppunha, que d'isso resultasse mal algum confiou-lh'a e elle a mandou logo ao Governador Civil, e este á Junta, o que para um intriguista d'aquelle lote foi na verdade um achado de valor, e um petisco bem saboroso, por eu dizer n'ella ao Bernardino, como realista, que vindo o Senhor D. Miguel estava o contracto desfeito.

§ 177.º—Acreditei eu, que tudo era verdade, por os taes liberaes desde muitos mezes antes fazerem continuas reuniões nocturnas, e combinações com os da Povoa de Lanhoso, para me atacarem mesmo em Vieira, e ja os esperava havia muito tempo. Entretanto depois das muitas reuniões e combinações apenas de todas as vinte e duas freguezias do concelho de Vieira foram desoito homens atacar-me ao Villar, isto é foram só os que desde muito tempo estavam justos. Por consequencia o muito povo, que o primeiro portador viu a juntar-se, era o que retirava aos

montes a fugir aos amotinados, para os não acompanhar, porque obrigavam tudo á força, atirando-lhes para isso á bala, mas sem nada conseguirem, porque todo o povo os odiava como inimigos.

Como a tropa receou sempre muito aquelles sitios lembrei-me que, alem da que vinha pela Povoa, decerto vinha mais pelo lado de Fafe, e pelo lado da Ponte do Porto, atacando-me pelo lado da Senhora da Abbadia, ou pelo poente, pelo lado de S. Bento, ou pelo norte, e pela Ponte de Rio Caldo, ou pelo sul.

A razão mais fórte para eu acreditar aquella noticia era saber eu, que os liberaes tambem sabiam que nós andavamos sem polvora, e que por isso estavamos desarmados, podendo portanto atacar-nos sem perigo da sua parte, e contando com a victoria como certa.

§ 178.º—Estando eu pois com mui pouca gente, e sem polvora, e suppondo que vinha contra mim muita tropa, e muito povo, convenci-me de que estava morto com todos os voluntarios. Mandei então reunir a mim os voluntarios do padre João, que já andavam separados do Canêta, e julgo que estavam então em Soêngas, pouco distante d'alli, e passei-me para a Seara, logar de Rio Caldo logo acima do Villar, com receio de alguma traição em baixo.

Chegou pela tarde o batalhão do padre João, e mandei logo um piquete para a Ponte de Rio Caldo, outro pela estrada da Senhora da Abbadia, e outro pela estrada de Cobide, a esperar a tropa, que viesse por aquelles sitios, como suppunha, ficando eu no centro em observação do que acontecesse, para dar as providencias a tempo.

Passado pouco principiou o fogo á Ponte de Rio Caldo, onde se sustentou por bastante tempo, mandando eu logo reforçar aquelle ponto com a gente necessaria. Carregaram então os voluntarios toda a tropa, empregados e povo, que a acompanhavam, com tal coragem pela Ribeira fóra até á feira do Penedo, um grande quarto de legoa por uma ingreme ladeira, que puzeram tudo em precipitada fuga e vergonhosa debandada.

Como porém tinha o inimigo deixado um reforço para o lado de S. João da Cova, e outro para o lado da Ventosa, ou Caniçada, isto é aos lados do Nascente e Poente, e

vinham a cortar a rectaguarda aos voluntarios, foi necessario reforçar tambem de novo a Ponte, a qual o inimigo não pôde romper, e cessou então o fogo, por anoitecér.

Fugiram então a toda a pressa os liberaes de Vieira para a terra, e a tropa para Braga, andando toda a noite sem descançar, assim como todos os mais liberaes dos dois concelhos da Povoa, e S. João de Rei, parando só nas suas terras, que distavam legoas d'alli.

Se não fôra a protecção da Virgem, como poderiam pouco mais de 100 voluntarios, quasi sem polvora, arrostar com tanta tropa e povo de tres concelhos, e leval-os de carreira por caminhos asperos e ingremes como aquelles das visinhanças do Gerez por uma tamanha extensão?!!

Se não apparecera allí de prompto a Mulher Fórte a commandar em pessoa e a animar aquelle punhado de valentes, como poderia chegar a polvora para se conseguir tão gloriosa victoria sobre as hostes de Satanaz, que contavam acabar comnosco?!!

§ 179.º—Acabado o fogo e depois de se comer alguma cousa, mandei retirar os voluntarios para Cobide á rectaguarda, com receio de alguma surpresa na madrugada, por não saber ao certo a quantidade da força inimiga, que suppunha muito grande, nem a fugida precipitada d'ella para as suas terras, e eu pernoitei na Seara, porque estando só, me escapava com facilidade, mesmo no caso de me ver cercado.

Pela manhã depois de comer alguma cousa fui a Cobide, e pela tarde voltei para a Seara com os voluntarios, para ahi pernoitar, e passei as ordens necessaria, para no dia seguinte se juntar o povo, e com elle e com os voluntarios deitar um cêrco geral a Vieira, para ver se apanhava os amotinadores, que me tinham ido fazer a visita da vespera.

§ 180.º—No dia seguinte depois de almoçar marchei para o Penedo, e alli depois de se reunir muito povo reparti-o com os voluntarios em tres divisões, uma pela direita pelo tado de Taboaças, outra pela esquerda pelo lado de Cantelães, e outra muito mais fórte pelo centro com direcção a Brancêlhe, por ser dia de feira, e eu suppôr, que estariam lá os taes amotinadores. Marchei eu pela esquerda, para levar o povo de Lourêdo da Ribeira, de Salamon-

de, e de Cabril, e depois fui por Cantelães ter tambem a Brancêlhe.

Mandei adiantar primeiro as forças da direita e esquerda, para que, quando a do centro chegasse ao alto da feira da Ribeira ou Penedo, que já podia avistar-se de Brancêlhe, estivesse o cerco fechado, para se não poderem escapar os amotinadores, no caso de estarem na feira.

Disposto tudo d'este modo ajudou muito para esta empreza um nevoeiro cerrado, que se formou nos arredores da feira, estorvando a vista de dentro para fóra, e aclarando completamente só depois de aproximadas todas as forças ficando o cerço fechado quasi na extensão d'uma legoa de lado a lado.

§ 181.º—Logo que em Vieira se avistou tudo cercado, e o povo da Ribeira com os voluntarios a correr pelos montes, formando uma vista lindissima e imponente, levantou-se todo o povo de Vieira homens e mulheres a dar «vivas», e contentissimos pelo desejo que tinham de que os amotinadores fôssem apanhados (89). Não o foram porém, porque se tinham escapado muito antes, e na occasião do cerco já se achavam nas Chãs das Portas de Azevedo, fugindo em seguida para Brunhaes, distante de Vieira uma grande legoa.

Soube eu á noite que os voluntarios desesperados fizeram alguns estragos nas casas de alguns dos amotinadores, e que tencionavam continuar a fazel-os nas dos restantes no dia seguinte, o que eu não previ, nem de tal me lembrei, e muito senti este acontecimento, porque nunca gostei de ver mal nem nos meus inimigos, lembrando-me sempre, de que todos estamos sujeitos ás mesmas desgraças.

§ 182.º—Fui no dia seguinte a Brancêlhe para estorvar os males projectados, e, quando lá cheguei, estavám os voluntarios altercando fortemente com os officiaes, e dizendo, que por força haviam de matar um homem, que pren-

---

(89) Foi por Deus não se apanharem n'aquella occasião, porque eram todos infallivelmente mortos, mesmo contra a minha vontade, e sem proveito algum para a causa.

deram n'esse dia, e que estava na cadeia, por ser um dos que lhes tinham ido fazer fogo á Ponte de Rio Caldo.

Depois de os ouvir por um pouco disse—que o matal-o não convinha por modo nenhum, porque não tinhamos direito sobre a vida de ninguem, e porque era um peccado quasi irremissivel, e dos que bradam ao ceo, ou de per si pedem a Deus vingança contra quem os commette, que tão culpado seria o que o matasse como o que o consentisse, ou o não estorvasse podendo, e que eu não queria sobre mim tal responsabilidade, e que por isso não consentia em tal crime. Em seguida, para lhes abater a colera, disse—que elle na verdade merecia grande castigo, por procurar a morte a quem nunca o offendera, e que por isso, para elle aprender a ter mais juizo, havia de levar sessenta varadas bem puxadas, para lhe lembrarem por toda a vida.

Em seguida chamei os officiaes e sargentos á sala das audiencias, e lhes expuz os males incalculaveis que se seguiam dos estragos e mortes, que se fizessem, e que nós como christãos não podiamos de modo algum consentir n'isso, porque ficavamos responsaveis por tudo. Que um tal procedimento nos desacreditava, pondo-nos em parallelo com os liberaes, que por onde passavam tudo destruiam e matavam, por serem da natureza das feras e não acreditarem na eternidade, e que eu não queria sobre mim nem tal responsabilidade, nem tal descredito ou deshonra. Que reparassem para o que se dizia da tropa do Casal pelas barbaridades que fizera ao passar na Agrella, e que o mesmo diriam de nós se consentissemos, em que se perpetrassem taes maldades só proprias de monstros. Que era preciso por consequencia remediar do modo possivel os estragos feitos, e estorvar os projectados, para se não incorrer na indignação geral. Mandei-lhes, que formassem todos os voluntarios e povo defronte das escadas do tribunal, para lhes fazer as mesmas reflexões, e serem ouvidas de todos.

§ 183.°—Formados os voluntarios e povo na fórma dita fiz-lhes a mesma pratica, e accrescentei—que eu como christão e como padre, nem podia consentir, que em parte alguma se roubasse, ou prejudicasse, ou matasse alguem, nem mesmo acompanhar com ladrões, ou assassinos, porque seria olhado depois por toda a gente com horror, e te-

ria vergonha de apparecer mais em publico. Que por isso ordenava, que, no caso de se ter roubado alguma cousa se restituisse immediatamente, pois não consentia ladrões no meu batalhão, porque alem dos males apontados faziam desacreditar a causa porque pugnavamos, que sendo santa, como era, se tornava em malta de salteadores e de assassinos, e que por isso não podia eu tolerar taes crimes.

Que de todos os que nos foram dar fogo apenas dois ou trés eram os que obraram com perfeita malicia, e que os mais o fizeram sem ponderar o mal que iam fazer, e que um d'esses era o desgraçado, que se achava preso, e que por consequencia o mandava soltar (como logo mandei á vista de todos, sem ninguem se oppor, nem dar o menor signal de desapprovação) (90).

§ 184.º—Em seguida mandei todos os voluntarios e povo para Rossas, para não fazer peso á terra. Soube depois, julgo que no dia seguinte, que se estavam reunindo na Povoa os sirzinos de Braga, e outras partes, e comecei a desconfiar, que fôsse para voltarem a Vieira e no dia im-

(90) Sabendo eu que o Manoel Joaquim do Souto de Baixo, do logar da Gandra da minha freguezia, andava a trabalhar contra mim, mandei-lhe cercar de noite a casa, para ser preso, mas elle de madrugada presentindo o cerco escapou-se em fralda de camisa pelo telhado fóra n'uma manhã de grande geada Vendo-se porém depois em risco de ser morto, porque os voluntarios encontrando-o podiam talvez atirar-lhe, mandou-me pedir para o livrar do perigo, e eu em resposta disse, que para isso se apresentasse em Brancêlhe. Apresentou-se elle de prompto diante de todos os voluntarios. e eu fazendo-lhe a advertencia necessaria o mandei embora, assegurando-o de que não tinha perigo.

Foi elle depois da guerra nomeado regedor, quando eu andava occulto, e apresentando-se-lhe em casa os malsins do sabão a pedir-lhe, para os acompanhar a dar-me busca em casa, para ver se me apanhavam, respondeu elle, que por isso estava morto, entretanto que o não podia fazer, por governar só do rio para lá, mas que era o mesmo, porque o regedor do outro lado Bernardino do Talho de Baixo havia de fazer bem a diligencia, porque elle lh'o ia recommendar.

Escreveu um officio ao Bernardido dizendo-lhe—ahi vão os malsins, para dar busca na casa do padre Casimiro, olha lá como te portas; e mandou um portador de carreira por outro caminho dizer ao cunhado padre Manoel do Rissondo, meu visinho, que fôsse depressa dizer á minha familia, que não tardavam lá os malsins para dar busca á casa, que, se eu lá estivesse, sahisse ligeiro, e se tivessem contrabando em casa o posessem fóra.

Chegado o Bernardino á porta disse—não entra nenhum n'esta casa sem

mediato soube que com effeito elles destinavam ir de novo atacar-me, e então mandei a toda a pressa um officio a Rossas ao Capitão, para que voltasse immediatamente para Vieira com o povo e voluntarios, porque não tardava eu a ser atacado pelos sirzinos, vindos da Povoa. Não respondeu o Capitão, nem voltou, e se retirou para a Lagoa, distante de Vieira mais uma legoa.

Logo que soube isto mandei outro portador com recommendação de elle mesmo dizer vocalmente aos voluntarios e ao povo de meu mando que voltasse tudo para Vieira o mais breve, porque não tardava a ser atacado; mas infelizmente não chegou o portador a tempo, porque já tudo se tinha retirado para mais longe sem o povo e voluntarios saberem do perigo em que eu me via e sem ter ninguem commigo, porque o Capitão o occultou, ou por medo de entrar no fogo ou por traição.

§ 185.º—Pela tarde avistei no alto fronteiro do lado do Poente uma porção de povo junto, e logo suppuz que eram os sirzinos. Passado pouco tempo estenderam em batedo-

---

que se dispa e eu o reviste, e o fez a todos, e chegando ao commandante e recusando-se elle a despir-se, porque a lei o exceptuava, segundo elle affirmou, disse o Bernardino ao padre Manoel, que fôsse atraz d'elle, e ao visinho da Madrôa, que fôsse diante, e ambos observassem sempre, se elle mettia a mão no bolso, ou lançava alguma cousa ao chão, o que ambos cumpriram escrupulosamente. Ambos os regedores se portaram com a honra que deviam, signal de que eu mesmo occulto, e em tempo em que nada podia, era respeitado pelos proprios inimigos, a ponto de nunca ser procurado em casa, senão aquella vez a pretexto de contrabando, nem a familia desfeiteada, e signal de que não era tão malvado como o ruivo e calvo me chamava (§ 122 e nota 64), porque os proprios inimigos se fiavam em mim, quando eu os mandava apparecer na minha presença, como aconteceu com este e com outros.

Veio n'uma occasião ter commigo uma mulher e me disse—no meu campo appareceram umas pégadas d'esta noite com o feitio da bota do Domingos Manoel, e pela direcção d'ellas não póde estar occulto senão na casa dos do Cestal de Taboadêlo, por serem os unicos constitucionaes, que ha n'aquelle logar—. Passei eu depois n'esse mesmo dia perto da tal casa, e, mandando avisar os donos d'ella, que acompanhassem, responderam mal ao portador, e não sahiram. Se eu não tivesse sabido a dita noticia, e não suppusesse que o Domingos Manoel lá estava, decerto lhes mandava a casa quem os fizesse sahir á força, mas não o fiz, por me lembrar, que mandando lá os voluntarios era elle morto infallivelmente, porque todo o povo em geral era inimigo d'elle, e porque entre os voluntarios ia pelo menos um, que sabendo do levantamento em Vieira veio logo do Alemtejo de proposito para o matar, por elle o ter perseguido

res, com o que me certifiquei, de que com effeito eram elles. Mandei tocar logo os sinos a rebate para advertir o povo, e principalmente os de Cabril, que estavam a comer pelas casas, por terem chegado pouco antes, de que estava o inimigo perto, para que não fôssem surprehendidos.

Logo depois chegaram á ponte do Mosteiro, chamada a Ponte Nova, onde se lhes fez fogo, e se estorvaram por algum tempo de romper. Como porém não havia alli povo nenhum armado senão os de Cabril, que eram mui poucos, e eu suppuz, que vinham por mais partes, como vieram, e não havia polvora, e corria o risco de sermos cercados, e apanhados, cessou breve o fogo, e retiramos para os altos com a maior rapidez, e fui depois pernoitar a Lourêdo da Ribeira.

N'esta occasião como os sirzinos sabiam, que não havia quem lhes fizesse resistencia, por terem sido avisados antes de que todo o povo estava para Rossas, entraram em minha casa conduzidos por dois lavradores liberaes, um d'elles compadre de meu tio, e roubaram tudo, sem deixar

---

como recruta, e querer vingar-se d'elle, por ser realista. Porisso mostrei que não dava importancia alguma a tal resposta e não mandei lá ninguem.

Vendo-se elle Domingos Manoel afflicto, por andar occulto desde muito tempo, e temendo ser morto pelos muitos inimigos que tinha, mandou-me uma carta do Cunha Reis, de Braga, a pedir-me para consentir, que o Domingos Manoel estivesse em sua casa d'elle Domingos Manoel, e o defendesse de todo o perigo. Não tinha relações nenhumas com o Cunha Reis, e nem até o conhecia, mas por saber que era homem de bem, respondi-lhe, que podia ir para casa, e sem receio, com tanto que não trabalhasse contra mim. Suppondo eu, como suppunha que era do Domingos Manoel, que para o futuro me havia de vir o maior mal, portando-me d'esta sorte não podia ser reputado como sanguinario, nem vingativo.

Contaram-me por mais que uma vez, que o Morgado do Pousadouro, Administrador no tempo do levantamento de Vieira, dissera, que me havia de virar a cara com o de dentro para fóra, e eu respondia, que, se elle tinha dito isso, era tolo, porque lhe seria impossivel fazer tal, andando eu no meio de tanto povo armado, e eguaes respostas dava a outras muitas noticias d'esta natureza, signal de que não dava ouvidos a intrigas, nem conhecia inimigos senão no campo em acto de guerra.

Demais quando, passados julgo que dez annos depois da guerra, ia a pé no fim da tarde da Ribeira de Souas para Vieira, e atravessava o alto da serra entre lusco e fusco, receei não atinar para o logar de Terra Feita, para onde marchava, e vendo ao longe um homem, que se dirigia para o mesmo logar marchei de carreira a elle para me encaminhar. Chegando a elle e comprimen-

nada, porque era uma malta de ladrões (91), e até o dito compadre de meu tio, passado tempo appareceu com o relogio d'elle.

Fiquei eu convencido de que o Capitão se affastara mais uma legoa para me atraiçoar, comprado pelos liberaes, aliás não romperiam os sirzirnos tão animosos, e a maior parte ficaria morta em Vieira, mesmo andando nós falhos de polvora, como andavamos. Porisso tirei-lhe logo o commando, e o cavallo que lhe tinha emprestado; mas não o castiguei, como elle merecia, por não ter podido estabelecer a disciplina necessaria, em razão de faltarem todos os meios para isso, aliás o seria como crime imperdoavel.

§ 186.º—Na occasião em que eu cheguei a Lourêdo chegou tambem o Amorim a S. Gens com a resposta da Junta, e me mandou perguntar para onde devia marchar para fallarmos, e acabarem por uma vez aquellas desordens, que todas aconteceram depois de elle se ter apartado de mim, para ir tractar com a Junta. Mandei-lhe dizer, que

---

tando-o, começou elle um pouco convulso a desculpar-se por ter ido dar-me fogo á ponte de Rio Caldo, e conhecendo então, que era o homem, que estava preso, e que eu soltei, quando os voluntarios o queriam matar (§ 182), disse —basta, basta, isso já lá vae ha muito, e nem eu de tal me lembrei mais.

Continuamos para baixo a fallar sobre diversos objectos até chegar á casa de uma minha prima carnal, que estava casada no dito logar, e que eu ia visitar por me ficar na passagem.

Finda a visita aprompto-se o homem, para me acompanhar até minha casa, que distava meia legoa, para onde me dirigia, mas eu lhe disse—agradeço muito o seu favor, mas não o acceito, porque agora sei bem o caminho, e não tenho o menor receio.

Parece ser esta uma prova bem clara de que fui sempre respeitado pelos proprios inimigos, e que isso era devido á prudencia e honra, com que me havia portado sempre. Entretanto teve a minha familia muito que soffrer com os sirzinos de Fafe, atiçados por dois dos principaes amotinadores, comendo-lhe de continuo em casa.

(91) Passados annos escreveu-me o padre Francisco da Bornaria de Guimarães pedindo-me, para eu perdoar a um seu confessado o roubo que me fizera da obra de musica em dois volumes composta pelo bacharel Rodrigo Ferreira da Costa, ou dizer quanto tinha a dar-me por ella, e eu lhe respondi, que, se ella ainda existia, a queria, por necessitar d'ella e não a ter, mas se elle a não tinha lh'a perdoava. Tinha-me custado 2$100 reis.

estava em Lourêdo, e elle lá appareceu dizendo-me, que a Junta estava por tudo o que eu quizesse.

Combinamos então em eu ir organisar a gente em Bouro, por haver lá bons quarteis para os soldados, e por ser um sitio lindo, e commodo, para se fazer o competente exercicio; e para lá marchei immediatamente, esperando uns poucos de dias a resposta, e ordem da Junta, assim como os recursos necessarios, para acabarem os aboletamentos pelas casas.

§ 187.º—Como a resposta da Junta não vinha foi o Amorim ao Porto saber a causa da demora. Já então tinha a Junta recebido a copia da carta que eu escrevera ao Bernardino (§ 174), e por causa d'ella ficou em desconfiança a meu respeito, concorrendo muito para a augmentar o ter ella poucos dias antes feito convenção com o Brigadeiro José Marcellino, ter-lhe dado alguma polvora, e julgo que algum dinheiro, e ter elle em seguida continuado a dar «vivas» ao Senhor D. Miguel.

Por isso respondeu a Junta ao Amorim, que já não consentia, que eu organisasse força alguma, e que me fôsse apresentar a algum general sujeito á Junta quer constitucional, quer realista, e mandasse os voluntarios fazer o mesmo, ou os mandasse debandar.

§ 188.º—Trouxe-me o Amorim mui triste esta resposta, com a qual eu fiquei tambem mui triste (92), por me não lembrar n'essa occasião dos males inevitaveis, que tinham a seguir-se-me infallivelmente, e sem modo de os remediar. Resolvi pois dissolver o batalhão, e occultar-me-

(92) Pareceu então, que o confiar o meu camarada ao liberal ruivo e calvo a copia da carta, que escrevi ao Bernardino, causara um grande prejuizo, por me não occorrer então o perigo certo, em que me mettia; mas foi pelo contrario uma grande felicidade que Deus me porporcionou, para me livrar de trabalhos sem proveito, e da morte certa.

Feita a organisação por conta da Junta seguia-se o ser eu chamado com a gente ao Porto, e, se obedecia era morto, porque estando todos lembrados da minha apresentação em Braga, e da minha fugida, nem o Antas, nem os outros confiavam em mim, sem que eu entrasse na maçonaria, e isso era para mim peor que a morte, e se desobedecia era perseguido de dia e de noite por todos os cantos sem eu poder resistir por falta de recursos. Por consequencia Deus que cose direito por linhas tortas foi o que porporcionou a entrega da referida copia para me livrar de todos estes trabalhos e perigos.

porque suppuz com razão, que não podia nunca entender-me com a Junta nem com os sujeitos a ella, porque os reputava a todos como inmiigos, e não queria continuar em trabalhos e perigos por uma causa que odiava, nem pela minha da legitimidade por me faltarem todos os recursos, e sem esperança de apparecerem.

Juntando então os voluntarios contei-lhes o acontecido, e que eu falto dos recursos de toda a qualidade, não podia continuar em campo, como unico chefe, sempre em fogo, em trabalhos e continuos perigos, e sem prever o menor proveito para a causa. Accrescentei que porisso estava decidido a occultar-me; e que elles ou se retirassem para suas casas, ou se fôssem apresentar a algum general sujeito á Junta, porque do contrario não era possivel sustentarem-se.

Começaram elles então a dar «vivas» ao Senhor D. Miguel e a dizer, que queriam continuar como até alli, porque os officiaes, que eram estupidos, os influiam para isso. Expuz-lhes os perigos a que ficavam sujeitos, e que porisso pouco mais podiam aturar por falta de todos os recursos necessarios, e que o povo já estava cansado de os sustentar, e que elles ficavam em risco de serem perseguidos pelo proprio povo, atiçado pelos inimigos, que os alcunhariam de cabraes. Que mesmo não sendo perseguidos pelo povo, o vinham a ser mui breve pela tropa, que já vinha no caminho, e não pararia, se o Amorim não fizesse sustel-a, e que não contassem mais com a minha protecção, porque não podia mais ajudal-os. Todavia teimaram em continuar, e se apartaram, ficando eu em Bouro ainda mais dois dias, e occultando-me, passados elles.

§ 189.º — Passados oito dias, na Dominga in Albis, ou primeiro depois da Paschoa, chegou o padre João a minha casa na occasião, em que eu lá estava já occulto, para ir de mando do Brigadeiro Luiz Leite tomar conta dos voluntarios, como foi n'esse mesmo dia, tendo desde muito antes estado ausente por doença.

Quiz eu advertil-o do perigo, em que ia metter-se, mas não o fiz, nem lhe appareci por ver, que elle vinha muito animado pelo Luiz Leite com as promessas que lhe fizera, e que em tal caso em vez de o dissuadir, mais o influia,

persuadindo-se de que o meu desengano era filho da inveja dos louros, que elle contava colher.

Com effeito sustentou elle mais um mez em campo, mas assado sempre em fogo, até que afinal lhe custou immenso a escapar, acossando-o o inimigo a elle só sem companhia alguma pelo espaço de quasi duas legoas, desde as Lourosas até Bouro, e tão de perto, que quando sahia de uma casa por uma porta entrava o inimigo pela outra, valendo-lhe por ultimo o equivoco de marchar elle em uma volta por um caminho, e o inimigo por outro, perdendo-o então de vista. Com este divertimento, e tão prolongado, não contava elle, quando passou na minha casa, mas era o que eu já então lhe agourava.

Foi d'este modo que terminou para mim e para o padre João o drama do segundo movimento popular, ou da legitimidade; para mim a 10 de maio de 1847 e para o padre João passado um mez.

Tudo o referido foi passado a limpo em 1879.

CAPITULO XIV

Abertura da estrada de Santa Quiteria e das duas ruas desde a villa até ao Areo, e desde o Areo até ao encontro do Pé do Monte.

§ 190.º—No tempo em que eu vivia meio occulto em Samoça, em casa do snr. Antonio Joaquim de Barros Lima (vide a nota do n.º 26 adiante), dizia elle a miudo, que se deviam fazer oito capellas na descida do monte, e frente d'esta villa de Felgueiras, para se collocar em cada uma d'ellas uma imagem de cada uma das oito santas, irmãs de Santa Quiteria. Accrescentava tambem que elle as tencionava fazer á sua custa, logo que se lhe proporcionassem os meios para isso.

Resolvendo depois o revd.º missionario padre Joaquim

Alvares de Moura estabelecer no Santuario de Santa Quiteria a confraria do Immaculado Coração de Maria, lembrou o snr. Barros Lima a projectada obra das capellas, e ao mesmo tempo a competente estrada para o Santuario, que até então tinha consistido apenas em um carreiro irregular e pouco perceptivel.

Passou elle pois em seguida a talhar e medir commigo a dita estrada em ziguezague regular com os competentes oito angulos para as ditas capellas, no que gastamos bastantes dias, por um tempo frigidissimo.

§ 191.°—Talhada e medida a estrada combinei eu com alguns sujeitos darmos de noite principio á sua abertura, como com effeito demos. Depois continuei com estes e outros no mesmo serviço nocturno mais algumas vezes até que se começaram a interessar na obra alguns influentes, e começou o povo, principalmente de Margaride e de alguma freguezia mais proxima a vir incorporado continuar de dia o mesmo serviço, trabalhando de graça as pessoas de ambos os sexos sem distincção de condições, segundo o comportavam as forças de cada uma, tanto a cavar a terra, como a encher cestos, ou leval-os ao seu destino.

Acompanhei sempre esta obra até ao fim, dirigindo os trabalhos, e enchendo cestos com as mãos continuamente ensanguentadas, por causa dos callos produzidos pelo cabo da enxada, por não estar acostumado a este serviço, ao qual me sujeitei da melhor vontade pela devoção antiga para com Nossa Senhora, e pela que então ganhei para com Santa Quiteria, advogada contra todas as molestias, mas com especialidade contra as mordeduras dos animaes hydrophobos, ou damnados.

§ 192.°—Para abrir a estrada na largura de 36 palmos como foi talhada, e dirigil-a desde o cemiterio direita ao Arco, e para abrir tambem a rua desde o Arco até á villa em linha recta e da mesma largura, tivemos de luctar com a opposicão acintosa e decidida de todos os influentes principaes d'aqui.

Forcejaram elles quanto puderam para que ella desde o cemiterio rodeasse á esquerda pelo Sardoal junto ao Pé do Monte e seguisse os torciçóllos da barroca velha até a povoação, chegando a ameaçar-nos com a opposição dos

proprietarios, e a intrigar-nos com alguns, obrigando-os a apparecer no sitio, para elles proprios nos embaraçarem pessoalmente o rompimento a direito para o Arco, como foi com o snr. José Joaquim, da Cancella de Jugueiros, que ouvidas as nossas razões nos deu licença ampla com a melhor vontade, e contentamento.

Forcejaram tambem quanto puderam para fazer que tanto a estrada como a rua ficassem com a largura de 20 palmos, e tambem o não conseguiram, mas para isso foi preciso enganal-os no acto da medição, tirando a medida de 36 e mostrando-lhes na fita o numero 20.

Vimo-nos então obrigados a ir ao Porto no tempo em que lá grassava a febre amarella mui ateada, e por um calor ardentissimo, para conseguir do fallecido Monteiro licença para romper na sua tapada de Belem, e, não o achando lá, fomos fallar com elle a Braga, que prometteu cá vir como com effeito veio, e nos deu a licença desejada que pediamos.

§ 193.º—Projectamos depois nós ambos e o snr. José Martins da Cunha Sampaio fazer a rua desde o Arco até ao centro do Pé do Monte, e para isso conseguimos mais adiante nova licença do mesmo snr., assim como do fallecido snr. João Martins da Cunha, e para a conseguirmos das fallecidas Queiróz, ou antes da familia do Cruzeiro, vimonos obrigados a conseguir donativos das pessoas amigas, e lhe demos 60$000 reis.

Tambem os mesmos opposionistas procuraram estorvar-nos essa abertura intrigando-nos com o snr. Castro da Viacova, sobrinho do snr. Monteiro, que apparecendo no sitio, e inteirado da nossa razão, não só nos não embaraçou, mas até a pedido nosso nos deu licença, para produzirmos a rua para o lado contrario na sua tapada de Belem até á de Moutelles em cruz ou quadro com a que vem da villa.

No dia seguinte depois de alagada a parede da dita tapada no sitio competente, e feito o cavouco para n'elle se assentar a parede do alinhamento em virtude da licença dada, passando pelo sitio um dos influentes principaes, e gabando muito a obra, foi para baixo intrigar-nos com o

influente maior e o moveu a vir pessoalmente embargal-a, pelo que ella nunca mais continuou.

Perdeu-se porisso uma grande parte da belleza maior do Arco, e o dono de Moutelles perdeu talvez o valor centuplo da propriedade, porque era mui natural, que mais adiante se produzisse a rua do Pé do Monte em linha recta até á barroca das Cantarinhas constituindo uma rua extensissima, a mais linda e magestosa de todas, cujo terreno em moradas de casas e quintaes do lado de cima e de baixo, em vez de um ou dois carros de folha e alguma lenha e pouco mais, podia provavelmente dar o rendimento de algumas grandes quintas.

Perdeu-se tambem a estrada inteira desde o Arco pela Bouça do Monte, Cruz Nova e Marco do Seixo até ao Abelal, que na maior parte tinha de ser aberta no grande pinhal de Samoça, terreno que para esse fim o snr. Barros Lima estava decidido a dar gratuito, porque é mais franco em dar do seu, do que os opposionistas em consentir na liberalidade dos outros. São estes os effeitos das almas pequenas e sentimentos despresiveis, que desde sempre estorvaram até então o engrandecimento da terra, como todos sabem, porque, por acanhados receavam que tudo lhes viria a fazer sombra.

Abriu-se pois a dita rua nos terrenos de que tinhamos licença, mas não a podemos abrir no terreno da fallecida Maria da Loja, sogra do snr. José Martins, porque os mesmos opposionistas a estorvaram indispondo a sogra com o genro para esse fim, e só passados annos, e com grande custo, se conseguiu depois completal-a, constituindo agora ella com a outra e a estrada do Sanctuario a galanteria principal da villa.

§ 194.º—Quando talhamos a dita estrada e ruas tinhamos tambem projectado formar em plano no logar do Arco uma meia laranja, para collocar n'ella um chafariz com um tanque, representando Santo Antonio a prégar aos peixes, para com esta obra constituir a base ou fundamento da estrada e mais obras até ao Santuario, e tinhamos publicado esta lembrança.

Accrescentava mais o sns. Barros Lima que, se o Senhor D. Miguel viesse em quanto elle vivia, estava decidido

a diligenciar movêl-o a acceitar ser juiz perpetuo da confraria, e a promover a entrada na mesma da maior parte dos officiaes do exercito legitimista com um dia de soldo, para se dar maior impulso ás obras, e tambem tinha publicado ésta lembrança.

Porém lembrando-se agora um alfaiate de comprar parte do terreno em que se devia formar ametade da meia laranja, para n'elle fazer uma casa com dinheiro que os filhos para isso lhe mandaram do Brazil, desmanchou o nosso plano.

Perdidas as nossas esperanças de vermos esta formosura, e receando eu então, que fôsse elle mesmo que viesse a talhar a casa n'esta terra de cegos, e que viesse a transtornar o alinhamento geral das duas ruas por formar quina com ambas, disse-lhe em particular antes de principiar a obra, que devia alinhar uma das frentes pela casa, que já está assentada no logar competente da rua que vem da villa, e a outra pelas casas, que tambem já estão assentadas na rua, que vem do Pé do Monte, e lhe ensinei o modo de fazer o alinhamento.

§ 195.º—E' de advertir, que aqui é desconhecida a virtude civica, chamada patriotismo, e que muitas vezes a substituem pelo vicio contrario chamado egoismo, talvez por ambos acabar em ismo e os supporem da mesma natureza e significação por falta de diccionarios, e porque além das razões acima ditas, e outras muitas que não convém relatar accresse que, no principio das ditas obras depois de aberta a rua, deitaram n'ella logo ao sahir da villa muitos carros de entulho, para despejo de outra obra, os quaes se conservaram annos em montes, como foram lançados, por não obrigarem o auctor do despejo a alagal-os, ou dar um tostão a uma mulher que fizesse esse serviço, e ainda assim se conservariam hoje, se por fortuna não passasse por alli depois a estrada real (93).

---

(93) Em uma noite de escuro, quando a rua estava ainda embellesada com os montes de entulho, indo diante de mim uma pequena de fóra d'aqui para a villa com um pequenito ao lado, ora se achavam em um alto, ora appareciam n'um fundo, sem poderem assentar os pés, e dizia a pequena—que rua esta, que faz sobalcar o estomago!!! não se pódem assentar os pés em

Accresce mais, que ficando egual, ou aplanado o terreno da rua inteira depois de feita, agora se acha cheio de regos e barrocos, e por consequencia intransitavel, para quem passar por alli em noite de escuro sem lanterna de boa luz, por se não lembrarem nem sequer de desviar ao lado o enxurro, que desce do alto, e que em peor estado se acha sempre a estrada do Santuario toda cavernosa, por não conhecerem como os de juizo que é ella a que dá maior realce á villa.

Accresce além d'isso, que ainda ha pouco talharam uma rua de compadrio por modo tão exotico, que mostrando-se o risco a um engenheiro disse elle que estava muito bom, mas que não queria n'elle o seu nome, nem como engenheiro, nem como camarista.

Accresce finalmente, que se tem consentido construcções de casas na villa, com que se tem cerceado muito o já d'antes bem apoucado terreno da feira no centro d'ella. Lembrando-me pois de tudo isto fiquei receoso de que nada aproveitaria com a minha recommendação.

§ 196.º—Com effeito realisou-se o meu presentimento porque passando depois pelo sitio da nova obra, e vendo os alicerces de ambos os lados segundo parecia fóra de todo o alinhamento, e que se roubava á rua, que vem do Pé do Monte, mais da grossura da parede da casa, fiquei afflicto e disse ao tal alfaiate—este alinhamento vae errado, é preciso recolher para dentro toda a largura dos alicerces—ao que elle respondeu—está alinhado e assim ha de ficar—como é possivel, repliquei eu, consentir-se tal desconcerto em uma villa?!! E' incrivel que a Camara o consinta—Vá governar para sua casa, retorquiu elle, aqui governo eu, porque a terra é minha.

Ao ouvir fallar com tal atrevimento, sem se saber em que direito fundado, ou porque influencia protegido, cheguei a convencer-me de que o homem, a não estar alienado, tinha brindado talvez com algum cabrito ou frangos algum dos que podiam estorvar-lhe uma obra tão extrava-

---

parte nenhuma!!! parece que se despegam as tripas!!! é celebre, não posso entender semelhante!!! e eu atraz suffocado a rir com as mãos atadas nas ilhargas.

gante, ou que andava n'este negocio empenho de saia, hoje mais attendivel por haver falta de mulheres, e que era porisso que elle se julgava seguro e assim arrotava. Então disse-lhe—pois tenha a certeza de que, quando apparecer uma camara, que se interesse no augmento e bellesa da villa, e que saiba desempenar com a vista, ha de a casa vir abaixo, e se não vier antes ha de vir infallivelmente, quando o Senhor D. Miguel governar, se eu a esse tempo for vivo, porque então tudo ha de entrar na ordem.

Fiquei em seguida a fazer oração mental, e a vêr se podia comprehender como era possivel arvorar em engenheiro em uma villa um homem, que alêm de não ter principios, e ser como dizem apoucado nas faculdades mentaes, para pouco mais teria habilidade, que para remendar folles!!!

Depois d'isto adverti o fiscal d'este detempero, para elle o fazer saber aos camaristas, e houve mais alguem, que os advertiu, mas nenhum deu accôrdo de si, e a obra continuou como d'antes.

§ 197.º—Passados mezes fez o bom do homem uma plantação de vides, cerejeiras e mais arbustos em fórma de sebe no meio da estrada em arco a modo de arrocho de carga, que vinha a estorvar de todo a vista para as obras do monte e estrada de Santa Quiteria. Ao observar esta curiosidade engraçada lembrei-me que, consentida pelos camaristas, dava a entender que, a não serem elles de uma estupidez consummada, seriam de uma simplicidade infantil, mui parecida com a dos patriarchas da primitiva, que sempre se disse andavam em camisa até aos seus quarenta e mais annos de edade. Porem passados dias tornou o homem a arrancar todos os arbustos, gabando-se mui contente de que os camaritas para isso lhe deram seis libras, que mostrava a todos, que as queriam vêr, accrescentando, que elles se obrigaram mais a fazer um muro para segurar a estrada no sitio da alagadia caveirenta e escandalosa, que elle fizera no meio da estrada e terreno publico, para tirar pedra para a sua obra.

Se isto foi verdade devem os camaristas dar as libras do seu bolso particular, aliás será um roubo obrigar o povo a pagar o que é seu ha já perto de trinta annos; e para

prejuizo basta consentir que o homem pozesse ametade da estrada profundamente cavernosa.

§ 198.º—Quando talhamos a rua desde a villa ao Arco posemos uma bandeira no meio do terreno entre a casa de Belem e a fronteira, e d'ella alinhamos para a grimpa da capella do Santuario, medindo 18 palmos para cada um dos lados. Porém ao marcal-a para a sua abertura não se lhe poderam dar os 18 palmos completos para a direita, ou nascente, por assistir á medição um vigia com recommendação dos opposicionistas para estorvar a largura projectada, de 36 palmos. Porisso só passados annos, ao fazer-se a primeira casa d'esse lado, se declarou esta differença, e ella se collocou no logar competente.

Para alinhar pois as demais casas e a do alfaiate medem-se 18 palmos desde a dita casa feita ao centro da rua e se espeta ahi uma bandeira, assim como mais duas ao lado dos dois cunhaes da casa em construcção, alinhando-as pela do centro da rua e pela grimpa do Santuario, medindo d'ellas até os cunhaes os ditos 18 palmos. Para alinhar os dois cunhaes da rua do Pé do Monte serve de balisa a primeira casa, que fez o fallecido Nicolau, ao poente, porque foi assentada no logar competente, e fóra d'este alinhamento tudo é desproposito. Se o alfaiate attendesse ao que eu lhe aconselhei ficava a obra no alinhamento natural, e não teria o desgosto de a ver agora enviezada como está, sem poder assentar mesa ou cama em nenhuma das quinas do lado do norte.

Para se saber se a frente da casa no lado da rua do Pé do Monte está no alinhamento natural devem pôr-se uma bandeira defronte de um dos cunhaes da casa do Nicolau, distante v. g. 6 palmos para o lado da rua, e outra no outro cunhal distante d'elle outros 6 palmos, e alinhar por estas outras duas bandeiras cada uma defronte do seu competente cunhal da casa nova, e medir de cada uma para o cunhal, que mostrarão a differença, no caso de a haver, como supponho que ha.

§ 199.º—Arranjei tambem donativos para afundar a 6.ª capella quanto foi preciso para tornar igual ou regular o declive geral da estrada, tambem contra a vontade dos opposionistas, que queriam o desproposito de assentar ca-

da capella na altura natural, em que se achava o monte, sem attenderem a que em parte dos intervallos de umas capellas a outras tinha de subir-se como por uma escada, e em parte tinha-se de marchar em plano ou descer-se.

Arranjei finalmente mais donativos, e com elles abri uma mina direita ao poço antigo de Santa Quiteria com direcção de nascente a poente, para cortar as pedreiras de travéz, tambem contra a vontade geral, que decidiram se abrisse de sul a norte, isto é de topo, ou ao correr d'ellas, sem repararem, que d'esta sorte nem as picaretas nem os tiros podiam obrar, e que em tal caso nem com tres mil cruzados se abriria, quando pelo contrario eu a abri com 40$000 reis, para o que o padre Joaquim tambem deu algum dinheiro. Foi feita com o fim de sahir a agua em fonte entre a 6.ª e 7.ª capellas.

§ 200.º—Fiz tambem os maiores esforços para que a torre fôsse construida segundo um risco elegante e magestoso, desenhado pelo snr. Barros Lima, o mais bello e menos dispendioso dos tres, que appareceram para esse fim, mas não o pude conseguir, porque todos os liberaes estavam decididos a pôr fóra da obra o mestre pedreiro, que já andava a cortar e a apparelhar pedra para ella, por ser legitimista, preferindo para isso o risco de maior lavor, já em desuso, e de muito maior despeza, porque lhes não sahia do seu bolso. Eis o patriotismo da gente do progresso moderno.

Aborrecidos então do continuo lutar, tanto eu como o snr. Barros Lima abandonamos as obras, e pararam até hoje todas as populares no estado em que então se achavam, porque o progresso d'esta gente é o do caranguejo.

CAPITULO XV

Jurisdicção para usar das ordens e construcção da minha casa

§ 201.º—Desejava eu muito conseguir jurisdicção, para usar das ordens, e ganhar alguma cousa para as minhas necessidades, porque se tinham passado já perto de dez annos depois da guerra, sem conseguir um unico real pelo meu trabalho; mas não me resolvia a requerer porque sabia, que dois padres liberaes dos mais exaltados, e meus inimigos, por eu ser do partido opposto ao d'elles, que tinham mui grande preponderancia no Paço, m'a haviam de estorvar.

Sabendo depois n'esse mesmo anno de 1855, que o arcebispo Pedro Paulo se tinha retirado para Coimbra, e que tinha deixado encarregado do despacho o honradissimo e religioso dr. dezembargador Miguel Gomes Soares, legitimista, corri a fallar-lhe, e requerer a jurisdicção.

Com effeito m'a concedeu por um anno, depois de me mandar correr folha no Juizo Ecclesiastico, e juntar o exame de moral e ceremonias, feito pelo arcypreste da minha naturalidade, José Joaquim Lopes da Silva, abbade d'Oliveira proximo á Senhora do Porto d'Ave, que m'o passou por tres annos, assim como a informação exigida, se eu tinha algum impedimento canonico, dizendo n'ella—não saber que existisse algum, que não estivesse sanado.

Tudo isto me passou elle sem eu lá ir, por impedimento, que tive, mandando-lhe apenas o despacho supra com uma certidão do revd.º Balthazar Velloso de Sequeira, professor de Theologia Moral no lyceu do Porto, e examinador synodal do bispado, de ter dado á execução em 27 d'agosto de 1855 um Breve Apostolico de Sanação, que eu lhe apresentara em setembro de 1854, assim como outra

do banqueiro Francisco de Carvalho Motta, do Porto de o ter mandado vir, e outra do Sachristão Mór da Sé da mesma cidade, padre Leonardo Pinto da Cunha de o ter encommendado ao mesmo dito banqueiro, para sanar a irregularidade, resultante de eu ter andado em armas.

§ 202.º—Quando fui a Braga, para alcançar a jurisdicção, encontrei um dos taes padres meus inimigos no logar dos Quatro irmãos, perto da Falperra, e não fiquei nada satisfeito com esse encontro, por me lembrar, que elle me conheceria como eu o conheci a elle, e tractaria de me causar algum mal, e não me enganei.

Com effeito, logo que disse missa, appareceu em seguida n'um periodico liberal a noticia, que dizia—aqui disse a primeira missa o façanhudo padre Casimiro, carregado de crimes—o ermitão de Santa Quiteria—o que eu logo suppuz, que era para mostrar aquella folha ao Prelado, logo que chegasse, para produzir o effeito desejado, e assim aconteceu.

Chegado a Braga o Arcebispo mandou logo chamar o desembargador Miguel Gomes Soares, e ralharam muito uns com os outros, defendendo-me elle quanto pôde, e dizendo, que era barbaro não se embaraçarem com nenhum dos muitos padres do arcebispado bem indignos de exercer as ordens, e embaraçarem-se commigo sem motivo algum. Entretanto, como então quem mandava era já o Arcebispo, obrigaram-no a mandar um officio ao Arcipreste, ordenando-lhe, que me intimasse a suspensão, e que ao mesmo tempo informasse, se o meu crime, porque estava pronunciado na comarca da Povoa de Lanhoso, não era por homicidio, mas por outra qualquer cousa, ensinando-o, por este modo de dizer, como devia dar a informação, para me poder valer.

§ 203.º—O Arcipreste porém, que era legitimista, mostrou sempre ser tão meu amigo, que desde muitos annos antes, quando eu, andando occulto, lhe batia á porta alta noite, para lá ficar, era elle proprio o que adiantado em edade, e mesmo mui doente pelos padecimentos de dor de pedra, que o atormentavam, e de que morreu, sahia da cama, e m'a vinha abrir; e porisso não se apressou a cumprir a ordem da intimação.

Quando depois, decorrido algum tempo, eu lá passei, contou-me o acontecido, mas sem ser em modo de intimação; ao qual eu com a confiança e liberdade de amigo disse, —que reservasse a intimação para mais adiante, porque, considerando esse procedimento iniquo, e como uma vingança immerecida e uma refinada maldade, por me não achar incurso em culpa alguma, ou impedimento canonico, continuava a dizer missa; e elle em tal caso que demorasse a resposta o tempo que podesse, porque eu esperava, que o general Ferreira mui breve me conseguiria a absolvição do falso crime da Relação do Porto, para a qual tinha mandado o aggravo da injusta pronuncia (n.os 30 e 31), e continuei a dizer missa.

§ 204.º—Passado pouco tempo morreram o Arcipreste e o Arcebispo, sem se chegar a cumprir a ordem de vingança; e eu continuei socegado como d'antes, sem dar o gostinho aos dois diabolicos padres mações, que por escrupulosos em demasia queriam, se podessem, obrigar-me a morrer de fome.

Terminado porém o tempo da jurisdicção requeri de novo, e o Araujo Leão, que era um pobre homem, e até legitimista, mas que não tinha o animo, nem o desembaraço do dezembargador Miguel Gomes Soares, e que porisso obedecia aos taes padres escrupulosos, mandou-me juntar folha corrida, ao que satisfiz, correndo-a n'este concelho, e no Juizo Ecclesiastico. Mas requerendo de novo mandou-me juntar folha corrida no Juizo da minha naturalidade, porque os santinhos dos dois padres sabiam que era lá onde eu tinha o dóe.

§ 205.º—Tinham os liberaes de Vieira culpado por ladrões alguns rapazes, que me haviam acompanhado no movimento legitimista em 1847, por os não poderem culpar como legitimitas, porque tinham sido amnistiados pelo Protocóllo de Gramido, e introduziram no processo d'elles o fingido dito de uma testemunha, que inventaram, declarando, que eu apparecera de noite aos taes rapazes em certo sitio, e lhes dissera, que continuassem por alli mais algum tempo, porque eu não tardava a sahir de novo, a campo com outros, a quem pagava (sem ter nem cinco reis).

Suppondo mesmo verdadeiro esse dito todos enten-

diam, que o meu fim era continuar o movimento legitimista, e não outro algum. Porém o Juiz, que mostrou ser mui estupido, e pouco ou nada escrupuloso, sem attender a que tinha de dar contas na eternidade, pronunciou-me sem o menor fundamento, porque, ainda supponedo o dito verdadeiro, todos sabem, que uma só testemunha não póde fazer prova, segundo a praxe juridica — testimonium unius, testimonium nullius—; mas até hoje ainda me não resarciu o prejuizo por tal torpeza, nem d'ella me pediu perdão, embora tenhamos por vezes conversado, porque provavelmente assenta, que a eternidade é uma chimera, como qualquer conto de velha.

Por consequencia, depois de pronunciado, não podia a folha sahir limpa. Lembrei-me então de fallar ao novo Arcebispo D. José, que tinha chegado na vespera. Mandei-lhe dizer para dentro, que estava eu alli, e que desejava fallar-lhe, se fôsse possivel. Apparecendo elle logo, e feitos os comprimentos do estylo, disse-lhe eu—talvez V. Exc.ª me não conheça?—não conheço—respondeu elle; e eu continuei —sou o padre Casimiro, que figurei como commandante popular na «Revolução do Minho» em 1846—Ah! bem sei, disse elle, um celebre padre Casimiro, de que fallaram muito os periodicos!—Sim, retorqui eu, mas os periodicos dizem o que se lhes imprime, e nem sempre é verdade—. Isso é certo—disse elle. Expuz-lhe então o motivo, que alli me levou, e elle respondeu que havia de fazer justiça, e eu me despedi.

§ 206.º—Lembrou-me então um meu amigo, que a não poder a folha sahir limpa, seria bom, tendo fiança, como tinha, requerer uma certidão de culpa, para mostrar a falsidade do crime, e juntal-a aos papeis, para custar menos a conseguir despacho favoravel.

Marchei então para a Povoa de Lanhoso, onde se achava o processo do tal crime, e onde então despachava como Juiz, primeiro substituto, o snr. dr. Francisco Peixoto de Faria Azevedo, que supponho era de Adaufe, e que por fortuna confessava ser meu amigo, e desejar servir-me em tudo, em reconhecimento de um obsequio, que eu lhe fizera por occasião do acampamento das Sete Fontes.

Apresentado o despacho ao escrivão, que era o famo-

so ruivo e calvo (§ 122, nota 64) e que dava signaes mui pronunciados de pertencer aos descendentes do macaco, ou dos que ha perto de 19 seculos disseram em alta grita —crucifige, crucifige eum (Joan. 20, 6), passou-me attestado de ladrão ou salteador, dizendo—que achando-se fulanos culpados por ladrões, estava eu envolvido no mesmo crime, como auxiliador de uma quadrilha de desertores, que assaltavam as estradas.

Visto este grande elogio pelo meu amigo e condiscipulo dr. Lisboa da mesma villa, que era liberal, mas bom sujeito, ficou enojado e disse, isto não tem geito, tornemos a requerer ao Juiz, para que obrigue o escrivão a pôr só o que está nos autos, sem fazer juizo seu, e o Juiz assim o mandou, passando-me além d'isso á parte, em papel separado, um attestado de não ter eu praticado desde 1847 acto algum, que offendesse a boa moral politica e civil, com o qual desmanchava a feliz lembrança do bondoso escrivão.

Para ver se o mofino tomava juizo, fui acompanhado pelo meu amigo dr. Lisboa, pelo amigo dr. Hilario, segundo substituto do Juiz de Direito e o legitimista de maior respeito da comarca, e por um liberal casado com uma minha prima, os quaes todos pediram ao tal meu bom amigo, que passasse a certidão na ordem, para me não embaraçar a minha pretensão e nos retiramos. Porém o desgraçado, que já era velho e tinha nascido provavelmente com a alma torta, passou outro attestado do theor do primeiro. E o ratão a teimar sempre com o engraçado epitheto de salteador!!! Cahiu-lhe bem no goto esta galanleria!!! (94).

---

(94) Contaram-me no junho d'este anno de 1888, que este inimigo irreconsiliavel dos legitimistas morrera ha pouco, atormentado com remorsos, pedindo a Deus ás altas lhe perdoasse o ter elle perseguido furiosamente os legitimistas, por se recordar á hora da morte das muitas maldades que commettera contra tantos innocentes.

Este caso é bem parecido com o do malvado Farini, que via constantemente no fim da vida diante de si a escorrer sangue o innocente coronel Anviti, que elle mandara prender e entregar á populaça desenfreada, para o assassinarem (vid. adiante nota 5). Entretanto Deus lhe perdoe, que eu da minha parte lhe perdo-o, para que Deus me perdoe tambem os meus peccados.

§ 207.º—Para não ateimar mais em vão, porque a molestia d'este miseravel era incuravel por ser antiga e se ter tornado chronica, marchei para Braga com o attestado do Juiz, e requeri, que tinha aggravado da injusta pronuncia pelo falso crime para a Relação do Porto, e esperava, que mui breve sahiria a minha absolvição, e pedia a continuação da licença, para entretanto exercer as ordens. Mas, para segurar melhor o bom despacho pedi ao snr. Cunha Reis, para elle proprio entregar o requerimento ao Arcebispo, o qual me respondeu, que deixasse eu os papeis, e que passados 15 dias os procurasse, e me passaria a jurisdicção pedida (porque ainda não tinha tomado conta do despacho), e a concedeu depois por seis mezes a 27 de dezembro de 1856, mas só para dizer missa, para compôr os taes meus bons amigos, dizendo ao snr. Cunha Reis, que lhe tornasse a mandar os papeis passado um mez, e me daria jurisdicção para confessar, e em toda a vida nunca implicou commigo, supposto fosse um dos 7$500 bravos do Mindello.

§ 208.º—Já a este tempo o meu particularissimo amigo snr. Cazimiro José Gonçalves Rebello, natural da mesma minha freguezia de S. João Baptista do Mosteiro de Vieira, afilhado do mesmo meu tio e padrinho Padre Francisco Wenceslau Vieira, tinha sabido no Rio de Janeiro, que eu vivia n'esta freguezia de Margaride.

Pediu então elle com o seu irmão Manoel Joaquim, ao seu socio José Teixeira da Cunha Carneiro, para me arranjar algumas tenções de missas, que elle arranjou, mandando-me logo 50 de esmola de 480 reis fórtes cada uma, que eu recebi a 14 de janeiro de 1857, quantia com que Deus me quiz compensar o prejuizo de igual somma, que os dois padres mações meus inimigos me haviam causado, sem até hoje m'a terem restituido, nem d'ella me terem pedido perdão; tal é a sua moral e a sua crença na eternidade!!!

Continuou depois o mesmo socio Carneiro mais alguns annos a mandar-me mais tenções a pedido do snr. Rebello, com o que eu fui conseguindo o necessario para viver, desde que sahi de Samoça em 1858.

§ 209.º—Como n'esta villa havia falta de casas para arrendar, principalmente nos sitios que me convinham, re-

solvi fazer uma para viver, e fui conseguindo para isso alguns terrenos, que os liberaes d'aqui me foram desarranjando ás occultas com os donos d'elles, confórme se iam publicando os meus ajustes, por se persuadirem erradamente, que eu lhes viria a fazer sombra (95).

Ultimamente porém consegui aforar occultamente tres sortes de mato na encosta do monte, unidas entre si ao lado e junto á estrada que conduz ao sanctuario, na frente da villa, e dei principio á minha casa e propriedade ha 20 annos em 1862, onde tenho trabalhado constantemente, e empregado todo o dinheiro, que em todo este tempo tenho ganho n'esta terra.

§ 210.º—Por morte do snr. Carneiro e do snr. Manoel Joaquim Rebello, continuou o snr. Cazimiro Rebello a lembrar-se de mim todos os annos até hoje, como até então, com tenções de missas, que conseguia ora das irmandades grandes do Rio de Janeiro, ora de padres particulares seus amigos, como, além de outros, com especialidade e assiduidade do snr. Padre João Alves Guedes Pereira, que m'as tem mandado sempre sem interrupção ha 21 annos, ora de 500—ora de 1000 reis fortes, segundo tem podido, pelo menos desde 1861 até ao corrente de 1883; e do snr. conego e Vigario da cidade do Bananal, Antonio José Guimarães Barroso, que m'as tem mandado sempre e sem interrupção, mas em menor quantidade, ha 6 annos de 1000 reis fórtes, pelo menos desde 1875 até 1882, assim

(95) Talvez fosse esta a razão sem razão porque, sendo lida na egreja a minha carta de encommendação d'esta freguezia pelo fallecimento do Prior Rebello, se levantaram os liberaes da villa a gritar logo contra mim— não queremos para encommendado o guerrilheiro das Sete Fontes, nada de parocho miguelista;—e montando a cavallo uns 18 lá foi toda esta troupe ao Arcipreste imputar-me quantas torpezas lhes lembraram como possiveis, e pedir-lhe que me retirasse a encommendação. Porém, nada conseguiram porque o Arcipreste por ser meu amigo e conhecer-me desde muito antes, respondeu-lhes, que tendo-me passado a carta não podia obrar contra ella.

Vieram pois descorçoados, mas continuando com a lendeada a dizer por cá muito mal de mim. Observando porém este destempero o snr. Boaventura então Delegado aqui, e hoje Juiz de Direito em Penafiel, como homem recto, sério, e de probidade, que era, e que sabia bem o viver particular de todos os padres d'esta terra, que era meu amigo e confiava em mim a ponto de todos os annos me dar tenções de missas, para eu dizer por pessoas fallecidas de sua familia e ir elle e a religiosissima sua senhora, ouvil-as, enojado por ta-

como algumas do snr. Padre Joaquim Antonio do Valle Quaresma, e tambem algumas do snr. Delfim José Gonçalves Rebello, e do snr. Bernardo Teixeira da Cunha Carneiro.

Foi com estes auxiliares, e com o muito, que tenho ganho n'esta terra, que tenho podido custear as despezas enormissimas, feitas sem interrupção ha 20 annos com a minha casa e propriedade, confessando, que foi o snr. Rebello um dos meus maiores bemfeitores depois de 1847, lembrando-se de mim com as ditas tenções, vae em 26 annos, pelo menos desde 1857, per si e pelos seus amigos.

§ 211.º—Tive a fortuna de conseguir commodidades, que não posso explicar senão como recompensa de Nossa Senhora pela devoção e vontade desinteressada, com que trabalhei na abertura da estrada do Sanctuario; e, persuadido de que tinha trabalhado só para Nossa Senhora conheci depois que trabalhei tambem para mim, sem o pensar, ao fazer-se a estrada.

Agora conheço, que o desmancharem-me os meus inimigos os contractos sobre os outros terrenos, foi para melhor bem meu; e, até, se elles o tivessem feito com essa lembrança e tenção, não poderia eu nunca chegar a pagar-lhes tal fineza, como convinha.

Consegui pois o sitio mais lindo e saudavel do Minho, porque da minha casa, que por isso appellidei—da Alegria—desfructo a vista deliciosissima pelo menos de sete freguezias, e parte pelo menos de mais cinco; terreno que

manha falta de educação e respeito, disse—se não se calam prégo com todos na cadeia—e sabido isto nenhum mais piou.

Em seguida mandei para Braga ao meu amigo e distincto cantor, Padre João Correia, o requerimento a pedir a confirmação do Prelado, e elle pessoalmente o foi metter ao despacho. Passado pouco tempo veio fóra o Famulo e disse mui afflicto—tome conta do requerimento, que Sua Exc.ª está lá dentro muito bravo, por se pedir a encommendação para um guerrilheiro que matou muita gente. A isto respondeu o Correia—pois se elle matou muita gente ainda não matou quanta devia matar, porque, ainda os deixou cá a vocês, e a encommendação ha-de ir-lhe hoje infallivelmente, porque trago aqui uma carta do Delegado da terra a esse respeito para o snr Lucio (que além de amicissimo d'elle, era primo da sua senhora e compadre de ambos).

Então, foi o Famulo para dentro e trouxe logo a confirmação. Afinal, quando veio o novo Prior, todos me preferiam a mim, porque me conheceram melhor, do que antes d'esse acontecimento vergonhoso.

compõe um jardim extensissimo, galante e ameno, como nenhum fidalgo de Portugal gosa, sem com elle gastar um real, por estar repartido por milhares de moradores, que o cultivam á sua custa e a seu gosto, e porque desfructo mais a vista engraçada da villa inteira, e da gente, que transita pela estrada do Sanctuario, e pelas estradas reaes, que cruzam na villa de norte a sul e de nascente a poente, para o que tambem nada mais despendi que a quota annual das pesadissimas contribuições que pago ao governo.

§ 212.º—Tenho tido mais a commodidade de dizer a missa no Sanctuario, com o pequeno trabalho apenas de 10 minutos de caminho, vae em 28 annos desde 1855 até 1883; onde tenho encontrado sempre sem interrupção e gratuitamente com a maior graça, limpeza e aceio, paramentos, cera, hostias e vinho, assim como ajudante sempre prompto a toda a hora, para eu aproveitar o lucro de todas as funcções religiosas, para que tenho sido convidado, na circumferencia de tres legoas, sem até hoje ter perdido nenhuma.

Requeri tambem ultimamente ao nosso novo Prelado, Em.mo Snr. Cardeal Bispo do Porto, e me confirmou por despacho de 11 d'outubro de 1882, a jurisdicção perpetua para confessar e dizer missa, que me tinha sido concedida pelo Exc.mo Snr. Arcebispo Primaz, attenta a minha edade avançada de 61 annos, que então tinha, e que agora sobe a 66, e antigas molestias incuraveis do figado, que por cansaço e difficuldade da respiração me embaraçam de confessar por muito tempo continuado.

Tudo o referido me tem confirmado de cada vez mais em que os devotos de Nossa Senhora não só recebem a recompensa na eternidade, mas tambem cá na terra respeito aos bens, que lhe sejam necessarios para conseguir o ceo, e defender-se dos continuos ataques do diabo, e dos seus emissarios.

§ 213.º—Se eu principiasse agora as minhas obras não poderia fazel-as por falta de dinheiro e de gente de trabalho. As contribuições pesadissimas, e os enormes direitos sobre tudo, e sobre todos, apanharam todo o numerario, que hoje só se encontra em poder dos empregados; e os homens de força e desembaraço foram quasi todos para o Brazil. Além d'isso uma chusma immensa de mações espa-

lhada por todos os cantos a prégar contra a religião, e contra os padres, tem feito esfriar a fé a ponto de fazer diminuir quasi ametade dos lucros dos ministros da religião. Ha tres annos qué acabaram de todo as muitas endoenças, que se faziam n'esta terra, as festas de egreja estão muito reduzidas, os enterros de esmola maior são rarissimos, e estão a passar a semi-civis, consistindo todo o luxo em grandes acompanhamentos de seculares com tochas apagadas e com cinco ou seis padres, para se não dizer, que são enterros inteiramente civis ou maçonicos; e missas geraes de esmola crescida mais raras ainda apparecem.

Por toda a parte se grita, que os padres estão carissimos por acceitar o que se lhes offerece e quer dar voluntariamente e como esmola, e ninguem se queixa dos cirurgiões ou medicos, dos advogados e tabelliães, que reduzem á miseria os que teem a infelicidade de lhes cahir nas unhas. Os cirurgiões em toda a casa, onde sentem que rilhar, exigem logo uma junta, para n'ella cada um dizer—eu conformo-me com o meu collega, e apenas sou de parecer, que misture na receita um bocado de chicoria ou ruibarbo —e no fim em vez de duas, tres, ou quatro coroas que levam pelas visitas communs, exigem uma libra por assistir a esta brincadeira de conluio; e contra estes ninguem grita. O mesmo, que acontece em Portugal, observa-se em todas as nações, onde impera o maçonismo; e porisso, se Deus nos não acode brevemente, pelo menos nós os padres temos de morrer á fome.

N.º 1

Carta á Senhora D. Maria da Gloria, em 6 de julho de 1846

REAL SENHORA

Desde que Vossa Real Magestade subiu ao throno todo o povo luzitano tem gemido na mais cruel escravidão, sem que talvez Vossa Real Magestade até agora o soubesse. Sobrecarregado de tributos, como nunca desde sua origem, tem visto reunir todos os seus cabedaes nas casas dos empregados publicos. Desesperado finalmente pela fome e carencia de dinheiro resolveu-se ou a morrer, ou a sacudir o pesado e tyrannico jugo que tanto o tem affigido. Todos os paisanos do Minho, homens e mulheres de todas as edades, e mesmo os padres, pegaram em armas e sahiram a campo, para mostrar o seu antigo valor portuguez.

Toda a tropa de Portugal e todos os empregados da nação, que até agora a tem roubado, reunidos todos em uma só massa, a nada chegariam contra os valentes habitantes do Minho. Porém supposto sejam valentes sem eguaes, tambem sabem ser obedientes sem eguaes.. E' por isso, que ha dias deixaram de atacar a tropa, esperançados em que Vossa Real Magestade lhes desse o efficaz remedio, para sarar seus males, quasi innumeraveis.

Tiveram a noticia de que Vossa Real Magestade promettera satisfazer aos rogos do povo, e que para isso ia nomear ministros, qne fôssem capazes de lhe applicar o remedio, que Vossa Real Magestade, por sua benignidade lhes quer dar.

Porém, infeliz povo! acha-se como até agora, enganado; porque outros eguaes harpias pretendem lançar mão das redeas do governo. Triste posição, e triste como nunca, é a do povo luzitano, outr'ora tão feliz! Malfadado Portugal! Desventurosos portuguezes!

Desde que appareceram essas malditas seitas, designadas pelos nomes de setembristas e chamorros, todo o povo deixou de cantar, porque talvez o Deus dos antigos portuguezes lhe inspirasse, que mandava essas infernaes seitas a castigar os peccados da nação inteira. Porém desengane-se Vossa Real Magestade, que se o povo portuguez não fôsse perfeito christão, não ficaria pedra sobre pedra que não fôsse revolvida em todo o terreno luzitano; e o sangue trasbordaria em quantos charcos tem Portugal.

Sou, Real Senhora, um ministro do Deus vivo, e como tal encarregado de espalhar a paz na terra. Eis o motivo porque me introduzi entre o povo do Minho; e porque me acho acclamado pelo mesmo povo—Defensor das Cinco Chagas, e General commandante das forças populares do Minho e Traz-os-Montes. Vendo correr no dia 18 de abril todo o povo enfurecido contra os empregados publicos d'esta aldeia, com tal rancor e com tal desespero, que só respirava incendios e mortes, metti-me entre elle para o serenar, satisfazendo em parte a sua justa indignação, e obstando-lhe ao que via excesso.

Desde esse dia vi-me obrigado a commandar o povo, porque todo se dirigia a mim pela affeição, que me ganhara. Não tive remedio sob pena de morte senão encarregar-me da causa do povo. Bati a tropa com tal coragem, que fiz aterrar todos os militares, e lhes transtornei todos os planos bellicos, prompto em breve a acabar com elles.

Porém começaram a ameaçar-me tanto o barão do Almargem, como o Basto do Porto, encarregado de uma commissão, dando ordens ao povo para que me não obdecesse pessoa alguma, e expondo-lhe, para o illudir, que tudo se concluira; eis o motivo primeiro, porque deixei de bater a tropa. Mas todo o povo pelo despreso, com que ambos me tem tractado, assim como os empregados, que elles e o Governador Civil nomearam, concebeu contra todos desconfiança tal, que nem á força lhes poderá obedecer.

Acha-se a provincia com tal indisposição, que não tardará muito que nova e mais terrivel guerra se principie, para acabar em todo o reino. Todo o povo luzitano teve sempre grande affeição á familia da casa de Bragança, e a tem reconhecido em todo o tempo como a mais virtuosa, honrada e amiga do povo. E' necessario que Vossa Real Magestade evite hoje grangear o aborrecimento da nação inteira; e para isto julgo a proposito que, seguindo as pisadas de seus antepassados, nomeie para toda a parte homens da maior integridade, e desinteresse; homens, que aborreçam os empregos, homens escolhidos á vontade do povo, homens finalmente em quem se descubra mais innocencia, mais pureza nos costumes, e que se não tenham deixado corromper pelas lojas infernaes, que tem feito degenerar as nações da terra.

Todo o povo correu ás armas, Real Senhora, para sacudir o jugo de ferro; mas não o julga sacudido em quanto não vir a fórma de governo reduzida ao estado antigo com algumas alterações no que se julgue necessario. Todo o povo consente na carta constitucional, mas de maneira que o não faça escravo, porque todo é creado por Deus, como Vossa Real Magestade e os empregados, que o governam. A carta Constitucional deve ser feita para o povo e para quem o governa. O povo não póde com semelhante carga, está pobre de todo; e por isso apenas poderá pagar os poucos tributos, que pagava no tempo de D. João VI, e esses mesmos sabe Deus com que custo.

Todo o povo clama pela demarcação antiga das justiças respeito aos concelhos e comarcas etc., porque conhece, que é só assim, que póde dar um triste remedio a seus males, que o pozeram quasi moribundo. Não ha duvida, que um administrador não pode trabalhar de graça para um julgado grande, mas póde trabalhar de graça sendo um capitão mór n'um concelho. Um recebedor não póde trabalhar de graça para um julgado grande, mas póde cobrar de graça um recebedor annual em cada freguezia, como d'antes, e haver um recedor geral em cada concelho, para receber as porções de cada um dos recebedores das freguezias.

Os emolumentos dos escrivães subiram a um ponto,

que nunca foi até sonhado. Uma escriptura, que outr'ora se fazia por 360, ou o muito por 480 reis, já chegou a fazer-se por 4$800 reis, e até por muito mais (96).

O que d'antes era repartido no meu julgado por 13 escrivães, agora pelo systema constitucional tem sido destinado para engordar só dois (97). Dê-se de comer a muitos como d'antes, e pertença pouco a cada um d'elles, para todos viverem.

O povo do Minho e Tras-os-Montes tambem não póde com os tributos das estradas; e porisso diz, que as não quer; que para a negociação, que faz, lhe bastam as velhas concertadas cada anno. E' justo, que um proprietario compre os utensilios da sua commodidade, mas de maneira, que se não veja obrigado a empenhar sua fasenda, e a perdel-a por causa do luxo.

Diz mais o povo das duas provincias, que não póde pagar para tantos deputados; e que porisso quer, que pelo menos os do Minho e Traz-os-Montes, sejam reduzidos a menor numero (98), e que se lhes façam os gastos da comida e transporte á custa do povo; mas que não embolsem dinheiro nenhum, para que depois não haja nas eleições tanto soborno, e o povo atine com a boa escolha.

Por consequencia todo o povo clama pela fórma de governo do tempo de D. João VI (99), purificada dos defeitos e abusos, que n'esse tempo existissem. Uma vez que Vossa Real Magestade satisfaça ao justo pedido do povo eu lhe

---

(96) Ainda o anno passado de 1882 foi um escrivão d'aqui de Felgueiras, fazer um testamento de mui pouco dizer a distancia de pouco mais de um quarto de legoa e levou de feitio e caminho 2 libras.

(97) Ainda que a carta constitucional ardesse sem ficar copia, nada se perdia, nem podia deixar saudades senão aos que lhe dão «vivas», que fóra os mações são faceis de contar, e nenhum a póde defender sem primeiro ter perdido o juizo, ou ter entrado na seita.

(98) Ou antes a nenhum, para evitar os escandalos, que vão dar de continuo, e um desperdicio enorme, para engordar os que o vão atraiçoar e vender. Mas que seria depois dos morgados d'aldea sem este divertimento das eleições?!!

(99) Por não dizer do D. Miguelzinho, mas é de crer, que todos soubessem supprir esta troca, e a boa vontade de a declarar.

prometto fazer socegar tudo, pelo que pertence a tributos. Advirto porém, qne nunca Vossa Real Magestade será capaz de fazer socegar o povo, uma vez que não faça o que lhe peço, excepto se quizer acabar com todos os homens e mulheres de ambas as provincias.

Mas julgo que Vossa Real Magestade não mandará, nem consentirá em tal barbaridade, que clamaria vingança ao ceo. Lembre-se Vossa Real Magestade, que esta revolução foi miraculosa, feita pelo Deus que nos lançou ao mnndo, e que Deus não parece estar disposto a fazer milagres, como se tem observado, principalmente no Minho, só para se mudarem os empregados. Deve tremer das iras do Senhor, que vela sempre pelo bom governo das creaturas da terra.

Talvez que eu n'esta occasião faça as vezes de propheta do Senhor, annunciando-Lhe um medonho futuro, não dando Vossa Real Magestade ouvidos aos lamentos dos pobres, que desfallecem á fome, por se achar todo o reino esbulhado de dinheiro. Lembre-se mais, que tem a dar mui estreitas contas, perante o Deus Vivo, das oppressões injustas, que se tem feito ao povo, tractando-se até'gora como se fôssem negros e escravos, se n'ellas consentiu; e muito peor, se n'ellas consentir para o futuro.

Porque sou franco do coração e desinteressado, tenho contrahido sobre mim o odio de todos os empregados de todas as classes; mas tenho por mim os pobrinhos, a quem desejo cobrir; e isso me basta, porque mais tenho de viver no outro mundo do que n'este. E' nas mansões eternas, que espero o premio dos meus serviços.

Pedimos, Real Senhora, que as eleições para toda a especie de justiça e authoridades sejam de todo populares sem excepção de pessoa, a não ser das que não lêem, nem escrevem, para evitar enganos e despertar a instrucção; porque só assim se póde exprimir a vontade geral dos povos, que é a verdadeira lei. E' d'esta sorte que o povo delegará na urna o que possuia nas armas.

A experiencia fez conhecer os errados planos da administração moderna, porque se acham anniquilados todos os estabelecimentos, que tanta honra nos davam, e aos nossos passados, chegando agora a divida publica, segundo me

informam, a quatro centos milhões; quando na morte de D. João talvez fôsse bem diminuta (100).

Quer tambem o povo, que nas guardas nacionaes entre todo o homem voluntariamente, que possa arranjar farda á sua custa; e que os officiaes sejam escolhidos por votação de todos os militares da guarda nacional.

Como a revolução não é das communs e ordinarias, e o mal, que ameaça a todo o povo é de mui funestas consequencias necessita-se tambem de um remedio prompto e extraordinario. Para isto, não deve Vossa Real Magestade esperar pela reunião das côrtes, porque então principiará a anarchia pelos concelhos, e Vossa Real Magestade fica responsavel por todas as vidas, que se perderem, porque está na Sua mão evitar este mal, que nos ameaça de tão perto, satisfazendo ao pedido do povo.

Deus abençoe esta minha proposta, ou antes petição; e permittam os ceos, que Vossa Real Magestade lhe dêia prompta execução: o que póde fazer independente das côrtes, pelo menos para as duas provincias, porque mais vale todo o povo em massa, que um deputado em seu nome. E' d'esta maneira como póde ser adorada por todo o povo, e como se lhe póde firmar a coroa Real na cabeça.

Remetto a Vossa Real Magestade essas quatro cartas, que escrevi no acampamento das Sete Fontes, para desfazer alguma intriga, que se haja forjado contra mim; e para lhe mostrar, que não tenho eu sido a causa de continuar o barulho na provincia, mas o governador civil, se não deu as necessarias providencias em declarar a Vossa Real Magestade os sentimentos do povo.

Rogo a Vossa Real Magestade ordene a todas as authoridades inquiram o povo, que me tem acompanhado, pelo meu procedimento; e mande pelo menos reprehender os que tractam de me intrigar para com Vossa Real Magestade.

Se em alguma expressão offendo a Vossa Real Magestade, peço-lhe me desculpe; porque essa não é a minha in-

(100) Pouco depois em 1831 era de 123milhões (vid. adiante no folheto nota 8), e hoje passa de 11:000 milhões e mais cincoenta mil.

tencão: e por que não tenho n'esta pobre aldeia a quem possa consultar sem receio de traição.

Deus guarde a Vossa Real Magestade por largos annos, e acceite o coração d'este humilde servo acclamado pelo povo

Defensor das Cinco Chagas, e General Commandante das forças populares do Minho e Traz-os-Montes

O Padre Casimiro José Vieira.

Vieira 6 de julho de 1846.

N.º 2

Diploma que me passou o Candido em 7 de Abril de 1847

Doutor Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima, do conselho de Sua Magestade El Rei o Senhor Dom Miguel Primeiro, e seu Agente n'este Reino etc. etc. etc.

Em observancia da Carta Regia de 16 de Fevereiro de 1845, pela qual sou auctorisado por Sua Magestade para nomear para os empregos civis e militares, as pessoas que pela sua fidelidade e serviços o merecem. E tendo em consideração os sentimentos d'acrisolada fidelidade e relevantes e heroicos serviços, e mais circumstancias, que concorrem na pessoa do Reverendo Padre Casimiro José Vieira, o nomeio commandante geral de todas as forças populares ao Norte do Minho com honras de brigadeiro, porque em maio de 1846 sublevou os povos d'esta parte do Reino contra o governo de Lisboa, e com elles heroicamente bateu os inimigos, que se opposeram á Restauração Nacional, e ao Regresso d'El-rei Nosso Senhor a

este seu Reino. Esperando que continuará na defeza de tão sagrada causa com a mesma valentia, decisão, honra, probidade e virtudes, que o tem caracterisado até ao presente.

E para constar lhe mandei passar o presente titulo, que será confirmado por Sua Magestade, e por mim assignado e sellado com o sello publico. Basto 7 d'abril de 1847.

Dr. Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima.

N.º 3

Carta ao Brigadeiro Bernardino Coelho Soares de Moura—15 de junho de 1847

ILL.^mo E EXC.^mo SENHOR

Não cessam meus inimigos de me procurar de dia, e de noite, por toda a parte, e de renovar continuamente protestos de me tirar a vida. Para não ser victima de sua barbaridade tenho feito jornadas nocturnas 15 vezes desde que me despedi do batalhão no dia 4 de abril, gastando quasi em todas, a noite inteira para atravessar ordinariamente longas serras; porque os sirzinos de Guimarães e Fafe, parecem ser immensos, e encontram-se em todos os logares.

Cançado já de tão penoso trabalho, e sentido no coração de ver igualmente minha familia afflicta, perseguida, e esbulhada de tudo o que tinha para comer e vestir, escrevi ao exc.^mo snr. Conde das Antas, pedindo para me conseguir da exc.^ma Junta uma resalva para mim e para minha familia. Mandou-me dizer de bocca o exc.^mo snr. Conde, que a resposta me havia de vir de Melres; mas ainda a não recebi, nem tenho esperanca de a receber, porque já ha perto de um mez que espero por ella.

Não tendo visto ha dois mezes e meio a minha familia

cheguei ante-hontem alta noite, e horas mortas a minha casa; bati de manso á porta, e ninguem me fallou: Persuadido de que tal vez o somno estorvasse o ser eu ouvido arrombei como pude uma das portas, entrei dentro, chamei em toda a casa, e ninguem me fallou, porque estava quasi deserta, apenas habitada por um creado, que de assustado me não pôde fallar, e por uma creança pastora das ovelhas. Que desgraça oh Deus!! uma familia inteira escorraçada sem mais culpa do que ser minha familia!! De oito pessoas que eramos, afóra os creados, todos abandonamos esta morada, e nem ao menos podemos ver-nos quando queiramos!!! exclamei eu de consternado.

Verti então copiosas lagrimas n'aquella solidão do lucto, onde a morte esvoaça toda a noite, aguardando alguma infeliz victima. Retirei-me depois para distante d'aquelle logar de tristeza; passei o dia em um palheiro, e foi só ao anoitecer, que pude vêr minha desgraçada familia. Alli ceei em companhia de meu pae, mano e manas, mas quasi nada comi, porque uma escura nuvem me cobriu o coração ao ver os pallidos semblantes de todos, que me pareciam surgir do sepulchro para me abraçar. Magoou-me em extremo o vêr uma infeliz e malfadada de minhas innocentes manas, proxima á morte por causa dos continuos sobresaltos e sustos, que meus inimigos tem causado a toda a familia.

Fui então informado dos estragos, e despezas, que os malvados empregados da minha terra tem causado á familia; assim como da escandalosa e cruel perseguição, que lhe tem feito. Não cessam elles de vigiar de noite minha casa para matar de minha familia a pessoa, que entre, ou saia fóra das paredes, e é por isso que de noite fica abandonada. Qualquer póde imaginar qual seria o desespero, em que fiquei, vendo que ainda me acho com forças bastantes para esmagar os meus inimigos, ainda que elles sejam multiplicados cem vezes, e que tenho de soffrel-os, e de ser por elles enxovalhadado, assim como a minha familia, só por não quebrar com a exc.ma Junta. Outro com o meu prestigio, e com o povo a seu lado, como eu, não teria a paciencia, que eu tenho tido, e sahiria como um leão furioso a vingar-se d'aquelles despotas, que a exc.ma Junta

conserva em Vieira, parece que de proposito para me desfeitear.

Se o povo me amou em tempo, agora mais que nunca suspira por mim, porque, como eu se vê afflicto com aquelles monstros do inferno, e sahindo eu de novo a campo todo me seguiria. Porém, ainda que sou novo, sei pensar, e não ponho em pratica o que muitas vezes a paixão me inspira. Talvez que a exc.ma Junta se persuada, que aquelles malvados, e os sirzinos de Guimarães e Fafe foram os que fizeram perder a Vieira a bravura que tinha. Porém saiba a exc.ma Junta, que não foram elles mas que fui eu por me occultar. Talvez me não accredite, mas eu a poderei convencer com a experiencia: saea eu de novo a campo e chovam em Vieira batalhões de sirzinos: ver-se-ha então o tempo que elles alli param.

Bem desejava que v. exc.a se demorasse em Vieira ao menos um dia para se informar melhor do que vae n'aquella desgraçada terra. Parece que resuscitou alli a perseguição, que nos primeiros tempos em seguida á morte do Salvador soffreram os christãos da primitiva. Basta ser realista para ser perseguido, e martirisado. E' desgraçado aquelle, que seguiu a bandeira do proscripto, como elles dizem, porque se não foge é espancado, posto á morte, e preso; e se foge leva fogo, e é morto. Já se tracta alli de indemenisações, e já os bens dos realistas se contam sequestrados, e repartidos por aquelles heroes, que tiveram a fortuna de não acclamar o proscripto d'Italia (sirvamo-nos da phrase, que é bella). Porém não se tracta de restituir á minha familia o que a sr. B. e o snr. R., juntos com os sirzinos, segundo se diz, roubaram e quebraram em casa da minha familia, nem o que lhe tem feito gastar com a tropa e com os sirzinos.

Quando foi a força do 8 a Vieira antes de principiar devéras a revolução mandaram-nos aboletados para casa 9 soldados com um official por 8 dias exigindo-se-nos tambem duas camas sob pena de morte. Quando foi o 13 para me prender mandaram-nos 15 com 3 officiaes. Agora mandaram-nos dos sirzinos 9 por 12 dias, depois 5, depois 3, e ultimamente 16; não fallando no vinho e pão, que alli procuram todos os dias diversas porções de sirzinos, que pas-

sam pela porta, persuadidos talvez, que por termos a infelicidade de sermos realistas temos estreita obrigação de sustentar de graça todo o bicho sirzino. Um mez inteiro sirzinos em casa ! ! Irra com tantos sirzinos ! ! !

Existe em Vieira desde que me occultei uma caterva de sirzinos de proposito para perseguir os realistas a todo o custo. Dormem de dia, e andam toda a noite, de sorte que ninguem sabe onde na madrugada cairá o raio. Não escapa realista em todo o julgado, ou nos tres concelhos antigos, a quem se não peça dinheiro para bolêtos; a uns 960, a outros 1$200, a outros 2$400, a outros 4$800 etc. Por toda a parte se pedem para o assento em Brancêlhe carneiros, toucinho, unto, grão, mantas lenha etc. fóra as gallinhas (101), salchichões, e presuntos, que comem nas casas das lavradores até lhe chegarem com o dedo. Tudo isto hade apparecer de prompto, aliás vae uma visita de sirzinos, que poem os realistas á morte ; e começam de correição por todas as casas, não deixando cousa que não revolvam. Para escapar á furia d'aquellas feras é necessario ser esturrado setembrista ou chamorro (cujos epithetos apropriados aos empregados significam o mesmo que assassino e ladrão) por que alli fizeram liga uns com os outros. Os mesmos recrutas andam sempre com o credo na bocca, por que já sabem, que fugindo levam fogo, talvez por que a polvora não custa dinheiro a estes cobardes, que apenas são valentes, para se baterem com os inermes, que fogem.

E' este a meu ver um mal sem remedio. Ao principio julguei que a exc.ma Junta conservava alli aquella gente por não ter conhecimento d'ella ; mas agora parece-me, que o faz de proposito, porque deve estar já bem informada do que se passa em Vieira, e não dá providencias. Fiz convenção com a exc.ma Junta, mas nem por isso cessou a minha perseguição. Até o mesmo L. por alcunha tenente coronel

(101) Fizeram subir as gallinhas a um preço fabuloso, como no Porto em tempo do cerco. Nem as 300 raposas de Sansão eram capazes de consumir tantas gallinhas e salchichões, nem causar tantos estragos, como os taes animalejos lazarentos chamados sirzinos (Juiz. c. 15). Era uma limpeza por onde passava aquella esfaimada passarada que nem a praga dos gafanhotos no Egypto ou ainda ha pouco nos searas da Hespanha roendo até os troncos de tudo o que verdejava.

dos sirzinos, como dizem, ao principio assegurava, que se não embaraçava, commigo, e que eu podia passear por onde quizesse. Porem agora, como vê que me não póde apanhar, já procura quem me entregue. Prendeu ha dias o meu camarada, e disse-lhe que o soltava, se elle descobrisse onde estava o padre. E que tal?! De certo não tinha desejos de saber de mim, para me mandar algum dinheiro sequer pára rapé, tendo a certeza de que nem o ganho, nem o tenho d'onde elle venha. Quando mandou para a casa da minha familia os 16 sirzinos recommendou-lhes, que a tractassem mal, e que, se ella lhes respondesse enfastiada, lh'a levassem toda presa.

E um homem de taes sentimentos é mandado para Vieira com poderes discricionarios!!! E' voz publica, que tem a casa cheia de bons trastes, que arremata á sirzina pelas casas dos realistas, e que tambem compra por preços commodos aos sirzinos do seu commando. Melhor faria a exc.ma Junta, se mandasse este valente guerreiro das gallinhas e salchichões para Setubal, onde se ouvem zunir as balas; e mandasse para Vieira um official militar com soldados, quando quizesse dar guarda de segurança aos algozes de tantas victimas d'aquella desditosa terra. Isto honraria mais a exc.ma Junta, do que aquella infame raça de sirzinos, que alimpam tudo por onde passam. Porém estou convencido de que a exc.ma Junta não se atreverá a fazer com que aquelle corajoso tenente coronel da passarada vá para Setubal, ou para outro ponto igual, por que lá nem se come gallinha de graça, nem se arranja trastaria para casa nem tanta nem tão barata, como por estas aldeias, e está-se sujeito a ir fazer mais cedo uma visita ao diabo.

Vê-se tambem agora em Vieira o que nunca se viu, dois administradores com poderes iguaes, um lavrador appellidado o B., e outro bacharel appellidado o C.; tão maus e quasi tão rusticos e estupidos um como o outro, dando ordens e despachos independentes um do outro, e ao mesmo tempo. Escolhem-se tambem para regedores os que são reconhecidos como maus e odiados por todo o povo. Todas as mais authoridades devem ser da mesma laia, porque de outro modo não servem para auxiliar aquelles tigres.

Espero pois que v. exc.ª pela amisade, que me tem

mostrado sempre, e pelos sentimentos nobres, e de humanidade, de que é dotado, se condoa do povo realista de Vieira, e dê remedio da maneira que possa a estes males, que estamos soffrendo sem mais culpa, que sermos realistas; e sou—De V. Exc.ª—companheiro nos trabalhos, a.^{mo} leal e cr.º—P.^{e} Casimiro José Vieira—Junho 15 de 1847.

N.º 4

Carta a Antonio Augusto de Amorim—15 de junho de 1847

AMIGO AMORIM

Sahiram do inferno todas as furias; fizeram assento em Vieira, e se empenham á porfia com todas as forças a qual d'ellas fará maiores estragos, e perseguirá mais aquelle innocente povo; e julgo que sem remedio algum: porque os maus são ordinariamente mais attendidos ou temidos.

Parece-me que parte da minha familia não dura muito por causa da perseguição horrivel e escandalosa, que sem a menor culpa está soffrendo, a não ser pela fama de realista, que sempre teve, e por me pertencer.

Causa horror o vêr a desgraça, que vae em Vieira, e tudo por me eu occultar, aliás dar-lhe-hia remedio. Pela carta que escrevi ao snr. Conde das Antas, e pela que agora escrevo ao snr. Brigadeiro Bernardino, póde fazer uma pequena idêa da perseguição e castigo tremendo de um povo innocente, que eu conto por alto, e sem exaggeração. Se agora apparecesse quem por estas aldêas d'esse o grito, mesmo que fôsse a favor dos Cabraes, não faltaria quem o patrocinasse, porque nunca aquelle povo foi tão esmaga-

do como agora, por uma quadrilha de ladrões e assassinos chamados setembristas, parto do inferno.

Veja se me póde conseguir alguma resalva, ou cousa equivalente, para a minha familia não acabar pelo menos toda. Quando me apartei ante-hontem d'ella não contei tornar mais a vêl-a toda viva, porque uma minha mana já se acha em um estado deploravel.

Não se ouvem por toda a parte senão pragas e maldições contra aquelles judeus, que tem feito desaforos como nunca se sonhou. E que farão d'aqui em diante patrocinados pela Exc.ma Junta?!!

Seu amigo obrig.mo

Padre Casimiro José Vieira.

15 de junho de 1847.

N.º 5

Carta á Assemblea Legitimista de Braga, publicada na «Nação» de 8 de setembro de 1851

Il.mos E EX.mos SNRS.

Vae ha cinco annos e meio, que tiveram principio os meus trabalhos, e que eu offereci o meu sangue em defesa da Religião Christã desde ha muito ultrajada; em defeza d'esta nossa patria outr'ora tão venturosa, porque sobre ella choviam as bençãos do Senhor, e hoje opprimida e amargurada, porque alguns de seus degenerados filhos com o seu proceder infame tem feito por denegrir o esplendor de sua antiga gloria: em defeza do Ungido do Senhor, a

quem nações inimigas ha desanove annos forçaram a deixarnos suffocados com suspiros, consternados de saudades, e afogados em lagrimas, para ir no exilo considerar attentamente na vaidade das cousas da terras, em defeza do ultimo rei portuguez, a quem amavamos com predilecção, como nunca o povo luzitano amára a outro rei nos seculos que passaram, do anjo libertador a quem idolatravamos, e pela vinda do qual suspiravamos de continuo, aguardando a hora feliz, em que o nosso Deus se condoa da nossa miseria, e retire de sobre nós o braço do seu furor, o castigo tremendo, que sobre nós pesa ha tanto tempo!!

Vae ha quatro annos e meio, que eu, falto do necessario para a vida, não respiro o ar livre, senão quando alta noite, horas mortas, e quasi sempre por entre densas trevas, atravesso fatigado asperas e longas serras, para não cahir nas mãos sacrilegas dos meus inimigos, que o são tambem de Deus e de tudo que é santo, da nossa cara patria, e dos que a defendem, expondo-me a perder a vida sem proveito da causa por que tanto pugnei.

E' esta a razão, honradissimos portuguezes, porque tenho o desgosto de não apparecer pessoalmente n'essa respeitavel Assemblea, para com o meu voto de antigo portuguez approvar a resolução da Assemblea Legitimista da Estremadura, que em tudo foi conforme com as minhas poucas idêas, e curto entender.

Sinto no intimo do coração não poder com o voto de insignificante particular, mas legitimista decidido, e desinteressado, render ahi pessoalmente os devidos elogios ao nosso Anjo tutelar pela resignação com que se tem sujeitado aos decretos de Deus, e paciencia com que tem supportado as privações, os trabalhos e dissabores de um exilo tão prolongado; e pela honra com que tem resistido sempre ás vilissimas seducções do sordido interesse, com que os inimigos de Deus e d'este infeliz Portugal por tantas vezes tentaram manchal-o.

Sinto não poder tambem com o meu voto render pessoalmente os merecidos elogios aos dois campeões da legitimidade e da Egreja Catholica, aos dois orgãos por via dos quaes a nossa patria ainda respira com tanto alento de vida, aos dois periodicos «Nação» e «Portugal», que com um

denodo sem superior, e uma dignidade invejavel tem patenteado ao mundo inteiro a vil cobardia dos renegados portuguezes, que auxiliados pela infima ralé de estranhos das diversas raças de todas as nações, e cantos do orbe, fizeram nadar em sangue Portugal inteiro, e reduziram á fome e á miseria todos os seus irmãos.

Sinto não poder elogiar pessoalmente o distincto zêlo e acrisolado patriotismo, com que as respeitaveis Assembleas da capital do reino, da capital do Minho, e de todas as mais provincias, têm pugnado pela patria dos portuguezes; assim como a coragem dos chefes, que á frente das forças do seu commando soltaram em diversas epochas a voz da regeneração d'esta nossa malfadada patria; o procedimento da aristocracia portugueza na declaração de 30 de maio; e dos officiaes legitimistas na reunião de 5 de junho; os nobres sentimentos da mocidade academica; os serviços de todos os bons portuguezes a favor da legitimidade; e os sentimentos catholicos e de honra, a coragem heroica de todo o povo portuguez, e com especialidade do povo do Minho, da mimosa flor de Portugal, que sahindo a campo, e defendendo com o valor de antigos portuguezes a causa do nosso Deus, á sua propria, e do nosso Anjo, mostrou a todas as nações da terra o quanto abomina as idêas anti-religiosas e anti-sociaes da desorganisadora epocha actual.

Porém, nobres cavalheiros do Minho, não me é possivel cumprir os meus desejos senão por via d'esta. Declaro todavia, que não appareço pessoalmente por não ser de absoluta necessidade, aliás arrostaria todos os perigos, e mostraria a toda essa luzida Assemblea o nenhum apreço, que dou á vida, quando a causa de Deus, do povo e do rei obriga a expol-a.

Acceitae pois, exc.^mos snrs., as expressões sinceras de um filho d'esta infeliz patria, que suspira saudoso pelo mais digno dos reis, que depois do grande Affonso em Portugal cingiu a coroa, de um portuguez, que é com o maior respeito

De VV. Ex.^as att.° v.^or e creado

3 de setembro de 1851.

Padre Casimiro José Vieira.

N.º 6

Parabens pelo casamento do Senhor D. Miguel 1.º, publicados na «Nação» de 14 de outubro de 1851.

Parabens, portuguezes! Parabens, que é Deus comnosco!!

Já o sangue dos innocentes, que foram esvasiados do principio vital pelo punhal da liberdade, subiu ao throno do Altissimo, e os justos, que intrecedem por nós, alcançaram-nos do Deus de misericordia o perdão das nossas culpas, que, pelo tremendo castigo com que eram punidas, pareciam imperdoaveis.

Já em 1846 «Maria da Fonte», ou a Judith portugueza e as suas intrepidas companheiras, auxiliadas pelo Deus de Israel deram o golpe mortal no pescoço do infame oppressor do povo luzitano, do impio, a quem, para tornar mais celebre a heroina do Minho, se póde dar por escarneo o appellido de Holofernes idolatra, que tendo em vista acabar com o resto de nossas riquezas, e com a religião de nossos paes forcejou quanto pôde por nos manchar com o crime indelevel de adorarmos o codigo infernal do Nabucodonosor do Brazil.

N'esse anno os valentes mancebos israelitas descendo das montanhas correram animosos sobre as tropas do incredulo, que aterradas fugiam em desordem. A cabeça d'este orgulhoso oppressor d'Israel andou pendurada nas roçadouras das matronas e das donzellas do Minho.

Nunca mais esse soberbo reviveu desde que o seu corpo se tornou cadaver, apenas um fantasma, que tomou as suas feições, que fôra importado pelas tropas castelhanas, inimigas apparentes do monstro detestavel, e que fora

indirectamente firmado sobre um protocollo de opprobrio eterno, para quem obrigou a fazel-o, passeou descarado por algum tempo nas ruas de Lisboa, mas já hoje nem sequer esse fantasma ridiculo se avista na terra lusa.

Já em 1846 o chefe dos alados espiritos de benção recebeu ordem do Monarcha Eterno para juntar os celestes exercitos e pelejar contra os insensatos. Por toda a abobada que circumda o nosso globo soou a trombeta do Archanjo Miguel, e os impios de muitas nações da Europa sentiram desde então os profundos golpes, que lhes descarregou o vencedor do rebelde Lucifer, e de todos os desgraçados, que seguiram a negra bandeira do anjo maldito.

Parabens, portuguezes, que é Deus comnosco!! O celeste companheiro do moço Tobias, o anjo Raphael, que lhe aconselhou casasse com a filha de Raguel, acompanhou tambem ha pouco o digno successor de Affonso Henriques, e lhe inculcou a joven princesa, que tem de propagar a descendencia quasi extincta da regia estirpe, á qual convêm o direito de governar a nação mais valente do mundo.

Eia portuguezes, intoemos louvores ao Deus d'Israel... —in sono tubæ... in psalterio, et cithara... in tympano et choro: in chordis et organo—. Ministros do Senhor, cumpriu-se pela millesima vez em favor nosso a prophecia que o divino Mestre proferiu ha 18 seculos em Cezarea de Filippe...—et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.

Cantemos pois em acção de graças, e em honra do nosso Deus o hymno dos dois doutores santo Agostinho e santo Ambrosio, ou o cantico—trium puerorum—intoado pela primeira vez na fornalha de Babilonia—ou melhor ainda, porque é o que melhor nos convêm, o do primeiro conductor do povo hebreu, de Moysés servo do Senhor intoado depois da sahida do Egypto, reino de tormentos para os filhos d'Israel, e depois da milagrosa passagem do mar Vermelho, onde Pharaó de coração endurecido começou a supportar o castigo eterno pelas afflicções, que causara aos descendentes de Jacob. Soem por toda a parte as canções alegres em honra do Anjo que mui breve ha de debellar as hostes infernaes, que nos opprimem. Antes talvez de poucos mezes elle nos resgatará do vil captiveiro, que enche nossas almas de amargura.

Enxuga as lagrimas, Jerusalem afflicta, que vão ser reedificados os teus em outras eras soberbos muros, e vaes reunir em teu seio os teus dispersos filhos. Israelitas, que andaes errantes pelos reinos estranhos, que comeis com lagrimas o pão do exilo, depois de passar o inverno, e cessarem as chuvas, depois de apparecerem as flores, e chegar o tempo da poda, quando na nossa terra se euvir a terna voz da rola, ou pouco antes, congregai-vos em Jerusalem, na vossa capital, vinde celebrar alegres a Paschoa do Senhor, porque então está a chegar o Salvador d'Israel.

Um vosso patricio, que como vós soffre inabalavel os revezes da sorte adversa, que como vós vive consternado pelas calamidades da nossa desditosa patria, é quem deseja ardentemente intoar comvosco pelas ruas de Bethulia, e de Jerusalem, os louvores que a formosa Judith intoou em acção de graças, em honra do Deus d'Israel; é um dos vossos maiores amigos.

Padre Casimiro José Vieira.

N.º 7

Carta ao Senhor D. Miguel 1.º, em 29 de novembro de 1851

SENHOR

Desejando manifestar a Vossa Magestade a excessiva alegria, que me trasborda no coração pela ventura, que o ceo, agora propicio acaba de prodigalisar-nos com o consorcio de Vossa Magestade, desejado ha muitos annos por todos os fieis legitimistas, e lembrando-me do carinho, com que em Braga Vossa Magestade escutava os pequeninos,

ouso levar esta á presença de Vossa Magestade, como signal da affeição, que desde creança nutro em meu peito.

Peço pois a graça de dar do coração a Vossa Magestade os parabens pelo sagrado laço, effectuado com a Augusta Princeza, que o anjo Raphael designou como digna propagadora da Real Descendencia; e de consentir, que este humilde e fiel vassallo dê egualmente os parabens á nossa adorada Rainha pela ventura, que teve de ligar-se com o Monarcha predilecto do Altissimo, com o Anjo protector dos portuguezes.

Sendo esta a primeira vez, que levo á presença de Vossa Magestade a expressão dos sentimentos de meu coração peço a graça de escutar-me.

Quando me recordo d'aquelles ditosos dias, em que todo o Minho exultava de contentamento, por vêr passear na sua capital, na fidelissima Braga, o seu joven Monarcha, rebentam-me dos olhos lagrimas de amargura, e o coração parece estalar-me de dor. Teria eu 15 annos, quando tudo em Braga eram alegrias, tudo festas, em honra do Rei mais querido, que talvez o mundo vira, do Rei adorado, que viera ao Minho despedir-se do seu povo fiel, para ir esperar no exilo o cumprimento da fatal sentença, que no divino tribunal estava lavrada contra os portuguezes, porque quebrantaram os mandamentos do Senhor.

Foi n'essa mesma edade que eu entre os innocentes pequeninos corri por vezes após o meu Augusto Rei, quando ia visitar com a maior devoção o Bom Jesus do Monte; e quantas noites n'esses annos dourados não conversei eu com Vossa Magestade, que em sonho me apparecia como transfigurado em Anjo consolador da innocencia?!!

N'esse tempo, que agora me parece fabuloso, ou um sonho sem realidade, copiei eu fielmente, e bem ao vivo na minha imaginação, para nunca mais se apagar a figura do Rei luzo, que o Deus de Affonso Henriques predestinara, para na historia representar o termo da epocha, em que Portugal ainda conservava o esplendor da sua antiga gloria, e o principio da, em que ha de ser reedificado depois da desorganisação universal, depois da quasi total, e completa ruina desde 1834.

Foi desde esse tempo, que o nosso Deus, começou a

entornar devéras sobre nós o vaso da sua ira. Foi desde então, que Portugal se cobriu de lucto, e que aos canticos de alegria, que por toda a parte echoavam, se seguiram ais tristes, lamentos de dor, e gemidos de consternação, por todas as cidades, villas e aldeias. Todo este infeliz povo geme afflicto debaixo de um jugo pesadissimo, e todo suspira por Vossa Magestade, como pelo Salvador d'Israel. Temos soffrido muito, temos esgostado até ás fezes o calix da amargura que o nosso Deus nos tem obrigado a beber em castigo dos nossos peccados, e dos nossos antepassados; mas parece que já chegou ao ceo o sangue dos innocentes, e que já lá nas alturas foram ouvidas pelo Deus de misericordia as supplicas dos justos, que intercedem por nós.

Tenho razões para suppor, que já em 1846, fui o principal ministro, mas talvez o mais indigno, de que o Altissimo se serviu, para mostrar aos barbaros oppressores d'este desgraçado povo, que elle é o mesmo Deus fórte, que no campo d'Ourique batalhou do lado do grande Affonso, que é o nosso Deus, que ainda nos não abandonou de todo, e que está prompto a valer-nos, quando verdadeiramente contrictos recorrermos á sua clemencia infinita.

Já então elle fez vêr, que para desbaratar os impios, e para os pôr assustados em vergonhosa debandada, não necessita de generaes, nem de munições de guerra, que só lhe basta infundir-lhes no negro coração o terror.

N'esse anno offereci eu o meu sangue, arrostei mil perigos, e supportei fadigas sem numero, para desobstruir a estrada, que conduzisse Vossa Magestade a esta consternada nação; mas as minhas culpas, e as de todo o povo, obstaram a que o nosso Deus fôsse propicio até ao remate da alta empresa em que me empenhará: e foi por isso, que ella ficou incompleta. Dei então muitos ataques de fogo aos barbaros, que affligem os fieis vassalos de Vossa Magestade, e concorri com todas as minhas forças, para restituir ao throno luzitano o meu Rei adorado, como foi bem publico n'esse tempo, e como o deve ser agora pelos periodicos «Nação» e «Portugal», se a redacção d'estes, não continuar no systema de despresar o movimento de 1846, e a principal parte, que n'elle tive, de que resulton a morte de meu

pae, e um tio, e a perda dos meus bens; assim como a perseguição horrorosa, que homisiado soffrerei até á suspirada vinda de Vossa Magestade.

Porém tantos desgostos são suavisados pela certeza de que os fieis amigos de Vossa Magestade principiaram então a respirar mais livres, sendo induvitavel, que se seguiriam resultados muito maiores, no segundo pronunciamento do mesmo anno, se Macdonel os não tolhesse.

Além do exposto peço a graça de declarar, que ha um objecto de tão extraordinaria transcendencia, que merece a mais especial attenção de Vossa Magestade. Na nova ordem de fidelidade figuram pessoas tão notoriamente desaffectas a Vossa Magestade, por actos publicos, que parece induvitavel se preparam novas traições, e talvez mais terriveis, que as passadas. E' porisso, que eu me conservei sempre unido ao fiel amigo de Vossa Magestade, Candido por nome, e candido pelos sentimentos: e é pela mesma razão, que me conservo unido á Junta por elle nomeada. Parece incrivel, que a semelhantes pessoas, e a outras ou traidoras, ou sem serviços, se tenham confiado os principaes graus da ordem: e que talvez para o futuro hajam de occupar os principaes empregos da nação.

Posto que de uma associação podem resultar grandes serviços, tambem da mesma costumam resultar grandes males, como não é novo na historia, porque os proselytos, apaixonados pelos seus chefes, muitas vezes os seguem obstinadamente. As sociedades em geral, e mormente as d'esta natureza, quasi sempre abusam porque a ambição cega ainda mesmo os mais bem intencionados; e se os chefes se combinarem contra Vossa Magestade poderão despojar o throno das suas prerogativas, ou ao menos fazer accreditar, que toda a nação deseja o que só elles querem: do que ha bem fundados motivos de desconfiar: além dos quaes accresce um tambem muito escandaloso, que é o dizerem que só serão considerados como serviços de merito os feitos á ordem, e despresados os até aqui feitos a Vossa Magestade, o que tem descontentado muita gente fidelissima, que ha muitos annos desconfia da maior parte dos grandes, que degenerados, e esquecidos da honrosa estirpe, d'onde

descendem, tem sido os que maior parte tem tido nas traições, que motivaram o exilo de Vossa Magestade.

Peço a Vossa Magestade a graça de desculpar os desabafos de um coração, que é todo de Vossa Magestade; bem como a de beijar a Real Mão de Vossa Magestade, e da Rainha Nossa Senhora.

Deus guarde a Real pessoa de Vossa Magestade, como a Religião, e os vassallos de Vossa Magestade, havemos mister.

Portugal 29 de Novembro de 1851.

Padre Casimiro José Vieira.

N.º 8

Carta ao snr. Antonio Ribeiro Saraiva, em 29 de novembro de 1851

ILLme E EXC.^{mo} SNR.

Meu senhor, desde ha muitos annos tenho ouvido fallar com admiração nos nobres e patrioticos sentimentos de v. exc.ª, nos vastos conhecimentos scientificos, e diplomaticos, que possue; nos relevantes serviços, que tem prestado a Sua Magestade, e a Portugal; no coração magnanimo e generoso, de que é adornado, e nos grandes obsequios, que tem feito a innumeraveis legitimistas. Quando ouço elogiar as tão distinctas qualidades de v. exc.ª, entristeço-me, por não conhecer um tão honrado portuguez, que pela

grande fama do seu bom nome despertou a minha sympathia, e attrahe a minha affeição.

Sinto, exc.^mo^ snr., não poder mostrar a v. exc.ª por obras a sincera e desinteressada amisade, que lhe consagro; a alta estima, em que tenho o nobre exilado, a quem os portuguezes, e Sua Magestade tanto devem. Se v. exc.ª descobrisse em mim algum prestimo, e se dignasse darme as suas respeitabilissimas ordens, conheceria com evidencia a grande honra, e summo prazer, que tenho em me contar no numero dos seus mais diligentes, e leaes creados.

Fundado nas ditas tão raras, e porisso tão apreciaveis qualidades de v. exc.ª, tomo hoje a liberdade de lhe dirigir pela pela primeira vez os meus respeitosos comprimentos, e de lhe supplicar o obsequio de enviar a inclusa a S. Magestade.

O commandante das forças populares, e principal motor da «Revolução do Minho», em maio de 1846, que offereceu o seu sangue em defeza da justa causa de Sua Magestade Fidelissima, o Senhor D. Miguel 1.º é quem hoje, exc.^mo^ snr., espera dever a v. exc.ª a honra de lhe desculpar a liberdade de se dirigir por via d'esta a um cavalheiro de uma classe tão elevada, que por todos os titulos tem direito á veneração, respeito, e cordeal estima de todos os verdadeiros legitimistas, e em especial d'este que é

De v. exc.ª
capellão e menor
servo

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 29 de Novembro de 1851.

N.º 9

Resposta do snr. Ribeiro Saraiva em 17 de janeiro de 1842

ILL.mo SNR. PADRE CASIMIRO JOSÉ VIEIRA

Em 24 de dezembro proximo preterito tive muito prazer em receber as apreciaveis lettras de v., de quem tinha muita noticia pelos serviços por v. prestados á boa causa Legitimista Portugueza, os quaes são bem conhecidos desde o movimento popular n'essa provincia em 1846.

A boa opinião pois de uma pessoa como v., e dos nossos compatriotas de iguaes sentimentos, é para mim a mais appetecivel recompensa d'esses taes, ou quaes serviços, que tenho sincera e desinteressadamente desejado fazer á nossa patria, para resgatal-a de sua degradação actual.

Só sinto, que o valor verdadeiro d'esses serviços corresponda pobremente ao apreço, que a bondade de v., e de outros leaes portuguezes assim, d'elles fazem; tanto maior, pois deve ser, e é sinceramente a minha gratidão, que muito estimo ter esta occasião de a v. expressar.

Na resposta inclusa do seu mui digno, e honrado comprovinciano, e meu excellente amigo, o dr. Seara Familia, verá v. a prova de que me não descuidei de transmittir a Sua Magestade a carta que v. Lhe dirigiu.

Estimarei ter sempre occasiões de mostrar que sei apreciar os honrados sentimentos portuguezes de v., e de dar-lhe gosto, como quem tem muito em assignar-se

De v. amigo att.º v.^{or} e cr.º

Antonio Ribeiro Saraiva.

Londres 17 de jan.^{ro} de 1852.

N.º 10

Resposta do snr. Seara Famila, de mandado e como secretario particular do Senhor D. Miguel 1.º, em 13 de janeiro de 1852.

Palacio de Langenselbol, 13 de janeiro de 1852.

Foi presente a El-Rei Nosso Senhor a vossa carta de 27 de novembro de 1851. Todo o seu conteúdo foi por S. Magestade lido com attenção, e tomado em mui seria consideração. Para elle assim como para a Rainha Nossa Senhora foram de grande estima os vossos parabens pelo seu feliz, e abençoado consorcio; porque ambos estão muito certos por provas publicas, e a todos notorias, que a vossa illibada fidelidade ás Leis fundamentaes da Monarchia, e ao seu Legitimo Representante, não pódem já subir de ponto. E ambos elles me ordenam tambem, que eu vos diga, que nenhum receio vos deve occupar de que os vossos serviços, e sacrificios venham em tempo algum a ser por elles esquecidos, ou tidos em menos conta; nem de que da nova organisação por elle sanccionada venham a resultar funestos abusos por vicio que n'ella haja. Corram todos os bons a reforçal-a com seus serviços, e seguro ficará sem duvida o fim para que foi creada.

Quando todo o bom trigo se poem junto em um só ponto não podem poucos grãos de joio abater-lhe o valor e preço.

Temei tudo da desunião dos bons, e da falta de subordinação aos legitimos delegados de quem tem da Divina Providencia direiros de que só Elle, e nenhum outro é Legitimo Depositario.

E por quanto vós conheceis tão bem, que não ha nem podem haver forças humanas que resistir possam á justiça Divina provocada pelos peccados dos homens Suas Magestades ambos muito encarecidamente vos recommendam, que como ministro de Deus justo, e misericordioso, não cesseis de promover pelo vosso ministerio a sanctificação dos portuguezes todos sem excepção; a fim de que se lhes não alongue por muito mais a epocha de se verem governados por Aquelle que a Divina Providencia lhes tem apontado pelas Leis Fundamentaes dos nossos maiores, para os governar como ellas prescrevem sem resaibo nenhum das vãs, e inconsistentes theorias de nossos depravados tempos.

De mandado d'El-Rei nosso Senhor=José da Silva Tabares=ao Rev.º P.ᵉ Casimiro José Vieira.

N.º 11

Resposta do Snr. D. Miguel 1.º á Junta nomeada pelo fallecido Candido, em 18 de janeiro de 1852.

Foi-me presente em devido tempo a carta do meu muito presado Marco Aurelio, datada de 8 de junho de 1851, dando-me as ultimas provas da sua illibada fidelidade, quando batia ás portas da eternidade; e junto com ella a vossa datada de 3 de julho do mesmo anno, em a qual me déstes parte do seu fallecimento no dia 14 de junho ás 9 horas da noite, e me especificastes por sua recommendação as suas justas, e providentes disposições relativas aos meus negocios até que vos fossem communicadas as minhas reaes ordens a tal respeito.

Agora vejo pela vossa carta de 5 de novembro passado, que as providencias, que então dei ao sahir da Inglaterra para o grande fim porque agora me felicitaes encontraram impedimento, que me é por ora desconhecido.

Vou tractar de o remover, e não passará muito tempo depois que esta tiverdes recebido sem que as minhas reaes ordens, e reflectida vontade, vos sejam communicadas.

Quanto á prueza da vossa fidelidade, ao vosso infatigavel zelo, e vossos heroicos serviços, e sacrificios, debaixo das ordens do digno director por mim auctorisado para vos presidir, estae certos, que os conservo vivos na minha memoria e que os não considerei, nem considero, de menos preço, porque a Divina Providencia, e não vós, permittiu (certo para maior bem) que não fossem então coroados com o successo, que vos proposesteis.

Tambem não deveis recear, que da nova organisação por mim sanccionada para regularisar, e dar perfeita unidade d'acção aos actos relativos á restauração, haja de resultar esquecimento, indifferença, exclusão, ou despreso dos serviços até aqui prestados, ou dos que forem d'aqui por diante prestados, seja por quem quer que for: e menos ainda que por ella se intente, ou eu possa consentir, que de maneira alguma se tracte de fazer a nossa restauração manchada com a menor sombra de desrespeito á puresa das nossas antigas, e veneraveis leis fundamentaes, ás quaes *puras,* não mescladas com as theorias vãs de nossos calamitosos tempos, é que eu devo os direitos de que me acho revestido, direitos que só ellas *puras* me podiam dar, que só ellas *puras* me podiam tirar, e de que eu mesmo só por ellas *puras* auctorisado poderei validamente dispôr qualquer via que seja. D'onde se vê que aquelle que me chama Rei legitimo de Portugal, e ao mesmo tempo deixa de respeitar religiosamente a legitimidade das leis, que me fizeram tal, suppondo que ellas podem, ou devem ser alteradas, ou modificadas ao prazer, ou desejo de individuos particulares, labora em manifesta contradicção comsigo mesmo, e com os principios fundamentaes do direito publico portuguez, e está cahido nos laços da revolução. E o que disser que eu mesmo as posso por mim só alterar, ou substituir por outras além de se mostrar completamente cego sobre as fallazes, e malogradas esperanças, e funestissimas consequencias de que tem sido victimas todas as nações, em que tal medida tem sido tão criminosamente tomada, como loucamente applaudida, me fará a maior inju-

ria ao meu caracter, e aos meus principios; pretendendo que eu seja somente Rei de alguns facciosos portuguezes, e não Rei de todos os portuguezes sem excepção (102); Rei em virtude de indiscretas condescendencias, e passageiras ambições, e não em virtude das venerandas leis fundamentaes selladas com o cunho de tantos seculos. Tomae pois em séria consideração para vosso conforto e segurança, e tambem de todos os portuguezes, que n'isto possam ainda ter duvida, tudo quanto aqui vos digo; cuja verdade vós tendes visto, e estaes ainda vendo confirmada pela serie das perseguições, e trabalhos, porque tenho passado, e estou ainda passando: pois que é notorio a todo o mundo, que a unica causa de todos elles tem sido e é a minha perseverança em trocar antes o throno pela cabana, a fartura pela miseria, os louvores, e applausos, pelas calumnias, perseguições, e despresos, do que acceder a qualquer proposta de restituição de tudo, ou parte do que pelas leis dos nossos maiores é realmente meu, com quebra ou desrespeito das mesmas leis.

Agradeço-vos com paternal affecto as vossas leaes felicitações pelo meu feliz consorcio com a muito virtuosa, muito amavel, e muito Augusta Princeza, que a Divina Providencia me deparou para minha consolação n'este exilio, e para penhor das vossas esperanças. Ella commigo vos agradece tambem este testimunho da vossa fidelidade, e affecto; e vos pede que junteis as vossas ás suas ferventes preces ao céo, para que o seu consorcio com o desterrado

---

(102) Eis o Rei que os mações tem pintado sempre com as mais negras côres, como barbaro e como despota; mas a causa do seu odio entranhado procede toda de elle ser catholico e amante da patria, que elles tencionavam roubar e reduzir á miseria, em que hoje se acha.

Não ha hoje ninguem, que ignore ser este o motivo da guerra desesperada, que a maçonaria jurou fazer-lhe a todo o transe e sem tregoas, por saber, que elle decididamente se oppunha a taes e tão horriveis maldades.

Foi este tambem sempre, e é ainda o pensar unanime de todos os mais Bourbons antigos e modernos, porque descendem de santos, e querem governar as nações em conformidade com o Evangelho.

O unico erro, que elles commetteram, e que lhes acarretou a sua desgraça foi o da expulsão dos Jesuitas, mas esse já foi devido ao Marquez de Pombal, ou antes à maçonaria, que os enganou de proposito, para os perder, e acabar com os baluartes mais fortes, e firmes da Egreja.

filho da casa de Bragança seja o principio da epocha desejada, em que os portuguezes todos, convertidos n'uma só familia, recobrem as vittudes dos seus maiores, e por ellas se façam outra vez dignos das bençãos de Deus, e do respeito dos homens.

Recommendo-vos, que guardeis com grande cautella, e segredo, todos os papeis, e documentos, que vos foram confiados, dos quaes só approvo se faça uso para o bem, e segurança da causa, e de nenhum modo para processo, ou prejuiso de pessoa alguma.

Deus Nosso Senhor vos conserve a todos na sua santa guarda=

A. Miguel

=A=João José da Costa Rego=Francisco da Cunha Mourão de Carvalho=P.e João Pinto Coelho Soares de Vasconcellos=Antonio Joaquim de Barros Lima=Joaquim Moreira Pinto Guedes=Fr. Francisco da Natividade Maria.

Palacio de Langenzelbold=13 de janeiro de 1852.

N.º 12

Carta ao snr. Sacra Familia, em 22 de fevereiro de 1852.

EXC.mo E REV.mo SNR.

E'-me impossivel explicar o excessivo contentamento de que me sinto arrebatado desde o dia 11 do corrente, em que tive a ventura de receber e ler a para mim tão honrosa carta de v. exc.ª, de 13 do mez preterito, de mandado de Suas Magestades em resposta á minha de 27 de

novembro de 1851, e de ler o precioso documento politico, que Suas Magestades se dignaram enviar á Junta do fallecido Candido, para conforto de todos os legitimistas puros, que em defesa da lei do Senhor, do bem da patria, e dos direitos de Sua Magestade, arriscaram o que no mundo tinham de mais apreço.

Estes dois documentos de valor incalculavel causaram-me uma impressão tão forte, que me alterou a saude, afugentando-me o somno de muitas noites (103); porque ao som de cada uma das expressões, que lia, parecia-me ouvir da bocca de Suas Magestades as consoladoras palavras do Divino Mestre—Sinite parvulos, et nolite eos prohíbere ad me venire.

Este manifesto, exc.^{mo} snr., fará correr ao campo da batalha com cem vezes dobrada coragem todos os portuguezes, que em 1846 deram o forte impulso á regeneração europea, todos os valentes, de que o Deus d'Israel se serviu para encobriu o espantoso milagre, que principiou então, e continuará em breve a instancias da Rainha dos ceos, e dos martyres legitimistas, que hoje em companhia dos Anjos entoam as harmonias da gloria. Não haja receio, exc.^{mo} snr., quando nas montanhas do Minho retumbar o som terrivel da trombeta do Archanjo, e no relogio da Providencia bater a hora fatal, em que o nosso Deus mande dar a ultima e decisiva batalha aos reprobos, que mandaram fabricar no inferno o impio systema da chamada constituição moderna, conhecerá v. exc. os descendentes dos bravos, que pelejaram ás ordens do grande Affonso; e verá então (se Deus nos não faltar) como em eras remotas foi possivel, que um punhado de portuguezes desbaratasse as inundações dos mouros, e castelhanos, que seccavam as fontes, e cobriam os valles.

A' excepção dos empregados do systema actual, dos que possuem bens chamados nacionaes, ou adquiridos por indemnisações, e de muitos mesmo da alta nobreza, que hoje parecem pertencerem ás sociedades secretas todo o povo, exc.^{mo} snr., suspira saudoso por Sua Magestade, e

(103) Passaram de oito em que não pude pregar olho, e só depois comecei a conciliar o somno, engolindo por vezes bocados de camphora.

todo quer as instituições antigas. Bem convencido d'esta verdade estive eu sempre, e muito mais o estou desde que no primeiro movimento popular de 1846, chamado a «Revolução do Minho» presenciei os seguintes, e outros muitos acontecimentos.

Logo que em maio do referido anno sahi a campo, todo o povo do Minho e Tras-os-Montes, a quem chegava a noticia das minhas ordens, me seguiu com o maior enthusiasmo e me acclamou—Defensor das Cinco Chagas, general e commandante das duas provincias—por conhecer que eu era legitimista puro e inimigo declarado do maçonismo.

Foi por isso, que no acampamento dos trinta mil homens, que se reuniram em volta de Braga no meado do dito mez, todo o povo confiava só em mim, e odiava tanto o Monte Alverne, o Bento Gomes, e todos os mais chefes setembristas, que não só recusou obdecer-lhes, mas até lhes tiraria a vida se se não evadissem do meio da multidão. Todo o povo se inflammava tanto com a minha presença, que em umas partes me recebia com acclamações, e debaixo de nuvens de flores; em outras ao som de um hymno camponez, que se inventou por meu respeito e que correu por toda a provincia, e em outras com lagrimas de alegria, que corriam de todos os olhos.

Tinha o povo das duas provincias tanto cuidado com a minha conservação, que innumeraveis espias, sem com ellas gastar um só real, vigiavam ao longe, e ao perto os passos do inimigo, e corriam mui contentes a contar-me as ciladas, que podiam descobrir. De duas vezes, que cheguei á villa de Ruivães, cobriu-se a villa de Monte Alegre de povo, que desejava ver-me, e acompanhar-me a Chaves, se eu fôsse atacar o Vinhaes, como tencionava. Até as mulheres de Salamonde, e da Ribeira de Soas, me mandaram dizer, que com ordem minha abandonariam suas casas, e me acompanhariam para o fogo; e chegaram a eleger d'entre si por acclamação uma especie de authoridades, para obrigar os homens timoratos a seguirem-me.

Era tido em todo o reino em tal consideração, que o Antas depois de montadas as authoridades setembristas, e em tempo, em que eu passeava em Vieira quasi só, mar-

chou de Lisboa para aquella aldeia com uma brigada de mil e seiscentas praças para me bater, deixando as ordens passadas, para marchar de Lisboa para o mesmo ponto toda a tropa disponivel, e os vapores promptos para a conduzir de Lisboa ao Porto, logo que os telegraphos dessem signal de que eu lhes fazia fogo.

Esta mesma consideração em que era tido fez com que um regimento hespanhol, que se sublevou na raia da Galliza se me foi apresentar a Vieira em diversas partidas. Mas eu não acceitei esta gente por não ter armas, que lhe entregar, e por me lembrar, que o acceital-a implicaria com a politica das duas nações, e que talvez isto servisse de pretexto para o governo hespanhol fazer marchar algum exercito para as fronteiras de Portugal.

Estas e outras muitas passagens, que não posso contar em uma carta, exc.^mo^ snr., fazem-me persuadir de que, se eu começasse em qualquer extremidade do reino a juntar povo, poderia talvez apresentar ás portas de Lisboa para cima de cem mil combatentes, e collocar o Senhor D. Miguel no throno de Portugal, se eu e o povo, fizessemos a mesma penitencia que Jonas aconselhou aos Ninivitas, e que quando eu torne a sahir a campo tenciono pôr em pratica (se S. Magestade m'o permittir) chamando para a minha companhia misssionarios, que préguem a penitencia, e o amor aos inimigos, e confessores, que escutem, e absolvam as nossas culpas. Declaro tambem, exc.^mo^ snr., que em todo o tempo d'este movimento apenas recebi de uma administração trinta mil reis, com que comprei seis arrobas de polvora; e porisso todo o povo me acompanhou desinteressadamente.

Não foi menor o enthusiasmo no segundo movimento popular, planisado pelo fallecido Candido, e principiado em novembro do mesmo anno de 1846, porque, publicando eu que ia fazer em Braga uma organisação militar, foram logo offerecer-se-me os estudantes das aulas, os artistas da cidade, e o povo das aldeias; o que me fez conceber esperanças de poder em poucos dias alistar e ajuramentar gente para uma brigada de alguns milhares de homens. Porém Macdonel, a quem me sujeitei, e que n'essa occasião estava em Braga prohibiu-me fazer alli a dita organisação; o

que me desgostou a ponto de desistir da empreza, e de alistar apenas um pequeno numero de rapazes meus visinhos, que tinham armas suas, e que reconhecia bem morigerados, e animosos; para os quaes e para mim não recebi em todo o tempo desde dezembro de 1846 até abril de 1847 senão noventa e seis mil reis, que me deu o fallecido Candido, por não ter meios para mais, e carga e meia de polvora, que me deu Macdonel, deixando porisso de tomarem as armas todos aquelles, que então se me offereciam.

Isto custou caro ao povo, porque passam de duzentas pessoas, que foram mortas pela tropa do Casal no ataque de Braga, estando eu em Vieira, o que provavelmente não aconteceria, se me dessem a consideração, que deviam, como depois me deu o fallecido Candido em 1847, nomeando-me—Commandante Geral de todas as forças populares ao norte do Minho com honras de brigadeiro—e em 1850, conferindo-me a graduação de—Commendador da Ordem de S. Miguel da Ala.

Porém pertencendo Macdonel a uma das principaes lojas da França, como o affirma a paginas 29 um almanak maçonico escripto em francez, e impresso em Pariz no anno de 1845 (104), não admira, que elle se portasse commigo d'esta maneira, amortecendo o extraordinario enthusiasmo, com que o povo corria a ajudar-me na grande obra da restauração, e que tolhesse todos os planos do fallecido Candido, até extinguir quasi de todo este ultimo movimento.

Parece indubitavel que este general era traidor, porque esperou em Braga contra todas as regras militares o ataque de uma força regular, contra uma força popular, falha de munições por sua culpa, e porque, segundo dizem, não foi morto pela cavallaria do Casal, que o seguiu de perto no campo de Sant'Anna, por levar a mão com um papel atraz das costas, e deixal-o cahir, quando se julgou no maior perigo.

(104) Estou convencido de que elle era falso como se vê no § 162 e na nota d'elle, mas depois de escrever o que se lê n'esta carta desenganei-me que o designado no almanak era francez, e que houve equivoco da minha parte.

Escarmentado eu pois, por este e por outros muitos acontecimentos, filhos da ambição, e da inveja do meu nome, protestei nunca mais obedecer senão ao fallecido Candido, por me convencer, de que era homem fidelissimo, e o predilecto de Sua Magestade; e agora estou ligado á Junta nomeada por este bom portuguez, porque reconheço todos os seus membros como legitimistas puros, como incapazes de traição, e como christãos de uma moralidade exemplar.

Confiado pois na veneração, que Sua Magestade tributou sempre ás leis fundamentaes da nossa monarchia, e nos sentimentos da legitimidade do povo portuguez, tinha eu alguma esperança de tornar a ver Portugal com as instituições antigas. Porém recordando-me, exc.^{mo} snr., das innumeraveis ciladas, tão perniciosas a Sua Magestade, e a Portugal, que em diversas epochas se forjaram, e observando agora tendencias, para se forjarem outras de novo, receava muito, que Sua Magestade as não conhecesse, por serem manobradas por homens appellidados miguelistas, que não respeitam a legitimidade senão na apparencia, para illudir os incautos, e saciar as suas torpes ambições com prejuizo das prerogativas da coroa e da felicidade do povo, que incluem na classe dos irracionaes.

E' porisso que eu já vivia triste com esta lembrança, e no futuro sentiria pungentes remorsos, se não diligenciasse manifestar a Sua Magestade os meus bem fundados receios. Mas agora, exc.^{mo} snr., conheço com evidencia, que temos um Rei sem igual na historia portugueza, porque tambem não apparece na historia portugueza outro igual a Sua Magestade na escola da adversidade. Agora sim, já eu, e todos os legitimistas puros podemos viver alegres, já se nos afigura saciada a nossa unica e santa ambição de vermos completamente reedifiados os soberbos muros da nossa Jerusalem, outr'ora—domina gentium—e o templo augusto, onde antigamente com profundo respeito invocavamos a protecção do nosso Deus.

Tenho feito exc.^{mo} snr., a maior diligencia por observar todos os mais notaveis acontecimentos religiosos, e politicos, que se succedem com rapidez desde 1846, para reconhecer os passos da Providencia, que a minha razão,

guiada e illustrada pela fé christã me vae mostrando. Um d'elles, que me infundiu mui grande confiança na protecção do Omnipotente em nosso favor, foi o chamamento de v. exc.ª, que sua Magestade fez ha pouco, o chamamento do varão apostolico em sciencia e virtude, que o ceo no exilio conservou até hoje com vida, para ajudar e consolar Sua Magestade no mesmo exilio.

Certo da bondade de v. exc.ª rogo o favor de em meu nome beijar a mão a Suas Magestades em signal do meu reconhecimento pela estima, que deram aos meus parabens, pela consideração immerecida, em que me tem, e pela graça especialissima, que se dignaram fazer-me com a tão honrosa resposta, que ordenaram a v. exc.ª me mandasse.

Espero mais de v. exc.ª o obsequio de expôr a Suas Magestades, que cumprirei pontual, e fielmente as suas ordens por mim tão desejadas, promovendo do modo que possa, a sanctificação de todos os portuguezes sem excepção; e continuarei sem interrupção, como até aqui a rogar a Deus e a Nossa Senhora, para que conservem as vidas de Suas Magestades tão necessarias a todos os portuguezes, e para que continuem a inspirar-lhes a justiça, igualmente necessaria n'esta desgraçada epoca de malicia.

Tambem confio em que v. exc.ª desculpará a demasiada extensão d'esta, que julguei assim necessaria, para relatar por alto alguns acontecimentos, que muito se forceja encobrir até nos nossos periodicos.

Digne-se v. exc.ª acceitar pela primeira vez os comprimentos de um comprovinciano, que com todo o respeito aguarda as ordens de v. exc.ª, e o coração de quem é com o mais puro affecto, e com a maior veneração

De v. exc.ª
o menor, mais fiel
e mais amigo cr.º

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 22 de fevereiro de 1852.

N.º 13

Carta de agradecimento ao snr. Saraiva, em 22 de fevereiro de 1852

ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

A carta de 17 do mez preterito, com que v. exc.ª se dignou honrar-me tanto, veio corroborar o bom conceito, que eu fazia das tão raras, e tão estimaveis qualidades de v. exc.ª. Este documento em que v. exc.ª mostra a consideração em que me tem, é para v. exc.ª muito mais honroso, do que para mim proprio, por testimunhar a excessiva bondade de um ministro de tão excellentes virtudes em prestar aos pequenos a attenção, que podia negar-lhes sem os offender.

Entretanto não posso, nem devo deixar de patentear a v. exc.ª por esta via a minha gratidão, agradecendo por palavras o que por obras me é impossivel, attenta a insignificancia, do meu diminuto prestimo, que ponho de novo á disposição de v. exc.ª.

E porque recebi com a de v. exc.ª a do snr. Sacra Familia de 13 do mesmo mez preterito do corrente anno, rogo a v. exc.ª o obsequio de lhe fazer enviar em resposta a que acompanha esta; pelo que, e por tudo mais, sou com a maior consideração e respeito

De v. exc.ª
o creado mais affecto
e muitissimo obrigado

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 22 de fevereiro de 1852.

N.º 14

Carta de felicitação ao snr. Sacra Familia, em 17 de agosto de 1852

ILL.^mo E EXC.^mo SNR.

A fausta noticia do nascimento da Augusta Princeza, primeiro e precioso fructo do sagrado consorcio de Suas Magestades, que o Deus de clemencia, Lhes concedeu para alegria sua, e para felicidade dos portuguezes, dissipou uma grande parte da escura nuvem de tristeza, que ha 18 annos traz consternados os corações de todos os legitimistas d'esta desditosa nação.

Este tão feliz acontecimento me obriga a dirigir-me segunda vez a v. exc., como fiz na carta de 22 de fevereiro do corrente anno, que supponho terá recebido, para pedir a v. exc., o obsequio de em meu nome beijar a mão de Suas Magestades, como expressão do regosijo, que sinto pelo nascimento da nossa Legitima e Natural Princeza, objecto unico porque incommodo com esta a v. exc.ª.

Deus guarde a v. exc.ª por muitos annos com aquella vigorosa saude, que desejam todos os creados de v. exc.ª, em especial eu, que entre todos sou o menor, mas o mais affeiçoado e reverente

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 17 de agosto de 1852.

N.º 15

Resposta do snr. Sacra Familia ás duas cartas supra, em 12 de janeiao de 1853

Langenselbol, 12 de janeiro de 1853.

ILLme SNR.

Accuso recebidas as duas muito estimadas cartas de v. de 22 de fevereiro, e de 17 de agosto do anno preterito de 1852.

Cumpri fielmente o que v, n'ellas me recommendou. A de 22 de fevereiro foi muita attenta e gostosameute ouvida por Sua Magestade; a quem tive o cuidado de a ler desde a primeira até á ultima palavra; e guardada está para que nunca se perca o que El-Rei quer ter sempre vivo em sua memoria.

Suas Magestades ambos me ordenam que agradeça a v. os novos testimunhos do seu affecto, e fidelidade; e lhe pedem que nunca se esqueça no Santo Sacrificio da Missa de rogar a Deus pela intercessão da nossa celestial Padroeira, que se compadeça de Portugal, e faça que a justiça, e a verdade, voltem a ser guia dos portuguezes.

Suas Magestades passam o melhor, que lhes podemos desejar, e se apresentam os mais perfeitos modelos do estado conjugal. Creou-os Deus um para o outro. Não podem viver mais felizes no seu estado.

Sua Alteza Real a Senhóra Princeza D. Maria das Neves Isabel é uma perfeição em tudo. E' robusta, é saudavel, e é lindissima. Tem sido creada aos peitos da sua an-

gelica e virtuosa Mãe; devemos esperar que será sua imitativa em tantas virtudes de que é adornada começando pela Religião pura e do coração.

De vossa senhoria
muito affecto v.[or]

José da Silva Tavares.

Secretario particular d'El-Rei Nosso Senhor.

N.º 46

Protesto publicado na Nação de 26 de novembro de 1853

ILL.[mos] SNRS. REDACTORES

Ao ler as insolentes palavras, com que na escandalosa sessão de 20 de julho do corrente anno foi desacatada a Authoridade Pontificia do Supremo Vigario de Jesus Christo, estremeci de indignação contra os insensatos, que sem pejo ousaram insultar a Jesus Christo na pessoa do Cabeça visivel da Egreja Catholica, e pretenderam manchar Portugal com um hediondo, vergonhoso, e enorme crime, que totodos os portuguezes sentimos com magoa, e detestamos do intimo do coração.

Se hoje ainda vivessem os que ás ordens de D. Affonso Henriques descabeçaram tantos reis mouros, e suas cohortes, ouvir-se-hiam em Portugal as blasphemias, que se ouvem, contra Jesus Christo, nosso Redemptor?! insultar-se-hia impunemente o seu successor e Logar Tenente na

terra?! e escarnecer-se-hia com tal descaramento uma nação inteira, que com bons fundamentos se gloria de ser a unica no mundo, que na Lei Nova fôra constituida em monarchia pelo proprio Filho do Eterno, de quem recebeu o escudo de suas armas; assim como a dos Israelistas se gloriava de ser a unica, que na Lei de Moisés fôra governada pelo proprio Deus d'Israel?! E se tal acontecesse, que diriam os bravos, que juncaram de cadaveres musulmanos o espaçoso campo d'Ourique?! Que fariam elles?! Soffreriam com animo tranquillo, que esses insensatos lhes escarrassem nas faces uma affronta d'esta natureza?! A historia que responda, porque gravou com caracteres indeleveis, e recordará com admiração até ao fim dos seculos os nobres feitos d'aquelles heroes christãos portuguezes, que á sombra da cruz fizeram tremer o mundo.

Porém saibam os scismaticos, sacrilegos e blasphemos, que se estes actos de eterno horror não são vingados hoje pelos descendentes dos bravos, que espantaram as nações, é porque esses descendentes d'heroes com resignação christã aguardam que se cumpram os decretos eternos=Attenuati sunt oculi mei, suspicientes in excelsum (Isai. 38. 14.) e porque confiam no que Deus lhes diz por Moisés=mea est ultio, et ego retribuam in tempore, ut labatur pes eorum (Deuter. 32. 35.)=que a elle está reservada a vingança, e que a seu tempo dará a esses reprobos a merecida paga, fazendo-os cahir, para nunca mais se erguerem.

Quando em Portugal se perguntar=ubi sunt dii eorum, in quibus habebant fiduciam?=(Deuter. 34. 37.)=onde estão os seus deuses quadruplos, nos quaes punham toda a sua confiança? findarão para os amargurados portuguezes os dias de provação. Talvez, para destruir esses deuses dos blasphemos, venha aquella alluvião de povo, de que falla Jeremias, quando diz=Lá se ouve alarido e grande commoção, para as partes do Norte=Vox auditionis ecce venit, et commotio magna de terra Aquilonis, et gens magna consurget a finibus terræ (Jerem. 6. 22). Para os esmagar lá se agglomeram na extremidade do globo grossas massas d'uma gente robusta, d'uma gente antiga, d'uma gente, cuja

lingua elles ignoram, e cujo discurso não entenderão=(105) Ecce ego adducam super eos gentem de longinquo... ait Dominus: gentem robustam, gentem antiquam, gentem, cujus ignorabis linguam, nec intelliges, quid loquatur (Jerem. 5. 15)=. E' para servir n'essa occasião, que o Deus dos exercitos aguçará como uma lança a dura ira; e contra os insensatos pelejará com elle todo o mundo, que de ha muito se prepara, como diz o Livro da Sabedoria=Acuet autem duram iram in lanceam, et pugnabit cum illo orbis terrarum contra insensatos=(Sab. 5. 21.)

Quando isso acontecer começarão a cumprir-se os decretos do Altissimo, e começará então a raiar o sol de justiça, que aquentará os filhos de benção =Et orietur vobis timentibus nomen meum sol justitiæ,.... et salietis sicut vituli de armento (Malach. 4. 2.) Então começarão os blasphemos a conhecer, que o Deus de Jacob ainda vive, e viverá eternamente=Levabo ad cœlum manum meam, et dicam: Vivo ego in eternum (Deuter. 32. 40). Então talvez comece elle a vingar-se dos seus inimigos, embriagando as suas settas no sangue d'elles, e devorando-lhes as carnes com a sua espada formidavel =reddam ultionem hostibus meis, et his, qui oderunt me, retribuam=(Deuter. 32. 41). Inebriabo sagittas meas sanguine, et gladius meus devorabit carnes=(Deuter. 32. 42.) Sobre elles troará o céo com estrondo horivel, e o Deus do Grande Affonso fará tremer de susto os seus adversarios=Dominum formidabunt adversarii ejus: et super ipsos in cœlis tonabit (1. Reg. 1. 10). Depois d'isto, e depois de elle se ter vingado dos que affrontam os bons christãos, será propicio a Portugal, seu reino predilecto =et vindictam retribuet in hostes eorum, et propitius erit terræ populi sui=(Deuter. 32. 43).

E' verdade que não podemos marcar ao certo o momento, em que esses grandes acontecimentos tem de principiar, porque estão occultos e sellados nos thesouros de Deus=Non ne hæ condita sunt apud me, et signata in thesauris meis? (Deuter. 32. 34). Mas saibam os blasphemos,

---

(105) Era allusivo á Russia, que, finda a guerra da Criméa, se esperava viesse atacar as nações da quadrupla alliança, figurada na besta do Apocalypse.

que esse tempo de perdição não póde estar longe, porque as circumstancias apressadamente o avisinham=juxta est dies perditionis, et adesse festinant tempora=(Deuter, 32. 35). Não póde estar longe, não, porque Deus resiste aos soberbos, como o affirmam os livros santos; (Jacob. 46), e porque parece impossivel, que o escandaloso attentado, que ha pouco se perpetrou nos salões de S. Bento, não seja vingado pelo Filho da Virgem, como o foi o insulto a sua Mãe Santissima, perpetrado no Porto a 8 de março de 1846, quando se estava na Egreja dos Congregados celebrando a primeira festa em honra do seu=Santissimo e Immaculado Coração=.

Ai então diz Isaïas, ai da descendencia perversa, ai dos filhos scelerados, que abandonaram o Senhor, e blasphemaram do Santo d'Israel=Vae... Semini nequam, filiis sceleratis: dereliquerunt Dominum, blasphemaverunt Sanctum Israel=(Isai. 1. 4.) Ai tambem dos pastores de Israel=Vae pastoribus Israel=diz Ezequiel no capitulo 34, capitulo dos desenganos, que faz arripiar os cabellos, e tremer de susto aos pastores, que tiverem fé viva a respeito do que se ha de passar na eternidade. Ai dos pastores d'Israel, que não gritam contra os lobos, que procuram matar as ovelhas do seu rebanho; Ai de todos os que se fizeram cães mudos sem coragem para ladrar em defeza do seu rebanho; como diz d'elles Isaïas=Canes muti non valentes latrare=(Isai. 56. 10). Ai dos pastores d'Israel, se não acordam do profundo somno, que dormem desde que foram feitos pastores; e se, em vez de apascentar as suas ovelhas, continuam a apascentar só o seu ventre, e a cuidar só dos seus commodos, do luxo, dos divertimentos do seculo, das honras mundanas, e de agradar a Cesar, que lh'as vende pelo exorbitante preço do seu descredito para com Deus e para com os homens=Væ pastoribus Israel, qui pascebant semetipsos=(Isai, 56. 10.), non ne greges a pastoribus pascuntur? Lac comedebatis, et lanis operiebamini, et quod crassum erat occidebatis: gregem autem meum non pascebatis (Ezech. 34. 2. e 3). Ai dos pastores que não vigiam, porque, por sua vida jura Deus=Vivo ego (Ezech. 34. 8), que entregará o rebanho a outros, que cumpram com os deveres de bons pastores, e tomará aos

negligentes contas bem rigorosas de todos os damnos das ovelhas, que lhes confiára=Ecce ego super pastores requiram gregem meum de manu eorum, et cessare faciam eos, ut ultra non pascant gregem, nec pascant amplius pastores semetipsos: et liberabo gregem meum de ore eorum, et non erit ultra eis in escam=(Ezech. 34. 10). Ai dos pastores d'Israel se cahem na fraqueza, em que um já cahiu, de se deixarem vencer pelas suggestões dos principes da Sinagoga Judaica. Melhor lhe fôra a esse pastor infeliz não ter nascido, para não sentir agora os pungentes remorsos, que o atormentam, e que de nada lhe valem para com o mundo, por ignorar as intenções, só julga pelas acções. Os principes da Sinagoga induziram o miseravel Judas a entregar o nosso Redemptor, e quando elle tocado do tardio arrependimento os procurou, e lhes disse =pequei na entrega que fiz do sangue do Justo= Peccavi tradens sanguinem justum (Math. 27. 4.), foi por elles tractado com despreso, e irrisão. Do mesmo modo os impios dos nossos tempos costumam attrahir inimigos contra Christo, até d'entre, os que deviam ser a luz do mundo, o sal da terra, e escarnecer d'elles depois com riso diabolico nas escuras espeluncas de seus conciliabulos.

A'lerta pois, pastores, álerta, para não cahirdes nos seus enganos; lembrai-vos do castigo, com que a Virgem Santissima principiou a atormentar os impios em 1846 pelo insulto, que então lhe fizeram na Egreja dos Congregados do Porto, e de que ella começou a desaffrontar-se por meio do seu mesmo debil sexo no mesmo mez do seu insulto, e poucos dias depois d'elle, animando as matronas do Minho armadas do forcado, da fouce, e do chuço, a arrostar contra as authoridades d'esses monstros em Villa Nova de Sande, em Garfe, na Povoa de Lanhoso, em Vieira, e mais terras; e a arrancar depois nas ruas de Guimarães, e á vista de todo o mundo, em abril, mez immediato, a banda da cinta e as espadas da mão aos seus janisaros, que só com as armas lhes poderam até então segurar a obediencia do povo. Lembrai-vos que foi a=Mulher forte, destruidora das heresias em todo o mundo= a que lhes infundiu no negro coração o terror em conformidade com a sentença milhares de seculos anteriormente contra elles

proferida — Foris vastabit eos gladius, et intus pavor — (Deuter. 3. 2. 25) — Lembrai-vos que foi a Mulher formidavel, como um exercito formado em batalha — a que fez com que seu Bemdito Filho derribasse em 1846 os poderosos do seu assento—(Luc. 1. 52.), por terem consentido e talvez patrocinado o attentado estupendo, e nunca visto em Portugal, servindo-se do sexo timido, para confundir os que se julgavam fortes. Foram elles tão valentes, para insultar a Virgem das virgens na sua propria casa, persuadidos talvez de que alli só existia a sua imagem, ou de que ella é uma simples mulher, como qualquer outra ! ! Tiveram tanta coragem, (que horror ! !) para no templo do Deus Vivo despejarem com abundancia caixas da fedorenta assafetida, e o mais que Satanaz lhes aconselhou nas tenebrosas cavernas da maçonaria, e lhes suggeriu na occasião d'aquelle horroroso attentado, para afugentarem os devotos, que alli rendiam o devido culto á Rainha da eternidade ! ! Foram tão animosos para aos encontrões, ás cronhadas d'armas, ao punhal, e ás vozes desentoadas de—fóra Jesuitas, fóra fanaticos,— afugentarem os ministros do Senhor, e todo o povo da casa de Deus ! ! Mas depois...?! ! Que fizeram esses valentões ? ! ! Que fizeram esses impios ? ! ! Tinham contra si a sentença assustadora—Irruat super eos formido, et pavor, (Exod. 15. 16), d'elles se apodere o medo e o pavor. Atormentava-os a sentença terrivel — fiant immobilis quasi lapis (Exod. 15. 16), fiquem immoveis como pedras.

Foi tal a sua miseria, que até lhes faltou o tempo, para chamarem pelos gallegos, e pedirem-lhes o seu auxilio, como depois fizeram em 1847. Mas de nada lhes valeu aquella tremenda lição. Já nem lhes lembram as pedradas, com que as heroinas do Minho respondiam ás balas dos janisaros, que esses despotas mandaram contra ellas; nem de que elles foram por ellas desarmados vergonhosamente e sem exemplo na longa historia d'esta nação.

Parece até, que não assistiram a estes memorandos acontecimentos. Mas não admira, porque Deus lhes cegou os olhos, e endureceu o coração, por causa dos seus crimes, para não verem, nem entenderem, as maravilhas, que Elle faz na terra, e converterem-se—Excaecavit oculos eo-

rum, et induravit cor eorum, ut non videant oculis, et non intelligant corde, et convertantur, et sanem eos — (Joan. 12. 40).

E' porisso decerto, que elles tem de viver sempre nas trevas da ignorancia, até que sejam forçados a entrar pelos portões da eternidade, a entoar com afflicção inaudita, e que nunca mais acabará, no logar tenebroso, de desordem, e de horror sempiterno (Job. 10. 21 e 22) as lamentações, as canções tristes, e os ais dolorosos, que Ezequiel viu escriptos por dentro e por fóra, no volumoso livro do Antigo dos dias—qui erat scriptus, intus, et foris: et scriptæ erant in eo lamentationes, et carmen, et væ (Ezech. 2. 9). Sim só despertarão, quando, para sua maior desgraça, forem obrigados a tirar a conclusão terrivel, que tiram todos os condemnados, de que erraram o caminho da verdade, de que a luz da justiça não luziu para elles, porque mui de proposito fecharam os olhos, para não verem, e de que o sol da intelligencia não nasceu para elles, nem os esclareceu, porque elles quizeram ignorar a lei, para livremente e sem remorsos se entregarem aos prazeres apparentes, que o mundo, o demonio, e a carne, lhes offereceram n'esta terra de peregrinação, onde se cansaram pela estrada da iniquidade, que tanto lhes custou a seguir, por aspera, que era, deixando o caminho do Senhor, que era tão facil, e tão suave, para trilharem o da perdição, que lhes foi tão difficil, e muitas vezes quasi impossivel—Ergo erravimus á via veritatis, et justitiæ lumen non luxit nobis. Lassati sumus in via iniquitatis, et perditionis, et ambulavimus vias difficiles, viam autem Domini ignoravimus (Sap. 5. 6. e 7).

Estas cogitações tristes parece serem motivos assás fórtes, para todo o mundo se desviar das pisadas dos impios, e seguir as veredas do justo, que nunca produzem arrependimento.

Acabe-se pois com todo o dinheiro de Portugal; demulam-se todos os edificios até aos alicerces de sorte que d'elles nem sequer fiquem vestigios; continuem as instituições appellidadas liberaes, com que se encobrem todas as maldades da epocha actual: e dure seculos o governo dos ladrões, de que tanto fallam os periodicos, até que passem a

outros possuidores os bens de todos os proprietarios, que abominam a facção impia: e mesmo até que seja Portugal vendido aos pescadores da ilha protestante, ou aos gallegos nossos visinhos, mas não se diga nunca, que nós os portuguezes, que nos honramos de o ser, e de seguir as pisadas dos nossos antepassados, consentimos nas blasphemias, que se proferem contra Deus, contra Nosso Senhor Jesus Christo: ou nos insultos, que se fazem á Rainha dos anjos, ou ao que n'este mundo tem todo o poder sobre a eternidade, porque lhe foi dado pelo que d'ella é Rei Supremo, ao Cabeça visivel da Egreja Catholica.

E' porisso que eu protesto solemnemente na presença de Deus, que vê o intimo de minha alma, e do meu coração, contra tudo o que na memoranda sessão de 20 de julho d'este anno se disse, quer heretico, quer subversivo, quer em despreso, ou com desrespeito do Vigario Supremo de Nosso Senhor Jesus Christo, e da sua Authoridade Pontificia.

Rogo-lhes portanto, ill.^{mos} snrs. Redactores, o obsequio de publicarem no seu jornal este meu protesto, e sou com todo o respeito

De vv. s.^{as}
correligionario,
e att.^{o} v.^{or}

Padre Casimiro José Vieira.

Outubro 23 de 1853.

N.º 17

Carta ao snr. Sacra Familia, em 25 de julho de 1854

EXC.^mo E REV.^mo SNR.

As privações continuadas, que tenho soffrido desde 1846, por não ter podido até hoje usar das Ordens, os trabalhos enfadonhos, e perseguição terrivel, que passa já de 8 annos tenho supportado sem esperança d'alivio proximo e o perigo de vida porque ainda agora acabo de passar (n.ºs 26 e 27), e a que tenho andado, e ando sempre exposto, obrigaram-me a escrever em 19 e 30 de março, e em 13 de maio, e 2 de junho do anno preterito, assim como em 18 e 28 de Junho do anno corrente ao general do Porto e govenador das armas do Minho, Francisco Xavier Ferreira, que em 1846 commandou em Braga com patente de coronel os dois regimentos 8 e 13, contra os quaes me bati por vezes com o povo no tempo do acampamento popular do Bom Jesus do Monte, e das Sete Fontes, e em outras occasiões.

Como este general desde que lhe escrevi o anno passado se tem empenhado bastante em defender-me, e mostra os maiores desejos de me vêr, offerecendo-se até a vir aqui visitar-me a Margaride, como me diz o snr. Antonio Joaquim de Barros Lima, portador da d'elle de 21 de junho ultimo, supponho dever eu ir comprimental-o a Guimarães, quando elle alli passar; e para isso lhe escrevi a ultima de 28 do passado.

Occorrendo-me porém, que esta visita pode produzir desconfiança de falta de firmeza nos principios de legiti-

midade, com que nasci, e com que morrerei em conformidade com o meu protesto de 23 de outubro de 1853, publicado na «Nação« de 26 de novembro do mesmo anno (n.º 16), julgo dever por via d'esta, e das copias, que a acompanham, apresentar a v. exc.ª os motivos, que me obrigam a dar este passo, que reputo da maior necessidade para segurança minha, e de outros legitimistas que, attento o rancor de alguns scelerados, viriamos talvez a ser assassinados, se eu e o snr. Barros Lima não tivessemos relações com o general Ferreira, e com outras pessoas, que representam no partido chamado liberal.

Porisso rogo de v. exc.ª a bondade de em caso preciso representar a Sua Magestade a razão porque dirijo esta a v. exc.ª; e de por essa occasião, e em meu nome beijar a real mão a Sua Magestade El-Rei Nosso Senhor, como prova da minha constante fidelidade, e em reconhecimento da benignidade com que Sua Magestade se dignou ouvir com attenção e gosto a minha de 22 de fevereiro de 1852 (n.º 12), que dirigi a v. exc.ª; assim como de em meu nome beijar tambem a real mão a Sua Magestade a Rainha Nossa Senhora, e aos Serenissimos Principes, o Senhor D. Miguel Maria Constantino, Herdeiro legitimo da coroa de Portugal, e á Senhora D. Maria das Neves Jsabel: e mais a bondade de me desculpar o incommodo de que sirvo hoje a v. exc.ª.

Agradeço com toda a effusão do coração a honra, que v. exc.ª se dignou conceder-me na resposta de 12 de Janeiro de 1853 ás cartas, que dirigi a v. exc.ª em 22 de fevereiro e 17 de agosto de 1852 (n.os 13 e 14).

Muito sinto não poder expressar devidamente o quanto me confunde a consideração immerecida, que v. exc.ª se dignou dar-me; mas o coração generoso de v. exc.ª, assim como é grande em nutrir sentimentos nobres, e em produzir acções illustres, tambem o é de certo em comprehender os sentimentos de gratidão, que se revolvem no peito d'aquelles, a quem, como a mim, a confusão pelos grandes beneficios recebidos acanha as expressões de agradecimento.

E porisso a magnanimidade de v. exc.ª supprirá a fal-

ta, e imperfeição, que eu mostre na satisfação dos deveres, que sou obrigado a cumprir para com v. exc.ª.

Sou com toda a consideração respeito e affecto

De v. exc.ª
venerador muito att.º
e o mais am.º e mais
fiel creado

Padre Casimiro José Vieira.

Margaride de Felgueiras, 15 de julho de 1854.

N.º 18

Sobre o juramento, publicado na «Monarchia» de 7 de setembro de 1856

ILL.^mo SNR. REDACTOR

Como a «Monarchia» no n.º 624 tracta do juramento, julgo a proposito apresentar alguns textos da Escriptura Sagrada, que mostram a seriedade d'este acto religiosissimo; e espero de v. s.ª o obsequio de o inserir no seu jornal, se julgar que convém.

Reflexões amargas para muitos christãos

Diz Deus por Moysés (Exod. c. 20. v. 7). Não tomarás de maneira alguma o nome do Senhor teu Deus em

vão; porque o Senhor não terá por innocente aquelle, que tomar em vão o nome do Senhor seu Deus.

Diz Deus por Moysés (Genes. c. 26. v. 3), porque eu te darei a ti, e á tua descendencia, todos estes paizes, por cumprir o juramento, que fiz a Abrahão teu pae.

Diz Deus por Moysés (Deuter. c. 7. v. 8); mas foi porque vos amou e guardou o juramento, que tinha feito a vossos paes.

Logo Deus guarda o juramento, e não quererá que se guarde?!

Diz Deus por Zacarias (c. 5. v. 3). Então me disse o Anjo: esta é a maldição, que vae diffundir-se pela face de toda a terra: porque todo o ladrão será julgado pelo que está escripto n'esse livro, e todo o que jurar falso será da mesma sorte julgado pelo que n'esse livro se contém.

Eu tirarei para fóra este livro, diz o Senhor dos exercitos, e a maldição n'elle contida irá para a casa do ladrão e para a casa do que jura falsamente no meu nome, e ficará no meio d'essa casa, e a consumirá a ella, e a sua madeira e as suas pedras (Zac. c. 5. v. 4).

Note-se que ajunta com o ladrão o que jura falso, e que esta maldição terrivel é de tal natureza, que não só consumirá o prejuro, mas até as pedras e madeira da sua casa.

Diz Deus por Ezequiel (c. 16. v. 59). E tractar-te-hei, como tu despresaste o juramento, para invalidares a alliança.

Diz Deus por Ezequiel (c. 17. v. 16). Por minha vida, diz o Senhor Deus: que no paiz do Rei, que o fez Rei, cujo juramento quebrantou, e cujo pacto, que tinha com elle violou, no meio de Babilonia morrerá.

Note-se que o prejuro tem pena de morte (106) posta pelo proprio Deus, e que porisso é caso muito mais serio, e de assustar a quem commette crime tão horrendo.

E Pharaó não com grande exercito, nem com muito

(106) Para se conhecer a gravidade de tal peccado basta observar o fim terrivel que, com mui poucas excepções, tem os juramenteiros falsos. De 10 que ha poucos annos, e perto d'aqui, juraram falso em uma demanda de perjuiso de terceiro, sei eu que morreram todos cegos, ou assim se conservam os que ainda vivem; e que outros, que juraram do mesmo modo falso em outra de egual natureza tambem perto d'aqui morreram todos tisicos.

povo dará batalha contra elle: com erecção de terraplenos, e com fabrica de trincheiras, para que mate muitas pessoas (id. 17).

Porque tinha despresado o juramento para romper a alliança, e eis ahi deu a sua mão, e tendo feito todas estas cousas não escapará (id. 18).

Por cuja causa isto diz o Senhor Deus: por minha vida, que farei recahir sobre a cabeça d'elle o juramento, que despresou, e a alliança, em cuja rotura prevaricou (id. 19).

E estenderei a minha rede sobre elle, e será apanhado na minha rede varredoura, e leval-o-hei a Babilonia, e lá o julgarei pela prevaricação, com que me despresou (id. 20).

Diz Deus pelo Ecclesiastico (c. 23. v. 12). O homem que jura muito, será cheio d'iniquidade, e não se apartará da sua casa o flagello.

E se não fizer o que prometteu com juramento, o seu peccado será sobre elle: e se faltar a isso por despreso, pecca em dobro (id. 13).

E se jurar em vão não será justificado, porque a sua casa será cheia da merecida recompensa (id. 14).

Este artigo foi escripto por causa de dois legitimistas de Felgueiras, que promettendo na reunião, que se fez em Cabeça de Porca trabalhar nas eleições e votar em deputados legitimistas, como o ordenaram os chefes do partido, logo que sahiram da reunião prometteram aos liberaes votar na sua lista, sem se importar com a promessa feita na reunião, nem com o juramento que tinham dado na Ordem de S. Miguel da Ala de obedecer aos seus chefes.

N.º 19

Pela morte do Senhor D. Miguel I.º, em 11 de janeiro de 1867, publicado na «Nação»

Abençoara Deus outr'ora os nossos maiores pelos heroicos serviços, que haviam feito á nossa Sacrosanta Religião do Golgotha, com as bençãos, que os levitas do Senhor, por ordem de Moysés pronunciaram ao povo d'Israel em altas vozes no monte Garisim (Deuter. c. 28). Encheu-os pois de riquezas de toda a especie, e da abundancia de todos os fructos os mais agradaveis á vista, e os mais deliciosos ao gosto.

Mas elles desgraçadamente com o andar dos tempos, empregando-se com demasiado empenho em saborear as delicias dos fructos da terra, com que Deus os havia mimoseado, se foram pouco a pouco entregando com aferro aos prazeres dos sentidos, e esquecendo os deveres para com o seu Creador. Cahiram finalmente, como no tempo de Noé, na loucura de se ligarem com as filhas dos homens (Gen. c. 6), isto é, com as filhas d'essa raça amaldiçoada, que antes de perpetar no Calvario o maior, e o mais horroroso de todos os attentados, ensopando suas mãos sacrilegas no sangue do Justo, disseram em altos gritos—o sangue d'Elle caia sobre nós e sobre nossos filhos (Math. c. 27. v. 25).

Este commercio detestavel estragou a natureza da sua posteridade, entranhando-lhes no empedernido coração um odio inextinguivel á cruz do Redemptor. Em castigo d'este peccado nefando permittiu Deus, que essas legiões de demonios, que Jesus de Nazareth no paiz dos Gerasenos expulsou dos endemoninhados, que sahiam furiosos dos sepulchros, fazendo-os entrar na manada de porcos, que pastava em distancia, e precipitar no mar (Math. c. 8),

fôssem depois sahindo pouco a pouco d'esse lago immenso e se apossassem d'estes filhos degenerados e malditos (107), formando d'elles a raça do peccado, que hoje atropella as pessoas de bem, e afflige os seguidores da Religião do Crucificado.

Começaram pois estes filhos perversos a combinar-se contra Deus até que por fim organisados nas cafurnas de Satanaz sahiram a campo, para atacar os representantes de Deus na terra, e acabar com as instituições santas, que os dirigiam a elles e a seus subditos.

Foi então, que appareceu o pequeno David, que com o cajado e funda ousou arrostar contra o soberbo gigante philisteu, que presentia sahir a insultar as phalanges d'Israel.

Appareceu portanto em Lisboa o Senhor D. Miguel de Bragança, que em tenra edade se poz á testa do povo de Deus, para o defender, e para desbaratar a multidão de anjos negros dos batalhões de Lucifer, que ha 18 seculos tinham sido precipitados no mar dos Gerasenos, e voltavam a inundar a terra de males sem fim, e a escravisar os seguidores do Filho da Virgem de Nazareth.

O Deus dos execritos era com elle, todo o mundo o conheceu, por que as moças de Portugal, como as moças de Israel, cantando e dançando em testimunho de alegria ao som de tambores, e de sistros por toda e parte o acclamaram, como ao Filho d'Isaï o vencedor dos philisteus idolatras (Reis. C. 2. c. 18).

O mesmo inferno percebeu, que elle seguia o partido do Deus d'Israel, e que o Deus de Affonso Henriques estava a seu lado, e foi por isso, que desde então a maçonaria embravecida lhe jurou para sempre odio eterno, como já o havia jurado ao Deus Altissimo, de quem elle se declarou

---

(107) Que os liberaes, ou mações, seguindo o systema impio do liberalismo ou maçonismo, estão possessos dos demonios, porque se revoltaram contra Deus, ninguem de boa fé o póde duvidar, ou negar. Eu porém observando as suas obras e doutrinas, não posso convencer-me, que elles estejam possessos de todos e quaesquer demonios indistinctamente, mas só de todos os demonios, que entraram nos porcos, e d'elles sahiram, por se terem affeito ás obras de porcos, e communicarem o seu gosto aos seus possessos; porque na verdade o seu obrar e discorrer é só proprio de porcos.

estrenuo defensor. Revoltado portanto contra elle o inferno inteiro lá lhe é ordenado o desterro nos antros maçonicos, e lá vae o joven David correr na Austria as montanhas de Engadi (Reis. c. 24)

Querendo depois o nosso Deus para nossa maior afflicção futura mostrar a Portugal e á Europa inteira, que ainda perdoaria ao seu povo, se elle contricto seguisse o exemplo dos Ninivitas penitentes, fel-o voltar ao solo natal, e assentar-se no Throno Luzo, e fez vêr ás nações da terra, que aquelle joven era na verdade o seu servo David, o mais digno de governar o seu povo escolhido na Nova Alliança, ao qual legára as suas Cinco Chagas, o brasão da sua morada celeste.

Mas ai de nós, que estava lavrado no grande livro do Deus Eterno o decreto de provação para os filhos de benção, e nós tinhamos a esgotar até ás fezes o calis de amargura, com que um Deus justo nos havia de castigar pelo enorme peccado, que a abundancia de fructos, e de todas as bençãos tinha sido occasião de commettermos em nos esquecermos d'elle (108).

(108) Antes de nos empecer a praga dos liberaes, ou pedreiros livres, havia todos os annos, sem interrupção, uma abundancia tamanha de vinho, castanhas do ar, e de todos os mais fructos, e todos saborosissimos, que o vinho, que sobrava do jantar não se aproveitava para a merenda, nem o da merenda para a cêa; agora aproveita-se o tirado de oito dias e de mais. Como mudaram os tempos!!!

Chegou-se a vender aqui em Margaride a pipa de vinho a—1$200— reis, e ainda a menos, e em 1878 chegou-se a vender para aqui a pipa de vinho verde a 14 moedas ou—67$200—, de gosto muito inferior ao do antigo, porque nenhum dos fructos d'agora tem o gosto apurado, e perfeito, como os do tempo da benção de Deus.

Ainda na mocidade de meu pae era uma festa continuada de dia e de noite em todo o reino. Como a terra produzia todos os annos, sem intermittencia fructos abundantes de todas as especies, e quasi sem trabalho, todos em geral se entregavam aos bailes, à dança, e mais folguedos de todo o genero, empregando a maior parte do dia e da noite nos divertimentos. Terminados estes tractavam todos de dormir para descançar d'estas fadigas, e por consequencia o modo de viver dos nossos maiores consistia de ordinario em comer, divertir, descançar, e trabalhar alguma cousa, sem quasi nunca se lembrarem de Deus.

Como não havia Deus pois cahir sobre nós com o tremendo castigo, que temos supportado, vae já ha tantos annos, e sem esperança de encontrarmos no mundo quem nos soccorra!!!

Foi por isso, que pouco depois esse joven Rei lá marchou fugindo para as longinquas plagas do exilio, vendo-se obrigado a supportar primeiro as affrontas, e pedradas sacrilegas dos Semeis de Sines, mandando-o sahir como homem sanguinario (Reis. l. 2. c. 16), para elle imitar em tudo o outro David, que na Vélha Alliança, passada a Torrente de Cedron, foi subindo a costa das oliveiras, e a subiu chorando, caminhando com os pés descalços, indo esconder-se nas campinas do deserto (Reis. l. 2. c. 15).

Foi então desde 1834, que o nosso Deus começou a lançar de veras sobre Portugal as terriveis maldições pronunciadas em altas vozes ao povo d'Israel por ordem de Moysés servo do Senhor no monte Hebal (Deuter. c. 28). Foi desde então, que o céo, que está por cima de nós se tornou de bronse, e a terra que pisamos se tornou de ferro. Foi desde então, que nos temos visto na ultima miseria, como o ludibrio, e a fabula de todos os povos. Foi desde então, que temos servido ao inimigo, que o Senhor enviou contra nós, com fome, com sede, com desnudêz, e com falta de tudo: e elle poz sobre o nosso pescoço um jugo de ferro até nos destruir (Deuter. c. 28, v. 48).

Mas assim mesmo d'essas remotas regiões, onde vivia

Caminhando ha tempos dois liberaes pelas visinhanças d'aqui, dizia um d'elles, que era parvo—nós agora estamos muito melhor, que d'antes, porque além de outros beneficios, não pagamos os dizimos, que dão para muito—e replicava o outro, que não era tão bruto e tinha mais fé—isso é bom, é, mas o peor é ficarem as úvas seccas penduradas nas arvores, e os outros fructos podres pelos campos.

E' preciso na verdade ser bem cego, ingrato, e falto de fé, para reputar como um beneficio o não dar uma de dez partes a quem nos dá todas as dez. Eu pela minha parte obrigo-me a fazer contracto com todas as seguranças de dar dois ou tres decimos a todo aquelle, que queira dar-me uma qualquer quantidade, quer seja em fructos, quer em trastes, quer em dinheiro, e hypotheco a esse ajuste todos os meus haveres; e estes pervessos e ingratos acham muito dar o dizimo a Deus que nos da tudo!!

Deus é justo e infinitamente misericordioso, e tão misericordioso, que faltando-nos com os fructos, e permittindo, que viesse sobre nós a praga dos liberaes, que nos apertam os pulsos com algemas de ferro, o faz para que nós conhecendo o caminho errado que seguiamos nos arrependessemos, e emendassemos o passado, para evitarmos a nossa perdição eterna, e os tremendos castigos, que elle tem reservados para os que nos opprimem. Por consequencia devemos soffrer com resignação, e dar a Deus as devidas graças pela advertencia, que nos faz por meio dos seus flagéllos.

esse excelso principe d'Israel, nos acalentava a esperança de o vermos voltar um dia á patria que o vira nascer, para reedificar os em outras epochas soberbos muros da nossa Jerusalem, outr'ora a rainha das provincias, e restituir a Israel a antiga alegria, e o esplendor de sua passada gloria.

Qual não foi porém a nossa consternação, a nossa pungente dôr, ao recebermos a triste noticia da sua inesperada morte!!! Ficou-nos o coração a estalar de saudade, porque ficamos orphãos, sem pae, como em terra estranha, onde temos de comer até á morte o pão com lagrimas de amargura. Já de ha muitos annos temos, como os captivos de Babilonia as nossas harpas penduradas nos salgueiros, e já de ha muito nos assentamos a chorar junto aos rios, lembrando-nos da nossa antiga Sião. E como poderemos nós cantar mais, nem sequer os canticos do Senhor n'esta terra, que agora nos parece alheia, porque se tornou a nossa mais cruel inimiga!!! (Salmo 136 v. 1. 2. 4).

Para aliviar então a nossa afflictiva magoa recorremos ao unico lenitivo, ao balsamo da nossa religião santa, celebrando em signal de gratidão uma Missa em Altar Privilegiado com a applicação d'ella e da indulgencia, por sua tão querida alma. Mas esta nossa lembrança não foi nova, por que desde ha muitos annos quasi nunca nos esqueceramos de, no incruento sacrificio, pedir a Deus, e a Nossa Senhora por elle, por toda a sua Real Familia, e pelo Logar Tenente de Deus na terra, o immortal Santissimo Padre Pio IX, o que tudo sendo necessario juramos in Sacris.

E tal é a nossa magoá pela affeição, que tinhamos ao Augusto Finado de Bronnbach, que, sem sermos convidados, fomos a pe, a longa distancia, á comarca de Lousada, com o fim de servimos, como com effeito servimos de chantre ou cantor, nas esplendidas exequias, que em Silvares promoveram (109) os tres mui distinctos cavalheiros d'aquella comarca os snrs. dr. Casimiro de Castro Neves, Manoel Pinto Vaz Guedes Bacellar, e Manoel Peixoto de Sousa Villas Boas.

Agora todas as nossas esperanças só se fundam no in-

(109) Assim como depois ás de Braga, Guimarães, e Simães da Povoa de Lanhoso, nas quaes todas fomos tambem cantor.

cleto filho de David, que cremos há de ser outro grande Salomão, cujo governo fará admirar todos os povos da Europa, e elle ensinará aos outros monarchas do mundo os segredos de um governo santo.

Sim elle ha de subir ao throno, quando em breve chegar a paz e alegria da Egreja, como nunca houve, prophetisada pela santinha da Italia, Anna Maria Taige, e trará então tambem a alegria a todas as tribus d'Israel. Elle fará a felicidade dos seus estados, governando-os segundo os mandamentos do Senhor, porque lhe gira nas veias o sangue real de um Pae temente a Deus, e de uma Mãe a mais virtuosa de todas as princezas, que Deus Lhe escolhera, como digna esposa, para com os seus afagos angelicos Lhe aliviar as saudades, que o enlouqueciam por uma patria, que o amava com delirio.

E qual elle não ha de vir a ser educado por aquelle grande mestre, por aquelle portuguez d'antiga tempera, de consciencia escrupulosa, de alta abnegação, que deixando a patria para servir a patria, lá foi tão longe ajudar a formar aquella alma candida, que tem de reger a nação mais briosa, e mais valente do mundo, que já deu leis á terra!!

Juntando-nos depois em commissão os principaes legitimistas d'este concelho resolvemos fazer solemnes exequias pelo Senhor D. Miguel em Santa Quiteria, suburbios d'esta villa de Felgueiras no proximo mez de fevereiro, por não poderem fazer-se antes. Já esta funcção religiosa está justa com o rev.° missionario, e mui digno e zeloso capellão d'aquelle sanctuario padre Joaquim Alvares de Moura, que da melhor vontade se prestou a franquear tudo o que haja no mesmo sanctuario, para o maior esplendor d'esta funcção sagrada (110).

---

(110) Logo que se publicou esta resolução começaram parte dos liberaes d'esta villa a dar um cavacão, por se persuadirem talvez, que as nossas orações poderiam fazer voltar ao mundo o fallecido exilado, e depois estorval-os elle de continuarem a arrancar pelos seus empregos o dinheiro das algibeiras do povo, com que tem sempre enchido o ventre, e tanto gritaram e tanto lidaram, que desmancharam a funcção projectada. Concorreu tambem muito para este desmancho o ver-se o snr. Barros Lima obrigado a marchar n'essa occasião a toda a pressa para Alemquer por causa de suas demandas e não poder eu tratar só de tamanho trabalho.

Em nome pois de toda a commissão e de todos os legitimistas d'este concelho participo a vv. s.as esta resolução para terem a bondade de a publicar no seu acreditadissimo jornal, afim de chegar ao conhecimento dos mais legitimistas de Portugal, da Augusta Bethsabe de Bronnbach, e da sua Real Progenie, a quem damos do coração os mais sentidos pesames por aquella infausta morte.

De vv. s.as
correligionario
e v.or mt.o att.o

Padre Casimiro José Vieira.

Felgueiras, S. C. d'Alegria 11 de janeiro de 1866.

Quando estas correspondencias foram escriptas nunca houve a lembrança de que viriam a ser reunidas em um volume, e é porisso que apparecem n'ellas algumas repetições.

N.º 20

1.ª Carta ao Ferreira, general do Minho e governador das Armas do Porto em 19 de março de 1853:

ILL.mo E EXC.mo SNR.

No primeiro dia, em que em 1846 appareci entre o povo alvoroçado empenhei-me quanto pude em aplacar as iras da multidão, que a Brancêlhe affluira das 22 freguezias

do julgado de Vieira; e com o maior risco de vida estorvei de serem incendiadas as casas da camara e cadea, as da administração com a secretaria, e mais cinco pertencentes a cinco empregados cartistas d'aquella aldeia.

N'esse dia, e desde então em diante, salvei a vida a muitos liberaes, que o povo protestava matar; e se não estorvei, como desejava, alguns estragos, que depois se fizeram, foi por não poder, como todos sabem, isto é, por não estar presente, e por ter noticia d'elles só depois de feitos.

Nunca dei ouvidos a intrigas, nem tractei como inimigos senão os que em campo se batiam contra mim, e só em quanto se batiam. Fiz bem a todos sem distincção de pessoas, e de partidos, como o provam as resalvas, que passei a muitos, que eu reputava, e que eram meus inimigos, as quaes lhe valiam, e eram respeitadas pelo povo como titulos legaes. Finalmente estorvei de se dar em Vieira, e julgados circumvisinhos, o horroroso exemplo do derramamento de sangue dos liberaes, que o povo indignado tanto desejava, e que decerto seria continuado na maior parte do Minho, e talvez do reino.

Estes serviços, e outros muitos, exc.^mo snr., a que até hoje ninguem soube dar o devido apreço, parece terem sido de não pequena monta; e deviam ter-me grangeado a estima, e mesmo a amisade das pessoas de todos os partidos.

Entretanto observa-se o contrario, porque quasi todos os empregados de Vieira, que pelo seu pessimo procedimento, e não sei se tambem por sua linhagem abjecta, pertencem á escoria da sociedade, não tem desde 1846 poupado meios, com que promovam a minha ruina; e com effeito tem conseguido a sua pretensão em grande parte, roubando, e destroçando em casa de minha familia tudo o que poderam.

Estes scelerados, a quem eu, e minha familia, fizemos sempre todos os beneficios, que podemos, são de sentimentos tão depresiveis, e tão inclinados ao roubo, que até nos esfolaram os salgueiros avidados dos uveiraes, para vender a casca para a tinta das rede dos peixes.

Foram estes ingratos, que occasionaram, ou antes cau-

saram a morte a meu tio padre, o meu maior bemfeitor no mundo, e a meu pae, que o seguiu para a eternidade com o pequeno intervallo de oito dias.

Estes infames traiçoeiros, descredito dos liberaes de Portugal, são os que me tem obrigado a viver oculto ha seis annos, e a padecer afflicções sem conta, causando-me um enorme prejuizo na saude, e nos interesses.

Parece que deviam ter acabado todos os resentimentos para commigo, ainda aquelles a que eu tivesse dado causa; mas não acontece assim, exc.^{mo} snr., porque, segundo se diz, me culparam em 1847 com testemunhas falsas, e contra as disposições do Protocollo de Granido, e ainda ha dias me envolveram em um crime, não sei qual, com uns desertores, que eu não vi pelo menos desde 1847, e com quem não podia de modo algum ter contractos, ou relações, porque os aborrecia pelo seu procedimento desairoso.

Todavia não admira, que me façam d'estas, porque na mesma occasião, e julgo que no mesmo crime, envolveram na Povoa de Lanhoso, cabeça da comarca, um lavrador proprietario dos mais pacificos, chamado José Antonio Barbosa, da freguezia de Caniçada, e um homem chamado José da Tia, da freguezia de Salamonde, que se acha no Brazil ha 14 annos.

D'aqui se póde colligir a precipitação, com que n'esta comarca se dão e se tomam os depoimentos das testimunhas, e a semceremonia, com que se invade a segurança individual, o direito de propriedade, e a reputação dos cidadãos pacificos, sem se attender nem aos deveres da honra, nem aos preceitos da moral.

E quem poderá viver tranquillo no meio d'esta infernal canalha, da qual sahem sempre as testimunhas, os jurados, e os juizes?!

Não é pelo bem estar da sua rainha, que aquelles despotas perseguem os realistas, ex.^{mo} snr., porque estes bem socegados se tornaram desde 1847; é pelos desejos satanicos, que sempre tiveram do mal dos outros, que os não seguem na carreira de seus negros attentados, e que os detestam como inimigos irreconciliaveis de Deus, e dos homens de virtude. Não é tambem pelo zelo da observancia das leis, que assim obram, porque se o fôsse, teriam per-

seguido antes de 1846, além de outros muitos, os que roubaram aos frades de Bouro para cima de 40 mil cruzados, e teriam perseguido depois de 1846 os, que em poucos dias, que acompanharam os sirzinos, arranjaram dinheiro, para fazer casas, e para passar á larga, não tendo até então terra sua, onde cahir mortos, nem quasi mais meios, que para comer caldo de labrêstos.

Porque não terão estes monstros detestaveis processado, e perseguido, os tres assassinos, que mataram o innocente Renda da freguezia dos Anjos, com morte affrontosa espancando-o, e esmagando-lhe as partes sexuaes, pelo unico delicto de me haver acompanhado contra a tropa no primeiro movimento popular?!

E porque não terão elles processado os que mataram os de Cabril, de Vieira, do Villar da Veiga, e de mais terras, no tempo, em que a praga dos sirzinos percorria aquellas freguezias?!

Porque não processaram elles os que á hora do dia roubaram na casa da minha familia toda a roupa, moveis, e mantimento, sabendo todo o mundo quaes foram, e até quaes d'elles tem tido o descaramento de apparecer com o relogio de meu tio, e com outros trastes?!

Porque não processaram elles os sirzinos, cujas mulheres passavam continuamente para Fafe, e Guimarães, carregadas de trastes dos legitimistas como abelhas para os cortiços no tempo da primavera?!

Mas como poderiam elles fazer estes processos, se contra si proprios tinham de os fazer, como todos dizem por toda a parte?!

Porisso... aos legitimistas!... Pouco importa que elles estejam innocentes. O lobo tambem não mata o cordeiro, porque elle lhe fizesse mal; basta ter sangue e carne, para ser justo tirar-lhe a vida. Eu pela parte, que me pertence, ter-lhes-hia dado, e com pouco custo, a merecida paga, se o Evangelho m'o não prohibisse, para o que bastava dormir em casa uma noite, e de manhã depois de nascer o sol ir com outro rapaz comprimentar cada um dos principaes d'elles, e fazer-lhes certa ceremonia, com a qual o povo ficaria bem contente: podendo depois voltar a casa jantar muito

descansado, porque sei de certo, que ninguem me seguiria para me offender.

Alguns d'estes perversos, a quem a Sagrada Escriptura chama raça do peccado, são, exc.ᵐᵒ snr., os mesmos, que no primeiro movimento popular de 1846 perseguiram de morte outros liberaes do partido cartista, seus visinhos, causando-lhes grandes estragos em suas propriedades, e são os mesmos, que com elles sem interrupção desde 1846 tem feito cruenta guerra aos homens honestos, como em 1847 contei ao brigadeiro Bernardino, a Antonio Augusto de Amorim, e ao general Antas, segundo v. exc.ª verá das copias, que acompanham esta.

Declaro porém, que quasi todo o povo do antigo concelho de Vieira, é temente a Deus, e que mui poucos homens de entre elle tem prevaricado. Porisso uma grande partes dos perversos, que nos tem sempre affligido são harpias de fóra, que alli arribaram.

Parece incrivel, que semelhantes monstros de horror tenham sido conservados sempre nos empregos antes, e depois de 1846, com o maior descredito do governo, que os consente, e com escandalo da gente de bem, que com todo o povo os aponta como assassinos e ladrões!

E muito mais incrivel parece ainda terem-se harmonisado depois de finda a lucta de 1847 os cartistas offendidos com os setembristas, seus perseguidores, para fazerem guerra de morte a mim, e a outros realistas, que em nada offendemos a uns, ou outros! Porém altos juizos de Deus! Quem sabe se todos elles serão ministros da justiça divina para castigar n'este mundo os nossos peccados?! Assim o parece! Soffrämos pois com paciencia, para merecermos habitar um dia na eternidade as mansões dos bemaventurados, e entoar com elles as canções da gloria.

Comtudo já estou bem enfadado de viver oculto ha tantos annos, para não ser victima da traição; e é porisso, que vou hoje importunar a v. exc.ª, rogando-lhe a honra de me alcançar do governo a resalva, que já em 1847 pedi ao Antas, para não ser perseguido pelas auctoridades: e licença para trazer armas, com que me defenda dos meus inimigos: para o que, sendo necessario, prestarei a competente fiança, que a lei determina. Colherei, e mandarei

além d'isso a v. exc.ª, se fôr de necessidade, attestados dos parochos, padres, doutores e proprietarios de maior probidade das diversas terras, por onde andei em 1846, e depois até hoje, que certifiquem a minha innocencia, quanto ás culpas, que se me forjaram, e o meu comportamento pacifico desde 1847.

Por muitos motivos espero ser servido n'esta minha justa pretensão, primeiro por me lembrar das muitas acções de cavalheiro, com que v. exc.ª se distinguiu, como me contaram por vezes o revd.º capellão do regimento 8, padre Vicente Maior do Rosario, e outros; segundo por ter presentes os generosos offerecimentos, que v. exc.ª me fez por escripta, quando eu em 1846 lhe mandei a Braga as vaccas, que lhe tinham sido tiradas, e em outras mais occasiões, emquanto estive com o povo acampado nas Sete Fontes: terceiro por me lembrar, que o governo dera em 1847 ao Galamba outra semelhante resalva: e quarto finalmente além de outros por ser esta a primeira vez, que procuro a protecção de v. exc.ª

E' mui diminuto, e insignificante o meu prestimo, mas assim mesmo o ponho todo ás ordens de v. exc.ª, e folgarei muito com ter occasiões de mostrar que sou

De v. exc.ª
att.º v.or e cr.º

Padre Casimiro José Vieira.

Março 19 de 1853.

Mandei ao general a carta supra pelo Campos meu fiel, pedindo para me escrever por via do Lopes Leiria de Braga, no caso de ser preciso. Elle mandou-o assentar, e perguntou-lhe pelo miudo pela minha saude, declarando-lhe, que estava convencido de que eu, ao que tinha soffrido, devia estar velho.

A final disse-lhe, que me respondia depois pelo correio, por não poder n'aquella occasião por muito occupado, tractando-o com toda a honra, como se fôsse a mim proprio, e dizendo-lhe, que me fazia tudo o que eu quizesse.

N.° 21

2.ª carta ao general Ferreira, em 20 de março de 1852

ILL.^mo E EXC.^mo SNR.

Disse-me o portador da minha de 19 do corrente, recebida por v. exc.ª a 21 do mesmo, que não podia esperar pela resposta, que v. exc.ª queria dar-me por escripta no dia 22, e que v. exc.ª lhe repetira os protestos de amisade para commigo, e os generosos offerecimentos para tudo o que eu pretendesse, e que estivesse ao alcance de v. exc.ª.

Fiquei contentissimo com esta resposta por conhecer, que procurei a protecção de um homem d'honra, que sabe ser cavalheiro; e agradeço do coração a amisade com que me tracta, assim como os bons desejos, que mostra de me ver aliviado nas minhas afflicções.

Disse-me mais o mesmo portador, que v. exc.ª exige esclarecimentos a respeito das culpas, que traiçoeiramente me forjaram, e eu os desejava dar pessoalmente a v. exc.ª, se o estado de molestia me não estorvasse na occasião actual, e se não receasse, como receio, algum insulto na jornada, que supponho sempre perigosa, em quanto não alcanço a resalva, que pretendo.

Tambem me é mui difficil colher os ditos esclarecimentos, attenta a indisposição da maior parte das auctoridades da comarca da Povoa de Lanhoso para commigo, e porisso muito desejava, que v. exc.ª se empenhasse para que o exc.^mo snr. Presidente da Relação os exigisse ás mesmas auctoridades.

Se v. exc.ª me alcançar, como espero, a resalva, que lhe pedi, muito maior obsequio me fará, se conseguir, que seja feito administrador do julgado de Vieira o bacharel Adelino Vieira de Campos e Carvalho, por ser um dos maiores proprietarios d'aquelle julgado, de sã consciencia, probidade, honra, e incapaz de trahir o governo, e de perseguir os realistas, que vivem socegados.

Advirto porém a v. exc.ª, que não peço a nomeação d'este emprego para este sujeito por odio, ou mesmo aborrecimento, que tenha ao actual administrador R., porque para que Deus me perdoe os meus peccados, perdôo eu de todo o meu coração a este homem, e a todos os mais os estragos, que me tem feito, e as afflicções, que me tem causado, e perdôo igualmente ás mesmas testimunhas falsas, que juraram contra o que sabiam a meu respeito, e aos juizes que, para offender a tantos innocentes, não duvidaram encarregar as suas consciencias, e se tornaram dignos de pesar sobre elles todo o rigor da lei. Peço sim a dita nomeação para segurança minha, e para alivio do povo de Vieira, e para não continuar contra a legislação vigente o escandalo de este homem exercer o cargo de administrador interino, a quem a lei concede um secretario, sendo elle aliás secretario ou escrivão do juiz de paz do districto de Cantalães; isto é, para não continuar o escandalo de este homem exercer um emprego publico, em que se torna superior a uma auctoridade, e possuir outro, em que é subdito da mesma, o que repugna com a ordem moral da sociedade.

Se v. exc.ª se dignar responder-me por escripta, rogo-lhe o obsequio de fechar a resposta dentro de um sobrescripto dirigido a Antonio José Lopes, negociante, e morador na rua da Regoa junto a S. Victor em Braga, ao qual hoje mesmo escrevo, para me mandar o que receber; sou

De v. exc.ª
mt.º att.º e afft.º
v.or e creado.

Padre Casimiro José Vieira.

30 de Março 1853.

N.º 22

3.ª carta ao general Ferreira, em 13 de maio de 1853

ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

Pedi ao Lopes de Braga que me mandasse para o abbade de S. Gens de Calvos o que recebesse de v. exc.ª com destino para mim, persuadido de que elle o mandaria por algum portador conhecido. Vendo eu porém, que elle se demorava em me accusar a recepção da minha, em que lhe fiz a dita recommendação, escrevi-lhe de novo, e me mandou dizer, que já tinha recebido a carta de v. exc.ª, e que a mandara pelo correio para o abbade, ao qual ainda não chegou, provavelmente por o dito Lopes não saber fazer o sobrescripto; e porisso pedi-lhe hoje para elle indagar no correio em Braga, para que freguezia ella iria a fim de eu a mandar procurar.

E' esta a razão porque não tenho respondido á de v. exc.ª, se ella exige resposta, e porque escrevo esta, agradecendo quanto posso a honra que acabá de receber o

De v. exc.ª
att.º v.^{or} e menor cr.º

Padre Casimiro José Vieira.

13 de maio de 1853.

N.º 23

2.ª carta do general Ferreira, em 27 de abril de 1853

ILL.^{mo} SNR.

Para satisfazer ao que prometti a v. na minha carta de 11 do corrente, cumpre-me dizer-lhe, que com effeito está v. culpado, e muito, no julgado da sua naturalidade.

Espero, que terá a bondade de me accusar a recepção d'esta, e da que lhe escrevi em 11. Sou

De v.
v.^{or} e cr.º ob.º

Francisco Xavier Ferreira.

Porto 27 de abril de 1853.

N.º 24

4.ª carta ao general Ferreira, em 2 de junho de 1853

ILL.^mo E EXC.^mo SNR.

Recebi a de v. exc.ª de 27 de abril, e ainda não recebi a outra de 14 do mesmo, por se desencaminhar no correio, como disse na minha ultima do mez preterito.

Pàra diante não se desencaminhará mais nenhuma, porque serão todas sobrescriptadas, como convém.

De v. exc.ª
att.º v.ºʳ e obg.º

Padre Casimiro José Vieira.

Junho 2 de 1853.

N. 25

1.ª carta do genedal Ferreira, em 11 de abril de 1858 mui retardada por se extraviar no correio:

ILL.^{mo} SNR.

E' verdade, que o portador da sua carta de 19 de março não pôde esperar pela minha resposta, e que porisso eu o encarreguei de dizer a v., que muito estimara as suas lettras, sentia os seus soffrimentos, e que com a melhor vontade faria quanto estivesse ao meu alcance, e dos meus amigos, para melhorar a desagradavel situação, em que v. se acha.

Tambem disse ao mesmo portador, que tendo decorrido sete annos, e sendo provavel, que em tão longo periodo v. tenha bem conhecido todos os seus inimigos, e o que estes pretendem; assim como o que tem achado nos amigos, e d'elles pode esperar: seria mais conveniente, que em logar de continuar a nossa correspondencia epistolar, tivessemos uma ou mais entrevistas, para pausadamente combinarmos no que mais convem a v., e eu por mim, e pelos meus amigos devemos fazer; podendo v., se quizesse vir hospedar-se na minha casa, onde seria tractado, como filho, e poderia estar com toda a liberdade e segurança. E' isto mesmo o que agora lhe repito com sinceridade, esperando, que v. accredite, que lh'o affirmo sem a menor reserva, e só com o desejo de lhe ser util.

Parece-me, que v. não conhece bem o verdadeiro estado do paiz, e que são infundados os receios de que lhe

façam algum insulto pelo caminho; mas em todo o caso eu estou prompto a mandal-o acompanhar para aqui, ou para outra qualquer terra, que queira ir. Veja pois o que lhe parece mais acertado, e a sua saude lhe permitte.

Eu não sei, nem pretendo saber, onde v. está; mas por isso mesmo devo prevenil-o de que n'este mez, ou no seguinte, tenciono (se Deus não mandar o contrario) ir a Santo Thyrso, Guimarães, Braga, Barcellos, e Vianna; e, se v. quizer, irei tambem a outra qualquer terra do Minho, onde lhe convenha encontrar-se commigo; pense pois, e avise-me do que resolver.

Não fallei ainda ao Presidente da Relação, porque me pareceu mais acertado, e breve vou perguntar em officio confidencial ao juiz de direito da Povoa de Lanhoso, se v. está culpado na comarca, e porque crimes, ou se tem algum summario pendente; e conforme elle responder, assim verei, se devo, ou não, fallar ao Presidente da Relação; e de tudo farei a v. o conveniente aviso.

Eu não sei se v. já está ao facto de que no actual governo representativo, ou constitucional, o poder judiciario é independente, e o governo não póde passar resalvas aos culpados, avocar processos, nem conceder indultos, sem que tenha precedido julgamento; e porisso parece-me que se v. estiver pronunciado em qualquer juizo, precisamos aggravar da pronuncia, e vêr se na Relação lhe dão provimento. Emfim veremos a resposta, que dá aquelle juiz; e depois v. decidirá se convém, que nos avistemos, e aonde. Sou

De v.
venerador e obr.º

Francisco Xavier Ferreira.

Porto 11 de abril de 1853.

N. B. Os muitos affazeres, e pouca saude, nem sempre me permittem responder promptamente, como desejo.

N.º 26

5.ª carta ao general Ferreira, em 11 de junho de 1854

ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

Ha mezes recebi mui retardada a honrosa carta de v. exc.ª de 11 de abril de 1853 em resposta ás minhas duas de 19, e de 30 de março do mesmo anno, por que a do Lopes de Braga, em que ella veio inclusa, foi mal sobscriptada, como ja disse a v. exc.; antes de chegar a S. Gens da Povoa de Lanhoso, correu as muitas freguezias do mesmo nome, gastando muito tempo em cada estação.

Ao receber este penhor da particular estima, com que v. exc.ª se dignou tractar-me, fiquei confundido, por vêr que os distinctos obsequios, que v. exc.ª se prestou a fazer-me, excedem muito as bem fundadas esperanças, que eu havia concebido; e por conhecer, que me será mui difficil, ou talvez impossivel, vir a poder ritribuil-os, como o exige a minha gratidão.

A esse tempo ainda me não constava, como hoje, que fôra em Vieira applicada geralmente a amnistia a todos os falsos crimes, que alguns inimigos traiçoeiros diziam terem sido alli commettidos por mim, e por outros innocentes em 1846 para 1848; restando-me agora apenas o, em que me involveram depois com uns desertores, que nunca vi, pelo menos desde 1847. Não querendo pois incommodar a v. exc.ª senão em caso de necessidade, esperei até hoje, para de uma só vez accusar a recepção da dita carta, e agrade-

cer, como agora faço com todo o coração a applicação aos falsos crimes da amnistia, que supponho movida por v. exc.ª.

Desde muito antes de 1846 sabia eu da honra de v. exc.ª; e porisso logo que o portador da minha de 19 de março me assegurou a attenção, com que fôra escutado, e as promessas em extremo generosas, que v. exc.ª lhe fez a meu respeito, comecei a passear mais á larga, por me persuadir de que v. exc.ª me não faltaria com a sua poderosa protecção em nenhum dos apertos, em que eu me visse; e depois de receber a dita de 11 de abril principiei a respirar com toda a liberdade, por entender, que quem ousasse offender-me offenderia a v. exc.ª.

Com effeito, exc.mo snr., tenho estado convencido de que ninguem se atreveria a desfeitear-me, tanto por estar debaixo da protecção de v. exc.ª, como por não ter offendido até hoje a pessoa alguma, e por me parecer, que os muitos annos decorridos desde 1847 teriam extinguido de todo o rancor, que alguns esturrados dos partidos adversos ao meu conceberam contra mim pela unica circumstancia de eu ser legitimista. Por isso e por viver em perfeito descanso em uma casa, onde entram francamente a toda a hora do dia e da noite, os partidarios de todas as côres politicas sem distincção, e onde pela construcção do edificio nada póde haver, nem fazer-se em segredo, pensava eu que seria impossivel despertar o injusto odio de pessoa alguma.

Tem sido estas as razões, exc.mo snr., porque não dei até agora o menor credito aos repetidos avisos, que de muitas partes se me tem mandado a participar-me, que varios administradores tinham dado, e continuavam a dar contra mim, contas mentirosas, nas quaes me imputam acções, ou tenções, que nem em sonho me occorreram, attentas as circumstancias actuaes da politica europea, e a minha impossibilidade physica pela deterioração da saude.

Parece impossivel apparecer homem dos que por costume põem lenço ao pescoço, que assevere em participações officiaes mentiras, que pódem ser contrariadas pelos homens honrados dos diversos bandos politicos, aos quaes todos, que me conhecem, é bem notorio o meu procedimento moral, religioso, e politico. Não é muito para accreditar, que

um homem, que exerce o cargo de administrador, se sirva das infames, e despresiveis armas da intriga, para perder um, ou mais innocentes, que em nada estorvam as suas torpezas.

Entretanto diz-me hoje o snr. Antonio Joaquim de Barros Lima, portador d'esta, em casa de quem passo agora a maior parte do tempo (111), que sabe por pessoa, que lhe merece todo credito, que é certo andar esse pessimo administrador de Fafe, (homem de todos os partidos liberaes) com tenções damnadas a meu respeito, e servir-se covardemente da mentira, para indispor o governo contra mim, e acabar commigo, como elle, segundo dizem, tem protestado.

Agora accredito com mais fundamento ser verdade o estar a minha morte encommendada por elle a um sapateiro seu visinho e assassino appellidado o C., como desde ha muito se me tem dito, e ao Reg. de J., o boticario mais porco, que tenho visto, e homem que, alem de intriguista, e malcreado, se atreveu a espancar o seu proprio parocho, que é um pobre homem.

Não sei se o governo accreditará sem reflexão, e sem

(111) Havia já dois annos, que eu vivia em casa d'este homem honradissimo, e um dos mais francos, serviçaes, sinceros e caridosos, que tenho conhecido, e na mesma continuei a viver mais quatro até 1858, comendo gratuitamente á sua mesa em todos os seis annos, que lá vivi, sendo sempre tractado e soccorrido de tudo o necessario com todo o agrado, e liberalidade, como se fôsse da propria sua familia.

N'este mesmo tempo certa pessoa para desmanchar um contracto que suppunha prejudicar-lhe os seus interesses conseguiu que o governador civil de Braga, o commandante de caçadores de Guimarães, o administrador de Fafe, e o administrador de Basto, dessem cada um por sua parte contas, em que envolveram o brigadeiro Luiz Leite, o padre João do Cano, o snr. Barros Lima, e a mim, para se não descobrir contra qual dos quatros era dirigida com especialidade uma tal maldade.

Se o general Ferreira não tivesse assegurado antes ao Saldanha então ministro que era falsa a arguição que nos faziam, de certo pelo menos algum dos quatros era morto, porque desprevenidos por innocentes eramos apanhados pelo commandante dos caçadores, que por ser dos desesperados nos fuzilaria no caminho.

Foi o então administrador d'aqui que avisou o snr. Barros Lima do acontecido, para se prevenir, contando-lhe o que sabia officialmente a tal respeito; e o que supposemos ser o promotor principal d'esta traição adoeceu logo, seguindo-se-lhe uma morte terrivel, que deu mostras de ser um grande castigo.

informação de pessoas de probidade, as intrigas, que se forjaram contra mim, e se por consequencia passará a perseguir-me injustamente; e porisso aproveito esta occasião para pedir a v. exc.ª o obsequio de me desenganar, se posso, ou não, estar descansado, ou se devo tornar a viver oculto, como até ha pouco tempo, para não ser victima da traição, que me preparam os meus inimigos.

Sou com a maior consideração e respeito de

De v. exc.ª
amigo sincero
e cr.º obrig.^mo

Padre Casimiro José Vieira.

Margaride 18 de junho de 1854.

N.º 27

3.ª carta do general Ferreira em resposta á carta supra, em 21 de junho de 1854

ILL.^mo SNR.

Tive muita satisfação em receber de novo lettras de v.; e muito mais por ser n'esta occasião, em que os seus inimigos tanto o tem calumniado, e querido perseguir, e ao cavalheiro, dono da casa, em que v. se acha (112). Am-

(212) Ao comprimentar o general ao snr. Barros Lima disse-lhe elle: vou dar-lhe um abraço, e sou seu amigo por ter em sua casa aquelle homem

bos teriam soffrido incommodos, se eu não tivesse sempre assegurado ao duque de Saldanha, que v. não conspira, e que todas as arguições, que lhe fazem, são filhas d'antigos odios e vinganças particulares.

O duque, e mesmo os outros ministros, não tem perseguido ninguem, nem desejam que se persiga por opiniões politicas; porém as auctoridades administrativas, a cargo de quem hoje está a policia, e com especialidade os administradores dos concelhos, e seus regedores etc. por medo, ou por vinganças, e mais ainda por se mostrarem muito vigilantes, e allegarem serviços, que não sabem prestar, estão sempre a imaginar conspirações, e toda a qualidade de patranhas, que o governo ás vezes é quasi obrigado a accreditar.

Felizmente o governador civil d'este districto é homem muito honrado, não attende a intrigas, e está na mais perfeita harmonia commigo, e por isso, e porque o administrador d'esse concelho (que não conheço) e o doutor Guimarães está d'accordo com aquelle, parece-me, que v. não tem nada, que recear d'elles.

Não digo outro tanto a respeito dos administradores, e mais auctoridades do districto de Braga, que parece terem todo o empenho em perseguir a v., ao dono d'essa casa, e a outras pessoas, como o Padre João do Cano etc.

Os renegados são sempre temiveis; e v. bem sabe, que alguns d'estes foram seus correligionarios.

V. tambem não deve ignorar, que nos difficultosos tempos, em que vivemos, não basta termos a consciencia tranquilla, por não nos poderem provar as arguições, que nos fazem, devemos tambem precaver-nos contra suspeitas pre-

---

honradissimo. Quando eu tive noticia das contas contra v. s.ª e elle logo me lembrei, que elle estava em casa de algum realista, que assoalhara a farda, e que então d'ahi tomaram pretexto para ellas.

A isto replicou o snr. Barros Lima: eu nem sequer tenho farda, porque tendo decorrido tantos annos desde 1834, e começando a ser roida da traça desmanchei-a, e agora só tenho o casaco com que andei em 1846. Pois devéras não tem farda?! perguntou admirado o general—saiba v. exc.ª que não, respondeu o snr. Barros Lima—Pois se a não tem e lhe sobra o dinheiro faça-a, continuou o general, bem vê que a Russia está em campo, e, acabada a guerra da Criméa, ninguem sabe onde as cousas irão parar, e, se vier D. Mi-

sumiveis: ao menos eu sempre assim o entendi, e pratiquei desde 1828 a 1833: e creio bem, que por isso vivi tranquillo na minha casa.

Em summa, eu ainda no dia 19 do corrente escrevi ao duque affirmando, que era falso tudo o, que se dizia a respeito de v., e do dono d'essa casa; e confio na honradez de ambos, que não me deixarão ficar por mentiroso. Para com o governador civil d'este districto tambem tenho feito e continuarei a fazer quanto puder em seu abono, para o que elle está na melhor disposição; e se v. me tivesse escripto logo, que soube, que de novo o calumniavam, e ao dono d'essa casa, não teria sido necessario, que elle aqui viesse.

Conto ir mui breve a Guimarães, e talvez a Fafe, e em ambas as partes não perderei a occasião de neutralisar os seus inimigos, e desfazer-lhes os receios que fingem ter. Se v. então quizer fallar-me em qualquer ponto ou casa proxima, deve prevenir-me pelo correio; e por este póde escrever-me quantas vezes quizer, ou precisar, pois já por experiencia sabe, que nada arrisca, ainda que me falle com toda a franqueza (113). Isto mesmo disse ao cavalheiro portador da sua carta, e d'esta, que melhor explicará a v. tudo o que passou commigo, e com o governador civil, sou

De v.
v.^or e cr.^o ob.^o
Francisco Xavier Ferreira.

Porto 21 de junho de 1854.

---

guel, v. s.ª, tendo sido official militar, não se lhe ha de apresentar como paizano. Não seja porém dos primeiros, porque são os que levam as cutiladas, nem tambem dos ultimos, porque nenhuma estima tem, vá no meio, como eu fiz, que me não achei mal. Todos devem fazer por se accreditar no seu partido, e depois deixar correr os negocios, que á mão hão de vir ter, e eu sei que v. s.ª, está bem accreditado no seu. Quanto ao mais póde v. s.ª ter em sua casa bandeiras, armas, polvora, e tudo o mais que queira, porque lá não lhe vae ninguem. Isto foi allusivo aos de Fafe que affirmavam fazerem-se já exercicios de noite a toque de corneta, e que pediam armamento para se defenderem.

É até onde póde chegar um homem agradecido e de sentimentos nobres, mas d'estes ha mui poucos, principalmente n'este seculo depravadissimo.

(113) Era provavelmente allusivo a eu dizer na 1.ª carta supra n.º 20— da sua Rainha—(devendo entender-se—a dos de Vieira e não minha).

Agora mesmo o governador civil sahiu d'esta casa depois de ler esta carta, e de me affirmar, que tinha dito ao portador, que v., e elle podiam viver tranquillos, e mesmo andar por todas as terras d'este districto sem o menor receio, e que, se precisassem d'elle para alguma cousa, que lh'a fizessem saber. Emfim o homem é honrado, e está d'accordo commigo; e porisso póde v. divertir-se, e visitar os seus amigos; mas não deve ir para o districto de Braga.

Leia como puder, porque esta é escripta á pressa, e com grandes interrupções, e não ha tempo para corrigir.

N.º 28

6.ª carta ao general Ferreira em resposta á carta supra, em 28 de junho de 1854

ILL.^{mo} E EXC.^{mo} SNR.

A epocha de corrupção, em que vivemos, fez desapparecer da terra quasi de todo os sentimentos, que caracterisam as almas generosas, e bemfasejas. E' por isso, que são raros, mui raros hoje os homens d'honra; e se algum se encontra, como v. exc.ª, dotado de tão nobres qualidades, é considerado como uma preciosidade de valor incalculavel.

Não admira pois, que em todos os amigos, a quem conto as generosidades, com que v. exc.ª se tem dignado

honrar-me tanto, se desperte a affeição para com uma pessoa, como v. exc.ª, que deve servir de modêlo a todas as do partido liberal. E' d'esta sorte que se grangeam as sympathias de toda a gente de bem; é com este procedimento, que se consegue, e que v. exc.ª tem conseguido a estima publica.

E' certo que eu esperava em meu favor a poderosa protecção de v. exc.ª; mas não poderia nunca lembrar-me de que as intrigas que contra mim se forjavam, fôssem por v. exc.ª desfeitas antes mesmo de eu ter d'ellas noticia (114).

Esta acção, que augmenta tanto a boa reputação de v. exc.ª, por ser filha d'uma alma grande, é devidamente apreciada, por mim, e pelas pessoas, a quem muito me honro em a fazer saber. Não poderei nunca esquecer-me de tantos, e tamanhos obsequios, que agradeço deveras, e quanto posso, sentindo o mais possivel não ter prestimo que possa aproveitar a v. exc.ª

O que v. exc.ª me diz do exc.^mo snr. governador civil, assim como a affabilidade, e maneira honrosa, com que o snr. Antonio Joaquim de Barros Lima foi tractado por v. exc.ª, e por elle, convencem-me, de que tambem s. exc.ª o snr. governador civil é dotado de mui bellas qualidades, e uma das auctoridades, que muito honra o systema liberal. Porisso e pelo dever da gratidão, desejava agradecer por escripta a s. exc.ª os obsequios que se digna fazer-me, mas receando causar-lhe incommodo, rogo de v. exc.ª o favor de lhe dar da minha parte os devidos agradecimentos.

Muito desejo receber a honra, que v. exc.ª me concede de lhe fazer os meus comprimentos pessoaes, e aproveitar essa occasião, para lhe agradecer vocalmente tantos beneficios: e por isso rogo mais de v. exc.ª o obsequio de me fazer saber o dia em que tem determinado vir a Gui-

---

(114) Depois de receber a 1.ª carta do General. n.º 25, comecei a andar á vista, mas ainda mui acautelado, e por poucas partes: e só depois de receber a carta supra n.º 27, é que comecei a andar com liberdade por toda a parte, e sem receio. Porisso o mal que me procuravam os meus inimigos produziu o contrario do que elles esperavam; o que no meu entender só a milagre de Nossa Senhora se póde attribuir.

marães, dirigindo a carta ao ill.^{mo} snr. Antonio Joaquim de Barros Lima, pelo correio da Lixa para Margaride.

Sou com a maior consideração e respeito de

De v. exc.ª
v.^{or} e creado
muito obrigado

Padre Casimiro José Vieira.

Margaride 28 de junho de 1854.

Antes de receber a resposta á carta supra fallei com o General no Porto, no dia 29 de manhã e no dia 30 de tarde do mez d'agosto.

N.º 29

Resposta do Delegado da Relação do Porto, em 23 de fevereiro de 1857, no aggravo de injusta pronuncia que para lá mandei:

Pag. 300—Povoa de Lanhoso—aggravante o Padre Casimiro José Vieira—aggravado o Ministerio Publico.

Mostra-se do instrumento a folhas 2 que em 27 d'abril de 1852 se procedeu ao corpo de delicto indirecto folhas 3, do qual resulta apenas ter-se verificado a existencia de uma quadrilha de salteadores, em que entraram alguns desertores do regimento de infanteria n.º 8, que tinham commettido alguns furtos, ou roubos, alterando os povos, e diri-

gindo injurias contra a pessoa de S. Magestade a Rainha, então reinante, injurias, que parece partirem sobretudo de uma Emilia, amasia do desertor, e principal ladrão Manoel da Motta.

A folhas 8 verso deu-se a querella publica, que como fundada no dito auto de corpo de delicto não podia passar dos factos criminosos, que por elle se podessem dizer verificados; e o despacho de pronuncia folhas 19 verso só podia indiciar com fundamento nos mesmos factos.

Pelas testimunhas do summario, que levaram o juiz a lançar o primeiro despacho de pronuncia nada tinha havido contra o aggravado, que fechou o summario com fundamento nos depoimentos das duas testimunhas folhas 15 verso e folhas 19, a que se pódem juntar as declarações dos dous reos feitas perante o administrador do concelho, e até sem juramento, quanto a terceiras pessoas sig.er a folhas 22 verso e folhas 27.

Como pois o Ministerio Publico, ou figure como parte principal, ou como simples assistente deve na fórma de seu Regimento artigo 60 ter sempre em vista os interesses da verdade, e da justiça, sendo imparcial e estranho a todas as paixões, não posso deixar de n'este caso apoiar o aggravante n'este seu recurso, que me parece fundado em manifesta justiça á vista dos autos.

As duas testimunhas juraram a 1.ª, que o aggravante apparecera de noite por duas vezes aos reos, dizendo-lhes, que tinha á sua ordem mais gente a quem pagava, e que em breve sahiria com ella; mas estas duas testimunhas, que verdadeiramente se fundem n'uma, depondo assim de ouvida, não pódem fazer a minima prova do facto, que attribuem ao aggravante.

Os reos nas suas respostas extrajudiciaes folhas 22 verso e folhas 27, fallando do mesmo facto, mas dando-o acontecido cada um em diverso logar accrescentam especialmente a folhas 29, que o aggravante lhes dissera, que não fizessem mal a ninguem. Dado por verdadeiro este facto do apparecimento do aggravante aos dous reos, e da declaração, que lhes fez, posto que juridicamente não haja nenhuma prova da sua existencia, como um tal facto não é classificado crime por lei nenhuma, nem necessariamente

connexo com os crimes constantes do corpo de delicto, e da querella, para d'elle poder resultar a cumplicidade do aggravante nos crimes especialmente depois do artigo 26 do codigo penal, que definiu o cumplice, e quaes os motivos legitimos da cumplicidade—entendo que o despacho aggravado indiciando este aggravante como cumplice nos crimes de que tractam o corpo de delicto folhas 3 e a querella a folhas 8 verso é manifestamente injusto, e que por isso o não devo sustentar.

O Tribunal porém decidirá com a sua costumada justiça.

Porto 23 de fevereiro de 1857.

Azevedo Coutinho.

N. 30

Accordão da Relação, em 9 de março de 1857

Aggravante o Padre Casimiro José Vieira, aggravado o Ministerio Publico.

Accordão em Relação etc. Aggravado foi o aggravante no despacho de folhas 19 verso, que o indiciou como cumplice nos crimes pelos quaes o Ministerio Publico querellara, porisso nenhuma prova directa ou indirecta existe no processo para ser pronunciado o aggravante. Esta verdade é tão manifesta, que o Ministerio Publico n'este Tribunal não duvidou declarar, que não sustentava a pronuncia do aggravante por ser injusta.

Provendo por tanto mandam, que o juiz a que emende

seu despacho, despronuncie o aggravante, mandando darlhe baixa na culpa, e relaxar a fiança.

Porto 9 de março de 1857.

Monte Verde — Figueiredo — Peixoto — Norton — Sarmento.

Ao ler o fallecido bacharel Antonio Mendes de Cabeça de Porca o arrasoado do delegado e accordão supra, disse — fui juiz de fóra em tal parte tantos annos, e em tal parte tantos e nunca vi outra similhante nem espero vel-a. Quando o delegado da Relação está muito empenhado ou a justiça é muito clara diz — fiat justitia — faça-se justiça — e calase — mas advogar a causa do reo, e d'este modo, nem nunca vi, nem espero tornar a vêr!!

E tudo isto devido ao general, e ao patrocinio de Nossa Senhora!!! Que grande homem não era elle, e quão poderosa não é a devoção com Nossa Senhora, e a sua protecção, para fazerem sahir da Relação um despacho tão honroso, e tão singular?!! D'aqui devem todos aprender, quando o não saibam, que nada se perde, e tudo se ganha em gastar por dia uma hora com aquella, que tudo póde e sabe vencer, e que com tanta liberalidade gratifica aos seus devotos este insignificante sacrificio.

E aqui aconselho tambem a devoção diaria do responso a Santo Antonio; e depois não haja medo aos inimigos, em quanto se cumpram os deveres de catholico, sobre o que fallo por experiencia de muitos annos. E accrescento que cumprido isto não faltarão os recursos necessarios para viver, e todos os negocios correrão certos, porque o Santo se constituirá procurador geral.

N.º 31

7.ª carta de agradecimento ao general Ferreira, em 22 de março de 1857

ILL.^mo E EXC.^mo SNR.

Desde que ha dias li a copia da resposta do delegado, e da sentença da Relação, parece-me viver por sonho, porque não posso comprehender, exc.^mo snr., como, sem eu o merecer nem a Deus, nem a v. exc.ª, experimentasse em meu favor uma protecção tão poderosa, e tão decidida, a ponto de apresentar a meu respeito um acontecimento extraordinario, que ninguem poderia prever, nem esperar.

E' verdade que, confiado na benignidade e valimento de v. exc.ª suppunha eu ser livre na Relação do falso crime, que se me imputava, mas não poderia nunca de modo algum esperar o meu livramento, como o consegui, por uma maneira excepcional, e a mais honrosa, que póde imaginar-se.

Um facto d'esta natureza mostra evidentemente a todo o mundo o proceder e a poderosa influencia de algum grande personagem. E porisso, sendo publica, como é, a protecção de v. exc.ª em meu favor, não posso decidir a quem resulte maior gloria, se a mim, que recebi uma tal honra, e que tenho para me defender um tal patrono, se a v. exc.ª, que a promoveu, praticando uma acção, que tanto faz brilhar a par da posição social tão distincta a nobreza d'alma, com que o nosso Deus o enriqueceu mui de proposito, para proteger a innocencia opprimida pela mal-

vadez rancorosa e infernal das almas corrompidas pelas paixões as mais abominaveis.

Sendo certo, como é, que Deus nada faz sem fim, e que nada acontece sem que elle o ordene, ou permitta, não póde duvidar-se, que, collocando a v. exc.ª n'esse logar o fez de certo para v. exc.ª d'ahi vigiar pelo cumprimento da justiça para com os inermes e innocentes, que só esperam do ceo pela protecção da Rainha das Virgens, e da terra pela protecção de v. exc.ª (115). Só a devoção, que desde creança tomei para com Nossa Senhora podia deparar-me a v. exc.ª, para me defender das traições do inferno.

Este acontecimento, exc.mo snr., que tanto excede os muitos, e muito grandes favores, que v. exc.ª se tem dignado fazer-me, obrigar-me-ha a ser reconhecido ainda alem da morte, se na eternidade, como creio, tambem lembram os beneficios recebidos n'este mundo.

Mas não póde varrer-se-me do coração uma magoa, a meu ver sem remedio, e consiste em me não ser possivel mostrar a v. exc.ª a minha gratidão, como o inspira a lembrança de um favor tão fóra do commum.

Entretanto supposto eu não possa retribuir um tamanho favor, nem porisso v. exc.ª deixará de receber a recompensa merecida.

O Deus, que observa attento as acções do homem, e que vê o mais recondito dos corações, dará a v. exc.ª a competente retribuição por esta, e por todas as mais acções, com que v. exc.ª me tem favorecido a mim, e a outros innumeraveis, a quem a sorte se tem mostrado adversa; e a esse mesmo Deus não me esquecerei nunca de rogar pela conservação da vida tão preciosa de v. exc.ª, para quem eu desejava seculos de duração.

---

(115) Quando o snr. Barros Lima levou ao general a 5.ª carta n.º 26 disse-lhe elle em conversa, se eu e o governador não estivessemos n'estes logares para enfrear estes demonios não ficava pedra sobre pedra que não fósse arruinada; e o que agora mais temo é a perseguição religiosa, que vae seguir-se. E' que o sabia das lojas maçonicas em que entrara em rapaz, mas que depois abominava por lhes conhecer a maldade, sendo esse o motivo por que nem visitava quasi ninguem, nem accitava visitas senão de mui poucos e escolhidos.

Não posso agora ir pessoalmente agradecer a v. exc.ª, como desejo, este favor, com que se dignou honrar-me; mas mui breve o farei: e entretanto agradeço a v. exc.ª por via d'esta o mais que posso, assegurando-o de que sou

De v. exc.ª
o cr.º mais amigo
e mais fiel

Padre Casimiro José Vieira.

Margaride 22 de Março 1857.

Dedicatorias, que em tempo mandei por via do snr. D. Jorge Eugenio de Locio, principal redactor e director da «Nação», para chegarem agora ao seu destino, no caso de não terem chegado no tempo competente.

N.º 32

Ao Senhor D. Miguel 2.º em 25 d'agosto de 1871

SENHOR

O abaixo assignado, que nos annos de 1846 e 1847, expôz a sua vida em defeza da nossa Santa Religião, e dos direitos de sua Magestade Fidelissima o Senhor D. Miguel 1.º, Vosso Augusto Pae, de saudosa memoria, e que Vos consagra o mais puro e filial affecto, tendo feito imprimir em folhetos o—Protesto contra a sacrilega invasão de Roma, e a apreciação da liberdade liberal—com o fim de desenganar os illudidos, pede com o mais profundo respeito a graça de pôr este exemplar aos pés de Vossa Magestade, como testimunho de sua estremada dedicação para com o monarcha predilecto do Altissimo, que tem de salvar esta nação fidelissima das garras das infernaes harpias, que lhe tem roubado tudo, quanto ella tinha de mais precioso.

Tendo-me visto, Senhor, obrigado a viver homisiado, ou occulto seis annos em seguida a 1846, e não podendo ainda hoje gosar da minha antiga liberdade, tem-me sido impossivel ir ter a gloria, que outros tem tido, de beijar a mão a Vossa Magestade, a Vossa Augusta e virtuosa Mãe, e innocentes Princezas; e porisso permitti, Senhor, que eu dê esta prova da minha sympathia, fidelidade, veneração e respeito para com Vossa Magestade, e para com toda a mais Real Familia, pois sou todo

De Vossa Magestade

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 25 d'agosto de 1871.

N.º 33

Ao Santissimo Padre Pio IX, em 25 de agosto de 1871

SANTISSIMO PADRE

O abaixo assignado, presbytero secular d'este Arcebispado de Braga, tendo mandado imprimir ha pouco em folhetos o—Protesto contra a sacrilega invasão de Roma, e a apreciação da liberdade liberal—com o fim de desenganar

os illudidos, pede com o mais profundo respeito a graça de pôr este exemplar aos sagrados pés de Vossa Santidade, em testimunho do filial affecto, que Vos consagra, como ao melhor e mais bondoso dos paes.

Tendo eu, Santissimo Padre, exposto a minha vida em 1846 e 1847 como chefe do movimento popular de então, em defeza da nossa Santa Religião, e dos direitos do nosso fallecido rei legitimo, o Senhor D. Miguel 1.°, de saudosa memoria, e tendo em seguida vivido homisiado, ou occulto 6 annos sem ter podido ainda depois até hoje gosar da minha antiga liberdade, fóra outros immensos prejuizos, que tenho soffrido, rogo-Vos, Santissimo Padre, com o mais profundo acatamento, que como Logar Tenente do Deus Vivo, me lanceis em premio dos meus serviços á Religião e á sociedade, a Benção Apostolica.

Dignai-Vos Santissimo Padre, conceder esta graça ao, que protesta dar a vida, e fazer todos os sacrificios, por Vossa Santidade, e pela Nossa Religião Santa, pois que é

Vosso mais affecto
e humilde servo

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 25 de agosto de 1871.

N.º 34

A Sua Magestade o Imperador d'Allemanha em 25 de agosto de 1871

SENHOR

O presbytero catholico dos mais affectos a Vossa Magestade Imperial, por serdes o escolhido por Deus, para esmagardes a hydra infernal, que contra Elle levantou o collo altivo, e que se esforça por subverter o mundo, e por acabar com as monarchias legitimas, e especialmente com a Religião Catholica, como a sua maior inimiga, por ser o sustentaculo dos thronos, e a defensora da sociedade, tendo feito imprimir em folhetos, para desenganar os illudidos, a apreciação da—liberdade liberal—pede com o mais profundo respeito a graça de pôr aos pés de Vossa Magestade Imperial este exemplar, como testimunho do puro affecto, que do coração Vos consagra.

Continuae, Senhor, com a grande tarefa, de que Deus Vos incumbiu, ajudado pelas respeitaveis e singulares capacidades politicas e militares dos Senhores Princepe Frederico Carlos, Principe de Bismark, e general Moltek, restituindo aos seus thronos os monarchas legitimos, que a revolução arrancou dos seus estados, e com preferencia o Grande Pio IX, para serdes abençoado por Deus, acclamado por todos os povos do mundo como o Salvador das actuaes gerações, e para firmardes o Vosso solio, e os de todos os monarchas da terra, que todos estão em perigo.

Não ouvis, Senhor, os sibilos medonhos, que dá na ilha dos antigos pescadores a hedionda serpe, que decidiu redu-

zir a cinzas todos os monumentos da admiração dos homens e assassinar todos os monarchas do mundo, e todos os proprietarios do universos?!! E não vêdes como em altas lavarêdas, por ella excitadas, já ardem as extensas e espessas mattas da Argelia?!! Não vêdes como a furibunda Internacional, ultima expressão do maçonismo ou liberalismo, toma vulto de gigante, e que antes de pouco Vos será impossivel abarcal-a?!!

Accudi, Senhor, de prompto ao mundo, em quanto para isso tendes poder.

Acercai-Vos dos monarchas legitimos, que são os unicos baluartes, com que podeis defender-Vos, e salvar os homens da maior das catastrophes, aliás todos d'ella infallivelmente seremos victimas.

Dignai-Vos Senhor, escutar os brados d'álerta de um coração afflicto pelo cataclysmo espantoso, porque presente vae passar o mundo, se Vós lhe não valeis a tempo; e concedei a graça, que Vos pede o que

E' o maior admirador
dos Vossos sentimentos
magnanimos, e dos Vossos heroicos feitos

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 25 d'agosto de 1871.

N.º 35

Ao Snr. Bispo do Rio de Janeiro, em 16 de agosto de 1871

EXC.^mo E REV.^mo SNR.

Tive o gosto de ler ha dias na «Nação» o protesto de V. Exc.ª a favor do Santo Padre, e contra a escandalosa invasão dos Estados Pontificios, o qual mostra o summo zêlo de um verdadeiro prelado catholico, e a erudição em grau subido de um verdadeiro pastor da grei do Senhor.

Se todo o clero fôsse dominado de um egual zelo, e soubesse, como V. Exc.ª, cumprir os deveres de bom pastor, não teria a maldade subido ao ponto, que temos visto com assombro, nem teriamos presenciado a catastrophe terrivel, que transformou o mundo em habitação de feras.

Dou pois a V. Exc.ª os merecidos parabens, por Deus lhe illuminar assim a alma, e o inflamar do zêlo santo, que o faz distinguir dos mais prelados do mundo; porque foi de todos o que melhor soube advogar a causa do Santo Padre, e da nossa santa fé: e tomo a liberdade de offerecer tambem a V. Exc.ª o que eu fiz pelo mesmo motivo, assim como a apreciação da=liberdade liberal, e do maçonismo,= que fiz imprimir em folhetos, para desenganar alguns dos illudidos, que de boa fé tem seguido o caminho da perdição.

Desculpe V. Exc.ª esta ousadia, que em mim despertou o referido protesto, que sobresae em perfeição a todos

os que até hoje tenho lido, e acceite V. Exc.ª o coração d'este, que com o mais profundo respeito se assigna e é

De V. Exc.ª
admirador, e cr.º
o mais affecto

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 16 de agosto de 1871.

N.º 36

Ao Senhor D. Carlos VII, em 12 de maio de 1874

Parabens, Senhor, parabens porque é Deus com-Vosco. Aquelle que é Senhor absoluto da vida e da morte, que dá as victorias a quem lhe apraz, está a Vosso lado.

E' por isso, que já se veem as hostes de Satanaz atropellarem-se correndo em precipitada fuga diante da Vossa espada fulminante, para irem esconder-se nas horridas masmorras do eterno pranto, d'onde o orgulhoso Lucifer ha mais de meio seculo, por permissão de Deus, as mandara á terra, para castigar o mundo.

Sois, Senhor, o escolhido, pelo ceo, para salvardes a Egreja e a sociedade afflicta, e já os catholicos do mundo inteiro Vos olham como o novo Salvador d'Israel.

Avante pois, porque é santa a causa, que defendeis, e porque eterno tem de ser tambem o Vosso galardão na bemaventurada mansão dos justos.

O Espirito Santo é quem Vos inspira; foi elle, que Vos suggeriu aquellas expressões electricas das tres cartas, em que apreciastes o valor e merito dos Vossos tres intrepidos e entendidos generaes, Saballs, Cartells, e Dorregarrai, que ainda agora me retinem nos ouvidos; é a elle a quem deveis aquellas ideias profundas da sciencia de Deus e do governo dos homens, que apresentastes no Vosso Manifesto modêlo, de que ainda hoje me lembro com assombro.

Aquellas ideias, Senhor, não se aprendem nas escolas da terra, bebestel-as na mesma fonte, em que bebeu as suas o Apostolo da Caridade, o Discipulo amado, na fonte inexhaurivel das aguas vivas, que saciam a sêde por toda a eternidade, indicada ha 18 seculos pelo Salvador do mundo á innocente moça de Sicar.

Parabens pois, Senhor, porque é certa a victoria, e tão certa, que os Vossos valentes em dous annos completos ainda não perderam uma acção: é porque anda entre elles Deus em pessoa (116).

Porisso já se ouvem nos profundos abysmos os sibilos desesperados, o rugido medonho da velha serpe do Eden sagrado, porque já prevê, que em mui breve vão entrar furibundas pelos infernaes portões, tremendo de susto e espanto, essas feras enraivecidas, essas harpias esfaimadas, que ella mandara ao mundo para o pôr todo em montões de ruinas, e regal-o inteiro com grossos rios de sangue.

Parabens emfim pela nova dadiva da Providencia, essa, que já prevejo explendoroso ornamento do throno hespanhol, a recemnascida Infanta.

Permitti portanto, que eu, em signal do singular affecto, que Vos consagro, e á causa santa, que defendeis, ponha aos pés de Vossa Magestade este pequeno fructo do meu trabalho, em que intentei explicar a malicia d'esse diabolico systema, chamado liberal, parto nefando das horriveis seitas maçonicas, com que tem fascinado tantos mi-

---

(116) Seria a victoria infallivelmente o remate da alta empreza d'este heroe, hoje o maior do mundo, se já estivesse satisfeita a justa ira de Deus pelos peccados dos homens, e se Macmahon o não atraiçoasse deixando entrar os inimigos pela rectaguarda.

lhões de desgraçados, roubando-os a Deus, para os arrastar ao inferno.

Permitti mais, que ponha tambem aos Vossos pés as receitas, que a acompanham, por mim muito experimentadas, e sempre com feliz resultado: as quaes Vos offereço, para alliviar os soffrimentos dos valentes voluntarios, que tenham a infelicidade de cahir feridos pelas inimigas armas d'essas hordas sanguinarias, que ainda forcejam, mas em vão, por Vos estorvar o passo.

Rogo-Vos, Senhor, encarecidamente, que as façaes experimentar com o maior escrupulo por pessoas de habilidade, e tementes a Deus, e por mais que uma vez; e eu com a seriedade propria de ministro, que sou, ainda que indigno, do Deus Altissimo, Vos affianço, que as curas se operarão com uma rapidez incrivel, e com uma mui modica despeza.

Proponho ultimamente á consideração de Vossa Magestade a lembrança, que ao nosso fallecido Rei o Senhor D. Miguel 1.º propôz em um plano de restauração da monarchia legitima o meu visinho e intimo amigo snr. Antonio Joaquim de Barros Lima, que militou como voluntario legitimista, e como official, em toda a guerra de Portugal desde 1828 ás ordens do distincto general D. Alvaro, até 1834, assim como em 1846 e 1847, e que está designado para commandante de brigada. E consiste ella em armar de revolwer e roçadoura uma ou duas companhias em cada batalhão, para substituirem a cavallaria, e baterem-se com ella, e, principalmente, para nas cargas a ferro frio decidirem as bastalhas com mais rapidez e segurança que os botes de bayoneta.

A roçadoura é a mesma fouce de podar as vides, mas com ponta aguda na direcção das costas, do tamanho de meio palmo acima d'ella, para poder cortar para o lado, e espetar para a frente, encabada em um pau da altura do homem, como a figura aqui desenhada ao lado.

O manejo d'esta arma é o mesmo do jogo de pau, pegando-se d'ella com a mão esquerda junto á estremidade do cabo, e com a direita no meio d'elle para o lado da fouce, ficando o hombro direito em frente com o inimigo.

Para saber o manejo d'ella basta aprender a dar um

passo para a frente, e para a rectaguarda, já por um lado e já por outro, dando de cada vez, junta com o passo uma volta de roçadoura em redor do corpo e por cima da cabeça, para se cobrir das pancadas inimigas, como no jogo de pau, quando se faz varrimento; e accrescentando em cada passo, quando o hombro direito fica para o inimigo, uma pontuada para a frente, ou para elle.

Um qualquer dos Vossos Navarros, armado de roçadoura, e estando bem convencido da firmeza, serventia, e effeitos d'esta arma, póde arrostar com cem republicanos nas cargas a ferro frio, e até com os cavallarias, ou lanceiros, dévendo procural-os sempre pela esquerda, ou frente do cavallo, porque por uma e outra parte alcança pouco tanto a espada como a lança, e o rocêna póde espetar o cavallo pelo peito, ou cortar-lhe as pernas, ou os queixos, ou as redeas.

Declaro-Vos emfim, que já pugnei um anno inteiro em 1846 e 1847 pela mesma Vossa santa causa, como commandante Geral de todas as forças populares das duas provincias, Minho e Traz-os-Montes, e que porisso devo ter, como com effeito tenho, o maior interesse em que a legitimidade torne, como outr'ora, a governar as nações com as mesmas antigas leis santas, que tão felizes as fizeram.

E agora, já que a distancia impede, que d'outro modo eu concorra para o triumpho das minhas mais ardentes convicções, digne-se Vossa Magestade acolher benignamente o insignificante signal da boa vontade d'este, que tem á conta da maior ventura a honra de Vos beijar a mão, porque sou

De Vossa Magestade
servo mais affecto e
admirador

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 12 de maio de 1874.

N.º 37

A' Snr.ª D. Margarida de Bourbon, em 12 de maio de 1874

Em que logar do Céo, Mimosa Flor d'Hespanha, terá de ser premiada a ardente caridade, com que Vos applicaes a soccorrer os infelizes, que se estorcem no leito da dôr?!! Ah! Senhora, deve sel-o por certo mui proximo ao d'aquelle, que adormecendo recostado no Sacrosanto peito do Salvador do mundo, aprendeu alli a sciencia do principio, do ser sem principio, d'aquelle, que inflammado da celestial virtude, que Vos abrasa o peito, nunca mais soube prégar senão d'ella, a ponto de com os seus sermões tão repetidos chegar a enfastiar os seus discipulos.

Comprehendestes bem, Augusta Senhora, como a feliz Magdalena, e o Discipulo amado, que a caridade é a rainha das virtudes, e que esta per si só basta para elevar ás mais altas cadeiras da celeste morada.

Parabens pois, Augusta Rainha, porque attendestes á resposta, que o Divino Mestre deu a Martha — que Maria escolhera a melhor parte — a do amor, porque amou muito o Divino Mestre, e por isso d'elle tambem recebeu muito.

Parabens, Rainha excelsa, porque já conquistastes as duas coroas — a do tempo e a da eternidade. — E que bella e magestosa não é a que os anjos bemaventurados já tem preparada para Vos cingir a regia fronte por todo o sempre, que dure o ser eterno ! ! ! Oh! que ditosas não foram, direis algum dia na patria dos justos, aquellas fadigas, com que vali aos desgraçados, aquelles carinhos, com que os consolei, aquellas esmolas, que tão liberalmente prodigalisei, e que tão venturosa agora me fizeram ! ! !

Parabens finalmente pelo precioso dom do céo, a nova Infanta, com que Deus acaba de mimosear-Vos a Vós e á Vossa infeliz Hespanha, mostrando ter passado a sua ira, e voltar de novo a antiga paz, que tão ditosa a tornou em outras eras.

Continuae, Mimosa Flor, a espalhar, ainda que seja com os maiores sacrificios, o aroma do dom com que o céo Vos perfumou a alma candida, porque a coroa da gloria, que o Deus de bondade infinita tem preparada em recompensa dos Vossos trabalhos, é eterna, e preciso é merecel-a primeiro n'este triste valle de lagrimas.

Entretanto permitti, que eu não podendo auxiliar-Vos na alta empreza, em que estaes empenhada, Vos offereça ao menos as receitas adjuntas, para com ellas aliviardes os que soffrem; e que tambem Vos offereça, como signal da minha admiração á Vossa elevada virtude, esta pequena e mal alinhada explicação, que compuz sobre a maçonaria e a liberdade liberal, os maiores, e mais horrendos vicios da epocha actual.

Dignae-Vos Senhora, acceitar esta insignificante offerta, junta com os protestos do profundo respeito, em que Vos tenho, e permitti, que Vos beije a real mão, sendo, como sou

De Vossa Magestade
o mais fiel e affectuoso servo

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 12 de maio de 1874.

N.º 38

Ao Senhor D. Affonso de Bourbon, em 12 de maio de 1874

Parabens, Esforçado Guerreiro, que aprendestes do filho d'Isai a prostrar por terra, logo desde tenros annos, o soberbo gigante, insultador atrevido das desalentadas phalanges do povo d'Israel.

E' porque já nascestes para pelejar as batalhas do Senhor, e porque peleja a Vosso lado o celeste Archanjo, aquelle, que em renhida batalha desbaratou, e arrojou aos infernos o orgulhoso Lucifer, e todas as cohortes de seus invejosos conjurados.

E' de certo, porque aquelle, que pôz os fundamentos da terra, que deu leis ao Arcturo, que pôz diques ao mar embravecido, para não sahir do seu leito, Vos infunde coragem nos perigos, e anima nos combates.

É por isso, que os Vossos feitos gloriosos já hão de custar a accreditar-se nas remotas eras do futuro.

Ávante pois, galhardo mancebo, porque os homens Vos olham com assombro, o inferno com espanto, e os anjos da patria celeste tecem á porfia a coroa de gloria, que por todos os seculos Vos ha de cingir a fronte d'heroe.

Não descanceis, corajoso Principe, porque é infinito o premio, que um Deus justo Vos tem preparado na patria dos justos, bem como áquelles, que com-Vosco combatem n'este mundo de trabalhos, n'este logar de soffrimento.

Permitti pois, Serenissimo Principe, que eu Vos offereça em signal da minha admiração pelos Vossos tão altos feitos esta breve explicação, que fiz dos dous vicios horriveis do presente seculo,—a maçonaria, e a liberdade liberal.

Acceitae tambem, Senhor, as receitas, que vão juntas, que de sobra hei experimentado, assim em curas proprias, como alheias, para com ellas valerdes aos infelizes, que caiam feridos a Vosso lado.

Digne-se Vossa Alteza acceitar benignamente esta minha pequena offerta, e com ella os protestos da alta consideração, em que Vos tenho, e do profundo respeito com que sou

De Vossa Alteza
o menor servo, e
mais affecto admirador

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 12 de maio de 1874.

N.º 39

A' Senhora D. Maria das Neves, em 12 de maio de 1874

Inclita Princeza, preclara vergontea dos reis luzos, que com a espada em punho foram plantar nas longinquas regiões do globo a arvore viçosa da cruz, o penhor sagrado da redempção do mundo, eu Vos saudo como a heroina do seculo dezanove.

Donde vem, Princeza excelsa, esse denodo, com que arrostaes os perigos, essa coragem mais que varonil, com que pelas escarpadas montanhas do visinho reino supportaes, ha dous annos, o rigor das estações, a intemperie dos tempos, a aspereza da vida guerreira?

É de certo porque tendes o peito abrazado na fé viva da formosa Judith, que pelo seu valor se tornou a gloria do seu povo d'Israel. É porque Vos ferve nas tenras veias o sangue puro do Rei Santo, do Martyr d'Heubach, do Vosso Augusto Pae, a quem seus vassallos d'este solo abençoado amavam com delirio.

Ah! Serenissima Princeza, que ainda hoje se me parte o coração de dor, quando me vem á lembrança que perdi em Vosso Augusto Pae, a quem tanto queria, o maior amigo, que com as expressões carinhosas, com que por escripta galardoou os meus serviços de 1846, e que conservo no maior recato, como reliquias sagradas, me fez perder de gosto o somno de oito noites continuas!

Não posso ainda hoje lembrar-me d'Elle, sem que profunda saudade me faça rebentar dos olhos grossas torrentes de lagrimas!!

Que consternação não foi a minha, quando vi que Deus nos deixou orfãos, chamando a si aquella alma candida do Vosso, e nosso Augusto Pae!! Por muito tempo, Senhora, me pareceu sonho esta noticia afflictiva, mas por fim me convenci da sua realidade, quando conheci, que a ira de um Deus justo ainda pesava sobre nós, porque quebrantamos os seus santos mandamentos.

Continuae pois, Serenissima Princeza, na senda sagrada, que encetastes com tanto valor, porque por ella já Vos tornastes, como a corajosa matrona d'Israel, a gloria do nosso povo, cuja dita Vos invejam as damas de Portugal, e as do mundo todo. A Vossa fama jámais perecerá nos seculos por vir, e os anjos todos da patria celeste com o maior afan tecem esmerada coroa, para Vos adornar a fronte por todos os seculos sem fim.

Permitti, Augusta Princeza, que este Vosso patricio, que absorto comtempla os Vossos gloriosos feitos, assim por elles, como pela ascendente cadeia d'heroes, de que Vos contaes precioso annel, Vos offereça esta breve e mal elaborada explicação, que fez da maçonaria, e da sua filha primogenita a impia e ruinosa liberdade liberal (117). Consen-

(117) Estas dedicatorias foram todas escriptas no principio de cada folheto encadernado, que enviei com cada uma.

ti tambem, que com as receitas, que a acompanham, Vos auxilie no alivio ás dores dos infelizes, que por defender os direitos da religião, da patria e do rei, tenham a desdita de cahir feridos pelo ferro inimigo.

Dignai-Vos, Augusta Princeza, acceitar benignamente esta insignificante offerta, e consenti, que eu me confesse, e assigne, com o mais profundo respeito

De Vossa Alteza
o menor, porém mais
affectuoso servo

Padre Casimiro José Vieira.

Portugal 12 de maio de 1874.

Foi só até aqui que leu o snr. Camillo Castello Branco, excepto os cap. 14 e 15 antecedentes desde pag. 145 até 163, porque foram escriptos depois de elle ter os Apontamentos em seu poder por 4 mezes. (Advertencia pag VII). Tambem não leu o que se segue d'aqui para diante, porque as notas foram compostas depois de a obra estar já a correr na imprensa.

N.º 40

Reimpressão do folheto intitulado «O Vimaranense» e o Padre Casimiro ou a Liberdade Liberal», publicado em 14 de janeiro de 1871; com notas d'agora, revistas a pedido meu pelo snr. dr. fr. Florentino (§ 141 e nota 78 pag. 106 e 107), a respeito das quaes, em resposta além de outras cousas, disse em uma carta o seguinte:

ILL.^mo^ E REV.^mo^ SNR. E MEU PARTICULAR AMIGO

Não demoro remetter a v. o livro, onde vem as «interessantimas notas», que li um pouco á pressa, mas com a precisa reflexão. Tudo achei muito bom e correcto... etc., etc.

De v.
amigo e cr.º obrg.^mo^

Fr. Florentino de S. Thomaz Athayde e Brito.

Santo Amaro 22 de março de 1884.

PREFAÇÃO

Væ mundo a scandalis. Necesse est enim ut veniant scandala; verum tamen væ homini illi, per quem scandalum venit. Math. cap. 18, v. 7 (*a*).

Ai do mundo por causa dos escandalos! E todavia necessariamente os ha de haver, porque o homem, fascinado pela belleza apparente das creaturas, abusará da joia preciosissima da liberdade com que Deus lhe adornou a alma, entregando-se todo desregradamente aos gosos materiaes que ellas lhe occasionam e, revoltando-se porisso ingratamente contra o seu Creador que lhe prohibe todos os excessos desordenados, se perverterá a si e perverterá a muitos de seus irmãos servindo-lhes de torpeço para a sua salvação eterna. Mas ai do que tal fizer! melhor lhe fôra ser lançado ao fundo do mar com uma grande pedra ao pescoço, porque um juiso severo e eternas angustias o esperam para além da morte (Math. c. 18. v. 6) (118).

Parece que estes dous ais sentidissimos arrancados do intimo do coração do nosso Salvador foram principalmente allusivos aos dous enormissimos e maiores peccados, que têem presenceado as gerações da terra com assombro de toda a natureza, e que têem abalado o mundo em seus fundamentos—o deicidio do Calvario ha 18 centos annos e o deicidio do presente seculo, em que os impios com o horrendo systema liberal se têem esforçado por banir d'entre os homens toda a ideia do nosso Deus, e por sacudir de

(*a*) As notas d'este folheto vão no fim por sua ordem.

cima de si toda a auctoridade por elle imposta, para poderem disfructar sem trabalho o producto do suôr dos outros e gosar desenfreadamente todos os prazeres sensuaes que o seu coração corrompido cobiça com ardor insaciavel.

São estes dous peccados que têem arrastado em turbilhão muitos milhões d'almas a esse «locum tormentorum» logar de tormentos, d'onde o desgraçado rico avarento endereçou ao pae Abrahão a afflictiva supplica «ut mittas eum» que mandasse o defunto Lazaro prégar aos seus cinco irmãos que ainda viviam no mundo descuidados das derradeiras contas, para não incorrerem na eterna desgraça de lhe irem fazer desesperada companhia n'aquella morada de sempiterno horror e de afflicções infindas (Luc. c. 16. v. 28).

Consternados nós pois, por tantas desgraças do mundo que em extremo affligem a Egreja catholica, e mui pricipalmente pelos ultimos insultos e roubos escandalosos e sacrilegos, que demonios incarnados fizeram ha pouco ao representante na terra do Deus Vivo, desabafamos a nossa magoa no nosso Protesto de 5 de novembro de 1870, descrevendo n'elle, como a paixão nos dictou, a nossa justa afflicção e pungente dôr.

Tendo porém este nosso innocente desabafo inquietado a consciencia escrupulosa do *Vimaranense* e de outros da mesma laia, fizemos-lhe, a pedido seu, uma breve explicação com a qual intentamos mostrar pela Escriptura Santa o horror que deve inspirar a todo o catholico esse infernal systema da liberdade liberal ou constituição, que Deus permittiu viesse á terra como flagello da sua ira para castigo nosso, e que tem arruinado o mundo, afogado em sangue uma porção enormissima dos filhos de Adão e arrojado aos eternos abysmos almas sem conta (119).

Sendo todavia certo, que n'esse monstruoso systema figuram muitos illudidos, e desejando nós desenganal-os para que abandonem tão nefando systema que produz infallivelmente a perda irreparavel de suas almas e lhes acarreta a sua eterna desgraça, resolvemos fazer imprimir em folhetos o dito nosso Protesto, publicado na «Nação» de 13 de dezembro de 1870, assim como a referida explicação publicada tambem com o artigo do «Vimaranense» na

«Nação» dos dias 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21 e 23 de fevereiro do corrente anno.

Oxalá sirva este nosso trabalho de desengano aos illudidos para remediarem a tempo seus erros, e de preservativo aos innocentes e incautos para não cahirem na mesma desgraça, a maior de todas, que lhes produzirá sem remedio o descredito perante os homens cá no mundo, e o susto e confusão ao ajustar as ultimas contas na eterninade perante Deus, supremo juiz dos vivos e dos mortos.

Alegria, em Margaride de Felgueiras, 15 de abril de 1871.

Padre Casimiro José Vieira.

PROTESTO CATHOLICO

Snr. Redactor

Tocou ficou finalmente o cumulo da maldade esse systema impio e detestavel, chamado constitucional, ou liberal, engendrado no inferno e posto cá na terra em pratica pelas abominaveis seitas maçonicas, para os seus adeptos se encherem de dinheiro á custa do suor dos outros e satisfazerem á vontade e impunemente suas paixões brutaes.

Soltou pois Belsebut, principe dos demonios e de todos os revolucionarios, dos calabouços eternos essa enorme caterva d'anjos negros que com elle, já no principio, se haviam revoltado contra o Deus Omnipotente, e que encastoados em corpos de homens e arranjados em numerosos batalhões, romperam ousada e escandalosamente os muros da cidade eterna, e prenderam o representante e logar-tetenente do Deus Vivo, roubando e assassinando seus inermes e pacificos habitantes ao som terrivel de «vivas» á liberdade. E são estes os liberaes chamados moderados, como os que (por desgraça nossa) dirigem hoje os destinos d'esta desditosa nação: aliás, se fossem os vermelhos que lá tivessem entrado, maiores teriam ainda sido os estragos, e já a estas horas a cidade inteira teria sido consumida pelas devoradoras chammas, que imitariam bem ao vivo as pavorosas lavaredas do inferno.

Peza portanto sobre a cidade santa o terrivel flagello da ira de Deus, que encheu de horror e consternação os verdadeiros crentes do mundo inteiro, por não poderem acudir, como tanto desejavam, ao seu Pae commum, que geme opprimido pelas hostes de Satanaz.

E que seria o que animou esses monstros, que tanto se inculcam por homens das luzes e da philantropia, para commetterem ousadamente tão horrendo attentado á face e sem receio de todo o mundo catholico?! Foi de certo o julgarem-se elles já assás fortes para poderem banir da terra a lei santa do Redemptor do Golgotha, que dava a paz ao mundo e fazia a alegria de todas as gerações, que o sol allumia. Foi de certo o supporem essas bestas ferozes chegada a epocha fatal, em que podiam impunenmente dar fim á obra nefanda da extincção do catholicismo, a que Manes, seu primeiro patriarcha, déra principio ha 15 sèculos com as suas então já tão decantadas luzes maçonicas.

E com effeito, se não existisse um Deus Omnipotente que lhes tolhesse os nefandos passos, podiam elles pôr de certo toda a confiança em sua tão enorme força. E' na verdade certo terem elles prevertido com suas malevolas doutrinas, e arregimentado debaixo de suas infernaes bandeiras com o terrivel juramento maçonico a maior parte dos homêns de fé vacillante, e até por desgraça, alguns dos levitas que estavam destinados para luzeiros e guias do povo de Deus, como o nosso obsecado vigia da casa de Israel (o unico de todo o mundo, para deshonra dos portuguezes, que se oppoz sem pudor ao poder temporal do Pontifice-Rei): com o que elles se tornaram sem duvida assás formidaveis por seu imponente numero, e entulharam o inferno d'almas desde a memoranda epocha de 34. E tendo elles apanhado a si todo o ouro e prata que girava entre os homens, tendo-se feito senhores d'uma grande parte das tropas do mundo, e dominando já quasi todos os governos do universo, podiam indubitavelmente reputar-se bem seguros contra todas as forças cá da terra.

Mas ai d'esses desgraçados! que está mui breve a chegar o seu termo desastroso, prognosticado já ha annos pelo virtuoso Pio IX para quando o mal subisse, como agora subiu a ponto, que crentes e não crentes se chegassem a convencer de que ou não existia Deus, ou se existia não queria já saber do mundo; mas que depois viria o remedio, e por modo tão estupendo, que os maiores impios haviam logo convencer-se de que elle só podia ser dado pelo proprio Deus eterno. Ai d'elles! que está proxima

a sua completa ruina, e apoz ella «a paz e alegria da Egreja, como nunca, prophetisada por Santa Anna Maria Taigi para o Pontificado de Pio IX» e confirmada por elle mesmo na carta, que ha dois annos escreveu aos Bispos da Italia, annunciando-lhes do mesmo modo «que estava para muito breve a paz e alegria da Egreja, como nunca», porque tambem como nunca subiu agora o mal pela execranda organisação maçonica ao ponto a que até aqui não tinha subido ainda. Ai d'esses monstros sanguinarios! Porque a mulher Forte, a Rainha dos Céos e da terra, em agradecimento á perola mais preciosa e de maior formosura, a da sua Conceição Immaculada, que o immortal Pio IX engastou na corôa eterna que lhe ennobrece a sacrosanta fronte, vae mostrar a toda a terra e ao inferno inteiro, que Ella é na verdade a Destruidora das heresias, como a Santa Egreja Catholica com justa rasão a appellida. Ai d'essas endemoninhadas feras! Porque os innumeraveis milhões de Anjos bemditos, que pelejam do lado do exercito mais formidavel, que o mundo viu, commandado pelo rei da Prussia, pelo heroe de maior vulto do presente seculo, vão varrer da face da terra todos os filhos de Leviatan, pae e rei de todos os soberbos (*Job. c. 41, v. 25*), e aferrolhal-os nas masmorras do inferno para não empecerem mais aos vivos.

E' a esse exemplar modelo de todos o reis da terra, a quem o Deus dos exercitos confiou a alta e santa missão de regenerar o mundo todo, restituindo aos seus thronos os monarchas catholicos e legitimos, e com elles a tão desejada paz a todas as nações da Europa.

Foi por isso que o desesperado Lucifer, tocado do temeroso presentimento de que está a terminar-lhe o despotico e tyrannico imperio, que ainda exerce cá no mundo, chamou apressado a conselho todos os furibundos ministros e executores da espantosa justiça eterna, para deliberarem com acerto sobre negocio de tamanho momento. E acudindo de prompto todos ao som terrivel dos urros medonhos d'este monstro informe, que retumbaram por todas as defumadas abobadas das infernaes cavernas, propoz elle á discussão de tão tremenda assembléa os seus ultimos e atrapalhados planos. Foi por isso que em resultado da acalorada discussão ordenou elle em fim que fosse o estontea-

do Garibaldi, de todos os asnos o maior, e mais celebre em disparates e blasfemias, para a desgraçada França commandar as sujas e turbulentas chusmas da infima e insensata ralé. E foi por isso que elle ordenou tambem, que todos os outros liberaes ou malhados, que por obsecação na mente, ainda obedecem ás hórridas determinações do inferno, se fizessem assás fortes nas duas peninsulas da Hespanha e da Italia, para pôrem insuperavel barreira ao poderosissimo exercito allemão, que assoberba já toda a França. Mas que cegueira!!! Não vêem que elle marchando bem ordenado em grossas massas, e com passo firme, continúa com os pesados pés de seus infantes e cavallos a fazer rebentar os miolos das cabeças desvairadas, que cá no mundo ainda restam com vida?!

Está pois a chegar o tempo venturoso, em que para os casamentos as pessoas de são juizo têem de tirar inquirições mais rigorosas, do que até aqui se têem tirado para os levitas do Senhor, que tinham de servir ao altar do Deus Vivo; para que se não manche a sua descendencia com o sangue impuro d'essas féras indomitas, que descendem dos que nasceram ha 18 seculos dos deicidas do Calvario.

A lembrança horrivel d'essas furias desesperadas será eterna, porque eternos tem de ser tambem os vestigios indeleveis dos estragos irreparaveis por onde passou essa praga maldita; e o nome de liberal, em vez do de papão, ainda tem de servir para fazer calar as creanças, quando importunem com gritos os ouvidos de seus afflictos paes.

Eia pois, façamos todos nós a condigna penitencia pelos nossos muitos peccados, e oremos incessantemente ao Senhor nosso Deus Altissimo, que elle acudirá prompto aos verdadeiramente contrictos que implorem sua infinita misericordia, como a experimentaram os sitiados de Betulia, quando o Summo Pontifice Eleaquim disse ao povo d'Israel, angustiado pelo aperto extremo em que o poz o terrivel exercito de Holofernes: *Scitote quoniam exaudiet Dominus preces vestras, si manentes permanseritis in jejuniis et orationibus in conspectu Domini*. Sabei que o Senhor vos ouvirá as vossas supplicas, se permanecerdes

constantes nos jejuns, e nas orações diante do Senhor *(Judith. c. 4. v. 12).*

Consternados portanto com a desolação inaudita que vai em Roma, cidade privilegiada, quizeramos derramar todo o nosso sangue em defeza da lei santa do Deus de amor, que condoido da nossa fatal miseria, feito homem, por nós derramou tambem todo o seu sangue preciosissimo.

Mas emquanto não temos essa dita, de todas a maior, protestamos com todo o coração e com toda a nossa alma, na prezença de Deus e á face do mundo todo—contra a sacrilega e horrenda usurpação dos Estados Pontificios; contra a prisão e violencia do Cabeça visivel da Religião Catholica; e contra todos os assassinios, roubos e destruição que esses libertinos, ou liberaes desenfreados, estão fazendo na capital do orbe catholico, sem receio de serem punidos cá na terra, nem até na tão medonha eternidade.

Alegria, 5 de novembro de 1870.

Padre Casimiro José Vieira.

Snrs. Redactores

Muito desejavamos ver publicada no seu acreditadissimo jornal a explicação, que damos ao «Vimaranense» de 22 de novembro, sobre o nosso protesto de 5 do mesmo. E se nos fizerem essa honra, queriamos dever-lhes mais o obsequio de publicarem primeiro no mesmo jornal o artigo a que nos referimos, como abaixo vae transcripto, com a devida venia e permissão do seu auctor, para nos pouparem citações desnecessarias: pelo que nos confessaremos

De vv.
att.º ven.^{or} e cr.º obr.º

S. C. d'Alegria, 14 de janeiro de 1871,

Em Margaride de Felgueiras.

Padre Casimiro José Vieira.

Do «Vimaranense» de 22 de novembro de 1870:

O Protesto do snr. Padre Casimiro

Guimarães, 21 de novembro.

Começa assim o Protesto do celebre guerrilheiro miguelista:

«Tocou finalmente o cumulo da maldade esse systema impio e detestavel, chamado constitucional, ou liberal, engendrado no inferno e posto cá na terra em pratica pelas abominaveis seitas maçonicas, para os seus adeptos se encherem de dinheiro á custa do suor dos outros, e satisfazerem á vontade e impunemente suas paixões brutaes» (120).

Este exordio ex-abrupto, harmonioso como o estrondo do bacamarte, com que o digno sacerdote tem estremunhado os echos de Vieira e outras partes, encabeça a exposição inteiramente nova dos successos europeus dos ultimos tempos, e dos que estão para vir, até á completa extincção dos malhados.

Dando aos nossos leitores uma analyse d'este precioso trabalho historico e prophetico, temos principalmente em vista despertar-lhes o desejo de o irem admirar na sua integra.

Encontra-se na «Religião e Patria» de 16 do corrente.

Eis como o historiador vieirense conta as cousas:

«Belzebuth, princepe dos demonios e de todos os revolucionarios, soltou dos seus calabouços eternos a enorme caterva d'anjos negros, que com elle já no principio se haviam revoltado contra o Omnipotente.

São estes sujeitos, que «encastoados em corpos d'homens» entraram em Roma, na presuasão de que é chegada a hora da extincção do catholicismo—obra «a que Manes, seu primeiro patriarcha, dera principio, ha quinze se-

culos, com as suas então já tão decantadas luzes maçonicas».

Aqui Homero dormita de certo. Quer seja dos revolucionarios que Manes se diga primeiro patriarcha, quer dos anti-catholicos, sempre a asserção denota que o auctor não estava muito bem acordado.

Porque, se Manes é o primeiro patriarcha dos revolucionarios, e os revolucionarios são os proprios anjos negros que no principio se rebellaram contra o Omnipotente, esta rebellião dataria então de Manes, e era preciso reformar a chronologia biblica.

Se Manes é o primeiro patriarcha dos anti-catholicos, é preciso, n'esse caso, reformar a lista dos herejes, e supprimir os que figuravam até aqui entre Manes e Simão Mago.

Mas não interrompamos o fio da narração.

Os revolucionarios, ou liberaes, ou maçōes, que tudo é a mesma gentalha, estão pois convencidos de que a sua obra da extincção do catholicismo está por pouco a acabar-se.

Motivo teem elles para se emballar em tão nefandas illusões! Quanta prata e ouro giravam entre os homens, está-lhes no bolso; uma grande parte das tropas do mundo é d'elles; dominam em quasi todos os governos do universo e, como a besta do Apocalypse, poderiam clamar:

«Quem poderá pelejar contra a besta?»

Esqueceu, porém, a estas feras endemoninhadas, esqueceu-lhes uma bagatella: o rei da Prussia.

«Ai d'essas endemoninhadas féras!... exclama o auctor. Porque os innumeraveis milhões d'anjos bemdictos, que pelejam do lado do exercito mais formidavel, que o mundo viu, commandado pelo rei da Prussia, pelo heroe de maior vulto do presente seculo, vão varrer da face da terra todos os filhos de Leviatan, pae e rei de todos os soberbos e aferrolhal-os nas masmorras do inferno, para não empecerem mais aos vivos.

«E' a esse exemplar modelo de todos os reis da terra, a quem o Deus dos exercitos confiou a alta e santa missão de regenar o mundo todo, restituindo aos seus thronos os manarchas catholicos e legitimos, e com elles a tão desejada paz a todas as nações da Europa».

Destoa d'este lyrismo, todo oriental, a chata observação que vamos fazer, bem sabemos isso. Fazemol-a, porém, para dar ao illustre vidente occasião de dissipar as nossas duvidas, que podem inquietar muito bem certas consciencias catholicas.

Aqui estão as duvidas e a observação. O rei da Prussia é protestante e chefe de todas as lojas maçonicas de seus estados; duas vezes excommungado, por tanto, como hereje e como mação. Este hereje, este mação, duas vezes fulminado pelos raios do Vaticano, póde ser o exemplar modelo de todos os reis da terra? Será a este filho de Luthero e da maçonaria que Deus confiará a santa missão de restituir aos seus thronos os monarchas catholicos? Será em favor do hereje que os anjos bemdictos virão florear as suas espadas flamejantes? Será este chefe maçonico o mais proprio para aferrolhar os mações nas masmorras do inferno?

Offerecemos timida e respeitosamente estas duvidas á consideração do auctor, para que se digne elucidal-as na segunda edição da sua obra.

No entanto vamos a ver o que fazem o diabo e os liberaes, á barba com o rei Guilherme:

Ficaram grandemente desapontados. Isso era de vêr.

Lucifer presente mesmo que o seu imperio está por um fio, e chama a conselho os seus ministros e os «executores da espantosa justiça eterna».

Esta chamada é feita «com o som terrivel dos urros medonhos que retumbaram por todas as defumadas abobadas das infernaes cavernas».

Abre-se a sessão e, depois d'acalorada disputa, aqui está o que se resolve. Garibaldi «de todos os asnos o maior» irá commandar a ralé da França; os outros liberaes ou malhados irão fazer-se fortes na Italia e Hispanha, para opporem uma barreira ao prussiano.

Esta tatica, realmente pouco assizada, não surte effeito nenhum.

O rei da Prussia lá continua a sua marcha; «continua com os pezados pés de seus infantes e cavallos a fazer rebentar os miolos das cabeças desvairadas que cá no mundo ainda restam com vida».

D'este destroço de miolos tira o auctor uma consequencia, para que ninguem estava preparado.

«Está pois a chegar o tempo venturoso... diz elle, em que para os casamentos as pessoas de são juizo teem de tirar inquirições mais rigorosas do que até aqui se teem tirado para os levitas do Senhor, que tinham de servir no altar do Deus Vivo; para que se não manche a sua descendencia, com o sangue impuro d'essas feras indomitas, que nasceram ha 18 seculos, dos deicidas do Calvario».

D'esta vez pedimos licença para discordar. Se o rei da Prussia rebentou os miolos de todos os liberaes, que cá no mundo ainda restavam com vida, para que ha de a gente andar com o trabalho das inquirições? Quem póde misturar a sua raça catholica com a raça maldita de liberaes, se ella ficou toda debaixo das patas dos cavallos prussos?

Nenhuma duvida: o auctor claudicou; e confirma o estenderete ver que logo abaixo atina com o verdadeiro papel que os liberaes teem de representar, depois do famoso dia em que o rei da Prussia lhes reduzir os miolos a marmellada.

«E o nome de liberal... diz elle, em vez do de papão, ainda tem de servir para fazer calar as creanças quando importunem com gritos os ouvidos de seus afflictos paes».

Amen.

E acabam aqui as apreciações historicas do snr. Padre Cazimiro.

Segue-se pedir a todos que façam penitencia dos seus peccados; findo o que, o illustre miguelista lavra o seu protesto, »emquanto não tem a dita de derramar o seu sangue pela Santa Lei do Deus de amor» — accrescenta elle.

Em sacerdote mais pacifico, esta ultima declaração si-

gnificaria que, como a Santo Ignacio, o devorava a sêde do martyrio. Attento, porêm o espirito bellicoso do auctor do protesto, ficamos entendendo que já tem prompto o cartuxame e o trabuco glorioso, e que só espera opportunidade para saltar á rua e ir bater-se bravamente com o diabo e com os liberaes.

Deus o fade bem.

Snrs. redactores

Só no dia 8 de dezembro passado nos trouxe um nosso amigo o artigo do «Vimaranense» de 22 de novembro, em que se põem duvidas sobre algumas proposições do nosso protesto de 5 do mesmo, publicado na «Religião e Patria» de 16 tambem do mesmo, e depois na «Nação» de 13 de dezembro; cuja leitura nos despertou algumas barrigadas de riso, por estar escripto em estylo jocoso, e com bastante graça.

Antes de tudo declaramos gostar immenso do genio patusco do seu auctor, que desejavamos conhecer, por o suppormos mais assizado que alguns liberaes nossos conhecidos, a quem a leitura do nosso protesto desorientou os cabaços, provavelmente por nós desacatarmos a respeitabilissima irmandade dos veneraveis farricocos do avental, mitra e barbalhões postiços, a que estes miseraveis (pelo seu cavaco) dão claros indicios de pertencer. Passamos pois, com a melhor vontade, a satisfazer, segundo os nossos apoucados conhecimentos, os dezejos do nosso illustre articulista, que nos pede para «na segunda edição da nossa obra lhe elucidarmos algumas duvidas, que (no seu intender) poderiam inquietar certas consciencias catholicas».

Sendo, como é, limitadissima a capacidade humana, poucas cousas podemos comprehender em globo; e para que os outros percebam as nossas ideias, nos vemos con-

tinuamente na necessidade de definir e dividir. E' por isso que nós reduziremos a tres classes os revoltosos de pura malicia.

Incluimos na 1.ª classe os espiritos angelicos, que logo no principio se rebellaram contra o Altissimo, para lhe usurpar a auctoridade. Em resultado de tal atrevimento, foram elles logo expulsos do ceo e arrojados ás ardentissimas fornalhas do inferno, para lá expiarem, por toda a eternidade, tão hediondo crime. Em seguida de anjos de luz foram estes desgraçados transformados em anjos de trevas, ou anjos negros, e se ficraam chamando demonios ou diabos.

Incluimos na 2.ª classe os homens que, quatro mil annos depois da creação do mundo, se rebellaram tambem contra Deus, seu e nosso Creador, e o maior bemfeitor; que, condoido da desgraça do genero humano, se fez homem para libertar o homem do terrivel captiveiro dos primeiros revoltosos, a que nossos primeiros paes, Adão e Eva, pela desobediencia ao seu e nosso Creador, se haviam sujeitado a si e a toda a sua descendencia. Estes conservaram o nome de judeus, que d'antes tinham, mas exprimindo depois, como annexa ou associada, a ideia da maior maldade, nunca até então nem depois ouvida, do deicidio, que perpetraram; tornando-se por isso, de povo escolhido, em raça maldita.

E incluimos finalmente na 3.ª classe os homens que depois pelo andar dos seculos, se rebellaram contra o Deus Redemptor humanado e contra os seus ministros, completando a sua organisação systematica e desenvolvimento perfeito, para o fim nefando de extinguir a sua santa lei na epocha actual. E estes alem de diversos nomes particulares que tomaram, segundo os seus diversos chefes e as suas diversas ramificações, se denominaram geralmente: primeiro manicheos, depois mações ou pedreiros ou livres, depois, ha annos, liberaes, e ultimamente revolucionarios propriamente ditos, por estarem sempre em guerra continua com Deus e com os homens. E' tal a maldade d'estes monstros que, já ha 18 seculos, mereceram a especial attenção do Espirito Santo, que inspirou os Apostolos e com particularidade S. Paulo, S. Judas e S. Pedro para, como

prophetas, designarem os signaes caracteristicos com que elles agora deviam ser conhecidos, e até o seu nome privativo.

Diz pois d'elles S. Paulo (1):

O Espirito Santo me diz bem claramente, que nos ultimos tempos renunciarão á fé uns certos homens que sómente attenderão ao espirito do erro, e doutrinas dos demonios.—Note-se que diz *doctrinis demoniorum* doutrinas dos demonios; pelo que se vê que o demonio é o seu mestre; e que boas cousas lhes não ensinará elle!! (2).

Diz S. Paulo; Sabei que nos ultimos dias virão uns tempos perigosos; porque haverá homens egoistas, ou amadores de si mesmos, cubiçosos do alheio, inchados, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus paes e superiores, ingratos malvados, crueis, e sem affeição, ou destituidos do sentimento da amisade, inimigos da paz, criminadores, incontinentes, duros, sem benignidade, denunciadores, protervos, malevolos, tumidos, mais amadores de seus appetites e concupiscencias do que de Deus, mostrando uma cer, ta apparencia de piedade, mas abnegando a sua virtude. isto é, apregoando a philantropia, e negando a caridade- Foge tambem d'estes (3).

Eis como o Espirito Santo designa os taes ratões liberaes! E reparem as mulheres nas palavras *sine affectione* incapazes d'affeição, ou destituidos do sentimento da amizade, para fugirem d'elles ás legoas. E como não ha de ser assim, se estando elles em guerra aberta contra Deus, fonte do amor, e por consequencia apartados totalmente d'elle, se seccou para elles a fonte que os humedecia; e por

---

(1) Ep. 1. Tim. c. 4. Spiritus autem manifeste dicit, quia in novissimis temporibus discedent quidam á fide, attendentes spiritibus erroris, et doctrinis demoniorum.

(2) Ep. 2. Tim. c. 3. In novissimis diebus instabunt tempora periculosa: erunt homines se ipsos amantes, cupidi, elati, superbi blasphemi, parentibus non obdientes, ingrati, scelesti, sine affectione, sine pace, criminatores, incontinentes, immites sine eniquitate, proditores, protervi, tumidi, et voluptatum amatores, magis quam Dei: habentes speciem quidem pietatis, virtutem autem ejus abnegantes. Et hos devita.

(3) In novissimo tempore venient illusores secundum desideria sua ambulantes in impietatibus. Hi sunt qui segregant semetipsos, animales spiritum non habentes.

isso, em vez d'amor, só pódem respirar odio. Por consequencia o seu amor é falso, a sua affeição fingida, e é por isso que elles querem a todo o custo o casamenco civil para poderem trocar as suas mulheres por outras, logo que ellas lhe desagradem (121). Fujam pois d'elles as mulheres, como do demonio, se não quizerem ser desgraçadas n'este mundo e no outro.

Notem-se tambem as palavras «habentes speciem quidem pietatis, virtutem autem ejus abnegantes» mostrando uma certa apparencia de piedade, mas abnegando a sua virtude; isto é, apregoando a philantropia ou o amor ao homem por causa do homem ou de si mesmo, e negando a caridade, isto é, o amor a Deus por causa de si, e o amor ao homem por causa de Deus, porque com Deus nada querem: e que taes são os melros?!... *fugite* dos da philantropia.

Diz S. Judas na sua Epistola: no ultimo tempo apparecerão illusores, que andarão em impiedades segundo os seus appetites. Estes são os que se separam dos mais homens, para fazerem suas assembléas nocturnas, ou se escondem d'elles, intrando em sociedades secretas e presumindo de animaes brutos que não tem almas.
Notem-se as palavras «Segregant semetipsos» que se separam dos mais homens, ou fazem sociedades secretas, ou antes (em bom portuguez) que são pedreiros livres. E são estes os que fogem das praticas religiosas, e que não querem ouvir missões, porque lhes desasocegam as consciencias, carregadas de enormes crimes. São estes os que comem carne nos dias de jejum ou de abstinencia, contra os preceitos da Egreja, principalmente ao sabbado, sem se saber porque titulo, ou com que bulla. São estes os que assistem á Missa em pé como cirios; e que se ajoelham, é com um só joelho, escolhendo uma posição tão incommoda e tão contraria á natureza, que lhes faz perder o equilibrio, só para imitarem os que no pretorio de Pilatos, ajoelhando tambem por escarneo com um só joelho, diziam a Jesus Christo «Ave Rex judeorum» Salve Rei dos judeus (Math. c. 27. v. 29).

São estes finalmente os que no templo do Deus Vivo

conversam, riem e se divertem e fazem ajustes, como se fôra n'uma feira ou praça publica, ou n'um theatro, aviltando assim a casa do Senhor, que é destinada só para a oração»: Domus mea domus orationis vocabitur; vos autem fecistis illam speluncam latronum (Math. c. 21. v. 13). Mas que escandalo e que impiedade! Irem affrontar a Deus, ao Rei supremo, e commetter taes maldades na sua propria casa, como elle mesmo se queixa por Jeremias (c. 11. v. 15.)» Quid est, quod dilectus meus in domo mea fecit scelera multa?! Onde está a fé de taes monstros?! Acreditarão elles por ventura que ha eternidade, que ha Deus, que ha céo, e que ha inferno?! Se a um principe da terra, a um soberano do mundo, ultrajassem d'este modo no seu proprio palacio e na sua presença, que faria elle?! E será acaso Deus menos zeloso da sua honra?! Deus que diz por David (Psal. 68)—«Zelus domus tuæ comedit me»—O zelo da tua casa me devorou? Não é por certo, não, elle mesmo o diz por Jeremias contra os profanadores da sua casa (c. 11. v. 22.): «Propterea dicit Dominus exercituum: Ecce ego visitabo super eos: juvenes morientur in gladio, filii eorum et filiae eorum, morientur in fame=Portanto isto diz o Senhor dos exercitos: Eis aqui estou eu, que irei com a minha visita sobre elles: os mancebos morrerão á espada, os filhos d'elles e suas filhas, morrerão de fome». Melhor mostrou elle ainda o zelo da sua casa quando, de manso cordeiro que era, se tornou em leão furioso, expulsando do templo a golpes d'azurrague os que n'elle vendiam e compravam os animaes para os sacrificios «Et cum fecisset quasi flagellum de funiculis, omnes ejecit de templo, oves quoque, et boves, et numulariorum effudit æs, et mensas subvertit. (Joan. c. 2. v. 15)». Quando assim castigou com tal furor os que compravam, e vendiam os animaes que eram preciosos para os sacrificios, que se tinham a fazer no templo, quam terrivel não será elle para com aquelles que o insultam, ou desprezam ou aviltam com acções, ou palavras na sua morada?! Ai pois de todos estes profanadores, que já estão julgados!!!

Notem tambem os liberaes as palavras «animales spiritum non habentes» animaes brutos que não tem alma: e não se queixem de nós por lhes chamarmos bestas, mas quei-

xem-se do Espirito Santo, que antes de nós, e já ha dezoito seculos, lh'o chamou, porque já então os conhecia melhor que nós agora.

E que rasão tem elles para se queixarem de nós, se ainda ha poucos annos, como nós observamos, era moda e passava por luxo, andarem elles cobertos com os cobrijões dos burros, assim como agora é andarem cobertos com trastes das mlheres? Mas que parvos! Tudo é proprio do tal seculo das luzes.

Diz S. Judas n a sua Epistola: (1) estes são animaes immundos, que man cham a sua carne, desprezando todo o poder e auctoridade, blasfemando da magestade que adorna os reis, e que Deus n'elles deposita. Ai d'elles que seguiram as pisadas de Caim!!

Notem-se as palavra s «dominationem autem spernunt, magestatem autem blasphemant» que despresam toda a auctoridade, e blasphemam da magestade dos reis; porque não querem rei nem roque, para praticarem todas as maldades impunemente. Foi por isso que aboliram para elles a pena de morte, porque se julgavam dignos d'ella, e se ella existisse, poderia tocar-lhes algum dia; agora só a applicam aos realistas, se elles se levantam contra a divinal constituição, como aconteceu ha annos em Hespanha com os carlistas: e mesmo porque, para a applicarem quando lhes convenha, não necessitam da lei.

Diz S. Pedro: Ep. 2. c. 3. (2) nos ultimos dias virão uns homens enganadores, que em tudo não seguirão mais que suas proprias concupiscencias, dizendo aos catholicos para os preverter, onde estão essas cousas, que elle (Jesus Christo) disse? Onde as promessas que elle fez)? Onde a sua vinda a julgar-nos? Bem vêdes que é tudo falso; desde que o homem morre, nada mais ha que esperar: é como se não fôra, e o mundo vae continuando como no principio de todas as creaturas sem mais mudança alguma.

Assim fallam os incredulos ou liberaes desenfreados,

---

(1) Hi carnem quidem maculant, dominationem autem spernunt, magestatem autem blasphemant. Vœ illis, qui in via Caim abierunt!!

(2) Venient autem in novissimis diebus in deceptione illusores juxta proprias conscientias ambulantes dicentes: ubi est promissio, aut adventus ejus? Ex quo enim patres dormierunt, omnis sicperseverant ab initio creaturae.

negando a existencia de Deus, porque não querem que haja quem castigue na eternidade seus horrorosos crimes; e negando a divindade de Jesus Christo, porque não querem obedecer ao seu Evangelho, que lhes prohibe entregarem-se ás paixões brutaes desenfreadamente, e os obriga a confessar seus horrendos peccados aos seus ministros (o que elles não querem); e negando a espiritualidade e a immortalidade da alma no homem, porque acabando ella com o corpo, segundo os seus desejos, não teriam elles que receiar tormentos alguns para depois da morte. (122)

Mas que loucos e que cegos!! pensarem sem fundamento que os seus insensatos desejos hão de ser a regra, que determine o proceder de Deus!! ou que elle deixe de existir e de os castigar, porque elles o não querem!! Que terriveis castigos os não esperam por tão atrevidos insultos que fazem a um Deus Omnipotente!! Que obsecação da alma, não verem o fim péssimo que tem tido sempre todos os perseguidores da religião, e todos os possuidores iniquos e alienadores dos bens da Egreja, e todos os profanadores das cousas sagradas!! (123)

Não se lembram elles do caso do rei Balthazar, que bebendo á noite com as suas concubinas pelos vasos sagrados, que seu pae Nabuchodonosor roubára no templo de Jerusalem, viu logo dedos de gigante a lavrar-lhe na parede a sua sentença de morte, que n'essa mesma noite foi cumprida e que logo lhe fez bater de susto um contra o outro ambos os joelhos em activa convulsão?! Não observam esses insensatos os desastres continuados e sem interrupção, que acompanharam o soberbo Napoleão I, depois que Pio VII o fulminou com o terrivel anathema em seguida á sua prisão, do qual zombando este louco disse: «veremos se a excommunhão faz cahir as armas das mãos aos meus soldados?!

Não observam como, tendo elle passado o rio Niemen, se formou sobre todo o seu exercito pela extensão de cincoenta leguas, que elle occupava, a trovoada talvez maior e mais medonha, que se presenciou no mundo, de trovões, rios d'agua e raios que cahiam sobre elle, que lhe matou logo alli dez mil cavallos?! Não viram como na primeira batalha, que em siguida teve com os russos, ficaram deso-

rientados todos os seus generaes a ponto de não saberem mandar, commandando-se os soldados a si proprios, e perdendo elle quarenta generaes e quarenta mil homens?! Não viram que a excommunhão não só fez cahir as armas das mãos aos seus soldados, mas até as proprias mãos, nariz e orelhas, que tudo deixaram na Russia com o frio; d'onde, de seiscentos e cincoenta mil homens de tropas que lá levou, só retirou a final com dez mil, acabando elle ultimamente prezo na ilha de Santa Helena?; (vide Hist. Univ. do abb. Rohbacher). Não viram como ha poucos annos o malvado Cavour ministro do rei da Sardenha, fulminado pela apoplexia, foi pelo Omnipotente chamado a contas no dia do corpo de Deus com doze sangrias que levou, por causa do decreto impio, que havia passado contra o Eterno, para se não fazerem n'esse dia as devidas honras ao Santissimo?! E não viram como o Todo Poderoso passou outro decreto contra este louco, fazendo que as alegrias, que este libertino havia ordenado por outro decreto para o dia seguinte, se convertessem em tristezas, cobrindo-se de lucto todas as lojas maçonicas de Turim pela sua morte da vespera?! Não se viu cumprida n'este impio a sentença da Escriptura *Nolite errari, Deus non irridetur*, ninguem se illuda: de Deus não se zomba impunemente?! (Gal. c. 6. v. 7).

Não viram esses cegos os desastres que ha pouco seguiram sem interrupção esse perfido Napoleão III, depois de entregar Pio IX aos seus inimigos; tendo agora esse miseravel de acabar talvez prezo, como seu tio, o resto de seus negros dias?!

E não vêem como agora o ultimo anathema de Pio IX, depois de preso, contra os invasores dos estados pontificios e seus cumplices, obra sobre os revolucionarios, morrendo de apoplexia em um domingo os dois advogados romanos Bruni e Marcadanti, que tinham concorrido para este attentado?! assim como outro joven que, por escarneo á excommunhão, pedindo em um café uma bebida «alla scomonica» foi para casa depois de a beber, e morreu logo sem dar tempo a soccorros nem do corpo nem da alma?! Não viram como ao outro louco, que abençoando os circumstantes em uma sala para escarnecer de Pio IX, se

lhe fez logo a bocca negra, assim como uma das faces e metade do braço, e morreu gangrenado dentro de 24 horas?!

E não observaram como ultimamente ao pedreiro, que picava o nome de Jesus no frontispicio do collegio romano para o destruir, se espetou no craneo uma lasca, que o matou?! Não vêem o terror que vae em Roma, tanto no povo como nos revolucionarios, por causa d'estes e d'outros iguaes acontecimentos, que todos attribuem á excommunhão?!

Não se lembram esses desvairados, que o sanguinario Prim disse ha annos publicamente no parlamento hespanhol, que tomava sobre si a responsabilidade das mortes dos nove innocentes, que inermes foram assassinados junto a uma fonte com o nome de carlistas, assim como das mais que n'essa epoca se fizeram em toda a Hespanha?! E não viram como ha dias se cumpriu n'elle a sentença terrivel da Escriptura Santa: «quicumque effuderit humanum sanguinem, fundetur sanguis illius; ad imaginem quipe Dei factus est homo» (Gen. c. 9. v. 6); que todo o que derramar o sangue humano, será castigado com a effusão do seu sangue: porque o homem foi feito á imagem de Deus?! Não notaram a coincidencia de ser chamado por Deus á eternidade no mesmo dia 30 de dezembro passado, que elle tinha destinado para receber as honras de fazer o cortejo e acompanhamento ao rei que creara, e que no mesmo dia desembarcara?! E como não havia de ser assim, se o sangue de tantos innocentes, que aquelle monstro fizera derramar, de ha muito pedia a Deus vingança contra elle, como ha perto de seis mil annos a pedia tambem contra Caim o do innocente seu irmão Abel, como o diz o proprio Deus na Escriptura Santa: «Quid fecisti? vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra (Gen. c. 4. v. 10)? Que fizeste? a voz do sangue de teu irmão clama desde a terra por mim. Que terrivel annuncio para o assassino!!! E' esta voz assustadora, que elle ouve de continuo no intimo da consciencia, a que lhe rouba a alegria para sempre, e que o faz desgraçado por toda a eternidade (124).

Para saberem com clareza o fim terrivel, que tem sempre estes libertinos, mesmo cá no mundo, leiam a La-

ctancio, *De morte persecutorum*, e consultem a historia, que lhes deve fazer abrir os olhos, e convencel-os do exacto cumprimento d'aquella sentença prophetica do Psalmista: *mors peccatorum pessima* (Psalm. 33. v. 22.) que é sempre pessima a morte do peccador. E, se quizerem, nós lhe forneceremos uma extensa lista das mortes desastrosas que temos observado em volta de nós e no nosso tempo, em quasi todos os que se apossaram dos conventos, e mais bens da Egreja, ou commetteram malfeitorias muito escandalosas. E declaramos termol-as notado, porque não só accreditamos que a excommunhão contra os alienadores dos bens da Egreja, fulminada pelo Concilio de Trento, que o Exc.mo Snr. Bispo de Lamego, digno Prelado catholico, leu e explicou com clareza na sessão da camara dos pares de 22 de dezembro ultimo, é confirmada por Deus lá no ceo; mas tambem que elle começa a punir já n'este mundo com tremendos castigos os peccados de escandalo geral, por causa dos quaes ella é fulminada, para escarmento dos que despresam as leis da Egreja. E que ha peccados de tal gravidade e de tamanho escandalo, que Deus os começa a punir já cá n'este mundo, ninguem o póde duvidar: e é porisso, que o que se revolta contra seu pae, vem sempre a ter um filho, que lhe faça o mesmo; o que mata a ferro, a ferro é morto; o que trabalha ao domingo, recebe logo o castigo, etc. Não ha tambem cousa mais natural do que defender um homem a sua consorte de todos os insultos, perseguir os que a roubam, ou offendem, e castigar os filhos que se revoltam contra ella, se elle a ama como sua consorte; e amando Jesus Christo a Egreja, sua esposa, com um amor infinitamente mais puro e mais intenso, poderá elle olhar com bons olhos os que a despresam, ou a insultam, ou a roubam?!

E' por isso que a Egreja só applica a excommunhão á alma dos filhos rebeldes, separando-a da communhão dos fieis, como explicou o Exc.mo Snr. Bispo na citada sessão: mas Jesus Christo, que é Deus, e que é auctor da vida e da morte, applica-lhes a excommunhão ao corpo, separando-o da communhão dos vivos em muitos dos casos. E é por isso que se póde dizer affoutamente, que a excommunhão da Egreja obra sempre directamente sobre a alma, e

muitas vezes indirectamente sobre o corpo em punição do peccado que a occasiona; e na pratica observa-se que os que se apossam dos bens dos conventos e dos mais da da Egreja, não os disfructam por muito tempo, por isso ninguem zombe da excommunhão, porque zomba de Deus, e em tal caso mau fim o aguarda.

Diz S. Pedro, (Ep. 2. c. 2.) (1), que entre o povo catholico appareceriam mestres da mentira, que introduziriam seitas de perdição, attrahindo com affagos ao seu partido as almas inconstantes, e promettendo-lhes liberdade, quando elles mesmos não gosam d'ella por serem escravos da corrupção e das seitas a que estão sujeitos, fazendo escravos seus os que por sua desgraça se deixam enganar pelas suas palavras de mentira; para todos os quaes está reservado por Deus um juizo terrivel... e uma horrorosa escuridão de trevas.

Notem-se as palavras, *magistri mendaces* mestres da mentira, como se observa agora desgraçadamente nas escolas de todas as nações, que prevertem a incauta e innocente mocidade, ensinando-lhe o erro. E são estes os que nos exames reprovam a torto e a direito os estudantes, que se destinam para ecclesiasticos, e principalmente os dos collegios catholicos onde se ensina a fé pura, e que não approvam ordinariamente academico que não esteja iniciado no maçonismo.

E, o que é o maior de todos os escandalos, é mandarem os mestres de uns aos outros lyceus, só para reprovar os estudantes; como tem acontecido em alguns, onde além de obrigarem os que se destinam para ecclesiasticos a estudar curiosidades só proprias dos caixeiros, e que á maior parte dos padres nem são necessarias em toda a sua vida, nem lhes servem de nada, por fim os reprovam sem tom nem som, para os fazerem descoroçoar, e afugentar assim do serviço da Egreja, sem se importarem com as despezas feitas, a maior parte das vezes com bem poucas posses, nem com o desgosto que dão aos infelizes exami-

(1) Et in vobis erunt magistri mendaces, qui introducent sectas perditionis... pellicientes animas instabiles... libertatem illis promittentes, cum ipsi servi sint corruptionis... a quo enim quis superatus est hujus servus est... quibus judicium jam otium non cesset.. quibus caligo tenebrarum reservatur.

nandos. Por consequencia agora, n'este seculo d'estas luzes, para qualquer ser approvado é necessaria uma de tres cousas, ou ser mestre nas materias do exame, ou ser pedreiro, ou ter pae pedreiro, que tenha distincção nas lojas. Quando se viu tal nos seculos passados, em que estavàm em vigor n'esta infeliz nação e se cumpríam escrupulosamente as determinações do Concilio de Trento?

Notem-se tambem *qui introducent sectas perditionis*, que introduzirão seitas de perdição, como são todas as maçonicas, que tanto abundam hoje no mundo. E *pellicientes animas instabiles* attrahindo com affagos ao seu partido as almas inconstantes, ou de fé vacillante, que tantas infelizmente se tem deixado enganar por toda a parte. E notem-se principalmente as seguintes, com que o Espirito Santo os designa pelo seu nome privativo, e de todos já ha muitos annos bem conhecido: *libertatem illis promittentes* promettendo-lhes liberdade (125). E quem serão os que promettem a liberdade, senão os que por isso mesmo que a promettem, se chamam liberaes?! Annunciados ha 18 seculos!!! E pelo Espirito Santo!!! Já é honra, podem fazer gosto de si!!! Notem-se finalmente *cum ipsi servi sint corruptionis... a quo enim quis superatus est, hujus et servus est* quando elles mesmos que promettem a liberdade não gosam d'ella, por estarem sujeitos ás suas paixões que os dominam com todo o imperio, e ás determinações das seitas, a que se sujeitaram sob pena de morte pelo terrivel juramento maçonico.

E' de advertir que quem assim falla é o Espirito Santo, que os espreita lá mesmo nos escuros antros maçonicos, por estar presente em toda a parte. E com effeito não se engana; e senão digam-nos, que liberdade tiveram esses desgraçados academicos, esses filhos ingratos, a quem em 1828 caiu por sorte irem assassinar os lentes seus mestres e paes espirituaes na jornada, que faziam para Lisboa, para irem felicitar o Senhor D. Miguel I?! Seria por sua vontade, e por gosto, que elles andaram tantas legoas desde as suas moradas até ao alto do Sangredom, logar do horroroso parricidio, expondo-se á morte sem o menor prazer nem utilidade, sendo estorvados de assassinar tres dos lentes pelo general Salazar Moscozo, que com dois ajudan-

tes e dois cavallarias, fez Deus passar n'essa occasião por aquelle sitio, para se descobrirem os criminosos, que já tinham assassinado quatro?! Que liberdade tiveram aquelles tres malvados, em quem cahiu a sorte de irem assassinar o cardeal Rossi, vendo-se obrigados a adestrarem-se dias antes em um defunto, ensaiados por um cirurgião, para acertarem a punhalada na arteria do pescoço, e ser a morte infallivel?! E n'um defunto, que horror!!!

Que liberdade se póde dizer tem aquelles, que sob pena de morte, hão de cumprir cegamente as determinações de homens, destituidos de todos os sentimentos de creaturas racionaes, que obrigam os seus subordinados á quantos destemperos sonhem essas cabeças desorganisadas?!

Que liberdade pódem ter uns cegos, que se vêem obrigados a obedecer a um chefe, que nem conhecem nem sequer sabem onde elle existe, e que para nós passa quasi como artigo de fé que é o demonio, e que existe no inferno?!

E são as seitas maçonicas, como alguns por estupidez, ou antes por malvadez as inculcam, sociedades de beneficencia, ou de soccorros mutuos, ou sociedadades da gente de bem!!!

E se ellas são d'esta natureza, para que é preciso ainda agora, quando elles teem toda a liberdade, fazer as suas reuniões occultas e exigir dos iniciados um juramento tão rigoroso, que os obriga a nada revelarem do que possa dizer respeito á mesma associação?!

E para que serve essa atrocidade inaudita de penas e castigos, a que sujeitam os iniciados, no caso de faltarem á fé jurada?!

Por certo que deve ser impia e criminosa a sociedade que tanto se arreceia do dia e da luz, como lhes exprobra Pio IX na sua Allocução em consistorio secreto de 25 de setembro de 1865, na qual confirma a excommunhão fulminada contra os mações pelos seus predecessores Clemente XII, Bento XIV, Pio VII, e Leão XII, e na qual elle tambem os fulmina de novo.

Ora é certo que as raças se apuram tanto para o bem, como para o mal, e porisso, descendendo os revolucionarios ou liberaes dos judeus, e sendo todos incitados pelo

demonio, que n'elles entrou e os domina como seu senhor absoluto, de que maldades não são elles capazes?!

Foi por isso que o grande José Agostinho de Macedo, essa capacidade de vulto que tanto se consumiu a explicar a sua malicia, correndo no diccionario da lingua portugueza todos os vocabulos que significam maldade, não achou nenhum que podesse exprimil-os completamente, por elles serem capazes de todas as maldades imaginaveis: e enfadado concluiu, que se lhes desse o nome de malhados, ou manchados, por ser o que melhor lhes convinha. Nós porém suppomos que o de liberaes é o que melhor os exprime, por ser com elle que o Espirito Santo os designa. E de certo nenhum outro os exprime melhor, por isso mesmo que elles proprios, que a si se conhecem bem, é com elle mesmo que se appellidam.

E' certo que, enriquecendo Deus o homem com esse tão precioso dom da liberdade propriamente dita, para que elle obrando por motivos racionaes e sem coacção, tendo sempre em vista a Deus, como seu ultimo fim, seguisse o bem e por isso merecesse o ceo; esses monstros abusam d'ella, seguindo desenfreadamente só as suas paixões brutaes, a que a natureza corrompida pelo peccado dos primeiros paes os incita, e obram sóo mal contra a vontade de Deus, que lh'o prohibe, mas que os não estorva, porque dando-lhes a liberdade não lhes tirou a potencia de peccar.

Por consequencia não havendo motivos rasoaveis, nem freio algum que os contenha, seguem elles só a sua vontade depravada e se tornarão licenciosamente livres, e são liberaes na accepção mais lata.

Foi provavelmente fundado n'estas ideias que um nosso grando philosopho portuguez, um dos melhores conhecedores d'esta gente, e que muitos annos tem empregado em explicar as suas maldades em seus preciosos artigos, publicados na «Nação», o exc.^{mo} snr. dr. Alvaro Vaz Corrêa de Seabra, avançou ha muito a proposição de que os liberaes são peiores que o demonio, ou mais atrevidos que elle.

E nós concordamos com este sabio escriptor, porque possuindo elles uma malicia propriamente sua por causa da

natureza corrompida, e herdando a malicia dos judeus de quem descendem, e sendo influenciados pela malicia dos demonios que se tornaram senhores da sua alma, como propriedade sua, vem a dar-se n'elles o requinte da maldade.

Demais como não conhecem a Deus nas suas obras, nem na Biblia pela revelação, em que não crêem; nem experimentaram ainda os tremendos castigos eternos, que Elle lhes tem preparado no inferno, como os tem já experimentado o demonio ha tantos mil seculos, não admira que sejam mais atrevidos que elle.

Manes é certo, que não foi o primeiro heresiarcha que appareceu no mundo, mas tambem é certo, que deu elle á sua seita tal desenvolvimento e organisação, que nunca mais pôde ella ser extincta pelos monarchas, que a perseguiram por todos os modos que poderam, por ella trabalhar e propagar-se sempre nas trevas.

E' tambem certo, que já elle apregoava a tão decantada liberdade e igualdade, que acompanhou de gravissimas torpezas, as quaes legou á sua seita, e que o ouvil-as revolta o estomago; em premio das quaes, e das suas declamações de—liberdade e igualdade—foi mandado justiçar pelo imperador da Persia, e com tal rigor, que foi esfolado vivo. (Defensor da Religião).

E' de advertir, que os manicheos, seus discipulos, já ha 15 seculos se chamavam a si proprios os illuminados, ou filhos das luzes, de sorte que Santo Epiphanio, que viveu no 5.° seculo diz, que elles quando se encontravam se davam as mãos uns aos outros em signal de amisade (se entre elles a podia haver, *quod non credo*) e em signal de terem sido preservados das trevas: *Manicheorum alter alteri obviam factus dexteras dant sibi ipsis signi causa velut a tenebris servati.*

Durou esta seita diabolica com o nome de manicheos muitos seculos (Diccion. theol. de Bergier) até tomar o nome de maçonica, ou dos pedreiros livres; e foram os herejes, seus sectarios, e os de todos os ramos, que d'ella descendem, como os das seitas d'hoje, olhados em todos os tempos com horror, e como monstros affrontosos á natureza; de sorte que querendo S. Cyrillo, que viveu no 4.°

seculo, descrever com a decencia possivel as incriveis obscenidades que elles practicavam em seus occultos ajuntamentos, diz: que se não atrevia para não manchar a sua lingua. *Pollueremus certe cert os nostrum hæc discentes.*

E desgraçamente ainda hoje os mações seus descendentes, se entregam a essas torpezas; porque ha annos nos contou pessoa de credito, que em certa casa de uma cidade não mui distante, onde se faziam os taes ajuntamentos, vira pelo buraco da fechadura uma enfiada de camas mais bastas que em nenhum hospital. E contou-nos mais outra pessoa do maior credito, que em certa casa de outra cidade, tambem pouco distante, e de familia que nós conhecemos, em uma reunião dos veneraveis e das veneraveis (que tambem as ha por impossivel que pareça) se apagaram de repente á noite todas as luzes, para se entregarem ás obscenidades *promiscui sexus, et primi capientis.*

São os mações que tem introduzido a devassidão espantosa que se observa hoje no mundo, de sorte que ha dias ficamos horrorisados com o que nos contou um padre que vinha de Basto, dizendo-nos ter lá observado com assombro homens libertinos a proferir diante de mulheres palavras das mais obscenas e ellas não só ouvirem-nas com a maior satisfação, mas até excital-os para as dizer. São estes os effeitos das assembléas nocturnas em que se ajuntam os diversos sexos que alli estão em moda d'essas reuniões infernaes que o demonio lá poz em uso para desmoralisar as familias. E haverá homem de senso que queira para casamento mulher de similhante terra sem haver primeiro escrupulosa inquirição sobre a sua vida e costumes? E o que mais horrorisa ainda é ouvirem-se taes palavras a homens que foram destinados para sal da terra, e luz do mundo. Estes ninguem póde duvidar que pertencem a essas seitas diaboliças, e que por ellas foram depravados. São estes dos que diz o Espirito Santo: *Homo cum in honore esset, non intellexit; comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis.* (Ps. 48. v. 21.) não conheceram a dignidade do seu caracter *in tenebris ambulant.* E' certo que são rarissimos os que assim perderam o juizo, mas esses mesmos poucos que estragos não causam! Como será o juizo final de pessoas que dão tamanho escandalo?!! Que gosto

sentirão estas pessoas em dizer similhantes palavras que bem se podem chamar graças desengraçadas; e que á maior parte da gente causam nojo? Nós pela nossa parte declaramos achar-lhes tanta graça como a um chaile em cima de uma batina, ou a indecente posição de alfaiate, que alguns tomam no sagrado templo, quando se assentam, cruzando uma perna sobre a outra por falta de educação ou de respeito, ou antes por impiedade.

Advertimos tambem aqui de passagem que é devida aos mações a profanação dos dias do Senhor em grande escala que hoje está em moda em toda a parte e principalmente no Porto e Lisboa, de sorte que ha dias ficamos na maior consternação ouvindo a pessoa de credito que vira no Porto trolhas a ganhar o dia ao Domingo como se fôra pela semana. Ai de nós que de certo não passamos sem o tremendo flagello que peza sobre a França e mormente sobre Pariz por causa dos mesmos peccados, porque parte do povo se esqueceu totalmente do seu Creador, e parte d'elle se revoltou contra Deus ! !! Por certo que não temos privilegio para escaparmos á ira do Senhor, e por isso ai de nós ! ! !

Por consequencia nem o seculo das luzes, que hoje tanto se apregoa, nem as palavras favoritas de —liberdade, igualdade, fraternidade e philantropia,— com que nos aturdem de dia e de noite os ouvidos, são cousa nova.

E a todo o que nos recitar muito tal ladainha, nós lhe passamos, *in continenti*, attestado de maçon, e até jurado, se necessario fór; porque as suas luzes são todas maçonicas.

Em conclusão pois, parece-nos não termos errado em considerar Manes como primeiro patriarcha dos mações, como o illustre articulista pretende fazer acreditar.

A liberdade na accepção mais lata, e por consequencia a revolução, datam já da queda dos espiritos angelicos; e por isso, em rigor, foram os demonios os primeiros liberaes, e os primeiros revolucionarios, mas não foram elles conhecidos por estes nomes, nem mesmo os manicheos, embora já elles apregoassem a liberdade e a igualdade.

A applicação pois d'estes nomes é moderna e apenas usada segundo parece, ha meio seculo, pouco mais ou me-

nos, para exprimir os revoltosos da 3.ª classe e d'estes ultimos tempos.

E' certo que a liberdade e a revolução, como antiquissimas, deram a origem ao maçonismo, ou organisação systematica da guerra contra toda a auctoridade, e contra os cobres dos que não são mações: mas não é menos certo, que o maçonismo pela sua parte, por trabalhar com methodo e systematicamente, foi o que deu á liberdade e á revolução o desenvolvimento espantoso, que agora se observa no mundo.

E' igualmente certo que os liberaes, os revolucionarios e os mações seguem todos os mesmos principios, entregando-se a todas as concupiscencias, como diz a Escriptura Santa e como nós observamos; e seguindo livremente todos os impulsos da vontade estragada, têem todos sempre em vista o mesmo fim, que consiste em banir da terra toda a idéa do Deus verdadeiro, acabar com a sua santa lei, com os seus ministros e com todos os monarchas do mundo, porque não querem auctoridade nenhuma, que os estorve de satisfazerem os seus appetites, nem de deitar as unhas ao que é dos outros.

E é por isso que o grande segredo se conserva só em meia duzia dos machuchos, e nenhum parvo, mesmo dos monarchas, que tem a desgraça de lá cahir, o chega a pescar (vide a *Franc Maçoneria* pelo padre Gyr.) Porém, supposto todos os mações sejam liberaes e revolucionarios, nem por isso todos os liberaes e revolucionarios são mações, porque ainda que todos elles sem distincção obedecem ás determinações das lojas maçonicas, nem por isso estão elles todos obrigados pelo terrivel juramento, e sob pena de morte, a cumprir cegamente estas ordens infernaes, como o estão os mações, que todos são ajuramentados: e é sómente em serem ou não serem ajuramentados, que parte dos liberaes e revolucionarios se differençam dos mações.

Dividem-se os mações em duas especies: em liberaes anarchicos, e em liberaes pseudo-monarchicos, ou falsos monarchicos. Liberaes anarchicos são os que d'entre si elegem o maior malvado e mais atrevido, para os commandar e conduzir ás emprezas da sua profissão maçonica. Es-

tes são os que atacam a Egreja Catholica directamente, ou frente a frente, e que assaltam a toda a hora do dia e da noite, segundo melhor lhes convém, tanto as egrejas e conventos, como as casas dos particulares, pela regra de que tudo já (já se sabe), que é dos outros deve ser commum, para elles. Tomam elles varios nomes segundo as epochas, chefes e circumstancias, como os de republicanos, democratas, revolucionarios propriamente ditos, socialistas, communistas, progressistas, vermelhos, carbonarios, etc.; podendo servir de exemplo o malvado Garibaldi com a sua enorme matilha de salteadores, que tem sempre alimpado tudo por onde tem passado. Os liberaes anarchicos, por serem francos, ou patentearem toda a sua hediondez sem rebuço, têem tido a desfortuna de durarem pouco no poder ou como governo.

Não se nos argumente porém, com o systema de governar dos Estados Unidos, para nos inculcarem a republica como bom governo; porque a republica dos Estados-Unidos não obedece a influencias maçonicas; e é um governo, ou systema ordenado de dirigir aquelle povo para a sua prosperidade, ainda que por um modo imperfeito, por não produzir o desenvolvimento que produz o monarchico, unico perfeito, por ser modelado pelo governo de Deus. Este governo, pois, chamado republica propriamente dita, é pelo menos o primeiro grão de ordem depois do estado de selvagem, porém a republica, filha da maçonaria, é anarchia, ou republica impropriamente dita, que não conhece se não desordem nem respeita direitos, e por isso é muito peior que o estado de selvagem.

No estado de selvagem o inimigo ataca sem methodo, e é muito mais facil resistir-se-lhe; mas no systema anarchico inspirado pelos antros maçonicos o inimigo ataca com methodo e em grandes massas; e por isso a resistencia é quasi sempre sem effeito emquanto não chegar o termo em que Deus diga: quero... Segue-se portanto, que ha menos relações entre o goveno dos Estados-Unidos, ou a republica propriamente dita que conhece alguma ordem, e a republica impropriamente dita, ou anarchia que só conhece desordem, do que entre o dia e a noite, qne conhecem sua ordem propria. (126)

Liberaes pseudo monarchicos são os que elegem um

rei ou antes, podendo, uma rainha que reine mas não governe, para lhes assignar de cruz e sem ler, todas as determinações das lojas, fazendo as vezes de rei de copas; pelo que lhes dão a esses reis uma gorda prestação, para andarem nedios e contentes. Porém dura-lhes pouco esta felicidade, porque logo que comecem a fazer-se finos, passam-lhes passaporte para o outro mundo, e a eleição cahe n'outro, que nem veja, nem ouça. Metem-lhe depois na mão, como insignia propria, um papel com quatro ratices escriptas com lettras grandes e adaptadas á sua profissão maçonica, dizendo em um dos artigos, que a religião catholica será a religião do estado; ao qual papel dão o nome de carta por excellencia. Em seguida passam um decreto, assignado pelo tal sujeito, chamado rei, em que dizem, que para a prosperidade da agricultura e bem da lavoura, não convém que os lavradores se empreguem na milicia, ou sejam milicianos, e que por isso larguem as armas.

Passam logo outro em que dizem, que para socego publico e descanço das familias, ninguem possa trazer armas de fogo, nem retel-as em casa, nem por consequencia possa matar um carriço, ou chincharrabelho, menos que não consiga para isso licença da administração, mediante a contribuição de 10 reis por dia ou 3$600 reis por anno, e dê fiança idonea de que é pessoa bem comportada, isto é, que pertence á sucia dos liberaes.

Ahi apparece depois outro decreto, em que se diz, que não convem que estejam reunidos em uma casa homens ociosos e sem proveito para a nação, e em tal caso fóra frades e vendam-se os conventos porque já não tem dono, e são bens nacionaes.

Concluidas estas ceremonias e desarmado o povo, toca a malhar-lhe de cima, e com todo o peso. Ahi chovem agora decretos e leis, em que se exige do povo inerme tanto de rendimento collectavel, tanto da precentagem, tanto de verba annual da contribuição predial, e addicionaes de tanto por cento para viação, e dois por cento para falhas, tanto de decima de juros, mais cinco por cento addicionaes, mais tanto pelo sello de conhecimento, mais cincoenta por cento, mais tanto para a divida fluctuante, mais tanto por cada cousa que se comer, e beber, e vestir,

mais tanto quando se passar pelas pontes das estradas, mais tanto para registro das hypothecas, mais tanto por o filho chegar ao estalão, mais tanto por ter burro, mais tanto por cada outro animal que tenha, etc.; o que na verdade faz derreter os miolos, e para se entenderem estes termos technicos é preciso ter á beira um diccionario maçonico.

Segue-se depois a nomeação do exercito de empregados para a arrecadação d'estes tributos, e os seus emolumentos, que cheguem, já se sabe, para passar á larga: ou não fôssem elles dos benemeritos!! E' por estes meios, que nós conhecemos ha bem poucos annos muitos d'estes philantropos de sócos, sem meias, de jaqueta e chapéo velho, e agora vêmol-os todos aceiados que nem uns desembargadores, gordos como nabos, vermelhos como pimentos, fallando de papo, e com sua senhoria, ou excellencia, a escolher, porque estamos na epocha das excellencias, que não tardarão a dar-se aos cães e aos gatos; e berrando com toda a força do pulmão «viva» a liberdade, «viva» a carta constuticional: e pudera não!! de certo que não ha melhor modo de vida.

E' pois só na avultada somma de tributos e de empregados para os receber, que d'antes não havia, e na desmoralisação geral em todos os sentidos e em todas as classes da sociedade, que consiste toda a belleza e perfeição da constituição, ou liberdade liberal, ou progresso, ou civilisação moderna. Que praga terrivel!!

Como porém com estas tranquibernias ainda se não apanha o dinheiro todo, ahi apparece outro decreto, em que se diz, que quem quizer trocar o seu dinheiro por uns papelitos pintados, a que se dá o nome de inscripções do governo, receberá seis ou oito por cento; e lá lhes vae ter ás unhas o dinheiro da maior parte dos tolos.

Mas como ainda assim resta algum que não cahiu n'esta rede, ahi apparecem annuncios por todos os cantos em que se diz, que quem quizer entregar o seu dinheiro a uma companhia, (já se sabe de larapios), a que dão o nome de seguro de vidas, que vae negociar com as acreditadissimas inscripções do governo d'Hespanha, dando por exemplo cem mil reis, se morrer dentro de cinco annos nada receberá nem mesmo do capital, mas se viver rece-

berá dois ou tres contos. Findo este praso, ahi apparece uma declaração dos taes meliantes que será melhor os parvos accionistas demorarem mais outros cinco annos, aliás que não poderão receber o capital por inteiro; e passados mais dois, ou tres annos, lá chega a noticia de que falliu a tal companhia; e os papalvos, que cairam n'esta rede maçonica, ficam a chuchar pelo dedo e em tal miseria, que por vergonha nem sequer podem contar o acontecido.

Falta agora para cumulo da desgraça a desamortisação ou amortisação dos bens das irmandades e confrarias, isto é, a ultima rapina, ou troca forçada dos bens reaes pelos papelitos pintados, que nem bens imaginarios se podem chamar, porque a final nem até hão de vir a servir para a derradeira applicação, que costuma dar-se aos papeis inutilisados. E falta a reunião das egrejas e venda dos passaes, assim como a celebre dotação do clero; isto é, a entrega obrigatoria dos bens, que sustentam os ministros do culto, aos seus inimigos para depois em paga ficarem a receber d'estes seus bemfeitores uma esmola, se lh'a quizerem dar e emquanto queiram. E ha padres tão parvos, que todos se alegram quando ouvem fallar na tal dotação; o que nós haviamos de chegar a vêr!!

E' esta a ultima fouçada que vão dar na casta esposa de Jesus Christo, que está por esta gente sentenciada a morte affrontosa, se tiverem tempo de lh'a dar (127).

Ora estes ratazanas, que apanham a si tudo o que é dos outros por estas trapaças, alem de pseudo-monarchicos chamam-se constitucionaes, ou simplesmente liberaes, ou cartistas, ou moderados, ou ordeiros, ou chamorros, ou historicos, etc., segundo as epochas e chefes mações que sobem ao poder. Estes como fazem guerra assolapada, ou indirecta á Egreja Catholica e ás algibeiras dos profanos, acobertados pelo tal espantalho chamado rei, pela tal carta infernal e pela mesma religião, e como trabalham com methodo e systematicamente, apanharam a si toda a riqueza, de sorte que já hoje não apparecem 5 reis por parte alguma, e reduziram a Egreja ao estado de moribunda: de sorte que agora só Deus póde valer ao mundo, mas por um milagre nunca ouvido.

Foi, pois, o plano d'estes de resultado seguro e in-

fallivel, devido á aturada meditação e combinação de muitos seculos das assembleias maçonicas, presididas por Satanaz.

Como o homem naturalmente aborrece o trabalho por affligir o corpo, e como appareceu esta descoberta maravilhosa, com que se conseguem todas as commodidades sem o menor custo, apanhou esta seita endiabrada na sua confraria todos os mandriões, vadios e desmoralisados, de sorte que hoje conta em todo o mundo muitos milhões de adeptos.

E advertimos aqui de passagem ás pessoas de todas as condições que queiram salvar-se, que se acautellem de entrar sós em casa de suspeita, porque nós sabemos de muitas, que tem sido obrigadas á força a prestarem o infernal juramento maçonico, das quaes umas se tem livrado á força d'armas, outras saltando de sacadas ou janellas abaixo, e outras lá tem cahido; e sabemos tambem de algumas mulheres que tem sido convidadas, e por quem: por isso fazemos esta advertencia para que se vigiem.

Differençam-se pois, os liberaes anarchicos dos pseudo-monarchicos sómente, em que os anarchicos fazem a guerra d'assalto, como inimigos declarados da religião e da propriedade em poder dos outros, e indo pelas cousas ás casas de seus donos; e os pseudo-monarchicos em fazerem a guerra á religião indirecta e assolapadamente, ou sempre encoberta, valendo-se da traição como sua arma favorita, e obrigando os profanos com as suas trapaças a levarem-lhes a casa os seus dinheiros, mas pretextando sempre a prosperidade da lavoura, do commercio e da industria.

D'estes póde servir de exemplo Luiz Filippe ou qualquer dos Napoleões com a sua enorme patrulha de empregados, e outros que nós conhecemos por esse mundo.

Qualquer que queira entrar mais a fundo no conhecimento dos liberaes, ou mações, poderá ler com proveito os artigos de José Agostinho de Macedo, do «Defensor da Religião», do exc.^mo^ snr. dr. Alvaro Vaz Correia de Seabra, e da «Nação»; assim como a franc-maçonaria pelo padre Gyr, e mui principalmente o Syllabus, e mais allocuções do mestre infallivel da verdade, o Santissimo Padre Pio IX,

e mais Papas, que anathematisaram estas seitas anti-religiosas e anti-sociaes, onde se acham mais esclarecidos e auctorisados todos os pontos ou proposições e até phrases e palavras do nosso protesto e d'esta breve explicação.

Porisso quando o abençoado rei da Prussia, hoje, por ordem de Deus, o Salvador do mundo, dér cabo da maldita constituição, nós rogamos a esse diabolico systema as mesmas imprecações, que rogam a si proprios os mações no juramento infernal que dão, quando tomam o primeiro grau maçonico, se revelarem o segredo das lojas, e são as seguintes: que os labios da constituição sejam queimados com um ferro em brasa, se ella cá tornar; que lhe decepem as mãos, para que não roube mais no mundo; que lhe arranquem a lingua para que não profira mais blasfemias contra Deus; que lhe cortem o pescoço, para que não engula mais o que é dos outros; que o seu cadaver seja enforcado n'uma loja maçonica ou antes n'um salgueiro, como Judas, para escarmento dos liberaes que a adoram, e terror para os nascidos e por nascer; e que o seu corpo seja queimado, e as cinzas lançadas ao vento, para que não reste d'ella o menor signal, mas para parte onde a sua maldade não torne mais a empecer aos vivos, etc. (vide «Franc-Maçonaria» pelo padre Gyr).

São, pois, os liberaes com os anjos negros encastoados na cabeça os que entraram em Roma; e fica salva a chronologia biblica, e a lista dos herejes, do que duvidava o illustre articulista.

Estando, pois, condemnada a liberdade liberal, ou o liberalismo e maçonismo, por Deus pelas palavras «ai dos que fazem sociedades secretas», que na Escriptura Santa significam sempre condemnação eterna, e pelas palavras «que está reservado por Deus nm juizo terrivel, e uma horrorosa escuridão de trevas, para os que promettem a liberdade, e para os que se deixam enganar por elles», e estando do mesmo modo condemnada por Pio IX, e pelo Concilio Ecumenico do Vaticano; segue-se que nenhum liberal e nenhum mação, póde valida, nem licitamente, receber sacramento algum, nem por consequencia salvar-se, por estar fóra da communhão dos fieis emquanto não ab-

jurar taes erros, que são contra a fé, e emquanto não fôr d'elles absolvido por ministro competente.

E em tal caso queriamos nós, que os padres liberaes que se inculcam catholicos e se sustentam da Egreja Catholica, como seus ministros, nos explicassem como concordam a sua liberdade liberal com a Escriptura Santa, e com a condemnação de Pio IX, e do Concilio Ecumenico do Vaticano: por outra, e mais claro, como concordam Jesus Christo com Belial?!! Mas que traição!!! Seguirem elles e auxiliarem o infernal partido dos matricidas d'aquella, que lhes deu o ser de catholicos, que os sustenta, que lhes dá todo o brilho no mundo, e lh'o daria na eternidade se elles se conservassem fieis!!! E com que fim, ou com que utilidade, auxiliam esses loucos os que procurando a morte da sua e nossa mãe, tramam primeiro a nossa e mesmo a d'esses filhos ingratos, por isso que todas essas feras olham com rancor todos os ministros do sanctuario, ainda mesmo esses que elles depravaram, por não quererem confessar seus horrorosos crimes, nem obedecer ao Evangelho a que são obrigados?!! (128).

Queriamos tambem que as pessoas seculares de ambos os sexos, que são liberaes, e presumem de catholicas e até de virtuosas, se a sua virtude não é fingida, e uma refinada hypocrisia, nos explicassem em portuguez claro e intelligivel, como concordam a sua liberdade liberal com a Biblia e com as definições da Egreja, ou com a fé catholica; por outra como podem juntar a Deus, rei dos céos, com Belzebut, rei dos infernos, e como elles juntos ficam em paz?! Parece-nos, porém, que a explicação de todos seria a mesma que se houvesse de dar da quadratura do circulo, ou de ser rei sem governar (129).

Mas ai de todos, quando a morte lhes abrir os olhos, e a clara vista da eternidade lhes dissipar todas as illusões de cá do mundo!!!

Como ajustarão todos elles as suas contas perante Aquelle que foi presente a todos os seus actos, e vê o interno dos corações e que, por isso, não admitte desculpa *scrutans corda et renes Deus?!*

Quando o actual rei da Prussia e brevemente imperador da Allemanha, era ainda general, já nós sabiamos que

elle era protestante e mação do rito escocez; mas tambem já então sabiamos que elle era inimigo dos liberaes, porque era homem de juizo, e tanto que quando em Berlim houve a revolução, se retirou elle para fóra da cidade para não perder a paciencia e mandar fazer fogo aos revolucionarios contra vontade do então rei, que menos conhecedor da tal sucia, queria movel-os pela sua eloquencia, tirando em resultado final um tiro por um braço; e nem era de esperar outra recompensa de taes féras. Sabemos mais que este actual rei da Prussia respeitou sempre o Santo Padre e o presenteou com as alcatifas para todos os padres do Concilio do Vaticano; e que não só respeitou sempre os padres catholicos, mas tambem os catholicos seculares do seu reino.

E por isso vive elle no erro, porque nasceu n'elle e n'elle foi educado, e nunca a verdade lhe alumiou o intendimento. Sabemos mais que elle teme a Deus e confia n'Elle, porque mandou fazer preces publicas em todas as egrejas catholicas e protestantes dos seus estados antes de principiar a guerra, elle mesmo assistiu a ellas, e fundou todas as suas esperanças de bom exito da guerra em Deus; como se póde ver no seu manifesto antes da guerra, quando Napoleão, o Christianissimo, só confiava nos seus heroes da Criméa, de Solferino, etc., como se póde vêr tambem no seu manifesto. Sabemos mais que este religioso monarcha encheu o seu exercito de padres catholicos, com bom soldo, cavallo, camarada e honras de officiaes, para confessarem, dizerem missa, e ajudar nas proximidades da morte os seus soldados catholicos.

Sabemos mais que elle na nota que mandou ao seu ministro em Florença, lhe disse, que havia de defender os interesses dos seus subditos catholicos, os quaes como catholicos consistem no restabelecimento do Papa no seu throno temporal, como d'antes, para fallar livremente: e tambem os direitos civis que tinham nos estados pontificios garantidos pelas leis do governo pontificio.

Não nos admira pois, e até cremos, que Deus se serve d'elle como instrumento cá na terra da sua justiça contra os seus inimigos, que o são por maldade, e manda aos seus anjos para o ajudar. E é n'isso em parte, que nós ve-

mos o milagre estupendo em se servir de um protestante e de um mação, que o é de boa fé e por erro de intendimento, para esmagar os protestantes e os mações, que o são por maldade.

Por isso póde o illustre articulista accreditar sem receio de errar, que as victorias continuadas e sem interrupção do exercito prussiano sobre o francez, não são devidas á desegualdade das forças, nem aos petrechos de guerra, ou pericia militar; mas ao braço de Deus, que peleja do seu lado por meio dos seus anjos bemditos.

Declaramos tambem estarmos convencidos, de que no fim da guerra Deus esclarecerá por algum meio este bondoso monarcha, para elle abjurar os seus erros, entrar na Egreja Catholica, e dar-lhe depois o ceo em premio dos seus serviços.

Conhecemos muitos liberaes de boa fé, que reputamos por pessoas de bem e honradissimas; e supposto nós aborreçamos a liberdade de todos, como imcompativel com a religião catholica, com muitos todavia temos tido amisade a mais intima, como foi com o exc.^mo general Ferreira, governador das armas do Porto, desde o nosso acampamento das Sete Fontes quando elle era ainda coronel do regimento 8 de Braga em 1846, até á sua morte, que sentimos como se fôra pessoa da nossa familia, e de quem ainda conservamos mui acauteladas cartas honrosissimas como de certo ninguem em todo o reino será capaz de apresentar.

Tivemos e ainda conservamos amisade a mais sincera com muitos, que nos tem honrado com os seus serviços, e nós a elles, sabendo que são liberaes e até mações, por não conhecerem a maldade de tal partido e de tal seita, que de proposito se lhes encobre (vide a «Franc-Maçonaria» do padre Gyr).

Mas esses na realidade são dos nossos, porque se conhecessem, como nós, o veneno d'esse partido do inferno, de certo o detestariam.

Não tendo os monarchas podido até hoje extinguir as infernaes seitas dos manicheos e dos mações, seus successores, que juraram enforcar o ultimo rei com as tripas do ultimo sacerdote, tambem não é de esperar, que possam

ser extinctas pelo rei da Prussia; e mui contentes ficaremos nós os catholicos por elle as supplantar, destruindo-lhe pela raiz a preponderancia que agora tem no mundo. E por isso por mais cabeças que elle esmague, sempre hão de restar muitas, e ha de restar tambem por conseguinte a descendencia das esmagadas, e das por esmagar; e em todo o caso portanto são necessarias para os casamentos as inquirições.

E advertimos ao illustre articulista, que, segundo temos observado até aqui, as familias, que as tiravam, eram todas realistas ou legitimistas, e por consequencia catholicas, e das que as não tiravam apenas alguma o era (130).

Note-se que nós dizemos realistas, e por consequencia catholicos, porque não admittimos politica nas questões, que hoje se debatem no mundo, principalmente na Europa; mas religião, e sómente religião, porque ha dois partidos, ou do ceo ou do inferno.

E entendemos que o chamar-se politica a taes questões é um sophisma que suggere o demonio aos mal intencionados, porque hoje não se tracta de decidir se ha de governar este ou aquelle da mesma familia, ou se ha de este ou aquelle governar com estas ou aquellas leis, só relativas á administração civil dos povos e sua prosperidade temporal, no que consistiria a politica, mas em decidir sobre quem governará com estes ou aquelles principios, conformes com o direito divino e humano, como os realistas, ou com principios contrarios a um e outro, como os liberaes.

Acceitamos o epitheto de miguelista, com que nos honra o illustre articulista, porque sempre o fomos e sempre quizemos que todos soubessem que o eramos; mas não aceitamos o de guerrilheiro por o não termos sido.

Declaramos-lhe, para livrar de equivocos, que fomos por acclamação popular, e nos assignavamos, como se póde ler na carta, que escrevemos em 1846 á Senhora Dona Maria da Gloria, então rainha de facto, d'estes estados, publicada no «Periodico dos Pobres do Porto», d'esse tempo, —defensor das Cinco Chagas, e general commandante das forças populares do Minho e Traz-os-Montes.

E suppomos, que ninguem até hoje chamou guerrilha á força enorme do povo, que enchia todo o arraial do Bom

Jesus do Monte, que no dia 18 de maio do mesmo anno deseeu a Braga, e attestou o campo de Santa Anna, calculando-se em mais de trinta mil homens; ou o do acampamento das Sete Fontes, que tudo nós tivemos a honra de commandar.

Reppellimos o terrivel epitheto de sanguinario que algum ou alguns liberaes nos dão, pela simples leitura do nosso protesto, porque nada sabem de hermeneutica, e não entendem o portuguez, como mostra entendel-o o illustre articulista; pois não podendo confirmar tal asserção com facto nenhum de toda a nossa vida, só a podemos reputar como uma injuriosa calumnia, filha de almas depravadas.

Repellimos igualmente o horrendo epitheto de rancoroso, que os mesmos liberaes nos dão por nós ralharmos da impiedade. E como não havemos nós ralhar d'ella, se ainda ha dias, dois libertinos e bem novos disseram publicamente n'uma loja de negocio, que Jesus Christo fôra republicano!

Que horrivel blasphemia !!!

Fazerem de Jesus Christo, que é Deus, chefe de salteadores! E' até onde póde chegar a maldade!

E nós que cremos em um Deus que nos creou, que nos conserva, que nos dá tudo, e nos ha de julgar um dia, somos rancorosos por gritarmos contra estes e outros blasphemos, que renegaram da fé, e atacam a religião com tal atrevimento! Rancorosos são esses, que nos dão tal appellido: porque ainda conservam o odio do Calvario, e não perdem a aversão á religião de Jesus Christo.

E não se diga que a Egreja Catholica é uma republica, da qual o Papa é presidente por eleição dos cardeaes; porque é uma falsidade, que não tem o menor fundamento.

Ninguem se atreverá a provar, que Jesus Christo, fundador e agora cabeça invisivel da Egreja Catholica, fôra para isso eleito, excepto se quizer dizer que o fôra pelo Consistorio da Trindade Santissima, em que elle figurou tambem como a segunda pessoa, e se offereceu a si proprio por sua livre vontade, para remir o genero humano.

Ora trazendo elle missão do Padre «qui misit me Pater» e sendo um com elle «Ego et Pater unum sumus» (S. João c. 5. v. 37 e c. 10, v. 30), segue-se que é monar-

cha da Egreja, que fundou, como já antes o era de toda a natureza.

E quanto aos cardeaes no consistorio da eleição do Papa não fazem mais, que indicar qual é o padre que o Espirito Santo escolhe para fazer as vezes, e ter na terra a auctoridade de Jesus Christo sobre a sua Egreja, sendo para conseguir essa certeza, que elles se retiram do bulicio do mundo o tempo necessario, e por todo elle se entregam ao jejum e á oração.

E por isso é o Papa não só monarcha temporal dos seus estados, mas tambem espiritual da Egreja Catholica, como o é Jesus Christo, que o auctorisa, como seu logar-tenente; e é portanto a Egreja monarchia, e não republica.

Mas, por elle ser monarcha temporal, ninguem poderá dizer que elle condemna alguem á morte, como vimos asseverado sem pejo em um pamphleto, publicado ainda ha dias por um escriptor impio; porque se os monarchas seculares, que o são só dos seus estados, não têem tempo para condemnar á morte, nem consta que algum o faça, tendo para isso muitos ministros pelos diversos districtos dos seus estados, que seguem os processos regulares; como poderia ter tempo para isso o Papa, que além de monarcha temporal dos seus estados, o é tambem espiritual de toda a Egreja?!

Vê-se pois, que é esta uma mentira levantada pelos mações, discipulos do demonio, que têem como regra da sua profissão mentir, e mentir sempre.

Quanto a bacamarte é instrumento, que nunca tivemos, nem d'elle nos servimos até hoje, e a tal respeito suppomos o articulista mal informado.

E quanto a cartuxame não necessitamos d'elle, porque as pêras estão muito breve a cahir de maduras pela pereira abaixo, e só havemos, se vivermos, de ter o trabalho de as apanhar. Se assim não fôsse mal nos iria, porque seriam baldados todos os nossos esforços, attentas as medidas de precaução, que o demonio tem suggerido a esta gente; e perto estariamos então do fim do mundo.

Não desejamos a morte, e até a sua lembrança nos causa horror; mas sabendo que a temos certa, e suppondo estar no fim da nossa carreira, e vendo que temos a

soffrer as pennas do Purgatorio, sabe Deus por quantos annos, em castigo dos nossos muitos peccados de toda a nossa vida, seria para nós uma fortuna o conseguirmos que Nosso Senhor Jesus Christo nos applicasse os seus merecimentos infinitos pela morte voluntaria, que soffressemos pela sua santa lei; e não desejará o illustre articulista o mesmo, se é catholico como suppomos, e se não é santo?!

As obrigações a que está sujeito o nosso sagrado ministerio, a deterioração da nossa saude, a nossa idade adiantada e o tempo frigidissimo que tem corrido, estorvaram-nos de escrever com a assiduidade precisa, e nos obrigaram a demorar este artigo.

Suppomos, porém, termos n'elle explicado sufficientemente e com clareza a doutrina do nosso protesto, o qual na sua integra com esta explicação muito desejavamos vêr publicado no «Vimaranense», para desfazer os escrupulos das consciencias timoratas dos seus eleitores; e concluimos confessando ser

De vv. etc.

Padre Casimiro José Vieira.

NOTAS

PERTENCENTES AO FOLHETO REIMPRESSO

Deus, alma, ceo, e inferno

(119) São estas as verdades que mais incommodam os impios, por se lembrarem de que, se ha inferno, como elles mesmos involuntariamente crêem, e como os catholicos asseveram com tanta insistencia, tem elle de ser infallivelmente a sua partilha depois da morte. Para abafar pois os remorsos, que lhes torturam a consciencia, mesmo na occasião de sáborearem os prazeres sensuaes, a que desregradamente se entregam, tomam o partido desasizado de negar sem provas, por as não haver, e com a maior audacia e descaramento a immortalidade da alma, e a existencia do Deus creador, assim como a existencia do ceo ou logar de delicias sem fim, e com muito maior empenho ainda a do inferno, ou logar terrivel de tormentos eternos. E para se fazerem accreditar melhor pelos nescios, que os escutam, asseveram serem estes dogmas frivolas chimeras, inventadas pelos padres, para aterrar os ignorantes, e locupletarem-se á custa da sua innocente credulidade.

Mas com esta asserção infundada nada podem colher contra a realidade d'estas verdades eternas, porque não será com mentiras, nem com palavras chistosas, ou com risos de escarneo, que creatura alguma lhes dará a existencia, se a não tem, ou

lh'a anniquilará, se a tem. Com tal asserção sem fundamento poderão apenas pelo contrario fazer accreditar, que os padres compõem a classe mais antiga do mundo, visto achar-se desde sempre, vae em seis mil annos, em todas as edades e em todos os cantos da terra, arreigada, principalmente nos homens sabios, probos e honestos de todos os povos conhecidos, a crença n'estas verdades, que tem a data sem duvida desde a origem do homem, como o attestam unanimemente os viajantes e historiadores sinceros de todas as religiões—a verdadeira, e mesmo falsas, embora em algumas mais obscurecidas. Por consequencia contra esta crença universal nenhum peso póde ter a negação sem provas de alguns ignorantes devassos, ladrões e assassinos, que apenas poderão acorrentar á sua opinião insensata e mentirosa a turba de moços levianos, sem principios, e já inficionados pelos vicios detestaveis d'estes mentores perversos, que lhes procuram a sua ruina, e a sua maior desgraça para este mundo e para a eternidade.

O que todavia se não encontrou até hoje, foi padre, que com a engenhosa invenção da eternidade, ou das taes chimeras, se enchesse de milhões, como ainda agora nos nossos dias se tem enchido muitos dos que as impugnam, e que são geralmente bem conhecidos, por terem a habilidade, e desembaraço, que os padres nunca tiveram, nem terão, de conjugar por todos os modos e tempos, e pôr em jogo, os seus dois verbos favoritos *rapio e sorripio*, que, por não estarem por ora legalisados pela sua constituição liberal, ou carta constitucional, tornam estes empalmadores um pouco desacreditados, e porisso mui suspeita de calumnia a sua asserção da tal invenção padrêsca.

O mesmo impio pois que tanto forceja por desvanecer em si e nos outros a preoccupação aterradora d'esta crença, é o que, sem o querer, mais a affirma, quando apregôa e exalta a sua tão decantada liberdade liberal, que elle chama (provavelmente por zombaria), conquista do seculo XIX, como se prova com clareza.

Não póde dar-se liberdade senão no ente racional, que discorra e obre com intenção, ou fim determinado, isto é, com discernimento e conhecimento de causa e effeito, como o homem, e nunca no ser irracional, ou no bruto, que não discorre, nem obra com intenção e discernimento, mas machinalmente, impellido só pelo instincto, ou sentimento da sua conservação e reproducção, que o Deus Creador lhe infundiu pelas palavras crescei e multiplicai-vos—crescite et multiplicamini—(Gen. c. 1. v. 22), ao abençoal-os depois de lhes dar o ser, ou a existencia.

5 Por consequencia só o homem é susceptivel de remorsos de-

pois de obrar o mal, porque sabe que obrou contra a lei moral, que Deus gravou em seu coração com caracteres indeleveis, o que o bruto nunca chegará a sentir, ou conhecer por falta da racionabilidade e liberdade, isto é por falta da intenção, e discernimento, ou conhecimento da lei moral, que não tem.

E' tambem regra admittida geralmente, que não póde haver effeito sem causa, que o produza, embora muitas vezes nos seja desconhecida. E' do mesmo modo accreditado geralmente, que ninguem se creou, ou se fez a si proprio, porque antes de existir não era nada, e o nada, ou o que não existe, não póde produzir cousa alguma, ou dar existencia, porque, se a não tem para si, menos a póde ter para a dar. Por consequencia o ser que é racional e livre foi creado por outro ente anterior a si na existencia, e que não só tem a propriedade de racional e livre, mas tambem as de Omnipotente, infinito e perfeitissimo, porque, não as tendo, podia ser embaraçado por outro, e já não obraria livremente, como lhe convem.

Logo não póde tambem conceber-se, que esse ser creador infinito e perfeitissimo, dando ao homem a liberdade, lh'a desse para o offender ou desobedecer-lhe; porque em tal caso seria insensivel, e por consequencia imperfeitissimo (125), e portanto só lh'a podia dar para o amar, e para lhe obedecer em tudo como seu inferior, e seu dependente (119). Porisso não se póde conceber tambem, que lhe desse a liberdade senão para elle obrar o bem, e para que, obrando-o sem coacção, merecesse premio, e lh'o desse, assim como ao contrario o castigasse, por praticar o mal sem ser coagido, porque é uma propriedade de todo o ser racional agradecer, ou premiar ao ser, que o ama e lhe obedece, e castigar o que lhe desobedece ou o offende. Por consequencia esse ser creador, sendo perfeitissimo, ha de ser de infinita justiça, tanto para premiar, como para castigar, ou cedo ou tarde.

Ora observando nós, que a maior parte das acções boas não são premiadas, nem as más castigadas n'este mundo, não podemos deixar de accreditar, que haja outros logares fóra d'elle, com o nome de ceo, em que se galardôe a virtude, e com o nome de inferno, em que se puna o vicio.

Por consequencia a alma do homem, por um privilegio particular, fundado na racionabilidade e liberdade, que lhe foram dadas, deve ser immortal, ou eterna, como é immortal, ou eterno tambem o ser, que lh'as deu; e porque foi com elle principalmente que as suas acções tiveram relação durante a vida, ou animação do corpo, seu companheiro n'este mundo da prova, e do merito ou demerito, segundo a sua natureza; e porque é

com relação a esse ser creador, a que damos o nome de Deus, que se mede ou pesa o merecimento, ou tamanho das acções boas, assim como a gravidade, ou tamanho das acções más.

Pelo que se vê, que, quanto mais o impio forceja por anniquilar, ou desvanecer a crença na immortalidade da alma, no Deus creador, no ceo, e no inferno, negando estes dogmas da fé catholica, e da crença universal de todos os povos desde o principio do mundo, mais a cimenta ou firma, por mais attenção lhe prestar, e é essa a rasão porque todos os impios apresentam um aspecto terrivel, effeito dos remorsos, que lhes torturam de côntinuo a consciencia. E' por isso que, quanto mais o impio diligenceia apagar os remorsos da sua consciencia, aterrada com a medonha perspectiva da eternidade, mais pungentes os torna, porque mais attenção lhes presta, e por consequencia mais os aviva e firma na memoria.

E' esta tambem a razão porque a morte do peccador é pessima como o affirma a Escriptura Santa—mors peccatorum pessima—(Psalm. 33. v. 22). E' pessima porque, trazendo ella á memoria n'essa hora d'angustias o quanto em toda a vida abusou da misericordia de Deus, e do tempo, que lhe foi concedido para obrar o bem, e merecer o ceo, empregando-o pelo contrario em obrar o mal e merecer o inferno (nota 119), desespera da sua salvação, porque está já desamparado da graça de Deus, e morre na impenitencia final, no peccado contra o Espirito Santo, que segundo diz o Evangelho, e o dicta a sã razão, não póde ser remittido, ou perdoado, nem n'este mundo, nem no outro, porque abandonado da graça divina, que tanto o procurou, e que elle despresou sempre, morre na soberba de não querer humilhar-se diante de Deus, confessando ao padre, ministro do Redemptor, o seu peccado, e pedindo ao seu creador o perdão d'elle, arrependido da ingratidão com que correspondeu ao seu maior bemfeitor.

Morreu ha annos em afflicções terriveis um homem meu conhecido, liberal esturadissimo e provavelmente pedreiro livre, incendiario, sacrilego e ladrão, casado, e amancebado publico, segundo constava, e que nos ultimos instantes da vida, repassado de remorsos disse—que desgraça a minha ! ! ! estou perdido ! ! ! E lembrando-lhe os circumstantes, que a misericordia de Deus era mui grande, e que por isso tudo tinha remedio, respondeu —Ah ! para mim já não ha remedio ! ! ! se eu podesse tornar ao principio ! ! ! estou a vêr o logar onde hei de ficar para sempre!!! e deu então o ultimo suspiro. Foi que Deus lhe mostrou então o inferno, para elle antes de morrer affirmar a sua existencia, que se tornava mais crivel por ser asseverada na occasião das des-

illusões, por um incredulo, e tão descuidado das contas derradeiras na eternidade, que ainda na vespera fôra visto com grande escandalo a caminhar para casa da amiga ! ! !

Morreu tambem ha mais annos em Lisboa um advogado incredulo e impio que, não fazendo caso da mulher, e vivendo separado d'ella por estar amancebado com uma franceza, largava continuas heresias e blasphemias, que horrorisaram um padre inquilino na mesma casa, e o obrigaram a dizer-lhe—porque não vae ouvir o Rademaker, que está a missionar n'esta cidade? ! !—Foi elle então ouvil-o, e depois em casa disse ao padre—lá fui ouvir o Rademaker, que com effeito é grande prégador, e, se é verdade o que elle diz, como creio que é, muito mal tenho eu vivido, eu. e outros muitos como eu; e pelo que vejo é-me preciso aprender a doutrina christã, da qual nada sei, porque em pequeno nada d'ella me ensinaram, em Coimbra nada a estudei, e depois de formado tenho-me occupado constantemente na advocacia, e nada d'ella tenho por consequencia aprendido.

Passados quatro mezes adoeceu e morreu do quarto para o quinto dia com estas ultimas palavras e na maior afflicção —valha-me Maria Santissima ! ! ! agora sei que ha inferno ! ! ! e exhalou o derradeiro suspiro. Não tendo em toda a vida acreditado em tal logar, como era possivel n'um instante convencer-se da sua existencia, para a affirmar com tanta certeza se o não visse n'esse momento?!!! D'isto se póde colligir com a maior probabilidade que Deus lh'o mostrou, como ao outro, para elle o prégar n'aquelle momento solemne, em que todos suppõem que só se dizem as verdades.

Ambos os casos me foram contados por pessoas intelligentes, de probidade e sã consciencia, que sempre tive por verdadeiras. São com certeza casos dos mais horriveis que tenho ouvido.

É esta a morte que vem a ter o impio, que instruido pelos christãos se aparta da fé, e a sorte desastrosa que o espera no fim da vida, a maior das desgraças, que póde sobrevir-lhe, por ser tão angustiosa, e por não ter mais fim emquanto Deus for Deus. Que horrivel e pavorosa situação a da alma impenitente ao despedir-se do mundo, para ir dar contas de toda a sua vida no tribunal do Deus rectissimo, que viu todas as suas cogitações abominaveis, e todos os seus passos indiscretos, encaminhados sempre para a maldade!!!

Emprego do tempo da vida

(119) Creou Deus o homem, infundindo-lhe com o seu sopro divino uma alma intelligente, racional e livre, com capacidade de se conhecer a si e ao Deus seu Creador, para o amar, servir e adorar n'este mundo, e ir depois gosal-o no outro por toda a eternidade—et inspiravit in faciem ejus spiraculum vitœ, et factus est homo in animam viventem (Gen. c. 2. v. 7).

Esmerou-se Deus n'esta obra prima da creação a ponto de a fazer á sua imagem e similhança—faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram (Gen. c. 1. v. 26),—adornando-lhe para isso, a alma, una na sua essencia, com as tres potencias distinctas—memoria entendimento e vontade—que constituem n'ella um mysterio, muito parecido com o da Trindade Santissima, que na essencia una de Deus constitue o mysterio das tres pessoas distinctas—Padre, Filho e Espirito Santo.

Este mysterio, supposto o não possamos comprehender, por ser infinito e nós finitos, é mui conforme com a nossa razão, por ser em certo modo semelhante ao das tres potencias no homem; e porisso faz que se torne crivel, e que tenhámos como verdadeira a narração biblica a respeito da essencia e natureza de Deus, e de seus attributos infinitos, assim como a respeito da nossa origem do Deus Creador Omnipotente, e a respeito dos seus santissimos preceitos, em que nos determina os nossos deveres para com elle, para comnosco e para com os nossos semelhantes n'este mundo, e para conseguirmos no outro depois da morte o nosso fim ultimo, para que elle nos creou.

Não admira que não comprehendamos o mysterio infinito da Trindade em Deus, que é eterno, ou increado, porisso que, como limitados que somos, não podemos comprehender mesmo o mysterio finito da Trindade em nós; e porque existem não só em nós, mas em todo o mundo, milhões sem conta de outros, que tambem não podemos comprehender, embora sejam do mesmo modo finitos por serem creados.

Ninguem pois poderá com razão negal-os só porque os não comprehende, aliás poderiamos por essa regra negar a maior parte das cousas e dos factos que observamos, porque são mui

poucas as que podemos comprehender e explicar com claresa, e com razão sufficiente.

Temos, pois, em nossa alma uma copia e imagem sensivel, posto que assás imperfeitissima, do augusto mysterio da Santissima Trindade, e digo imperfeitissima, porque todas as imagens, e razões de conveniencia, que addusem os santos doutores, para d'algum modo o explicar, não poderiam jámais fazel-o perfeitamente. Porisso a unica razão que podemos ter, cá na terra, de o accreditar, é a revelação, que aprouve a Deus fazer-nos d'elle. Sim Deus fallou, é quanto basta, porque não se engana, nem póde enganar-nos.

Creou Deus portanto o homem para uma gloria infinita, que elle, por ser finito, nunca poderia conseguir por suas forças naturaes, porque nunca o finito ou limitado poderá abranger o infinito ou illimitado.

Querendo elle porém que o homem trabalhasse da sua parte tambem o que podesse, para merecer e alcançar esta felicidade eterna, collocou-o no paraiso terrestre, e concedeu-lhe a liberdade, ou poder de gosar de todos os fructos, que alli havia, á excepção dos da arvore da sciencia do bem e do mal, que se achava no meio d'aquelle logar de delicias, com a comminação da pena de morte, no caso de quebrantar este preceito, o mais facil de cumprir, porque para isso não era preciso trabalhar, mas só obdecer (Gen. c. 2. v. 16 e 17).

Vê-se pois que, impondo Deus ao homem este preceito, teve em vista dar-lhe a bemaventurança eterna em premio da sua obediencia voluntaria, a que elle dava valor infinito. Foi portanto, para conseguir a gloria eterna, que Deus poz o homem n'este mundo, e lhe concedeu o mimo precioso da vida, para elle em toda ella o amar, servir e adorar.

Quebrantando porém os primeiros paes este preceito, que Deus lhes imposera, perderam elles e todos os seus descendentes, todo o direito á felicidade infinita, e por consequencia ficaram desherdados do ceo e sujeitos á pena de morte temporal do corpo, e eterna da alma, com que fôra previamente comminada a sua desobediencia.

N'este estado de miseria deixou a vida com o tempo da sua duração, de servir ao homem, ainda o mais virtuoso e justo, para com ella conseguir o ceo, porque Deus lhe retirára os merecimentos infinitos, que havia concedido antes ás suas acções boas em attenção á sua obediencia voluntaria, e todas ellas, ainda as mais perfeitas e justas, ficaram porisso d'ahi em diante só com o valor finito da creatura, como finita, e porisso incapazes de abranger o infinito.

Compadecido porém Deus da desgraça do homem, que tinha feito com tamanha distincção de todas as outras creaturas, para o unir comsigo na eternidade, prometteu-lhe logo um Redemptor infinito, para reparar a offensa dos primeiros paes, que se tornara infiinita, por ser feita ao seu Creador infinito, assim como todas as dos seus descendentes de qualquer naturesa ou gravidade, para dar outra vez á custa do seu sangue preciosissimo, valor infinito ás suas acções em ordem a conseguir o ceo, cuja entrada lhes fôra vedada pela primeira culpa, e por consequencia para fazer de novo com que o tempo da vida tornasse a ser mimo precioso para com as boas acções em todo elle conseguir a sua salvação eterna.

Nunca portanto poderá o homem agradecer condignamente tão extraordinario beneficio, que Nosso Senhor Jesus Christo lhe veio comprar com a sua morte affrontosa de cruz. Que cuidado pois não deve ter o homem em empregar todos os instantes da sua vida em amar, servir e adorar o seu maior bemfeitor, que fez por elle o que nenhuma creatura seria capaz de fazer, por mais extremoso que fôsse o amor que lhe consagrasse, nem por maiores que fóssem os favores, que lhe devesse?!!

Foi esta verdade, a mais necessaria para a salvação, que foi bem comprehendida por todes os martyres, confessores, anachorêtas, e mais pessoas virtuosas, porque todas acharam mui curta a vida inteira, para a empregar toda com o tempo da sua duração no amor, serviço e adoração de Nosso Senhor Jesus Christo, que por ellas tambem dera a propria vida no ignominioso madeiro da cruz.

Não comprehendem todavia esta mesma verdade os do progresso moderno do presente seculo, que não só se esqueceram d'este, o maior dos beneficios, pagando-o com a mais negra ingratidão, mas que até insultam por toda a parte de um modo inaudito o seu maior bemfeitor, sem temerem o seu braço omnipotente, que tem de os punir afinal com os horrorosos tormentos eternos, para desaffrontar a sua tremenda magestade, summamente ultrajada com tão ousada temeridade.

Ai' pois dos desgraçados, que se deixarem seduzir n'este mundo pelas palavras enganadoras e perfidas dos mações ou liberaes, quando na eternidade lhes vier á memoria, que viveram no mundo totalmente descuidados das contas que tinham de dar depois da morte no tribunal de Deus pelo desperdicio que fizeram do tempo!!! Ai d'elles, quando os advertirem, e elles mesmos per si proprios conhecerem, que os seus dias já pas-

saram, e que nunca mais voltarão!!!—dies mei transierunt (Job c. 17. v. 11);—que as suas almas se alimentaram na terra só com illusões, que se desvaneceram como o fumo, e que de todas ellas só lhes restam os mais pungentes remorsos, que os hão de atormentar como furias desesperadas por todo o sempre!!!—cogitationes meœ dissipatœ sunt, torquentes cor meum (idem). Ai d'esses infelizes, quando lhes repetirem incessantemente aos ouvidos em som estrondoso as tremendas palavras —que não haverá mais tempo para o arrependimento de merito, nem para a penitencia satisfatoria—porque os dois ponteiros grandes do relogio immenso, os dois luzeiros do mundo sol e lua, que marcavam constantemente os dias e as noites, os mezes e os annos, de que se compunham os seculos, desappareceram para elles, e que nunca mais os tornarão a ver!!! —tempus non erit amplius (Apoc. c. 10. v. 6).—Que remorsos terriveis e que tormentos insondaveis lhes não hão torturar a consciencia por todo o sempre, trazendo-lhes de continuo á lembrança o despreso em que tiveram o mimo mais precioso do tempo da vida, que Deus lhes concedeu, para o empregarem todo em trabalhar sem descanço para ganhar o ceo, essa felicidade incomprehensivel, que jámais os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem póde comprehender a imaginação do homem, a qual tinham a gosar por toda a eternidade com Deus, com a Rainha dos Anjos, e com todos os bemaventurados; e que ao contrario o gastaram todo .. ai que triste lembrança e que horrivel tormento!!! que o gastaram todo em trabalhar contra Deus, e por consequencia contra si proprios, no serviço do demonio, sem poderem mais remediar tamanho prejuizo!! Que tormentos nunca ouvidos os não hão de torturar, quando virem ás claras, que foram mentiras todas as ideias, que os do pogresso moderno lhes incutiram na cabeça mui de proposito com o fim de os desgraçar para sempre, e que todas as creaturas, que existirem a esse tempo no logar de sempiterno horror, se revoltam contra elles, porque elles tambem cá na terra se revoltaram contra o Deus Omnipotente, seu Creador e Redemptor!!!

Então é que tem de repetir de continuo, e sem descanço, em altos brados, mas já sem proveito, que erraram o caminho da verdade, porque os seus fingidos e falsos amigos, assim como as suas detestaveis paixões a isso os induziram!!! (n.º 16). Mas o peor de tudo é não poderem mais encontrar remedio para tamanhos males em quanto Deus fôr Deus!!!

Meditem isto pois com a maior attenção os chamados espiritos fórtes, e todos os que lhes dão ouvidos, porque, por

mais fórtes que sejam, hão de ser sempre infinitamente inferiores ao Omnipotente, que os tirou do nada, e lhes deu o ser; e quer neguem estas verdades, quer não, são ellas as que tem de se lhes seguir infallivelmente depois da morte, porque o Deus que existiu no principio é o mesmo que ha de existir por toda a eternidade.

Maçonaria

(120) A maçonaria é a continuação cá na terra da rebellião de Lucifer no céo contra Deus, manifestada lá pelas tres seguintes expressões, as mais arrogantes, dictadas pela inveja e pela soberba, a que correspondem cá tres palavras com a mesma significação.

1.ª—Non serviam—não obedecerei (Jerem. c. 2. v. 20): a que corresponde ca a palavra «liberdade» que maçonicamente significa pensar e obrar com independencia absoluta de toda a authoridade divina e humana, que não seja da seita.

A liberdade maçonica é pois a alforria completa do homem, que rompeu todos os laços do seu captiveiro e se soltou de todas as cadêas physicas e moraes, de todas as cadêas da terra e de todas as cadêas do céo. E' a emancipação completa da humanidade. O livre pensamento é o principio fundamental da maçonaria (A. N. 1. p. 408.—Cadêa d'União 1865).

E' por isso que alguns brazileiros enchem a bocca por toda a parte com as palavras asnaticas—nós somos livres pensadores—o que equivale a dizer, nós vemos o circulo quadrado, o preto branco, o erro verdade, ou melhor ainda nós somos doudos, que até vemos lobis-homens. E muito contentes da sua vida, e com rasão, porque só com os seus principios d'escóla vêem o que os maiores sabios de sã rasão nunca se atreveram a vêr. E o que por ahi não batalhariam por todos os bêcos, se tivessem estudado—basolophia,—sciencia que um meu mineiro sentia muito não ter aprendido.

Antes da ideia nova, ou progresso do diabo, aquelle a quem a consciencia advertia, por exemplo, que a propriedade pertencia de direito ao que a tivesse conseguido pelo seu trabalho, por herança, ou doação, via com os olhos da alma, ou com a rasão, que isto era justo, e, vendo-o assim, não podia vel-o ao mesmo tempo como injusto, por ser opposto á rasão. Agora porém, como as paixões gritam desafogadamente por falta de temor de Deus, e

asseveram ao preguiçoso, que a propriedade não deve pertencer ao que a adquiriu pelo seu trabalho, porque, se trabalhou, foi por não ter paciencia de estar ocioso, mas a elle, que gosta da ociosidade, e o trabalho lhe é insupportavel, vê pela advertencia da consciencia, que ella pertence de direito ao que a agenciou com o seu suor, e vê ao mesmo tempo, pela grita das paixões, que lhe pertence a si, e que no poder do outro é roubo. Em tal caso diz, que é livre pensador, isto é, diz no seu interior de si para si, que cada cousa é do dono que a ganhou, ou herdou, e ao mesmo tempo assevera por palavras e por obras, que não é d'elle, mas sua, porque as paixões assim lh'o affirmam, ou antes porque a deseja para si. Eis o modo como pensam e como obram sobre este, e sobre todos os mais vicios os livres pensadores, ou mações, ou liberaes, que são todos a mesma fazenda.

2.ª — Similis ero Altissimo — serei semelhante ao Altissimo, ou igual a elle (Isai. c. 14. v. 14): a que corresponde cá a palavra «igualdade» que maçonicamente significa, pôrem-se os pequenos e despresiveis a par dos grandes em honras, em dignidades e em riqueza

A igualdade catholica é uma virtude, filha da humildade christã, que induz os grandes a fazerem-se pequenos com os pequenos, para os aliviar nas suas afflicções, e soccorrer nas suas necessidades, a exemplo do divino Mestre, que dizia — aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração—*discite á me, quia mitis sum et humilis corde* (Math. c. 11. v. 29). A igualdade maçonica pelo contrario é um vicio, filho da avareza, da inveja e da soberba, que excita os pequenos a opprimirem e violentarem os grandes, e apossar-se do que elles tem, para lhes tomarem o logar. a exemplo de Lucifer, que procurou fazer-se grande como Deus, e usurpar-lhe o poder —*similis ero Altissimo*.

As palavras maçonicas pois exprimem sempre o contrario do que significam naturalmente. Foi esta a rasão porque Gambêta, republicano decidido, e um dos que mais prégavam a igualdade, logo que se carregou de milhões pelo roubo enormissimo, que fez á França, passou a tractar-se com maior luxo do que qualquer principe dos mais distinctos do mundo, e não consta que se lembrasse nunca com um unico ceitil nem mesmo dos pobres miseraveis, seus irmãos fraternos da fraternidade maçonica, que o ajudaram a fazel-o. Este tem sido sempre tambem o proceder de todos os outros grandalhões da liberdade liberal em todo o mundo, e nunca até hoje os parvos, que os tem ajudado a subir ao poder, para lá se enriquecerem á custa do povo, de tal se tem queixado. Sem-

pre é forte cegueira!!! E assim mesmo não deixam estes malucos de continuar com a sua cantiga desconcertada, rouquenha e impia —viva a liberdade.

3.ª—Super astra Dei exaltabo solium meum, sedebo in monte Testamenti—exaltarei o meu throno acima dos astros de Deus, assentar-me-hei no monte do testamento (Isai. c. 14. v. 13.): a que corresponde cá a palavra fraternidade— que maçonicamente significa levar tudo a ferro e fogo até os irmãos mações subirem ao poder, e dominarem sobre todos e sobre tudo em todo o mundo, ainda que para isso seja preciso mandar um milhão de homens para o cemiterio, ou mais ainda, como fizeram na primeira republica franceza de 93, e depois na communa de Pariz, assim como em todas as mais partes onde se apoderaram do governo, sem dever considerar-se como excesso um tal facto, como os proprios irmãos maçōes publicam nos seus escriptos, e com o seu proceder horrendo em todas as nações onde usurparam o poder pela violencia e traição. e senão ouçamol-os a elles proprios que todos fallam bem claro:

—Os principes, os beatos (os padres e mais catholicos), e a nobreza, esses implacaveis inimigos do genero humano, devem ser aniquilados (que santos desejos!), e seus bens dados áquelles que por seu talento, sciencia e virtude (isto é a nós mações) têem sós o direito e o poder de governar os outros (porque só nós sabemos governar, ou roubar). Contra estes inimigos do genero humano temos todos os direitos (que tem os assassinos e ladrões) e todos os deveres (porque o mundo foi feito só para nós, já se sabe). Sim, tudo é permittido para os aniquilar: a violencia e a astucia, o fogo e o ferro, o veneno e o punhal; o fim santifica os meios (O Irmão Fichete da maçonaria allemã. Aviso supplementar, pag. 45.— Segur. pag. 78—Gautrelett. 1 pag. 130). Eis o sentir dos taes philantropos: que santa fraternidade!!! E' esta à fraternidade que os maçōes tem exercido sempre no mundo com todos, e em toda a parte, como é facil de provar.

O Padre Secundo Franco na versão de 1878 da sua obra —Respostas populares ás objecçòes contra a religião, tom. 2.º, mostra com a maior evidencia a fraternidade que os maçōes usam com os que não são seus irmãos na seita.

A pag. 287 diz—Fraternidade é amor: ora, a fraternidade, como por ahi se entende, destroe todo o verdadeiro amor, e emprega-se como um tição para accender a discordia. Os primeiros campeões, que a inauguraram na França ao estalar a grande re-

volução de 93, mandaram logo ao patibulo mais de duzentos mil de seus concidadãos, e depois entre si fizeram o resto... destinando-se reciprocamente á lanterna, á guilhotina, ao machado e ao punhal.

A pag. 291. diz — A fraternidade converte-se em constituir no meio dos demais uma turba de audazes e de prepotentes, que querem ter escrava de seus caprichos a sociedade inteira. Sejamos todos irmãos: lançae mão portanto dos punhaes e dos revolwers, para que desappareçam do mundo os que não pensam como nós, os que não fallam como nós, os que não vivem como nós. Sejamos todos irmãos: logo não haja liberdade de especie alguma senão para nós.

A pag. 294 e seguintes diz—Para a execução da lei dos suspeitos de 21 de setembro de 1793, estabeleceram-se mais de—50:000—commissões revolucionarias no solo francez: e eram —540:000—os acusadores, que tinham direito de assignalar os que deviam ser mortos. Só em Pariz contavam-se 60:000 commissões.

—O Girondino Riouffe conta o que se segue em suas Memorias de um preso:

—As mulheres mais formosas, mais moças e mais amaveis, eram as primeiras que caíam n'este abysmo, do qual saíam às dezenas para irem derramar seu sangue sobre o cadafalso. A depravação e o odio marchavam a par n'aquelles monstros. Jovens gravidas ou sobre o parto, enfraquecidas por aquelle trabalho, respeitado até pelos canibaes, e outras a quem tinha seccado o leite pelo terror, ou por que lhes haviam arrancado os filhos do peito, eram precipitadas de dia e de noite n'esta voragem. Arrastadas de prisão em prisão, chegavam com as enfraquecidas mãos carregadas de indignos cepos e algumas até com collares de ferro. Entravam quasi esvaidas e em braços de carcereiros mofadores, meio fóra de si ou como loucas: particularmente nos ultimos mezes (antes do 9 termidor) havia uma actividade infernal: dia e noite ferrolhos em movimento: sessenta pessoas chegaram pela tarde para irem ao supplicio; ao dia seguinte eram substituidas por cem, ás quaes esperava a mesma sorte.

—Quatorze raparigas de Verdun, d'uma candura extraordinaria, que pareciam virgens enfeitadas para uma festa publica foram conduzidas juntas ao cadafalso. Desappareceram todas, cegadas de um golpe em sua primavera. Nunca vi entre nós desolações semelhantes, excitadas por tanta barbaria.

—Vinte mulheees de Poitou, pobres camponesas a maior parte, foram tambem assassinadas juntamente. Tenho ainda

adiante dos olhos algumas victimas desgraçades, estendidas no pateo do carcere, muito cançadas pela fadiga de um extenso caminho, jazendo sobre as pedras... No ponto de irem para o supplicio foi arrancada do seio de uma d'aquellas infelizes uma creançinha de peito que estava mamando justamente um leite cuja fonte o verdugo devia seccar dentro em pouco. O' gritos do amor maternal quanto fostes agudos, porém inuteis!... Algumas morreram nas carretas e foram guilhotinados seus cadaveres!, Não vi eu poucos dias antes do 9 termidor arrastadas ao patibulo outras mulheres declaradas em estado de gravidez?! E são homens, e francezes, a quem prégam ha sessenta annos humanidade e tolerancia os philosophos mais eloquentes os que isto praticam!

—Tinha-se aberto na praça de Santo Antonio um cano proprio a dar sahida ao sangue. Digamol-o, por mui horrivel que seja, todos os dias o sangue humano se esgotava a baldes, e quatro homens durante a execução estavam empregados em lançal-o no referido sumidouro.

—Ahi pelas tres da tarde, extensas procissões de victimas desciam ao tribunal e passavam vagarosamente sob as extensas abobadas pelo meio dos presos, que se collocavam em fila para as ver passar com avidez sem igual. Vi 45 magistrados do parlamento de Pariz e 33 do de Tolosa caminharem para a morte com o mesmo semblante sereno com que se dirigiam antes, para as reuniões do congresso: vi 30 empreiteiros publicos marcharem com o passo socegado e firme; e os primeiros 25 negociantes de Sédan, que indo para a morte causavam compaixão aos dez mil operarios que deixavam sem pão. Vi a Baysser, o espanto dos rebeldes da Vendea e o mais bello guerreiro da França: vi todos aquelles generaes a quem a victoria tinha antes coberto de louros, e em fim todos aquelles jovens soldados tão fortes e vigorosos, caminharem em silencio: só sabiam que iam morrer.

—Proud'hon, republicano e revolucionario (e por isso insuspeito) quer completar este quadro: — A missão de Le Bon nos departamentos da fronteira do norte póde comparar-se com a apparição das furias tão espantosas dos tempos do paganismo. Mancebos por elle corrompidos e espias de seus proprios parentes, acompanhavam a guarda. Alguns tinham-se exercitado em pequenas guilhotinas com as quaes, dando a morte a passaros e ratos, se adestravam para cousas maiores.

—E' sabido que Le Bon, depois de ter deshonrado uma mulher que se lhe entregou para salvar seu marido, fez matar a este diante de sua esposa, á qual apenas restou o horror do

seu sacrificio, genero de atrocidade tão repetido, que Proud'hon diz que se lhe não podiam contar as vezes.

—Em Nantes distinguiu-se Carrier. Perto de 30 mulheres tiradas do deposito foram fusiladas. Cinco creanças de ambos os sexos, das quaes a maior tinha 14 annos, foram conduzidas ao mesmo logar, para serem fusiladas. Nunca se viu um espectaculo mais commovente. A pequenez da estatura salvou dos tiros a mais de uma; livres das cordas que as ligavam, lançavam-se nos braços dos seus verdugos, apertavam-lhes os joelhos e levantavam para elles seus rostos, onde se pintava a innocencia e o espanto. Aquelles exterminadores degolam-n'as a seus pés.

—Afogamentos em Nantes. Grande numero de mulheres, a maior parte gravidas, e outras com suas creanças ao collo... As innocentes caricias e os sorrisos d'aquellas ternas victimas diffunde nas almas das mães uma dor que acaba de dilacerar suas entranhas: com vivesa correspondem ás suas caricias pensando, ai! que são as ultimas. Adiantam-se, amontoam-nas em uma barca, e depois de as terem despido, são-lhes atadas as mãos atraz das costas. Os gritos mais agudos e os vituperios mais amargos d'aquellas mães desgraçadas se levantam de todas as partes contra os verdugos: Torquet, Robin e Lamberty respondem com cutiladas, e uma das victimas afasta sua vista aterrada de uma companheira coberta de sangue que lançando golfadas, lhe vem exhalar aos pés o ultimo suspiro. Mas o signal está dado; os ferreiros com um golpe de machado cortam certas cordas e as ondas as sepultam para sempre.

D'onde sahiriam estes monstros, que nem o inferno parece conter semelhantes?!! Sahiram do viveiro maçonico, onde foram educados com a tal fraternidade inspirada pelo diabo.

A fraternidade maçonica pois mesmo na significação natural de verdadeira irmandade, como os mações a inculcam, estende-se sómente aos irmãos na seita, e a esses mesmos só emquanto necessitam d'elles para os seus interesses. Foi por isso que na medonha revolução franceza de 93 uma grande parte dos maiores chefes d'ella, como os malvados Danton, Robespierre, Carrier e outros, foi levada á guilhotina pelos proprios irmãos mações; e não foi de estranhar, porque entre feras como aquellas ninguem se podia julgar seguro. Esta falsa fraternidade, fundada somente nos interesses terrenos e nas paixões, é totalmente diversa e até contraria á caridade christã ou catholica, que se estende a todos os homens, mesmo de religião, ou opiniões contrarias, e até aos proprios inimigos, porque é fundada no amor de Deus, que é pae de todos, e

que por isso faz que todos, quer bons quer maos, sejam irmãos, e manda que se amem como taes sob pena de perdição eterna, não obedecendo a este preceito.

Para se saber a fraternidade que os maçães exercem com os proprios irmãos na seita, depois que não necessitam d'elles, veja-se o P.ᵉ Ricard na versão de 1882 do seu opusculo —Fim tragico dos perseguidores da Egreja —(que todos devem ler para avivar a fé) que a pag. 194 e seguintes diz:

—Em todos os pontos de França estava permanente a guilhotina e devorava milhares de sacerdotes e de fieis, que preferiam a morte á apostasia da fé. Corria o sangue em torrentes, e os que escapavam ao cutello, iam morrer submersos nas ondas. A justiça de Deus seguiu o seu curso: os auctores de tantos morticinios, verdadeiros monstros, que recordam os Neros e os Galerios, morreram como morrem os perseguidores da Egreja. Citaremos só as principaes victimas da ira celeste.

—Marat, um dos heroes, que conspiraram contra Christo, é consumido por uma molestia repugnante, e, a 13 de julho de 1793, cae sob o ferro d'uma mulher; e o seu corpo serviu mais tarde de joguete á multidão, que o lançou no cano de esgoto da rua de Montmartre.

—A 5 d'abril de 1794, expirava Danton sob o cutello da gui hotina; a 27 de julho seguinte, outro monstro, Robespierre, que fizera assassinar milhares de considadãos seus, pagava tributo á vingança de Deus: um tiro de pistola lhe espedaça o queixo inferior, e o abysma nas dores d'uma agonia espantosa, que termina no dia seguinte pelo ultimo supplicio.

—Pethion, chefe do corpo municipal de Pariz, que excitára secretamente as carnificinas de setembro de 1792, e que mostrára um encarniçamento feroz no acto d'accusação de Luiz XVI, teve um fim ainda mais triste. Não se lhe encontrou senão a metade do corpo n'um campo de trigo em Saint-Emelion, perto de Libonrove: o resto fora presa dos lobos.

—Carrier, o inventor dos famosos afogamentos, teve de luctar contra uma doença vergonhosa, que o não deixou senão com vida sob o ferro do carrasco, a 16 de novembro de 1794. Collot d'Herboir, que fazia em Lyão o que Robespierre executava em Pariz, acabou os seus dias em Cayena onde morreu em tormentos inexprimiveis, a 8 de janeiro de 1796.

—Assim pereceram sem excepção todos aquelles tigres, que se haviam aprasado para diante do altar da rasão, afim de celebrarem as exequias da Egreja e do seu Christo.

A mulher, que assassinou Marat na primeira revolução franceza, e a que ha pouco em Pariz assassinou Gambêta,

chefe d'esta ultima, e um dos maiores ladrões do mundo, assim como os que levaram Danton, Robespierre, Carrier, e Collot d'Herboir ao cadafalso, e igualmente o que antes d'isso espedaçou o queixo inferior a Robspierre, com o tiro de pistola, eram todos com certeza irmãos fraternos da fraternidade maçonica, porque os que não eram irmãos não podiam apparecer entre aquella bicharia dos fraternos, sob pena de serem mortos in continenti, e foi a sua fraternidade, que os moveu a assassinar os ditos seus chefes' que eram do mesmo modo seus irmãos fraternos da mesma fraternidade, e ainda mais fraternos, como chefes que eram, mas que já lhes não eram precisos; o que prova com toda a clareza ser verdadeira e exacta a definição supra da santa fraternidade maçonica.

A «Nação» de 23 de março de 1884, copiando da «Ordem de 20 do mesmo mez, e transcrevendo d'ella uma extensa lista com os nomes dos maiores malvados da revolução franceza, e dos seus attentados horriveis, designa d'entre elles pelos seus proprios nomes os 40 que foram levados á guilhotina, e os 30 que foram executados por outros modos, assim como os outros muitos que foram assassinados, ou se suicidaram, ou soffreram outras mortes desastrosas, e accrescenta da mesma Ordem:

Finalmente, eis aqui o quadro do fim desgraçado dos presidentes da Convenção Franceza. Desoito foram guilhotinados. Tres suicidaram-se, para livrarem-se do cadafalso. Oito foram deportados. Seis condemnados a prisão perpetua. Quatro enlouqueceram e morreram em Bicêtre. Vinte e dois foram declarados fóra da lei. Só dois escaparam de todo o genero de castigo ou desgraça humana.

Eis o fim dos heroes da Revolução Franceza dos perseguidores da Egreja, e de Jesus Christo. Meditem bem n'isto os modernos revolucionarios, e todos os que os auxiliam nos seus trabalhos.

E' certo que todos estes supplicios foram applicados a esses monstros pelos seus irmãos fraternos da mesma fraternidade maçonica; o que prova com evidencia a natureza da sua tão apregoada fraternidade, que é a mesma dos condemnados do inferno.

Ao entrar o aspirante na maçonaria, alem de outras numerosas ceremonias aviltantes, que o obrigam a fazer, é conduzido ao local da loja por um irmão que elle não conhece, e introduzido n'um quarto solitario, chamado das reflexões, onde, além de outras mui consoladoras, lê a seguinte — Poderão exigir-se de ti maiores sacrificios até mesmo o da vida,

estás disposto a fazel-os? Depois despem-no; poem-lhe nú o lado esquerdo e o joelho direito; fazem-n'o calçar um sapato em forma de chinella (este ponto é da maior importancia; e n'este estado que figura engraçada não ha de fazer! é pena não haver lá espelho de vestir, para o parvo se mirar a elle!): tiram-lhe o chapéu, a espada (elle deve ter uma, e se for general deve reputar como uma grande honra esta ceremonia); tiram-lhe o relogio, dinheiro etc.

O Irmão Terrivel venda-lhe os olhos, e ata-lhe aó pescoço uma corda (a modo de collar), ficando com uma ponta na mão, para assim o conduzir por ella á porta do templo (como se fosse jumento), etc. Depois tendo-o obrigado a dar algumas voltas sobre si mesmo, para desnorteal-o etc. diz o Veneravel—faça o profano a primeira viagem (puxando-lhe sempre pela côrda, e com os olhos vendados, para acertar melhor o passo) dizendo-lhe abaixe-se! (como para atravessar um fosso). Levante o pé direito! (como para subir um alto). Abaixe-se outra vez! E' levado de modo que não conheça a natureza do terreno que percorre etc. Estas ceremonias foram provavelmente tiradas do jogo dos rapazes, chamado—da cabra cega.

Ainda antes do juramento, puxando sempre o Irmão Terrivel pela corda atada ao pescoço, e o aspirante com os olhos vendados, fazem-no dar saltos mortaes (para representar bem ao vivo o papel de maluco), dar meia duzia de voltas sobre si n'uma sala chamada—dos passos perdidos (que na verdade não são muito aproveitados), forçam-n'o a entrar na caverna (provavelmente a de Cáco), arremessando-o contra um arco forrado de papel, para o atravessar com o corpo rasgando-o, e introduzindo-o d'este modo n'ella, ao som terrivel do ruido de ferrolhos e fechaduras a abrir e fechar (para se consolar com esta harmonia deliciosa): assentam-n'o sobre uma cadeira erriçada de pontas (para sua maior commodidade, e para ir fazendo idéa das cadeiras do inferno que o esperam); fazem-n'o beber por um copo dividido ao meio em duas partes por um eixo, primeiro agua natural, e depois agua amargosa (provavelmente para lhe matar as lombrigas) lembrando-lhe, que, se elle não é sincero, a agua se lhe torna em veneno: obrigam-n'o a andar as tres viagens ficticias ao redor da loja; a subir os degraos da escada sem fim, gritando-lhe de continuo que suba sempre para não esmorecer na subida), e mandando-o depois precipitar d'aquella enorme altura abaixo ao som (consolador) de ruido de vento, saraiva e trovão: cercam-n'o por tres vezes com chammas, produzidas por meio de certo gaz ou pó candescente, para o purificar (dos peccados da vida passada, eil-o adver-

tindo das lavaredas eternas em que a final tem de terminar esta brincadeira): imprimem-lhe no corpo nú o sello maçonico com um ferro quente (para o tornar verdadeiro filho do diabo e o reconhecer como seu pae): e obrigam-n'o a dar tres passos no angulo de um quadrilongo etc. (só por esta habilidade dos tres passos póde o aspirante dar havido e por haver, porque só com elles póde ir ganhar a vida pelo mundo adiante). Todas estas galanterias, contadas aqui muito em resumo, podem lêr-se por extenso com outras muitas mais em Segur pag. 13 e seguintes, em Gautrelet t. 2. pag. 7 e seguintes e Bispo d'Orleans pag. 49).

Estas ceremonias, que gastam horas a fazer, são acompanhadas sempre com interrogatorios e orações acommodadas aos trabalhos engraçados d'estes imbecis com a corda ao pescoço e olhos vendados. Só lhes falta mandal-os pôr de cócaras e cantar de cuco, para a solemnidade ficar completa. Só o diabo é que podia lembrar-se de taes ceremonias, trabalhos, interrogatorios e orações, mui decentes e proprias para serem executadas por bispos, padres, principes, generaes, desembargadores, lentes, lettrados, e mais pessoas de distincção. Foi por isso que um maçon me contou antes de morrer, que tendo deixado na loja ao entrar na seita a joia dos—60.000 reis de entrada, que lhe exigiram por lhe ensinar estas habilidades, o relogio e dinheiro, que levava no bolso, fizera á porta ao sahir uma cruz, e nunca mais voltára a procurar o que lá deixara em penhor.

Pena é não serem estas piedosas e edificantes ceremonias, interrogatorios, orações e mais trabalhos, feitos publicamente de dia no meio do campo da Vinha, e soltar-lhes depois os rapazes de Braga á pedra, sua arma favorita!!! Os espectadores de certo haviam de escangalhar-se todos a rir!!! Mas para melhor effeito deviam os chefes ir ataviados com as barbalhonas postiças, mitras, aventaes, trolhas e mais insignias maçonicas, para terem mais graça, quando dessem ás canellas adiante da turba dos rapazes. E não haver ao menos um litterato de gosto, que com ellas e com todos os mais trabalhos da loja, que são infinitos, e davam materia para muitos actos, composesse uma ou mais peças, para serem representadas no mesmo sitio, ou no theatro, ou ao menos pelas ruas da cidade nos dias do entrudo!!! Pois haviam de provocar nos assistentes mais gargalhadas que a immoralissima do celebre Ennes contra os Lasaristas.

Se a commandancia dos vivas ou saúdes n'um banquete dos maçães e das maçonicas fosse feita no mesmo campo da

Vinha, que engraçada não havia de ser!!! Que grande divertimento não seria ver alli generaes, bispos, padres liberaes etc. a obedecer ao seu Veneravel (que de ordinario é homem insignificante) quando elle, depois de mandar carregar os morteiros (encher os copos de vinho) e porem-se os irmãos em pé principiasse com a sua commandancia—Meus irmãos, vamos fazer uma saúde que nos é infinitamente preciosa, é a... Nós fazemos agora fogo, bom fogo, fogo vivo e o mais nutrido de todos os fogos. Meus irmãos, mão direita na espada! (faca). Levantar espadas! Continencia de espadas! Mão esquerda na espada! Armas (copos) na mão direita! Armas á frente! A' face! (aqui os irmãos approximam o copo da bocca). Fogo! (bebe-se parte do vinho). Bom fogo! (bebe-se outra parte). O mais vivo e nutrido dos fogos! (bebe-se o resto). Descançar armas! (aproxima-se o copo do hombro direito). Armas á frente! Façamos os signaes com as armas. Um leva-se o copo ao hombro esquerdo). Dous! (passa-se para o direito). Tres! (leva-se á frente). Descançar armas! Um! Dous! Tres! (A cada um d'estes tempos os irmãos fazem um movimento para abaixar gradualmente os copos: ao terceiro assentam-nos simultaneamente e com arruido, de modo que se ouça só um som). Mão direita á espada! Espada á frente! Continencia d'espada! Descançar espada! (abaixa-se vagarosamente a faca). (Gautrelet t. 2. p. 155—extracto da Hist. pittor. da fr. maç. pelo irmão Clavel. Introd.).

Os generaes podem ficar bem adestrados no commando de toda a brigada e exercito, e até no exercicio de recrutas e manejo das armas.

Mas quanto mais engraçada não seriam ainda estas ceremonias, se em seguida, e á frente de uma bandada de rapazes, apparecesse um d'elles mais desembaraçado, de chapéo embicado, feito segundo o costume com o papel riscado dos seus borrões da escola, e começasse tambem a commandar—meus camaradas, vamó-nos a elles. Fogo! Bom fogo! O mais vivo e nutrido fogo! Desenvolvendo-se então a guerra com nuvens de pedradas sobre estes philantropos mitrados, quantas cangalhas não saltariam dos narizes d'estes fraternos beberrões, quando dessem ás de villa Diogo com os calcanhares no trazeiro a fugir na frente d'este exercito aguerrido de heroes descalços? Não seria esta uma scena engraçadissima para fazer rir até os mais sombrios misantropos?!! E não daria esta commandancia materia para um brilhante entremez?!!

A commandancia das saúdes da Gran-Metra nos banquetes das maçonicas é quasi como a dos Veneraveis. Cheias as

alámpadas (copos) e postas em pé as fraternas e fraternos, a Gran-Mestra começa a commandancia—Meus irmãos e minhas irmãs (não pódem funccionar uns sem outros), a saúde que vos proponho é a de... Em honra de uma saudação que nos é tão cara apaguemos (despèjemos) as nossas alampadas por cinco. Alampada na mão direita! Apagar a alampada! Alampada á frente! Descançar a alampada! Uma, duas, tres, quatro, cinco. A Gran-Mestra, e todos os circumstantes, imitando-a, levam a espada quatro vezes ao peito, e ao tempo de cinco, collocam-na sobre a meza com grande arruido, etc. (Gautr. t. 2. pag. 157—Hist. pittor. da fr. maç. por Clavel. Introducção pag. 33).

A final, depois das muitas saúdes, estas beberronas, tornadas odres ambulantes, vão para casa a cambalear e a soletrar o grego primitivo por emperramento na articulação da lingua; e para não cahirem pelo caminho necessitam ir amparadas pelos seus ajudantes fraternos da loja què, sem o quererem as vão arremedando nos movimentos indecisos das pernas e da lingua. E não daria esta farça tambem materia sobeja para um lindo entremez?!!

O juramento que todo o aspirante dá na loja ao entrar na seita é o seguinte:

Juro, em nome do Supremo Architeto de todos os mundos de nunca revelar os segredos, os signaes, os toques, as palavras, as doutrinas e os usos dos franc-mações, e de guardar sobre tudo isto eterno silencio. Prometto e juro a Deus de nunca atraiçoar cousa alguma, nem por escripto, nem por signaes, por palavras ou gestos; de nunca mandar escrever, lithographar, nem imprimir cousa alguma a este respeito; de nunca publicar nada do que me tem sido confiado até este momento, e do que me fôr confiado no futuro. Obrigo-me e sujeito-me ao seguinte castigo, se faltar ao que prometto: que me queimem os labios com ferro em brasa, que me cortem a mão, que me arranquem a lingua, que me cortem as guéllas; que o meu cadaver seja dependurado em uma loja durante os trabalhos da admissão de um novo irmão, para ser a deshonra de minha infidelidade, e o terror dos outros; que o queimem depois e lancem as cinzas ao vento, para que não fique vestigio algum da memoria da minha traição. Assim Deus me ajude e o seu Santo Evangelho. Amen (Segur p. 28. Gautr. t. 2. pag. 19).

Estes desgraçados misturam assim o nome de Deus e do

Evangelho a seus detestaveis juramentos, e entregam-se amarrados de pés e mãos a um poder occulto, que não conhecem e que nunca conhecerão; que lhes dará ordem para assassinarem, e será necessario que assassinem; que lhes ordenará o violar as leis divinas e humanas, e se elles não obedecerem, serão mortos! E assim presos e escravos chamam-se livres!!! Como tudo anda ás avessas!!!

Por este primeiro juramento desistem os maçães da liberdade com que o Creador os dotára, para com ella conseguirem o ceo, e desistem igualmente da bèmaventurança eterna, para que foram creados, desistem do maior beneficio que podiam receber de Deus; e se revoltam por consequencia contra o seu maior bemfeitor, porque entregam o corpo e alma sem o menor interesse nem condição alguma á maçonaria e ao demonio, inimigos irreconciliaveis d'elle, passando-se para o seu partido, e usurpando a Deus por esse facto horrendo os direitos de vida e de morte sobre si, que só a elle pertenciam, por ser o que creára ambas as substancias, e por ser incontestavelmente o senhor absoluto de uma e outra. Quantos peccados tamanhos incluidos n'este attentado tremendo!!! Declarando-se estes monstros em guerra aberta contra Deus, e em odio eterno ao seu Creador, como será possivel que amem depois creatura nenhuma d'elle, ainda mesmo os desgraçados seus irmãos na seita?!!! Eis a fraternidade maçonica, que tanto apregoam!!! Segue-se pois que os maçães por este facto consummam pacto ao menos implicito com o diabo, como se prova claramente pelo que se segue.

Mr. P. A. de la Porte, Dr. em theologia, e professor dogmatico na Universidade de Bordeus, na versão de 1879 do seu opusculo sobre a existencia do diabo e das suas obras, diz:

A pag. 83—O direito de vida e morte que alli (na loja pelo juramento) se adjudica (e que de tempos a tempos se exerce), é uma usurpação do direito de Deus, concedido só aos seus encarregados, isto é aos regentes visiveis das nações, d'onde se segue que aquelles, que acceitam esse direito selvagem tornam-se porisso mesmo verdadeiros assassinos.

A pag. 80—O nosso fim principal, escrevia em 1819 um dos mais altos dignatarios de tão tenebroso imperio, é o de Voltaire e da revolução franceza, o aniquilamento completo do catholicismo, e até mesmo da idêa christã (Instrucção secreta da Venda suprema, endereçada a todas as Vendas).

A pag. 82—A maioria da Ordem não só não admitte o

o christianismo, mas combate-o com toda a sua força (Revista Maçonica, janeiro de 1884).

A pag. 80—Satanaz e os seus demonios tem um plano, cuja existencia se reconhece, e cujo desenvolvimento se percebe facilmente: dissolver a sociedade cujo chefe é o homem Deus, e substituil-a por uma sociedade governada pelo principe das trevas.

A pag. 83—Escreveu-se que, em algumas (sociedades secretas) Satanaz foi e é ainda directa e pessoalmente adorado (1). É muito natural que as sciencias occultas sejam exercidas nas trevas: certo é que pelos seus conluios e pelas decisões solemnes da Egreja, se veio a saber que ellas são instrumento dos poderes infernaes na sua lucta contra Jesus Christo e o seu povo fiel, que ellas são a synagoga de Satanaz; o exercito terrestre do anti-christianismo, odioso, hypocrita, homicida.

As sociedades secretas são o foco central da revolução, e a revolução, disse Pio IX (Encycl. 8 de dez. 1853), é inspirada pelo proprio Satanaz. O seu fim é destruir completamente o edificio do christianismo, e reconstruir sobre as suas ruinas a ordem social do paganismo O paganismo é o publico reinado dos espiritos maus, substituindo o reinado de Deus.

Segue-se pois que os maçōes são inspirados pelo proprio diabo, e que estão combinados com elle, para acabar com o christianismo, por pacto formal, que se realisa por meio do magnetismo e espiritismo, como se explica mui claramente, e se prova com evidencia na mesma obra citada.

---

(1) O sabio auctor do Judeu de Verona Bresciani, muito versado na chimica e outras sciencias naturaes, pouco disposto a dar credito aos prejuizos e ás illusões espirituaes, disse ter obtido a prova certa d'isso, e para a conseguir, segundo conta Sainte-Foi, informado por um ecclesiastico seu amigo, por curiosidade, se filiara n'uma loja, onde vira cousas extraordinarias. Que os iniciados, ajudados pelo somnambulismo magnetico, travavam relações com os defuntos, que lhes appareciam, e respondiam ás suas perguntas. Que voltando a casa, para se certificar se n'isso havia illusão ou embuste, magnetisara um filho de onze annos, e que depois de adormecido evocara elle magnetisador a sombra de sua mulher, que perdera quando o filho estava apenas de dois annos, e que elle filho mergulhado no seu somno fizera uma descripção de sua mãe e traçara com lapis no papel um retrato muito semelhante, tanto nas feições como no vestuario. Que o dito ecclesiastico consentindo na mesma occasião em ser magnetisado vira a mesma e outros defuntos, mas que ao accordar se sentira de certo modo escravo d'um poder estranho, e com receio de se vêr preso de uma verdadeira obsessão.

O pacto pois com o diabo, segundo mr. de la Porte, a pag. 42—é um contracto em virtude do qual o demonio permitte ao homem que participe do seu poder, mediante uma remuneração, que elle exige, a qual é ordinariamente a renuncia da salvação eterna.

É preciso distinguir com S. Thomaz o pacto expresso e o pacto implicito ou subentendido. Quando se invoca o demonio, apparece este sob uma fórma visivel, falla com o desgraçado que o invocou, discute com elle as condições dos seus sinistros favores, e recebe em troca uma promessa de obediencia, uma abjuração do baptismo; é esse o pacto expresso. É d'esta ordem o caso contado nos Appendices da mesma obra citada a pag. 5, por mr. Mirville, dizendo—Em casa d'um dos meus amigos, medico muito entendido, o lapis escreveu textualmente esta phrase—se quizeres entregar-me a tua alma, o teu espirito e o corpo satisfarei todos os teus desejos, incluindo aquelles em que mais te empenhas n'este momento. Se consentes n'isso assigna o teu nome por baixo do meu e estará tudo feito—E o espirito assignou—Gielf—Assignando o invocador o nome ficava consummado o pacto expresso.

O pacto é implicito, quando é obrigada uma pessoa pela legitima suspeita de que Satanaz representa um papel qualquer em certas praticas mysteriosas, taes como os diversos modos de adevinhação por meio da varinha magica, das cartas, das mesas girantes, e teima em recorrer a essas mesmas praticas. D'esta ordem eram os que se consummavam nos ultimos annos do seculo 18 pelo magnetismo precursor do espiritismo moderno, e ainda hoje por ambos estes systemas diabolicos, exercidos principalmente nas lojas maçonicas, como se vê pelos seguintes factos narrados na mesma obra citada.

A pag. 56 diz—Sob a pressão dos dedos movem-se mesas etc. Excitada a curiosidade publica, os moveis encantados desenvolvem maior habilidade, dão aos que os interrogam respostas exactas; os pés das mezas, de dia para dia cada vez mais ageis, movem lapis que executam desenhos, escrevem grandes paginas, revelam os mais intimos segredos; e finalmente pregam doutrinas philosophicas e religiosas. Milhares de pessoas são testemunhas d'estes factos, um grande numero se torna victima d'elles; todo o mundo se impressiona; os demonios entram em communicação habitual com os impios ou com os impudentes, que os invocam; começa uma nova e espantosa evolução da magia!

A pag. 55 diz—Observadores attentos e judiciosos ao verem o magnetismo animal a produzir phenomenos superio-

res ás forças physicas e intellectuaes dos magnetisados, desconfiaram da intervenção diabolica. (E com razão, como eu desconfiei quando ha muitos annos, no tempo de estudante principiei a ouvir fallar de taes phenomenos, porque não podia acreditar que a materia de si inerte se movesse sem impulso de ser externo, que sendo invisivel, não podia ser senão o diabo, por ser indigno de Deus e dos seus escolhidos intervir em coisas tão ridiculas).

A pag. 76 diz—Ouçamos o barão Potet contar de que modo, não tendo elle querido ser mais do que magnetisador, se viu depois bruxo;.. senti-me affectado do terrivel poder occulto. Um dia, evocada esta força, um outro diria, este demonio (e diria bem); senti agitado o meu ser... A alliança estava feita, o pacto consummado, um poder occulto se ligara a mim com a força que me era propria...

A pag. 77 diz—Se o magnetisado diz o que não sabia, o que não lhe disseram, o que elle mesmo ignorará passada a crise nervosa, é por que um outro que sabe, vem, durante a crise, fallar pela sua bocca.

O magnetismo do mesmo modo que o espiritismo... se curou ou pareceu curar algumas doenças, tem, em compensação, perturbado, seduzido, perdido multidões de desgraçados, tem até mesmo, fóra das occasiões da crise, produzido monstruosas desordens moraes em consequencia do poder despotico, que dá ao magnetisador. Finalmente, segundo o testemunho dos principes d'esta arte tenebrosa, o magnetismo faz perder o amor á vida, e tem mais d'uma vez arrastado ao suicidio.

A pag. 63 diz—O espiritismo... produz todas as doenças nervosas, e outras que a imaginação faz nascer, e que terminam frequentemente pela loucura. Produz desastres, loucura e suicídio.

As casas de alienados acham-se cheias de espiritistas, a quem os espiritos fizeram perder o espirito proprio. Uma só casa de saude com 255 loucos contém 54 victimas do espiritismo. O desgosto da vida apodera-se dos infelizes que travam relações com o que foi homicida desde o principio.

A pag. 91 diz—Quem sabe ao certo o papel que o demonio póde hoje mesmo representar n'essas enfermidades estranhas e tão diversas, que se denominam ordinariamente loucura?

Entre as numerosas victimas do espiritismo que existem nas casas de saude, não haveriam algumas a quem os exorcimos da Egreja poderiam curar?

—Mas sendo tu tão miseravel, e Deus tão bom como dizes, se diligenciasses demovel-o!... Quem sabe?!

—Pedes uma cousa absolutamente impossivel!

—E porque?

—Não me perdoará, porque não quero o perdão.

—Então odeial-o?

—Oh! se odeio!... Pois se o meu nome é — odio — eu odeio tudo, e odeio-me a mim mesmo.

É este o estado de todos os condemnados, porque morrem no odio a Deus, e assim tem de perseverar por toda a eternidade, incapases de arrependimento, e por consequencia de perdão, porque acabou para elles o tempo do merecimento, e se acham fóra da graça de Deus, sem a qual não pode fazer-se cousa de valor ou merito para a salvação.

Vê-se pois que, não tendo o homem o direito de vida e de morte sobre si, não o pode ceder a outrem, e que os maçães acceitando-o se tornam verdadeiros assassinos.

Vê-se mais que o homem evocando o diabo ou os defuntos por meio do magnetismo e espiritismo recebe respostas, mas que as dos defuntos são fingidas pelo diabo, e que todas ellas são falsas, porque o diabo é pae da mentira, e só obrigado por Deus póde dizer a verdade.

Vê-se tambem que, odiando o diabo a todos, a tudo e até a si proprio, é inclinado só a fazer sempre mal, e porisso que o bem que faça é sempre apparente e só com o fim de enganar e perder o homem, e por consequencia que a conversação com elle é sempre má porque é prohibida por Deus e pela Egreja com excommunhão (padre Franco t. 1. pag. 163 e seguintes), e porque só póde produzir molestias nervosas, o desgosto da vida, o suicidio e a loucura, e por fim a perdição eterna do homem, que elle procura sempre.

Ve-se alem d'isso que quasi todos os mações tem pacto ao menos implicito com o diabo, consummado logo pelo primeiro juramento ao entrar na seita, por que, usurpando a Deus o direito de vida e de morte e cedendo-o á maçonaria, que está subjeita ao demonio por pacto expresso, segue-se que fez com ella e com o demonio pelo menos pacto implicito passando-se para o seu partido, que é contra Deus. Ve-se finalmente que pelo menos os mações mais adiantados e auctorisados na seita tem todos ou quasi todos pacto expresso com o demonio, e estão combinados com elle para acabar com o christianismo, e estabelecer o paganismo ou o reinado publico e adoração do diabo, e que, por consequencia as lojas são a synagoga de Satanaz, onde se préga, es-

tuda e aprende só o mal para a destruição do bem e do mundo.

=A maçonaria, diz o Irmão Ragon, auctor sagrado da seita, n'um dos seus livros officiaes, é uma e universal: tem muitos centros d'acção, mas só um centro d'unidade. Se a maçonaria perdesse este caracter d'unidade e universalidade deixaria d'existir (Gautrel. t. 1. pag. 20, tirado do—Curso philosophico pag. 52).

=Embora dispersos sobre toda a superficie da terra, os franc-mações formam uma unica communidade, tem os mesmos segredos, seguem a mesma verêda, são formados pelas mesmas regras e com a mesma medida, são finalmente animados do mesmo espirito (Gautr. t. 1. pag. 52, copiado da franc-maçonaria Adoniramite do mesmo auctor provem da mesma origem tem os mesmos principios, collaboram para a mesma obra e tem o mesmo fim.

=Todo o profano que se torna mação deixa de pertencer a si proprio: elle pretence d'ahi ávante só á Ordem que se acha derramada sobre toda a superficie do globo (Gautr. pag. 66. copiado do—Rit. do grau d'Aprendiz p. 51).

Ainda que todas as lojas teem a mesma essencia, com tudo entre os seus diversos ramos ha alguma differença accidental, como na seita dos chamados—solidarios—que se obrigam uns para com os outros por um pacto formal, e por escripto, feito muitas vezes com o sangue das proprias veias, a não receberem sacramento algum em toda a vida, nem admittir sacerdote junto do leito do moribundo, a repellir todas as consolações e soccorros da Egreja Catholica na hora das angustias ao despedir-se do mundo, e por consequencia a graça da conversão e perdão dos peccados, e todas as preces e ceremonias da mesma Egreja depois da morte. (Segur pag. 95 e Bispo d'Orleans pag. 12).

E' esta uma maldade mui grande e que de ordinario termina na impenitencia final, na ultima e maior desgraça, porque estes malvados por sua livre vontade repellem a graça divina, unico soccorro que os podia mover á penitencia e conversão.

—Para evitar conflictos na occasião da morte a loja de Paris, chamada do Futuro, creou uma commissão, cujo artigo 10.º dos seus estatutos diz:

O livre pensador, podendo ser embaraçado na proximidade da morte por influencias estranhas (as da familia), no cumprimento das suas obrigações para com a commissão, en-

tregará a tres dos seus irmãos, afim de facilitar a sua missão n'este caso, um escripto em tres copias, no qual confira a seus irmãos o direito de protestar abertamente no caso em que, por qualquer motivo que seja, se pretenda impedir o cumprimento da sua vontade expressa, para ser sepultado fóra de toda a especie de rito religioso (Bispo d'Orleans pag. 13, tirado do—Mundo Maçonico tomo 9).

D'este modo instituem sobre si proprios, e no seio de sua familia, essa intrusão repugnante, por força da qual os frnc-mações, munidos de um escripto, conferindo poderes a tres d'entre elles, entrarão em casa e dirão ao pae, á mãe, mulher e aos filhos do moribundo. — E' nosso, pertence-nos moribundo ou morto! Retirai-vos!

Que consternação não ha de ser para os da casa verem que vieram os diabos tomar conta d'este membro de sua familia em sua vida, e por sua livre vontade, para o arrastarem ao inferno a padecer tormentos horriveis por todo o sempre, e sem mais remedio!!! E' na verdade motivo bem forte para fazer estalar-lhes o coração de dor!!!

Conta o Bispo d'Olinda na sua Pastoral a pag. 96 que— alem de outros casos acontecidos em uma diocese do Brazil, fôra, em Brooklim dos Estados Unidos, chamado um religioso Passionista para sacramentar um moribundo, e que na confissão elle lhe entregara as insignias e papeis maçonicos, mas que, vendo-os a filha na mão do padre ao retirar-se, o advertira que faltava n'elles um papel que o pae tinha recommendado fôsse depois da sua morte entregue sellado ao chefe da sua loja. Accrescenta que, voltando o padre ao leito do moribundo, depois de ateimar muito com elle inultilmente, a filha, por uma lembrança inspirada, o movera a entregar-lh'o.

Que era um escripto contendo—um juramento de guerra sem fim, sem tregoas, contra a Egreja, o Papado e os Reis, com as mais horripilantes maldições, se elle violasse a sua palavra—assignado com sangue!!! e que morrera logo em seguida, fazendo um acto de contrição.

Ainda ha poucos dias contou a «Nação» que em uma diocese de Portugal fôra um parocho sacramentar um moribundo, e que no dia seguinte, sabendo que elle tinha morrido, lhe mandara fazer nos sinos o signal da sua morte, mas que em seguida apparecera um escripto reconhecido por tabellião, que o defunto fizera em vida, declarando que depois da sua morte não queria nem preces nem ceremonias algumas da Egreja Catholica, e que porisso fôra enterrado como queria, já se sabe, como qualquer burro.

Em Roma, durante as desordens de 1848, descobriram-se muitas reuniões nocturnas, entre outras uma no arrabalde do Transtevere, onde os adeptos homens e mulheres se juntavam para celebrar o que chamavam a—missa do diabo—Sobre um altar ornado com seis velas pretas, collocava-se um ciborio; cada um, depois de ter escarrado sobre um crucifixo, e tel-o calcado aos pés, levava e mettia no vaso uma hostia ou particula consagrada, que tinha recebido pela manhã em alguma egreja, ou que tinha comprado a alguma má velha pobre a preço de dinheiro.

Depois começava uma ceremonia diabolica, que terminava pôr uma ordem dada a todos de desembainhar o punhal, subir ao altar e ferir o Santissimo Sacramento com repetidos golpes (Segur pag. 65).

Eis a maldade dos solidarios subida ao mais alto grau, levada até ao desespero. D'onde virá um odio tão entranhado contra Jesus-Christo, que nenhum mal lhes fez, e só lhes tem feito bem?!! Vem de certo da imprecação horrivel, que os judeus seus ascendentes rogaram a si proprios, e aos seus descendentes, e lhes cahiu!!! (nota 130).

E' este um signal infallivel de que o sangue d'essa raça amaldiçoada lhes ferve nas veias.

Estes são os sensuaes, que só procuram os prazeres, os folguedos, e todos os divertimentos do mundo, e n'elles passam os seus dias—Ducunt in bonis dies suos (Job. c. 11 v. 13). Estes são os luxuriosos, que, entretidos a chafurdar na immundicie, como o porco a revolver-se no meio do lamaçal —sus in volutabro luti (Petr. Ep. 2. c. 2. v 22), não veem o prestito funebre, nem attendem aos sermões tristes e commoventes dos defuntos que, ao passar por diante d'elles, lhes pregam de dentro dos esquifes sobre os quatro novissimos do homem, a morte, o juizo, o inferno e o paraiso: e se acaso sentem os sons das suas palavras aterradoras tapam logo os ouvidos, como o aspide surdo, para se não abalarem com as expressões enternecedoras dos encantadores, que lhes tocam as cordas do coração, lembrando-lhes a espantosa eternidade que os espera—Sicut aspidis surdæ, et obturantis aures suas: quœ non exaudiet vocem incantantium (Salmo 57 v. 5 e 8).

São estes que tem feito pacto expresso com o demonio, e de quem Deus se queixa pelo seu propheta Ezequiel, que voltam as costas ao altar santo, onde apparece o Redemptor divino em pessoa a chamal-os á contricção, para fixarem a sua vista nas pessoas que lhe despertam a concupiscencia—Dorsa

habentes contra templum Domini... et adorant ad ortum solis (Ezeq. c. 8. v. 16).

São estes os que no templo do Deus vivo com o maior descaramento e temeridade a mais ousada, voltam as costas ao Santissimo, ao Creador de toda a formosura, e a formosura infinita e perfeitissima por essencia, para se virarem com escandalo horrivel para os idolos de carne, e render-lhes as adorações devidas só ao Ser Supremo, sem se lembrarem, que cegueira!!! que a bellesa d'esses idolos é apparente e perecedoura, que elles estão por dentro recheados de materia nauseabunda, e que dentro em pouco se hão de tornar cadaveres em putrefação, que afugentarão para bem longe de si estes seus cegos e insensatos adoradores.

São estes finalmente os que dizem a Deus: retira-te de nós, pois nós não queremos conhecer os teus caminhos: preferimos estes prazeres do mundo, embora grosseiros, immundos e apparentes, á bemaventurança real, eterna e perfeitissima que nos promettes, para gosarmos só para além da morte— Qui dixerunt Deo: Recede á nobis, et scientiam viarum tuarum nolumus (Job. c. 11. v. 14).

Mas que desgraça!!! Não verem estes cegos, que entregues á ruinosa devassidão da edade juvenil dos seus vinte annos, ou de menos ainda, descem velhos á sepultura, sem gosarem nada a bellesa do mundo, que encanta a todos os innocentes, e n'um momento sem o quererem, nem o esperarem, cahem no inferno, para as suas almas e corpos serem lá queimados com todos os seus vicios por tempo infinito nas horriveis lavarêdas eternas!!!—et in puncto ad inferna descendunt (Job. c. 21. v. 13).

Estes com certeza são filiados nas lojas dos solidarios das reuniões nocturnas do Trantevere, e com elles querem celebrar a chamada—missa do diabo—e é esta a missa que procuram e que ouvem.

Os maçães pois quanto á sua malicia podem reduzir-se a tres classes: 1.ª a dos que consummam com o diabo pacto implicito pelo juramento da iniciação na seita, pela evocação dos espiritos, ou por assistir voluntariamente aos trabalhos magneticos e espiritistas—2.ª a dos que consummam com o diabo o pacto expresso, e se combinam com elle para acabar com o christianismo—3.ª a dos que se obrigam entre si por pacto formal a não receberem sacramentos, nem preces ou soccorros alguns da Egreja Catholica tanto em vida, como depois da morte, ou que affrontám a Jesus Christo por pa-

lavras ou por obras, como os das reuniões nocturnas do Transtevere, ou os idolatras das mulheres nas egrejas.

E' certo que revoltando-se formalmente contra Deus todos os mações pelo primeiro juramento ao entrar na seita, perdem a divina graça, e ficam escravos da maçonaria e do demonio, que depois lhes estorvam a conversão. Por isso não admira, e até é muito natural, que fiquem propensos só para o mal, e para commetterem todas as iniquidades imaginaveis, que o diabo, seu novo senhor, lhes queira e possa suggerir, porque, como espirito máu, só póde inclinar para o mal, e por isso é sempre mui difficultosa a sua conversão.

Todavia não é menos certo, que todos os peccadores, ainda os maiores, podem converter-se, receberem de Deus o perdão dos seus peccados, emquanto são viajantes n'este mundo, uma vez que ponham para isso os meios necessarios, que elle e a sua Egreja ordenam, e por consequencia salvar-se, porque além de outros muitos textos da Escriptura Santa, que o asseguram, temos o do proprio Filho de Deus feito homem, que diz—Porquanto eu não vim ao mundo a chamar os justos á penitencia, mas os peccadores—Non enim veni vocare justos sed peccatores (Math. c. 9. v. 13).

Por consequencia os mações da 1.ª classe, principalmente os que foram arrastados á loja ao engano e á traição, sem conhecimento perfeito do que iam fazer, e que depois não frequentaram a loja, ou que na occasião do juramento se apossaram de medo extraordinario, podem converter-se com mais facilidade, e abjurar a maçonaria, attentas estas attenuantes, ou outras como estas, porque não peccaram por pura malicia, e com premeditação.

Assim aconteceu no tempo da primeira constituição liberal a um doutor, que em Coimbra, por occasião de uma missão, se converteu e abjurou a seita, fugindo em seguida e occultando-se até á morte em Braga na casa de uma familia legitimista, onde compoz e mandou imprimir uma obra, que eu li no tempo de estudante, na qual provou os direitos do Snr. D. Miguel I á coroa de Portugal, declarando no ultimo paragrapho, ainda afflicto, a sua desgraça por estas palavras textuaes—e vós, que com disparádas pistolas me fizestes atirar contra o Redemptor do mundo!!! Este acontecimento foi-me contado tambem pelo padre Bernardo, do logar da Taboadella da minha freguezia, Reitor de Ribas de Basto, homem de probidade, sério e virtuoso, que passeou com elle muitas noites pelas ruas da cidade.

O mesmo aconteceu tambem ha pouco no Brazil em se-

guida á Pastoral do Bispo d'Olinda Fr. Vital sobre a maçonaria, porque muitos mações, vendo por ella, que esta sociedade diabolica tem por fim, além de roubar o mundo, acabar tambem com a religião Catholica, abjuraram a seita, declarando nas notas publicas dos tabelliães, que viviam enganados, como o publicou a «Nação» d'essa epoca, copiando os seus nomes em diversos numeros do jornal aos sete e oito de cada vez.

O mesmo aconteceu tambem ao Saldanha, grande general portuguez, e grande theologo, abjurando a maçonaria, e declarando-o em uma carta, que publicou pela imprensa, e assim aconteceu igualmente ao marquez de Ripon, protestante e chefe da maçonaría ingleza, que abjurou o protestantismo e a maçonaria, desistindo de todas as honras, dignidades e titulos que tinha da sua nação, e passando para o catholicismo, sendo substituido na chefía maçonica pelo principe de Galles, filho da rainha Victoria e herdeiro da coroa.

Os mesmos impios que tenham feito pacto expresso com o demonio, e estejam combinados com elle para acabar com a Egreja, e até os mesmos solidarios, ainda os adoradores das mulheres no templo sagrado, não devem desesperar da sua salvação, emquanto forem viajantes n'este mundo, porque Deus é pae amantissimo de todos, e de infinita misericordia, e por isso inclinado sempre ao perdão, como elle proprio o affirma pelo propheta Ezequiel, até com juramento, pelas seguintes palavras— Eu juro por minha vida, diz o Senhor Deus: que eu não quero a morte do impio: mas sim que o impio se converta do seu caminho, e que viva—Vivo ego dicit Dominus Deus: nolo mortem impii: sed ut convertatur impius á via sua, et vivat—(Ezeq. c. 23. v. 11).

Por consequencia a difficuldade da conversão do impio não está da parte de Deus em perdoar, porque é por essencia a bondade infinita, mas da parte do impio em não procurar o perdão pelos meios e modo que Deus e a sua Egreja mandam. Para provar esta verdade temos, além de outros muitos, o exemplo do illustrado Littré francez, protestante, maçon e escriptor impio, reputado geralmente por homem de mui grandes conhecimentos, que adoecendo no verão passado de 1883, e sendo visitado por um seu amigo padre catholico, e não o repellindo, foi convertido por elle, pela sua mulher e pela filha, que eram catholicas, e foi baptisado pela sua mulher á hora da morte. No mesmo verão se converteu ao catholicismo Emilio Girardim, escriptor impio e redactor muito illustrado d'um periodico francez de grande nomeada. Ainda ha

pouco no fim de 1883 ou principio de 1884, se converteu á hora da morte D. Antonio Romero Ortiz, um dos primeiros revolucionarios d'Hespanha, um dos mais decididos sectarios da maçonaria e um perseguidor da Santa Egreja, confessando-se com o seu parocho, recebendo das suas mãos o Sagrado Viatico com a maior compuncção e contricção dos peccados, e fazendo retractação publica dos seus erros perante o Em.^mo Cardeal Arcebispo de Tolêdo, que a pedido seu implorou e conseguiu do SS. Padre a benção Apostolica para elle—in articulo mortis—como o conta, transcrevendo da «Nação», o periodico bracarense «Cruz e Espada», d'este anno de 1884—n.º 107. O mesmo Voltaire, maçon, impio, e escriptor dos mais depravados, que dizia—ecrazer l'Infame!!! esmagae o infame!!! (Nosso Senhor Jesus Christo)—teve á hora da morte um grande toque da graça de Deus, que o procurou na occasião mais angustiosa por meio dos remorsos de consciencia, pedindo um padre para se confessar. Mas os que o cercavam, e que por elle tinham sido depravados, responderam-lhe—isso não, pois tu até aqui tens-nos ensinado uma cousa, e agora queres outra!!! isso por modo nenhum!!! Então exclamou o infeliz—que desgraça a minha, desamparado de Deus e dos homens!!! Assim terminou a vida aquelle malvado, que tão mal vivera, e que tantos estragos causára!!! E' de notar, que as conversões dos homens illustrados são mais frequentes, porque meditam mais e melhor no perigo do que os ignorantes.

Mas desgraçadamente um padre distante d'aqui, de quem se diz que, quando deu o tiro no Santo Christo ao entrar na maçonaria desmaiára, como asseveram igualmente os seus proprios irmãos da loja, não seguiu o exemplo de nenhum d'estes, porque não consta, que abjurasse a maçonaria. Por consequencia este desgraçado, pelo attentado tremendo contra o Auctor da vida, desistiu para sempre da salvação eterna, e da graça divina, que podia chamal-o á conversão, e em tal caso está perdido, porque não procura o remedio.

Ve-se pois que ainda os maiores impios se podem converter, e com effeito se convertem, porque Deus os procura por mil modos, e os espera por toda a vida que lhes concede: mas para se effectuar a sua conversão é preciso de ordinario, que se cancem a chamar a Deus pelo perdão até que enrouqueçam, e que enrouqueçam pelo menos tanto como Deus enrouqueceu a chamar por elles, quando d'elle se retiraram, porque, quanto mais o peccador se foi apartando de Deus, mais alto Deus gritava, e menos o peccador o

ouvia, por se achar já a longa distancia d'elle, e os sons da da voz de Deus se distinguirem por isso de cada vez menos até se extinguirem de todo—Cancei-me clamando, e de clamar enrouqueceram-se as minhas fauces—Laboravi clamans, raucæ factæ sunt fauces meæ (Salmo 68 v. 4).

E' preciso mais que o impio procure com o maior empenho, e com insistencia perseverante o patrocinio da Virgem Immaculada, chamando constantemente em altos brados, que elle intreceda por elle perante Deus, para que o mova com a sua divina graça a fazer ao ministro do Redemptor uma confissão clara e sincera dos seus peccados, acompanhada da contrição e preposito firme de emenda.

Postas estas deligencias pode o peccador ainda o maior impio contar com a sua conversão, com o perdão dos seus peccados, e com a salvação eterna, porque assim o affirma Deus pelo seu propheta Joel, pelos Actos dos Apostolos e por S. Paulo, dizendo—Porque todo aquelle, quem quer que fôr o que invocar o nome do Senhor, será salvo—Omnis enim, quicumque invocaverit nomen Domini, salvus erit (Rom. c. 10. v. 13.—Actos c. 2. v. 21.—Joel c. 11. v. 13).

Prova-se esta verdade com o caso contado no «Despertador», advogado das almas do purgatorio d'este anno de 1883, n.º 12, copiado da «Semana Catholica», que em resumo é o seguinte:

—Em Nant, pequena villa do departamento de Aveyrão, um estudante, chamado Carlos, depois de frequentadas as aulas com aproveitamento e distincção, e depois de conseguido por opposição um emprego, marchou para Marselha com grande sentimento da sua mãe, que na despedida, abraçando-o, lhe disse—Meu filho, tens sido devoto da Santissima Virgem, não te esqueças, que ella jámais abandona quem recorre ao seu patrocinio—Sim, nunca me esquecerei da nossa Mãe do céo, prometteu elle. Passado muito tempo sem receber do filho as cartas do costume, recebe ella telegramma, que lhe diz—F. ponde-vos immediatamente a caminho, porque o vosso filho necessita da vossa presença.

Uma senhora, ou antes um anjo, ou a Virgem Immaculada, que ao passar pela porta da habitação do filho, ouvira os seus lamentos de afflicção, e entrára na casa a tempo em que os malvados seus falsos amigos o haviam abandonado, por se convencerem que o moribundo estava nos ultimos instantes da vida, e supporem que tinham segura a sua perdi-

ção eterna, foi a que mandou o telegramma. Chegada a mãe ao leito do filho moribundo disse-lhe elle —os que me cercavam queriam que eu morresse sem sacramentos, para se apoderarem do meu corpo, e enterral-o civilmente. Tambem fizeram todos os esforços, para que eu firmasse um escripto, que me entregaria completamente á sua preversidade, no que eu não cahi por saber que com isso vos daria a morte.

Passados dois dias, e depois de se ter sacramentado, ao partir para o outro mundo, disse com a voz soffocada—Minha querida Mãe, a Santissima Virgem foi quem vos enviou para junto de mim. Agora adeus, vou rogar-lhe por si.—Poucos momentos depois passou elle os umbraes da eternidade.

Vê-se pois que o liberalismo é filho do maçonismo, e no obrar o mesmo que o pae com a unica e insignificante differença de que nem todos os liberaes são maçōes e estão obrigados debaixo de juramento a obedecer aos chefes da seita infernal, como o estão os maçōes, que todos são ao mesmo tempo liberaes.

Não é preciso forçar os textos supra, nem as tres palavras sacramentaes, que lhes correspondem, para terem a significação acima designada, que é natural para todos, que saibam o emprego das ditas palavras—liberdade, igualdade e fraternidade—do credo maçonico, e por ser além d'isso a que os proprios maçōes lhes dão em todos os seus livros e na pratica.

—Por consequencia como, para elles subirem ao poder, é preciso derribar todos os thronos e altares, principalmente os de Christo, por elle lhes ser o mais opposto, não admira que elles sejam revolucionarios por natureza, e que empreguem a traição e todos os meios perfidos e iniquos, para conseguirem o seu fim, que é sempre mau, por ser inpirado por Satanaz.

—Nós pedimos, diz a «Internacional», orgão das secções belgas, a legislação directa do povo, para o povo, a entrada do solo na propriedade collectiva, a abolição do direito de herança individual (Gautrel. t. 1. pag. 146, tirado da «Internacional» de 27 de março de 1869).

—O congresso de Basiléa pela maioria de 54 votos contra 44 declarou:

1.° Que a sociedade tinha o direito de abolição da propriedade individual do solo, e de fazel-o entrar na communidade.

2.° Que havia necessidade de fazer entrar a propriedade do solo na propriedade collectiva—eu requeiro, disse Bakcourine ao congresso, a liquidação social, e por liquidação social

entendo a expropriação de todos os actuaes proprietarios (Testa. pag. 11. Gautr. t. 1. pag. 147).

Este não era acanhado no pedir!!!

—Igualitarios convictos, queremos chegar á igualdade pela abolição da herança (Gautr. t. 2. pag. 86, tirado da «Igualdade» de 10 d'abril de 1869).

Vê-se pois que a liquidação geral, ou repartição de toda a propriedade pelos irmãos da seita é a pretensão de todos os mações ou liberaes.

Parece que estes philantropos fundam a sua justiça na opinião respeitavel de um taberneiro de perto d'aqui, muito entendido nos direitos de propriedade, que assegurava terem Adão e Eva morrido—ab intestato—por não apparecer em nenhuma parochia nem o seu testamento, nem o registo d'elle, e que porisso todos os seus descendentes pobres tem direito á repartição da propriedade por elles, para a disfructarem, como querem os mações, por tanto tempo, como os seus possuidores actuaes a tem disfructado até aqui.

Entretanto sou de opinião que, havendo de prevalescer esse direito, só deverá aproveitar aos catholicos e legitimistas, que, fundados na Escriptura Santa, no livro mais antigo e mais auctorisado do mundo e na tradição geral e constante de todos os povos, sempre se consideraram e foram reputados filhos ou descendentes de Adão e Eva.

Os mações porém só poderão fazer valer os seus direitos de hereditariedade nas regiões em que habitam os macacos seus primeiros progenitores, dos quaes tanto se ufanam de descender.

Mas para isso é-lhes preciso irem munidos com um attestado de Darwin, seu doutor maximo, em que provem com toda a clareza a sua filiação dos taes animaes pelludos, aliás vão em risco de lhes ser contestada em attenção ás suas obras diabolicas, e ao texto do Evangelho, que affirma ter-lhes Jesus Christo dito de cara e publicamente—Vós sois filhos do diabo: e quereis cumprir os desejos de vosso pae: elle era homicida desde o principio... é mentiroso, e pae da mentira—Vos ex patre diabolo estis: et desideria patris vestri vultis facere: ille homicida erat ab initio... qui mendax est, et pater ejus (Joan. c. 8. v. 44): tornando-se porisso duvidosa a sua filiação se é do animal rabudo, se do mafarrico, que tambem se pinta com rabo e cornos.

Em todo o caso porém os monarchas, que ainda conservam algum juizo deviam fazer transportar estes turbulentos incorrigiveis a essas paragens longinquas, onde podem vi-

ver em santa harmonia com os pelludos seus parentes, fazer com elles livremente o casamento civil, licitar á vontade e a seu modo em todos os bens que queiram, e ensaiar lá muito a seu gosto a sua querida e anarchica republica universal, por não terem n'essas regiões nem jesuitas a guerrear, nem monarchas a desthronar, deixando em paz por algum tempo os legitimistas e catholicos, seus naturaes antagonistas.

A «Nação» de 6 de dezembro do anno de 1883 com a epigraphe,—Uma scena comtemporanea—conta o seguinte:

Rochefort e Tony Revillon, dois republicanos de força, estiveram a ponto de ser sacrificados por alguns dos seus illustres correligionarios.

Achavam-se na sala Levis em meio d'uma multidão demagogica, um como presidente da reunião, o outro como secretario.

Fallaram ambos em sentido republicano, como era de esperar.

Rochefort declamou contra os reis, e a favor dos republicanos hespanhoes; Revillon propoz uma baixa legal nas rendas das propriedades.

Porém, um tal Lafargue, anarchista distincto, tomou a palavra contra a anarchia legal e agora o vereis: propoz que se desse um saque ao Banco, que não se respeitassem as propriedades individuaes, e os bens pertencentes a mãos impuras.

Outro anarchista propoz que se chegasse ao mesmo fim, empregando um meio mais prompto—degolar os proprietarios.

Revillon, vendo a attitude dos seus amigos foi-se approximando da porta e quando se encontrou na rua não o pôde crêr.

Rochefort, o marquez intransigente, teve medo de que a degolação começasse por elle, e, quando os correligionarios applaudiam phreneticamente o Herodes dos proprietarios, sahiu da sala... sem olhar para traz.

Estes bondosos repartidores da propriedade, que espantaram os seus mesmos chefes, e os poseram em sobresalto respeito á continuação da sua propria vida, são os mesmos que talvez bem breve hão de remunerar os morgados d'aldeia pelos heroicos serviços, que tem feito nas eleições a favor dos liberaes (nota 126).

Segue-se portanto que a irmandade maçonica ou liberal constitue a malta maior e mais terrivel d'impios, incendia-

rios, assassinos e salteadores, que tem apparecido desde a origem do mundo.

Tudo isto é facil de provar mostrando, além das razões expendidas, os estragos horriveis e irreparaveis, que elles tem feito em todas as nações, onde por desgraça se tem apoderado do governo, e a miseria a que as tem reduzido todas no ultimo meio seculo da mais cruel e afflictiva oppressão; e porque é o incendio, o assassino e o roubo, que protestam empregar contra os ricos, para se apossarem do que elles disfructam, e contra os padres, para elles não publicarem as suas maldades, tanto os nihilistas da Russia, como os socialistas da Allemanha, os irridentistas da Italia, os communistas da França, e agora ultimamente os da mão negra da Hespanha.

Entretanto os que tem roubado e arruinado mais os nações não foram os liberaes d'esta classe, ou ultima expressão do liberalismo, por que a sua demora no poder tem sido instatanea, mas os chamados conservadores, ou republicanos encobertos com a fingida monarchia, que não só roubaram, como os demais herejes passados, os bens dos frades, os paçaes e mais bens e alfaias da Egreja, mas tambem os bens dos povos com as contribuições pesadissimas, e insupportaveis (assim como desnecessarias se elles em vez do roubo tivessem em vista, como os governos legitimos, só o bem d'elles) com que tem apanhado a si todo o dinheiro, que n'ellas girava, por ser aforismo d'elles—emigrar sim, mas mendigar não.

A «Nação» de 14 de outubro do anno de 1883, em um artigo com a epigraphe—Vergonha, Vergonha!—além de outras cousas diz:

Os importadores de carvão de pedra depositaram nas alfandegas os direitos de todo o carvão que recebem, e logo que haja exportação o governo obriga-se a entregar aos importadores a importancia dos direitos pagos pelo carvão que não entrou no consumo.

Os importadores de carvão andam ha mezes a requerer ao governo que lhes faça a restituição dos direitos, o que importa já em bastantes contos de reis, mas não ha meio de obter o reembolso, e a resposta é... não haver dinheiro! Nem mesmo o dinheiro que está em deposito se restitue! Fóra caloteiros.

Este negocio é negro; mas ainda conhecemos cousa mais negra:—é o systema que nos rege!

Sendo isto verdade, como parece ser, pergunta-se geral-

mente, onde parará tambem o dinheiro dos depositos dos orphãos, dos mortos no Brazil, e de todos os mais?!! e quem o sabe para poder responder com certeza?!!

Todos encolhem os hombros, vendo que todos os negocios correm á revelia, e sem poder dar-se-lhe remedio.

E' porisso que todos dizem que os desejos de dinheiro são insaciaveis, que o fim dos mações é o goso de todos os prazeres, e que o roubo é o segredo principal que elles nunca revelam senão aos dos mais altos graus, porque revelado afugentaria da seita todos os homens de vergonha e de honra.

Os homens serios e pensadores suppõem com fundamento, que antes de pouco vae a propriedade passar toda para o poder de meia duzia de empalmadores, e que em breve ficamos na maior miseria, como os pobres da Inglaterra, obrigados a procurar pelas esterqueiras e mais logares de despejo, as migalhas de pão e mais sobejos das mesas d'esses fidalgos do novo progresso, para entreter por alguns dias o corpo desfallecido pela fome!!! Oh! agora é que eu digo deveras, quem dera cá os communistas, para igualarem os teres, e vermos se nos toca alguma cousa do que as velhas harpias nos apanharam!!! Se Deus nos não acode breve todos terão de fazer transações de negocio com papel, como no Brazil, em vez do metal cunhado, com que até hoje se tem feito, porque todo o ouro e prata tem desapparecido, e sem esperança de que volte para Portugal, por não haver generos nem manufacturas que se exportem para o attrahir, e por terem os mações passado para fóra do reino todo o que cá havia.

E ainda ha quem ache bons taes governos, e os desculpe sempre!

Estes é indubitavel que já calçaram o sapato em fórma de chinella, e que porisso são obrigados a dizer o que na verdade não sentem, a não se dever suppor que são de uma estupidez consummada, ou que perderam de todo o juizo e a vergonha.

E haver padres liberaes, e tantos!!! E haver padres que sem temor de Deus, sem vergonha dos homens, nem sentimentos de pessoas de bem, no pulpito, e até diante do Deus vivo exaltam a liberdade liberal!!! Que insulto tão horrivel ao Creador Omnipotente, e que atrevimento na sua propria casa!!!

Estes dão signaes inequivocos de que assignavam o seu nome abaixo do de Gielf, se constituiram filhos ex patre diabulo, que fizeram com elle pacto expresso, e que accreditam

tanto as verdades e mysterios da Egreja Catholica como qualquer bêsta. Mas lembrem-se esses desgraçados que o seu fim tem de ser parecido com o do furibundo Luthero, de quem o padre Ricard a pag. 187 diz o seguinte:

—No seculo 16, um atrevido innovador, Martinho Luthero, privava a Egreja d'um dominio que lhe era mais caro que o goso d'alguns pedaços de terra. A Allemanha fascinada pelo prestigio da sua palavra ardente, se deixa prender áquella cadeia de mentira de que elle se faz mantenedor. Em breve Martinho a arrasta comsigo ao precipicio do erro, do schisma e da heresia; e até hoje aquelles paizes não poderam recuperar o facho divino, que um impudico lhes apagou no seio com o seu pestifero sopro. Já n'este mundo aquelle homem violento soffreu o castigo dos seus ultrages a Christo. Escutae-o, que elle proprio nos revéla as suas dores.

N'uma d'aquellas formosas noites, que presidem ao descanço da natureza, conversava o frade apostata com uma religiosa que largára o habito, Catharina de Bora, a quem elle arrancára do claustro para a tomar por esposa, em detrimento dos mais sagrados juramentos. Brilhavam as estrellas com todo o seu fulgor. Vê, disse Catharina a Martinho, como aquelles pontos luminosos estão deslumbrantes, — Luthero ergueu os olhos: oh! que viva luz, respondeu elle, mas não brilha para nós—E porque? retorquiu Catharina; seremos nós privados do reino dos céos? Luthero suspirando; talvez, disse, em castigo de termos deixado o nosso estado—será necessario voltarmos a elle? continuou Catharina—E' demasiado tarde, o carro está demasiadamente atolado, accrescentou o ex-frade Martinho; e cortou a conversação. Roia-o o remorso; a sua alma era um inferno antecipado; a cada instante lhe parecia ver uma legião de espiritos infernaes; tudo n'elle estava n'uma perturbação, que lhe tornava a vida uma continua tortura; as suas palavras, e escriptos são a prova irrefragavel d'isto.

A liberdade, pois, é o fundamento de todas as heresias, porque todas são filhas da soberba, e em grande parte, senão na maior, da sensualidade; e principiam pela revolta contra Deus, que não póde tolerar o mal, e tem de o castigar a seu tempo; e por consequencia o liberalismo, ou maçonismo, é o complexo das actuaes e de todas as passadas. Ora se este heresiarca se via tão afflicto com remorsos, que privilegio podem ter os padres liberaes, para viverem socegados, sabendo que defendem e seguem a sua mesma doutrina, e que estão em guerra declarada com o Todo Poderoso, que algum

dia, e mais breve do que elles pensam lhes hade tirar mui estreitas contas, por seguirem e auxiliarem um systema, que é todo contra Deus, que o commina com as penas eternas (nota 125) e contra a sua Santa Egreja, que pela sua parte já ha muito o condemnou tambem?!!

Matrimonio

(121) Diz a maçonaria que o matrimonio indissoluvel é opposto ás leis da natureza e da rasão: as da natureza, porque as conveniencias sociaes teem unido frequentes vezes entes que a natureza tinha separado por antipathias, que só no matrimonio se manifestam; ás da rasão, porque a indissolubilidade faz do amor uma lei, e procura avassallar o mais caprichoso e involuntario dos sentimentos (Saint Albaen p. 211). Nem por isso me conformo com esta doutrina, e por consequencia passo a expender a minha, que me parece mais rasoavel, e mais conforme com a Escriptura Santa, e com as determinações da Egreja Catholica.

Só no matrimonio se manifesta a tal antipathia, porque o maçon e todo o homem sensual, que não crê em Deus, ou antes finge não crêr, procura na creatura a felicidade, que só o Creador póde dar, porque só elle é o bem supremo, para que o homem foi creado, e para o qual tende sempre, como a agulha magnetica para Norte, porque Deus lhe infundiu esse sentimento. Como porém não póde encontrar na creatura essa felicidade, porque, não a tendo ella para si, não a póde dar a outrem, muda-se então n'esses homens a affeição em antipathia. Assim aconteceu ao incestuoso Amnon filho de David, que procurando erradamente a felicidade na sua irmã Thamar, a quem por isso forçou para o peccado, e não a encontrando n'ella, como esperava, mudou-se-lhe o amor ardentissimo, que lhe tinha, e o fizéra adoecer por causa d'ella antes do estupro, em aversão e odio depois de commettido tão horrivel crime.

E' por isso que vemos muitos homens abandonarem as suas mulheres lindissimas e mui prendadas, com dotes apreciaveis do corpo e da alma, com quem estão casados, e procurarem cegamente, sem vergonha do mundo, nem temor algum de Deus, mulheres ás vezes bem feias, da infima classe, e até esfarrapadas e nojentas, para satisfazerem com ellas a

paixão brutal da sensualidade. A estes se póde applicar com propriedade o texto da Escriptura Santa, proferido pelo Archanjo Raphael a Tobias—que são animaes brutos, que não tem entendimento, e sobre os quaes o demonio tem poder—*sicut equus et mulus, quibus non est intellectus, habet protestatem demonium super eos* (Tob. c. 6. v. 17).

E não se convencem pela experiencia esses loucos, que nem o vicio da luxuria, nem outro algum é capaz de satisfazer o homem, porque o seu coração foi feito para o summo bem, e que esse não existe n'este mundo?!! Porém, se esses perversos, que tudo obram sem Deus e contra Deus, tivessem a certeza de que haviam de pagar logo depois com a vida esses actos horrendos, que por sua culpa occasionaram a tal antipathia, como pagou Amnon, morto em casa e á meza de seu irmão Absalão ás mãos de seus creados, e por ordem sua, para vingar e desaffrontar a innocente sua irmã Thamar (Reis. l. 2. c. 13), talvez ella se não manifestasse n'elles.

Como estes monstros se não satisfazem com numero nenhum de mulheres, porque nenhuma póde dar a felicidade perfeita, que não tem, querem estabelecer a todo o custo o casamento civil, ou o concubinato legal, para desgraçarem quantas possam seduzir, e arrastal-as á prostituição, ou antes á escravidão, em que viviam no paganismo, antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Christo, que as libertou. O bem pois que estes perversos procuram para a mulher, alem da escravidão, é o que colheu uma pequena de Braga chamada Bôla, por alcunha, que, entregando-se a essa vida estragada na edade de dezesseis annos, dentro de tres envelheceu a ponto de apresentar a figura de cincoenta, e de ficar depois a servir só para alcoviteira, por ninguem a pretender para mais nada; quando outras, na mesma vida e em menos annos, tem morrido a miudo nos hospitaes, podres de venereo, e nos maiores tormentos. E' o que dá o mundo, e é esta a felicidade, que estes malvados procuram para a mulher, que não consideram como igual e como adjutorio do homem, mas só como um instrumento da sensualidade. E haver loucas e innocentes, que os acceitam por espósos, sem se inteirarem primeiro, se elles creem em Deus e na eternidade!!! E' bem grande desgraça entregarem-se assim ás cegas a um homem cuja fé e consciencia ignoram!

Essa antipathia pois, de que esses preversos fallam, manifesta-se ordinariamente só nos que sem temor de Deus, nem entimento algum religioso, procuram esposa guiados só pela

concupiscencia, pelá formosura, e pelas taes conveniencias sociaes, sem se importarem com os dotes da alma principalmente com os sentimentos religiosos. Os casamentos, feitos sómente por taes motivos, são casamentos amaldiçoados por Deus, porque são feitos pelo diabo, que só dá tormentos aos que se deixam vencer pelas suas suggestões, por não ter outra cousa que dar. Se elles procurassem os camentos com o fim que Deus manda, e pelos meios que elle ordena, isto é, com o temor de Deus, e por meio da oração, sem lembrança da concupiscencia carnal—*cum timore tuo, non cum libidine mea* (Tob. c. 3. v. 18), como Tobias e Sara, que o procuraram despidos de todo o sentimento de luxuria, e só com o fim de se auxiliarem mutuamente, e pelo amor da posteridade, em que o nome de Deus fosse louvado por todos os seculos dos seculos (*non luxuriæ causa... sed sola posteritatis dilectione, in qua benedicatur nomen tuum in sæcula sæculorum* (Tob. c. 8. v. 9), ou como os noivos de Caná, de Galiléa, que chamaram ás suas bodas a Nosso Senhor Jesus Christo e a Nossa Senhora (Joan. c. 1. v. 1 e 2) os seus casamentos seriam abençoados, como os de todos estes noivos, viveriam como elles sempre em boa união, envelheceriam com boa saude, e seriam em tudo felizes até á morte; e em vez de se manifestar a tal antipathia desperta-se-hia entre elles cada vez mais viva sympathia.

A antipathia manifesta-se ordinariamente se os homens procuram as esposas pelos theatros, pelas assembléas e sociedades do tempo, pelos bailes, por alcovitices, por namoros, por liberdades indecentes e lascivas; ou se as mulheres procuram ou acceitam para esposos um maçon ou outro qualquer libertino, que não acredita em Deus, nem por consequencia na Egreja Catholica, ou que é dado aos vicios, porque d'estes nenhum póde amar a Deus, e se não póde amar a Deus menos póde amar as creaturas d'elle.

E' certo que todas as nossas sensações, e por consequencia todos os nossos prazeres e dores teem a sua origem dentro de nós, na nossa alma, segundo a attenção que ella fixa nos objectos externos, ou lhes presta por meio dos sentidos do corpo a que ella está ligada, e que os objectos externos são apenas a occasião de se despertarem n'ella as sensações ou sentimentos, por que entre os objectos externos e a alma existem de entre meio os nossos orgãos corporeos ou sentidos, onde os objectos fazem impressão. Por outra, as nossas sensações ou sentimentos são o resultado da attenção que a nossa alma presta ás impressões que os sentidos lhe transmittem dos objectos externos, que n'elles as produzem,

porque sem a attenção nada a alma sentirá, como no tempo do somno, ou quando esteja distrahida para outros objectos. E' esta a rasão porque os mesmos objectos umas vezes occasionam prazer e outras dôr, umas vezes alegria e outras tristeza, e por isso é tambem esta a rasão porque umas vezes despertam sympathia e outras antipathia, dependendo todas estas e as mais sensações da attenção que a alma emprega nos objectos por meio dos orgãos conductores das impressões, e de alguma circumstancia, que occorra de novo, ou a alma se convença de que occorre.

Quantas vezes por isso nos não acontece estarmos saboreando uma comida com o maior prazer, e, porque lhe encontramos um bicho, passamos a aborrecel-a a ponto de nos provocar o vomito por causa do nojo que tal vista nos occasiona?! E a comida continúa a ser a mesma que era até então, porque o bicho já existia n'ella desde o principio, embora o não tivessemos visto, mas, ainda que ella na realidade seja a mesma, já o não é para a nossa alma por causa d'esta circumstancia.

Quando frequentei as aulas, um estudante meu condiscipulo justou com uma pequena linda, elegante, esperta e prendada, a quem amava, de ella em certo dia dirigir o passeio a certo ponto determinado de Braga, para lá se verem; mas indo ella depois a passar por elle no dito ponto fez com os beiços inadvertidamente certo trejeito desagradavel, que occasionou n'elle um aborrecimento tal, que nunca mais a pôde ver com agrado, e parece que terminou então o namoro. Provavelmente precedeu esta mudança de elle ficar a meditar no texto de Salomão— *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas* Eccles. c. 1. v. 1), que tudo no mundo é vaidade, ou vasio do que apresenta na apparencia, pois o tregeito que ella fez foi um acto accidental, e tão insignificante, que ella continuou a ser em tudo a mesma, que até então fôra, e sem a menor differença senão na alma d'elle, para a qual perdeu a estima sem motivo rasoavel.

Conta-se que outro rapaz, que amava outra pequena no Porto, justára com ella o casamento, mas com a condição de ir elle primeiro ao Brazil ganhar o necessario, para poderem depois sustentar-se com menos custo, porque ambos tinham poucos meios. A pequena porém, como elle se demorasse, casou entretanto com outro. Tendo o rapaz depois voltado, enconcontrou-a em uma assembléa, e, vendo-lhe os olhos tortos, perguntou-lhe o que ella tinha tido n'elles, ao que ella respondeu, que nada tinha tido, e que sempre assim fôra. Fi-

cou então o rapaz admirado por ter conversado tanto tempo com ella, e nunca lhe descobrir tal imperfeição; e provavelmente não lhe occorreu, que tinha assim acontecido, por elle n'esse tempo olhar para ella por vidros de côr, que a paixão lhe punha nos olhos, e lhe occultavam a tal imperfeição, e que depois lh'a descobriu por olhar então para ella sem vidro algum, porque já a paixão tinha acabado.

Póde pois concluir-se com sobeja rasão, que a dormida, não sendo prevenida desde o principio com a prudente, e precisa separação, contem motivos bem conhecidos e assás fortes, para produzir o aborrecimento mutuo entre os conjuges, e mesmo a ruina da saude por diversas causas. Por isso depois da falta de religião, e do temor de Deus, é esta talvez a causa mais forte porque a maior parte dos amancebados mais devassos e escandalosos pertence por desgraça ao estado conjugal, fazendo-os passar, em vez de uma vida socegada e alegre, uma vida de afflicção, desespero e desperdicio, que os desacredita e deshonra para com o mundo, que no geral os olha com horror, e os arrasta a final ás lavaredas eternas do inferno por uma morte desastrosa, que lhes estorva o arrependimento verdadeiro de tantas maldades commettidas contra Deus, contra a consorte, e contra a sociedade.

Ve-se portanto que, ordinariamente os que se casam com temor de Deus e com o fim e condições acima indicadas, desculpam os defeitos e imperfeições, que notam; mas que reputam com rasão suas auxiliares e adjutorio, sua ametade, e ellas do mesmo modo as que notam n'elles, por que ambos se lembram de que Deus assim o manda, e que no mundo nada é perfeitissimo, porque essa prosperidade só pertence ao ser, que nem teve principio nem ha de ter fim; e então cada qual se compõe com a sorte que lhe tocou, como talhada pelo que tudo governa. Sabem tambem que de um instante para o outro pódem sobrevir-lhes iguaes ou ainda muito maiores imperfeições ou defeitos, que os que notam no consorte, e considerando, que nada é permanente no mundo, porque um ataque inesperado, por exemplo, de bexigas ou outra qualquer molestia, transtorna a maior formusura, conformam-se com a vontade de Deus, e em vez de despresar o que soffreu tão notavel alteração, continuam a mostrar-lhes o mesmo agrado que d'antes, condoidos da sua sorte.

Haja portanto a escolha, como Deus manda, nas qualidades da alma com preferencia ás do corpo e da fortuna, para que se não manifeste no matrimonio a antipathia, que

os mações insanamente apregoam, e se não torne a vida dos consortes em antecipado inferno.

Ve-se pois com clareza que o matrimonio da Egreja Catholica não é opposto ás leis da natureza, nem da rasão, como asseveram sem fundamento os mações, mas conforme, e muito conforme com ellas porque, feito como Deus manda e ella recommenda, cada um dos consortes toma o logar que lhe compete segundo o seu sexo, condição e auctoridade, e não haverá então desavenças nem antipathia.

Excommunhão dos periodicos impios e seu effeito

(122) Haverá perto de dois annos que um bispo hespanhol excommungou os que assignassem ou lêssem certo periodico liberal e impio, e os redactores d'elle poseram-se a rir por escarneo da excommunhão, convencidos provavelmente de que ella era uma ceremonia vã, que não produzia effeito; mas passados poucos dias cahiu o periodico por falta de assignaturas, e por consequencia por falta de meios necessarios para custear as despezas da imprensa.

Com este resultado não contavam de certo aquelles impios.

D'aqui se vê que tão impios e tão maus são os que escrevem contra Deus, contra a sua santa Religião e contra os seus ministros, como os que lhes pagam para esse fim, e por consequencia tanto incorrem na excommunhão uns como os outros, porque ninguem póde escrever sem ter assignantes que lhe paguem as despezas da imprensa, e dos impressores.

E haver tantos padres que sem o menor escrupulo assignam e lêem os periodicos impios!!!

Que ideia farão elles de Deus e da eternidade?!!! Decerto que nenhuma, e nem d'isso se lembram.

Vê-se d'aqui que o povo ainda tem fé, e se os prelados cumprissem o seu dever como o referido bispo, não se veria a impiedade tão espalhada, nem tão ufana, como se vê.

Porisso a culpa de se ter espalhado tanto a irreligião e a desmoralisação deve com justa razão ser imputada ao clero, porque não cumpre com a sua obrigação, como lhe ordena o Evangelho.

Juliano Apostata e castigo dos sacrilegos

(123) O padre Ricard, depois de narrar as horriveis atrocidades feitas aos christãos pelo malvado imperador Juliano Apostata, diz a pag. 71 o seguinte que deve fazer arripiar os cabellos a todos os impios, sacrilegos e blasphemos.

Mais tarde, tres apostatas, o conde Juliano, tio do imperador, Felix, thezoureiro-mór, e Elpidio, administrador dos bens da corôa, dispunham-se, conforme as suas supremas ordens, a fechar a cathedral de Antiochia, e a levar os objectos, que serviam nas ceremonias sagradas.

Começaram o saque, quando se lhes offerecem á vista os vasos sagrados.

—Eis, diz Felix, a baixella em que é servido o Filho de Maria!

—Quanto a mim, accrescenta o conde Juliano, vou servir-me d'ella; e assenta-se nos vasos sagrados, e submette-os a profanações, que a decencia manda calar.

Eusebio, bispo ariano, que era testemunha da sua impiedade, lhe faz admoestações; e Juliano deu-lhe uma bofetada, dizendo:

Veja-se agora se o ceo se occupa das cousas dos Galileus (christãos).

N'aquella mesma noite, vomitava Felix sangue negro, que lhe sahia da bocca com a fórma de pedaços coagulados, e expirou no meio das agitações da mais cruel agonia.

Elpidio, o menos culpado terminava a vida n'um carcere.

O conde Jnliano foi victima d'uma doença, que lembra o fim de Galerio: as entranhas eram-lhe comidas pelos bichos; as carnes exteriores produziam igualmente prodigiosa quantidade d'elles. O corpo estava como um cadaver em dissolução; todo o interior e exterior eram pasto dos bichos, que elle vomitava com os alimentos: não havia outra sahida mais que a bocca. Durou este estado dois mezes, depois dos quaes expirou, não deixando de si mais que um horrendo esqueleto. (Soz. 1, 5 e 8. Theod. 3, c. 13).

A pag. 73 diz—Demolido o templo de Jerusalem... são lançados novos alicerces, e preparam-se para assentar n'elles as paredes. Mas eis que, na noite que precede a inauguração d'esses grandes trabalhos, um tremor de terra dispersa para longe todos os alicerces; grande numero de judeus ficam sepultados nas ruinas das habitações proximas; aquelles a quem poupou o desastre apressam-se, ao romper da aurora, a correr ao theatro de tantas desgraças: globos de fogo, que saem do seio da terra, queimam todos os que encontram na passagem. E' avisado d'este facto o imperador; obstina-se e exercita segunda tentativa. Principiam outra vez o trabalho; novos glóbos de fogo destroem os operarios, e todas as vezes que teimam em lançar mão dos instrumentos do trabalho, repetem-se os mesmos prodigios. Juliano confessa-se vencido e abandona a empresa. Nem porisso abria os olhos á luz; dir-se-hia que procurava diversão ás suas humilhações, dando outros combates á Egreja; assim é que os pagãos erguiam soberbamente a cabeça e não cessavam de perseguir com suas injurias os discipulos do Salvador.

Encontrando um d'elles a um christão disse-lhe ironicamente:

—Que faz agora o Filho do Carpinteiro?

—Um esquife—respondeu o outro.

E não se enganava. A 26 de junho de 363, encontrava Juliano o Apostata a morte, de edade de 32 annos, n'uma batalha contra os persas, sob o golpe d'um dardo arremessado por um cavalleiro desconhecido. As ultimas palavras foram ainda uma blasphemia. Antes de expirar aparou sangue da ferida e o lançou ao ceo exclamando: Venceste Galileu! Disse e deixou de existir.

O corpo foi transportado para Tarsis, mas a terra teve horror aos seus despojos: um espantoso terremoto vomitou o cadaver da sepultura (Greg. Naz).

E' assim que acabam os impios!! Mostrou o ceo bem claramente na morte horrivel dos tres ministros de Juliano Apostata, que se importa e muito com as cousas dos christãos, a quem aquelles malvados cegos chamavam galileus por despreso; e na morte desesperada do imperador arrogante mostrou tambem que não póde haver salvação para os que despresam a graça de Deus e os avisos da sua infinita misericordia, e que por ultimo morrem obstinados e na impenitencia final, na maior de todas as desgraças. E se não houvesse inferno onde iriam os insultadores do Deus Omnipotente expiar o seu arrojo temerario?!! E ainda negam a existencia do inferno!!!

Castigo do assassino

(124) Para se vêr o tremendo castigo que segue sempre o assassino já n'este mundo leia-se o padre Ricard a pag. 202, onde depois de relatar a perfidia de que se serviu Farini, ministro italiano, contra o Papa e contra a Egreja diz:

Enriquecido á maneira dos seus cumplices, Farini, sobrepujando-os em velhacaria, repetia a todos—que queria morrer pobre...

Epicuro tambem, á semelhança de todos os seus cumplices levava-lhes ainda Farini a palma em glotoneria; entregava-se aos requintes e ás abundancias da mesa: e é sabido qual ia ser dentro em pouco o seu horrivel alimento. Repleto d'ouro, cheio de guisados e de vinho, inchado pelo poder, completou-se Farini pelo crime.

Por sua ordem o coronel conde Anviti, servidor da duqueza de parma, foi preso e abandonado á plebe, que se entregou contra elle, como se recorda com horror, a todos os actos d'uma ferocidade abominavel. O coronel foi despedaçado em cima d'uma meza. Arrastaram pela cidade os pedaços do corpo.

Mas começava a despontar o dia da justiça de Deus. De volta a Turim em 1864, foi de repente elle proprio atacado da mais terrivel molestia: ficou doudo, doudo furioso.... e viveu os ultimos annos da vida n'uma abjecção e nudez a que a mais miseravel pobreza não poderia resignar-se.

Farini entregava-se a um luxo de Sardanapalo, e viu-se-lhe, na sua loucura, recusar todo o alimento que lhe offereciam, e saciar a fome do modo mais immundo.

Farini finalmente, no fastigio do poder, entregára um innocente nas mãos d'uma plebe furibunda; e pricipitado nos abysmos da loucura, não cessou de julgar-se perseguido pela sombra vingadora da victima: Anviti, Anviti, todo ensanguentado, com a cabeça na mão está alli! Repetia continuamente estas palavras, e rolava-se, coberto de piolhos e de porcaria, no soalho do quarto, presa de temores.

Estes avisos, cumpre dizel-o com dor, deixam a geração

actual n'uma. profunda cegueira; por isso, parece Deus querer descarregar os ultimos golpes, para despertar o mundo adormecido n'um somno vergonhoso e culpado; e ainda não comprehendem!

Succedem-se as pestes nos animaes, e nos homens, as guerras, os tremores de terra, as inundações, a fome, e não comprehendem! Proclamam-se as doutrinas mais perversas, vacillam os principios como astros transviados sobre as nossas cabeças, e não comprehendem!

Comprehenderão um dia, mas demasiado tarde; porque por bem ou por mal, é necessario que se cumpra a grande lei providencial do mundo, e assim para as sociedades como para os individuos, como dizia o proprio paganismo, a justiça segue sempre, ás vezes com passo lento porém seguro, a iniquidade.

Rebellem-se quanto quizerem, que não expulsarão a Providencia do mundo, nem a justiça de Deus da historia. E a historia não terá sufficiente execração para aquelles que tiverem originado e consummado os attentados de que somos testemunhas. Saber-se-ha mais uma vez quanto custa a um seculo o ter posto a mão no Christo do Senhor, e o que cahe em torno d'esta columna abalada da ordem, da justiça e da sociedade.—Nolite trangere Christos meos.

Este malvado Farini, além de outros muitos e mui grandes peccados, tinha tres gravíssimos do maior escandalo.

1.° O de atraiçoar o Papa e a Egreja. 2.° o de enthesourar dinheiro em abundancia com o fim de o guardar para toda a vida e asseverar que queria morrer pobre, como dizendo a Deus por escarneo que não receava que elle o castigasse com a pobreza. 3.° o de entregar preso o innocente coronel Anviti para ser assassinado por um modo tão angustioso. Màs em tudo se enganou o monstro, e começou a soffrer já n'este mundo os tormentos do inferno, constituido na maior miseria, e morrendo como reprobo, porque a loucura o surprehendeu de improviso, e sem preparação para as contas perante o justo juiz.

Liberdade e o Padre

(125) Creando Deus o homem adornou-o á sua imagem e semelhança com uma alma intelligente, racional e livre, a fim de o unir comsigo para sempre na sua morada celeste. Mas querendo, que elle da sua parte trabalhasse quanto podesse, para merecer pela sua obediencia voluntaria a felicidade eterna, que tencionava dar-lhe, pôl-o no mundo, concedendo-lhe a liberdade de comer de todos os fructos do paraiso terrestre, logar da sua habitação de delicias, á excepção dos da arvore da sciencia do bem e do mal, que se achava no meio d'elle, os quaes lhe prohibiu com a comminação da pena de morte, no caso de quebrantar este preceito, facilimo de cumprir (nota 119).

Vê-se pois que Deus deu ao homem a liberdade só para praticar o bem com conhecimento de causa e sem coacção, ou antes, para o amar e propender sempre para elle sem constrangimento, e o seu amor se tornar então meritorio pela obediencia voluntaria aos seus santissimos preceitos.

Vê-se mais, que é só assim empregada, que esta faculdade conserva o nome de liberdade, e que, empregada para o mal, ou contra os seus divinos mandamentos, perde a sua essencia, muda de nome, e passa a ser e a chamar-se em todas as linguas licença ou liberdade desenfreada, ou libertinagem, ou falsa liberdade.

Ninguem portanto poderá dizer, que Deus deu ao homem a liberdade para o mal, porque equivaleria a dizer que lhe deu a liberdade para o offender, o que não poderia conceber-se, sem suppor Deus, ou ignorante, que não soube o que fez, ou insensivel, que se não dava por offendido, nem reputava isso peccado, ou que era mau, porque apoiava o mal, cujas affirmações seriam blasphemias horriveis, e absurdos os maiores de todos os imaginaveis, porque qualquer d'elles punha todos os seus divinos attributos em contradicção com a sua essencia, e em opposição uns aos outros, suppondo em tal caso um Deus de essencia impossivel, e era então o maior dos insultos.

A liberdade portanto foi o dom mais precioso e o maior, que o Creador podia dar ao homem, porque, empregada pa-

ra o bem, communica Deus aos seus actos valor infinito, e nós, servindo-nos d'ella d'este modo, ganhamos direito á gloria eterna, porque elle assim o prometteu aos que cumprissem os seus divinos preceitos, como se lê em toda a Escriptura Santa; e porisso a compramos então com moeda infinita, ou de igual valor; e podemos dizer afoutamente em tal caso, como S. Paulo —que Deus nol-a dará como justo juiz, ou nol-a deve dar de justiça, porque a merecemos pelas nossas boas obras, a que elle dá valor infinito pela nossa obediencia voluntaria, communicando-lhes os merecimentos superabundantes do nosso Redemptor, que para isso veio ao mundo padecer por nós—In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam redet mihi Dominus in illa die justus judex (Tim. Ep 2. v. 8).

Embora o homem saiba, e a sua consciencia o advirta constantemente de que a liberdade nos foi dada só para praticar o bem, muitas vezes elle excitado e seduzido pelas paixões, que lhe gritam mais alto, deixa-se vencer por ellas, e pratica o mal, abusando da liberdade, e sujeitando-se por esse facto á mais oppressora escravidão, que depois lhe tortura de continuo a alma com pungentes remorsos.

Deus, que quiz, que elle obedecesse voluntariamente para conseguir o ceo, não o força para seguir o bem, porque lhe tiraria a liberdade, e por consequencia os merecimentos proprios.

Mas, por Deus o não forçar para praticar só o bem, não se segue que o homem tenha tambem o direito para praticar o mal, porque o que é contrario á justiça nunca poderá ser approvado pela rasão, nem por consequencia por Deus, que foi o que a deu ao homem, e que é o fundamento de todo o direito, ou de toda a justiça, porque é a verdade, ou o ser por essencia.

Em tal caso poderá qualquer assassinar ou roubar o seu semelhante, porque Deus o não estorva, mas ninguem poderá affirmar que elle praticou uma acção a que tinha direito, por que a sua consciencia, que é dadiva de Deus, lhe affirmará sempre o contrario.

Sendo tudo isto assim, como podem os impios exaltar sem pejo a sua liberdade liberal, como conquista moderna, sendo ella, como é, mais antiga que o homem, descoberta por Lucifer, quando no ceo se revoltou contra Deus (nota 120) conguindo em castigo os incomprehensiveis tormentos do inferno, que jámais encontrarão termo, e que, supportados por milhões de milhões de seculos, como as areias das praias e de todo o mundo, estarão sempre em seu principio?!!

Não se converteu essa infernal liberdade na escravidão mais horrivel, que nenhuma creatura poderá jámais imaginar?!!

Pois é essa mesma em que se converterá a chamada conquista moderna para todos os cegos e loucos chamados liberaes, porque a existir Deus, como o affirmou desde sempre a crença geral de todos os povos do mundo, não poderão seguir-se consequencias diversas das que conseguiu o desgraçado Lucifer, o primeiro liberal, que fez tal descoberta, passa já de seis mil annos.

Diz S. Pedro (Ep. 1. c. 2. v., 16)—como livres, e não tendo a liberdade como veo para encobrir a malicia, mas como servos de Deus. Como era possivel, que um homem ignorante e estupido pescador, a não ser inspirado pelo Espirito Santo, se lembrasse ha mais de desoito centos annos de annunciar nas suas duas epistolas que haviam de apparecer agora as seitas maçonicas, que opprimem o mundo, a que elle chama e que são, seitas de perdição?!! e que os seus sectarios haviam de seduzir a muitos de fé vacillante com as promessas da falsa liberdade, sendo elles escravos das seitas a que se obrigaram por juramento e sob pena de morte a obedecer cegamente, e que se haviam de servir da seductora palavra liberdade, para com ella encobrirem a sua diabolica malicia?!!

Não se conhece pela leitura d'estas palavras sagradas, que o Santo Apostolo estava a vel-os como se existisse agora?!!

E quem foi que lh'os mostrou em figura, senão o que vê diante de si o passado, o presente e futuro?!!

E' tal pois a sua maldade que obrigou o proprio Deus a prestar-lhes attenção, passa já de desoito centos annos, e a advertir o mundo pelo seu Santo Apostolo, para que todos se prevenissem contra as promessas fementidas d'estes monstros, e se não deixassem seduzir pelas suas mentirosas e perfidas palavras.

Logo esta já se vê, que não é a liberdade preciosa, com que Deus dotou o homem logo no principio, para com ella conseguir o ceo, mas a contraria, que o leva ao inferno, e então é má, e tão má que obrigou o Deus Omnipotente a delatal-a aos homens como peste mortifera, que vinha a envenar e corromper as suas creaturas.

Como ousam pois os fingidos catholicos affirmar tenazmente, que a liberdade sempre a houve, e que ella não póde ser má, tendo-a Deus denunciado como tal, e apregoando-a os seus mais ferrenhos defensores, como conquista moderna?!!!

Esta affirmação insensata de que a liberdade não póde

ser má, é uma horrivel blasphemia, porque equivale a dizer, que Deus é ignorante, denunciando-a como má sem o ser, e uma horripilante heresia, porque equivale a dizer que a Egreja é fallivel, condemnando-a como má, sendo ella boa por natureza.

Se sempre houve tal liberdade, para que vem cá agora os mações, e só agora, apregoal-a como conquista do seculo XIX?!!

Se é conquista segue-se que é nova, e se é nova, é tambem consequencia necessaria ser a liberdade, que o Santo Apostolo, inspirado por Deus, denunciou como má, e a Egreja condemna como impia, e inimiga sua.

Então, se é má, como póde um catholico seguil-a e defendel-a, ou apoial-a, sem incorrer na indignação de Deus, que no texto supra o condemna com todos os mais sectarios á eterna escuridão de trevas?!!! e sem incorrer na excommunhão da Egreja, que o lança fóra da sociedade dos fieis, e o sujeita aos tremendos supplicios do inferno, para ir fazer sociedade eterna com Lucifer seu inventor, visto que fóra da Egreja não póde haver salvação?!!

É de advertir que os tres Apostolos, S. Paulo, S. Pedro e S. Judas, annunciando nos textos acima citados, e em outros muitos, as horriveis maldades dos mações ou liberaes, que haviam de apparecer na epocha actual, fallaram com a confiança e certeza de prophetas inspirados, porque o mesmo S. Paulo o declara pelas seguintes palavras:

O Espirito Santo me diz bem claramente, que nos ultimos tempos etc.,—Spiritus autem manifeste dicit, quia in novissimis temporibus (Ep. 1. a Tim. c. 4. v. 1).

E com effeito nunca elles as poderiam annunciar, ha já mais de desoito centos annos, sem que Deus lh'as revelasse, porque só Elle sabe ou vê o futuro, e nenhuma creatura, nem mesmo o demonio, o póde saber.

Todos elles tambem n'esta prophecia se referiram ás proximidades do fim do mundo, porque todos tres se serviram d'as seguintes expressões:

Nos ultimos dias, nos ultimos tempos—in novissimis diebus, in novissimis temporibus—que não pódem significar outra epocha, senão a das ditas proximidades.

Diz S. Paulo (Ep. 2. a Tim. c. 3. v. 1) — Sabe pois, que nos ultimos dias, virão uns tempos perigosos: haverá ho-

mens amantes de si mesmos, (ou egoistas), cubiçosos do alheio (e por consequencia ladrões), altivos, soberbos, blasphemos, desobedientes a seus paes, ingratos, malvados, sem affeição, (ou destituidos do sentimento da amisade), sem paz, calumniadores, incontinentes, deshumanos, inimigos dos bons, traidores, protervos, orgulhosos, e mais amigos dos deleites, do que de Deus: tendo uma apparencia de piedade, mas negando a virtude d'ella, (isto é apregoando a philantropia e negando a caridade). Foge tambem d'estes. E no v. 8 diz—assim tambem estes resistem á verdade, (porque são) homens corrompidos de coração, repobros ácerca da fé. No v. 9. diz—Mas elles não irão com o seu pogresso ávante: porque se fará manifesta a todos a sua insipiencia (ou insensatez ou loucura).

Lendo-se com attenção estas maldades, que S. Paulo delata, e as outras muitas, que tanto elle, como os outros dois Apostolos predizem nos outros textos ou prophecias, e confrontando-as com as que os maçães ou liberaes commettem constantemente em toda a parte, onde se apoderam do governo, vê-se com clareza, que é a estes homens, que todos tres se referem.

Todavia, para acclarar melhor a sua referencia, cada um dos tres Apostolos os denuncia com o proprio nome, com que elles haviam de appellidar-se agora.

Porisso S. Judas na sua Epistola, v. 18 diz—Nos ultimos tempos apparecerão impostores, que andarão segundo as suas paixões, todas cheias de impiedades.

Estes são os que se separam dos mais homens (formando seita)—qui segregant semetipsos—E quaes foram até agora os impostores, que formaram seita organisada, como os conhecidos hoje, como maçães ou pedreiros livres?!!

Este mesmo appellido foi confirmado por S. Pedro na sua prophecia (Ep. 2. c. 2. v. 1) dizendo—que entre o povo catholico appareceriam mestres da mentira, que introduziriam seitas de perdição—qui introducent sectas perditionis—e repete no verso 10—não temem introduzir seitas blasphemando—sectas non metuunt introducere, blasphemantes—mostrando com esta repetição que não fallava ao acaso. Accrescenta mais no verso 2—E muitos seguirão as suas dissoluções, por quem será blasphemado o caminho da verdade—Por consequencia é claro que ambos os Apostolos se referem aos maçães ou pedreiros livres, porque são os unicos que formam seita impia e inimiga da Egreja Catholica, ou se separam dos outros homens tementes a Deus, e fazem reuniões secretas, em que com-

binam o modo como devem trabalhar com segurança e incessantemente na destruição do mundo em todos os sentidos.

S. Pedro porém, constituido por Jesus Christo seu Logar-Tenente na terra pelas palavras—e eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella (Math. c. 16 v. 18): e constituido igualmente mestre infallivel da verdade por est'outras palavras—e estae certos de que eu estou comvosco todos dias, até á consummação dos seculos (id. c. 28. v. 20), —quiz tirar todas as duvidas e equivocos a respeito de uns homens tão perversos e malvados, que obrigaram o proprio Deus á delatal-os ao mundo pélos seus Apostolos, passa de desoito centos annos, e a prevenir por elles os innocentes e incautos, contra as suas perfidas ciladas.

Foi porisso que este homem singular os designa, por inspiração divina, com o appellido, pelo qual elles se haviam de inculcar agora, e tornar-se mais celebres e mais conhecidos na epocha actual, accrescentando aos textos supra no v. 14—que estes mestres da mentira, que haviam de introduzir seitas de perdição—attrahiriam com affagos ao seu partido as almas inconstantes ou de fé vacillante — pellicientes animas instabiles—para mostrar o estrago horrivel que elles haviam de causar no mundo: e no verso 19 accrescenta mais o tal apellido mais perfeito dos desenganos, e que desfaz todas as falsas interpretações dos impios disendo—promettendo-lhes—LIBERDADE—quando elles mesmos a não teriam por serem escravos da corrupção, ou das paixões, e das seitas, a que se tivessem sujeitado, fazendo escravos seus os que, por sua desgraça, se tivessem deixado seduzir pelas suas palavras de mentira—LIBERTATEM ILLIS PROMITTENTES cum ipsi servi sint corruptionis: a quo enim quis superatus est, hujus et servus est.

Só o chefe do Apostolado, e Logar-Tenente de Jesus Christo podia fallar assim claro, para que todos conhecessem com evidencia, que elle se referia aos mações ou liberaes. E para intimar melhor esta verdade, e convencer a todos de que não fallou ao acaso, já tinha dito (Ep. I. c. 2 v. 16) —tendo (elles) a—LIBERDADE—(ou servindo-se da palavra liberdade) como veo (ou capa), para encobrir as suas horrendas maldades—quasi velamen habentes malitiæ—LIBERTATEM.

Em que seculo dos passados, e em que parte do mundo, appareceram homens, que prometteram liberdade ou se appellidassem liberaes?!!! Por certo que em nenhum, senão no

actual, e por consequencia é claro como o sol, que todos os tres Apostolos se referiram aos homens, que agora se appellidam e que chamamos mações, ou pedreiros livres, ou liberaes.

No verso 17 accrescenta o mesmo Apostolo a sentença, que já está lavrada e lhes está destinada dizendo—para os quaes está reservada (como para os demonios) a obscuridade das trevas—quibus caligo tenebrarum reservatur.

Temos mais S. Paulo, que constituido por Jesus Christo —Vaso de eleição e Doutor das gentes, pelas palavras proferidas pelo mesmo Jesus Christo a Ananias—Vae, porque este (Saûlo) é para mim um Vaso escolhido, para levar o meu nome diante das gentes, e dos reis, e dos filhos d'Israel—Vade, quoniam vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, et regibus, et filiis Israel (Act. c. 9 v. 15)—quiz tambem denunciar com a maior clareza esses monstros para que ninguem se deixasse fascinar por elles. Para isso disse (Ep. 1. a Tim. c. 4. v. 1)—O Espirito Santo me diz bem claramente, que nos ultimos tempos apostatarão da fé alguns homens, attendendo sómente (ou dando ouvidos) aos espiritos do erro e doutrinas dos domonios—attendentes speritibus erroris, et doctrinis demoniorum—Esta expressão—espiritos do erro—sempre foi tomada como synonima de—demonios, ou diabos.

E' de advertir, que S. Paulo, dizendo, que haviam de attender ou dar ouvidos aos espiritos do erro, para evitar equivocos, ou interpretações extravagantes, inventadas só com o fim malevolo de contradizer a verdade, accrescenta:—e ás doutrinas ou ensino dos demonios—para mostrar que os demonios são os seus mestres, e por consequencias quiz annunciar o apparecimento n'esta epoca não só dos mações ou liberaes, mas tambem do spiritismo moderno, ou dos diabos, seus pedagogos, porque retrahidos ha muitos seculos, é só agora que elles se manifestam em fórma humana com a maior facilidade, e pregam a sua doutrina publicamente nas nações catholicas, por permissão de Deus, e sem receio (Nota 127); e porque inspirado S. Paulo pelo Espirito Santo não escreveria palavras desnecessarias, e sem significação particular, e para um fim determinado.

Como poderia S. Paulo, a não ser divinamente inspirado, annunciar ha mais de desoito centos annos, que haviam de apparecer agora no mundo os mações ou liberaes, e na mesma epoca em que os espiritos do erro ou diabos, se manifestam publicamente em fórma humana, e com a maior fa-

cidade por meio do magnetismo animal e espiritismo moderno, prégando e fazendo os prodigios preternaturaes dos falsos prophetas, preditos pelo divino Salvador, como precursores do anti-christo?!! (Math. c. 24. v. 24 e 25).

Dada pois a coincidencia do apparecimento dos mações ou liberaes na mesma epoca das manifestações publicas, e prodigios preternaturaes dos espiritos do erro, ou diabos, annunciada com tanta clareza pelos tres Apostolos, poderá algum homem de senso duvidar ainda de boa fé, que os mações ou liberaes são os instrumentos de que os diabos se servem para promover a apostasia geral da fé, e que elles por isso mesmo são tambem precursores do anti-christo, como os diabos, seus mestres e directores?!! E poderá tambem homem de senso duvidar, que as mesmas pessoas, apparentemente virtuosas ou catholicas liberaes, que os ajudam de qualquer modo, são igualmente precursoras do anti-christo, por isso que com elles, sciente ou inscientemente, trabalham em promover a apostasia, geral da fé?!! E' precisa uma bem grande cegueira, para se não acreditar uma verdade, provada com tanta clareza, e não só cegueira, mas até uma mui grande maldade.

Além d'isso, dizendo S. Judas, como se lê na sua Epistola (v. 18)—que nos ultimos tempos appareceriam uns impostores, formando seita, e presumindo de animaes brutos, que não tem alma—animales, spiritum non habentes — annunciou mui claramente o materialismo do seculo passado, prégado e defendido pelos mesmos mações ou liberaes, conhecidos então pelo nome de philosophos, que inundaram o mundo com livros ou obras materialistas, com as quaes prepararam a desmoralisação e transtorno dos fins do seculo passado e de todo o actual, que tão terriveis se tornaram. E não presumem elles tanto em passar por brutos, que chegam a publicar e defender sem fundamento nem rasão justificada, e nem vergonha, que descendem do macaco?!!

Que sentimentos tão abjectos, preferirem descender antes dos taes rabudos, que nada entendem, nem podem vir a entender, do que do homem, que tanto póde entender, e comprehender das cousas finitas?!!

Dizendo S. Pedro (Ep. 2. c. 2. v. 12) — mas estes como animaes irracionaes (ou incapazes da rasão), naturalmente feitos para preza, e para perdição, blasphemando das cousas que ignoram, perecerão na sua corrupção—Velut irrationabilia pecora... in his, quæ ignorant, blasphemantes—não annunciaria mui claramente o positivismo moderno, ou systema impio de negar tudo o que não vêem, ou não comprehendem,

e de só acreditar o que vêem com os proprios olhos?!! No verso 13 accrescenta—reputando por prazer as delicias do dia, (ou preferindo os deleites da carne) ao céo que se promette á virtude e castidade — voluptatem existimantes diei delicias—E não designará tambem n'este texto os mações ou liberaes, que se entregam só aos prazes do mundo, como materialistas, e por consequencia sensuaes, que nada querem saber do céo?!!

O mesmo annuncia S. Judas na sua Epistola verso 10 dizendo—Porém estes blasphemam na verdade de todas as cousas que ignoram, e se pervertem, como os brutos irracionaes, em todas aquellas cousas, que sabem naturalmente. Ai d'elles, porque seguiram o caminho de Caim!—Ili autem, quæcumque quidem ignorant, blasphemant; quæcumque autem naturaliter, tanquam muta animalia, norunt, in his corrumpuntur—Não está aqui annunciado com clareza o materialismo e o positivismo?!! E acrescenta no verso 13 a sua sentença de condemnação, dizendo—para os quaes está reservada uma tempestade de trevas por toda a eternidade—quibus procella tenebrarum servata est in æternum.

S. Pedro (Ep. 2. c. 2. v. 1), fallando dos mestres da mentira, que introduziriam seitas de perdição, acrescenta—e negarão aquelle Senhor (Jesus Christo) que os resgatou—et eum, que emit eos, Dominum negant—e no capitulo 3. v. 3 diz—que virão nos ultimos tempos uns impostores etc. e no verso 4 accrescenta — dizendo (elles) aos catholicos para os perverter) — onde está a promessa ou vinda d'elle (Jesus Christo)? (Bem vedes que é tudo falso, desde que o homem morre nada mais ha que esperar) porque tudo (como vedes) permanece do mesmo modo como no principio do mundo—ubi est promissio aut adventus ejus? ex quo enim patres dormierunt, omnia sic perseverant ab initio creaturæ.—Ninguem, que observasse agora as doutrinas e maldades dos mações ou liberaes, poderia descrevel-as melhor ou fallar mais claro, que o Mestre infallivel da verdade, annunciando-as ha tantos seculos, por ser o proprio Deus que fallou por bocca d'elle, e que os via já então muito melhor do que nós agora os vemos com os proprios olhos.

Não declarou pois S. Pedro, que os mações ou liberaes, negando a Jesus Christo, negam ao mesmo tempo todos os dogmas, mysterios, sacramentos, leis e preceitos da Egreja Catholica, de que elle foi auctor, e que se dará n'elles o conjuncto de todas as heresias passadas?!! E não será isto o que se observa por toda a parte no seu proceder nos seus escri-

ptos?!! E não se tornarão igualmente hereges, e por consequencia excommungados, todos os que os ajudam nos seus trabalhos eleitoraes, e em todos os que possam prejudicar a Egreja, embora apparentem virtude, e presumam de catholicos?!! E não será portanto esta a perseguição peor e mais terrivel de todas as passadas, porque mesmo as mais crueis dos primeiros seculos da Egreja, se martyrisavam os corpos, faziam as almas santas, e esta d'agora, matando as almas fal-as diabos?!!

Dizendo mais S. Paulo (Ep. 1. a Tim. c. 4. v. 3)—que os que só attendem aos espiritos do erro e doutrinas dos demonios, hão de prohibir os casamentos catholicos—prohibentium nubere—não estará conforme com a prophecia de S. Pedro, que negarão a Jesus Christo e por consequencia todos os sacramentos, que elle instituiu?! e não se vê claramente que tanto um como outro se referiram aos mações ou liberaes, que tanto se tem esforçado por introduzir o casamento civil, ou concubinato legal?!!

Dizendo S. Paulo (Tim. c. 3. v. 1)—que nos ultimos dias virão uns tempos perigosos; haverá homens cubiçosos do alheio (ou ladrões)—cupidi—não se referiria aos mações ou liberaes, que alimpam tudo nas nações, em que por desgraça se apoderam do poder, reduzindo-as á miseria, como fizeram agora ao Santo Padre, roubando-lhe o dinheiro—da Propaganda fide—ou as esmolas que tinha recebido de todo o mundo, tornando-se um escandalo tamanho, que obrigou os inglezes, protestantes e por isso inimigos dos catholicos a protestar contra este escandalo inaudito?!!

Fallando finalmente S. Paulo (Ep. 2. a Tim. c. 3. v. 8 e 9) das maldades acima delatadas—accrescenta a respeito dos que as commettem—mas elles não irão com o seu progresso ávante—sed ultra non proficient—porque se fará manifesta a todos a sua insipiencia (ou insensatez ou loucura)—insipientia enim eorum manifesta erit omnibus.

Reparem que a traducção d'estes textos foi feita pelo grande P.e Antonio Pereira de Figueiredo, que morreu muito antes de se fallar no progresso moderno, e muito antes de apparecerem os appellidados progressistas da epoca actual; e por consequencia se elle traduziu—o seu progresso—é por ser a sua traducção natural.

Ve-se pois que S. Paulo annunciou tambem na sua prophecia os liberaes appellidados agora—progressistas, porque diz-nos ultimos tempos, e porque ate'gora não appareceram homens assim appellidados. E' pois indubitavel, que todos os

textos dos tres Apostolos se referem aos mações ou liberaes, que agora nos opprimem e que guerreiam e roubam a Egreja Catholica. Ve-se mais que o seu progresso não irá ávante, e que Deus nos ha de libertar d'esta cruel escravidão.

Mas que desgraça! haver tantos padres, que se tem deixado fascinar por estes impios detestaveis, a ponto de os ajudar na obra abominavel da destruição da Egreja!!! Como foi que perderam assim o juizo até affrontar e martyrisar a mãe tão carinhosa que só cuidava em os fazer felizes n'este mundo e na eternidade?!! Quem poderia acreditar tal maldade e tal loucura, se a não presenciasse?!!

Meditem pois sériamente n'estas verdades os liberaes, que ainda conservam algum vislumbre de fé, e desenganem-se do insulto que fazem a Deus, defendendo e proclamando a sua liberdade liberal, ou libertinagem, encoberta com a capa da verdadeira liberdade, ou antes, que proclamam como direito do homem o mal encoberto com a capa de bem. Meditem todos seriamente n'isto, porque tem como remate final ou céo, ou inferno para sempre, e que por isso se torna digno da maior attenção, porque na eternidade não póde haver arrependimento meritorio para a salvação.

Queixam-se loucamente do padre, apresentando-o ás turbas ignorantes como o maior inimigo da liberdade, quando elle pelo contrario é o primeiro a exaltar a liberdade do homem, quando elle a considera e apregoa, como o dom mais precioso da omnipotencia e summa bondade de Deus, quando ninguem poderá com justiça contestar-lhe o caracter de um verdadeiro ministro da verdadeira liberdade porque é inherente ao seu ministerio o dever de a apregoar aos homens em toda a sua vida. Com effeito, que faz o padre quando intima as verdades da Escriptura Santa, ou anima o povo a levantar os olhos ao céo, e a esperar lá a recompensa das acções boas?!!

Não será isso affirmar a liberdade do homem?! Sim de certo, porque seria uma loucura prégar contra as acções más do homem, se elle não tem liberdade de as evitar se elle é uma pura maquina, que obra por necessidade, ou se é da natureza do bruto irracional, que obra só por instincto, e sem discernimento de causa. Dizer que ha castigos na eternidade para o peccador, que se não arrependa, não será affirmar, que elle póde e deve arrepender-se, e não será isto proclamar a liberdade do homem?!! E não é isto o que o padre publica por toda a parte?!! Logo o padre só é inimigo da falsa liberdade, chamada licença, e é essa, e só essa a que o padre condemna como má, e como ruinosa para o individuo, e para a sociedade.

Diz a maçonaria, que o maior obstaculo para a liberdade phisica, intellectual e moral do homem, é, sem contradicção, o padre tal como a Egreja o fez, o artista, o propagador mais poderoso e formidavel dos prejuisos, da ignorancia e superstição. (Cadeia da União de Londres 15 de setembro de 1865—citada pelo Bispo d'Olinda pag. 48).

Ella diz tambem (pelo Irmão Franz Fraider—idem)—que o padre, a hydra monachal, é para a maçonaria uma odiosa personificação de superstição e fanatismo: que foram os padres, que inventaram o céo e o inferno, o temor das penas futuras, e a esperança das recompensas eternas, e que imaginaram a confissão para estabelecer o seu governo—. Se assim foi ainda os padres tiveram habilidade!!! Esta não foi mal lembrada, mas, para se tornar mais crivel, ainda lhes falta accrescentar, que imaginaram tudo isto, para se carregarem de milhões, como os liberaes d'elles se tem carregado no meio seculo, em que por nossa desgraça, a pretexto do governo, nos tem esfolado com tributos sempre crescentes. Esta addição é muito necessaria, aliás de que lhes podia servir tal invenção?! Mas a maior habilidade que eu descubro nos padres, é o inventarem elles todos essas mentiras, ou imposturas, com tamanho segredo, que nenhum maçon até hoje póde dizer-nos, por mais que os tenhamos instado, nem o padre, nem a epoca, e nem a terra, em que se fez tão engenhosa invenção. Seria pois da maior utilidade e socego de todos ó dizerem-nos quando, como, e por quem foi feita essa invenção, porque estamos todos de ha muito anciosos por sabel-o. E supponho que aos maçðes não póde custar muito fazer essa declaração, porque sendo, como são ou deveriam ser pessoas de probidade, honra, e virtude, não o affirmariam com tanta confiança, se o não soubessem.

Já se vê, como diz o Bispo d'Olinda, que nada fica intacto no magestoso edificio do catholicismo. A mão sacrilega da seita ominosa, com insano labor, se esforça por destruil-o até ás suas bases. Ahi, cada pedra, desde o apice até os mais fundos alicerces, faisca aos repetidos golpes do infernal camartello!

A auctoridade da Egreja, a divindade do seu adoravel Fundador, a sua doutrina, seus dogmas, mysterios, sacramentos, ministros, tudo, tudo guerrea a hydra das trevas, tudo nega a seita incredula.

A maçonaria, indignada de ver, que apesar das suas calumnias, e dos seus sarcasmos, o sacerdocio é ainda respeitado, procura illudir a opinião publica, representando os padres como ignorantes, fanaticos, inimigos da ordem e perturbadores

da sociedade. Porém não é tanto aos padres, que os mações ou liberaes atacam e procuram destruir, como o Deus de quem elles são ministros e a religião, que elles tem a seu cargo defender, porque tanto Deus, como a sua religião divina, se oppõe ao seu proceder infame.

E' porisso que elles dizem—Não queremos que este (Jesus Christo) seja nosso rei—Nolumus hunc regnare super nós (Luc. c. 19 v. 14), queremos desterral-o da sociedade, porque a sua religião nos prohibe satisfazer as paixões, e porque a sua doutrina nos atormenta a consciencia pelos remorsos insuppoitaveis que nos desperta.

Mas na realidade, que é o padre segundo a fé?

O padre (segundo Mgr. Dufetre, Bispo de Nevers) é o embaixador do Altissimo, o interprete de suas leis, o depositario do seu poder, o representante de seu Filho Jesus Christo, o encarregado de diffundir suas graças e misericordias em todos os homens.

Que é tambem o padre com relação á sociedade?

E' o amigo de todos os desgraçados, o consolador dos afflictos, o amparo da viuva, o pae do orphão, o reparador das desordens e injustiças, que causam muitas vezes as más doutrinas; um homem, que se dedica durante toda a vida a fazer a felicidade do seu proximo.

Quem consentiria, como elle, em trocar as alegrias da familia, o goso dos bens, por penosos deveres, por encargos, por sacrificios, que sómente lhe são recompensados muitas vezes com o desdem, a ingratidão e o insulto?

Estão os mais entregues ao somno, e já as suas obras de caridade tem começado; visitou o enfermo, soccorreu o pobre, enxugou as lagrimas ao infeliz, e fez correr algumas vezes as do arrependimento; instruiu o ignorante, confirmou na virtude as almas turbadas pelas paixões.

Depois d'um dia passado na pratica de semelhantes obras, chega a noite, mas para elle não chega o descanço. Na hora em que o prazer chama os outros aos espectaculos, aos bailes, um homem procura o ministro da caridade: está a expirar um christão; e o bom pastor deixa tudo pela sua ovelha: lembra se das angustias, que a atormentam; corre a liberalisar-lhe as consolações da fé e esperança E o enfermo dirige as suas orações ao Deus, que morreu para o salvar, e que vae brevemente dar-lhe no sacramento um penhor seguro de misericordia e reconciliação.

Eis aqui o padre, eis o homem de Deus, eis o homem de todas as boas obras, de todas as virtudes; eis aquelle que

por seu ministerio, pelo caracter de que está revestido, pelos laços que contrahiu, é chamado a fazer aos seus semelhantes todo o bem de que é capaz, que deve ir até ás extremidades do mundo, se preciso fôr, diffundir a religião, a justiça, a caridade e a paz nos corações.

Eis o padre, eis aquelle que a maçonaria tem inculcado como inimigo da ordem publica, como perturbador da sociedade; eis aquelle que ella tem perseguido sempre com maior ardor do que se fôsse um malfeitor!...

Eis o padre, eis aquelle que a impiedade diffama todos os dias em seus escriptos; que ella mostra ao povo ignorante sob as fórmas mais ridiculas e despresiveis; eis aquelle que se tem visto, nas ruas de algumas cidades, como Lisboa e Porto, insultado e apupado publicamente pelos filhos do seculo das luzes maçonicas; eis o padre.

Ah! dizem os impios, se todos os padres fôssem como esses que nos pintaes, nós com certeza seriamos os primeiros a render homenagem ao sacerdocio, a respeitar e venerar os ministros da religião, mas elles estão muito longe de serem assim. E' certo que, desde Judas, tem havido padres máus, e até liberaes, ou mações e impios; e mesmo que alguns dos mais respeitaveis por seus bons costumes e suas virtudes, tem tido defeitos, porque o augusto caracter de que são revestidos, os não despojou das fraquezas da humanidade; só é na outra vida que se consumma a perfeição.

Entretanto perguntarei: desde quando é licito confundir o innocente com o culpado; ou proclamar que não ha innocentes, porque ha alguns culpados?

Que! Será incapaz o sacerdocio de praticar a virtude, porque alguns padres a não tem praticado?

Que se seguiria admittindo-se um tal modo de raciocinar?

Haveria então uma só classe na sociedade, uma só profissão, que podesse ser respeitada?

Porque appareceram alguns soldados amotinados, alguns chefes rebellados, alguns com actos de cobardia, ou traição, deveriamos confundil-os com os que a arte militar e os sentimentos d'honra tem produzido mais bravos, mais nobres, mais fieis, mais distinctos e mais honrosos aos olhos dos homens de bem?

Se a innocencia tem sido algumas vezes opprimida, e alguns magistrados não tem resistido á intriga, e os empenhos ou o ouro tem feito algumas vezes pender a balança da jus-

tiça; poderemos concluir que todos os magistrados são corruptos e prevaricadores?

Se tem apparecido paes desnaturados, esposas adulteras, amos crueis, creados infieis, filhos desobedientes e desnaturados, deveremos asseverar, que na sociedade já não ha fé, nem probidade, nem justiça, nem sentimentos de humanidade, nem temor de Deus, e que todas as esposas são adulteras, todos os amos crueis, todos os creados iniquos, todos os filhos desnaturados, e que todos os paes e mães são escandalosos, e ensinam os vicios aos filhos, tornando-os devassos, desmoralisados e impios?!!

A razão e a justiça exigem, que se não confundam os innocentes com os culpados, e que se tome em conta aos padres a situação difficil, em que se acham, as obrigações que tem de cumprir, os vinculos sagrados que contrahiram, os numerosos perigos que os cercam, essas perseguições com que os ennobrecem.

Para elles o calumniador é sempre implacavel, persegue-os sem descanço; espreita noite e dia o momento, em que poderá descobrir n'elles o mais pequeno pretexto de os denegrir e atacar; procura desfigurar as suas mais santas intenções; toma muitas vezes as palavras como realidades, e proclama como crime o qúe muitas vezes póde ser filho d'um coração sincero e virtuoso.

A razão e a justiça exigem igualmente, que encarecendo tanto os vicios e desvarios de alguns padres, não se esqueçam os seus serviços a as suas virtudes.

Se podem apontar-se alguns defeitos ou fraquezas em alguns Papas deve lembrar-se tambem que de 257 que se tem assentado na cadeira pontificia até Leão 12.º mais de 40 derramaram o seu sangue em defeza da religião, quasi 60 foram canonisados, e são venerados hoje na Egreja como santos; e que a maior parte dos outros se distinguiram pelo seu amor á justiça, pela pratica de todas as virtudes, pelo seu cuidado e zelo em manter a paz entre os principes christãos, e em espalhar por toda a parte os mais generosos beneficios.

E qual será o throno ou familia em todo o mundo que no espaço de 18 seculos possa contar nos seus ascendentes tantos santos e tantas pessoas virtuosas?

Dizem os mações que os padres não se conformam com o seu seculo, que não favorecem os seus progressos, que são inimigos das luzes!

Os padres inimigos das luzes!... mas quem é que trabalha em defendel-as? quem gasta a sua vida a dissipar as trevas

da ignorancia senão os padres? O padre diffunde muitas vezes as luzes á custa da sua fortuna, da sua saude, e até da sua propria vida, o que os mações não fazem nunca senão movidos pelo interesse, e quasi sempre, senão sempre, espalhando os erros ou trevas com o nome de verdades ou de luz.

Apenas se tracta de dissipar as trevas da ignorancia, e de ensinar aos homens o que lhes importa saber para serem bons, virtuosos e felizes, os padres não receiam; não se poupam a sacrificios.

Sigam-nos em seus trabalhos apostolicos, vejam-nos exercer o seu ministerio no meio de um povo tão desnuido como ignorante, e algumas vezes tão incapaz de avaliar os seus serviços, como de reconhecer os seus beneficios.

Esses homens, esses padres, que pelo seu talento e merito teriam podido grangear renome entre os demais, fazem consistir toda a sua ambição em instruir o povo.

Com o cathecismo na mão elles vão sentar-se no meio dos meninos. Alli repetem sem enfado á geração presente o que ensinaram á geração passada, o que repetirão á geração futura.

A' sua voz acalmam-se todas as paixões, e dissipam-se todas as trevas.

O pae de familia aprende a velar sobre seus filhos, a esposa a persistir fiel aos seus juramentos, o filho a obedecer e respeitar seu pae e mãe, o creado a cumprir todos os seus deveres, o rico a ser generoso com os pobres, o pobre a sujeitar-se á divina Providencia, todos a louvar ao Senhor, e a merecer pela pratica das virtudes a bemaventurança, que lhes reserva no ceo. E somos inimigos das luzes! E os padres são inimigos do progresso! São inimigos do progresso para o mal, e são inimigos das luzes maçonicas, que entenebrecem as almas, e as arremessam ao inferno.

Remontemos mais alto. Quem tirou os barbaros das trevas, em que; havia tantos seculos, estavam envoltos?

Quem lhes adoçou os costumes?

Quem civilisou esses povos semi-selvagens, e que nenhuma religião tinham, e que vivem agora no seio da verdade?

Não foram os prégadores do Evangelho?

E não eram padres esses prégadores?

Não são tambem esses prégadores, que ensinam, que publicam essa moral tão sublime, que os proprios impios se vêem forçados a respeitar e admirar, ainda que lhes falleça o animo para se submetterem ás suas leis?

E os padres são inimigos das luzes!...

Se passamos a outra ordem de conhecimentos, onde encontram as artes e as sciencias mais fieis amigos, mais dedicados propagadores?

Não fôram os padres, que conservaram todas as obras, que nos restam da antiguidade, que desfizeram o cahos da nossa historia, que presidiram á educação, prepararam este grande seculo, em que se tem visto apparecer tão admiraveis obras, que são thezouros de erudição, primores de eloquencia, modelos de civilidade e de bom gosto?

Que producções as de Bossuet, de Fenelon, de Massilon, de Bordaloue, e de tantos outros padres, cujos nomes passarão á mais remota posteridade, e cujas obras viverão tanto como a lingua, em que foram escriptas?

Que homens não eram esses religiosos, encerrados no fundo de um convento, sepultados vivos no pó de uma bibliotheca, passando a sua vida a lêr as Sagradas Escripturas, a verificar as provas da tradição!

E' verdade que agora os padres não pódem entregar-se a tão longos estudos.

Constantemento occupados nos deveres do seu ministerio, mui pouco numerosos, para poderem acudir aos seus penosos trabalhos, e faltos dos recursos necessarios á vida, ha hoje menos instrucção, menos erudição entre elles do que outr'ora; mas quem tem a culpa de que os padres sejam menos numerosos, pergunto eu á maçonaria, á impiedade?

A quem lançar a culpa de serem menos agora?

E' aos padres?

Em todo o caso, ainda que elles se não entreguem a tão largos estudos, não se supponha, que sejam ignorantes e inimigos das luzes, que são luzes; nenhum padre ha que antes de ser elevado ao sacerdocio, não passasse alguns annos da sua vida nos mais serios estudos.

Verdade é, que ha sciencias naturaes, em que os padres são agora menos versados, que muitos seculares; mas são esses padres porisso menos uteis á sociedade?

Que importa, em summa, que tenham apparecido novos processos chimicos, que se haja augmentado a nomenclatura botanica, e aperfeiçoado o systema mineralogico?!

Que lhe importa ao povo isso?

Mas importa-lhe saber que existe um Deus, que pune o crime e premeia a virtude; que ha outra vida em que se fará justiça aos bons, e se dará castigo aos máus.

Importa-lhe conhecer os seus deveres, afim de que haja

bons paes, boas esposas, maridos fieis, cidadãos integros; e e isto o que os padres ensinam.

Quanto ás sciencias poderiamos accrescentar, que existem ainda nas cidades e aldêas padres, que se contam no numero de grandes mestres, e que entre aquelles, a quem os cuidados do ministerio não permittem entregar-se a estudos, que lhes poderiam grangear renome, nenhum deixa de louvar os progressos da sciencia, e os que a ella se dedicam.

Em que pois somos inimigos das luzes, pergunta-se ainda?

Que temos feito, que fazemos para lhes reter os progressos?

Ah! é que nós prégamos a religião de Jesus-Christo; é que não queremos confundil-a com a moral publica da epocha actual; é que declaramos que a religião não consiste sómente em um sentimento religioso, vago e indefinido; é que declaramos, que não basta saber ler para ser virtuoso; é que estabelecemos, que não é licito a cada qual construir uma religião ao grado de seus caprichos, ou de suas paixões; é que affirmamos que a conservação dos estados só assenta nos grandes principios religiosos; é que por toda a parte, em que são ouvidas as nossas doutrinas, ellas penetram nos corações; é que combatemos essas outras doutrinas, que a impiedade espalha ha muitos annos para regeneração dos povos, segundo dizem os maçães, e que, se fructificam, é sómente para desgraça e ruina/ d'elles.

Somos inimigos das luzes!... Sim das luzes maçonicas, das que deslustram a religião, das que ensinam o povo a não admittir dependencia alguma, os filhos a despresar a auctoridade paterna, os esposos a violar impunemente os seus juramentos.

Somos inimigos d'essas luzes, que queimam, que destroem. Mas amamos e diffundimos essas luzes beneficas, que tendem a esclarecer os espiritos, a dilatar a instrucção, que promovem a felicidade!

Ha ainda mais accusações a fazer-nos?

Não fugiremos; verão que não recuamos ante nenhum ataque, porque temos a verdade do nosso lado.

Dizem-nos que os padres são inimigos da felicidade dos homens, que perturbam as consciencias; que desunem as familias; que são vingativos, máus, interesseiros, e que mais?

Os padres são inimigos da felicidade dos homens!... Sim, se essa felicidade consiste em violar sem dó todos os principios de ordem, de justiça e de virtude; se essa felicidade consiste em não refrear as paixões, em praticar todos os ex-

cessos da devassidão, declaramos á face do ceo e da terra, que os padres são inimigos da felicidade dos homens; mas se essa felicidade consiste em conhecer a Deus e a verdade, em amar a religião, em cumprir os nossos deveres; se a felicidade consiste em domar as nossas paixões, em moderar os nossos desejos, em buscar na esperança da futura vida consolação e força, para as penas inseparaveis da presente; se a felicidade dos homens, n'uma palavra consiste em ser virtuoso, honesto, integro, certamente somos amigos da felicidade d'elles, e lh'a procuramos.

Mas os padres perturbam as consciencias! Sim, sem duvida, perturbam as consciencias culpadas, como um medico perturba o seu doente, quando lhe apresenta uma porção amarga, que o faz soffrer por alguns instantes, mas que lhe dá a saude, ou pelo menos lhe retarda o momento da agonia, e lhe prolonga a vida por mais algum tempo.

Perturbam as consciencias! Sim, perturbamos esses homens, que adormecem no peccado, que se deixam dominar das suas ruins paixões, e que as não largam. Perturbamos as familias, desunimol-as!

E como?

Quando subimos ao pulpito, que doutrina é a nossa?

Por exemplo, dizemos aos esposos: amae as vossas esposas, como Jesus Christo ama a sua Egreja; sede-lhes fieis; amparai-as nas suas fraquezas; soccorrei-as nas suas necessidades.

Dizemos ás esposas: procurae alliviar as penas dos vossos esposos; supportae com paciencia os seus defeitos, e lembrae-vos sobre tudo da fidelidade, que lhes jurastes ao pé do altar sagrado.

Dizemos aos filhos: amae, respeitae, obedecei aos vossos paes e mães, e não os abandoneis em sua necessidade.

Dizemos aos creados: obedecei aos vossos amos, não com o temor dos castigos, pela esperança do salario, mas com humildade e coração, porque são os vossos maiores amigos, que vos dão de comer, e que porisso vos alliviam de muitos cuidados.

Dizemos a todos: cumpri os vossos diversos deveres, as obrigações que vos impõe a religião; e pertubamos assim as familias? e desunimol-as?

Mas como é que deviamos haver-nos para estabelecer, para conservar a paz nas familias?

Deveriamos prégar aos esposos, que elles podem entregar-se a todas as paixões, offender a natureza e a religião? que

o adulterio é uma fraqueza desculpavel, que lhes é licito despresar òs seus juramentos?

Deveriamos assim abandonar os homens ás suas más inclinações, que os precipitariam no abysmo?

Ah! se é assim, que devemos instruir para poder conservar a paz e união, renunciamos a isso; e não duvidamos declarar, que por semelhante preço nunca viremos annunciar a paz.

Mas que paz, grande Deus, a que póde ser pertubada pelas lições da pureza e virtude! que paz, a que geram paixões culpaveis!

Desunimos as familias! Que! São os padres, que promovem a discordia, que tendem a desunir os que prometteram diante de Deus nunca separar-se? somos nós, que promovemos o restabelecimento d'essa lei, que usurpando os direitos da morte, roubaria prematuramente os direitos das viuvas e dos orphãos, e precipitaria no lucto numerosas familias?

Somos nós ou os maçães inimigos da religião?

Perturbamos a paz das familias!...

Oh! perguntae a esses conjuges, cuja casta união nunca foi alterada por altercações; que sabem tambem desculpar os seus reciprocos defeitos, perguntae-lhes, quem lhes ensinou a conservar essa paz e união intima, senão a religião, senão as lições do padre.

Mas elles são vingativos, são máus... dizem ainda os maçães.

E conheceis, perguntamos nós, os que offendeis tão gratuitamente?

Ousamos perguntal-o a vós, que talvez tenhaes tambem atacado injustamente os ministros da religião; conheceil-os?

Se os conheceis, permitti-nos que vos digamos, que continueis a atacal-os com os vossos sarcasmos: sim, atacai-os, persegui-os sem dó, e depois quando estiverdes doentes, quando jazerdes n'um leito de dôr, na miseria chamae esses padres; sim chamae-nos, e vereis se não vos acudimos logo, se vos não abraçamos, como amigos, e se vos não mostramos, que no nosso coração não ha fel; que nunca fomos inimigos senão dos vossos vicios; que não queremos senão a vossa felicidade; e que o que chamaveis declamação não era mais que o movimento do nosso zelo, que nos levava a desviar-vos do vicio e a reconduzir-vos á virtude.

Dizem finalmente os maçães, que o interesse entrou pela Egreja, que os padres estão muitos caros, e que porisso se

não pódem já fazer festas, nem outras funcções sagradas, nem mandar dizer missas; e não se queixam de que estão caros os artistas, creados de servir e jornaleiros, que tanto tem subido ao seu salario, nem de que estão caros os cirurgiões e medicos, os advogados, tabelliães e mais empregados de justiça, nem lembram a carestia geral de todos os fructos e mais comestiveis, do vestido, calçado e mais despezas a que os padres tem de satisfazer, nem das contribuições exorbitantes do governo, que sobem desproporcionadamente todos os annos, ás quaes os padres estão tambem sujeitos.

Para os mações só os padres estão caros, para os tornar odiosos, sem se lembrarem que o nosso Divino Mestre disse aos seus discipulos, quando os mandou prégar—o que trabalha é digno da sua paga—dignus est enim operarius mercede sua (Luc. c. 10. v. 7)—nem tambem se lembrarem, que nós somos reputados e nos consideramos como pobres, e que por isso nada justamos, e o que recebemos o acceitamos como esmola, e como tal é considerado e chamado.

Se lêssem a Escriptura Santa deviam saber que diz S. Paulo:

Qual é o pastor, que apascentando o rebanho, não come do seu leite?

Quem milita sem soldo, servindo o rei e a patria?

Quem planta e fabrica a vinha, e não come do seu fructo?

Quem serve ao altar, do altar participa, e d'elle se sustenta (Cor. c. 9 v. 7).

Tal é o direito divino em que se fundam os lucros dos padres que servem a Egreja; assim como as offertas, oblatas e mais beneses, estipuladas pelas constituições das dioceses, ou costumes antigos das parochias, que se devem dar aos pastores d'almas com a maior exactidão, e escrupulo, sob pena de excommunhão não os satisfazendo.

São pois injustas e calumniosas as accusações da maçonaria ao clero; e advirtam as pessoas de sentimentos religiosos, que esta grita geral contra os padres, que agora se observa por todo a parte, é excitada pela maçonaria mui de proposito, para os desacreditar, e despretigiar perante o povo, que ella procura desmoralisar, fazendo-lhe perder a fé, o uso dos sacramentos, a religião, e por consequencia o temor de Deus.

E' este um dos meios principaes de que a hydra infernal se serve para acabar com a Egreja Catholica, acabando pri-

meiro com os ministros do culto, porque sem elles não póde ella existir.

Contou-me ha pouco pessoa religiosa, e da maior probidade, que estando ha annos proximo á morte um cirurgião d'esta freguezia de Margaride, e mandando procurar um sacerdote, para se reconciliar com Deus antes da sua partida para a eternidade não se encontrara nenhum dos onze que n'essa epocha aqui havia; o que ella attribuiu, e com rasão, a castigo de Deus, pelo máu costume, que o moribundo sempre tivera, de dizer mal dos padres.

Por consequencia é pessimo tal costume, e não póde ser bem olhado por Deus, porque redunda sempre em prejuiso da religião, de que elles são ministros, e das pessoas que por meio d'ella desejam e procuram salvar-se.

Quam culpados são pois os que empregam todos os meios, que o odio póde inventar, para deprimir o sacerdocio! Oh! que querem elles?

Seccar a fonte, affastar d'elle uma mocidade, que se julgaria feliz de entrar n'elle, mas que não ousa arrostar tantos sarcasmos e tantas calumnias.

Insensatos! não vêem que atacam não só a primeira necessidade do homem, mas tambem a propria sociedade, o que muitas vezes se tem proclamado, e o que é uma verdade incontestavel: que sem sacerdocio não ha religião, sem religião não ha moral; sem moral não ha leis; e sem leis não ha sociedade possivel.

E' indubitavel, que o sacerdocio, apezar dos ataques dos seus adversarios, não perecerá; subsistirá de edade em edade, e se perpetuará de geração em geração. E' eterno como a religião.

Graças á fé, ao fervor de muitos christãos, o sacerdocio é ainda numeroso e florescente no nosso paiz; mas veja-se de que esterilidade tem sido feridas outras nações!

Além são assoladas pela impiedade dioceses inteiras; faltam os padres. Acolá cada anno succede uma geração, a outra geração, e sempre sem principios de moral, e quasi sem nenhuma ideia de Deus! Alli o homem inimigo semeia a sizania no campo do pae de familia! as ovelhas errantes e dispersas procuram em vão um pastor, que as conduza aos bons pascigos; o que velava sobre ellas já não existe, e depois que desceu á sepultura cessou o sacrificio.

A este espectaculo, a impiedade sorri, exulta; e reunindo de novo todas as paixões, passeia em seu carro ensanguentado sobre os restos do sacerdocio: como a Babilonia do Apo-

calypse, embriaga os povos com o vinho do êrro, e esperando que as gerações futuras venham edificar-lhe templos, recebe o incenso de uma mocidade seduzida, e os cultos dos mortaes illudidos.

O' Santa Egreja! O' nossa patria! Que! estarás tu condemnada a vêr a desolação e a ruina no teu seio! só sahirás vencedora de tantos combates para cahir desfallecida á nossa vista?!

Não, não, ó filha de Sião; enxuga as tuas lagrimas; despe os teus vestidos de lucto; tu não estás condemnada a uma vergonhosa esterilidade, has-de gerar numerosos filhos. E nós já vemos muitos levitas, sahindo do teu seio; cheios de sciencia e virtudes elevam-se como beneficas nuvens, que vão levar a fecundidade a esses campos deseccados pelo vento da incredulidade.

Brevemente a religião retomará o seu predominio; a verdade apparecerá de novo mais brilhante. Esses homens, cuja inimisade causava tristes dissensões, e contribuia para desviar da religião, já se reconciliaram, e então passarão em paz dias cheios de innocencia e felicidade.

Demais diz o bispo d'Olinda, tudo nos induz a crer que dia virá, breve talvez, em que um duello de morte travar-se-ha entre o maçonismo e o monarchismo. Então de duas uma: ou a maçonaria fará baquear todos os thronos e os nivelará com o solo; ou todos os soberanos, não obstante hoje tanto protejel-a, ver-se-hão na imperiosa necessidade de colligar-se contra ella, seu inimigo commum, e mover-lhe guerra de exterminio.

Isto é infallivel; é questão de tempo apenas.

Mas quanto á Egreja... é inutil! Trabalho baldado! A maçonaria não conseguirá seu impio fim! Não! e mil vezes não! Porque assim nol-o affimou Aquelle, a cujo nome bemdito curvam-se reverentes ou forçados todos os joelhos nos ceos, na terra e até nos infernos (Phil. c. 2. v. 10).

A Esposa querida de Jesus Christo, essa nada tem que recear. Qual firme rochedo em meio de encapellado oceano, ha dezenove seculos, que resiste inabalavel ao furioso embate das ondas da impiedade, lucta impavida com as arrebatadas correntes das paixões humanas, contempla, calma e sobranceira, as mais temerosas procéllas.

Os homens passam, os povos desapparecem, as nações abysmam-se, os imperios baqueam, as edades renovam-se; só ella fica, como marco estavel no caminho da eternidade; só ella permanece immovel, fitos os olhos no céo, absorta em

Deus, sem sentir o perpassar dos seculos, nem ouvir o pavoroso arruido d'essas estrondosas revoluções que, fazendo estremecer a terra até aos seus fundamentos, mudam completamente a face do mundo.

Tudo tomba e desapparece no pó do esquecimento; só ella fica e continúa serena e tranquilla a sua gloriosa peregrinação pela terra do exilio. Tudo sóme-se na immensa voragem dos tempos; só ella continúa magestosa a sua marcha augusta e triumphante, atravez dos povos e dos seculos, até ao seio da eternidade.

A maçonaria, é verdade, bem póde fazer renascer os ominosos dias dos Neros e Diocleciauos; bem póde reviver as eras cruentas, porém luminosas dos martyres; bem póde reaccender as fogueiras e renovar as hecatombes d'aquelles tempos calamitosos; bem póde despojar esta Filha do céo de seus bens, de seu patrimonio secular, de suas Ordens religiosas, etc. etc.; bem póde constrangel-a a volver para as catacumbas, a andar errante por desertos e ermos bosques, a occultar-se nas sombrias cavernas dos montes; sim, tudo isto póde a soberana d'este mundo: princeps hujus mundi; (Joann. c. 16. v. 11.), tudo isto pódem os filhos d'este seculo: Filii hujus sæculi (Luc. c. 16. v. 8).

Mas, a Esposa Immaculada do Homem Deus, vestida ou despida, estavel ou foragida, sentada no throno ou sepultada em subterraneos esconderijos, continuará sempre, levada pela mão do Esposo, guiada pela luz do Espirito Santo, a sua missão divina, até o fim dos tempos, e só deixará de ser militante sobre a terra, para ser triumphante no céo.

Et portæ inferi non prevalebunt adversus eam (Math. c. 16. v. 18).

Governo e eleições liberaes

(Nota 126) Por governo entendo a direcção ordenada das cousas e subditos para um fim justo e conforme com as suas necessidades e commodidades.

Se a direcção é desordenada, ou o fim injusto e contrario ás necessidades e commodidades dos subditos, toma o nome de desgoverno.

O governo chama-se divino, se é exercido pelo proprio Deus, e humano se é exercido pelos homens, e este subdivide-se em ecclesiastico ou espiritual sé é exercido na Egreja sobre as almas dos catholicos, ou civil se é exercido sobre a sociedade, o qual póde tambem subdividir-se em particular ou domestico se é exercido sobre uma só familia, e em geral se é exercido sobre as muitas familias, que constituem os reinos, ou imperios ou republicas.

Deus foi o que creou tudo o que existe, porque é o unico ser por essencia, e porisso o senhor de tudo, e o que governa tudo.

Sendo Deus o unico ser por essencia segue-se, que é sempiterno, ou que não teve principio, nem conhece outro anterior a si, e porisso o seu governo é monarchico, ou de um só, e, não tendo superior, nem igual a si, que o estorve, é tambem absoluto, e o unico absoluto por essencia, porque é exercido em conformidade com a sua justiça eterna, e porisso tambem o unico justissimo e perfeitissimo.

O Papa constituido pelo nosso divino Redemptor seu Logar-Tenente na terra, para governar e dirigir para elle as almas dos catholicos de todo o mundo, que queiram cumprir livremente os seus divinos mandamentos, amando-o como pae, servindo-o e adorando-o como nosso Creador, Redemptor e o unico Deus verdadeiro, tambem não póde ter cá superior nem igual a si na direção espiritual das almas, e porisso o seu governo, modelado pelo de Deus, é tambem monarchico, porque é governo de um só, e absoluto, como o póde ser o de uma

creatura de primeira ordem no mundo, porque dirige as almas sem dependencia de outra creatura.

Além d'isso o seu governo é justo e perfeito, como o póde ser o de uma creatura de primeira ordem no mundo, porque o exerce guiado sempre pela justiça eterna e Espirito de Deus, segundo o Codigo Sagrado do Velho e Novo Testamento, onde está bem declarada a sua divina vontade, e onde se acha assegurada a sua infallibilidade, fundada na inspiração divina, e na assistencia do Espirito Santo, pelas palavras—E estae certos de que eu estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos (Math. c. 28 v. 20).

A palavra absoluto é derivada da latina—absolutus—composta de ab e solutus, que significa solto de pêas ou livre de estorvo, que possa embaraçal-o. Porisso attendendo á sua significação litteral ou natural, não posso admittir que ella se tome á má parte, e se considere como synonima de despotico, ou tyranno, porque nem ella significa o mesmo, nem ha palavras exactamente synonimas.

Além d'isso, sendo Deus perfeitissimo em tudo, é-o tambem no seu governo, e, sendo o seu governo absoluto, segue-se que é bom, porque Deus é a summa bondade por essencia

Não póde portanto o governo absoluto ser mau sem que degenere em despotico ou tyrannico, o que só póde acontecer perdendo elle a sua essencia e igualmente o seu proprio nome.

As leis positivas da Escriptura Santa a que o Papa está sujeito não fazem que o seu governo perca o caracter e o nome de absoluto, porque o não estorvam de seguir o seu fim, que é a salvação ou felicidade eterna das almas, antes ao contrario o ajudam a conseguil-o, servindo de luz, ou guia, ou sustentaculo, para se não desviar nunca da justiça eterna, que coustitue a essencia do seu governo.

A fórma do governo civil ou das nações em rigor é a de um só dirigir ou mandar e se chama monarchia, ou de mais que um a fazer o mesmo serviço, e se chama republica propriamente dita.

A monarchia (segundo o Abb. Champanois. Leçons de Philosophie chretienne t. 2. pag. 459) póde ser absoluta, temperada ou representativa.

E' absoluta quando a plenitude do poder pertence a um só sem dependencia de leis positivas anteriores.

E' temperada quando o proprio monarcha está sujeito a leis

fundamentaes, que restringem o seu poder, não lhe sendo permittido promulgar certas leis sem o consenso de alguns inferiores.

—E' em fim representativa, ou constitucional quando o rei reina e não governa. O rei reina sobre um povo, que se governa a si mesmo por meio de deputados eleitos por elle e reunidos em um corpo, que se chama parlamento. Da execução da vontade d'este é encarregado um ministerio em nome do rei, que a lei isempta de toda a responsabilidade (citado pelo distincto escriptor snr. D. Miguel Sotto Maior).

Ha pois uma notavel differença entre a monarchia temperada e o governo representasivo á moderna, baseado no dogma revolucionario da soberania do povo, e na qual o rei reina e não governa, ou antes é, no meio do povo soberano, quasi que o unico vassallo! Na opinião de notaveis publicistas os modernos governos constitucionaes não são puramente monarchicos, mas mixtos, e o sabio P. Taparelli demonstra, que estes governos mixtos são verdadeiras polyarchias (copiado do artigo principal do *Commercio do Minho* de 29 de dezembro de 1883, do mesmo dito snr. Sotto Maior.)

Sendo o fim do governo produzir a felicidade dos subditos, segue-se que tudo o que esclareça o monarcha, para seguir com segurança e acerto a direcção ordenada com que consiga essa felicidade, lhe serve como ao Papa, de sustentaculo, para se não desviar nunca da estrada verdadeira, que o leve ao termo desejado, e que os esclarecimentos em nada lhe prejudicam o caracter de governo absoluto, porque lhe não estorvam a marcha, antes pelo contrario o guiam para que a não erre.

Entendo pois, que as leis fundamentaes das monarchias, como as nossas das Cortes de Lamego, feitas pelos representantes dos tres estados clero, nobreza e povo, em conformidade com os divinos preceitos da Escriptura Santa, e sanccionadas pelo monarcha, são um apoio seguro, em que elle se firma, para não errar na gerencia do seu cargo, e que em tal caso o seu governo, em vez de absoluto temperado, se deveria chamar absoluto illutrado, ou esclarecido, ou antes verdadeiramente civilisado, por ser o Evangelho a verdadeira civilisação do mundo, e o fundamento principal das leis ecclesiasticas e civis.

E' esta por consequencia a unica fórma de governo civil que com verdade se póde chamar justa e perfeita, como o póde ser a dos homens de segunda ordem no mundo, por ser a unica modelada pelo governo de Deus e do Papa, e a mais

confórme com os preceitos dos livros Santos, e a justiça eterna, assim como com as necessidades e commodidades dos subditos, ou com a sua felicidade temporal e eterna. Taes foram sempre os governos das nações latinas antes do apparecimento da chamada constituição liberal, principalmente os dirigidos pelos Bourbons, que, por serem catholicos e tementes a Deus, a ponto de darem muitos santos á Egreja, que nunca poderão dar os constitucionaes, os exerciam segundo as leis fundamentaes das suas nações, segundo a justiça eterna, e em conformidade com os dois textos da Biblia, em que Deus diz—Por mim reinam os reis, e por mim decretam os legisladores o que é justo. Por mim imperam os principes, e os poderosos decretam a justiça—Per me reges regnant, et legum conditores justa decernunt. Per me principes imperant, et potentes decernumt justitiam (Prov. c. 8. v. 15. e 16).

Ve-se pois, que os monarchas, segundo entendo, não perdem o caracter de absolutos por dirigir as nações em conformidade com as leis divinas e humanas, que os illuminam sobre a sciencia do governo justo, aliás poderia affirmar-se o disparate de que os conhecimentos tornam o homem escravo, em vez de livre; e de mais d'isso porque elles não reconhecem no termo do seu dominio nem superior, nem igual a si. O contrario seria affirmar, que o homem perde a liberdade por obedecer aos mandamentos de Deus, e governar-se por elles, o que seria o maior dos paradoxos, e até uma heresia, por ser aliás esse proceder o que constitue a essencia da sua verdadeira liberdade, e ser o proceder contrario o que constitue a essencia da verdadeira escravidão.

D'aqui se conclue com justa rasão, que a verdadeira liberdade tanto do monarcha illustrado, como dos subditos, que lhe obedecem, é antiga, e que a nova, apregoada pelos mações ou liberaes, como conquista moderna, é diversa d'ella, e por isso falsa, o que se conhece e demonstra com evidencia apresentando os effeitos de uma e outra, porque a nova na pratica produz sempre e em toda a parte a mais dura, espesinhadora, e cruel escravidão, com o nome trocado mui de proposito, para enganar o povo innocente, e desgraçal-o em todos os sentidos, como se vê em todas as nações, onde foi implantada á traição.

O chamado governo absoluto, em que o monarcha não seja illustrado, e se não guie pelas leis positivas divinas e humanas, a não ser inspirado particularmente por Deus, nunca póde ser justo, nem por consequencia perfeito, porque o homem ignorante de ordinario deixa-se vencer mui facilmente

pelas paixões, e n'esse caso não poderá dirigir-se ordenadamente a si, e menos ainda aos outros, e então o seu chamado governo degenerará infallivelmente em desgoverno, e tomará a essencia e o nome de despotico e tyrannico.

O serviço, ou emprego principal do chamado rei, que reina e não governa, julgo que consiste em escrevinhar de vêz em quando o seu nome ordinariamente pouco legivel em alguns papeis, e receber annualmente dos cofres publicos por este importantissimo trabalho uma avultada somma de pecunia. Como este trabalho se reduz segundo dizem ao d'uma chancella animada, parece poder considerar-se o tal rei como uma entidade inutil, desnecessaria e muito incommoda pela despeza enormissima que faz á nação sem o menor proveito, e que porisso deveria ser substituido pela chancella inanimada, que seria muito mais util e supportavel, por não causar despeza nenhuma, e produziria muito melhor effeito, por apresentar o nome sempre com o mesmo feitio, e mais legivel, sem estar sujeita ás alterações, nem do corpo nem da alma, que as commoções produzem amiudadas vezes.

Quando ouço fallar no rei que reina e não governa, occorre-me sempre o seguinte texto do Evangelho —E ajoelhando diante d'elle o escarneciam, dizendo: Deus te salve, Rei dos judeus—Et genu flexo ante eum, illudebant ei, dicentes: Ave Rex judeorum (Math. c. 27. v. 29.), e esta lembrança atormenta-me depois a memoria por muito tempo; tal é a impressão desagradavel, que me causa !!! Na verdade custa a acreditar, que haja homem de probidade e sã rasão, que, ao chamado governo de um tal rei, dê o nome de monarchia constitucional, ou mixta, a não se lhe suppor grande balburdia nos miolos, e desmancho completo nas faculdades intellectuaes, ou grande desembaraço na arte de—berliques e berloques—aprendida nas cafurnas maçonicas.

Tambem acho bem celebre, mas conforme com este reisinho ou reisête, a chamada (provavelmente por zombaria) lei, que isempta os ministros de toda a responsabilidade, e que por consequencia os afouta a fazerem-se ladrões, despotas e tyrannos, pois não, sendo santos, como não são, porque passa já de trinta e oito annos que reso officio divino, sem até hoje encontrar nenhum d'elles reconhecido como tal no calendario romano, segue-se que não tendo elles a louvavel devoção de se confessarem de oito em oito dias, e vivendo em occasião proxima com os cofres da nação, é mui provavel, que lhes deitem as unhas, attenta a tal irresponsabilidade, e a sua natureza corrompida pelo peccado original, e pela seita

maçonica, a que porventura se tenham sujeitado, ea sede do ouro, que sentem sempre todos os mações ou liberaes e que o farejam melhor que o cão mais fino da caça. N'este caso julgo um contrasenso estarem os periodicos a gritar todos os dias contra a corrupção dos taes ministros devendo gritar antes contra a lei corruptora das almas, ainda as mais santas, que as anima e excita aos roubos, despotismos e tyrannias.

Por mais que tenha meditado ainda não pude tambem concordar os fazedores de tal lei, e da que concede uns tantos por cento aos ministros, que consigam emprestimos, sempre, se entende, ruinosos á nação, com o texto sagrado, acima citado—e por mim decretam os legisladores o que é justo—Estas tres leis pois de ser rei sem governar, de os ministros fazerem tudo o que queiram sem serem obrigados a responder pelos seus actos, e a de receberem uns tantos por cento de todos os emprestimos, que consigam, e com que empobrecem e arruinam as nações, são feitas muito de proposito pelos chefes da maçonaria, para se encherem, como tem enchido, com o dinheiro da nação, e constituem a essencia dos governos maçonicos ou liberaes. E não querem ser reputados como salteadores!!!

Os governos republicanos propriamente ditos, ou que não pertencem á seita maçonica, são todos imperfeitos, e na maior parte viciosos.

1.° Porque dependem de eleições, que nunca podem fazer-se sem soborno, pois, sendo os votantes, como são em geral, dependentes d'alguem, apertados por empenhos, escolhem quasi sempre os candidatos menos dignos, e até em grande parte das vezes os indignos, porque os homens de sã consciencia e probidade não pedem empregos, nem os querem, e então os votos sahem todos pelos outros, e o governo fica necessariamente imperfeito e vicioso.

2.° Porque os candidatos indignos, por isso que não são quasi nunca de consciencia escrupulosa, sabendo que tem a demorar-se pouco tempo no poder, alem de receberem grandes ordenados dos cofres publicos em prejuizo do povo, tractam infallivelmente de se enriquecer a todo o custo com os dinheiros da nação, a que possam deitar as unhas, como acontece, segundo geralmente se diz, nos governos liberaes, e é este um vicio dos maiores, porque desgraça os contribuintes.

3.° Finalmente, porque os empregados republicanos no geral não tem affeição nenhuma aos governados, e lembrando-se continuamente de que dentro em pouco deixam de ser governantes, tractam-nos com desprezo, e este procedimento fi-

lho da má educação e da má natureza que contrahiram, constitue outra grande imperfeição.

Nenhuma d'estas imperfeições ou vicios porém se dava nos governos absolutos e illustrados, pelo menos em Portugal, porque, alem das rasões já expostas, os seus gerentes se sustentavam com o que era propriamente seu sem sobrecarregarem o povo com contribuições para o seu mantimento e luxo, como os dos republicanos propriamente ditos, e os dos liberaes, que tão caros custam, pois se sustentavam, o rei com a sua casa de Bragança, que era talvez a maior de todos os imperantes da Europa, a rainha com a sua casa chamada da Rainha, que tambem era grande, e os infantes com a sua casa chamada do Infantado, que era do mesmo modo de bom tamanho; e por isso não pesavam nada ao povo, como pesam, agora enormissimamente os liberaes, mesmo tendo ficado com a casa de Bragança em seu poder.

Alem d'isso os governos absolutos e illustrados sabiam que tinham de governar por toda a vida, em quanto quizessem e podessem, e como os Bourbons eram no geral catholicos e tementes a Deus, amavam os governados como filhos, procurando-lhes sempre o seu maior bem. Por consequencia, se algum se desorientava ou desmoralisava no governo, como no tempo de D. José I, constituia uma excepção á regra geral. Esse mesmo desvio no governo de D. José não pode attribuir-se-lhe, senão por confiar a sua gerencia a um homem, segundo se diz, de muito má condição, e que foi um despota e tyranno terrivel, como o mostrou na barbara expulsão dos jesuitas, e nos assassinatos atrozes dos innocentes Taboras por causa do falso crime, que aquelle tyranno forjou, e lhes imputou por ser maçon, como se mostrou depois pela historia horrivel das suas atrocidades, contadas tanto pelos nacionaes, como pelos estrangeiros, e mesmo protestantes. E por isso esse desvio não póde ser imputado aos Bourbons, mas aos maçoes, para pôrem em pratica o plano de roubar e destruir as nações, como em seguida conseguiram.

Os reis de Portugal nos seculos anteriores ao apparecimento da maldita constituição liberal, governaram sempre segundo as leis fundamentaes do reino, e, quando era preciso resolver ou decidir negocios difficeis, convocavam os tres estados da nação, e consultavam além d'isso em muitas occasiões as corporações scientificas, como a Universidade, conventos etc. para dirigirem constantemente o governo do modo mais justo e conveniente aos povos.

Por consequencia nunca foram despoticos, que gerissem

o governo a arbitrio seu sómente, e abusassem do poder contra a lei, e muito menos tyrannicos, que abusassem do poder e se tornassem crueis, esmagando os subditos, e opprimindo injustamente a innocencia, como os inculcam e calumniam os liberaes, que mentem sempre, porque são inspirados e dirigidos pelo diabo, que é pae da mentira.

E' de advertir, que as nossas côrtes, ou representação dos tres estados, eram verdadeiramente nacionaes, porque os deputados, como não tinham a esperar lucro nenhum d'este seu trabalho, nem tinham empregos a pedir ou a esperar, decidiam sempre pelo bem da nação, tendo em vista só a felicidade do povo.

Assim mesmo nos casos de empate de votos, e em todos os mais, quem dicidia era o rei, sem a sancção do qual as leis não vigoravam, e esta prerogativa era tambem uma das razões porque se chamavam absolutos. Accresce mais que muitas leis eram feitas e sanccionadas só pelo rei, como as dos morgados respeito á legalidade dos vinculos, e outras feitas por D. José que ficaram a vigorar depois para diante, como feitas pelas côrtes.

Ao contrario portanto os governos constituidos e dirigidos pelas lojas maçonicas ha meio seculo para cá tem sido sempre viciosos, e porisso anarchicos, porque tem produzido sempre e em toda a parte a ruina completa das nações, em que se apoderaram do mando.

Quem não vê isto, e o nega ou perdeu o juizo ou é maçâo.

Porisso tanto os declaradamente anarchicos chamados impropriamente republicanos, por exemplo o de França de 1793, que fez correr rios de sangue dos innocentes (nota 120), e o d'agora de 1884, que expulsou os frades dos seus conventos e da nação, como fizeram tambem os chamados conservadores ou monarchicos de cá de Portugal, e que baniram das escolas o nome de Deus e a religião catholica, assim como todos os mais chamados monarchicos constitucionaes ou mixtos, em que, como dizem os mesmos constituidores de gerentes, os reis reinam, mas não governam, e que porisso são na essencia o mesmo que os declarados anarchicos, encobertos hypocritamente com a capa de monarchicos, para melhor enganar, não pódem na verdade chamar-se governos, porque não dirigem os negocios das nações em ordem a produzir a felicidade dos subditos, como deviam, mas desgovernos, por estarem infectados da desordem do inferno, onde fôram engen-

drados, com o fim de roubar os povos. A moçanaria (diz o Irmão Ragon, auctor sagrado da seita, na sua obra —Curso Philosophico)—não é de paiz nenhum; não é franceza, escoceza ou americana etc. E' uma e universal: tem muitos centros de acção, mas só um centro de unidade e universalidade. Se ella perdesse esse caracter de unidade e universalidade, deixaria de existir.—Logo todas as lojas maçonicas, assim como todas as republicas e monarchias liberaes, por ellas dirigidas, obedecem a esse centro commum de unidade, e tem a mesma essencia, embora com diverso nome segundo os fins d'esse centro.

Diz a Alliança Republicana Universal, organisada em New-York em 1857—O fim da associação é affirmar o direito de todos os paizes de mudarem os seus governos em republicanos, de se unirem entre si, para formarem uma solidariedade republicana.

Logo o fim ultimo, que a maçonaria tem em vista, é formar uma republica universal em todo o mundo.

Que terrivel futuro nos preparam os taes philantropos!!!

As palavras principaes, que o Gran-Mestre dirige á Perfeita Mestra, quando ella é admittida a este grau, são estas:

A principal das vossas obrigações será irritar o povo contra os reis e os padres: no botequim, no theatro, nos bailes, trabalhae com esta sacrosanta intenção (Gautr. pag. 129).

O juramento dos membros da sociedade das Quatro Estações contém estas palavras:

Em nome da republica, juro odio eterno a todos os reis etc. (Gautr. pag. 129).

Logo a maçonaria nem quer reis, que lhe estorvem as suas maldades, nem padres, que lh'as descubram.

Vê-se pois que o fim da maçonaria, por essencia cosmopolita e universal, é estabelecer a todo o custo a republica ou anarchia em todo o mundo, e por consequencia tolera a monarchia constitucional, porque ella na essencia é o mesmo que a republica, e porque ambas produzem os mesmos effeitos.

Porisso conhece-se com clareza, que ambos estes systemas foram inventados pela seita maçonica mui de proposito com o fim malevolo de roubar as nações, e acabar com a Egreja Catholica, e com os seus ministros.

Para aclarar melhor a explicação antecedente e consequente leia-se o seguinte documento ou decreto maçonico, copiado por Gautr. p. 115 da obra de A. N. p. 266.

Um candidato mação será proposto pela loja no circulo on-

de se faz a eleição, para, depois de adoptado pelo Grande Oriente, ser imposto aos irmãos da sua obediencia.

Na eleição, quer ella seja nacional, quer provincial ou municipal, pouco importa, é sempre necessaria a acceitação pelo Grande Oriente, que lhe é expressamente reservada.

Todos os maçães jurarão empregar toda a sua influencia para fazer triumphar a candidatura adoptada.

O eleito mação fará em loja uma profissão de fé, de que se lavrará termo. Elle será convidado a recorrer ás luzes d'esta loja, ou do Grande Oriente, nas occorrencias graves, que pódem sobrevir durante o seu mandato. A falta de observancia dos seus compromissos o expõe a penas severas, e até a exclusão da Ordem. A applicação d'estas medidas de rigor é deixada á discrição do Grande Oriente.

Segundo este decreto maçonico a representação nacional fica convertida em representação maçonica, e por consequencia as leis do chamado governo representativo ou constitucional são decididas primeiro nas lojas pelos chefes da seita, e depois apresentadas ao parlamento ou palratorio, para lhes ser dado pelos deputados o verniz da sancção publica, que tem de ser sempre conforme com a decisão previa da maçonaria, e com o juramento dado na loja antes de tudo pelo candidato.

D'aqui se collige tambem a razão porque tantos homens independentes, ou antes que podiam e deviam considerar-se taes, trabalham sem descanço dia e noite nas eleições, e praticam excessos e baixezas, que nenhum homem de juizo, ainda o de condição mais humilde praticaria, se não tivessem sobre si uma pressão extraordinaria, a da seita infernal, que a isso os obriga, como ella mesma o declara no documento supra, para eterna vergonha d'estes miseraveis.

A não se dar esta pressão, qual seria o homem de bem, que quizesse passar por tal, que se rebaixasse a abraçar pelas officinas, pelos moinhos, pelas tabernas, e até por logares ainda mais immundos, homens mesmo dos mais insignificantes, e da infima ralé, de quem até então nunca haviam feito caso?!!!

A não se dar esta causa como poderia um homem com apparencia de probidade fazer acções tão indignas, que espantam aos mesmos a quem são feitas, e que depois ficam a escarnecer dos que tanto se humilham, para conseguir um voto, quasi sempre para homens indignos, que até não conhecem, e muitas vezes para homens desacreditados por suas obras infames?!!

A não se dar esta pressão horrivel, como poderia accre-

ditar-se, que homens, que não tem coração para dar cinco reis a um pobre, e a quem ninguem apanharia um seitil para uma obra pia, ou de beneficencia, gastem com profusão e a mãos largas dinheiro na compra de votos, que quasi sempre lhes ficam bem caros, desperdicem pipas de vinho, cargas de trigo e doce, para encher o bandulho a esses miseraveis que, accorrentados como carneiros para o matadouro, arrastam para aquella vergonhosa scena, em que nenhum homem de senso e sã consciencia se metteria?!!

Só a maçonaria é capaz de obrigar a um tal desperdicio, e a fazer com que estes infelizes assalariados percam de todo o juizo com a demasiada vinhaça, a ponto de uns despirem publicamente e a toda pressa as calças, e correrem em camisa a refrescar nas poças d'agua mais proximas, e á vista de todo o povo, os cabaços escandecidos pelos vapores do alcool, que lhes treparam ao cerebro, outros a estorcer-se pelos caminhos com arrancos violentos do estomago, e com vomito negro, como se tivessem tomado algum emetico fórte, ou fôssem atacados pela cholera, outros a resonar em roncos como porcos, estirados junto ás estradas, e outros finalmente a cambalear em zig-zag irregular, e sem direcção determinada, na volta de tão nojenta bachanal: como tudo e muito mais se observou ha pouco em umas eleições d'este concelho.

O peor de tudo porém foram os desacatos tremendos, que por essa occasião se perpetraram no templo santo, e na presença de Deus, porque levantando-se um alvoroço terrivel por causa da urna, que cada uns dos diversos partidos agarrava para si, desenvolveu-se entre os assalariados uma guerra medonha aos murros, pontapés e empurrões, que pozeram em bocados todos os confessionarios da Egreja, ainda quasi novos e de madeira de castanho e engadelharam com tal furor, que cobriram o pavimento de pedaços de casacos, e de colarinhos de camisas.

Os commandantes d'estas patrulhas bem conheciam o merito d'estes seus heroicos serviços, e o conceito em que eram tidos entre o povo, porque escapando-se com a maior velocidade do meio d'esta balburdia, e dando ás canellas, só se julgaram seguros dentro das paredes das suas casas com as portas bem trancadas, e só depois de muito tempo é que poderam tomar folego, e contar o motivo de tamanha pressa, e do que tanto lhes custou a pôrem-se a salvo d'aquella medonha catastrophe, e do risco em que estiveram de lhe metterem os tampos dentro.

Por consequencia ambos os systemas liberaes só pódem

produzir maldades, que os tornam despoticos e tyrannicos, por que esmagam o povo de todos os modos, reduzindo-o á fome e á miseria, como se prova com evidencia.

O periodico «Nação» de 19 de julho de 1883 diz:

Os impostos na Italia são verdadeiramente monstruosos, ou liberaes. Com os ultimos emprestimos os juros da divida consolidada sobem já a 99 mil contos (ou 247 milhões), é um esplendido florão para a apotheose de Garibaldi. Em que somma enormissima não está o capital d'estes juros?!!

Li tambem na «Nação» haverá tres annos ou pouco mais, que o ultimo governo legitimo de França fazia as despezas geraes da nação, se bem me lembro, com 500 milhões, e que depois nos governos liberaes subiram as mesmas despezas, no de Luiz Phillippe a 8 centos milhões, no de Napoleão 3.° a 18 centos milhões, e no da republica actual de 1884 a 30 centos milhões; isto é, subiram as despezas do governo liberal acima das do legitimo e absoluto, a somma escandolosissima de 25 centos milhões. E' na verdade gastar sem vergonha e em proporções, que nunca se ouviram, nem podiam imaginar-se nos seculos passados!!!

A «Nação» de 26 de julho de 1882 copia do artigo principal do mesmo dia do «Seculo», cuja opinião não póde ser taxada de suspeita, além de outras cousas, o seguinte:

Em 1834, depois da mais feroz das guerras civis, e depois da campanha peninsular, que assolou o paiz d'um ao outro extremo, tinhamos uma divida de 50 mil contos (ou 125 milhões), e hoje depois d'uma paz verdadeiramente octaviana, está ella na cifra enorme e assustadora de 450 mil contos (ou 1125 milhões). José Jacinto Nnnes.

A «Nação» de 19 de junho d'este anno de 1883 diz, que, só n'este meio anno, já cresceu a divida publica 50 mil contos (ou 125 milhões) isto é, em meio anno do systema liberal cresceu tanto, como tinha crescido em sete centos e tantos annos do governo legitimo e absoluto, depois da acima dita guerra civil a mais feroz, e depois da campanha peninsular, que assolou o paiz d'um ao outro extremo. Irra com tanto crescer!!!

Onde metterão tanto dinheiro?!!

E a que somma enormissima não subirá ella ainda até ao fim do anno, para sustentar os passeios de divertimento e folguedo da familia real inteira, indo cada membro d'ella por sua parte diversa com numerosa comitiva por differentes rei-

nos estrangeiros, a gastar á larga na occasião afflictiva em que a fome mais medonha está a invadir as possessões ultramarinas e o continente d'esta desgraçada nação!!!

Na occasião angustiosa, em que os desgraçados habitantes da outr'ora florentissima provincia do Douro vão quasi desfallecidos procurar o pão nas remotas regiões do mundo, a fugir á fome que os definha na sua patria, onde no tempo abençoado do governo legitimo e absoluto o seu serviço da meza era na maior parte d'ouro e prata!!!

E' preciso como dizem, um coração de ferro, e bem duro, para escarnecer assim, e aggravar de cada vez mais a fome e a miseria alheia!!!

E se existe um Deus de infinita justiça, em que logar do inferno terá de ser punido condignamente, como geralmente se ouve, um escandalo tão horrendo?!!

E de certo não hão de querer se diga, que a maçonaria é uma malta de salteadores de proporções collossaes!!!

E' este o preço fabuloso, e nunca ouvido nos seculos passados, nem até sonhado desde o principio do mundo, porque fica a celebre, e bem feia matrona, chamada constituição ou liberdade liberal!!!

Foi este sem duvida o castigo maior, e mais insupportavel, que Deus permittiu, que o diabo mandasse ao mundo, para arrastar almas sem conta ao inferno, e para castigar os que ainda crêem na eternidade, mas que se esqueceram do seu Creador, e que quebrantaram os seus santos mandamentos, afim de os obrigar pela fome a cahir em si, e voltar ao bom caminho, que conduz ao ceo.

Eis a differença bem saliente, que ha entre o governo legitimo e absoluto, ou monarchico, e a republica propriamente dita, assim como entre elle e o systema do demonio, chamado constitucional, ou maçonico, ou liberal, implantado pela violencia.

E haver homens que pareciam de juizo e de consciencia escrupulosa, e até padres, que deviam ser segundo o Evangelho o sal da terra e luz do mundo, que sem attender nem sequer ao seu caracter sacerdotal, que deviam reputar em maior apreço, exaltam e preferem a republica ao governo absoluto, ou ainda muito peor, que depreciam e deligenceiam desconceituar com escandalo horrivel o governo absoluto e illustrado, como foi sempre o nosso, que fez a felicidade d'esta nação por mais de sete centos annos, e a elevou á cathegoria da nação mais valente do mundo, e sem tino nem vergonha, nem consciencia, exaltam e preferem o systema cons-

titucional, que em menos de meio seculo do chamado governo o mais despotico e tyrannico que viu o mundo, gastou, empobreceu e arruinou esta desditosa nação, que já deu leis á terra, e todos os mais povos da raça latina; tanto na sua religião, como nos seus haveres, para nunca mais poderem tornar ao estado de sua antiga gloria e felicidade!!!

E' precisa uma ignorancia crassa, d'esta materia, mas inacreditavel depois de tantos desenganos, ou desejo asnatico de uma celebridade deshonrosa e despresivel, ou antes uma maldade refinadissima, ordenada pela seita, para assim escandalisarem os ouvidos das pessoas de probidade, e sã consciencia, com o fim diabolico de rebaixar a classe sacerdotal, e desacredital-a perante as turbas!!!

Estes dão mostras bem claras de que já aprenderam a dar os tres passos no quadrilongo (nota 120).

E haver padres que sem vergonha, nem temor de Deus, se esfalfam a trabalhar nas eleições liberaes, para ajudarem a arruinar a sua religião, a sua patria e a si proprios!!!

Que desgraça, que loucura, e que maldade!!!

Conversando ha pouco com um secular de juizo e probidade sobre o motivo porque apparecem tantos padres liberaes, disse elle—uns é porque querem desfructar beneficios ecclesiasticos sem os merecerem, e, para os conseguir, é-lhes preciso trabalhar nas eleições d'esta gente, e mostrar por todos os modos, que pertencem á mesma sucia: outros é porque cahiram na desgraça de entrar na seita, e porisso se vêem obrigados a fazer o que os chefes lhes mandam: e outros finalmente é porque são casquilhos, e querem andar de chapelinho, por se lembrarem mais d'este mundo do que da eternidade.

Com effeito parece ser assim, e que o homem tem razão.

Declaro finalmente, que pouco me importa que os governos legitimos e antigos se chamem absolutos, ou representativos, ou mesmo despoticos como os inculcam os mações ou liberaes para os tornarem odiosos, por ser apenas questão de nome e porisso de pequena importancia, e porque na explicação que fiz só tive em vista mostrar a differença entre os governos ligitimos, que por tantos seculos fizeram a felicidade das nações, e que porisso eram tão amados pelos povos, que, como observei em Braga, os festejos que geralmente no fim faziam ao Senhor D. Miguel 1.º, nosso ultimo rei legitimo, passavam a delirio, e entre os chamados governos maçonicos, ou liberaes, ou constitucionaes, que em menos de meio seculo reduziram a maior miseria os desgraçados povos,

que escravisaram pela traição e pela violencia, e que porisso, elles lhe ganharam odio eterno, reputando com razão os seus oppressores, como os seus maiores inimigos.

Jesuitas, spiritismo, dotação do clero

(127) Astiterunt reges terræ, et principes convenerunt in unum adversus Dominum, et adversus Christum ejus—Os reis da terra se sublevaram, e os principes se colligaram contra o Senhor, e contra o seu Christo (Psal. 2. v. 2).

E' indubitavel que o santo Psalmista n'este texto sagrado tinha em vista os reis e principes Bourbons pela guerra cruel de morte e extreminio contra os innocentes jesuitas, guardas fidelissimos da Esposa Immaculada do Filho do Altissimo; guerra a mais escandalosa, que viu o mundo, por sahir dos filhos predilectos da Egreja, que tantas bençãos e tantos beneficios tinham recebido d'ella, e do seu Esposo Santissimo, principalmente os de Portugal, a quem elle até havia dado o brazão celeste das suas proprias armas.

E' porisso tambem indubitavel, que estes nescios com este tremendo attentado, que cometteram, enganados pela maçonaria, pozeram os fundamentos para a obra infernal da ruina das nações, que agora presenciamos, como se vê do seguinte extracto da Pastoral do melodioso Bispo d'Olinda, zelosissimo Prelado da Egreja Catholica, e heroe do Brazil na epocha actual.

A maçonaria ou a revolução em permanencia, diz elle, para attingir o seu duplo fim, a destruição do catholicismo e das monarchias, emprehende as mais loucas tentativas; para dar cabo do Papado, principio de toda a auctoridade religiosa e sustentaculo dos thronos, priva-o do valioso concurso das ordens religiosas, extinguindo-as, e de tudo o mais que lhe poderia prestar auxilio e servir-lhe de ponto de apoio.

Das ordens religiosas, porém, aquella que primeiro accommette; aquella pela qual começa quasi sempre o seu rompimento de hostilidades contra a Egreja; aquella, emfim, a que a seita nefanda vota maior execração e odio mortal, é indubitavelmente a inclyta Companhia de Jesus. Porisso que

esta phalange compacta e aguerrida de intrepidos e destemidos athletas da fé, é tambem o mais fórte baluarte da Egreja Catholica, o mais formidavel inimigo do erro e da revolução.

Cada uma das diversas corporações monasticas, que formam o exercito brilhante, inexpugnavel da Egreja, geralmente soe pelejar nas batalhas do Senhor, manejando uma arma especial.

De sorte que a Esposa de Jesus Christo anda cercada, guardada, defendida por uma admiravel variedade de armas. Porém a egregia Companhia de Jesus maneja, e com summa pericia, todas essas armas a um tempo.

Em seu seio vivem aos milhares santos religiosos que, ignorados do mundo, desconhecidos muitas vezes até dos proprios irmãos, batem o inimigo só entregues aos misteres de Maria, em quanto outros se applicam aos de Martha, batem com denodo o inimigo por meio da oração.

Outros ha fervorosos que, empunhando a cruz do missionario, voam ás extremidades da terra, aos inhospitos desertos da Lybia longinqua, aos areaes abrazados da Africa torrida, aos eternos gelos dos polos glaciaes, e por toda a parte vão fulminando o dragão infernal com os raios do Evangelho, vão conquistando almas para a Egreja, vão fazendo recuar as tartareas fronteiras, e alargando assim os limites do imperio de Jesus-Christo!

Contam-se alli canonistas eminentes, theologos consummados, philosophos profundos, professores desvellados que, nos seminarios, lyceus, e collegios, debellam incessantemente a hydra do erro por meio do ensino da verdade; e já não fallamos n'essa pleiade numerosa de grandes escriptores e prégadores sublimes que, na imprensa e no pulpito, dia e noite, profligam o espirito do mal.

Ensina-nos a experiencia, diz o SS. Padre Clemente XIII, de saudosa memoria, que esta companhia tem formado até nossos dias grande numero de esforçados defensores da fé orthodoxa e zelosos missionarios que, animados de invencivel coragem, se expõem a mil perigos por mar e por terra, para irem levar a tocha da doutrina evangelica ás nações ferozes e barbaras. Vemos que todos os que professam este louvavel instituto entregam-se a santas occupações: uns a educar a mocidade na virtude e nas sciencias; outros a dar exercicios espirituaes; parte a administrar assiduamente os sacramentos, maxime da Penitencia e da Eucharistia, e a persuadir os fieis

a frequental-os; parte a prégar a palavra do Evangelho aos fieis camponezes.

D'ahi vem que d'entre todas as Ordens monasticas, aquella a que os inimigos da Egreja votam o odio mais entranhado, e contra a qual não cessam de mover guerra de exterminio, é essa numerosa sociedade de homens, cuja occupação consiste em progredir na piedade e nas sciencias, e que cheios de zelo, animados de um só espirito, combatem sem descanço o erro e o espirito de independencia.

Para qualquer parte que se volva, a impiedade depára com esse formidavel esquadrão sempre firme, sempre imperterrito; por qualquer lado que tente escalar os muros do Sanctuario, sempre se encontra face a face com essa destemida guarda avançada das sagradas milicias, que não sabe o que é prudencia, quando se tracta de defender e guardar intemorato o deposito da Egreja.

Para desmoronar o Papado, bem o sabem os operarios da eniquidade, é indispensavel primeiro que tudo tirar-lhe o o auxilio d'esta Ordem, o mais solido de seus pilares, o seu mais firme esteio; para chegar até a Cadeira de Pedro, é preciso, em primeiro logar, superar este enorme obstaculo; para tomar de assalto a torre de David, cumpre, primeiro que tudo, exterminar esses seus mais denodados guardas, abater a mais altaneira e forte de suas trincheiras. Assim pensava o SS. Padre Clemente XIII com todos os verdadeiros catholicos e Bispos da Santa Egreja.

Applaudiam (os inimigos da Egreja), diz o protestante Sismondi, todos os projectos tendentes a abolir a mais poderosa e habil de todas as Ordens religiosas, contando como certo que, depois d'esta, não tardariam todas as outras a cahir tambem (Hist. des Frances, t 29. p. 225).

Haviam votado, diz o protestante Schlosser, odio irreconciliavel á Religião Catholica, ha seculos incorporada ao Estado... Para levar a effeito esta revolução interior e para tirar ao antigo systema religioso e catholico o seu principal arrimo, as diversas côrtes da casa de Bourbon, ignorando que iam confiar a instrucção da mocidade a mãos muito differentes, reuniram-se contra os Jesuitas, a quem os jansenistas de ha muito tinham roubado por meios muitas vezes equivocos, a estima adquirida desde seculos (Hist. des Revolucions politiques e litteraires d'Europe au 18 siécle, t. 1).

Dizia Votaire o impio patriarcha de Ferney, o blasphemador de Nosso Senhor Jesus Christo, que não se poderia le-

var vantagem contra o infame (Jesus Christo), emquanto se não houvesse destruido a Ordem dos Jesuitas.

E' este o sentir dos catholicos, dos protestantes e dos maiores impios, e o motivo unico da guerra pertinaz, de que tem sido victima a Companhia de Jesus. A perseguição aos padres Jesuitas é de ordinario o prodomo infallivel de grandes convulsões no corpo social. Assim é que muito antes de arrebentar sobre o altar e o throno o raio revolucionario de 1789, já ao longe furibunda tempestade roncava medonha sobre a cabeça dos conspicuos filhos de Santo Ignacio.

Depois de haver ella pairado por algum tempo no ar, ameaçadora, desabou, por fim, começando em Portugal. A pretexto da supposta cumplicidade de alguns Padres Jesuitas na sublevação das Reducções do Paraguay, e na malograda tentativa de assassinato contra D. José, sem processo, nem julgamento foram todos sacrificados. Uns encontraram a morte em humidas e sombrias masmorras; outros, como o Padre Malagrida e mais cincoenta e dous companheiros (em diversos paizes) succumbiram nas labaredas da fogueira, outros, emfim, atirados ao porão dos navios, foram conduzido ao desterro!

Perto de quinhentos religiosos foram repentina e violentamente arrancados do seio das numerosas populações, que elles haviam engendrado para Jesus Christo, nos montes Asiaticos, nos desertos Africanos, e nas Americanas florestas: e, carregados de pesados ferros, compartilharam a dura sorte de seus irmãos, quer sepultados vivos nos tetricos subterraneos do poderoso valido, primeiro ministro da corôa, quer saturados do pão da dôr e da agua da afflicção—panem arctum et aquam brevem—da terra do exilio.

E' impossivel lêr sem horror o requinte de malicia com que foram torturados esses pobres innocentes, expostos, coitados! até os enfermos e anciãos, a todas as intemperies e ultrages do tempo, aos ardores do sol e á humidade da chuva, aos incommodos da fome e sede, e aos escarneos e insultos da plebe infrene; e bem assim não se póde ler, sem que lagrimas borbulhem nos olhos, os edificantes exemplos de piedade e virtude, as lições sublimes, arrebatadoras, de mansidão evangelica, de perdão das offensas, de apego e amor á Santa Egreja de Jesus Christo, que deram então aquelles santos sacerdotes. Até inimigos houve, que não poderam deixar de render homenagem ás virtudes d'essas candidas victimas, estygmatisando ao mesmo tempo a barbara, tyrannia do despotico ministro d'El-Rei D. José I.

—Não fallo aqui, diz um d'elles, d'uma sociedade reli-

giosa, que o ministro de Lisboa quiz associar a esse regicidio; ouso, porém affirmar, que tão facil é provar que os Jesuitas nenhuma parte tiveram n'essa conjuração, como demonstrar a futilidade das accusações... Ai dos reis que, em negocios tão graves, não examinam tudo por si proprios (Marechal de Belle-Isle. Testament polit. 1762, p. 95).

De Portugal a tempestade, soprada pelo impio Philosophimo, seguiu rumo de França. A illustre Companhia, que n'este ultimo paiz contava 4000 Jesuitas, foi tambem supprimida por motivos futilissimos; e mais de 100 collegios foram fechados, as casas tomadas á benemerita sociedade, e seus bens confiscados.

D'ahi passou á Hespanha. Motivos nem pretextos plausiveis havia, para se proceder contra os denodados batalhadores da fé. Mas, fabricam-se documentos, falsificam-se firmas, escrevem-se cartas que são entregues e ao mesmo tempo aprehendidas pela policia, antes de serem lidas. Isto basta. Então sem processo, como no reino visinho, e por um só traço de penna, perto de seis mil religiosos são de subito, sem saberem porque, arrancados de seus piedosos asylos, de seus collegios, de suas missões, carregados de ferreas cadeias e desterrados.

O mesmo se praticou nas colonias. A violenta prisão dos Jesuitas, diz o protestante, e por isso insuspeito, Sismondi (t. 29. p. 372), que no mesmo dia se effectuara na Hespanha da Europa, proseguiu com o mesmo segredo e rigor em todas as possessões da monarchia hespanhola. No Mexico, no Perú, no Chili e nas Philippinas, foram accommettidos em seus collegios, no mesmo dia e hora, os papeis aprehendidos, as pessoas agarradas e embarcadas. Temia-se a resistencia d'elles nas missões, onde eram adorados pelos novos convertidos; mostraram pelo contrario resignação, humildade, unidas á calma e firmeza verdadeiramente heroicas.

O fogo da perseguição que ia lavrando, qual chamma voráz, impellida pelo vento, ganhou terras de Napoles, Malta e Parma. Em Portugal, França e Hespanha ainda proracuram pretextos, forjaram calumnias, crearam motivos para colorir as barbarias e crueis tratos infligidos aos Jesuitas; mas alli nem de tal se curou!

Alta noite, quando todos dormiam o somno da innocencia, são despertados pelo tinir de espadas e por soldadesco vozear, echoando na mansão da paz; são arrastados para fóra das cellas; são atirados ao convez dos navios e transportados aos Estados Pontificios.

D'est'arte em pouco tempo viu-se a inclyta Companhia

de Jesus barbaramente proscripta de todos os Estados, onde reinava a casa de Bourbon, banida das respectivas colonias, e demanteladas, aniquiladas todas as suas florescentes missões da Asia, da Africa e da America.

Para conseguirem a ruina total, a destruição completa dos Jesuitas, colligam-se contra elles as côrtes Bourbonicas, e com ameaças de schismas, exigem imperiosamente do Papa Clemente XIV a abolição da egregia Companhia, a que elle accedeu, obrigado, e para evitar maiores calamidades, como elle proprio o confessou, dizendo—compulsus feci (Past. do Bispo d'Olinda desde pag. 135 até 149).

Foi este tremendo attentado o principio da catastrophe terrivel porque passou a Europa, e que tem arruinado todas as nações latinas, para nunca mais poderem voltar ao seu antigo estado, e que dispoz tudo para a vinda do anti-christo e do fim do mundo, que não póde tardar muito, para acabar por uma vez com as loucuras e maldades dos homens.

E quem poderia sonhar ha seculos, que uma tão grande maldade, e um peccado tão abominavel, nunca commettido em Israel, havia de ser perpetrado pelos Bourbons, pelas familias mais illustres, e tementes a Deus d'entre todos os reis da terra, pelos filhos mais queridos da Egreja?!! —Quia nunquam tantum nefaz, et tam grande piaculum factum est in Israel (Jun. c. 2. v. 6).

E como poderiam os Bourbons lembrar-se de que, commettendo este attentado tão horrivel de exterminar os defensores mais zelosos da arca santa, se ia cada um d'elles assentar inscientemente sobre um paiol de polvora, a que o diabo havia em breve chegar o fogo, para os fazer voar a todos pelos ares com as nações, sobre que estes nescios imperavam?!!

Só a maçonaria, servindo-se constantemente da mentira, e prégando a doutrina impia, contraria á natureza do homem e á sã rasão, possue o segredo de enganar os homens de fé vacillante, que pareciam de juizo e probidade, sugando-lhes até a ultima gota de sangue sem elles o sentirem. Só a maçonaria possue o segredo de enganar tambem muitas mulheres levianas, arrastando-as, sem ellas o perceberem, para a cruel escravidão, que supportaram com a maior amargura no paganismo por tantos seculos até á vinda do divino Redemptor, que as libertou, dando-lhes na sociedade alem d'isso a importancia de companheiras e adjutorio do homem, que até então no paganismo lhes negaram. Só a maçonaria possue tambem a arte de enganar por toda a parte, e com especialidade em Portugal, tantos padres myopes e inexperien-

tes, servindo-se do engodo da celebre dotação do clero, que tanto os encanta, sem se lembrarem, que esses impostores, depois de vendidos os ultimos bens da Egreja, vão reduzir á miseria todo o clero, obrigando-o ao jejum forçado, e pôr todos os padres sobre barriz de polvora, para os fazer voar pelos ares, como fizeram aos Bourbons, afim de que nunca mais reste d'elles nem sequer a lembrança de que já existiram no mundo. Só a maçonaria tem esse poder magico, porque é aconselhada, dirigida e patrocinada pelo diabo, que tem a habilidade de fascinar os espiritos dos que se lhe entregam, e fazel-os ver sempre o mal' como bem.

Ai pois dos catholicos de fé vacillante, porque estão a principiar os pavorosos tempos das proximidades do fim do mundo, como o prova claramente o illustrado escriptor snr. Padre Conceição Vieira nos seus estudos spiriticos, publicados na «Nação» em vinte artigos desde 19 de dezembro de 1883 até 16 de janeiro de 1884. Já apparecem os falsos prophetas, precursores do anti-christo, para fazerem os prodigios preditos pelo nosso divino Salvador no seguinte texto—Porque se levantarão falsos christos, e falsos prophetas: que farão grandes prodigios e maravilhas taes, que (se fôra possivel) até os escolhidos se enganariam. Vêde que eu vol-o adverti antes (Math. c. 24. v. 24 e 25).

Já os espiritos do erro apparecem publicamente e com a maior facilidade a fazer esses prodigios predictos!!! Ai da sociedade inteira, porque já appareceram tambem os mações ou liberaes predictos pelos Apostolos como instrumentos dos espiritos das trevas, para promoverem a apostasia geral da fé, e fazerem guerra de morte á Egreja Catholica (not. 125).

Todo o povo d'Israel, fundado na tradicção e nos muitos textos da Escriptura Santa acreditou sempre a existencia d'espiritos racionaes, superiores e anteriores a nós; e em todos os povos do mundo se encontram vestigios seguros d'esta mesma crença, effeito tambem da tradição, que dos Israelitas a elles passou, embora viciada pelo andar dos tempos, ou misturada com erros em muitos d'elles.

E' dogma da fé catholica, e a rasão assegura, que todos os anjos foram creados em estado de graça, porque Deus perfeitissimo não podia crear o mal, mas que alguns d'elles, abusando da liberdade, que lhes foi concedida para amarem a Deus sem coacção, se revoltarem contra elle, excitados pela soberba e pela inveja, e que, em castigo de tamanha ingratidão e maldade inaudita foram expulsos do céo e arrojados ao inferno, para soffrerem tormentos incomprehensiveis por

toda a eternidade, como o asseguram o texto de S. Pedro (Ep. 2. c. 2. v 4.) dizendo—e se Deus não perdoou aos anjos, que peccaram, mas... os precipitou no abysmo, para serem atormentados—e o de S. Judas v. 6. que diz—e que aos anjos, que não guardaram o seu principado, mas desampararam o seu domicilio, os tem reservados com cadeias eternas em trevas. Os que se portaram fieis a Deus conservaram o nome de anjos bons ou simplesmente de anjos, e os revoltoso passaram a chamar-se demonios, ou diabos, ou anjos maus, ou espiritos das trevas, do erro, da mentira, etc.

E' tambem um artigo da fé catholica, que Deus dá a cada um de nós um anjo bom, a que a Egreja chama anjo da guarda, para nos acompanhar em todo o tempo da vida, defender-nos dos perigos, inspirar-nos os bons pensamentos e guiar-nos pelo caminho da virtude para conseguirmos o céo, como se vê dos tres textos seguintes—eu vos declaro, que os seus anjos etc. (Math. c. 18. v. 10)—e elles diziam: deve ser o seu anjo, etc. (Act. c. 12. v. 15.)—eis aqui enviarei eu o meu anjo, que vá adiante de ti, e te guarde pelo caminho, e te introduza no logar, que eu te tenho preparado. Respeita-o, e ouve a sua voz, e vê não o desprezes: porque te não perdoará, quando peccares, e elle falla em meu nome (Exodo c. 23. v. 20 e 21.)—D'onde se collige, que a missão do anjo da guarda é conduzir-nos á bemaventurança, nossa verdadeira terra da promissão.

E' tambem finalmente um artigo de fé que, se esses anjos máus, possuidos de um odio irreconciliavel a Deus, que os castiga, e invejosos da felicidade que as almas justas conseguirão em tomar posse para sempre das mansões da gloria de que elles foram expulsos, tentaram no Paraiso, por permissão de Deus, os nossos primeiros paes ainda no estado da graça primitivá, e os venceram dizendo-lhes—sereis como uns deuzes, conhecendo o bem e o mal (Gen. c. 5. v. 8), muito mais facilmente nos pódem tentar a nós, já cahidos e viciados pelo peccado original, e com effeito nos tentam, por permissão de Deus, como o assegura S. Pedro (Ep. 1. c. 5 v. 8.) dizendo—porque o diabo, vosso adversario, anda ao derredor de vós, como um leão, que ruge, buscando a quem possa tragar.

Segue-se portanto, que todos nós temos um anjo da guarda, que nos acompanha, nos defende dos perigos, e nos inspira o bem, para conseguirmos o ceo; e ao mesmo tempo um ou mais anjos das trevas que, possuidos do odio e inveja, sentem um infernal prazer em desviar-nos da pratica do bem

e do amor e obediencia a Deus, procurando sempre arrastarnos á sua desgraça, e a fazer que partilhemos os tormentos horriveis, que elles tem de supportar por todo o sempre.

Segue-se agora o extracto em resumo de alguns pontos principaes dos estudos spiriticos do acima citado snr. padre Conceição Vieira, para conhecimento dos novos trabalhos dos demonios, com que procuram agora perverter as creaturas.

Os espiritos do erro pódem influir na alma do homem por meio do ether, corpo imponderavel, que repassa todos os corpos ponderaveis, enchendo todos os vacuos entre atomo e atomo, ou entre molecula e molecula, isto é entre as partes da materia para nós indivisiveis, porque a ondulação n'elle produzida é transmittida sem perda de vivacidade e quasi com a rapidez do pensamento ás extremidades do universo por meio da força que é a causa do movimento, como o espirito do ser organisado é a causa da força, visto ser a materia inerte por natureza, e necessitar por consequencia do impulso de um outro ser externo.

E' pois a materia imponderavel, chamada ether, ou fluido electrico, ou fluido magnetico, ou fluido animal ou vital, o élo que prende o espirito á materia ponderavel, ou que relaciona o espiro com o corpo, e póde relacionar o homem com os espiritos quer bons, quer máus.

E' este o modo de explicar como os espiritos se revestem de fórma sensivel, e actuam na materia, devendo esta explicação considerar-se como uma curiosidade, que póde não ser exacta, e não como ensino catholico, por não poder provar-se pela Escriptura, e que porisso póde ser fallivel.

Um dos espiritos materialisados, que muitas vezes se manifestou em Londres, e que dava as mãos, para que todos o apalpassem, como em uma das vezes os observadores o encontrassem frio de gêlo, e lhe perguntassem a razão do phenomeno, respondeu que era em consequencia de se ter servido para a sua materialisação do ether da athmosphera, e não do fluido vital do medium.

Todos os que se tem occupado do espiritismo, para o combater, mostrando-lhe a origem diabolica, concordam em que esses espiritos do êrro se sirvam d'algumas verdades das sciencias naturaes, que são como isca com que pescam especialmente os sabios, para melhor occultarem ou negarem as verdades sobrenaturaes.

A interferencia dos espiritos simples com os homens é de todos os tempos, e póde ser de tres modos:

1.º Manifestando-se esses espiritos perfeitamente materialisados de modo que pareçam um homem, como o proprio Deus se manifestava a Adão antes do peccado original, depois a Henoch, ou S. Raphael a Tobias etc.

2.º Póde ser simplesmente revestidos do ether, assumindo apenas a densidade dos gazes ou vapores, produzindo em nós um temor que percorre a nossa organisação com a rapidez da electricidade, arrepiando-se-nos os cabellos sem sabermos a causa, e perdendo ordinariamente as fôrças, a energia, a falla etc. como a apparição do archanjo S. Gabriel a Daniel.

3.º Como simples espiritos, dirigindo-se ás nossas intelligencias, especialmente nos sonhos. O mais vulgar do 3.º modo, o de todos os dias, horas ou momentos, é a interferencia, especialmente com os dois espiritos bom e máu, que nos acompanham, e só em nós actuam, aconselhando-nos a seguir o bem ou o mal, a virtude ou o vicio.

Depois do diluvio esquecidos os perigos passados foram os trabalhos invisiveis dos espiritos de tal ordem, que de novo cahiram os homens no esquecimento do Creador, entregando-se totalmente á idolatria; erigindo por toda a parte soberbos templos em honra das falsas divindades; só o verdadeiro Deus não tinha um. Porisso Deus rareava, cada vez mais, as suas apparições, a sua divina intervenção d'um modo sensivel.

Permittiu, no entanto, Deus que os espiritos malignos, se apresentassem, ou como castigo para aquelles que, recusando acceder ás vozes da sua consciencia, se endurecessem no peccado, ou para offerecer aos que desejavam combater, occasião de maiores merecimentos. Apresentavam-se por tanto os demonios, operando factos prodigiosos, fóra do alcance humano, inculcando-se como deuses, predizendo um certo futuro, respondendo nas tripeças, nos oraculos, e sobretudo lisongeando ás paixões humanas etc.

O nosso Salvador, lançando fóra o principe d'este mundo, instituiu a verdadeira religião, e a sua Egreja, secundando os seus intuitos, não só nos recommenda a frequencia dos sacramentos, senão tambem a pratica de todas as obras pias, como a oração, o uso da agua benta, os exorcimos, as novenas, os rosarios etc., como meios poderosos de quebrantar a força d'esses leões, que surgem ao redor de nós.

Este novo estado de cousas obrigou os espiritos malignos a mudarem de tactica, para evitarem por exemplo o contacto da agua benta, que os queimava, como fogo; e porisso abandonando o plano antigo de se imporem directamente, e muitas vezes com a audacia com que se apresentara o diabo a Nosso Senhor Jesus Christo, offerecendo-lhe o dominio do mundo em troca das adorações, trabalhavam por vencer um ou outrò d'entre os homens, formando d'essas novas acquisições centro d'acção, que de ordinario funccionavam nos reconditos, nas cavernas, nas solidões, evitando cuidadosamente o serem descobertos pela Egreja, nos povos onde esta dominava.

Por ultimo, emfim, apparece o spiritismo em larga escala, já sem medo, sem receios dos christãos pervertidos; não porque na Egreja não sejam do mesmo vigor os meios empregados, mas porque, arrancada a fé do coração dos que são catholicos apenas pelo baptismo, pouco tem a temer sobre o emprego d'esses meios.

O spiritismo, pois, como nigromancia, é tão velho entre os homens, como velho é o peccado: mas, como phase especial da nigromancia a sua apparição é moderna, relativamente fallando.

Diz-se que na aldeia Hydeiville, no anno de 1846, nos Estados-Unidos, havia uma casa, d'onde fugiam os inquilinos, por se dizer, que appareciam medos.

Uma familia—Fox—pae e duas filhas animou-se a alugal-a, e dando uma das meninas casualmente, em uma das noites seguintes, estalos nos dedos, ouviu com distincção que eram perfeitamente repetidos por outra pessoa, que não via.

Como isto succedeu por algumas noites, a menina, perdido já o medo, fallou a esse ente invisivel, dizendo-lhe—quem quer que és bate agora na parede tres pancadas como as que eu vou bater, e immediatamente se ouviram tres distinctas pancadas em tudo similhantes.

Seu pae, movido pelo barulho, levanta-se, e sabido o caso dirige-se ao ser invisivel, pedindo-lhe que desse tantas pancadas, quantos eram os annos de sua filha, e immediatamente foi obedecido.

Pediu depois, que se concordasse, para a conversação, em alguns signaes, uma pancáda para o sim, duas para o não e tres para o talvez, e até para cada lettra do alphabeto, e assim convencionaram.

Fox convidou alguns amigos e curiosos a fallar com esses

espiritos por seu intermedio; e d'aqui vem o nome de medio. Assim nasceu em nossos dias esta nova phase de nigromancia, chamada spiritismo, que se disfarça sob a capa de estudos magneticos, trazendo como caracteristico essencial, a necessidade dos medios, que por suas aptidões fluidas provoquem facilmente não só as respostas, mas outros prodigios preternaturaes.

A necessidade dos medios é mais um embuste, com que o pae da mentira se reveste para illudir os incautos, porque, se elle appareceu a Nosso Senhor Jesus Christo, para o tentar, d'um modo perfeitamente sensivel sem os medios, que necessidade póde agora ter d'elles para os exigir, a não ser o pacto que elle mais deseja sobre tudo travado com os ditos medios?

Conta mais o auctor, que na cidade de Faro havia outra casa quasi sempre inhabitada por causa de barulhos nocturnos que n'ella se ouviam, para a qual foi viver uma familia estrangeira, que pouco se demorou n'ella, fugindo mesmo de noite assustada pelos taes barulhos.

Factos, analogos a estes, ha muitos, perfeitamente comprovados em todos os tempos e em todas as nações.

Conta tambem as apparições em Lisboa do celebre Roque de Bellos, assim chamado provavelmente por ter havido na familia da casa em que elle apparecia, um dos antepassados tambem chamado Roque, o qual espirito familiar ajudava a todos os trabalhos domesticos, tomando parte até na reza em commum, notando-se apenas, que se calava, ou resmungava, quando no Padre Nosso se diziam as palavras «perdoae-nos as nossas dividas» etc.

E' claro que não era a alma do fallecido Roque, porque se elle teve a infelicidade de perder-se não voltaria a este mundo, attento o que disse Abrahão ao rico avarento—que entre ambos havia um abysmo, de modo que se não podia passar d'um lado ao outro, e por consequencia só podia ser o demonio fingindo ser a alma do dito fallecido. Estes espiritos tem o nome de duendes, ou espiritos familiares, ou domesticos, e são de todos os tempos, porque sempre tem apparecido já n'umas partes já n'outras.

Os medios entram realmente no periodo chamado magnetico, que produz aproximadamente os phenomenos dos extasis ou raptos, dados no campo da mystica celeste.

O extasis é apenas uma simples absorpção de todas as nossas faculdades, ou só de taes ou taes, emquanto que o ra-

pto é uma absorpção mais fórte de todas essas faculdades a ponto que o corpo se eleva a mais ou menos altura.

O espirito apoderando-se d'essas faculdades, a ponto de dormitarmos falla em nós, imitando o timbre de vozes estranhas, como acontece nos extasis e raptos dos santos, dos quaes aponta varios exemplos.

N'uma sessão spiritica perguntaram ao espirito do fallecido Bartholomeu se a eleição para deputado cahiria em certo sujeito, e só passados oito minutos respondeu pelas pancadas do martello que sim.

A demora da resposta do tal Bartholomeu fallecido (ou antes do diabo que o fingia), denota, que este espirito, fingindo Bartholomeu, com a rapidez do ether, aconselhou a todos os demonios, que acompanhavam os eleitores do circulo, para se informarem das disposições d'elles, afim de não errar na resposta, e enganar depois melhor os profanos, que alli se achavam.

Assim como nós por certas probabilidades podemos prever alguns acontecimentos futuros, assim tambem os diabos, intelligencias superiores ás nossas, e mais antigos que nós, os podem prever, como n'este caso, consultando o demonio que acompanhava cada um dos eleitores, ou votantes.

Mas vêr o futuro de um modo absoluto só Deus, ou aquelle a quem o Senhor o queira revelar.

N'outra sessão foi evocado o espirito do fallecido Sergio, joven russo, enforcado por reincidencia em tentativas politicas, o qual, em resposta ás perguntas, que lhe fizeram, disse escrevendo, que, apenas sahido da carne, estivera por algum tempo mergulhado em profunda escuridão, sem saber qual seria o seu destino, e que depois alguns espiritos bons de inglezes e italianos o confortaram, ensinando-lhe que pela humildade poderia ir remindo as culpas da vida até voar ás regiões serenas dos espiritos já purificados.

Perguntado se todos pódem arrepender-se lá n'esse mundo dos espiritos, respondeu, que sim, ou mais tarde ou mais cedo, o que dependia do livre arbitrio.

Perguntado se não era ninguem condemnado, em vez de responder, urrou, soltando tres ais. Ofelia que servia de medio, a seu turno tambem soltou tres ais, arrojando a penna fóra, e sem sahir do seu estado cataleptico, começou a dizer: que tontos são estes incarnados, desconhecendo as verdades... atormentam os espiritos, forçando-os a repetir o que

milhares de vezes tem dito. Nós vivemos na esphera do amor, e não do odio.

O espirito não respondeu directamente a Morozino que o perguntava n'aquella questão capital. Por consequencia elles soffrem d'um modo horroroso, quando os forçam a sustentar um erro contra a santa fé catholica; ao que um bom anjo satisfaria da melhor vontade.

Começaram depois todos os assistentes a sentir sopros de vento impetuoso, ora quente, como ar que sae da bocca d'um forno quente, ora frio como o da neve em janeiro, parecendo-lhes estar na Siberia. As cadeiras rangiam e moviam-se com violencia, e Morosino sentiu-se elevado no ar e cahir no chão sem se molestar, outros sentiam uma mão fria pousada na face etc. N'isto exclamou Ofelia, vejo a mão d'um defunto... regelada... como quem moresse desesperado... um braço... um hombro... etc., e appareceu o defunto Sergio na figura d'homem vestido á moda dos russos, como andara n'este mundo.

N'esta sessão pediram aos espiritos, se fizessem ouvir em concerto musical, e logo se ouviu um côro harmonioso de vozes acompanhadas a orgão.

Pediram mais aos espiritos, que dessem em resumo um credo das doutrinas spiriticas, e, offerecendo á media papel e penna sem tinta, começou ella a escrever com a penna como se estivesse molhada, dizendo;

O spiritismo é o complemento do christianismo, como este foi o complemento do judeismo. O spiritismo é a religião do futuro, fundindo em si todas as crenças e renovando a sociedade com uma educação celeste, e que os educadores eram os espiritos bons.

Escreveu mais que havia tres especies d'espiritos, os máus, soberbos, colericos, vingativos, que turbam as familias com remorsos nocturnos, que mentem e semeiam a discordia—os bons, que são os que amam os seus irmãos incarnados e os ajudam—e os perfeitos, que são os que estão na bemaventurança, gosando da presença de Deus.

Perguntados se os espiritos máus nunca se converterão, responderam, que cada um a seu tempo, e que porisso convém que os incarnados peçam por elles. E perguntados onde habitam, responderam, que em toda a parte no espaço infinito.

Depois sentindo-se cahir um objecto sobre a meza, accendendo um phosphoro acharam um rosario engraçado, e pequenos quadros do Coração de Jesus e do *Ecce Homo*. Seguiram-se apertos de mãos, apalpadelas, beijos, dados por labios frios, cadavericos etc.

Donglas, que servia de medio, mergulhado em profundo somno cataletico, subiu ao tecto, circumdado de luz e de estrellas em volta da cabeça, brilhando-lhe na fronte uma mais fulgurante; estava tranfigurado: depois desceu mansamente.

Os espiritos, que accudiam ás evocações em Roma, eram de ordinario os de Farini, Cavour, Marini etc. e as sessões eram quasi sempre turbulentas, porque os espiritos davam bofetões, puchões d'orelhas, arrepelões de nariz, de cabellos, e atiravam com os chapéos fóra da cabeça de quem os tinha, sahindo estes com os rostos e vestidos manchados de negro. Provavelmente acontece isto por se conservar lá ainda a cadeira da verdade, que estorva os espiritos do êrro de mentir, ou fingir, forçados a mostrar-se como quem são.

Em uma sessão em Londres appareceu uma figura de rapariga elegante, alta, envolta em um manto que descia até aos pés. Depois desappareceu, desfazendo-se em fumo, e sumindo-se no pavimento.

Elles tanto apparecem e tanto sem ceremonia, que se deixam photographar desde 1881, quer á luz do dia, quer mesmo em plenas trevas.

Em uma casa de Crookes, em Londres, andou por muito tempo, como pessoa da familia, um spectro ou phantasma em figura de mulher, que era um prodigio de bellesa, de garbo, um prodigio na suavidade da voz e tracto, especialmente vestida de branco e com o turbante na cabeça, o qual dizia trazer por ser indiana, quando viva, e gostava de uzar ainda á moda do seu paiz. Afinal desappareceu dizendo, que a sua missão era terminada.

Deixava-se apalpar, e a pulsação do coração regulava 75 por minuto; tinha corpo de carne e ossos, resistente, real, como pessoa viva, e dizia que quando chegavam os espiritos a este estado de materialisação completa sentiam as mesmas commoções, as mesmas impressões, os mesmos desejos, como uma senhora em vida terrena; o que tudo era asseverado por Crookes.

Esta confissão mostra ser mentirosa, e ser feita só com o fim de seduzir e inclinar o homem ao peccado, porque bem sabe

o demonio, que bastam os máus pensamentos para o levar ao inferno.

Marco Antonio, que andava enthusiasmado com estas observações spiriticas, retirando-se de Londres por esta occasião, marchou para Genova, onde adoeceu gravemente.

A sua indifferença pela religião catholica, e mesmo antagonismo era tal, que aborrecia ouvir fallar em confissão e mais sacramentos.

Mas uns rumores tenebrosos, que o enchiam de medo e se ouviam no seu aposento, o abrirem-se as janellas, de par em par, sem se saber por quem, e outros phenomenos assustadores, juntos aos rogos de seu bom irmão, deram em resultado o acceitar a visita do seu parocho, e reconciliar-se com a Santa Egreja, cessando de todo aquelle inferno, e morreu em paz.

Corina, outra enthusiasta spiritica, reconciliou-se tambem com a Egreja depois de varias vicissitudes, sendo perseguida horrorosamente pelos espiritos máus, quando sentiram, que se dispunha a abandonar o spiritismo, atirando-lhe até com páus, pedras, vassouras, jorros d'agua, furtando-lhe a comida no acto de a levar á bocca, não a deixando dormir etc.

Aconselhada a aspergir o aposento com agua benta conseguiu ter algum descanço. Acompanhada por seu tio, Pierpaolo, ia todos os dias á missa, sendo em presença d'uma imagem de Nossa Senhora das Dores, em Turim, imagem de muita devoção, que começou a sentir as doces consolações da nossa purissima religião, de que ella voluntariamente se tinha apartado, e se confessou e commungou, casando-se em seguida com o joven Pensabene, um perfeito christão, e conseguindo no regaço da Egreja Catholica a paz, socego, e tranquilidade, que em nenhuma outra parte se póde encontrar.

Não é proprio dos anjos bons accudir ás solicitações magneticas de um borrachão ou devasso, que os evoque, nem são proprias d'elles as apalpadellas e outras acções tão desavergonhadas, que os espiritos fazem nas reuniões spiriticas, que os mesmos chefes de familia, que apparecem n'ellas, não querem expor suas mulheres ou filhas a provas tão indecentes, e nem até se occupam com banalidades.

Além d'isso para as apparições dos anjos bons nem ha necessidade de fluidos vitaes, nem de correntes magneticas, nem de medios, a expensas dos quaes, os espiritos máus se manifestam, sendo as suas palavras as expressões da verdade.

Não pódem ser tambem as almas dos que morreram em

graça de Deus, quer estejam no ceo, quer no purgatorio, porque não pódem desejar senão a decencia e a santidade, e quando tem apparecido, por permissão de Deus, como diz quasi a crença universal, é sempre ou para aconselhar uma restituição, que se ignora ou para mover os que vivem no peccado a que se emendem. E, ainda assim muitos pensam que são os seus bons anjos, que as vem representar, e não são as proprias almas, porque diz a Biblia, que o espirito que vae não volta: como tambem se deduz da resposta de Abrahão ao rico avarento—que entre um e outro havia um grande cahos ou abysmo. Porisso é provavel que sejam os proprios demonios, que enxameiam o ar, os que vem.

Por consequencia spiritismo, segundo a Egreja, designa simplesmente a relação dos espiritos diabolicos com as almas humanas dos que ainda vivem n'este mundo; e só por excepção admitte as relações entre as almas dos que ainda vivem e as dos defuntos, como as que se deram entre Saul e a alma de Samuel.

E porisso é falso que se dêem relações directas entre os simples espiritos dos que falleceram e os espiritos dos que ainda vivem ligados aos seus respectivos corpos, como crêem e asseveram os spiritistas, enganados pelos espiritos do êrro, que se fingem espiritos dos defuntos.

S. Jeronimo diz, que é opinião de todos os doutores, que este ar que fica entre o ceo e a terra, está cheio de potestades contrarias, os demonios. A mesma é a opinião de Santo Agostinho, assim como a linguagem dos proprios demonios, que ao sahir dos endemoninhados disseram:

Que temos nós comtigo Jesus, Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo!

Signal de que elles vivem ainda no ar, e não em fogo eterno, mas soffrendo assim mesmo horrorosamente, por viverem n'esta região proxima da terra, que é de trevas comparada com a que possuiam, e por se verem fóra dos seus principados, que devem passar a ser occupados pelas almas santas d'entre os homens.

Por consequencia são os espiritos do êrro os que obedecem ás invocações dos spiritistas, fingindo os espiritos dos defuntos, prégando mentiras, e lisongeando as paixões, para que os incautos mais se atasquem no vicio, ou fazendo-os perder a esperança na reconciliação divina, levando-os ao exaspero, á morte voluntaria, promettendo-lhes um bem estar, que nunca poderão encontrar.

A principal cousa que ensinam é que não ha inferno, isto é, tormentos eternos.

Se a existencia do inferno, com o seu principal horror, a eternidade, ainda assim não detem o peccador no declive por onde desliza facilmente, muito menos o reprimirá, se a eternidade fôr tirada a essas penas.

O segundo êrro, que elles defendem com todo o afan é o affirmarem as reincarnações successivas, até que os espiritos adquiram a perfeição necessaria para entrarem na posse da bemaventurança.

D'este modo póde cada qual peccar á vontade, porque nem ha inferno com os tormento eternos, e todos ou tarde ou cedo por meio das reincarnações successivas entrarão na felicidade eterna. Por este modo só ha eternidade nos gosos, e a negação d'ella nos tormentos, e em tal caso seria Deus injusto.

Para isto fundam-se no texto do Evangelo, em que Jesus Christo disse a Nicodemos—que só o que renascer de novo, poderá ver o reino do céo — mas calam o que elle mesmo disse em seguida—só o que renascer da agua e do Espirito Santo, só esse poderá entrar no reino do céo—pelo Baptismo, já se sabe, porque é o que lava a nodoa do peccado original pela virtude, que para isso, elle lhe concedeu, e não póde ter outro sentido. E para que serão precisas as reincarnações para a purificação das almas, tendo nós o purgatorio, sendo a crença universal, que satisfaz a isso muito melhor?

A illusão do demonio é um castigo, destinado aos que avidos do sobrenatural, e não o encontrando nos sacramentos da Egreja de um modo sensivel, procuram os bruxos, advinhos, sortilegios etc. contra a expressa prohibição do Senhor, que diz—Não vos dirijaes aos magicos, nem consulteis os advinhos, para que não aconteça que este commercio vos corrompa (Levit. c. 19 v. 20). Consente Deus estas tentações, para tirar uma prova da nossa fidelidade aos seus divinos preceitos.

Sempre houve os espiritos do erro, e sempre foram conhecidos dos pagãos e dos christãos, de sorte que a Egreja escreveu exorcismos de proposito para afugental-os, obrigando-os a sahir fóra dos corpos, e das casas, onde habitavam, por meio d'elles, e da aspersão da agua benta. Ainda que sempre houve taes espiritos, nunca todavia se manifestáram com tanta facilidade por meio dos baques das mezas, ou escrevendo, ou fallando, ou até apparecendo em figura humana de qualquer defuncto, para o fingir e enganar os assistentes,

pelo que se vê que estamos nos tempos proximos á [vinda do anti-christo, e ao fim do mundo.

Estiveram estes espiritos malignos retrahidos por alguns seculos, sendo as suas manifestações officiaes por tal modo raras, que a sociedade christã, á falta de sobrenatural sensivel, veio cahindo primeiro na duvida, depois na indifferença, e por ultimo no materialismo e atheismo, assim como agora no spiritismo.

E' por isso que o Senhor, para nosso castigo, permitte agora o sobrenatural mau, dando cumprimento cabal ás suas divinas prophecias e ás dos seus emissarios, como a de S. Matheus c. 24 v. 24. acima escripta a respeito dos falsos prophetas.

Esta prophecia refere-se decerto ao spiritismo modernos porque não só os diabos fazem os taes prodigios e maravilhas, mas até mostram uma piedade falsa, com que vem pescar os que são catholicos apresentando-lhes rosarios, photographias dos sagrados Corações de Jesus e Maria, aconselhando-lhes que se confessem e communguem, mas tudo isto sempre ligado com a superstição das praticas spiriticas, das invocações aos espiritos pelos meios magneticos, que tornam as confissões e communhões sacrilegios verdadeiros.

Temos mais a prophecia do Apocalypse (c. 13 v. 13 e 14) que diz—E obrou a segunda besta (o spiritismo) grandes prodigios de sorte que até fazia descer fogo do céo sobre a terra á vista dos homens. E seduziu aos habitadores da terra com os prodigios, que se lhe permittiu fazer etc. Isto demonstra evidentemente, que os prodigios operados hoje pelo spiritismo em toda a parte e ás claras, tudo é pela permissão de Deus, para que se illudam e percam os que não tenham querido assentir á verdade, sendo por isso que Deus lhes envia e permitte a operação do erro.

Tudo, em fim nos leva a crer que os tempos actuaes são esses de que as prophecias se occupam. Por isso o liberalismo é a atmosphera, em que o anti-christo tem de viver. O liberalismo é a triste aurora d'esses calamitosos tempos, que já nos envolvem. E' d'elle que sahem os que negam o direito de propriedade, que defendem o casamento civil, que apresentam o novo projecto da dotação do clero, destinado a secularisar os sacerdotes, e o do registo civil estar a cargo dos professores d'instrucção primaria; tudo conspira em pôr Christo Jesus fóra da sociedade, e depois fóra da familia, e por ultimo fóra do individuo. Os que fazem ou apresentam taes projectos podem julgar que o fazem por iniciativa sua; mas

não, elles são apenas um joguete nas mãos dos espiritos malignos.

Para esta ultima phase, a dos nossos dias, muito tem contribuido o spiritismo, a que tambem chamam idêa nova, a religião de futuro, com os seus prodigios mentirosos, com a sua fascinação. Elles chamam-lhe idêa nova, sendo ella velha, velhissima; mas de certo modo tem rasão: entre a população christã é sem duvida uma nova phase.

Na Inglaterra e Estados-Unidos é onde mais facilmente se manifestam materialisados, e na Russia mostra-se acontecer o mesmo attenta a maneira quasi prodigiosa como o nihilismo cresce, invadindo tudo não respeitando cathegorias.

O Imperador da Russia sim fez, com rara energia, a ceremonia da coroação, accentuando as suas crenças christãs; mas eu (eu autor) penso que de pouco lhe valerá, estando fóra da Pedra fundamental da Egreja, onde só encontraria firmeza, para debellar essas potestades tenebrosas, que contra ella não podem prevalecer.

Os que entram com as relações diabolicas perdem o amor pelos sacramentos, pela Egreja: tudo que é santo, ou pertence á santidade lhes causa um fastio, um tédio invencivel. Perdem o amor ao trabalho, resultando um alluvião de individuos ociosos, que buscam os empregos publicos. A familia é educada sem a base da religião; não respeitam os deveres mutuos, multiplicando-se os adulterios por um modo espantoso. Se por acaso os espiritos lhes percebem a mais pequena tendencia de desgosto da vida, que levam, se tem já poder n'elles, pelas relações magneticas estabelecidas, dão com elles em doidos, ou os matam repentinamente, ou os perseguem a ponto de elles proprios se suicidarem. Já é assombroso o numero dos spiritistas em toda a familia christã. Ascende elle á enorme cifra de 20 milhões, contribuindo a America para elle com 8 milhões.

Diz o auctor que contando-lhe em Lisboa um official de artilheria, reformado, que tendo sua filha dado na sala um grito por ter levado uma bofetada sem saber quem lh'a dera, cegando sem poder encontrar remedio na medecina, experimentára o magnetismo por conselho d'alguem, e que perguntando-se, na primeira sessão, ao espirito que n'ella fallava se recuperaria a saude, elle respondera que sim depois de repetir a operação doze vezes. Diz mais que continuando ainda depois a cegneira e reperguntando-se o espirito, respondera, que era preciso repetir mais tres vezes, e que no fim

de tres dias sararia pelas tres horas da tarde, e que isso se tinha verificado.

A isto diz o Snr. Padre Conceição Vieira ter respondido, que se fôra só a simples applicação d'uma corrente magnetica ou electrica, como meio puramente therapeutico, seria uma cura natural; mas que sendo invocados os espiritos por meio do magnetismo com respostas d'elles, não poderia attribuir-se aos anjos bons, porque não obedeceriam aos meios supersticiosos do spiritismo, que nunca fôra indicado pela Fgreja, e que em tal caso só se deveria attribuir á acção diabolica dos maus espiritos, que tinham causado a molestia, e para enganar a tinham curado depois pelo mesmo modo como a tinham causado. Foi esta cura parecida com a do surdo mudo do Evangelho, que recuperou a saude por meio da expulsão do demonio, que lh'a tinha causado, e n'elle habitava.

Diz mais o auctor, que em uma cidade hespanhola, uma mulher, em resultado d'uma molestia desconhecida, começára a sentir dores agudissimas; apparecendo-lhe em seguida perfeitissimas cruzes na pelle, da côr do tabaco, regularmente dispostas, e que por vezes lhe sahiam do coração faiscas de fogo tanto do lado do peito como das costas, queimando-lhe o lençol de cima e de baixo, sem ella sentir queimadura, como lhe contaram ecclesiasticos de todo o credito. Diz mais que á sua vista (d'elle auctor) depois de ter bebido uma pouca d'agua da Gruta de Lourdes, déra um grito, apparecendo-lhe junto do pé direito uma estrella, seguida de duas rectas, que se juntavam em angulo tambem recto e da mesma cor do tabaco. Diz que lhe appareciam sobre a cama bolachas finissimas com a cruz gravada em um dos lados; dizendo-lhe a apparição, que a visitava, em fórma de luz, para alguns dos que a observavam, e para ella na fórma d'uma linda senhora, que julgava ser a Virgem Maria, que devia comer uma em cada mez, devendo ellas terminar no dia 24 de setembro de 1882. Diz mais, que esse dia se passara sem novidade; e nas semanas seguintes, em cada sexta feira, lhe apparecia, como desenhado sobre o coração (peito) umas vezes a imagem do Sagrado Coração de Jesus, coroado de espinhos; outras o do Sagrado Coração de Maria, atravessado pelas sete espadas; outras a representação dos instrumentos da Paixão do Salvador.

Diz mais, quando elle a visitára havia onze mezes, que a molestia durava sem que tivesse comido cousa alguma; apenas bebendo os remedios da botica, que por obediencia tomava. Apesar d'isso que o pulso, ainda que debil, batia com

regularidade. Que as apparições foram observadas, apenas em fórma de luz, por algumas irmanitas da cruz (religiosas andaluzas), que com ella passavam as noites.

Que a estas apparições, que ella julgava boas, se seguiam outras más verdadeiramente diabolicas, que muito a faziam soffrer, pois chegavam os demonios a arrastal-a: o que ella soffria sem se queixar, dando-se por satisfeita, quando a apparição boa a vinha consolar:

Que visitando-a elle em março de 1883, ella lhe contára, que, aggravando-se-lhe a molestia, se confessára com o parocho, e que trazendo-lhe elle parocho o Sagrado Viatico da Egreja que estava perto, ella lhe fizera signal, que o não queria, por ter já na bocca uma particula, que todos viram, retirando-se tomados de espanto; acontecimento este, que com outros o pozeram em duvida se a apparição seria boa ou má.

Embora a Santa Juliana, não podendo commungar por doença, Jesus satisfizesse os seus desejos ardentes, fazendo desapparecer das mãos do sacerdote a Sagrada Particula, que se escondeu em seu peito enfermo; ou os Santos anjos tenham sido os portadores de Sagradas Particulas áquelles, que, por grandes distancias, ou por outra qualquer causa séria não podiam receber o Pão dos Anjos: é de desconfiar que, tendo ella alli, a distancia d'um metro, nas mãos do parocho uma verdadeira particula, a recusasse, engolindo ontra, cuja procedencia se desconhecia. E' de desconfiar que a particula da bocca fosse simples pão preparado por artes spiriticas, diabolicas. Que por isso tinha rasões para julgar, que a pobre mulher fôra uma victima inconsciente no poder dos espiritos diabolicos, que se fingiam celestes, nas consolações, que lhe davam, e outras vezes se apresentavam, como quem eram, diabolicos nos maus tractos, que lhe infligiam, accrescendo mais o não se ter realisado uma prophecia sua, sobre a apparição de Nossa Senhora, entre Portugual e Hespanha, similhante á de Lourdes, e outras contradicções palpaveis, que acabaram de o desilludir. Pelo que ninguem se deve fiar em certas apparencias, revestidas de toda a seducção de piedade.

Por isso o uso da agua benta é magnifico pela virtude especial, e pela benção que a Egreja lhe confere. Com frequencia, pois deve empregar-se, porque se elles para disfarce a supportam uma ou outra vez, devemos crer, que a nossa fé e tenacidade os ha de cançar e afugentar.

Embora pois, elles aconselhem as confissões e communhões, com isso nada perdem, por que confessar-se e commungar um individuo, e continuar com as praticas da magia, spiritismo, ou

outra superstição, é o mesmo que fazer confissões e communhões sacrilegas, por serem condemnadas pela Egreja.

Sirva de exemplo S. Paulo (Act. c. 16), que gritando uma rapariga atraz de S. Paulo, e Silas—que aquelles homens eram servos de Deus excelso, que lhes annunciavam o caminho da salvação—S. Paulo, indignado mandou, em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, ao espirito, que n'ella fallava (o espirito de Pyton) que sahisse d'aquella mulher. Por isso S. Paulo, embora a revelação fosse verdadeira e conducente á maior gloria de Deus, prohibiu que continuasse por ser dada por um espirito impuro em quem os philippenses tanto acreditavam, e para que esses povos não continuassem a ouvir taes oracúlos, prohibidos no Deuteronomio. Pois é este espirito, o que hoje impéra nos spiritistas, do qual todos devem fugir.

Termina o snr. Padre Conceição Vieira os seus estudos spiriticos, pedindo, que se propalem estes estudos spiriticos sobre a acção que os demonios, hoje mais do que nunca, empregam para nos perder, attenta a permissão de Deus, que para isso elles terão nos ultimos tempos, que são os da epoca actual, como mostrei na nota 125 pela analyse das prophecias dos tres Apostolos S. Paulo, S. Judas e S.Pedro.

Em virtude pois, d'este seu pedido, e para mostrar a coincidencia do apparecimento dos maçães ou liberaes na epoca do apparecimento do spiritismo, como o prova com clareza o Snr. Padre C. Vieira, decidi-me a apresentar em resumo o extracto supra, que julgo da maior utilidade, para mostrar com a maior evidencia, que estamos conformes em que os espiritos malignos são os falsos prophetas annunciados por Nosso Senhor Jesus Christo, e os maçães ou liberaes seus instrumentos, para os ajudar a promover a apostasia geral da fé, annunciados pelos tres Apostolos S. Paulo, S. Judas e S. Pedro (nota 125). Quem quizer ver por extenso o tractado utilissimo do spiritismo, póde lêr a «Nação» dos dias acima designados, ou os folhetos que o seu auctor não tardará a fazer imprimir.

Vê-se pois que estamos chegados ás proximidades da vinda do anti-christo e do fim do mundo; e que è por isso que vae ser agora sanccionada a celebre dotação do clero, que serve de engodo e encanto aos padres myopes e inexperientes. Mas no pensar dos homens intelligentes e de juizo, vae essa lei produzir a destruição completa da Egreja Catholica em Portugal, que eu já prognostiquei em 1871, como se lê no folheto supra. E' este o pensar tambem dos periodicos catholicos, como o «Commercio do Minho» de 10, e a

«Nação» de 11 e 12 de janeiro d'este anno de 1884, onde se lê tambem o seguinte juizo do «Figaro», jornal insuspeito, dizendo—O alcance revolucionario e eminentemente civil d'este golpe sobre o elemento religioso é profundo—que a «Nação» emenda com rasão para—profundissimo, incalculavel.

Vae pois realisar-se em breve o programma maçonico do Irmão Golfim no discurso pronunciado em Liege na festa do solsticio da Ordem (Neut. t. 1. p. 288), e desenvolvido em Artigos, dos quaes copio os tres seguintes, para desengano dos taes padres myopes.

Art. 1.°—Abolição da pena de morte em materia politica e criminal—Este artigo já foi sanccionado como lei ha annos em Portugal, e está em vigor, excepto para o fallecido Snr. D. Miguel I, e sua descendencia, que houvesse de seguir-se-lhe até ao fim do mundo, porque o seu crime imperdoavel de ser inimigo decidido da maçonaria passou por excepção para os seus vindouros com maior rigor ainda, que o peccado original; por que em todos se considera como pessoal para o castigo, embora o não tivessem commettido ainda: e excepto os soldados igualmente, porque não pertencem á classe de homens.

Art. 2.°—Associação para prestar as ultimas honras aos fallecidos com exclusão do clero—E' o enterro civil, ou a modo das bestas. Este já se vae usando a modo de entrudada, como ainda ha pouco em Lisboa, entrando os que levavam o defuncto, em risota n'uma taberna a encher os odres de vinho, e vindo de vez emquando á porta espreitar que não fosse elle escapar-se da tumba.

Art. 3.°—Abolição dos vencimentos do clero, que será retribuido no futuro pelos crentes de cada culto—. Este para maior solemnidade, e para ser considerado como justo tem provavelmente de ser sanccionado como lei pelos doze apostolos da liberdade, ou sucia padresca, que sanccionaram a lei dos sellos, ou contribuição, que parece poder chamar-se, iniqua, ou sacrilega, sobre os sacramentos, que Jesus Christo concedeu de graça á sua Egreja.

Pio IX no discurso pronunciado em 13 de Abril de 1872 diante de 400 catholicos disse—Em primeiro logar invocarei a benção para o paiz mais afastado de nós na Europa, Portugal... este reino geme sob a tyrannia do mais feróz maçonismo. E na Encyclica de 3 de julho de 1862, dirigida aos Prelados de Portugal, diz — Revestidos da fortaleza episcopal, resisti, como é vosso dever, a tudo quanto n'esse reino se pratica impunemente contra a Egreja, e contra os seus direitos e

leis venerandas (Com. do Minho de 19 de janeiro de 1884).

Se as admoestações do Mestre infallivel da verdade tivessem sido attendidas, e respeitadas como sahidas da bocca do Logar-Tenente de Jesus Christo, não teria sido roubada e empobrecida a Egreja como se acha hoje. Mas que contas tremendas serão ajustadas na eternidade, e que sentença terrivel não tem de ouvir da bocca do Eterno os que se acharem cumplices em taes maldades!!!

Vê-se pois, que, segundo o ponderoso juizo de Pio IX, o serio pensar do Figaro, as judiciosas reflexões da «Nação», «Commercio do Minho» e mais periodicos catholicos, assim como o programma, ou decreto maçonico, acima citado, brevemente os padres myopes terão o cruel desengano de que a sua decantada e tão desejada dotação do clero só servirá para pretexto de amontoar as pobres freiras velhas em poucos conventos, afim de morrerem mais depressa, de vender os conventos que ellas deixarem, de acabar com o resto dos passaes, e mais bens da Egreja, e á sombra ou pretexto da tal dotação levantar as contribuições ao ultimo grau, para com ellas apanharem todo o havido e por haver, como geralmente se diz, e abolir depois os vencimentos do clero, segundo o citado decreto maçonico, para acabar por uma vez com os da sotaina preta por meio da fome, afim de que se não falle mais em taes phantasmas, que tanto os incommodam, e nem d'elles reste o menor vestigio.

Diz o «Commercio do Minho» de 13 de março de 1884, com a epigraphe—Nada escapa:

Consta que o governo, ou os seus delegados nos districtos, intimam as irmandades, para que deem os seus fundos em troca de papeis.

Isto quer dizer, que os bens das irmandades, destinados pelos fieis ao culto, são entregues ao governo, por uns papeis, que d'hoje para amanhã, pódem não valer um real! E' um bom processo de se apossar do alheio!

Ainda o «Commercio do Minho» não sabe decerto outro processo de mais finorios, que consiste na recommendação maçonica aos advogados da seita de encaminharem os administradores das irmandades, e os capitalistas, para que troquem os seus fundos ou capitaes por esses papeis accreditados.

Para satisfazer esta ordem usam elles diminuir ao rendimento da propriedade o vinho, porque já sabem que tem de vir o filoxera, e fica o valor só em ametade. Não sei se lhe diminuem tambem o pão, como devem diminuir, porque tem havido annos em que tem dado o mal no milho em muitos

campos, e escusavam de fazer mais diminuições para o valor ficar em nada. Entretanto, para maior segurança, continuam a diminuir as contribuições do governo, da camara, da parochia, dos foros, juros e o mais que lhes lembra, até que a final fica o valor muitos graus abaixo de zero. D'este modo fazem convencer os parvos administradores quer seculares, quer mesmo padres, com estas contas feitas á maçonica, que é uma fortuna a troca pelos taes papeis, e pagam com a maior satisfação este conselho tão consciencioso, inspirado pelo diabo, que os encaminha para o augmento dos ditos fundos. Mas o peor de tudo é acabarem as festividades da Egreja, os suffragios dos mortos, o tractamento dos doentes pobres, e os ultimos recursos de que vivem os pobres padres.

O que porém admira é, que estes advogados tão escrupulosos não façam ao governo estas mesmas contas, para que elle lance as contribuições em conformidade com os rendimentos liquidos da propriedade.

Contribuição ao clero—publicada em diversos jornaes catholicos

Snr. redactor

Rogo-lhe o obsequio de publicar no seu accreditadissimo jornal os nossos lamentos para desabafo da nossa paixão, e para desenganar os padres do mundo inteiro de que, auxiliando os liberaes de qualquer seita, auxiliam os seus inimigos irreconciliaveis, que lhes procuram o despreso e aversão do povo, e a morte angustiosa pela fome: pelo que me confessarei sempre

Felgueiras, 17 de maio de 1884.

De v. etc.

Padre Casimiro José Vieira.

Ululate, pastores, in cinere et cilicio. Accingite vos, sacerdotes, et plangite: ministri altaris, aspergite vos cinere: quia occisus est Salvator Israel. (Officio de hoje, sabbado santo).
Clamae, pastores, cobertos de cinza e cilicio. Cingi-vos com

cilicio, sacerdotes de Felgueiras e pranteae: ministros do altar, cobri-vos de cinza: porque foi sentenciado á morte affrontosa de cruz, e foi morto pelos judeus em Jerusalem, na semana santa, o nosso divino Mestre e Salvador d'Israel; e porque poucos dias antes d'esta semana santa de 1884, na semana da Paixão do Senhor, se lavrou tambem n'este concelho contra nós, seus discipulos, è ministros dos seus divinos sacramentos sentença de morte angustiosa pela fome!!!

Sempre fomos pobres e sempre fomos reputados como taes, e tudo o que recebemos dos catholicos pelo nosso serviço, foi sempre chamado esmola, e essa mesma esmola, que tanto nos custa a conseguir, e que tão minguada se tem tornado ha annos para cá, vae ser comida pelos nossos inimigos irreconciliaveis.

Os levitas d'Israel, nossos antepassados, sacerdotes da Velha Alliança, foram sempre privilegiados, e não consta que pagassem nunca tributo de especie alguma pelos seus sacramentos, embora elles fôssem apenas a sombra, ou figura dos nossos da Nova Alliança, porque havia então fé viva no Deus Omnipotente, nosso Creador.

Em todos os seculos até hoje, tambem nós fomos sempre privilegiados, e nunca nem nós fomos tributados, nem o foram em tempo algum os sacramentos, que fazemos em nome do Deus Altissimo, porque sempre foram reputados na Nova Alliança, como a realidade dos feitos pelos levitas d'Israel, e porque a fé viva de todos os crentes, sempre regeitou tal medida como oppressiva, vexatoria e iniqua para nós, e como sacrilega, attentatoria e affrontosa ao nosso divino Redemptor.

Nós fomos sempre tambem respeitados, honrados e tidos na consideração de pertencermos á classe mais nobre e distincta da sociedade, e com razão, porque fomos considerados sempre como ministros do Todo Poderoso, que creou o mundo com tudo o que elle contém, como seus delegados na terra e com todo o poder sobre a eternidade relativamente á salvação eterna dos nossos irmãos, viajantes no mundo.

Mas agora a maçonaria, nossa inimiga, que se tornou senhora despotica do mundo, que se espalhou por toda a terra, e que trabalha com insana fadiga em extinguir de todas as almas a fé catholica, tem espalhado por toda a parte pelos seus amoucos, para nos desprestigiarem e tornarem odiosos, que a religião catholica com todos os seus divinos sacramentos fôra inventada por nós, sem declararem nem o nome do inventor, nem o logar do invento, e nem a epoca em que se dera tal

acontecimento, por o ignorarem e ser mentira, e demais d'isso que os padres estão agora muito caros, embora nada ajustem ou exijam, por ser prohibido pelas leis da Egreja, como simonia, e que por isso se não pódem já fazer as funcções sagradas, nem os officios funebres como d'antes, devendo-o attribuir á falta de fé, á falta de dinheiro, e á falta de padres, que elles mesmo tem causado, e não á sua carestia.

Por isso somos agora considerados pelos mações como homens de officio mechanico, como qualquer artista, e que podemos mudar á vontade de modo de vida, como outros quaesquer senhores da sociedade.

Foi por isso que já tributaram com o sello os dois sacramentos do baptismo e do matrimonio, e agora tributaram tambem n'este concelho a missa, que celebramos como capellães.

E' indubitavel que a esmola, que recebemos como capellães, tem relação com o sacrificio incruento, que fazemos no tempo e no logar determinado pelos que para isso nos convidam, afim de satisfazerem o preceito principal da santificação dos domingos e mais dias festivos no dito logar e hora designada, e não por só comparecermos, n'esse logar, ou fazer n'elle outro serviço, e por consequencia a contribuição, que nos imposeram, tem relação directa com a esmola que nos dão, e indirecta com o sacramento que fazemos, ou antes com o nosso divino Redemptor, que em virtude do sacramento alli apparece pessoalmente sacrificado, como no Calvario, mas de um modo incruento, ou sem derramamento de sangue.

Se os que nos tributaram não crerem no que acabo de affirmar, e quizerem convencer-se d'esta verdade, deverão ler no tomo 1.º do padre Secundo Franco, impresso ha cinco annos em 1878, a pag. 163, onde diz que—roubando um ladrão em certa egreja uma pyxide ou vaso com uma hostia consagrada, e levando-a em um sacco atado sobre um jumento, elle parara no meio de uma praça de Turim recusando marchar, e que, soltando-se o saco de per si mesmo, sahira a hostia radiante de luz, e se elevara pelo ar, e se mostrara assim por tanto tempo, que fôra vista por todo o clero, magistratura e povo, até que apresentando-lhe o arcebispo uma pyxide de novo, ella descera e se pousara n'ella á vista de todos.

Um caso, observado por todo o povo da capital de um reino, não póde reputar-se mentira. Podem tambem com pou-

co custo e pequena despeza ir a Santarem informar-se sobre o Santo Milagre, e lá lhes contarão outro caso semelhante ao de Turim, e se convencerão de que é verdade incontestestavel estar Nosso Senhor Jesus Christo em pessoa na hostia consagrada, se a maçonaria os não tiver pervertido como ao impio Rosseau, que dizia—ainda que eu veja aqui em Paris resuscitar um morto não o accredito, porque sei que é impossivel. N'este estado já não póde haver cura.

E não será porisso tal contribuição um attentado horrivel, e uma affronta a mais ousada ao Redemptor do mundo?!!

Como mudaram os tempos em Felgueiras, onde os operarios do Evangelho tantas missões tem feito em diversas epocas ha bem poucos annos a esta parte, e onde o povo no geral é tão crente, tão temente a Deus, e tão docil para cumprir os mandamentos do Senhor!!! Mas que transtorno terrivel hoje o do mundo!!! Quem poderia lembrar-se, que para alguns, ainda que bem poucos na verdade, por estarem depravados pela maçonaria, e desvairados pelas immundas e nojentas paixões brutaes, por desgraça sua e agora tambem nossa, esse pasto salutar dos semeadores da palavra de Deus se havia de tornar em veneno, como outr'ora as admoestações do fiel servo Moysés, da parte de Deus se tornaram tambem para o celebre e barbaro Pharaó do Egipto, que de cada vez mais o endureciam, por lhe atacarem a sua ambição desmedida, e a sua infernal soberba!!! Induratumque est cor Pharaonis (Exodo c. 7 v. 13).

Finda hoje, sabbado santo, o bem diminuto praso dos 15 dias que nos concederam, para reclamarmos contra a oppressiva e bem odiosa medida, com que procuram rebaixar-nos, e que estiveram quasi a passar desapercebidos, por não poder occorrer-nos, que apparecesse no mundo quem ousasse apresental-a em uma epocha, em que ainda ha tanta gente temente a Deus, e respeitadora das cousas sagradas, e por não termos nem vagar nem a curiosidade de espreitar o que se passa e apparece nos tribunaes de justiça.

Mas o nosso afflictivo e justo pranto não será escutado, nem por consequencia attendido, porque a maçonaria decretou acabar por uma vez comnosco, e o seu decreto é irrevogavel, porque o seu fim principal e o segredo que só descobre aos dos mais altos graus da seita, é roubar o mundo e extinguir a religião catholica, e por consequencia acabar com os ministros que a sustentam.

Ella manda com imperio, porque se julga bem segura,

e senhora despotica do mundo, e porque se introduziu em todos os governos da terra, e ella tudo póde, porque se apoderou das armas, e porque possue o segredo de fascinar não só os imperadores, mas até os mesmos padres myopes, que a auxilliam sem presentirem, que ella protesta tirar-lhes tambem a elles a vida como aos demais, e porque é inspirada e protegida pelos espiritos das trevas.

É por isso que já se diz á bocca cheia que, por reclamarmos contra tão odiosa e tão escandalosa medida, teremos em castigo de pagar dobrada contribuição, imposta sobre uma esmola incerta, que recebemos, porque de um dia para o outro seremos despedidos das capellanias, mas ficaremos a pagar tão exorbitante contribuição, sem podermos conseguir nem sequer o necessario para a pagar.

E que desgraça a nossa, que não temos no mundo quem nos acuda, nem quem nos defenda!!!

Esta coincidencia de nos ser decretada a nossa morte angustiosa pela fome na mesma semana da Paixão e na semana santa, em que foi decretada e executada a sentença de morte affrontosa de cruz do nosso divino Mestre e Redemptor do mundo, é por certo bem notavel e significativa!!!

Se este caso horrendo se desse nos seculos passados, o povo, que então era mais crente que hoje, attribuil-o-ia sem duvida á continuação do odio inextinguivel do Calvario contra o Justo dos justos, e formaria uma genealogia bem deshonrosa e despresivel aos seus auctores; mas hoje, que passa por moda o despreso do sacerdocio, e por se observar, que os padres são mettidos a ridiculo em toda a parte, porque em toda a parte ha maçons, e que até são apupados nas cidades grandes onde em tempos de religião e de mais juiso, eram tão respeitados, já ninguem attende ao despreso com que os pedreiros livres os tratam agora. Já ha muito que foram contribuidos os parochos d'este concelho e agora se diz geralmente, que de novo vão angmentar-se muito mais as suas contribuições passadas.

Continuando em tal caso esta guerra ferrenha ao clero, é de esperar, que sejam nomeados novos e muitos mais empregados, para cobrarem uma nova quota de contribuição, que porventura lancem a cada padre por cada vez que ajude ao officio funebre de cada enterro e a cada uma das mais funcções sagradas, e então adeus artes e adeus lavoura de Felgueiras, porque os poucos homens que restam por empregar

vão desapparecer do trabalho, e ficarão d'aqui em diante incultas quasi todas as terras do concelho, e teremos de fazer para nós os sapatos e tamancos para atravessar os lameiros.

Seremos pois esfolados vivos, e sem nos podermos queixar, para não aggravarmos a nossa miseria com os nossos dolorosos, mas infructiferos lamentos, visto o castigo que porventura inflijam ás nossas queixas d'afflicção.

Entretanto diz-se, e com insistencia, que todas estas contribuições se devem reputar necessarias, para sustentar os trastes de luxo, que ha pouco se compraram, mas que no entender geral do povo de juizo bem podiam dispensar-se, como até aqui se dispensavam em uma terra tão pobre como esta; e que com justissima razão se deviam dispensar, mormente em uma época, em que a fome mais medonha não tardará a bater ás portas dos padres, dos proprietarios pequenos, dos artistas e de todos os mais, que se veem obrigados a procurar pelo seu suor o pão quotidiano para si e para a sua familia, porque, para se fazerem depositos enormissimos de milhões nos bancos grandes de fóra do reino, para se comprarem quintas de extensão immensa e valor quasi incalculavel, e para se construirem no estrangeiro palacios sumptuosissimos, desappareceu já quasi todo o dinheiro d'esta hoje tão infeliz nação, como as más linguas apregoam por toda a parte.

Não ha que duvidar ser regra maçonica, e muito seguida hoje que os chefes da seita tem todo o direito de se fazerem grandalhões em todos os sentidos á custa do suor e sangue dos pequenos, como elles mesmos o affirmam nos seus escriptos

Pelo que cobri-vos de cilicio, chorae e pranteae, pastores; porque emquanto o inimigo continua a destruir a Egreja, é signal infallivel de que ainda se não apartou de sobre nós a ira do furor do Senhor.

Super hoc accingite vós ciliciis; plangite et ululate; quia non est aversa ira furoris Domini á nobis (Jerem. c. 4 v. 8).

Ululae pois pastores, e gritae: e cobri-vos de cinza, vós que sois os maiores do rebanho, porque estão cumpridos ou terminados os vossos dias, é chegado o tempo em que haveis de ser mortos pela fome.

Ululate, pastores, et clamate: et aspergite vós cinere, optimates gregis: quia completi sunt dies vestri ut interficiamini (Jerem. c. 25 v. 34).

Estamos mortos, e sem remedio, porque a nossa herança, que eram os bens da Egreja, já passou para os forasteiros:

e as nossas casas, que eram os conventos, e as residencias parochiaes, já passaram para os estranhos.

Hereditas nostra versa est ad alienos: domus nostra ad extranos (Jerem. Lam. c. 5 v. 2).

Por isso desvaneceu-se ja de todo o gosto e contentamento do nosso coração, converteu-se em luto e laméntação o nosso canto, com que d'antes patenteavamos a nossa alegria.

Defecit gaudium cordis nostri: versus est in luctum chorus noster (idem v. 15).

Mas que tremendas contas não teem de dar perante o Deus rectissimo os que não só despresam o sacrificio incruento, que Jesus Christo instituiu e nos deixou gratuitamente ao despedir-se de nós, para por elle remirmos os nossos peccados, conseguir a graça da perseverança e da salvação eterna, assim como o allivio das afflictas almas do purgatorio; mas que até o abominam e querem extinguir contra a vontade expressa do seu Instituidor, que prometteu estar comnosco até á consummação dos seculos, para nos animar, e confortar durante a nossa peregrinação na terra!!!

Que tremendas contas não teem de dar perante o Deus Omnipotente os que assim nos opprimem, dizendo Elle na Escriptura Santa—Não toqueis os meus ungidos: e não façaes mal aos meus prophetas!!!

Nolite tangere christos meos: et in prophetis meis nolite malignari (Paralip. c. 16 v. 28).

Poderão pois salvar-se, ou quererão conseguir o céo, ou accreditarão n'elle, os que perpetram um attentado tão escandaloso pela sua novidade, e tão terrivel por ser contrario á vontade de Deus, que o prohibe?!!!

Por certo que não, attento o seu proceder, que tanto offende os sentimentos catholicos dos crentes, que nos chamam padres, ou paes espirituaes, e com summa rasão, porque em nome de Deus damos a uns o ser de christãos e herdeiros do ceo pelo sacramento do baptismo, resuscitamos outros pela penitencia, do peccado e morte eterna para a vida da graça, que termina na bemaventurança, para não mais ter fim, e alimentamos a todos com o Pão dos anjos ou Maná celeste, para os fortificar contra as tentações do mundo, e animal-os na jornada para a terra da promissão.

Por certo, repito, que não, emquanto no ceo se administrar a justiça eterna, em que os nossos inimigos, que o são, primeiro de Deus, como espiritos fórtes, não creem agora, mas

que um dia serão obrigados pela experiencia a confessar bem contra a sua vontade, e contra as suas convicções d'hoje. Ergo erravimus á via veritatis.

Dado este acontecimento inaudito, que acabo de referir, e depois d'este tão tremendo desengano, pergunto eu agora: ainda haverá padres que trabalhem nas eleições a favor de qualquer das seitas liberaes?!!!

Se os houver é infallivel o estarem atacados por molestia, que jámais terá cura senão nos hospitaes dos alienados— se lá a podem ter.

Juiso dos liberaes a respeito dos seus padres liberaes

(128) A «Nação» de 13 de fevereiro de 1883, diz o seguinte:

Fr. Francisco de S. Luiz, Patriarcha de Lisboa, grande vulto na republica das lettras e maior ainda na do liberalismo, conhecia tão bem e tinha em tanto apreço os padres liberaes que escolheu para seu secretario um padre miguelista dos quatro costados; e sempre que tinha occasião de dar a encommendação d'alguma egreja procurava com preferencia um padre miguelista.

O duque da Terceira, sendo procurado por um padre, que lhe mandou dizer pelo creado que era liberal e tinha combatido pela liberdade, voltou-se para a duqueza e disse-lhe: que lhe parece? Um padre liberal e que fez as campanhas deve ser uma boa alma!!!

Note-se que quem nos contou (a elle redactor) foi o capellão do duque Fr. João das Dores.

Almeida Garret, que tinha tanto de poeta como de liberal, na hora das desillusões, quiz confessar-se e chamou para o seu lado o beneficiado Sabater, cujas virtudes eram tão conhecidas como o seu miguelismo.

O duque de Saldanha, fallando-se um dia, em casa de Barbosa Canaes, a respeito de padres liberaes, disse diante de quem está escrevendo estas linhas (d'elle redactor): são entes incomprehensiveis.

Eis o juizo que os proprios liberaes fazem dos seus padres liberaes, e eu faço o juizo de que são um aborto ou monstruosidade na Egreja, e accrescento, que outros dizem que os padres liberaes são ou tolos e estupidos, ou immoraes, ou ambas as cousas ao mesmo tempo.

E não é sem razão, que assim se póde pensar, pois já não ha quem pregue o Evangelho, como elle se deve explicar—jam non est propheta (Ps. 73. v. 9), porque uma grande parte dos ministros do sanctuario, senão a maior, pelo me-

nos em Portugal, desertou das bandeiras de Jesus-Christo, e passou-se para o campo inimigo.

Consterna na verdade ouvir, como ainda ha dias, a maior parte dos padres em um ajuntamento defender descaradamente os liberaes, em outros dizerem que a Egreja não póde condemnar a liberdade porque sempre a houve, e no geral lerem e assignarem sem o menor escrupulo as suas folhas impias, assim como censurar os legitimistas, e sem pejo as folhas catholicas, por se pôrem ao lado do denodado defensor da Egreja o periodico a «Ordem» contra a aggressão injusta do seu Prelado, com que tentou maculal-a.

Contou-me ha pouco um parocho visinho d'aqui, natural de perto da Galisa, que o bispo de Tuy suspende do officio e beneficio a todo o parocho ou padre que trabalhe nas eleições liberaes.

Quem o cá dera, que muito tinha que fazer!!! Se isto é verdade como creio, e se todos os bispos do mundo cumprissem o seu dever como este varão verdadeiramente apostolico, não teria o mal subido á altura que tem subido, e nem a Egreja, nem a sociedade, estariam esbulhadas, como estão, de todos os seus haveres.

E' de certo porque este illustre Prelado se lembra constantemente de que esta especie de demonios, que se apossaram dos padres liberaes, só póde ser expellida por meio do jejum e da oração, como explicou Jesus Christo aos Apostolos a respeito de outros endemoninhados de diversa especie, mas muito parecida com a d'estes; e então faz jejuar á força os taes padres liberaes, para por este modo os obrigar a largar a má vida pela regra de que, quem não tem dinheiro não tem vicios, afugentando assim d'elles os demonios, que escravisam as suas almas pouco ou nada escrupulosas, porque só se importam com o estomago do corpo seu companheiro, sem se lembrarem das consequencias finaes ao partirem para a eternidade.

Foi bem parecida com esta a receita que o heroe, hoje o maior do mundo, D. Carlos VII, applicou ao ingrato Cabrera em seguida á sua horrenda traição, julgo que em 1874, dimittindo-o e exonerando-o de todos os titulos, honras e dignidades, com que o seu avô D. Carlos V, o tinha exaltado e ennobrecido como o maior da Hespanha. Foi receita esta de acção tal, que esse detestavel traidor morreu, passado pouco tempo, nas maiores angustias, porque apenas socegava um pouco mergulhado em agua.

Religião e liberaes catholicos

(129) Religião é a manifestação por palavras e por obras das relações do homem, como creatura fraca, finita, imperfeita, e dependente, para com Deus seu Creador e Redemptor omnipotente, infinito, eterno e perfeitissimo. A religião é pois, segundo Bergier, o laço que prende o homem a Deus e á observancia das suas leis pelos sentimentos de respeito, de reconhecimento, de submissão, de temor, de confiança e d'amor, que nos inspiram as suas divinas perfeições, e os beneficios, que d'elle temos recebido e esperamos receber.

Não póde conceber-se que Deus fizesse o homem como o fez dotado de intelligencia, e capaz de reflexão, e de sentimento, sem lhe ordenar que amasse, servisse e adorasse o seu Creador, aliás teria obrado ao acaso, e sem fim determinado, o que seria improprio do ente racional e perfeitissimo. Sendo porém o homem finito, e não podendo porisso comprehender o infinito, nunca poderia chegar a saber a natureza de Deus, nem o culto que devia render-lhe, se elle mesmo lh'o não declarasse. Foi pois o proprio Deus, que o instruiu sobre estes mysterios fundamentaes por si proprio logo que o creou, e depois pelo andar dos seculos pelos seus servos, como se lê no Velho e Novo Testamento. Por consequencia a religião existe desde a creação do homem, e porisso, sendo Deus o seu auctor, ninguem poderá alteral-a de modo algum ao seu arbitrio, ou accommodal-a ás suas paixões.

Ora revoltando-se os liberaes contra Deus (nota 120), arvoraram o estandarte do demonio, declarado como do demonio e como o unico a seguir—posuerunt signa sua, signa—(Ps. 73. v. 4).

Por consequencia ha só dois campos frente a frente, o do exercito de Deus, ou catholico e legitimista, commandado, como no principio, pelo archanjo S. Miguel, e o do exercito do demonio, ou anti-catholico e liberal, commandado tambem, como no principio por Lucifer.

Não ha meio termo entre estes dois extremos, porque a parte pertence sempre ao todo, e ajuda a compol-o. Logo o que em parte é liberal é liberal tambem no todo, ou da sua natureza emquanto ligado a elle, e por isso os dois nomes liberal e catholico tem de significar sempre idéas oppostas, como pertencentes cada um á sua classe diversa de individuos, ora dos filhos de Deus, sendo catholicos, ora dos filhos do diabo, como Jesus Christo lhes chamava de cara, sendo liberaes (nota 120).

Além d'isto ou os liberaes catholicos acreditam a doutrina da Egreja Catholica e não pódem, sem incorrer em excommunhão, seguir o liberalismo, por estar condemnado no «Syllabus» por Pio IX, mestre infallivel da verdade e pelo Concilio ecumenio dos oito centos prelados de todo o mundo, reunidos no Vaticano, que o confirmaram, ou não a acreditam, e então estão fóra da communhão dos fieis, e não podem salvar-se, porque segundo Jesus Christo—só o que crer e for baptisado será salvo—salvus erit—e o que não crer será condemnado—condemnabitur (Marc. c. 16. v 16).

Portanto muito desejava que os que a si proprios se chamam liberaes catholicos explicassem com clareza como é que, estando excommungados, ou lançados fóra da communhão e sociedade dos catholicos, e por consequencia fóra da Egreja Catholica, podem concordar os dois systemas oppostos catholicismo e liberalismo, isto é, como podem estar fóra da Egreja em virtude da excommunhão, e ao mesmo tempo dentro d'ella só por se chamarem a si proprios catholicos. Segundo a logica sente-se tanta repugnancia em os concordar como a que se sente em concordar a verdade com o erro, a luz com as trevas, o ceo com o inferno, e Deus com o demonio.

Até aqui estava na convicção de que os principios catholicos não mudavam com o decurso dos annos, nem com as transformações sociaes, ou dos paizes, nem com as chamadas novas descobertas do seculo 19, nem por motivos arbitrarios, porque os suppunha eternos como eterno é tambem Deus seu auctor. Suppunha que haviam de ser sempre os que Christo ensinou, emquanto elle não voltasse ao mundo a ensinar outros, porque só elle é geralmente reconhecido com auctoridade para isso, por ser o nosso Creador e Redemptor, e que portanto tinham elles de ser sempre antigos e sempre novos, por não haver no mundo quem os descobrisse melhores, nem iguaes, e que haviam por isso de continuar a ser os publicados pela Egreja, os que os santos professaram, os que os Papas e Concilios definiram, os que os Doutores defenderam; e que era indispensavel ou acceital-os ou regeital-os todos; e que quem

os acceitasse em toda a sua plenitude, e até com todo o seu rigor, era catholico, e que quem titubiasse ou vacillasse adaptando-os aos tempos, ou ás pessoas, ou ás modas, poderia chamar-se a si mesmo com o nome que quizesse, porém que nunca seria catholico nem aos olhos de Deus, nem aos da Egreja.

Nenhum liberal pois, por melhor que pareça, poderá ser senão semi-catholico ou meio catholico, quando muito, e em tal caso tambem não poderá entrar todo inteiro no céo, mas, se o seu catholicismos poder valer alguma cousa, como está em grande probabilidade não valer, ficará meio de dentro e meio de fóra, porque Deus, sendo perfeitissimo, não póde consentir lá cousa manchada. N'esta posição porém arrisca-se o miseravel semi-catholico a que, chegando o diabo ás portas do céo e vendo-o d'este modo, o arraste pelas pernas ao inferno, para o assar lá nas grelhas eternas: e elle conhecerá então, que foi o seu catholicismo liberal, ou anti-catholico, que o levou áquellas paragens escurissimas, onde o pranto não terá mais fim, porque a sua alma o não póde ter tambem em quanto o não tenha o Deus Omnipotente, contra o qual ella se revoltou n'este mundo.

Por isso segundo a sã logica entendo que não póde haver liberaes catholicos senão no nome, ou como um ramo da seita maçonica, ou antes como a propria maçonaria, constituida assim hypocritamente, para melhor enganar os innocentes e encautos, afim de os perverter com sophismas, e arrastal-os ao inferno com todos os mais sectarios; e n'esta convicção continuarei até que se prove com toda a evidencia que mudaram as leis da Egreja, depositaria, guarda, e mestra infallivel da palavra de Deus até ao fim dos seculos, ou que mudou o Evangelho.

E' certo que para os argumentadores de má fé como alguns sophistas da «Palavra», não ha rasões convincentes, que os demovam, porque o seu unico empenho consiste em introduzir o erro com a capa de verdade, e para esses só conheço como convincente o argumento de Genuense—cum pirroniis nisi fustibus—mas para os de boa fé, quando não valham, como devem valer, as rasões supra, valerão os da experiencia, apresentadas pelo nosso grande escriptor, o snr. M. F. d'Almeida, na «Nação» de 29 de dezembro de 1883, onde diz:

«Na Hespanha, todos sabem o que tem succedido com a famosa «União Catholica», alli fundada com o maior estrondo e apparato, protegida por todo o Episcopado, e honrada com um breve de Sua Santidade etc. etc.

Em vez de unir todas as forças catholicas d'aquella nobre e catholica nação, não fez mais que lançar no meio d'ella o pomo da discordia e da desunião mais desgraçada: em vez de bens, só alli produziu males, e males espantosos, que tarde e mal se curarão.

Diversos homens de celebridade, como o notavel escriptor catholico D. José Maria Carulla, e Orti y Lara, tambem notavel publicista e distinctissimo philosopho catholico, que por ella pugnaram com toda a tenacidade d'uma vontade decidida e d'uma dedicação, sem limites, acabaram por se convencerem de que uma tal união, formada de elementos heterogeneos, em cujo seio estava inoculado o virus liberal, em vez de edificar, só causaria, como tem causado, ruinas e desolação de todos os elementos vitaes do catholicismo.

Custa pois a crer que homens de reputação scientifica, e até religiosa, ousem sem pejo sustentar em publico que podem ser e são catholicos muitos dos seguidores e proclamadores da carta constitucional, que todos sabem, e a experiencia o confirma, que foi feita maliciosamente e muito de proposito para encobrir as torpezas inauditas com que os mações ha meio seculo se tem esforçado constantemente, e sem interrupção, em arruinar a Egreja e a sociedade, e com effeito o tem conseguido!!! E muito mais custa a crer que esses homens tenham a ousadia de sustentar que os legitimistas nos seus trabalhos religiosos se devem unir com esses fingidos catholicos, e, quem o pensaria!! até abster-se de pugnar pelo seu partido, que foi sempre, é, e será até ao fim dos seculos o defensor nato da santa religião de Jesus Christo, para não afugentarem estes inimigos encobertos, que só procuram a ruina d'ella!!!

Se esses seguidores do cartapacio maçonico são sinceros, porque não abjuram o maldito systema condemnado pela Egreja, para serem reconhecidos como ovelhas innocentes do seu rebanho? E se são fingidos, que utilidade póde advir á religião do seu trabalho, perfido, para obrigar os legitimistas a se unirem a estas ovelhas tinhosas, com o perigo de ficarem contagiados; e de mais a mais a renunciar o seu partido innocente, do qual lhes resulta a sua maior honra, como servos fieis do Grande Pae de familias?!! Logo é louca e perfida tal insinuação, porque só póde produsir a desgraça do mundo.

Entretanto depois da lamentavel aberração do desgraçado Cabréra (nota 128) e de outros muitos dos seus ignobeis sentimentos, tudo é possivel, e nada deve admirar, porque as

paixões são muitas, de diversas especies, e de todos os tamanhos, e ordinariamente vencem sempre os descuidados dos novissimos, que lhes dão ouvidos.

Parece que as novas e numerosas applicações da electricidade, que talvez trasborde dos conductores em grande porção e se espalhe pelo mundo, assim como o uso insalubre do magnetismo animal e principalmente do espiritismo infernal influenciado, directamente pelo diabo, desconcertaram os miolos de uma grande parte dos homens, e de certo é esta a rasão porque se ouvem tantos disparates, que em outros tempos obrigariam os que os proferem ao uso forçado dos coletes de forças no hospital de Rilhafolles.

Resposta que dei a um amigo, que me pedia para eu trabalhar nas eleições a favor de um candidato, que me inculcava como legitimista e catholico garantido

EXC.^{mo} SNR.

Em resposta á estimadissima de V. Exc.ª de 22 do corrente tenho a dizer-lhe, que ninguem deseja mais que eu a reparação e exaltação da Egreja Catholica, por ser ella que nos faz felizes no tempo e na eternidade; que foi por ella que eu arrisquei a vida um anno inteiro desde maio de 1846 até maio de 1847; que me vi obrigado depois a viver occulto e meio occulto perto de 10 annos em seguida a essa epoca de tantos trabalhos: e finalmente, que ainda hoje, em quanto Deus me conservar o juizo e a fé, estou decidido a fazer todos os sacrificios afim de que ella torne a florescer n'esta desditosa nação, como antigamente.

Entretanto declaro que, estando convencido de que Portugal foi a nação que ficou a substituir o povo judaico, outr'ora o povo de Deus, que se tornara reprobo por causa do deicidio, que commettera, tambem o estou agora de que Portugal não tardará a tornar-se reprobo por causa do deicidio, ou atheismo, que a maçonaria promove hoje n'esta infeliz nação, e com mais insistencia que em nenhuma outra, por meio da apostasia do clero, que tambem em nenhuma outra se acha tão inficionado, como n'esta, pelo virus liberal, esfalfando-se em generalisar essa peste, que eu detestei sempre desde creança; assim como por meio dos trabalhos insanos da nova seita dos chamados liberaes catholicos, que sorrateiramente se introduzem nas manifestações religiosas, para as corromper, extinguir de todo, e reduzil-as a manifestações maçonicas.

E' por isso que abominei sempre as eleições d'essa gente, e que nunca appareci n'ellas, por estar tambem convencido de que o que conhecer, como eu, a sua malicia, não póde, sem incorrer em excommunhão, votar em candidato, que pertença a qualquer das seitas declaradas maçonicas, ou á dos liberaes catholicos, que Pio IX tanto detestava.

E' tambem porisso que accrescento mais, que ainda mesmo se os chefes do partido legitimista decidissem trabalhar nas eleições liberaes, para conseguirem deputados seus, nunca eu os acompanharia em tal empreza, mesmo com a probabilidade de se conseguir a maioria, emquanto os liberaes conservarem as armas na mão, e a faculdade de dissolver as camaras, e emquanto o clero não tomar o logar, que lhe convém, como na Belgica (1), porque sei que nada se aproveitaria com tal medida, nem para a religião, nem por consequencia para a legitimidade.

Não podendo pois concordar nunca com tal systema, nem com as suas trapaças, não quiz tambem nunca assistir a essa farça infame, para que se não dissesse, que eu a approvava com a minha presença. Como poderia então votar, ou concorrer para que se votasse em pessoa, que apoie os que em publico, sem serem obrigados, nem vir a proposito, deligenceiam sem pejo provar, que a carta constitucional, feita pela maçonaria adrêde para os seus fins malevolos, não contem nada de anti-catholica, e isto ainda mesmo depois de meio seculo de experiencia, em que os liberaes com ella na mão tem trabalhado sempre sem intermittencia na ruina da Egreja e da patria até as reduzir á consternadora miseria, em que ambas se encontram hoje?!!

Para isso era preciso que eu, estando n'esta convicção, embora só minha, tivesse perdido o juizo e a fé catholica, e preferisse as penas eternas á gloria sem fim.

Não posso portanto servir a V. Exc.ª, como desejava, em tal pretensão, que em V. Exc.ª é filha das mais santas intenções,

---

(1) Disse como na Belgica, por suppor que os catholicos foram inspirados e auxiliados pelos padres na grande victoria, que lá conseguiram nas eleições, mas que desgraçadamente se converteu em mal maior que o soffrido até então, por se deixarem enganar pelo presidente Malou, liberal catholico, que escolheram, e que os perdeu, chegando até a ser supprimida em Bruxellas a procissão do Corpo de Deus a pretexto de barulhos, que sonharam para esse fim: como se vê nos artigos do «Univers» de 17 do corrente, citados pela «Nação» de 24 do mesmo, que li no mesmo dia 26, depois de ter mandado esta carta.

Vê-se pois que a peste dos liberaes catholicos produziu na Belgica os mesmos males, que tinha produzido na Hespanha, porque é ramo da seita maçonica, subjeito ao mesmo unico chefe commum.

Em Portugal não é possivel alcançar-se tal victoria, porque quasi todos os padres só leem os periodicos liberaes, que pouco e pouco lhes vão infiltrando o veneno, a ponto de os moverem a fugir dos periodicos catholicos ou legitimistas, obrigando ainda os mais virtuosos e instruidos a detestal-os como esturrados. Ainda ha dias fiquei consternado por ouvir a um padre que re-

e que á primeira vista é a mais innocente, mas com que eu assim mesmo não posso concordar, porque me é impossivel descobrir a menor utilidade, que d'ella provenha quer para a religião, quer para o nosso partido; sentindo muito dar-lhe esta resposta, por conhecer as suas innocentes intenções, e ser a primeira cousa, que me pede, e que é na apparencia um insignificante sacrificio.

Devo porisso advertir a V. Exc.ª, que em 1846 fui sentenciado á morte nas lojas maçonicas, e que soube logo com certeza esta resolução maçonica, e que além d'isso fui empenhado e instado diversas vezes por via dos meus amigos, para acceitar o beneficio maior, que quizesse escolher em todo o reino; mas que nem a sentença de morte me alterrou, nem o engodo da offerta do beneficio me moveu a combinar com tal gente, que eu reputava e que era inimiga de Deus e da sociedade.

D'aqui póde pois V. Exc.ª convencer-se de que tenho genio diverso da maior parte dos homens, e que porisso não deve estranhar este meu proceder; e que sinto sinceramente não o podêr servir em um negocio, considerado geralmente de mui pequena importancia.

Pelo que rogo me desculpe, e fique certo de que o desejo servir em tudo o que não implique com a minha consciencia; e de que tenho a maior honra em ser e confessar-me

De V. Exc.ª
amigo sincero e obr.mo

S. C. d'Alegria 26 de Junho de 1884.

Padre Casimiro José Vieira.

---

puto como instruido, virtuoso e exemplar em tudo, defender a «Palavra», periodico official dos liberaes catholicos, como o mais orthodoxo e imparcial de todos, e o seu principal director e redactor como estrenuo defensor da Egreja. Ouvi outro, que reputo como catholico sincero e legitimista a querer provar, que só é reprovado pela Egreja o liberalismo doutrinario como se podesse haver liberdade diversa da que Deus concedeu ao homem (119 e 125), e fazendo outras divisões, que nunca li nas peças em que o immortal Pio IX condemnou os liberaes catholicos, reputando-os como peores que os demonios da Communa, que supposto pessimos, eram ao menos francos.

Como poderiam pois os legitimistas conseguir a maioria e a grande victoria dos da Belgica, tendo contra si o clero, por estar na maior parte ou fascinado pelos sophismas dos hypocritas liberaes catholicos, ou desmoralisados pelos periodicos impios, ou desvairados pelo interesse ignobil ?!! E' porisso que não podemos esperar a restauração da religião e da legitimidade senão do braço de Deus, quando se compadeça de nós. Ninguem me escuta ou attende, mas ao menos desabafo a minha paixão, e cumpro o meu dever.

Liberaes descendentes dos judeus

(130) Não pode comprehender-se, nem dar-se a rasão porque saem ou apparecem familias inteiras affectas ao liberalismo ou systema constitucional, filho da maçonaria, e inimigo irreconciliavel de Jesus Christo, e da sua Religião Santa, a não se dever attribuir esta aberração ou desvio da fé e da rasão ao seu vicio d'origem, isto é ao descenderem dos que, proximo á paixão e morte do nosso divino Redemptor, rogaram sobre si proprios e sobre a sua descendencia a imprecação terrivel das palavras infernaes—o sangue d'elle caia sobre nós, e sobre nossos filhos—*sanguis ejus super nos, et super filios nostros*—(Math. c. 27. v. 25).

O mesmo impio e blasphemador Renan, um dos maiores e mais exaltados liberaes ou mações da França, e por isso insuspeito, declara ser d'esta opinião na conferencia, que, a convite dos judeus fez em Pariz, como se lê na «Nação» de 29 de julho d'este anno de 1883, dizendo o seguinte—O judeu é essencialmente liberal, e os inimigos do judeismo são os inimigos do espirito moderno. Póde pois concluir-se que o chamado espirito moderno, o liberalismo, abraça-se e se confunde com o judeismo, d'aqui as sympathias que os liberaes tem pelos hebreus—. Logo Renan, affirmando que os judeus são essencialmente liberaes, e que por isso se confunde o liberalismo com o judeismo, ou são na essencia um o mesmo que o outro, mostra com evidencia estar convencido, de que os liberaes tem a mesma origem que os judeus, e que por consequencia os liberaes descendem dos judeus.

Alem d'estas rasões e das expendidas (na nota 120) José Luiz Coelho Monteiro no seu folheto—o Maçonismo desmascarado—impresso ha 60 annos em 1823, provou que o maçonismo é o mesmo que o judeismo com 26 rasões podendo as principaes d'ellas reduzir-se a 13, e resumil-as na forma seguinte:

1.ª Porque todos os signaes, toques, ritos, e ceremonias dos pedreiros livres, são judaicas; e porque as palavras maçonicas são em lingua hebraica, que era e é a dos judeus.

2.ª—Porque a historia allegorica do seu mestre Hiram ou Adoniram, que o era tambem das obras do templo de Sa-

lomão, é toda extrahida da historia dos judeus no Velho Testamento.

3.ª—Porque as columnas das suas lojas representam as do templo de Salomão. Porisso os manifestos do Grande Oriente são datados ordinariamente de Jerusalem, sem lá viverem, com a era v. g. de—5821—(em vez de 1821), a qual significa—4000—annos antes de Jesus Christo e 1821 depois d'elle, cujas duas parcellas ultimas sommadas prefazem os —5821.

4.ª—Porque o nome de filhos da luz com que se appellidam a si proprios, e a nós filhos das trevas, é allusivo ao texto de S. João—et lux in tenebris luxit—e tomaram este santo por seu padroeiro por ser o ultimo justo antes de Jesus Christo, mas apparentemente, porque João para elles significa—janus—o sol dos solsticios.

5.ª—Porque o epitheto de profanos, com que nos qualificam, equivale ao de gentios, com que os judeus qualificavam os mais povos.

6.ª—Porque todo o mação tem dois nomes, o do baptismo, que chamam profano, e outro que tomam ao entrar na seita.

7.ª—Porque as mitras, aventaes, luvas e barbas, com que se ataviam nas lojas, assim como as cores azul e branca, de que usam, são as que usavam os levitas, ou sacerdotes e pontifices judeus, como se observou nos utensilios maçonicos, achados em Coimbra em uma cisterna da casa que lhes servia de loja (Vide «Gazeta de Lisboa» de 13 de agosto de 1823).

8.ª—Porque, sendo o seu fim restabelecer o throno e religião dos judeus, e reconstruir o templo de Salomão, é necessario para isso derribar os mais thronos e altares, principalmente os de Christo (que lhes é opposto, e é d'ahi que teve origem a expressão infernal de Voltaire—ecrasez l'Infame—(nota 120), e a outra=inforcar o ultimo rei com as tripas do ultimo sacerdote.

9.ª—Porque um dos primeiros projectos das cortes portuguezas, em que predominava o maçonismo com imperio absoluto, foi mandarem vir os judeus da Hollanda, para residirem entre nós.

10.ª—Porque a todos os seus escriptos, e objectos correlativos, costumam os mações dar o nome de peças de architectura, por serem materiaes, com que vão architectando o grande edificio do templo de Salomão.

11.ª—Porque todas as cartas e patentes dos Rosa-cruzes

trazem no alto estampadas as duas taboas da Lei de Moysés, que Deus por elle deu aos judeus.

12.ª—Porque o manifesto maçonico do Grande Oriente Luzitano, mandado imprimir por elles na officina da Viuva Neves e Filhos diz—O fim da nossa associação é o engrandecimento da nossa augusta Ordem, e a regeneração do paiz, em que vivemos; o que quer dizer o transtorno do governo, a subversão da ordem, e a dissolução da sociedade em que estes monstros vivem; qualquer que seja a fórma do seu governo.

13.ª—Porque finalmente até praticam entre si a circumcisão, posto que de differente fórma, porque todos elles são marcados em alguma parte occulta do corpo, que escolhem, com o sinete da Ordem, ou sello em braza, operação que corresponde exactamente á circumcisão dos judeus.

E sendo isto assim, segue-se que os padres liberaes, apoiando o systema constitucional ou liberal, fazem na Egreja Catholica o mesmo serviço, que faziam os sacerdotes da Synagoga judaica, excitando o povo contra Christo, para o desterrarem da sociedade, e obrigando-o a dizer, não queremos que este reine sobre nós, ou seja o nosso Rei—*Nolumus hunc regnare super nos* (Luc. c. 19. v. 14). Mas lembrem-se esses padres insensatos da sentença terrivel que o mesmo Rei profere contra elles no mesmo capitulo verso 27—Quanto porém áquelles meus inimigos, que não quizeram que eu fosse seu Rei, trazei-m'os aqui: e degolai-os ou tirai-lhes a vida em minha presença—*Verumtamen inimicos meos illos, qui noluerunt me regnare super se, addmitte huc, et interficite ante me.*

Em tal caso com que direito comem da Egreja esses padres, que assim a atraiçoam?!! Não será roubo, e roubo sacrilego, sugar o sangue á mãe, a quem elles procuram a morte, vendendo-a, como Judas, aos seus inimigos pelos trinta dinheiros, que os novos judeus consentem que elles recebam do povo das parochias em que lhe administram os sacramentos, em que não creem?!! Ai d'estes ministros indignos, que desatinados exaltam a sua liberdade liberal, parto horrendo do inferno, quando forem obrigados a comparecer no tribunal de Deus, a quem tão ousadamente insultam, e ouvirem da bocca do Omnipotente em som do trovão dizer aos demonios com voz irada—*interficite ante me*—matai-os na minha presença!!!

Declaração final sobre as notas supra desde 118 até 130

Todas as notas supra desde 118 até 130 foram compostas depois de a obra correr na imprensa, mas antes de apparecer o monumental documento do nosso sabio Pontifice Leão XIII de 20 de abril do corrente anno de 1884, a Encyclica—Humanum genus—em que elle, como Mestre infallivel da verdade explica com a maior clareza a malicia diabolica da infernal seita maçonica, os seus insanos trabalhos, para arruinar a Egreja e a sociedade, assim como os funestos estragos, que tem produzido em toda a parte, onde se tem apoderado do poder; pedindo com instancia a todos os pastores do rebanho de Jesus Christo se empenhem com todas as forças em a delatar ao mundo como a maior peste, que tem inficcionado o seculo actual.

Entretanto, confrontando-as com esse documento divinamente inspirado, parece-me estarem todas conformes com a Escriptura Santa, e com a doutrina da Egreja Catholica e que, publicando-as, cumpro o dever, que tem todo o sacerdote de esclarecer o povo de todos os modos que possa, sobre os vicios e erros que maiores estragos causem tanto aos individuos como ás nações, e advertil-o do cataclysmo mais terrivel e mais medonho, que o ameaça para mui breve, no caso de seguir ou apoiar os perfidos conselhos e trabalhos da impia e diabolica maçonaria.

Agora porém mais que nunca me confirmou no sentimento de ter cumprido o meu dever sagrado, como ministro do Altissimo, ainda que bem indigno o—appello geral, que os Cardeaes da suprema Congregação da Santa Inquisição Romana e Universal fazem a todos aquelles, a quem Deus, auctor de todo o bem concedeu a faculdade de fallar e de escrever para esclarecerem o mundo sobre a maldade da seita detestavel, como se lê textualmente nas suas Instrucções de 10 de maio d'este anno corrente, de mandado de Sua Santidade, a todos os bispos do mundo catholico sobre a referida Encyclica, publicadas na «Nação» de 27 de julho do corrente anno de 1884.

Por consequencia ninguem se deverá escandalisar com a minha explicação nas referidas notas, que estando conforme com a verdade e com a Sagrada Escriptura o está tambem

com o dever do meu sagrado ministerio e com a doutrina e as recommendações da Egreja Catholica.

Accresce mais que com este meu pequeno trabalho só intento flagellar os vicios e erros de maior monta, para que desappareçam da terra com o demonio que os inventou, e fazer com que os cumplices d'elles affectados os detestem, se salvem, e consigam o fim para que Deus os poz no mundo (nota 119), no que certamente consiste a sua maior felicidade tanto temporal como eterna.

Os mesmos referidos Em.mos Cardeaes da suprema Congregação declaram e publicam para interesse e felicidade dos transviados, que Sua Santidade concede aos confessores de todo o mundo, que estejam approvados pelos seus respectivos Ordinarios para ouvir de confissão, a faculdade por um anno, a contar desde a data da referida Encyclica, de absolver os mações que, contrictos, queiram deixar as seitas, e reconciliar-se com a Egreja Catholica; beneficio este que rarissimas vezes se concede, e que é o maior que podem conseguir; devendo lembrar-se que é de suppor seja o ultimo pelo menos na vida dos nascidos. Se d'elle se não aproveitarem ver-se-hão nas maiores angustias á hora da morte, como se viu D. Antonio Romero Ortiz d'Hespanha (nota 120), e outros muitos, que n'essa hora tremenda a requereram de Roma pelo telegrapho.

Extracto em resumo da Reforma do nosso SS. Padre Leão XIII ácerca da Regra da Ordem 3.ª secular, feita em junho de 1883.

EM BENEFICIO DOS ASSOCIADOS

Cap. 1.°—Indulgencias plenarias, que podem ganhar todos os Terceiros de um e outro sexo, depois de se haverem confessado, e de terem recebido a Sagrada Eucharistia.

No dia da aggregação — no dia da sua profissão — no dia 4 d'outubro, nascimento do patriarcha legislador S. Francisco—a 12 d'agosto, nascimento da Virgem legisladora Santa Clara — a 2 d'agosto, festa de Maria, rainha dos anjos—uma vez por mez á escolha do associado, visitando com piedade uma egreja ou sanctuario publico, e resando algum tempo pelas intenções do soberano Pontifice—e outras muitas em diversos dias.

EM BENEFICIO DOS MORIBUNDOS

Ganharão Indulgencia plenaria á hora da morte os que invocarem de viva voz o Santo e Salutar nome de Jesus, ou se, não podendo fallar, o implorarem em espirito. Obterão o mesmo favor se, não podendo confessar-se ou commungar, redimirem suas faltas pela contricção.

EM BENEFICIO DAS ALMAS DO PURGATORIO

Cap. 3.°—Privilegios:

1.°—Os padres pertencentes á Ordem Terceira, celebrando em qualquer altar, gosarão do favor do altar privilegiado tres dias quaesquer de cada semana, comtanto que não hajam obtido um privilegio semelhante para um outro dia.

2.º—Quando algum dos mesmos padres offerecer o santo sacrificio por alma dos associados defunctos, o altar será para elle em qualquer logar que seja, privilegiado.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no anno da Encarnação do Senhor de 1883, no dia 3.º das calendas de junho, sexto anno do Nosso Pontificado. C. Card. Sacconi, prodatario etc.

Que grande beneficio, mormente em uma epocha, em que em muitas egrejas acabaram os altares privilegiados por causa das despezas, que alguns prelados exigem aos que os requerem!!!



INDICE DAS MATERIAS

Revolução da Maria da Fonte

Revolução legitimista

PAG.

Correspondencia

Dedicatorias

Notas ao folheto supra

ERRATAS

PAG.	LIN.	ERRATAS	EMENDAS
IV	35	aefende	defende
3	23	escapavam	escaparam
3	33	da Gama	da Goma
24	21	e lá	e de lá
67	23	dedindo	pedindo
70	14	os povo de Bastos	o povo de Basto
78	34	E o açaso	e o caso
79	14	de Bastos	de Basto
83	25	dos Refojos	de Refojos
95	14	(§ 114)	(§ 115)
95	35	com am botão	com um botão
96	23	(§ 120)	(§ 122)
116	21	no mesmo sito	no mesmo sitio
119	2	(§ 139)	(§ 141)
131	9	da Gama	da Goma
136	29	ordens necessaria	ordens necessarias
143	13	(§ 174)	(§ 176)
146	15	a interessar	a interessar-se
157	30	de culpa	da culpa
158	39	(nota 5)	(nota 124)
159	10	o qual me	o qual lhe
170	17	dêia	dê
170	39	(nota 8)	(nota 126)
174	13	saea	saiu
174	24	indemenisações	indemnisações
174	29	que a sr. B.	que o sr. B.
175	15	das lavradores	dos lavradores

PAG.	LIN.	ERRATAS	EMENDAS
175	39	nos searas	nas searas
176	9	nem o tenho	nem tenho
179	4	da terras	da terra
179	31	de um exilo	de um exilio
183	5	do exilo	do exilio
184	22	no exilo	no exilio
187	2	o exilo	o exilio
189	3	1842	1852
189	21	Seara Familia	Sacra Familia
190	2	Seara Familia	Sacra Familia
193	23	exilo	exilio
193	ult.	e firmes da Egreja	e firmes da Egreja (nota 127 pag. 403)
195	18	para encobriu	para encobrir
199	12	da legitimidade	de legitimidade
202	20	em especial	*e* em especial
203	10	muita attenta	muito attenta
208	11	o mundo, por ignorar	o mundo, que por ignorar
209	32	aom que	com que
218	25	por toda e parte	por toda a parte
222	1	incleto	inclito
224	39	das rede	das redes
225	13	Grnaido	Gramido
227	16	uma grande partes	uma grande parte
235	13	acertado e breve vou	acertado, e breve perguntar
246	ult.	o juiz a quo emende	o juiz a que emende
249	33	se eu e o Governador não	se eu e o Governador Civil não
262	8	a coroa da gloria	a coroa de gloria
267	9	interessantisam notas	interessantissimas notas
270	2	disfructar	desfructar
284	11	Diz S. Panlo; sabei	Diz S. Paulo (2); sabei
284	22	tambem d'estes (3).	tambem d'estes
285	17	na sua Epistola (3): no ultimo	na sua Epistola (1)

PAG.	LIN.	ERRATAS	EMENDAS
285	21	intrando	entrando
285	22	não tem almas	não tem alma
286	33	eram preciosos	eram precisos
287	ult.	omnis sieperseverant	omnia sic perseverant
292	ult.	jam otium non cessat	jam olim non cessat
295	29	e se tornarão	e se tornam
307	20	a guerra elle mesmo	a guerra e elle mesmo
312	17	dos seus eleitores	dos seus leitores
313	9	orturam	torturam
316	18	trazendo ella á memoria	trazendo elle á memoria
316	34	liberal esturadissimo	liberal esturradissimo
325	35	ao dia seguinte	no dia seguinte
328	33	Livonrove	Libourne
328	37	Collot d'Hervoir	Collot d'Hervois
332	29	mais engraçada	mais engraçadas
339	39	de bondade divina	da bondade divina
341	14	dò mesmo auctor provem	do mesmo auctor) provem
342	11	á mãe, mulher	á mãe, á mulher
347	40	a chamar a Deus	a clamar a Deus
348	8	chamando constantemente	clamando constantemente
348	9	que elle	que ella
348	34	recebe ella telegramma	recebe ella um telegramma
350	12	que assegurava	que asseverava
352	15	os mações	as nações
352	30	depositaram	depositam
353	22	fazer transações	fazer as transações
353	42	de assignavam	de que assignaram
356	ult.	entimento	sentimento
357	7	os camentos	os casamentos
358	28	precedeu esta mudança	procedeu esta mudança
359	25	que notam; mas que	que notam nas que
359	29	essa prosperidade	essa propriedade
371	30	e por consequencias	e por consequencia
373	ult.	no seu proceder nos	no seu proceder e nos

PAG.	LIN.	ERRATAS	EMENDAS
379	30	Leão XII	Leão XIII
383	13	uma porção	uma poção
384	ult.	estão muitos caros	estão muito caros
384	ult.	e que orisso	e que porisso
385	37	por todo a parte	por toda a parte
387	26	protejel-a	protegel-a
390	35	de um só dirigir	de um só a dirigir
393	36	constituidores de gerentes	constituidores e gerentes
393	38	reso officio	reso o officio
405	42	Votaire	Voltaire
406	20	conduzido	conduzidos
407	35	proracuram	procuraram
408	3	demanteladas	desmanteladas
408	24	(Jun. c. 2. v. 6).	(Juiz. c. 20. v. 6).
408	30	estes nescios imperavam	estes nescios imperavam (nota 120 pag. 193).
409	41	se revoltarem	se revoltaram
410	5e6	desamparam	desampararam
410	9	revoltoso	revoltosos
411	22	o espiro	o espirito
412	39	os exorcimos	os exorcismos
414	23	de Bellos	de Bellas
416	34	remorsos nocturnos	rumores nocturnos
417	11	Marini	Mazini
420	17	Evangelo	Evangelho
421	13	spiritismo modernos	spiritismo moderno
426	20	excepto os soldados	excepto para os soldados
441	38	valerão os da experiencia	valerão as da experiencia
449	28	addmitte huc	adducite huc



Coelho

15

10